

JOHN LE CARRÉ

O JARDINEIRO O FIEL



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

JOHN LE CARRÉ

(1931)

O
Jardineiro
Fiel

Título original inglês

The Constant Gardener

2001

Para Yvette Pierpaoli, que viveu e morreu pouco ligando

*Ah, mas o esforço de um homem tem de exceder o seu limite,
Senão, para que serve o céu?*

ROBERT BROWNING
Andrea del Sarto

Capítulo 1

A notícia atingiu a Alta Comissão Britânica em Nairobi às nove e trinta numa manhã de segunda-feira. Sandy Woodrow recebeu-a como um tiro, queixo rígido, peito para a frente, em cheio no seu dilacerado coração inglês. Estava de pé. De tudo isto só se lembrou depois, Estava de pé e o telefone interno começou a tocar. Ele estava esticado à procura de qualquer coisa, ouviu o apito e dobrou-se para baixo a fim de apanhar o auscultador de cima da secretária e dizer “Woodrow”. Ou talvez, “fala Woodrow”. E provavelmente disse o seu nome com aspereza, disse lembrava-se bem: o som da sua própria voz pareceu-lhe a voz de outra pessoa, como uma chicotada, “Fala Woodrow”, o seu nome perfeitamente normal, mas sem o sobrenome familiar “Sandy”* e dito quase com ódio, porque a conferência ritual com o Alto Comissário estava marcada para começar dali a trinta minutos em ponto e Woodrow, como Chefe de Chancelaria tinha o papel de moderador num bando de primadonas, todas com assuntos de especial interesse e cada uma das quais exigia a posse exclusiva do coração e do pensamento do Alto Comissário.

Isto é, mais outra segunda-feira de merda em fins de janeiro, a época mais quente do ano em Nairobi, época de poeira, de cortes de água, erva queimada, olhos a arder e o calor a rebentar o pavimento das ruas; e os jacarandás à espera das longas chuvadas, como toda a gente.

Exatamente por que razão estava de pé é que foi um problema que ele nunca resolveu. Mais normal seria estar acaçapado atrás da secretária, manuseando as teclas do computador, revendo ansiosamente as instruções vindas de Londres e as informações vindas das vizinhas Missões Africanas. Em vez do que se encontrava de pé à frente da secretária, procedendo a um gesto vital que não conseguia identificar — tal como a endireitar a

fotografia da sua mulher, geralmente a pessoas de cabelos louro-arruivados.

Gloria, e dois filhos pequenos, tirada talvez no último verão durante a licença de férias no seu país. A Alta Comissão situava-se numa encosta e um aluimento constante era o suficiente para fazer inclinar as molduras durante um, fim-de-semana de desocupação.

Ou talvez tivesse estado a lançar spray insecticida contra qualquer insecto queniano a que nem os diplomatas são imunes. Tinha havido uns meses antes uma praga de “oftalmia de Nairobi”, causada por mosquitos que, quando espalmados ou esfregados acidentalmente na cara, causavam bolhas à volta dos olhos que podiam levar à cegueira. Ele estaria de spray em riste, ouvira o telefone, pousara a lata sobre a secretária e agarrara no telefone: isto também era provável, porque mais tarde aparecia vagamente na sua memória como que um slide a cores de uma lata vermelha de insecticida pousada na bandeja “out” sobre a secretária. Portanto: “Fala Woodrow” e o telefone encostado ao ouvido.

— Olá, Sandy, é Mike Mildren. Bom dia. Está sozinho, por acaso? Sim, respondeu Woodrow, estava só. Por quê?

— Aconteceu uma coisa chata, Sandy. Por acaso, até estava pensando em ir aí falar com você.

— Isso não pode esperar até depois da reunião?

— Bem, acho que realmente, não... Não pode, não, — replicou Mildren ganhando coragem à medida que falava. — Trata-se de Tessa Quayle, Sandy. Surge subitamente outro Woodrow, de nervos eriçados. Tessa. — Que é que se passa com ela? — disse ele num tom deliberadamente indiferente, com o pensamento a correr em todas direcções. Oh Tessa. Oh meu Deus. Que é que terás feito desta vez?

— A polícia de Nairobi diz que foi morta, — disse Mildren como se fosse uma coisa normal.

— Que disparate — replicou Woodrow antes de ter tempo para pensar.

— Isso é ridículo. Onde? Quando?

— No lago Turkana. Margem leste. Este fim de semana. Estão sendo muito diplomáticos com os detalhes. No carro dela. Segundo eles, um lamentável acidente, — acrescentou, em tom de desculpa — tive a impressão de que não queriam ferir nossos sentimentos.

— No carro de quem? — perguntou Woodrow descontrolado. Estava lutando, rejeitando aquela ideia louca — quem, como, onde — esmagando todos os outros pensamentos e sentidos para baixo, para baixo, rejeitando furiosamente todas as memórias secretas que tinha dela para substituí-las pela recordação de certa paisagem árida e lunar de Turkana que ele conhecera durante uma viagem de trabalho, seis meses antes, na companhia incontestavelmente irrepreensível do adido militar. — Não saia daí, estou chegando. E não fale com mais ninguém, está ouvindo?

Maquinalmente, Woodrow pousou o telefone, rodeou a secretária, pegou no casaco pendurado nas costas da cadeira e vestiu-o manga após manga. Normalmente não teria posto o casaco para ir ao andar de cima. Os casacos não eram obrigatórios nas reuniões de segunda-feira, quanto mais para ir fazer dois dedos de conversa ao gabinete do rechonchudo Mildren. Mas o profissionalismo de Woodrow estava a avisá-lo de que a coisa não ia ficar por ali. Enquanto subia a escada conseguiu, com um grande esforço de autocontrole, Submeter-se ao seu princípio sagrado sempre que aparecia uma crise no horizonte e dizer para si mesmo, tal como dissera a Mildren, que era tudo um disparate. Como confirmação, evocou o caso sensacionalista de uma rapariga inglesa que tinha sido cortada em pedaços no mato africano há dez anos atrás. Trata-se de um boato mórbido, é o que é de certeza. Uma imagem criada pela imaginação de um tarado qualquer. Algum policial africano meio louco, largado no deserto, tentando fazer valer o salário miserável que há seis meses lhe deviam.

O edifício da Missão, recentemente reconstruído, era austero e bem desenhado. Woodrow gostava daquele estilo, talvez porque correspondesse formalmente ao seu próprio. Com uma estrutura nitidamente definida, com cantina, loja, bombas de combustíveis e

corredores silenciosos e limpos, dava uma impressão de auto-suficiência e severidade. Woodrow possuía visivelmente as mesmas preciosas qualidades. Aos quarenta, tinha um casamento feliz com Gloria — ou, se não o tinha, partia do princípio de que era o único a sabê-lo. Era Chefe da Chancelaria e era de apostar que, se jogasse bem o seu jogo, podia vir a ser Chefe de Missão no próximo posto modesto e daí avançar por postos menos modestos até a dignidade de “Sir”, proposta a que ele próprio não atribuía qualquer importância, claro, mas seria agradável para Gloria. Havia nele qualquer coisa de militar e na verdade era filho de militar. Nos seus dezessete anos ao serviço do Foreign Office de Sua Majestade tinha cravado o seu estandarte em meia dúzia de Missões Britânicas no ultramar. Mas o Quênia, perigoso, decadente, saqueado, falido e outrora Britânico, tinha-o motivado mais do que qualquer outro, embora não ousasse perguntar a si mesmo em que medida esse fato se devia a Tessa.

— Muito bem, — disse ele com alguma agressividade a Mildren, depois de fechar a porta e baixar o trinco.

Mildren exibia um eterno beicinho que lhe era próprio. Sentado à secretária fazia lembrar um menino gorducho e malcriado que não queria comer a sopa.

— Estava instalada no Oasis, — disse ele,

— Qual oásis? Seja mais preciso, se for capaz.

Mas Mildren, apesar da sua idade e categoria social, não era tão fácil de irritar como Woodrow fora levado a crer. Tinha um bloco com notas em estenografia e estava a consultá-lo antes de falar. Deve ser o que lhes ensinam agora, pensou Woodrow com desprezo. De outra forma, onde é que aquele arrivista de água doce arranjará tempo para estudar estenografia?

— Existe uma pousada na margem leste do Lago Turkana, na ponta sul, anunciou Mildren, de olhos pregados ao bloco. — Chama-se “Oasis”. A Tessa passou lá a noite e saiu na manhã seguinte num todo-o-terreno fornecido pelo dono da Pousada. Disse que queria ver o berço natal da civilização, uns trezentos quilômetros a norte: a

Cova do Leakey. — Corrigindo: — o lugar das escavações de Richard Leakey, no Parque Nacional de Sibiloí.

— Sozinha?

— o Wolfgang forneceu-lhe um motorista. O cadáver está com o dela no todo-o-terreno.

— Quem é o Wolfgang?

— O dono da pousada. O apelido não sei. Toda a gente o trata por Wolfgang. Parece que é alemão. É uma figura conhecida. De acordo com a polícia, o motorista tinha sido brutalmente assassinado.

— Como?

— Decapitado. Paradeiro desconhecido,

— Quem? Não disse que estava no carro com ela?

— Falta a cabeça.

Eu é que tinha de adivinhar, não?

— Como é que eles dizem que a Tessa morreu?

— Um acidente. É só o que eles dizem.

— Foi roubada?

— A polícia diz que não.

A ausência de roubo, completada pela morte do motorista, punha a imaginação de Woodrow a ferver. — Diga-me exatamente tudo o que sabe. Mildren descansou as enormes bochechas nas palmas das mãos enquanto consultava de novo o bloco estenografado.

— “Às nove e vinte e nove uma brigada móvel vinda do Comando da Polícia pediu para falar ao Alto Comissário — recitou ele.

— Expliquei que Sua Excelência se deslocara até a cidade, em visita a vários ministérios e deveria regressar às dez da manhã, o mais tardar. Pela voz, pareceu-me um oficial muito eficiente. Deu o nome. Disse que a notícia tinha vindo de Lodwar.

Lodwar?! Mas isso é longe de Turkana!

É o posto de polícia mais próximo, — replicou Mildren. — Um todo-o-terreno, pertencente à Pousada Oasis, em Turkana, tinha

sido encontrado abandonado na margem direita do lago, perto de Allia Bay, a caminho das escavações Leakey.

— Os cadáveres tinham pelo menos trinta e seis horas. Uma mulher branca, morte inexplicada, um Africano sem cabeça, identificado mais tarde como sendo o motorista Noah, casado, quatro filhos. Uma bota safar, “Mefisto”, tamanho sete. Um blusão de mato azul, tamanho extra-grande, manchado de sangue, encontrado no chão do carro. A mulher, de vinte e cinco a trinta anos, cabelo escuro, uma aliança de ouro no anelar da mão esquerda. Uma corrente de ouro no chão do carro.

— Esse seu colar... — lembrou-se Woodrow de ter dito em tom trocista, enquanto dançavam.

— A minha avó deu-o à minha mãe no dia do casamento, — respondeu ela. Uso-o com tudo, mesmo quando não se vê.

— Na cama também?

— Depende.

— Quem é que os encontrou? — perguntou Woodrow.

— O Wolfgang. Mandou um rádio à polícia e informou o escritório que ele tem aqui em Nairobi, também via rádio. O Oasis não tem telefone.

— Se o motorista não tinha cabeça, como é que souberam que era ele?

— Era aleijado de um braço. Por isso é que tomou a profissão de motorista.

O Wolfgang assistiu à partida da Tessa com o Noah no sábado às cinco e meia, na companhia de Arnold Bluhm. Foi a última vez que os viu com vida.

Continuava a guiar-se pelas suas notas ou pelo menos fingia. Tinha ainda a cara entre as mãos e parecia decidido a assim permanecer, como se depreendia da rigidez obstinada dos ombros.

— Diga lá outra vez, — ordenou Woodrow, após uma pausa.

— A Tessa estava acompanhada pelo Arnold Bluhm. Instalaram-se Juntos na Pousada Oasis, passaram lá a noite de sexta-feira e partiram na manhã seguinte, às cinco e meia, no jipe do Noah, —

repetiu Mildren pacientemente. — O corpo de Bluhm não estava no todo-o-terreno e não há nenhum vestígio dele. Pelo menos até agora. A polícia de Lodwar e a brigada móvel estão no terreno mas o comando da Polícia em Nairobi quer saber se pagamos ou não um helicóptero.

— Onde estão os corpos, neste momento? — perguntou Woodrow como bom filho de militar, seco e prático.

— Não se sabe. A Polícia queria que o Oasis ficasse com eles mas o Wolfgang recusou. Disse que o pessoal sairia imediatamente porta fora e os clientes também. — Houve uma hesitação. — Ela registrou-se na Pousada sob o nome de Tessa Abbott.

— Abbott?

— É o seu nome de solteira. “Tessa Abbott, com uma Caixa Postal em Nairobi.” É a nossa. Como não tínhamos nenhum Abbott, procurei-o no nosso computador e apareceu Quayle, Tessa, nome de solteira Abbott. Acho que é o nome que ela usa no seu trabalho de ajuda humanitária.

— Mildren estudava a última página das suas notas. — Tentei alertar o Alto Comissario, mas ele anda a visitar os ministérios e estamos em hora de ponta, — disse ele. Com isto queria dizer: isto é o Nairobi moderno do Presidente Moi, em que numa chamada local pode passar-se meia hora a ouvir: Desculpe, todas as linhas estão ocupadas, volte a ligar por favor, repetido vezes sem fim por uma simpática voz feminina de meia-idade.

Woodrow já tinha chegado à porta.

— E não contou a ninguém?

— Nem um pio.

— E a polícia contou?

— Eles dizem que não. Mas não põem as mãos no fogo pelo pessoal de Lodwar. Nem por eles próprios, creio eu.

— E quanto a si, Justin também não sabe de nada?

— Exato.

— Onde está ele?

— Calculo que no seu gabinete.

— Não o deixe sair de lá.

— Ele hoje chegou cedo. É o costume, quando a Tessa viaja pelo mato. Acha que cancele a reunião?

— Espere.

Consciente agora — se é que alguma vez duvidara — de que estava a braços com um mega-escândalo, além de uma tragédia, Woodrow esgueirou-se por umas escadas das traseiras marcadas “Só para Pessoal Autorizado” e subiu uma passagem lúgubre que levava até uma porta de aço com uma campainha e um olho-de-boi. Uma câmara de televisão seguiu-o enquanto ele tocava a campainha. A porta foi aberta por uma ruiva magra que usava jeans e uma blusa solta às flores. Sheila, o número dois deles, que fala Swahili, pensou ele automaticamente.

— O Tim está? — perguntou.

Sheila premiu um besouro e falou para uma caixa. — É o Sandy e está com pressa.

— Só um minuto, — gritou uma voz de homem. Esperaram.

— A costa está completamente livre, agora — disse a mesma voz bem disposta enquanto se abria outra porta.

Sheila recuou e Woodrow seguiu-a para dentro da sala. Tim Donohue, Chefe do MI5 local, um metro e noventa, estava de pé diante da sua secretária. Devia ter estado a arrumá-la, porque não havia um único papel à vista. Donohue tinha ainda mais mau parecer do que o costume. Gloria, a mulher de Woodrow, dizia sempre que ele devia estar à morte. Faces encovadas e sem cor, bolsas de pele enrugada sob os olhos amarelados e descaídos. O bigode desgrenhado e puxado para baixo numa expressão cômica de desespero.

— Olá, Sandy. Que é que podemos fazer por si? — gritou ele, espreitando Woodrow por cima dos bifocais com o seu sorriso de caveira.

Este é perspicaz demais, lembrou-se Woodrow. Faz um voo planado sobre o nosso território e intercepta os sinais ainda antes de serem executados.

— Tessa Quayle parece ter sido assassinada algures perto do Lago Turkana, — disse ele, com um desejo vingativo de chocar. — Há lá um lugar chamado Pousada Oasis. Preciso de falar pela rádio com o proprietário.

São treinados para isto, pensou. Regra número um: nunca demonstrar os seus sentimentos, se eles existirem. A cara sardenta de Sheila estava imóvel, pensativa. Tim Donohue mantinha o seu sorriso parvo — de qualquer modo aquele sorriso nunca tivera nenhum significado.

— O quê, caro amigo?! Repita lá isso.

— Assassinada. Método desconhecido ou a polícia não quer dizê-lo. O motorista do jipe onde ela ia ficou sem cabeça. A história é essa.

— Morta e roubada?

— Assassinada. Só.

— Perto do Lago Turkana?

— Sim.

— Que raio tinha ido ela lá fazer?

— Não faço ideia. Ao que dizem, ia visitar as escavações Leakey.

— O Justin já sabe?

— Ainda não.

— Estará envolvido alguém nosso conhecido?

— É uma das coisas que ando a investigar.

Donohue conduziu-o a uma cabine à prova de som que Woodrow nunca vira antes. Havia telefones de cores variadas com cavidades para introduzir fichas de código. Uma máquina de fax pousada sobre uma coisa que parecia um barril de petróleo. Um aparelho de rádio formado por caixas de metal verde. Um livro de endereços escrito à mão pousado em cima. É então assim que os nossos espiões cochicham uns com os outros dentro das nossas embaixadas, pensou ele. Nas mais altas esferas ou no submundo do crime? Nunca o soubera. Donohue sentou-se em frente do rádio, procurou na lista de endereços, depois manuseou os controles com

os dedos brancos e tremelicantes enquanto entoava “ZN13 85, ZN13 85 chamando TKA 6N, como o herói num filme de guerra. “TKA 6O, está-me a ouvir, por favor? Câmbio. Oasis, está-me a ouvir, Oasis?”

Uma explosão de eletricidade estática, seguida por uma voz autoritária: “Aqui Oasis. Ouço perfeitamente. Quem é você? Câmbio” — com um sotaque germânico de baixa extração.

— “Alô Oasis, aqui a Alta Comissão Britânica em Nairobi, vou-lhe passar Sandy Woodrow. Câmbio”.

Woodrow apoiou as mãos na secretária de Donohue, para se aproximar do microfone:

— Aqui Woodrow, Chefe de Chancelaria. Estou a falar com Wolfgang? Câmbio.

— Chancelaria, como a do Hitler?

— Seção política. Câmbio.

— Ok, senhor Chanceler, eu sou Wolfgang. Que deseja saber? Câmbio.

— Quero que me dê, por favor, pelas suas próprias palavras a descrição da mulher que passou a noite no seu hotel sob o nome de Miss Tessa Abbott. É assim, não é? Foi o nome que ela escreveu? Câmbio.

— Claro: Tessa.

— Como era ela, fisicamente? Câmbio.

— Cabelo escuro, sem maquilhagem, alta, vinte e muitos e não era inglesa. Cá para mim, não era. Alemã do Sul, austríaca ou italiana. Eu sou hoteleiro, reparo nas pessoas. E ela era linda! Também sou homem. Aquele modo de andar, sexy como um animal... E o que ela trazia vestido... dava ideia que se podia tirar aquilo tudo só com um sopro, Parece-lhe a sua Abbott ou outra pessoa qualquer? Câmbio.

A cabeça de Donohue estava a poucos centímetros da sua. Sheila estava de pé do outro lado. Todos três olhavam fixamente para o microfone.

— Sim. Parece ser Miss Abbott. Pode dizer-me por favor quando é que ela fez a reserva no seu hotel e como? Acho que o senhor tem um escritório em Nairobi. Câmbio.

— Ela não fez reserva nenhuma.

— Como?

— O Dr. Bluhm é que fez as reservas; duas pessoas, dois bangalôs perto da piscina, por uma noite, Só temos um bangalô livre, disse-lhe eu. Está bem, fico com esse. E era um tipo...! Uau! Todos repararam neles, tanto os hóspedes como o pessoal. Uma mulher branca lindíssima, um médico africano lindíssimo. Um prazer para os olhos. Câmbio.

— Quantos quartos tem cada bangalô? — perguntou Woodrow, na esperança vã de afastar o escândalo que se perfilava na sua frente.

— Um quarto de dormir com duas camas confortáveis, colchões de molas muito macios. Aqui toda a gente tem de assinar o registro. Nada de nomes falsos, digo-lhes eu sempre. Há gente que se perde e eu é que tenho de saber quem são. Esse é mesmo o nome dela, não é? Abbott? Câmbio.

— É o nome de solteira. O número da posta restante que ela deu é o da Embaixada.

— E o marido onde está?

— Aqui em Nairobi.

— Oh com os diabos!

— E então, quando é que Bluhm fez a reserva? Câmbio.

— Quinta-feira. Na quinta-feira ao fim da tarde. Mandou-me um rádio de Loki a dizer que esperavam partir logo na madrugada de sexta. Loki quer dizer Lokichoggio, perto da fronteira norte, É a sede das agências de Auxílio Humanitário que operam no sul do Sudão. Câmbio.

— Sei onde é. Disseram o que estavam lá a fazer?

— Assuntos lá do Auxílio. O Bluhm trabalha nesse negócio, não é? É a única razão de se estar em Loki. Disse que estava a trabalhar por conta de uma instituição médica belga. Câmbio.

Então ele telefonou de Loki e saíram de Loki na sexta-feira de manhã cedo? Câmbio,

— Disse que esperavam chegar ao lado oeste do lago por volta do meio-dia. Queriam que eu lhes arranjasse um barco para os trazer para a outra margem até o Oasis. “Ouça lá”, disse eu, “Lokichoggio a Turkana não é nenhum piquenique. Aconselho-os a se juntar a uma caravana de mantimentos. As montanhas fervilham de bandidos, as tribos roubam gado umas das outras, o que é normal, só que dez anos atrás só tinham lanças e agora não há quem não tenha uma AK 47.” Ele riu e respondeu que era capaz de se desenrascar sozinho. E assim foi. Chegaram sem problemas. Câmbio.

— Então, eles chegaram e assinaram o registro. E depois? Câmbio.

— O Bluhm diz então que precisam de um jipe e de um motorista para irem até as escavações Leakey no dia seguinte ao romper da aurora. Não me pergunte por que ele não falou nisso quando fez as reservas, nem eu perguntei, Talvez fosse uma decisão de última hora. Talvez não quisessem falar dos seus planos pelo rádio. Eu respondi: “Ok, vocês estão com sorte.

O Noah está livre,” o Bluhm ficou encantado, ela também. Vão para o jardim, tomam banho na piscina, sentam-se no bar os dois, jantam os dois, dizem boa-noite a toda a gente e recolhem ao bangalô. De manhã, partem juntos. Eu assisti. Querem saber o que eles comeram no café?

— Quem os viu partir, além de você? Câmbio.

— Viu-os toda a gente que estava acordada. Levaram almoço, garrafas de água, gasolina de reserva, rações de emergência, caixa de prontos-socorros, produtos farmacêuticos. Os três sentados à frente como uma família feliz. Isto aqui é um oásis, percebe? Tenho vinte hóspedes, a maioria ainda dorme.

Tenho quarenta empregados, a maior parte já está levantada. Tenho uma centena de tipos que não fazem absolutamente nada para mim, a cirandar pelo meu parque de estacionamento vendendo

peles de animais, bengalas e facas de mato. Toda a gente que assiste à partida do Bluhm e da Abbott lhes acena adeus com a mão. Aceno eu, acenam os vendedores ambulantes, o Noah acena também em despedida, Bluhm e Abbott também. Não sorriem. Vão muito sérios. Como se tivessem um negócio importante a concluir, uma decisão de vida ou de morte, sei lá! O que quer o senhor que eu faça, senhor Chanceler? Que mate as testemunhas? ouça, faça de conta que eu sou o Galileu. Meta-me na cadeia e eu juro que ela nunca pôs os pés no Oasis. Nunca por nunca ser. Câmbio.

Por um momento Woodrow, paralisado, não teve mais perguntas a fazer ou talvez tivesse demasiadas. já estou na prisão, pensou ele. A minha sentença é perpétua e começou há cinco minutos. Passou a mão pelos olhos e quando a tirou viu Donohue e Sheila olharem-no com a mesma expressão totalmente vazia que tinham quando ele lhes dissera que ela tinha morrido.

— Quando é que percebeu pela primeira vez que qualquer coisa tinha corrido mal? Câmbio, — e acrescentou, atrapalhadamente: — ouça, o senhor vive aí todo o ano? ... ou há quanto tempo dirige essa agradável pousada? Câmbio.

— O todo-o-terreno tem rádio. Quando vai levar os hóspedes a passear, o Noah deve ligar para cá para dizer se está tudo correndo bem. Ora, Noah não chamou. Bem sei que os rádios nem sempre funcionam. Que os motoristas se esquecem. E que as ligações são chatas de fazer: tem que se parar o carro, sair, tirar o material para fora, montar a antena... Ainda me está a ouvir? Câmbio.

— Ouço-o perfeitamente. Câmbio.

— Mas é que o Noah nunca se esquece. Por essas e por outras é que ele é o meu motorista. Ora ele não chamou. Nem à tarde nem à noite. E eu pensei: OK, devem ter acampado num lugar qualquer, deixaram o Noah beber demais ou coisa assim. À noite antes de fechar falei pela rádio com a guarda florestal mais perto das escavações Leakey. Nem sinal deles. No dia seguinte logo de manhã vou a Lodwar participar o acontecido. O jipe é meu? É sim senhor e o motorista também. Mas não tenho autorização para

participar o desaparecimento pelo rádio, tenho de lá ir em pessoa. É um raio de uma viagem, mas é a lei. A polícia de Lodwar adora realmente ajudar os cidadãos em dificuldade.

O meu jipe desapareceu? Raio de chatice. Levava dois dos meus hóspedes e mais o meu motorista? Então por que é que não vou lá procurar? É domingo, hoje não se trabalha. Têm de ir à igreja. “Arranje-nos um carro, talvez lhe possamos dar uma mão” — dizem eles. Voltei para casa e organizei um grupo de busca. Câmbio.

— Consistindo em quê? — Woodrow começava a recuperar o passo.

— Dois grupos, com os meus empregados, dois jipes, água, combustível de reserva, mantimentos, material de prontos-socorros e uísque para o caso de precisar desinfetar alguma coisa. Câmbio. — Ouviu-se na rádio uma intervenção cruzada. Wolfgang mandou-a sair do ar, merda! Surpreendentemente, obedeceram. — Aqui está um calor dos diabos, senhor Chanceler. Temos 42 graus centígrados e além disso chacais e hienas como vocês têm ratos. Câmbio.

Pausa, aparentemente esperando a resposta de Woodrow.

— Estou ouvindo, — disse Woodrow.

— O jipe está tombado de lado, não me pergunte por quê. Uma janela está aberta uns cinco centímetros. Alguém fechou as portas, trancou-as e levou a chave. O cheiro, só pela fresta da janela, é indescritível. Há arranhões de hienas por todos os lados e amolgadelas por onde elas tentaram entrar. A toda à volta, rastos profundos como se elas tivessem endoidecido. Uma boa hiena cheira sangue a dez quilômetros de distância. Se tivessem conseguido chegar aos corpos tinham-nos aberto duma dentada e chupado o tutano de dentro dos ossos. Mas não puderam. Alguém lhes fechou as portas e deixou uma fresta da janela aberta. Devem ter ficado loucas. O senhor também ficaria, se fosse com o senhor. Câmbio.

Woodrow esforçou-se por fazer uma pergunta:

— A polícia diz que o Noah foi decapitado. É verdade? Câmbio.

— Claro que é verdade. Era um gajo porreiro. A família ficou de rastos. Há gente à procura da cabeça por tudo quanto é lugar. É que, se não se encontrar a cabeça, não lhe podem dar um enterro decente e o espírito dele vai voltar à terra para os atormentar. Câmbio.

— E quanto a Miss Abbott? Câmbio. — Uma visão obscena de Tessa sem cabeça.

— Não lhe disseram nada?

— Não. Câmbio.

— Garganta aberta de lado a lado. Câmbio.

Segunda visão, desta vez o punho do assassino a arrancar a corrente de ouro para dar lugar à faca. Wolfgang continuava a contar o resto.

— Primeiro, disse aos meus rapazes que deixassem as portas fechadas. Lá dentro não há ninguém vivo. Quem abrir as portas vai passar um mau bocado. Deixei um grupo para fazer uma fogueira e ficar de guarda e levei os outros comigo para o Oasis. Câmbio.

— Uma pergunta... Câmbio. — Woodrow tinha dificuldade em aguentar-se.

— Qual é a pergunta, senhor Chanceler? Continue por favor. Câmbio.

— Quem abriu o jipe? Câmbio.

— A polícia. Logo que a polícia chegou, os meus rapazes puseram-se a andar. Ninguém gosta da polícia. Ninguém gosta de ser preso. Pelo menos aqui por estes lados. A polícia de Lodwar foi quem chegou primeiro, agora está aqui a brigada móvel, mais uns gajos da Gestapo pessoal do Moi. Os meus rapazes já fecharam a caixa registradora e esconderam as pratas, só que eu não tenho pratas. Câmbio.

Mais uma pausa, enquanto Woodrow lutava por encontrar palavras.

— Bluhm usava alguma jaqueta safari quando começaram a viagem? Câmbio.

— Claro. Um bem usado, mais como um colete. Azul. Câmbio.

— Acharam alguma faca no local do crime? Câmbio.

— Não. E foi uma faca... só lhe digo! Uma cataria com uma lâmina Wilkinson. Atravessou Noah como se fosse manteiga. De um só golpe. E com ela foi o mesmo... A roupa arrancada, nua em pelo. Cheia de manchas roxas. já lhe tinha dito? Câmbio.

Não, não tinha dito nada, respondeu Woodrow em silêncio. Omitiu completamente a nudez dela. E as manchas roxas também.

— Havia alguma cataria no todo-o-terreno quando eles partiram do seu hotel? Câmbio.

— Nunca conheci um africano que não levasse uma cataria num safari, senhor Chanceler.

— Onde estão os corpos neste momento?

— O Noah, ou o que restava dele, foi entregue à tribo. Quanto a Miss Abbott, a polícia mandou-a buscar numa lancha. Tiveram de serrar o tecto do jipe. Serviram-se do nosso equipamento de cortar metal. Depois ataram-na ao convés. Não havia lugar para ela lá em baixo. Câmbio.

— Por quê? — e arrependeu-se imediatamente de ter perguntado.

— Use a sua imaginação, senhor Chanceler. Sabe o que acontece aos cadáveres com um calor destes? Se quisessem levá-la de helicóptero, tinham de a cortar aos bocados, senão, não entrava na cabine.

Woodrow teve um momento de ausência mental e quando veio a si ouviu Wolfgang dizer que sim, já tinha conhecido Bluhm antes. Woodrow depreendeu que fizera a pergunta, embora não se lembrasse de se ouvir a si mesmo.

— Há uns nove meses. Servindo de guia a um grupo de figurões lá desse negócio da ajuda humanitária. Comida mundial, saúde mundial, despesas mundiais. Os sacarias gastaram uma porrada de massa e queriam recibos do dobro do dinheiro. Mandei-os levar no cu. O Bluhm adorou. Câmbio.

— Como é que ele lhe pareceu, desta vez? Câmbio.

— Que é que isso quer dizer?

— Estava diferente, de alguma maneira? Excitado, ou estranho ou qualquer coisa?

— Que é que o senhor quer dizer com isso, senhor Chanceler?

— Quero dizer... acha possível que ele tivesse tomado alguma coisa? Que estivesse drogado, quero dizer... — estava cada vez mais atrapalhado — Bom, quero dizer... não sei... cocaína ou coisa assim? Câmbio.

— Oh meu rico senhor — disse Wolfgang e a chamada caiu.

Woodrow sentiu de novo o olhar penetrante de Donohue. Sheila desaparecera. Woodrow teve a impressão de que ela tinha ido fazer qualquer coisa de urgente. Mas o que seria? Porque é que a morte de Tessa exigia a ação urgente de espões? Teve um calafrio e vontade de vestir um casaco de malha, embora sentisse o suor a escorrer por ele abaixo.

— Não quer mais nada de nós, caro amigo? — perguntou Donohue com uma estranha solicitude, continuando a olhá-lo de alto com o seu ar desganhado e doentio. — Talvez um copo de alguma coisa?

— Obrigado. Neste momento, não.

Eles já sabiam, pensou Woodrow enfurecido, enquanto voltava para baixo. Sabiam que ela estava morta antes de eu saber. Mas isso é o que eles querem que a gente pense: nós os espões sabemos sempre mais do que tu e antes do que tu.

— O Alto Comissário já chegou? — perguntou metendo a cabeça pela abertura da porta de Mildren.

— Está a chegar.

— Desconvoque a reunião.

Woodrow não se dirigiu diretamente para o gabinete de Justin. Foi ver Chita Pearson, a funcionária mais recente da Chancelaria, amiga e confidente de Tessa. Chita tinha olhos escuros, cabelo louro, era anglo-indiana e usava na testa a marca da sua casta. Empregada em Nairobi, recordou Woodrow, mas deseja fazer carreira no Ministério. Uma ruga de desconfiança apareceu na testa dela quando o viu fechar a porta à chave atrás de si.

— Chita, aqui vai uma pergunta para si, pode ser? — Ela olhou-nos olhos, à espera. — Bluhm. Doutor Arnold Bluhm. Então?

Então o quê?

É um amigo seu? — Ela não respondeu. — Quer dizer, conhece-o, é seu amigo.

— É um contato. — As funções de Chita incluíam contato diário com as agências humanitárias.

— E é amigo de Tessa, obviamente. — Dos olhos escuros de Chita não houve comentário. — Conhece mais alguém da equipa dele?

— Falo com a Charlotte de vez em quando. É a secretária. Os outros só fazem trabalho de campo. Por quê? — Aquela cadência anglo-indiana na voz dela, que ele sempre achara tão sedutora... Mas nunca mais. Nunca mais com ninguém.

— Bluhm esteve em Lokichoggio na semana passada. Não estava só.

Outro aceno de cabeça, mais lento, e um baixar de olhos.

— Quero saber o que é que ele lá foi fazer. De Loki atravessou até o -turkana. Preciso de saber se ele já voltou para Nairobi. Ou talvez tivesse regressado a Loki. Pode saber isso sem fazer muitas ondas?

— Duvido.

— Mas tente. — Ocorreu-lhe uma pergunta. Em todos os meses desde que conhecera Tessa, nunca pensara nisso senão agora. — Sabe se Bluhm é casado?

— Eu diria que sim. Acontece, mais tarde ou mais cedo. Geralmente eles são casados, não são?

Eles, quem? Eles, os africanos? Ou eles, os amantes? Todos os amantes?

— Mas a mulher não vive aqui? Ele não tem uma esposa em Nairobi. Ou pelo menos, nunca se ouviu falar. De Bluhm, não.

— Por quê? — e de repente, muito baixo: — Aconteceu alguma coisa à Tessa?

— Pode ter acontecido. É o que estamos a averiguar.

Ao chegar à porta do escritório de Justin, Woodrow bateu e entrou sem esperar por resposta. Desta vez não fez girar a chave na fechadura mas, de mãos nos bolsos, encostou os largos ombros contra a porta, o que serviu ao seu propósito enquanto ali permaneceu.

As costas elegantes de Justin estavam viradas para ele. A sua cabeça bem tratada estava virada para a parede e ele estudava um gráfico, um entre os vários que forravam a sala, cada um com o seu cabeçalho de iniciais a preto e os seus degraus de várias cores subindo ou descendo. O gráfico a que ele prestava especial atenção intitulara-se INFRAESTRUTURAS RELATIVAS 2005-2010, tanto quanto Woodrow podia julgar do ponto onde se encontrava, predizer a prosperidade futura das nações africanas. No peitoril da janela à esquerda de Justin perfilava-se uma fileira de vasos de plantas que ele cultivava. Woodrow pôde identificar jasmim e balsamina, porque Justin tinha oferecido essas plantas a Gloria.

— Olá, Sandy — disse Justin prolongando o olá.

— Olá.

— Parece que não temos reunião esta manhã. Houve alguma trapalhada nesta casa?

Aquela famosa voz de ouro, pensou Woodrow, reparando em cada pormenor como se fosse a primeira vez. Tocada pelos anos mas de charme garantido, enquanto o tom se sobrepusesse à substância. Para que estarei eu aqui a pensar mal de ti, quando estou prestes a mudar a tua vida para sempre? De agora até o fim dos teus dias haverá sempre o antes e o depois deste momento e serão eras diferentes para ti como já o são para mim. Porque é que não tiras o raio do casaco? Deves ser atualmente o único neste Serviço que manda fazer no alfaiate os ternos tropicais. Depois lembrou-se que ele próprio também estava de casaco vestido.

— E vocês estão todos bem, ao menos? — perguntou Justin no seu amável tom arrastado. — A Gloria não murchou ainda com este calor horrível? Os rapazes, ambos fluorescentes como de costume?

— Estamos ótimos. — Um silêncio, cuidadosamente elaborado por Woodrow. — E a Tessa, lá anda pelo mato, — sugeriu. Estava a dar-lhe, a ela, uma última oportunidade de aparecer a dizer que era tudo um terrível engano.

De repente, Justin tornou-se prolixo, o que lhe acontecia sempre que o nome de Tessa era proferido diante dele. — Sim, realmente! O trabalho dela na comissão de auxílio não tem parança nos dias que correm. — Estava abraçado a um volume das Nações Unidas de meio palmo de espessura. Curvando-se de novo, pousou-o numa mesinha de apoio. — A este ritmo, ela terá salvo a África em peso antes de nos irmos embora.

— O que ela foi fazer no mato, precisamente? — Woodrow agarrava-se à última palha. — Pensei que o trabalho dela era agora mais aqui em Nairobi. Nos bairros de lata. Em Kibera, não é?

— O mais possível. — disse Justin com orgulho. — Dia e noite, pobre moça. Faz de tudo ao que me dizem, desde limpar o traseiro dos bebês até informar à gente mais atrasada de seus direitos civis. A maioria dos clientes é de mulheres, claro, o que a agrada muito. Embora não agrade tanto aos homens lá da família delas. — Seu sorriso melancólico, que queria dizer se fosse só a eles... — Direitos de propriedade, divórcio, abuso físico, violação marital, mutilação feminina, sexo seguro. O menu completo, todos os dias. Está vendo por que os maridos ficam tão ressentidos, não está? Eu ficaria, se fosse um estuprador marital.

— Então é isso que ela faz lá no mato? — insistiu Woodrow.

— Oh, só Deus sabe... Deus e o Doutor Arnold, — lançou Justin num tom excessivamente casual — Arnold é o guia e o filósofo dela lá naquelas bandas.

Então é esse o jogo dele, pensou Woodrow. A história que dá cobertura a todos três: Arnold Bluhm, médico, é o tutor moral dela, o seu cavaleiro negro e o seu protetor na selva da ajuda humanitária. Tudo menos o amante tolerado. — Naquelas bandas, onde exatamente? — perguntou.

— Em Loki. Lokichoggio. — Justin sentara-se na borda da mesa, talvez numa imitação inconsciente da postura descontraída de Woodrow contra a porta. — Aquela gente do Programa Alimentar Mundial tem lá um workshop sobre a consciência do sexo! Pode-se imaginar uma coisa dessas? Trazem de avião camponesas completamente ignorantes que apanham no Sul do Sudão, dão-lhes um curso-relâmpago sobre o John Stuart Mill e depois levam-nas outra vez de avião para a terra delas, já a par de tudo. Arnold e Tessa foram lá assistir a essa brincadeira. Cheios de sorte!

— Onde está ela agora?

Justin pareceu não gostar da pergunta. Talvez fosse nesse momento que se apercebeu que havia um propósito oculto na conversa de chacha de Woodrow. Ou então — pensou Woodrow — não lhe agradava sentir-se encurralado por uma pergunta acerca de Tessa a que ele próprio não estava seguro de saber responder.

— Deve vir a caminho de casa. Por quê?

— Com Arnold.

— Certamente. Ele não ia deixá-la por lá sozinha.

— Tem havido algum contato da parte dela?

— Para mim? De Loki? Como é que ela fazia? Lá não há telefone.

— Pensei que ela pudesse ter usado um dos contatos pelo rádio da própria agência de auxílio. Não é o que as outras pessoas costumam fazer?

-A Tessa não é como as outras pessoas. — Replicou Justin, enrugando a testa levemente. — Tem princípios firmes. Não gosta de gastar o dinheiro dos donativos sem ser necessário. Que se passa, Sandy?

Justin, agora de sobrolho franzido, desencostou-se da secretária e veio postar-se a meio da sala com as mãos atrás das costas. E Woodrow, observando aquele rosto belo e inteligente e o cabelo que começava a ficar grisalho à luz do sol, lembrou-se do cabelo de Tessa, exatamente da mesma cor mas sem a idade, nem a moderação. Lembrou-se da primeira vez que os vira juntos, Tessa e

Justin, os novos recém-chegados, um par de recém-casados ambos lindíssimos, convidados de honra do jantar de boas-vindas do Alto Comissário de Nairobi. E de como, ao avançar para os cumprimentos, ele imaginou que eram pai e filha e que ele a pediria em casamento,

— Então quando foi a última vez que tiveste notícias dela? — perguntou.

— Na terça-feira quando os fui levar ao aeroporto. Que é isto, Sandy? Se o Arnold está com ela, ela deve estar bem, Ela faz o que lhe mandarem.

— Achas que ela pode ter ido até o Lago Turkana, ela e o Bluhm... o Arnold?

— Se lhes apeteceu e tinham transporte, por que não? A Tessa adora os lugares selvagens, tinha o Richard Leakey em grande conta, tanto como arqueólogo como um africano branco decente. O Leakey deve ter uma clínica para aqueles lados, não? Arnold se calhar tinha lá trabalho e levou-o com ele... Sandy, o que vem a ser isto? — repetiu indignado.

Ao desferir o golpe mortal, Woodrow não pôde deixar de observar o efeito das suas palavras na cara de Justin. Viu os últimos sinais da juventude passada de Justin retirarem-se como uma onda, como se ele fosse um ser marinho e o seu belo rosto fechou-se e endureceu, deixando só a aparência do coral,

— Temos estado a receber relatórios acerca de uma mulher branca e um motorista negro encontrados na margem leste do Lago Turkana. Ambos mortos.

— Woodrow começou devagar, evitando deliberadamente a palavra “assassinados”. — O carro e o motorista tinham sido alugados na Pousada Oasis. O proprietário da pousada pretende ter identificado a mulher como sendo Tessa. Diz que ela e Bluhm passaram a noite no Oasis antes de partirem para as escavações Leakey. Bluhm ainda não foi encontrado, Encontraram a corrente de ouro dela, a que ela usava sempre.

Como é que eu estou a par disto? Por que raio é que eu escolhi este momento para alardear o meu conhecimento íntimo acerca do colar dela?

Woodrow continuava a observar Justin. O cobarde que havia nele queria afastar o olhar, mas para um filho de militar seria o mesmo que condenar um homem à morte e não comparecer ao seu enforcamento. Viu os olhos de Justin dilatarem-se num desapontamento mortal, como se tivesse sido atingido pelas costas por amigo íntimo, depois apagarem-se quase totalmente, como se o mesmo amigo o tivesse posto knock-out. Viu aquela boca perfeitamente esculpida abrir-se num espasmo de dor física, depois fechar-se de novo numa linha de músculos comprimidos até a lividez.

— Obrigado por me teres dito, Sandy. Não deve ter sido agradável. O Porter sabe?

Porter era, estranhamente, o primeiro nome do Alto Comissário.

— Mildren anda a ver se o encontra. Acharam uma bota Mephisto, tamanho sete. Diz-te alguma coisa?

Justin estava a ter dificuldades de coordenação. Tinha de esperar algum tempo antes que o som das palavras de Woodrow chegasse ao seu entendimento. Depois apressou-se a responder em frases curtas, saídas a custo. — Naquela loja em Piccadilly. Ela comprou lá três pares da última vez que saímos de licença. Nunca a tinha visto fazer uma extravagância daquelas. Como regra, não é esbanjadora. Nunca teve de se preocupar com dinheiro, por isso nem pensava nele. Por ela, só comprava roupa nas lojas do Exército de Salvação.

— Usava uma espécie de safari. Azul.

— Ah, ela detestava essa maldita coisa, — respondeu Justin, recuperando torrencialmente a faculdade da fala. — Costumava dizer que se eu alguma vez a pegasse usando uma daquelas roupas caqui com bolsos nas pernas devia queimar ou dar ao Mustafa.

Mustafa era o criado de casa, Woodrow se lembrava. — A polícia falou em “azul”.

— Ela detestava azul — agora parecia prestes a perder a paciência —, odiava absolutamente tudo o que fosse paramilitar.

Já está usando os verbos no passado, notou Woodrow. — Ela teve tempos atrás uma jaqueta safari verde, eu garanto. Ela comprou no Farbelow's da Stanley Street, eu a levei, nem sei por quê. Provavelmente ela pediu. Detestava fazer compras. Vestiu-a e fez logo uma cena. — Olhe para mim — disse, — Pareço o General Patton de drag queen.

— Não, moça — disse eu — não parece o General Patton. Parece uma linda garota vestida com um horroroso safari verde.

Começou a arrumar a mesa, com precisão e minúcia, preparando-se para a partida. Abrindo e fechando as gavetas, metendo as suas pastas de arquivo no cofre-forte e fechando-o. Alisava o cabelo de vez em quando distraidamente, um tique com que Woodrow sempre embirrara. Desligou cautelosamente o seu computador que detestava, com o indicador espetado como se tivesse medo que ele lhe mordesse. Dizia-se que pedira a Chita Pearson que lho ligasse todas as manhãs. Woodrow viu-o lançar à volta da sala um último olhar vazio. Fim da época. Fim da vida. É favor deixar este lugar arrumado e livre para o próximo ocupante. À porta Justin voltou-se e olhou para as plantas no peitoril da janela, hesitando talvez se as levaria ou pelo menos daria instruções para a sua conservação, mas não fez nem uma coisa nem outra.

Acompanhando Justin ao longo do corredor, Woodrow fez menção de lhe tocar no braço, mas uma espécie de repugnância prendeu-lhe a mão antes de fazer contato. Não obstante, teve o cuidado de seguir ao lado dele suficientemente perto para o apoiar se ele caísse ou de algum modo tropeçasse, porque nesse momento Justin tinha o ar de um sonâmbulo bem vestido que tivesse abdicado do seu sentido de orientação. Caminhavam devagar e sem fazer barulho, mas Chita devia tê-los ouvido, porque à passagem deles abriu a porta do seu gabinete e acompanhou em

bicos de pés Woodrow durante uns passos, sussurrando-lhe ao ouvido, tendo o cuidado de segurar com a mão o seu cabelo dourado para que não roçasse por ele.

— Ele desapareceu. Andam à procura dele por todo o lado.

Mas o ouvido de Justin era melhor do que eles julgavam. Ou talvez, naquele extremo de emoção, as suas percepções fossem anormalmente agudas.

— Suponho que estão preocupados com Arnold — disse ele a Chita no tom amável de um transeunte indicando uma direção.

O Alto Comissário era um homem um tanto vago, superinteligente, eternamente em estudo de qualquer matéria. Tinha um filho banqueiro, uma filha pequena chamada Rosie, deficiente mental e uma mulher que era Juíza de Paz quando estava na Inglaterra. Adorava-os a todos igualmente e passava os fins-de-semana com Rosie amarrada ao seu peito por braçadeiras. O próprio Coleridge ficara como que abandonado nas margens da idade adulta, usava uns suspensórios de rapazola com umas calças largas. O casaco correspondente estava pendurado atrás da porta num cabide com seu nome: R Coleridge, Balliol. Estava postado no centro do seu enorme escritório, a guedelha inclinada raivosamente para Woodrow, que acabava de falar. Corriam-lhe lágrimas pela cara abaixo.

— Porra!, — exclamou furioso, como se tivesse esperado muito tempo para se livrar da palavra.

— Também digo, — murmurou Woodrow.

— Pobre moça!... Que idade ela tinha? Era uma criança!

— Vinte e cinco. Por aí. Como é que eu sabia? — acrescentou vagamente.

— Não parecia ter mais de dezoito. E aquele desgraçado do Justin, mais suas flores de estimação...

— Também digo. — repetiu Woodrow.

— Ghita já sabe?

— Mais ou menos.

— Que diabos ele vai fazer da vida dele? Nem sequer tem uma carreira que se veja. Estavam todos contando mandá-lo embora no fim desta fase. Se não fosse a Tessa perder o bebé, coitada, ele tinha caído fora com o refugio. — Cansado de ficar quieto, Coleridge avançou para o outro lado da sala. — Rosie pescou uma truta de um quilo no sábado passado. — Lançou ele em ar de desafio. — O que me diz a esta, hein?

Coleridge tinha aquele hábito de ganhar tempo com inesperadas digressões.

— Formidável! — disse Woodrow, como lhe cabia.

— Tessa é que ficaria encantada. Sempre disse que Rosie se safava muito bem. E Rosie a adorava.

— Via-se logo.

— Repare que não a quis comer. Tivemos que manter o bicho em respiração assistida durante o fim-de-semana e depois lá o enterramos no jardim.

— Endireitou os ombros, sinal de que tinha voltado ao assunto em discussão.

— Há aqui uma história por trás disto, Sandy. A sacana dum história dos diabos.

— A quem o diz.

— Esse filho da puta do Pellegrin já anda a falar para aqui, a barregar que temos de limitar os estragos”, — Sir Bernard Pellegrin era o mandarim dos Negócios Estrangeiros especialmente responsável por África e inimigo figadal de Coleridge. — Como raio é que havemos de limitar os estragos quando não sabemos quais são os sacanas dos estragos? Também lhe deve ter prejudicado a partida de ténis, apostado.

— Ela esteve com o Bluhm durante quatro dias e quatro noites antes de morrer, — disse Woodrow, após um relance para a porta para se certificar de que ainda estava fechada. — Talvez isso faça parte dos estragos. Estiveram em Loki e depois no Turkana. Partilharam um bangalô e só Deus sabe que mais. Foram vistos por muita gente.

— Obrigado. Muito e muito obrigado. Era mesmo isso que eu precisava ouvir. — Enterrando as mãos nos bolsos das largas calças, Coleridge vagueou pela sala. — E onde raio é que está o sacana do Bluhm, já agora

— Dizem que andam à procura dele desesperadamente. A última vez que foi visto estava sentado no jipe ao lado de Tessa quando partiram para as escavações.

Coleridge foi lentamente até a sua cadeira e deixou-se cair nela com os braços abertos. — Então foi o mordomo. — disse ele. — Bluhm esqueceu a sua educação, deu em doido varrido, chacinou os outros dois, meteu a cabeça do Noah num saco como recordação, deitou o jipe de lado, fechou as portas à chave e largou a correr. Mete-se pelos olhos dentro, não é? Porra!

— Conhece-o tão bem como eu.

— Ah isso é que não conheço! Nem me chego a ele. Detesto ver estrelas de cinema nessa coisa da ajuda humanitária. Para onde raio é que ele foi? Onde está ele?

Várias imagens passaram pelo espírito de Woodrow. Bluhm, o Negro da Civilização Ocidental, o Apolo barbudo de Nairobi, o da turma dos coquetéis, carismático, espirituoso, belo. Bluhm e Tessa lado a lado, cumprimentando os convidados enquanto Justin, o querido das velhas debutantes, ronrona, sorrindo e passando as bebidas. O Dr. Arnold Bluhm, em tempos herói da guerra na Argélia, discursando da tribuna da sala de conferências das Nações Unidas acerca das prioridades médicas numa situação de calamidade. Bluhm, afundado numa cadeira acabada a festa, de ar perdido e vazio e com tudo o que nele havia de digno de conhecer-se escondido bem no fundo de si mesmo.

— Não fui capaz de os mandar embora, Sandy — continuava Coleridge no tom grave de quem foi interrogar a sua consciência e regressou tranquilizado.

— Não acho que esteja nas minhas atribuições arruinar a carreira de um tipo só porque a mulher gosta de dar umas

cambalhotas. Estamos no novo milênio. As pessoas devem ter o direito de lixar as suas próprias vidas como lhes apetecer.

— Claro.

— Ela andava a fazer uma obra dos diabos pelos bairros de lata, mau grado o que se dizia dela lá no Clube Muthaiga. A gente do Moi talvez a olhasse de revés, mas não havia nenhum verdadeiro Africano que não a adorasse.

— Sem dúvida, — concordou Woodrow.

— É verdade que andava metida em tudo o que é a luta contra a discriminação sexista e essa treta toda. E tinha razão. Se entregassem a África nas mãos das mulheres, tudo poderia correr melhor.

Mildren entrou sem bater.

— Uma chamada do Protocolo, Sir. O corpo de Tessa acaba de chegar à morgue do hospital e eles pedem uma identificação de imediato. E todas as agências noticiosas exigem uma declaração.

— Como diabo é que a trouxeram tão depressa para Nairobi?

— De helicóptero. — respondeu Woodrow tentando afastar a imagem repelente, dada por Wolfgang, do corpo dela a ser serrado para caber no compartimento da carga.

— Não há declaração nenhuma até ela ser identificada. — Disse Coleridge secamente.

Woodrow e Justin foram juntos, baixando a cabeça, sentados no banco de ripas duma picape Volkswagen com janelas de vidros fumados que pertencia à Alta Comissão. Livingstone ia ao volante com Jackson, o seu volumoso guarda-costas Kikuyu, entalado ao seu lado no banco da frente para o caso de vir a ser necessário alguma persuasão musculada. A picape era um forno, apesar do ar condicionado ligado no máximo. O tráfego era demencial. Os minibus Matutus abarrotando de gente avançavam e buzinavam de todos os lados, exalando fumo e levantando poeira e cascalho. Livingstone conseguiu rodear uma pequena rotunda e parou junto a um portal de pedra onde se juntavam grupos de homens e mulheres balanceando e entoando cânticos. julgando tratar-se de uma

manifestação, Woodrow soltou uma imprecação, mas logo percebeu que eram familiares dos mortos à espera que lhes entregassem os corpos. Ao longo do passeio havia carroças enferrujadas e carros enfeitados com fitas vermelhas.

— Não era preciso tu vires, Sandy, realmente — disse Justin.

— Claro que era preciso — rectificou nobremente o filho do militar.

Na soleira da porta esperavam-nos um magote de policiais e profissionais da saúde com macacões brancos manchados de salpicos. O seu desejo era só agradar. Um tal Inspetor Muramba apresentou-se e, com um sorriso radioso apertou a mão aos dois distintos cavalheiros da Alta Comissão Britânica, Um asiático de terno preto apresentou-se como sendo o médico cirurgião Banda Singh ao serviço de Suas Excelências. Seguiram por um sujo corredor de betão atravancado por caixotes do lixo a deitar por fora, cujos tectos eram percorridos por tubos grossos. Os tubos levam a eletricidade às câmaras frigoríficas, pensou Woodrow, mas os frigoríficos não funcionam porque houve um corte de eletricidade e a morgue não dispõe de um gerador. O Dr. Banda ia à frente mas Woodrow poderia ter encontrado o caminho sozinho. Se voltar à direita, perco o cheiro, voltando à esquerda, regressa mais forte. O seu lado insensível tinha de novo tomado a chefia. O dever de um filho de militar é estar aqui, não é sentir. Dever. Porque será que ela me fazia sempre pensar no meu dever? Perguntava a si mesmo se não haveria alguma superstição antiga acerca do que poderia acontecer aos aspirantes ao adultério quando observassem os cadáveres das mulheres que tinham cobiçado. O Dr. Banda levava-os agora por uma escada acima. Foram emergir num grande átrio sem ventilação onde o fedor da morte dominava tudo.

Em frente havia uma porta de ferro enferrujada onde Banda começou a martelar com os punhos imperiosamente, apoiando-se nos calcanhares e batendo depois quatro ou cinco vezes a intervalos regulares como se estivesse a transmitir um código. A porta abriu um pouco chiando para revelar as cabeças desnorteadas

e apreensivas de três rapazes. À vista do cirurgião-chefe recuaram para o deixar esgueirar-se rapidamente; o resultado foi que Woodrow, largado de repente no meio do átrio nauseabundo, teve a sensação de estar a ser submetido à visão infernal do antigo dormitório do seu colégio interno, cedido aos mortos de todos os tempos do Auxílio Humanitário. Em cada cama estavam lado a lado dois cadáveres definhados. Entre eles havia mais cadáveres pelo chão, uns vestidos, outros nus, de costas ou de lado. Outros tinham encolhido os joelhos, numa tentativa inútil de se protegerem, queixos espetados em ar de protesto. Sobre eles, numa espécie de nevoeiro vacilante e lodoso, estavam as moscas, zumbindo numa nota só.

E no centro do dormitório, arrumado na passagem entre as duas filas de camas, estava a tábua de passar da senhora governanta, sobre rodas. E sobre a tábua de passar um icebergue formado por um lençol revolto de onde saíam dois pés monstruosos e semi-humanos que fizeram Woodrow pensar nos chinelos com pés de pato que ele e Gloria tinham oferecido ao filho, Harry, no passado Natal. Uma mão estendida tinha conseguido arditosamente ficar fora do lençol. Os dedos estavam cobertos de sangue negro, mais espesso nos nós. As pontas eram de um azul de água-marinha. Use a sua imaginação, senhor Chanceler: faz alguma ideia do que acontece aos cadáveres com um calor destes?

— O senhor Justin Quayle, por favor — clamou o Dr. Banda Singh com a voz estentória de um mordomo anunciando os recém-chegados a uma recepção real.

— Eu vou com você, — murmurou Woodrow e, lado a lado com Justin, avançou corajosamente a tempo de ver o Dr. Banda levantar o lençol e revelar a cabeça de Tessa, uma caricatura grosseira amarrada do queixo ao topo do crânio por uma tira de pano imundo que tinha coberto o pescoço onde em tempos estivera a corrente de ouro. Como um afogado que volta à superfície pela última vez, Woodrow ansiosamente abarcou o restante: o cabelo negro dela colado ao crânio pelo pente de um cangalheiro qualquer. As

bochechas inchadas como as de um querubim soprando o vento. Os olhos fechados, as sobrelhas erguidas e a boca aberta numa expressão flácida de espanto, cheia de sangue negro como se lhe tivessem arrancado os dentes todos de uma vez. Oh! é que ela sopra com a boca arredondada de estupefação, enquanto a matam. Mas a quem se dirige ela? Quem viram os seus olhos, por trás daquelas pálpebras esticadas e brancas?

— Conhece esta senhora, Sir? — pergunta delicadamente a Justin o Inspetor Muramba.

— Conheço. Conheço, sim, obrigado — respondeu Justin pesando cada palavra antes de a pronunciar. — É a minha mulher, Tessa. Temos de marcar o funeral quanto antes, Sandy. Ela gostaria que fosse aqui na África. É filha única. É órfã e sem parentes. Não há ninguém, excepto eu, a ser consultado. bom que seja o mais breve possível.

— Sim, suponho que isso agora só depende da polícia — disse Woodrow em tom brusco e só teve tempo de se afastar até uma bacia rachada onde vomitou as tripas, enquanto Justin, sempre cortês, o segurava com um braço pelos ombros, murmurando condolências.

No santuário atapetado do Gabinete Particular, Mildren vagorosamente está lendo alto para o rapaz de voz neutra que estava no outro lado da linha:

“A Alta Comissão tem o desgosto de participar o assassinato de Mrs. Tessa Quayle, esposa de Justin Quayle, Primeiro Secretário da Embaixada. A morte deu-se nas margens do Lago Turkana, perto de Allia Bay. O seu motorista, Sr. Noah Katanga, foi também morto. Mrs. Quayle será recordada não só pelo seu empenho na causa dos direitos das mulheres africanas, como também pela sua beleza e juventude. Desejamos exprimir os nossos mais sentidos pêsames ao marido de Mrs. Quayle, Justin, e aos seus numerosos amigos. A bandeira da Alta Comissão será colocada a meia-haste até nova ordem. Um registro de condolências estará à disposição no átrio do edifício da Alta Comissão.”

— Quando é que pode enviar isto?

— Acabo de o fazer, — disse o rapaz.

Capítulo 2

Os Woodrow viviam nos arredores, numa casa em pedra estilo Tudor, com janelas de vidrinhos em caixilhos de chumbo, que fazia parte de uma colônia de moradias no meio de um grande jardim à inglesa em Muthaiga, a zona fina da periferia, a dois passos do Muthaiga Clube, da Residência do Alto Comissário Britânico e das amplas residências de embaixadores de países de que nunca ninguém ouvira falar antes de passar pelas avenidas altamente guardadas e ver as chapas inscritas com os seus nomes, entre placas em Swahili avisando contra cães perigosos. Em sequência do ataque bombista contra a Embaixada Americana em Nairobi, o Foreign Office mandara colocar nas residências de todo o pessoal, da categoria de Woodrow para cima, portões de ferro à prova de choque, que eram conscienciosamente guardados noite e dia por turnos de exuberantes Baluhyas e seus numerosos amigos e parentes. A toda a volta do jardim os mesmos espíritos iluminados tinham instalado uma rede eletrificada coroada por rolos de arame farpado e luzes contra intrusos acesas toda a noite. Em Muthaiga existe toda uma hierarquia social em matéria de segurança, como em muitas outras matérias. As casas mais humildes têm direito a cacos de vidro nos muros de pedra, as classes médias a arame farpado. Mas para os aristocratas da diplomacia nunca nada menos do que portões de ferro, gradeamentos eletrificados, alarmes nas janelas e luzes contra os intrusos, poderia bastar à sua segurança.

A casa dos Woodrow tinha três andares. Os dois andares superiores constituíam aquilo que as companhias de seguros apelidam de abrigo de segurança: era protegido por uma porta de aço desmontável no primeiro patamar de que só o casal Woodrow possuía a chave. E na suite dos hóspedes do rés-do-chão, a que os Woodrow chamavam o andar de baixo por causa da inclinação do terreno, havia uma rede do lado do jardim para proteger os Woodrow dos criados. Nesse andar de baixo as duas salas, severas

e pintadas de branco com janelas de grades e redes de aço, tinham indubitavelmente um ar de prisão. Mas, antecipando a chegada do seu hóspede, Gloria tinha-as enchido de rosas do jardim, tinha trazido um candeeiro de leitura do quarto de vestir de Sandy e os aparelhos de rádio e televisão do pessoal, porque até lhes fazia bem passar sem essas coisas, para variar. Não era propriamente um hotel de cinco estrelas, — como ela confiou a Elena, a sua amiga do peito, uma inglesa com um marido de boa boca, um grego funcionário das Nações Unidas, — mas pelo menos o pobre homem teria um espaço só para ele, que era uma coisa indispensável quando se perde alguém, como acontecera exatamente com a própria Gloria quando a mamãe morreu, mas também é verdade que a Tessa e o Justin formavam... bom, a verdade é que tinham um casamento muito pouco convencional, que era o menos que se podia dizer, embora Gloria falando por si nunca tivesse duvidado de que houvesse um verdadeiro afeto entre eles, pelo menos do lado de Justin, porque do lado de Tessa... francamente, querida, só Deus sabe, porque agora jamais alguém saberá.

Ao que Elena, com divórcios múltiplos e muita experiência da vida, o que não era de todo o caso de Gloria, respondeu: — Bom, não aposte a sua virtude, filha, que às vezes os viúvos recentes são grandes ganhões.

Gloria Woodrow era uma daquelas típicas esposas de funcionários do Foreign Office decididas a ver só o lado bom das coisas. Quando não havia nenhum lado bom à vista, ela soltava uma sólida gargalhada e dizia: — Bom, é para isso que aqui estamos! — o que funcionava como um toque de clarim que fazia toda a gente cerrar fileiras e suportar os maus bocados da vida sem se queixar. Era a mais leal das antigas alunas dos colégios que tinham feito dela o que ela era e mandava-lhes regularmente boletins acerca do seu progresso na vida, tal como devorava avidamente qualquer notícia acerca das suas contemporâneas. Todos os anos, no Dia da Festa do Colégio, mandava-lhes um telegrama espirituoso de parabéns ou, nos dias de hoje, um e-mail

cheio de graça, geralmente em verso porque não queria que eles se esquecessem que ela chegara a ganhar o prêmio de poesia da escola. Era atraente, de uma forma discreta e sem rodeios, e famosa pela sua tagarelice especialmente quando não havia nada para dizer. E tinha aquele modo de andar titubeante, extraordinariamente feio, que é apanágio das mulheres inglesas da família real.

Contudo, Gloria Woodrow não era estúpida de nascença. Dezoito anos atrás, na Universidade de Edimburgo, fora considerada uma das melhores cabeças do seu ano e dizia-se que, se não se tivesse embeijado tanto por Woodrow, poderia ter alcançado ótimas classificações em Política e Filosofia. Mas, com a passagem dos anos, o casamento, a maternidade e as inconstâncias da vida diplomática tinham-se substituído a quaisquer ambições que ela tivesse tido. Por vezes, para desgosto secreto de Woodrow, ela parecia ter deliberadamente apagado o intelecto para melhor interpretar o seu papel de esposa. Mas também lhe estava grato por esse sacrifício e pelo fato abençoado de ter deixado de ler nele os seus mais íntimos pensamentos, continuando a moldar-se flexivelmente para servir as suas aspirações. — Quando eu quiser ter vida própria, aviso-te — dizia ela quando ele, levado por um dos seus acessos de culpa ou de tédio, a incitava a seguir os estudos, estudar Direito, estudar Medicina — ou pelo menos estudar qualquer coisa, por amor de Deus! — Se não gostas de mim tal como sou, então isso já é diferente, — respondia ela, deslocando habilmente a crítica do particular para o geral. — Não é nada disso, eu gosto de ti, adoro-te tal como és! — protestava ele, abraçando-a. E acreditava no que dizia. Mais ou menos.

Justin tornou-se o prisioneiro secreto do andar de baixo ao fim da tarde daquela segunda-feira negra em que recebera a notícia da morte de Tessa, à hora em que, em frente das residências dos embaixadores, as limusines começavam a morder o freio e a raspar o solo por trás dos portões de ferro, antes de formarem procissão até o bebedouro comum, misticamente escolhido para essa noite. O

que é hoje? O Dia de Lumumba? Dia de Merdeka? Dia da Tomada da Bastilha? Não interessa; a bandeira nacional estará hasteada no jardim, a rega automática desligada, a passadeira encarnada estendida, os criados pretos de luvas brancas atentos e solícitos, tal como acontecia nos tempos coloniais, que agora todos repudiamos friamente. E a música patriótica apropriada estará saindo da tenda armada no jardim.

Woodrow foi com Justin na picape preta Volkswagen. Da morgue, Woodrow escoltara-o até a esquadra da polícia e vira-o redigir, na sua letra imaculada de acadêmico, uma declaração em que identificava o cadáver da mulher. Woodrow telefonara da esquadra para casa, a informar Gloria de que, se o trânsito o permitisse, devia chegar dentro de quinze minutos com o seu hóspede especial — ele vai manter a cabeça baixa, querida, e temos de ter a certeza de que não será reconhecido — o que não impediu Gloria de telefonar logo a Elena, marcando o número repetidas vezes até a ter em linha, a fim de discutir o menu do jantar — o Justin, coitadinho, adora peixe ou detesta? já não se lembrava, mas tinha a sensação de que era uma coisa ou outra — e meu Deus, El, de que diabo é que eu hei-de conversar com ele quando o Sandy for trabalhar e eu ficar sozinha com o pobre homem durante horas e horas? Quer dizer, todos os assuntos de interesse estão praticamente fora de questão!

— Hás de te lembrar de alguma coisa, querida, não te aflijas, — assegurou-lhe Elena amavelmente, com secreta ironia.

Mas Gloria ainda teve tempo para pôr Elena a par das chamadas absolutamente inoportunas que tinha recebido da parte da imprensa e outras que ela se recusara a atender, preferindo mandar Juma — o nosso criado Wakamba — dizer que o senhor ou a senhora Woodrow não estão neste momento disponíveis para atender o telefone — embora tivesse havido um rapaz do “Telegraph” com modos ótimos com quem ela teria adorado falar, mas Sandy disse logo que não, sob pena de morte.

— Talvez ele te escreva, querida, — disse Elena para a consolar.

A picape Volkswagen com vidros fumados parou à entrada, Woodrow saiu rapidamente para ver se havia jornalistas e imediatamente a seguir Gloria teve o privilégio de ver pela primeira vez Justin viúvo, o homem que perdera a mulher e o filho recém-nascido no espaço de seis meses, Justin o marido enganado que deixara de o ser para sempre, Justin com o seu terno tropical feito sob medida e o olhar doce que lhe era habitual, o fugitivo secreto que ela ia esconder no andar de baixo da sua casa, Justin tirando o panamá e saltando da picape pela porta do fundo, mantendo-se de costas para o público agradecendo a todos, — isto é, Livingstone o motorista, Jackson o guarda e Juma que andava por ali dum lado para o outro sem fazer nada como de costume — com um aceno distraído da sua bela cabeça morena à medida que ia deslizando com o seu porte elegante até a porta de entrada. Ela viu primeiro o rosto dele na sombra, depois à luz breve do pôr-do-sol. Avançou para ela e disse: — Boa tarde, Gloria, é muita bondade tua acolheres-me em tua casa — numa voz controlada com tanta coragem que ela teve vontade de chorar, e foi o que fez mais tarde.

— É um alívio para nós, podermos fazer seja o que for por ti neste momento, meu querido Justin, — murmurou ela beijando-o com cautelosa ternura.

— E não há notícias de Arnold, suponho? Não falou ninguém enquanto vínhamos a caminho?

— Lamento imenso, querido, mas nem pio, Estamos todos ansiosos. — Como ele se aguenta, pensou ela. Um verdadeiro herói.

Algues em segundo plano Woodrow avisava-a num sussurro consternado de que precisava de voltar mais uma hora ao escritório, meu amor, eu depois telefono, mas ela mal lhe deu atenção. Como se ele tivesse perdido alguém ...!, pensou, sarcástica. Ouviu com indiferença bater as portas do carro e afastar-se o grande Volkswagen. Os seus olhos estavam pregados em Justin, seu pupilo e seu herói trágico. Justin, pensou ela, era vítima desta tragédia tanto quanto Tessa, porque Tessa tinha morrido enquanto Justin fora

condenado a carregar com aquele desgosto até a morte. Um desgosto que já lhe acinzentara as faces e lhe modificara o andar e a maneira de olhar para as coisas no seu caminho.

Os canteiros de ervas aromáticas, de que Gloria tanto gostava e que tinham sido plantadas sob as indicações dele, passaram por ele sem que lhes lançasse sequer um olhar. O mesmo aconteceu com o “rhilus” e os dois arbustos “malus” que ele tão amavelmente se recusara a deixá-la pagar. Porque isso é que era uma das coisas maravilhosas de Justin a que Gloria no fundo nem sequer se habituara — este foi um dos assuntos da longa conversa telefônica com Elena naquela mesma noite — que ele era um especialista tremendo em tudo o que era plantas e flores e jardins. E, quer dizer, de onde é que lhe viria aquilo, Ei? Da mãe, provavelmente. Ela não era em parte uma Dudley? Pois todos os Dudleys eram jardineiros natos, há séculos e séculos. Porque isto trata-se da botânica clássica inglesa, É ou não é daquelas coisas que a gente lê nos jornais de domingo.

Fazendo o seu bem-amado hóspede subir os degraus até a porta da entrada, atravessar o átrio e descer as escadas de serviço até o andar de baixo, Gloria fez-lhe a visita guiada da cela de prisão que iria ser o seu lar durante o tempo da sentença: o armário em MDF empenado, para pendurar os teus ternos, Justin, — por que diabos ela nunca se lembrou de dar mais cinquenta xelins ao Ebediah e mandar pintar aquilo? — a cômoda carunchosa, para as tuas camisas e as tuas meias — por que é que nunca pensara em forrar as gavetas?

Mas, como de costume, era Justin que pedia desculpa: — Receio não ter muita roupa para lá meter, Gloria. Tenho a casa cercada de caçadores de notícias e o Mustafa deve ter desligado o telefone. Sandy fez o favor de dizer que me emprestava o que fosse preciso até ser possível tentar trazer de lá qualquer coisa às escondidas.

— Oh, Justin, desculpe a minha estupidez — exclamou Gloria corando. Mas depois, porque não quisesse ou não soubesse como

sair e deixá-lo só, insistiu em mostrar-lhe o velho e horroroso frigorífico atulhado de garrafas de água e de sumos de fruta — por que é que não mandara substituir a borracha podre da porta? — e o gelo é aqui, Justin, é só por debaixo da torneira para soltar — e a chaleira elétrica de plástico que ela sempre detestara e o pote de louça rachado “recordação de Ilfracombe” com uma abelha, com saquinhos de chá Tetley, e a lata de Huntley & Palmers toda amolgada, com biscoitos para o caso de ele querer comer uma coisinha antes de ir para a cama, porque o Sandy é o que faz todas as noites, apesar de o médico o ter mandado perder uns quilinhos. E finalmente — graças a Deus tinha feito qualquer coisa de jeito a jarra espetacular com bocas-de-leão de todas as cores que ela própria semeara e cultivara segundo as instruções dele.

— Bom, agora vou deixar-te em paz, — disse ela, mas ao chegar à porta lembrou-se envergonhada que ainda faltava exprimir a sua comiseração: — Meu querido Justin, — começou ela.

— Obrigado, Gloria, mas realmente não é preciso, — cortou ele com uma firmeza surpreendente.

Privada do seu momento de ternura, Gloria esforçou-se por voltar ao tom das coisas práticas: — Sim... bom, então vai lá em cima sempre que te que quiser, promete, meu querido? jantar às oito. Teoricamente, claro. Uma bebadinha antes, se quiser. Faz exatamente o que quiser. Ou nada, se preferir. Só Deus sabe a que horas Sandy volta para casa...

Gloria subiu, aliviada, até o quarto, tomou banho, vestiu-se e pintou-se e depois foi ver os rapazes que faziam dever de casa. Subjugados pela presença da morte, os pequenos trabalhavam atentamente, ou pelo menos fingiam.

— Ele está com uma cara muito triste? — perguntou Harry, o mais novo.

— Vocês estarão com ele amanhã. Quero que sejam muito educados e que façam um ar sério. Matilda está preparando seus hambúrgueres. Jantam no quarto dos brinquedos e não na cozinha, entendido? — Saiu-lhe da boca fora um PS, antes de ter tempo para

pensar: — Ele é um senhor muito corajoso e muito bom e vocês devem tratá-lo com o maior respeito.

Quando desceu à sala teve a surpresa de encontrar Justin lá. Ele aceitou um scotch com soda bem servido e ela instalou-se com um copo de vinho branco, na poltrona, que por acaso era de Sandy, mas ela não estava pensando em Sandy. Durante uns minutos — ela não fazia ideia de quantos, na realidade — nenhum deles falou mas aquele silêncio tornou-se para Gloria um elo cada vez mais forte. Justin ia bebendo devagar mas, para alívio dela, não mostrou seguir o hábito profundamente irritante de Sandy de fechar os olhos e espremer a boca, como se o uísque lhe tivesse sido dado a provar. Copo na mão, Justin foi até a janela da varanda e olhou o jardim inundado de luz — vinte lâmpadas de 150 watts ligados ao gerador da casa iluminavam-lhe metade da cara.

— Talvez seja isso que as pessoas acham — disse ele subitamente como se continuasse um diálogo que não tinha existido.

— Como, querido? — perguntou Gloria, não tendo a certeza de que a conversa fosse com ela, mas percebendo que ele precisava nitidamente de falar com alguém.

— Que somos amados por sermos alguém que realmente não somos. Que somos uma espécie de fraude. Ladrões de amor.

Gloria não tinha a ideia de que fosse isso que toda a gente pensava, mas não duvidava de que não deviam pensar. — É claro que não és nenhuma fraude, Justin, — disse ela com energia, — és uma das pessoas mais verdadeiras que conheço, sempre foste. A Tessa adorava-te e não fazia nada de mais, Era uma rapariga cheia de sorte, podes crer. — Quanto a ladrões de amor, pensou ela, não haveria dúvidas para ninguém sobre quem roubava o amor de quem, naquele casal!

Justin não reagiu a esta declaração tão convicta, ou pelo menos ela não se apercebeu de qualquer reação, e por momentos tudo o que ela ouviu foi uma reação em cadeia de cães a ladrar —

começou um, depois todos responderam ao longo de toda aquela alameda privilegiada de Muthaiga.

— Sempre foste ótimo para ela, Justin, tu bem sabes. Não deves andar a castigar-te por crimes que não cometeste. Há muita gente que o faz, quando perde um ser amado e isso é uma injustiça consigo mesmo. Não podemos tratar os outros como se eles fossem morrer no momento seguinte, ou então nunca se chegava a parte nenhuma. Não achas que tenho razão? Tu sempre foste leal para com ela. Sempre. — assegurou ela, sugerindo implicitamente que o mesmo se não pudesse talvez dizer de Tessa. E ele não foi insensível à sugestão, de certeza: Gloria iria jurar que ele se preparava para falar naquele desgraçado Arnold Bluhm quando, para sua extrema irritação, ouviu o barulho da chave do marido na porta e percebeu que se acabara o encanto.

— Justin, meu pobre amigo, como vai isso? — gritou Woodrow servindo-se parcamente, o que não era costume, de vinho branco antes de se deixar cair pesadamente no sofá. — Não há notícias, lamento dizê-lo. Nem boas nem más. Não há pistas, não há suspeitos, pelo menos por enquanto. Não há sinal do Arnold. Os belgas emprestam um helicóptero e Londres vai mandar outro. Dinheiro, dinheiro, dinheiro, é a nossa maldição. Mas também, porque não, ele é cidadão belga. Que bonita que tu estás, querida. Que há para jantar?

Tem estado a beber, pensou Gloria com asco. Finge estar a trabalhar até tarde e ali fica no escritório a beber, enquanto eu obrigo os rapazes a fazer os trabalhos de casa. Sentiu um movimento perto da janela e viu desolada que Justin se preparava para se retirar — assustado sem dúvida pela insensibilidade pé-de-boi do seu marido.

— Então não comes? — protestou Woodrow. — Tens de manter as forças, rapaz, não vês?

— É muito simpático da tua parte, mas receio não ter apetite. Gloria, obrigado mais uma vez. Boa noite, Sandy.

— O Pellegrin mandou de Londres fortes mensagens de apoio. O Foreign Office inteiro ficou abalado com o desgosto. Ele próprio diz que não quer intrometer-se pessoalmente.

— O Bernard sempre foi uma pessoa cheia de tato.

Gloria viu a porta fechar-se, ouviu-o descer a escada de cimento, viu o copo vazio pousado na mesa de bambu ao lado da janela e, por um momento de terror, convenceu-se de que nunca mais o voltava a ver.

Woodrow engoliu o jantar atrapalhadamente, sem o saborear como costumava. Gloria, que tal como Justin não tinha apetite, observava-o. Juma, o criado, andava em bicos de pés entre um e outro e observava-os também.

— Como vai aquilo? — murmurou Woodrow em tom conspiratório, baixando a voz e apontando para o chão para que ela fizesse o mesmo.

— Tem estado bem — respondeu Gloria imitando-o. — Apesar de tudo. Que estarás tu a fazer aí em baixo? pensava ela. Estarás deitado na cama, flagelando-te em silêncio? Ou a olhar o jardim por trás das barras de ferro, falando com o fantasma dela?

— Surgiu alguma coisa de significativo? — Perguntou Woodrow tropeçando na palavra “significativo,” mas tentando sempre falar por alusões, por causa de Juma.

— De que gênero?

— Daquele amor-perfeito, — respondeu ele e, com uma careta cheia de intenção, apontou para as begônias dela e, só com a boca, pronunciou “Bluhm ...”, o que fez Juma sair a toda a pressa para ir buscar um jarro com água.

Gloria ficou acordada durante horas ao lado do marido que ressonava; por fim, imaginando ouvir barulho em baixo, esgueirou-se até o patamar e espreitou pela janela. O corte de energia terminara e um reflexo alaranjado subia da cidade até as estrelas. Mas o jardim iluminado não abrigava Tessa, nem sequer Justin. Voltou para o quarto e deu com Harry atravessado na cama deles

em diagonal, dormindo com o polegar na boca e um braço estendido sobre o peito do pai.

A família levantou-se cedo, como de costume, mas Justin já estava à espera, com o seu terno amarrotado. Ela achou-o afogueado, um pouco desorientado, demasiada cor à volta dos olhos castanhos. Os rapazes apertaram-lhe a mão, gravemente como lhes tinham mandado e Justin correspondeu ao cumprimento meticulosamente.

— Olá, Sandy, bom dia, — disse ele logo que Woodrow apareceu. — Gostava de te dar uma palavra, se pode ser.

Os dois homens retiraram-se para a saleta.

É a respeito da minha casa, — começou Justin logo que ficaram sós. Aqui ou em Londres, meu velho? — respondeu Woodrow esforçando-se inutilmente por se mostrar prazenteiro. E Gloria, que estava à escuta pelo Postigo de serviço da cozinha, teve vontade de o matar.

— Aqui em Nairobi. Os papéis pessoais dela, cartas de advogados, os documentos que dizem respeito aos seus bens de família. Documentos que eram Preciosos para ambos nós. Não posso deixar a sua correspondência pessoal à solta, para a polícia do Quênia a saquear à vontade.

— Então qual é a solução, meu velho?

— Tenho de passar por lá o mais depressa possível.

Que firmeza! pensou Gloria com admiração. Tão enérgico, apesar de tudo!

— Isso é impossível, meu caro. Aqueles primitivos comiam-te vivo.

— Não acho, para dizer a verdade. O mais que podem fazer é tentar fotografar-me, suponho. Gritar coisas. Se eu não responder, não há mais nada que eles possam fazer. É tentar apanhá-los enquanto eles estão a fazer a barba.

Gloria conhecia as fraquezas do marido de trás para diante. Daqui a um instante está a falar para o Bernard Pellegrin, em

Londres. É o que ele costuma fazer, sempre que precisa de passar por cima do Porter Coleridge e ter a resposta que quer ouvir.

— Olha meu velho, vamos fazer uma coisa. Porque é que não me escreves uma lista do que precisas e eu passo-a ao Mustafa de uma maneira ou outra e mando-o trazer aqui as coisas?

Típico, pensou Gloria furiosa. Marcar passo, ganhar tempo, procurar a maneira mais fácil de se safar. Sempre.

— O Mustafa não pode ter uma ideia do que há-de escolher, — ouviu ela Justin dizer, tão firme como antes. — Uma lista não lhe servia de nada. Mesmo uma lista das compras já é demais para ele. Eu devo-lhe isto a ela, Sandy. É uma dívida de honra que eu tenho de me encarregar, quer tu venhas comigo ou não. A classe vem sempre ao de cima!

Gloria aplaudiu em silêncio do seu posto de escuta. Bem jogado! Mas nessa altura, embora o seu espírito se estivesse abrindo em várias direções inesperadas, não lhe ocorreu que o marido pudesse ter as suas próprias razões para querer visitar a casa de Tessa.

A imprensa não estava a fazer a barba, Justin enganara-se. Ou então, estavam a barbear-se nas cercaduras de relva do lado de fora da casa de Justin, onde tinham acampado toda a noite em carros de aluguer, deitando o lixo para os maciços de hortênsias. Um par de vendedores ambulantes negros, de calças às riscas e chapéus altos à Tio Sam tinham aberto uma tenda para o chá. Outros assavam maçarocas sobre brasas. Junto de um carro-patrolha muito velho juntavam-se alguns policiais enxovalhados bocejando e fumando cigarros.

O chefe, um homem espantosamente gordo com um cinto de polimento castanho e um Rolex de ouro, achava-se escarrapachado dentro do carro no lugar do motorista, de olhos fechados. Eram sete e meia da manhã. A cidade estava oculta por nuvens baixas. Grandes pássaros negros trocavam de lugar nos fios telefônicos à espera do momento de fazer um voo picado em direção ao que houvesse para comer.

— Segue em frente e depois para. — Ordenou Woodrow em tom marcial do banco de trás da picape.

As posições eram as mesmas do dia anterior: Livingstone e Jackson à frente, Woodrow e Justin encolhidos no banco de trás. O Volkswagen preto tinha matrícula CD, mas o mesmo se passava com metade dos veículos em Muthaiga. Um olhar bem informado poderia ter reconhecido o prefixo britânico no número da matrícula, mas nenhum olhar desses estava presente e ninguém se interessou especialmente ao ver Livingstone passar sem pressa diante do portão e começar a subir uma pequena encosta. Depois parou e puxou o freio de mão,

— Jackson, sai da picape e desce devagar a encosta até o portão da casa do Sr. Quayle. Como se chama seu porteiro? — perguntou a Justin.

— Omari, — respondeu Justin.

— Diz a Omari que, quando vir aproximar-se a picape, deve abrir o portão no último momento e fechá-lo logo que a picape tenha entrado. Fica com ele para termos a certeza de que ele não se atrapalha, Vai lá.

Encantado com o seu papel, Jackson desceu da picape, espreguiçou-se, interessou-se pela fivela do cinto e finalmente dirigiu-se encosta abaixo até o portão de Justin onde, sob os olhares da polícia e dos jornalistas, tomou lugar ao lado de Omari.

— Muito bem, agora recua, — ordenou Woodrow a Livingstone. — Muito devagar. Não tenhas pressa.

Livingstone libertou o travão de mão e, com o motor sempre ligado, deixou a picape descair lentamente pela encosta abaixo e descrever uma curva até a traseira da picape estar encaixada na abertura da entrada de veículos à porta de Justin. Está a fazer uma inversão de marcha, devem ter pensado os circunstantes. Mas, se o pensaram, não foi por muito tempo, porque no momento seguinte Livingstone carregara no acelerador e lá foi em marcha atrás direito ao portão, obrigando os jornalistas atônitos a saltar para a esquerda e para a direita. As portas de ferro abriram como se tivessem asas,

puxadas de um lado por Omari e de outro por Jackson, a picape passou e as portas fecharam-se de novo com estrondo. Do lado de dentro, Jackson saltou de novo para dentro da picape, enquanto Livingstone, sem parar, continuava até o pátio e galgava os dois degraus até ficar a poucos centímetros da porta da casa, que Mustafa, o criado de Justin, com notável previsão, abriu do lado de dentro, enquanto Woodrow empurrava Justin à sua frente, saltando depois para dentro do átrio e fechando a porta atrás de si.

A casa estava às escuras. Por respeito para com Tessa ou medo dos jornalistas, os criados tinham corrido o reposteiros. Os três homens pararam no átrio, Justin, Woodrow e Mustafa. Mustafa chorava em silêncio. Woodrow conseguiu entrever a sua cara amarfanhada, uma careta de dentes brancos, as lágrimas correndo largamente pela cara, quase até debaixo das orelhas. Justin agarrava-o pelos ombros e consolava-o. Woodrow ficou sobressaltado, e depois ofendido, por aquela demonstração de afecto da parte de Justin, tão pouco britânica. Justin apertou Mustafa contra si até as maxilas cerradas do criado descansarem no seu ombro. Embaraçado, Woodrow desviou os olhos. Ao fundo outras sombras tinham aparecido, vindas da área da criadagem: o rapazinho do Uganda, um shamba, que só tinha um braço e era clandestino, que ajudava Justin no jardim e cujo nome Woodrow nunca conseguira reter na memória, e a refugiada clandestina do Sul do Sudão que se chamava Esmeralda e estava sempre a arranjar sarilhos por causa dos homens. Tessa era tão sensível às histórias de amor como adversa aos interditos e regulações locais. As vezes a casa dela parecia um albergue pan-africano para deficientes e desvalidos. Woodrow censurava várias vezes Justin a esse respeito, mas só encontrara uma parede inamovível. Esmeralda era a única que não chorava. Tinha aquele ar de pedra que os brancos tomam por grosseria e indiferença. Mas Woodrow sabia que não era uma coisa nem outra. Era o reconhecimento de uma situação já vivida. Queria dizer: isto é a vida real. Isto é a dor, o ódio, as pessoas cortadas às postas. Isto é a vida de todos os dias,

a vida que nós conhecemos desde que nascemos e vocês, os Wazungu, não conhecem.

Afastando Mustafa suavemente, Justin recebeu Esmeralda num aperto de mão duplo, durante o qual ela encostou um lado da cabeça entrançada contra a testa dele. Woodrow teve a sensação de estar a ser admitido num círculo de afecto com que ele nunca sonhara. Seria possível alguma vez Juma chorar assim se cortassem o pescoço a Gloria? Chorava uma ova! Ou Ebediah? Ou a criada nova de Gloria, que nem sei como se chama? Justin apertou contra si o jovem do Uganda, acariciou-lhe a cara, depois voltou as costas a todos e agarrou firmemente com a mão direita o corrimão da escada. Revelando de súbito o velho que em breve seria, começou a subir escada acima, degrau a degrau. Woodrow viu-o chegar à sombra do patamar e desaparecer dentro do quarto em que Woodrow nunca entrara, embora tivesse desejado fazê-lo furtivamente em inúmeras ocasiões.

Uma vez sozinho, Woodrow hesitou, sentindo-se ameaçado, o que lhe acontecia sempre que entrava em casa dela: como um rapaz do campo acabado de chegar à cidade. Se isto é um cocktail, por que é que eu não conheço estas pessoas? Que causa é que nos vão pedir para apoiarmos esta noite? Em que sala estará ela? Onde está Bluhm? A seu lado, provavelmente. Ou na cozinha, fazendo rir os criados até o paroxismo. Lembrando-se do que o levava ali, Woodrow percorreu cautelosamente a penumbra do corredor até a porta da sala de estar. Não estava fechada à chave. Lâminas do sol da manhã esgueiravam-se através das cortinas, iluminando escudos e máscaras e frágeis tapeçarias feitas à mão por paraplégicos, com que Tessa conseguira dar vida ao consternante mobiliário oficial. Como conseguira ela tornar tudo tão bonito com aquela sucata? A lareira de tijolo é igual à nossa, encaixada em traves de ferro a fingir madeira de carvalho como na velha Inglaterra. Era tudo igual ao que nós tínhamos, em menor porque os Quayles não tinham filhos e eram de um grau inferior.

Então por que é que a casa de Tessa parecia sempre ser autêntica e a nossa uma espécie de irmã feia e sem imaginação?

Parou no centro da sala, travado pelo poder da memória. Aqui foi onde eu estive a ralar com ela, a filha de uma condessa, ao lado desta mesinha de embutidos de que a mãe gostava tanto, disse ela, enquanto eu me agarrava às costas desta frágil cadeira de pau-cetim, pontificando como um pai vitoriano. Tessa estava ali de pé em frente da janela e a luz do sol atravessava-lhe o vestido de algodão. Saberá ela que eu estava a falar com uma silhueta nua? Que só olhar para ela era materializar o meu sonho acerca dela, a minha rapariga na praia, a minha desconhecida num comboio?

— Pensei que o melhor que eu tinha a fazer era passar por aqui, — começa ele com severidade.

— E porque havia de pensar uma coisa dessas, Sandy? — pergunta ela.

São onze da manhã. A reunião da chancelaria já terminou, Justin foi despachado com limpeza para Kampala, para assistir a um desses encontros inúteis de três dias sobre Auxílio & Eficiência. Eu vim aqui para tratar dum assunto oficial mas deixei o carro numa rua lateral como um amante culpado de visita à jovem e bela esposa de um colega. E meu Deus, como ela é bonita! Meu Deus, como é jovem! A juventude daqueles seios altos e pequenos que não oscilam nunca... Como é que o Justin é capaz de a deixar sair da sua vista? A juventude daqueles olhos cinzentos, alargados pela indignação, daquele sorriso demasiado sagaz para a idade. Woodrow não pode ver o sorriso porque ela está em contra-luz. Mas pode ouvi-lo na voz dela. Uma voz trocista, astuciosa, cheia de classe. Ele é capaz de a reviver na memória em qualquer altura. Como pode reviver a linha da cintura e das coxas na silhueta nua dela, a fluidez do seu andar de fazer perder a cabeça, não admira que ela e Justin se tenham apaixonado um pelo outro — pertencem à mesma coudelaria de puro-sangues, com dez anos de diferença.

— Francamente, Tess, isto não pode continuar,

— Não me chame Tess.

— Porque não?

— Esse nome está reservado.

Para quem?, gostava ele de saber. Bluhm, ou outro qualquer dos seus amantes? Quayll nunca lhe chamava Tess. Nem Ghita, tanto quanto ele sabia.

— Não pode andar por aí a exprimir-se com tanta liberdade. Refiro-me às suas opiniões.

E depois a passagem que ele preparara de antemão, em que a advertia do seu dever como esposa responsável de um diplomata em exercício. Mas não conseguiu chegar ao fim. A palavra dever fê-la saltar.

— Sandy, o meu dever é para com a África. Qual é o seu?

Fica surpreendido por ter de responder a tal pergunta. — Para com o meu país, perdoe-me o tom pretensioso. Tal como Justin. Para com o Serviço e o meu Chefe de Missão. Chega-lhe a resposta?

— Bem sabe que não. Nem por sombras. Está a quilômetros de distância.

— Como é que hei-de saber uma coisa dessas?

— Julguei que tinha passado por aqui para me falar dos documentos alarmantes que eu lhe confiei.

— Não, Tessa, nada disso. Vim aqui para lhe pedir que pare de se exprimir dessa maneira acerca das malfeitorias do governo de Moi, perante todo o bicho-careta que passa por Nairobi. Vim aqui para lhe dizer que seja dos nossos para variar, em vez de... olhe, acabe a frase como entender, — disse ele secamente.

Teria eu falado com ela daquela maneira se soubesse que ela estava grávida? Provavelmente, não com tanta franqueza. Mas teria falado à mesma. Terei adivinhado que ela estava grávida, enquanto tentava não reparar na sua silhueta nua? Não, estava a desejá-la a um ponto quase insuportável, como ela podia verificar pela minha voz alterada e os meus movimentos rígidos.

— Então não os leu, — disse ela agarrando-se teimosamente ao assunto dos documentos. — Vai-me dizer daqui a nada que não

teve tempo.

— Claro que li.

— E qual é a sua opinião depois de os ter lido, Sandy?

— Não me dizem nada que eu não saiba e não há nada que eu possa fazer.

— Ali sim, Sandy? essa atitude é muito negativa. Pior: é pusilânime. Não pode fazer nada por quê?

E Woodrow, odiando o som das próprias palavras: — Porque somos diplomatas e não policiais, Tessa. Está a dizer que o governo Moi é totalmente corrupto. Nunca o pus em dúvida. A população está a morrer com AIDS, o país está na bancarrota, não há um único aspecto, do turismo à vida selvagem, à educação, aos transportes, à assistência, às comunicações, que não esteja a cair aos bocados devido à fraude, incompetência e negligência. Muito bem observado! Os ministros e os funcionários estão a desviar camiões cheios de comida e produtos farmacêuticos destinados aos refugiados que morrem de fome, por vezes com a conivência dos próprios funcionários das agências de auxílio, diz você. Claro que estão! Os gastos na saúde deste país resumem-se a cinco dólares por cabeça e por ano e isso é antes que toda a gente, desde cima até abaixo da hierarquia, tenha tirado o seu quinhão. já é rotina da polícia maltratar quem seja tão tanso que queira trazer esses assuntos à atenção do público. É outra verdade. A Tessa estudou os métodos deles. Diz que usam a tortura da água; ensopam as pessoas antes de as espancar, o que reduz as marcas visíveis. Tem razão. É o que eles fazem. Nisso não são seletivos. E nós não protestamos. Também alugam as armas a certos gangues de assassinos seus amigos, que têm de as devolver antes do nascer do sol, senão perdem o depósito. A Alta Comissão partilha da sua repulsa mas continuamos a não protestar. E porque não? Porque estamos aqui, graças a Deus, a representar o nosso país e não o deles. Temos trinta e cinco mil cidadãos britânicos no Quênia, cuja sobrevivência precária depende de um capricho do Presidente Moi. A Alta

Comissão não tem por objetivo tornar-lhes a vida ainda mais difícil do que já é.

— E tem os interesses dos negociantes britânicos a defender, — lembra ela com ironia.

— Isso não é nenhum pecado, Tessa — riposta ele, tentando arrancar o olhar da sombra dos seios dela através daquele sopro de vestido. — O comércio não é pecado. Os negócios com países em vias de desenvolvimento não são pecado. Em boa verdade, o comércio até ajuda o desenvolvimento. Torna possíveis as reformas, o gênero de reformas que todos desejamos. Ajuda a trazê-los para o mundo moderno. Dá-nos a nós a possibilidade de os ajudar a eles. Como é que podemos ajudar um país pobre se nós próprios não formos ricos?

— Isso é conversa da merda.

— Perdão?

Ela cortou imediatamente: — Então é: “Arquivar e passar adiante.” É isso? “Não tomar medidas, de momento. Assinado: Sandy.” ótimo! A mãe de todas as democracias revela-se mais uma vez como uma hipócrita mentirosa, que prega liberdade e direitos humanos para todos, menos quando isso a impede de ganhar uns cobres.

— Isso é de uma grande injustiça! Eu não discuto que a rapaziada do Moi é um bando de criminosos e o velho ainda aqui está para ficar. Mas há boas esperanças de futuro. Uma palavrinha dita ao ouvido certo, a cessação colectiva da prestação de auxílio da parte dos países doadores, a diplomacia silenciosa... Tudo isso está a ter o seu efeito. E Richard Leakey vai ser chamado ao Governo para pôr fim à corrupção e assegurar aos doadores que podem recomeçar o seu auxílio com a certeza que não vai servir para financiar as negociatas do Moi. — Dá-se conta que está a falar como um folheto oficial. O pior é que ela também deu conta, o que demonstra com um bocejo monumental.

— O Quênia pode não ter um grande presente mas tem certamente um grande futuro, — termina ele corajosamente. Espera

por um sinal recíproco dela que indique que ambos entraram numa espécie de tréguas, embora não destituída de espinhos.

Mas Tessa não é uma conciliadora — lembra-se ele, tarde demais, como o não é também Ghita, a sua amiga de peito. São ambas suficientemente jovens para julgar que existem verdades simples. — O documento que eu lhe dei indica nomes, datas e contas bancárias — insiste ela sem dó nem piedade. — Há ministros identificados pelos nomes e incriminados. Será isso também uma palavrinha no ouvido certo? Ou não está lá ninguém para escutar?

— Tessa...

Ela está a afastar-se dele, quando ele veio ali para se aproximar dela.

— Sandy?

— Eu percebo o seu ponto de vista. E dou-lhe toda a atenção. Mas por amor de Deus — regresse à terra! — está por acaso a sugerir que o Governo de Sua Majestade na pessoa de Bernard Pellegrin dirija uma caça as bruxas contra ministros devidamente acreditados do Governo do Quênia?! Quer dizer... meu Deus, não é como se nós britânicos estivéssemos sempre acima da corrupção. Imagine o que a Alta Comissão do Quênia em Londres nos vinha dizer para varreremos também diante da nossa porta?

— Isso é tudo uma treta e você bem o sabe! — corta Tessa, de olhos fuzilantes.

Woodrow não contara com Mustafa, que entra silenciosamente no alpendre. Com grande precisão começa por colocar uma mesinha a meio caminho entre os dois, depois um tabuleiro de prata com uma cafeteira de prata e o cestinho de prata da falecida mãe de Tessa cheio de bolachas de manteiga. A interrupção estimula evidentemente o sentido teatral sempre presente em Tessa que se ajoelha muito direita atrás da mesinha, de ombros para trás, o vestido esticado sobre os seios e vai pontuando o seu discurso com perguntas mordazes sobre as preferências dele,

— É simples, Sandy, ou com uma gota de leite — não me recordo? — pergunta com exagerada cortesia. Esta é maneira farisaica como nós vivemos — é o que ela quer dizer — um continente inteiro está a morrer à nossa porta e aqui estamos nós a tomar café numa bandeja de prata enquanto nesta rua mais abaixo há crianças passando fome, doentes morrendo e políticos corruptos arruinando a nação que foi levada ao engano e os elegeu. — Uma caça às bruxas — já que fala nisso — seria uma excelente maneira de começar. É nomeá-las, envergonhá-las, cortar-lhes as cabeças e espetá-las às portas da cidade, é a minha receita. O pior é que isso não resulta. Todos os anos a mesma Lista da Vergonha é publicada nos jornais de Nairobi e são sempre nos mesmos políticos quenianos que nela figuram. Ninguém é despedido, ninguém é levado a tribunal. — Entregue-lhe uma chávena, rodando sobre os joelhos. — Mas isso não o incomoda, pois não? Você é um homem do statu quo. Essa é a decisão que tomou. Ninguém lha impôs. Foi você que a escolheu. Você, Sandy. Um dia olhou para o espelho e pensou: — Olá! de hoje em diante vou tratar o mundo tal e qual como ele é. Vou obter as melhores vantagens que puder para a Inglaterra e vou chamar a isso o meu dever. Não interessa se esse dever é o que assegura a sobrevivência de um dos governos mais asquerosos do mundo. Seja como for, é o que eu vou fazer.

— Tessa oferece açúcar, que ele recusa em silêncio. — É por isso que não podemos estar de acordo, não acha? Eu quero denunciar esse estado de coisas. Você quer que eu enterre a cabeça onde você enterrou a sua. O que para uma mulher é um dever, para um homem é mais uma ocasião de fugir às responsabilidades. É o costume.

— E Justin? — Woodrow joga a sua última e inútil cartada. — Qual é o papel dele no meio de tudo isto, não me dirá?

Sentindo a ratoeira, ela fica rígida. — O Justin é o Justin, — responde cautelosamente. — Ele fez a sua escolha, como eu fiz a minha.

— E o Bluhm é o Bluhm, suponho, — comenta Woodrow com sarcasmo, levado pelo ciúme e a cólera a mencionar o nome que ele jurara a si mesmo nunca pronunciar em circunstância alguma. E, aparentemente, ela jurara não o ouvir. Com um autocontrole doloroso cerra a boca, à espera que ele se enterre ainda mais. O que ele não deixa de fazer. Em grande. — Não acha que anda a prejudicar a carreira do seu marido, por exemplo? — pergunta ele desdenhosamente.

— Foi para isso que veio ver-me?

— Basicamente, foi.

— Julguei que tinha vindo aqui para me salvar de mim mesma. Mas afinal parece que veio para salvar o Justin. Vejo que é amigo do seu amigo.

— Sempre imaginei que os interesses dele e os seus eram idênticos. Invasa pela cólera, ela solta uma risada tensa e sem humor. Mas, ao contrário de Woodrow, não perde o domínio de si mesma. — Meu Deus, Sandy, você deve ser a única pessoa em Nairobi que imagina uma coisa dessas! — Levanta-se.

O jogo terminou. — Agora acho que é melhor ir-se embora. As pessoas podem começar a falar de nós. Fique descansado, que eu não lhe mando mais documentos. Não posso permitir que você gaste mais a retalhadora de papel do Alto Comissário, não acha? Ainda podia vir a perder pontos para a sua promoção.

Revivendo aquela cena, como o vinha fazendo repetidamente durante os doze meses desde que ela tivera lugar, sentindo de novo aquela humilhação e a frustração e o olhar de desprezo dela nas suas costas enquanto ele se retirava, Woodrow abriu subrepticamente uma estreita gaveta na mesinha de embutidos de que a mãe dela tanto gostara e varreu com a mão o interior para agarrar tudo o que lá estivesse, Eu estava bêbado, estava louco, dizia a si mesmo tentando justificar aquele ato. Tive ânsia de fazer qualquer coisa de temerário. Estava a tentar fazer desabar o tecto por cima da cabeça para poder ver o céu limpo.

Uma folha de papel — era tudo o que ele pedia abrindo e fechando gavetas, passando os olhos e as mãos por prateleiras — uma simples folha de papel de carta azul do Serviço de Sua Majestade escrito só dum lado por mim, dizendo aquilo que não se pode dizer por palavras mas que por uma vez não pode dar lugar a equívocos, não a dizer se por um lado é assim, por outro não posso fazer nada acerca do assunto — e assinado, não S. ou S.W, mas Sandy numa letra legível e até o nome Woodrow em maiúsculas, para mostrar ao mundo inteiro e a Tessa Quayll que, durante cinco minutos de delírio, de volta ao seu escritório nessa mesma tarde, com a silhueta dela nua ainda na memória e um enorme copo de uísque ao lado, um certo apaixonado transido de timidez, um tal Sandy Woodrow, Chefe de Chancelaria na Alta Comissão Britânica em Nairobi, cometera um ato de loucura deliberado, calculado, único, pondo em risco carreira, mulher e filhos, num esforço inútil para pôr de acordo a sua vida e os seus sentimentos.

E, tendo escrito o que escreveu, meteu a dita carta num envelope de Sua Majestade e selou o dito envelope com uma língua a cheirar a uísque. Tendo nele escrito cuidadosamente a morada — e ignorando todas as vozes interiores do senso comum que lhe suplicavam que esperasse uma hora, um dia, outra encarnação, que bebesse outro scotch, metesse férias ou pelo menos mandasse a carta amanhã de— manhã depois de ter dormido sobre o assunto — levou-a em triunfo até o gabinete do correio da Alta Comissão, onde um empregado local de etnia Kkuyu chamado Jomo em honra do grande Kenyatta, sem inquirir por que um Chefe de Chancelaria haveria de enviar de próprio punho uma carta marcada PESSOAL à silhueta nua da linda rapariga que era esposa de um colega e subordinado, colocou-a numa pasta assinalada LOCAL e NÃO SECRETO, entoando obsequiosamente “Boa noite, Sr. Woodrow, Sir!” na direção das costas que se afastavam,

Cartões de Natal antigos.

Convites antigos marcados com uma cruz pela mão de Tessa significando “não”. Outros, mais enfaticamente, marcados “nunca”.

Um cartão desejando “melhoras” com aves indianas, de Ghita Pearson.

Um pedaço de fita, uma rolha de garrafa de vinho, uns tantos cartões de visita de diplomatas, presos por uma mola de metal.

Mas nenhuma folha azul de papel de carta de Sua Majestade acabando num rabisco triunfante: “Amo-a, amo-a e amo-a, Sandy.”

Woodrow deslizou rapidamente entre as últimas prateleiras, folheando livros ao acaso, abrindo caixinhas, aceitando a derrota. Domina-te, homem, ordenou, tentando transformar em boas as más notícias. Pronto: não há carta. E por que haveria? Tessa ao fim de doze meses provavelmente atirou-a para o cesto dos papéis no dia em que a recebeu. Uma mulher daquelas, provocante, um marido que é um banana, devem tentar engatá-la duas vezes por mês. Três vezes! Todas as semanas! Todos os dias! Estava a suar. Em África o suor brotava dele como uma chuva oleosa e depois secava. Ficou de pé, deixando cair a torrente, à escuta.

Que estará o raio do homem a fazer lá em cima? Devagar, para trás e para a frente? Papéis pessoais, dissera ele, Cartas de advogados. Que papéis guardaria ela lá em cima, demasiado pessoais para o andar de baixo? O telefone da sala estava a tocar. Estivera a tocar ininterruptamente desde que tinham entrado em casa, mas ele só agora dera por isso. Jornalistas? Amantes? Quero lá saber. Deixá-lo tocar. Estava a tentar reconstituir a planta do andar superior da sua casa e aplicá-la a esta. Justin encontrava-se precisamente por cima dele, à esquerda de quem sobe a escada. Havia um quarto de vestir, a casa de banho e depois o quarto de cama principal. Woodrow lembrou-se de ouvir Tessa dizer que convertera o quarto de vestir num escritório para ela: Não são só os homens que têm gabinetes, Sandy. Nós, as raparigas, também temos. — Dissera ela provocativamente como se estivesse a referir-se às partes do corpo. Em cima o ritmo mudara, Agora estás a escolher coisas a toda a volta do quarto. Que coisas? Documentos que são preciosos para ambos nós. E talvez para mim também,

pensou Woodrow, lembrando-se da sua imprudência com um engulho no estômago,

Descobrimo que se encontrava quase à janela que dava para o jardim das traseiras, afastou a cortina e viu maciços de arbustos em flor, o orgulho de Justin nos dias de “casa aberta” para os funcionários subalternos, em que servia morangos, natas e vinho branco fresco e os levava a visitar o seu Eliseu. “Um dia de jardinagem no Quênia vale dez dias na Inglaterra,,, costumava dizer durante as suas peregrinações por todo o jardim da Chancelaria oferecendo flores a rapazes e raparigas. Era o único assunto, vendo bem, acerca do qual alguém o ouvira gabar-se. Woodrow espreitou de lado, ao longo da colina. A casa dos Quayle ficava a pouca distância da sua. Dado o perfil da colina, de noite podiam ver-se as luzes uma da outra. O seu olhar procurou a janela de onde tantas vezes ele se sentira compelido a olhar nesta direção, De súbito, sentiu-se mais perto de chorar do que nunca sentira. O cabelo dela tocava-lhe o rosto. Era como se nadasse nos olhos dela, se sentisse o seu perfume e o doce aroma de erva morna que dela emanava quando dançavam juntos naquele Natal no Clube Muthaiga e por mero acidente o cabelo dela roçara o seu nariz. É das cortinas, percebeu, enquanto acabava de engolir as lágrimas. As cortinas mantiveram o perfume de Tessa e eu estou precisamente encostado a elas. Num impulso, agarrou-as em ambas as mãos, para nelas mergulhar o rosto.

— Obrigado, Sandy. Desculpa ter-te feito esperar.

Voltou-se de um salto afastando as cortinas. Justin apareceu na porta com um ar tão perturbado como Woodrow sentia ser o seu e trazendo uma pasta “de ministro” em couro amarelo do feitio de uma salsicha dupla, completamente cheia e muito arranhada, com fechos e cantos de latão.

— Então, tudo bem, meu caro? Saldada a dívida de honra? -, perguntou Woodrow entalado mas, como bom diplomata, recuperando o seu charme imediatamente. — Ótimo! Ora bem.

Encontraste tudo o que querias? É isso tudo? -Acho que sim. Sim, até certo ponto.

— Não pareces muito seguro.

— Não? É sem querer. Isto era do pai dela, — explicou indicando a pasta.

— Mais parece duma parteira, — disse Woodrow, muito camarada.

Fez um gesto para ajudar, mas Justin preferiu ser ele a levar o seu tesouro. Woodrow subiu para a picape, Justin seguiu-o e sentou-se com uma mão a volta das velhas asas de cabedal. Vindas de fora, ouviram-se as provocações dos repórteres:

— Sr. Quayle, acha que foi Bluhm que a matou?

— Ei. Justin, o meu jornal oferece uma pipa de massa...

Vindo da casa, por entre os toques do telefone, Woodrow julgou ouvir um choro de criança e apercebeu-se de que era Mustafa.

Capítulo 3

A princípio, a cobertura dada pela imprensa à morte de Tessa não fora nem por sombras tão calamitosa como Woodrow e o Alto Comissário tinham receado. Aqueles palermas que têm tanto jeito para inventar qualquer coisa onde não há nada, como observou Coleridge, parecem também capazes de não encontrar nada onde há qualquer coisa. E foi O que aconteceu, para começar. “Assassinos do Mato Degolam Esposa de Diplomata Britânico”, era o primeiro título das reportagens; e esta categórica manchete, escrita a toda a largura das folhas dos jornais e de cima abaixo nos tabloides era o que melhor se adaptava a um público esclarecido. Teciam-se considerações acerca dos riscos crescentes que corriam os agentes do Auxílio e Cooperação em todo o mundo, havia editoriais acerbos sobre a incapacidade das Nações Unidas de proteger os seus próprios colaboradores e a dificuldade cada vez maior em encontrar gente suficientemente corajosa para se alistar no serviço humanitário. Falava-se muito de tribos somali, procurando gente que pudessem devorar, de feitiçaria, de assassinatos rituais e o horripilante tráfico de peles humanas. Dava-se um significado especial à presença de gangues nômadas de imigrantes ilegais vindos do Sudão, da Somália e da Etiópia. Mas nem uma palavra sobre o fato irrefutável de que Tessa e Bluhm, à vista de hóspedes e empregados, tinham partilhado um bangalô na noite anterior ao crime. Bluhm aparecia como um “funcionário humanitário belga” — certo — um “conselheiro médico das Nações Unidas” — errado — um “especialista em doenças tropicais” — errado — e receava-se que tivesse sido raptado pelos assassinos, a fim de ser morto ou trocado por dinheiro.

A ligação entre o experiente Dr. Arnold Bluhm e a sua Jovem e bela protegida era considerada como empenho humanitário e mais nada. Noah só foi mencionado nas primeiras notícias e depois morreu uma segunda vez. O sangue dos negros, como qualquer

aprendiz de jornalista sabe, não constitui notícia, mas uma decapitação merece ser mencionada. Os projetores incidiam sem dó nem piedade sobre Tessa, a Rapariga da Alta Sociedade Formada em Direito pelas Mais Prestigiosas Instituições, a Princesa Diana dos Pobres de África, a Madre Teresa dos Bairros de Lata de Nairobi, e o Anjo do Foreign Office de Coração Generoso. Um editorial do Guardian centrava-se no fato de que a Mulher Diplomata do Milênio [sic] ter encontrado a morte no próprio Berço da Humanidade, as escavações Leakey e tirava daí a conclusão inquietante de que, embora as atitudes raciais tenham mudado, não podemos perscrutar os poços de selvajaria que se encontram nas mais fundas trevas do coração de cada homem. A peça perdeu algum do seu impacto quando um redator menos familiarizado com o continente africano situou a morte de Tessa nas margens do Lago Tanganika, em vez de Turkana.

Havia fotografias dela em abundância. Tessa, bebé sorridente ao colo do juiz seu pai, nos tempos em que Sua Excelência era um humilde advogado tratando de viver só com meio milhão de libras por ano. Tessa aos dez, de tranças e calças de montar, no seu colégio de menina rica, com um pónei ternurento ao fundo. (Agradou saber-se que, embora a mãe fosse uma condessa italiana, os pais tinham, sensatamente, optado por uma educação britânica para a filha.) Tessa adolescente, a Menina-de-ouro de biquini, com o seu pescoço ainda incólume artisticamente sublinhado pela pincelada de luz do editor fotográfico. Tessa picante, com o seu barrete de formatura à banda, toga acadêmica e minissaia. Tessa com o traje ridículo dos advogados britânicos, seguindo os passos do pai. Tessa no dia do casamento, ao lado de Justin, antigo estudante de Eton já com o seu velho sorriso de Eton.

Para com Justin, a imprensa demonstrara uma moderação pouco habitual, em parte porque não convinha que alguma coisa ensombrasse a imagem cintilante da heroína do momento e em parte porque havia muito pouco a dizer sobre ele. Justin era “um dos funcionários de estatuto intermédio do Foreign Office”, entenda-se

“manga de alpaca”, que antes de casar ajudara a manter alta a bandeira britânica em alguns dos lugares mais adversos do planeta, entre eles Aden e Beirute. Os colegas referiam-se benevolmente à sua calma em momentos de crise. Em Nairobi tinha chefiado um “fórum internacional de alta tecnologia” sobre o auxílio humanitário. Ninguém usara as palavras “modesto” ou “apagado”. Mas, ironicamente, havia montes de fotografias dele tanto antes como depois do casamento. Uma foto caseira mostrava um rapaz sério e introvertido que uma intuição futurologista poderia ver marcado como viúvo precoce. Tinha sido recortada de uma fotografia dos grupos de rãguebi de Eton, confessou ele à sua anfitriã, após alguma pressão.

— Não sabia que tinhas jogado rãguebi, Justin! Que coragem! — bradou Gloria, que se encarregara, todas as manhãs depois do pequeno-almoço, de lhe levar as notas de pêsames e os recortes de jornal que a Alta Comissão fizera seguir lá para casa.

— Não foi coragem nenhuma, — retorquiu ele numa daquelas manifestações de mau gênio que ela tanto apreciava. — Fui recrutado à força por um brutamontes de um prefeito que achava que não éramos homens enquanto não fôssemos cosidos a pontapés. O colégio não tinha nada que fornecer à imprensa essa fotografia! — e, acalmando: — Estou-te muito grato, Gloria.

Estava mesmo, por tudo e por nada, conforme ela relatou a Elena: pelas bebidas e refeições e pela sua cela de prisão; pelos passeios juntos no jardim e pequenas conferências sobre como transplantar dos vasos para os canteiros — elogiou especialmente o alisso, branco e roxo, que após um grande esforço de persuasão, ela resolvera finalmente plantar por baixo do bômbax — pela ajuda que ela lhe prestava a resolver detalhes do funeral que se aproximava, inclusive indo com Jackson inspecionar a casa funerária e o local da sepultura, visto Justin por ordem de Londres ser obrigado a ficar em casa até que o alvoroço acalmasse. Uma carta por fax do Foreign Office a este respeito, endereçada para Justin, enviada à Alta Comissão e assinada “Alison Landsbury Chefe

do Pessoal”, produzira sobre Gloria um violento efeito. Tempos depois, ela ainda não conseguia lembrar-se de outra ocasião em que tivesse estado tão perto de perder a cabeça.

— Justin, estás a ser tratado de uma forma ultrajante! ” entregar as chaves de sua casa até que sejam tomadas pelas Autoridades as medidas apropriadas,” minha Nossa Senhora, quais Autoridades?! As autoridades do Quênia?! Ou desses pés-chatos da Scotland Yard que ainda não se deram ao trabalho de te contatar?

— Mas Gloria, eu já estive lá em casa, — disse Justin, insistindo no esforço de a acalmar. — Para quê travar uma batalha que já está ganha? Quando é que temos de estar no cemitério?

— Às duas e meia. Mas temos de passar pela Casa Funerária Lee às duas. Amanhã manda-se o anúncio para os jornais.

— E ela fica ao lado de Garth.— Era o filho morto, a quem tinham dado o nome do juiz, pai de Tessa.

— O mais próximo possível, meu querido. Debaixo de um jacarandá. Com um rapazinho africano.

— Não sei como te agradecer, — disse ele pela milésima vez e, sem mais conversa, retirou-se para o andar de baixo com a sua mala de papéis.

A pasta era a sua consolação. Por duas vezes Gloria entrevira-o, pelas grades da janela que dava para o jardim, sentado na cama, imóvel, a cabeça entre as mãos, olhando fixamente para a pasta aos seus pés. Ela estava secretamente convencida — convicção que partilhara com Elena — que a pasta continha as cartas de amor de Bluhm. Ele salvara-as de olhares intrometidos — não graças a Sandy — e estava à espera de ter forças para decidir se havia de as queimar ou de as ler. Elena concordava, embora achasse que Tessa era uma doidivanas estúpida por tê-las guardado. — “Lê-las e queimá-las” é o meu lema, querida.

— Notando a relutância de Justin em afastar-se do quarto com medo de deixar a pasta sem guarda, Gloria sugeriu que ele a pusesse na reserva dos vinhos, que tinha como porta um

gradeamento de ferro que tornava ainda mais sinistro o ambiente de prisão do andar de baixo.

— Vai guardar a chave, Justin — e entregou-a num gesto cheio de grandeza de alma. — Aqui está. Quando Sandy quiser uma garrafa, vai ter que pedir a chave. Talvez assim beba menos.

Gradualmente, à medida que o tempo passava, Woodrow e Coleridge quase se persuadiram que o dique se mantivera solidamente intato. Ou Wolfgang impusera silêncio aos seus empregados e aos seus hóspedes, ou a imprensa estava tão obcecada com o local do crime que ninguém ainda se lembrara de ir inspecionar o Oasis, diziam um para o outro. Coleridge dirigiu-se pessoalmente a uma reunião dos membros mais antigos do Clube Muthaiga para lhes suplicar, em nome da solidariedade Anglo-Queniana, que remassem contra a maré dos mexericos. Woodrow proferiu uma homilia idêntica perante o pessoal da Alta Comissão. Seja qual for a nossa opinião pessoal, não devemos fazer nada que possa atear as chamas, insistiu ele, e estas sábias palavras, ditas com sinceridade, tiveram o seu efeito.

Mas era tudo uma ilusão, tal como Woodrow no fundo do seu coração de homem razoável tinha sabido desde o princípio. Na altura em que a imprensa parecia ter gasto todo o fôlego, um jornal diário belga publicou na primeira página um artigo em que acusava Tessa e Bluhm de uma “ligação apaixonada” e a fotocópia de uma página do livro de registos da Pousada Oasis, bem como declarações de testemunhas oculares sobre o par enamorado jantando em tête-à-tête na véspera da morte de Tessa. Os jornais de domingo tiveram um dia de atividade frenética; de um dia para o outro Bluhm tornou-se para os jornalistas numa figura a abater, com ordem de fogo à vontade. Até então tinha sido o Dr. Arnold Bluhm, o congolês que era filho adoptivo de um abastado casal de belgas de uma companhia mineira, educado em Kinshasa, em Bruxelas e na Sorbonne, médico monacal, residente das zonas de guerra, desinteressado curandeiro da Argélia. Dali para diante passou a ser Bluhm o sedutor, Bluhm o adúltero, Bluhm o tarado. Um artigo de

três páginas acerca de médicos assassinos de todos os tempos era seguido de retratos idênticos de Bluhm e O.J. Simpson com o cabeçalho sugestivo “Qual dos Gémeos é o Doutor?”. para certo gênero de leitor de jornais, Bluhm era o arquétipo do preto assassino, Tinha seduzido a mulher de um branco, tinha-lhe cortado as goelas, decapitado o motorista e fugido para o mato ou para fazer lá o que fazem estes pretos de aviário quando ouvem chamar a voz da Natureza. Para tornarem a comparação mais impressionante, tinham apagado a barba de Bluhm.

Gloria passara o dia a esconder as coisas piores da vista de Justin, receando que ele ficasse excessivamente perturbado. Mas ele insistiu em ver tudo, mesmo os detalhes mais sórdidos, de modo que ao fim da tarde e antes que Woodrow regressasse a casa, ela levou-lhe um uísque e relutantemente entregou-lhe o espalhafatoso monte de jornais. Ao entrar no recinto da prisão, teve a desagradável surpresa de encontrar o seu filho Harry sentado em frente de Justin a uma mesa de pinho desengonçada, ambos concentrados num jogo de xadrez. Sentiu-se envolvida numa onda de ciúme.

— Oh filho, mas que falta de consideração, estares a maçar o senhor Quayle, coitado, com uma partida de xadrez numa a altura em que...

Mas Justin interrompeu-a antes que ela acabasse a frase:

— O teu filho é astuto que nem uma serpente, Gloria, — declarou ele. -

O Sandy vai ter que ter cuidado, acredita. — Tirando-lhe os jornais da mão, sentou-se languidamente na cama e começou a percorrê-los. — O Arnold está perfeitamente ao corrente dos nossos preconceitos, sabes... — continuou ele, no mesmo tom distante. — Se está vivo, nada disto será surpresa para ele. Se não, também não se vai ralar, pois não?

Mas a imprensa tinha reservado um golpe muito mais fatal que nem Gloria nos seus momentos de maior pessimismo poderia ter previsto.

Entre a dúzia de boletins noticiosos vazios que o Alto Comissariado recebia — prospectos locais coloridos, publicados anonimamente e impressos à balda — havia um em particular que dera provas de uma capacidade de sobrevivência invulgar. Chamava-se, simplesmente, **ÁFRICA CORRUPTA**, e a sua política, se esse termo se podia aplicar aos impulsos turbulentos que pareciam governá-la, era remexer na lama sem atender a raça, cor, verdade ou consequências. Se gostava de expor atos de alegado roubo perpetrados por ministros e burocratas da administração Moi, estava igualmente à vontade para pôr a nu o “estilo de vida de nababo dos burocratas corruptos do auxílio humanitário”.

Mas o boletim em questão — desde sempre intitulado **Questão 64** — não se dedicava a nenhum desses assuntos. Estava impresso em ambos os lados de uma folha única de papel rosa shocking de um metro quadrado. Várias vezes dobrado, cabia perfeitamente num bolso de casaco. Uma larga tarja preta a toda a volta significava que os editores anônimos estavam de luto. O título consistia numa única palavra em letras negras de dez centímetros de altura: **TESSA**, e o exemplar de Woodrow foi-lhe entregue na tarde de sábado por nem mais nem menos do que Tim Donohue em pessoa, com o seu ar macilento, o seu cabelo eriçado, os seus óculos, o seu bigode, o seu metro e noventa. A campainha da porta tocou quando Woodrow estava no jardim num críquete de brincadeira com os rapazes. Gloria, que normalmente gostava de ser a guarda-meta, estava no quarto a voltas com uma dor de cabeça; Justin enfiado na sua cela com as cortinas corridas. Woodrow atravessou a casa e, suspeitando de alguma manha de jornalista, espreitou pelo olho-de-boi. Lá estava Donohue na soleira da porta com um sorriso comprometido na sua longa cara triste, abanando o que parecia ser um guardanapo cor-de-rosa para trás e para a frente.

— Estou verdadeiramente desolado por ter de o chatear, meu caro, sobretudo no Sábado Santo e essas coisas todas... Mas a bronca tinha que se dar.

Sem disfarçar a sua contrariedade Woodrow levou-o à sala. Que raio andaria agora o sacana do tipo a fazer? Por falar nisso, que andaria ele a fazer sempre? Woodrow sempre detestara os Amigalhaços, como lá no Ministério chamavam aos espiões. Donohue não era insinuante, não tinha, que se soubesse, conhecimentos linguísticos especiais, não fazia charme a ninguém. Para todos os efeitos parecia estar fora do prazo de utilidade. As suas horas de sol pareciam ser gastas no campo de golfe do Clube Muthaiga com os membros mais encorpados da comunidade dos negócios de Nairobi, as noites a jogar bridge. E contudo estava na maior, alugara uma mansão com quatro criados e tinha por mulher uma antiga beleza chamada Maud que tinha um ar tão doentio como ele. Seria Nairobi uma sinecura, uma recompensa ao fim de uma carreira distinta? Woodrow já ouvira dizer que os Amigalhaços faziam coisas dessas. Na opinião de Woodrow, Donohue era mais um peso morto numa profissão por definição parasítica e fora de moda.

— Um dos meus rapazes andava por acaso a passear pela praça do mercado, — explicou Donohue — Viu uns tipos a distribuir papéis com ar furtivo e resolveu que era melhor ficar com um.

A primeira página consistia em três elogios fúnebres de Tessa pretendendo ser escritos por três negras diferentes, todas amigas da morta. O estilo era afro-Inglês vernáculo: um pouco de sermão religioso, um pouco de agitação popular, tudo banhado num sentimentalismo desarmante. Cada uma das autoras proclamava, do seu ponto de vista pessoal, que Tessa tinha sido única. Com o seu dinheiro, família, educação e beleza, podia ter ficado lá no seu poleiro, em bailes e festas com os grandes defensores da supremacia branca. Mas em vez disso, ela era o contrário de tudo o que eles representavam. Tessa vivia em revolta contra a sua classe, a sua raça e tudo aquilo que ela achava que lhe prendia os movimentos, quer fosse a cor da sua pele, os preconceitos dos seus pares ou os limites de um casamento convencional adentro do Foreign Office.

— Como é que Justin se está a aguentar? — perguntou Donohue, enquanto Woodrow lia o folheto.

— Bem, muito obrigado, dadas as circunstâncias.

— Ouvi dizer que ele tinha ido a casa um dia destes.

— Quer-me deixar ler isto, ou não quer?

— Belo jogo de pés o seu, devo dizer, meu velho, para escapar àqueles vermes que estavam à porta. Devia juntar-se à nossa equipa. Ele está por aí?

— Está, mas não recebe ninguém.

Se a África era o país de adopção de Tessa, continuava o folheto, as mulheres africanas eram a sua religião.

Tessa lutava por nós em todos os campos, fossem quais fossem os tabus. Lutava durante as festas elegantes em que se bebia champanhe, durante os jantares finos e durante qualquer outra recepção para que tivessem a coragem de a convidar, e a sua mensagem era sempre a mesma. Só a emancipação das mulheres africanas poderia salvar-nos das asneiras e da corrupção dos nossos homens. E quando Tessa soube que estava grávida, insistiu em dar à luz o seu filho africano entre as mulheres africanas que ela amava.

Oh meu Deus, — exclamou Woodrow num sopro.

É um bocado o que eu achei, também, — concordou Donohue.

O último parágrafo aparecia em maiúsculas. Mecanicamente, Woodrow leu até o fim:

ADEUS, MÃE TESSA, SOMOS OS FILHOS DE SUA CORAGEM. OBRIGADO, MÃE TESSA, OBRIGADO POR SUA VIDA. ARNOLD BLUHM PODE ESTAR VIVO, MAS VOCÊ MORREU COM CERTEZA. QUANDO A RAINHA DA INGLATERRA CONCEDER CONDECORAÇÕES PÓSTUMAS, EM VEZ DE ELEVAR MR. PORTER COLERIDGE AO NÍVEL DE PAR DO REINO POR SEUS SERVIÇOS À COMPLACÊNCIA BRITÂNICA, ESPEREMOS QUE ELA LHE CONCEDA A VICTORIA CROSS, MÃE TESSA, NOSSA AMIGA, PELA INDOMÁVEL CORAGEM PERANTE A INTOLERÂNCIA PÓS-COLONIAL.

— A propósito, o melhor está do outro lado, — disse Donohue. Woodrow virou o papel.

O BEBÉ AFRICANO DE MÃE TESSA

Tessa Quayle nunca hesitou em pôr o seu corpo e a sua vida ao serviço das suas convicções. Esperava que outros fizessem o mesmo. Quando Tessa recolheu ao Hospital Uhuru, em Nairobi, o Dr. Arnold Bluhm, seu amigo íntimo, foi vê-la todos os dias e, segundo informações, a maior parte das noites, chegando a levar uma cama de campanha para poder dormir ao seu lado na enfermaria.

Woodrow dobrou o panfleto e meteu-o no bolso. — Acho que vou levar isto ao Porter, se não vê inconveniente. Posso ficar com isto, suponho?

— É todo seu, meu caro. Com os cumprimentos da Firma.

Woodrow dirigiu-se até a porta, mas Donohue não mostrou sinais de segui-lo.

— Não vem? — perguntou Woodrow.

— Acho que me vou demorar por aqui, se não se importa. Dizer as palavras que se impõem ao Justin, coitado do tipo. Onde está ele? Lá em cima?

— Julguei que tínhamos combinado que você não ia fazer isso.

— Ah sim, meu caro? Não há problema. Fica para outra vez. Isto é a sua casa, ele é o seu hóspede. Não tem por aí o Bluhm escondido em algum lugar, não?

— Não seja ridículo.

Impávido, Donohue aproximou-se de Woodrow e fez uma vênia dobrando os joelhos, em ar de brincadeira. — Não quer uma boleia? Só até a esquina. Evita-lhe tirar o carro para fora. E está demasiado calor para ir a pé.

Um pouco por temer que Donohue voltasse atrás para outra tentativa de falar com Justin, Woodrow aceitou a boleia deixando o seu carro no alto da colina. Porter e Veronica Coleridge estavam no jardim a apanhar sol. Ao fundo ficava a mansão estilo Surrey de imitação, à frente deles os relvados impecáveis e os canteiros

impecáveis próprios do jardim de um rico corretor da Bolsa. Coleridge ocupava o banco de balouço e lia papéis de uma pasta de documentos oficiais. A sua esposa, a loira Veronica, de saia azul bebé e chapéu de palha de abas caídas, estava estendida sobre a relva ao lado de um parque de criança acolchoado. Lá dentro, a filha de ambos, Rosie, rebolava de costas de um lado para o outro, admirando a ramaria de um carvalho através dos dedinhos, ao som duma canção que a mãe lhe cantarolava. Woodrow entregou o panfleto a Coleridge e esperou pelas exclamações. Não houve nenhuma.

— Quem é que lê esta merda?

— Todos os merdosos de cidade, acho eu — disse Woodrow sem expressão.

— Para onde irão a seguir?

— Para o hospital, — respondeu, com o coração apertado.

Enterrado numa cadeira de braços de veludo cotelê no escritório de Coleridge, ouvindo-o trocar frases cautelosas com o seu detestado superior em Londres pelo celular que Coleridge guardava à chave dentro da gaveta, Woodrow, numa espécie de sonho que havia de se repetir até a hora da sua morte, viu o seu corpo de homem branco, percorrer, em grandes passadas e a uma velocidade colonial, os átrios imensos e apinhados de gente do Hospital Uhuru, parando só para perguntar a quem estivesse de bata o caminho para as escadas, qual o andar, a enfermaria, o doente.

— Aquele palerma do Pellegrin diz para enfiarmos tudo debaixo do tapete, — anunciou Peter Coleridge desligando o telefone com raiva. — Enfiar tudo para bem longe e o mais depressa possível. O tapete mais espesso que pudermos encontrar. É típico!

Pela janela do escritório Woodrow viu Veronica levantar Rosie do parque e levá-la para casa. -Julguei que era isso mesmo que já estávamos fazendo — objetou ainda perdido no seu sonho.

— O que a Tessa fazia nos tempos livres era com ela. O que inclui andar metida com o Bluhm e com quaisquer outras nobres

causas. Não oficialmente (e só se nos perguntarem), respeitávamos as suas cruzadas mas as considerávamos mal informadas e fantasiosas. Além disso não fazemos comentários sobre declarações irresponsáveis apresentadas pela imprensa mais sórdida. — Pausa, enquanto lutava contra a repugnância de si mesmo. — E temos de fazer constar que ela estava doida.

— Mas por que raio temos de fazer uma coisa dessas? — disse Woodrow acordando subitamente.

— Porquê, não é da nossa conta. Andava desequilibrada desde a morte do bebé e já era instável antes. Consultou um espreme-miolo em Londres, o que é bom para nós... Isto mete nojo! Detesto isto! Quando é o funeral?

— O meio da semana que vem, é o mais cedo possível.

— Não pode ser antes?

— Não.

— Por quê?

— Porque estamos à espera da autópsia e os funerais são marcados com antecedência.

— Vai um sherry?

— Não, obrigado. Acho que vou voltar para casa.

— O Ministério quer um discurso do tipo “longo-sofrimento”. Ela era a nossa cruz e nós a aguentamos corajosamente. Pode fazê-lo?

— Não, acho que não sou capaz.

— Eu também não. Tudo isto me mete asco!

A palavra escapara-lhe tão depressa, com uma convicção tão subversiva, que Woodrow começou por duvidar ter ouvido bem.

— Aquela merda do Pellegrin diz que o caso é um “chicote de três pontas” — continuou Coleridge num tom de indignado desprezo. — Ninguém pode duvidar, ninguém pode abster-se. Você aceita uma coisa destas?!

**Em inglês no texto: “three-line whip”. “Whip” (chicote), na linguagem do Parlamento inglês, é a lista dos assuntos a serem votados, enviada todas as semanas a cada um dos membros de um Partido. Cada tema é sublinhado conforme a sua*

importância: uma linha indica que não é esperada grande contestação, duas linhas que o assunto é bastante importante, três linhas que é muito importante e recomenda que todos os membros devem estar presentes e votar segundo a linha do Partido. (N. T.)

— Suponho que sim.

— Parabéns. Eu não sei se serei capaz. Qualquer declaração que ela tenha feito para o exterior, ela e Bluhm, juntos ou separadamente, seja a quem for, incluindo você e eu; qualquer obsessão que ela tenha tido acerca de qualquer assunto: animal, vegetal, político... ou farmacêutico... — Longa pausa insuportável durante a qual o olhar de Coleridge se pousou sobre ele com o fervor de um herético tentando arrastá-lo na traição — estão fora do nosso alvedrio e nós não sabemos absolutamente nada do assunto e queremos que se foda. Fiz-me entender ou quer que eu o escreva na parede com tinta invisível? Fez-se entender perfeitamente.

É que o Pellegrin insistiu em fazer-se entender por mim sem sombra de dúvida. Dúvidas é coisa que ele não tem.

— Claro. Nem outra coisa seria de esperar.

— Temos alguma cópia desses documentos que ela nunca lhe entregou? Que nós nunca vimos, nem tocamos, nem de qualquer maneira possa ter conspurcado as nossas consciências puras como um lírio?

— Tudo quanto ela nos deu foi entregue ao Pellegrin.

— Que espertos que nós fomos. E você, Sandy, anda bem disposto? De rabo alçado e tudo isso, apesar de os tempos estarem difíceis e de você ter o marido dela a viver em sua casa?

— Acho que sim. E você? — perguntou Woodrow, que nos últimos tempos, e encorajado por Gloria, tinha presenciado com bons olhos o alargamento do fosso entre Coleridge e Londres e meditado sobre a melhor maneira de explorar o caso.

— Eu não tenho muita certeza de andar tão bem disposto como isso, — respondeu Coleridge com uma franqueza que jamais demonstrara a Woodrow no passado. — Não tenho nada a certeza.

Para dizer a verdade, agora que penso nisso, estou mesmo muito incerto de poder seguir qualquer dessas diretrizes.

Não posso mesmo. Recuso-me. Por isso: merda para esse sacana desse filho da puta desse Bernard Pellegrin mais todas as suas obras. Merda e remerda. Além de que joga tênis pessimamente. Tenho de lho dizer o mais depressa possível.

Em qualquer outra ocasião Woodrow teria recebido com prazer uma prova tão evidente do cisma e feito o possível por alimentá-lo, mas as suas recordações do hospital andavam a atormentá-lo com uma nitidez a que ele não podia escapar e enchiam-no de hostilidade para com um mundo que o mantinha prisioneiro contra vontade. O caminho da residência do Alto Comissário até a sua própria não levou mais de dez minutos. Durante todo o trajeto foi um alvo móvel para cães que ladravam, crianças que corriam atrás dele a pedir “cinco xelins, cinco xelins” e motoristas bem intencionados que diminuían de velocidade para lhe oferecer boleia. Mas quando chegou à porta tinha revivido as horas mais desagradáveis da sua vida.

Existem seis camas na enfermaria do Hospital Uhuru, três de cada lado. Não têm lençóis nem almofadas. O chão é de cimento. Há uma claraboia mas está fechada. Estamos no inverno mas nem uma brisa passa pela sala e o cheiro a fezes e a desinfetante é tão violento que Woodrow tem a sensação de o estar não só a inalar como a ingerir. Tessa está deitada na cama do meio da parede da esquerda, dando de mamar a um bebé. Deliberadamente, ele olha em volta antes de olhar a ela. De um lado e doutro dela as camas estão vazias, só com velhos resguardos de borracha, abotoados aos colchões. Na parede da direita, na cama em frente, uma rapariga muito nova toda encolhida, com a cara sobre o colchão sem almofada, um braço nu pendente. Ao seu lado um adolescente acorocado com o olhar suplicante fixo na cara dela, que ele abana com um bocado de cartão. A seguir, uma mulher de cabelo branco com ar de grande dignidade, de óculos de tartaruga, está sentada

muito direita e lê uma Bíblia das Missões. Traz uma canga de algodão, do tipo que os turistas compram, à guisa de manta. Mais além, uma mulher com auscultadores franze o sobrolho para o que está a ouvir; tem um rosto esculpido pela dor e um ar profundamente devoto. Tudo isto Woodrow absorve de relance, como um espião, enquanto pelo canto do olho observa Tessa, perguntando a si mesmo se ela já o viu.

Mas Bluhm viu-o. Bluhm levantou a cabeça logo que Woodrow entrou, pouco à vontade, na sala. Bluhm levantou-se do seu lugar à cabeceira de Tessa, depois curvou-se para lhe sussurrar qualquer coisa ao ouvido antes de vir em silêncio ao seu encontro para lhe pegar na mão murmurando — Seja bem-vindo, — de homem para homem. Bem-vindo a quê, precisamente? A Tessa, da parte do seu amante? A este poço infernal empestado de sofrimento letárgico? Mas a resposta de Woodrow não passou de um “Prazer em vê-lo, Arnold” reverente, enquanto Bluhm se esgueirava discretamente para o corredor.

Quando dão de mamar aos filhos, segundo a limitada experiência de Woodrow, as mulheres inglesas costumam exercer um autocomedimento. Como Gloria fizera, de certeza. Abrem a camisa à frente como os homens, mas usam as suas artes para esconder o que está lá por trás. Mas naquele calor sufocante de África, Tessa não sente necessidade de ser pudica. Está nua até a cintura, tem pelas costas uma canga como a da velha negra e oferece à criança o seio esquerdo, com o seio direito livre, à espera. Tem um torso delgado e translúcido. Os seios, mesmo depois da gravidez, são tão leves e perfeitos como ele tantas vezes imaginou. A criança é negra, dum negro-azul contra a brancura marmórea da pele dela. Uma minúscula mãozinha negra descobriu o seio que a amamenta e amassa-o com uma sabedoria misteriosa, contemplada por Tessa. Por fim Tessa levanta devagar os grandes olhos cinzentos e fita Woodrow. Ele procura palavras que não encontra. Apoiando a mão esquerda na cabeceira da cama, inclina-se sobre ela e o bebé e beija-a na testa. Ao fazer aquele movimento, vê com

surpresa um bloco de notas no lado da cama onde Bluhm estivera sentado. Está equilibrado precariamente sobre uma mesinha pequena, junto com um copo de água que não parece muito fresca e duas esferográficas. O bloco está aberto e ela esteve a escrever nele, numa letra vaga e estiraçada, em que ele reconhece mal a letra elegante e bem alinhada que ele associa à figura de Tessa. Senta-se de lado sobre a cama enquanto pensa no que há-de dizer. Mas é Tessa quem fala primeiro. Após o estrangulamento da dor, a voz sai-lhe drogada e fraca mas estranhamente composta e alcançando o tom trocista que ela sempre lhe reservou:

— Chama-se Baraka, — diz ela. — Quer dizer “bênção”, como sabe.

— É um bonito nome.

— O bebé não é meu. — Woodrow não diz nada. — A mãe não pode amamentá-lo, — explica Tessa, numa voz lenta e sonhadora.

— O bebé tem muita sorte em tê-la a si — diz Woodrow galantemente.

— Como está, Tessa? Tenho estado tão preocupado que não pode imaginar. E tenho tanta pena... Quem está a tomar conta de você, além do Justin? A Ghita e quem mais?

— O Arnold.

— Quero dizer, além do Arnold, obviamente.

— Você disse-me uma vez que eu cultivo as coincidências, — diz ela, ignorando a pergunta dele. — Colocando-me na linha da frente, faço com que as coisas aconteçam.

— Disse com toda a minha admiração.

— Ainda me admira?

— Claro.

— Ela esta morrendo, — diz Tessa, tirando os olhos dele e olhando para o fundo do quarto. — Falo da mãe do bebé, Wanza. — Está a olhar para a mulher do braço pendurado e o rapaz silencioso acocorado no chão ao lado dela.

— Vá lá, Sandy. Não pergunta “de quê”?

— De quê? — pergunta ele, obedientemente.

— Da vida. Daquilo que, como nos dizem os Budistas, é a primeira causa da morte. Sobrepopulação. Subnutrição. Condições de vida miseráveis. — Está a falar para a criança. — E ganância. Neste caso, homens gananciosos. Só por milagre não te mataram também. Mas não mataram, pois não? Nos primeiros dias vinham vê-la duas vezes por dia. Estavam aterrados.

— Quem?

— As coincidências. A gente gananciosa. De belas batas brancas. Observavam-na, espicaçavam-na um pouco, liam os números, falavam com as enfermeiras. Agora deixaram de aparecer. — A criança está a magoá-la. Tessa ajusta-a com ternura e retoma a conversa. — Para Cristo, era muito fácil. Podia sentar-se à cabeceira dos moribundos, dizer as palavras mágicas, as pessoas ficavam boas e toda a gente aplaudia. As coincidências não podem fazer o mesmo. É por isso que se foram embora. Mataram-na e agora não conhecem as palavras mágicas.

— Coitados. — disse Woodrow para entrar no jogo dela.

— Não! — Volta a cabeça com um estremecimento e indica o fundo da sala.

— Coitados daqueles, Wanza e o pobre rapaz ali no chão, Koko, o irmão dela. Andou oitenta quilômetros a pé desde a aldeia onde vive para te sacudir das moscas, não foi? — diz ela ao bebé e, deitando-o sobre o ombro, dá-lhe pancadinhas nas costas até ele arrotar. Depois levanta com a palma da mão o outro seio e dá para mamar.

— Escute, Tessa. — Woodrow vê-a medi-lo com os olhos. Ela conhece aquele tom de voz. Conhece todos os seus tons de voz. Woodrow vê a sombra da suspeita passar pela face dela e parar. Ela mandou me chamar porque precisava de mim, mas agora lembrou-se de quem eu sou. — Tessa, escute por favor. Ninguém está morrendo. Ninguém matou ninguém. Tessa está febril, está imaginando coisas. Está terrivelmente cansada. Deixe passar um tempo. Descanse, por favor. Vá lá... por favor!

Ela volta a olhar para a criança, afaga a pequena bochecha com a ponta do dedo: — És a coisa mais bonita em que eu jamais toquei na vida — murmura ela. — Nunca te esqueças disso.

— Não esquece de certeza, — diz Woodrow com entusiasmo, e a voz dele recorda a Tessa a sua presença.

— Como vai a estufa? — era como ela chamava à Alta Comissão.

— De vento em popa.

— Vocês bem podiam todos fazer as malas e ir embora amanhã. Não faria a mínima diferença. — disse ela num tom vago.

— É o que me está sempre a dizer.

— A África está aqui. Vocês estão em outro lugar.

— Havemos de discutir isso quando estiver mais forte, — sugere Woodrow no seu tom mais conciliador.

— Acha que podemos?

— Claro.

— E você ouve-me?

— Como um falcão.

— E então vamos contar-lhe tudo acerca das coincidências gananciosas de bata branca. E vai acreditar em nós. Combinado?

— Nós, quem?

— Arnold.

À menção de Bluhm, Woodrow sentiu-se voltar à terra. — Farei o que puder dentro das circunstâncias. Seja do que for que se trate. Dentro do razoável. Prometo. Agora tente descansar. Por favor...

Ela reflete no que ouviu. — Ele promete fazer o que puder dadas as circunstâncias, — explica ela ao bebé. — E dentro do razoável. Bom, é de homem... Como está a Gloria?

— Extremamente preocupada. Manda saudades.

Tessa solta um suspiro lento de exaustão e, com o bebé sempre ao peito, afunda-se nas almofadas e fecha os olhos. — Então vá para casa ter com ela. E não me escreva mais cartas — diz ela. — E não chateie a Ghita. Ela também não vai na conversa.

Ele levanta-se e sai, esperando por qualquer razão ver Bluhm à porta, na posição que mais detesta: encostado calmamente à ombreira da porta, as mãos entaladas à cowboy no cinto artisticamente trabalhado, exibindo o seu sorriso de dentes brancos dentro da pretensiosa barba negra. Mas à porta não está ninguém, o corredor escuro e sem janelas parece um abrigo antiaéreo, iluminado por uma fila de lâmpadas de fraca potência. Enquanto abre caminho por entre as macas de rodas empenadas carregadas de corpos deitados, com o cheiro do sangue e dos excrementos misturado com o cheiro adocicado a cavalo que é o de África, Woodrow pensa se não fará esta miséria parte do que torna Tessa tão atraente: passei a vida a fugir à realidade, mas por causa de Tessa é esta realidade que me atrai.

Chega a uma interseção de corredores apinhada de gente e vê Bluhm travando uma conversa acesa com outro homem, Ouve primeiro a voz de Bluhm

— embora não entenda as palavras — estridente e acusatória, ecoando nas traves de metal. A seguir o outro homem responde. Há pessoas que, vistas uma vez, nos ficam para sempre na memória. Para Woodrow, esta é uma delas. O homem é entroncado e barrigudo, com um rosto carnudo e lúcido que apresenta uma expressão de abjecto desespero. O cabelo, de um amarelo alaranjado, alastra parcamente pela careca escaldada pelo sol. Tem uma boquinha apertada em cu de galinha, com que nega e suplica. Os olhos, arregalados de mágoa, exprimem um horror que ambos os homens parecem partilhar. As mãos sardentas são muito fortes, a camisa de caqui manchada de ondas de suor que alastraram à volta do colarinho. O resto está escondido sob uma vasta bata branca de médico.

E então vamos contar-lhe tudo acerca das coincidências gananciosas de bata branca.

Woodrow avança furtivamente. Está quase em cima deles, mas nem voltam a cabeça. Estão demasiado concentrados a discutir. Ele

passa sem ser notado, as vozes levantadas perdem-se no barulho em redor.

O carro de Donohue estava de novo na entrada para a casa. Woodrow sentiu-se doente de raiva. Subiu até o quarto numa fúria, passou-se pelo chuveiro, enfiou uma camisa lavada e continuou a sentir-se furioso. A casa estava inusitadamente calma para um sábado e quando olhou pela janela da casa de banho percebeu por quê. Donohue, Justin, Gloria e os rapazes estavam no jardim sentados à mesa a jogar ao Monopólio. Woodrow detestava tudo quanto fosse jogo de tabuleiro, mas pelo Monopólio sentia um ódio despropositado, análogo ao seu ódio pelos Amigalhões e por todos os outros membros dessa dilatada corporação que eram os Serviços Secretos da Grã-Bretanha. Que diabo quer ele dizer com isto de aparecer aqui dez minutos depois de eu lhe ter dito para se manter à distância, foda-se! E que estranho marido é aquele que se instala alegremente a jogar Monopólio poucos dias após a mulher ter sido morta à facada? Woodrow e Gloria costumavam dizer, citando um provérbio chinês, que os hóspedes em casa eram como o peixe: ao fim de três dias começavam a cheirar mal. Mas Justin estava a tornar-se cada vez mais bem cheiroso para Gloria em cada dia que passava.

Woodrow desceu, foi até a cozinha e olhou pela janela. Não havia criados, claro, ao sábado à tarde. É muito mais agradável sermos só nós, querido. Só que isto não é nós é vocês. E tu pareces muito mais feliz com dois cavalheiros de meia-idade a babarem-se por ti, do que pareces quando estás só comigo.

À mesa de jogo, Justin tinha aterrado em rua alheia e estava a pagar um ror de massa de aluguer, enquanto Gloria e os rapazes guinchavam de prazer e Donohue declarava que já não era sem tempo. Justin trazia o seu chapéu de palha idiota que, como tudo o que ele usava, lhe ficava perfeitamente. Woodrow encheu a chaleira e pô-la ao lume. Vou levar-lhes chá, para saberem que regresssei a casa — isto é, partindo do princípio que não estão tão absortos uns com os outros que nem sequer reparam. Mudando de ideias, dirigiu-

se energicamente para o jardim e marchou a passo estugado até a mesa.

— Justin, desculpa interromper. Podes dar-me uma palavrinha?
— E para os outros — a minha família está a olhar para mim como se eu tivesse acabado de violar a criada de fora: — Não venho acabar com nada, malta. É só um minuto. Quem é que está a ganhar?

— Ninguém, — disse Gloria secamente, enquanto Donohue, em segundo plano, sorria com o seu bigode desgrenhado.

Os dois homens estavam na cela de Justin. Se o jardim não estivesse ocupado, Justin tinha preferido o jardim. Assim, ficaram de pé um em frente do outro no quarto acanhado, com a maleta de Tessa — Ou por outra, a pasta do pai de Tessa pousada atrás da grade. A minha adega. Com a chave dele. A pasta do ilustre pai dela. Mas quando começou a falar, ficou alarmado ao ver transformar-se tudo o que o rodeava. Em vez da cama de ferro, viu a mesa de embutidos que a mãe dela adorava. E por trás, a lareira de tijolo com cartões de convite em cima. E ao fundo do quarto, onde as falsas traves pareciam convergir, a silhueta nua de Tessa em frente da porta envidraçada. Fez um esforço para voltar ao tempo presente e a ilusão dissipou-se.

— Justin.

— Diz, Sandy.

Mas pela segunda vez, no espaço de poucos minutos, afastou-se da confrontação que planejava. — Um dos jornais locais está a publicar uma espécie de líber amicorum acerca da Tessa.

É simpático da parte deles.

Traz uma série de coisas acerca do Bluhm que não dão margem a dúvidas. Sugere que foi ele próprio que assistiu ao parto. E dá a entender, sem grande hesitação, que o bebé também devia ser dele. Lamento muito.

— Referes-te ao Garth?

— exato.

A voz de Justin estava tensa e, aos ouvidos de Woodrow, tão perto do abismo como a sua. — Bom, essa é uma conjectura em que muita gente tem vindo a apostar de tempos a tempos nos últimos meses, Sandy, e no clima atual sem dúvida vai surgir mais vezes.

Embora Woodrow lhe tivesse dado uma oportunidade, Justin não sugerira sequer que a conjectura estivesse errada. Isto impeliu Woodrow a aplicar ainda mais pressão. Era como se o guiasse uma sensação interior de culpa.

— Sugerem também que Bluhm chegou ao ponto de levar uma cama de campanha para a enfermaria para dormir junto dela.

— E a partilhamos.

— Perdão?

— Às vezes Arnold dormia lá, outras vezes dormia eu. Fazíamos turnos, segundo o trabalho que tínhamos.

— Então não se importa?

— Com o quê?

— Que digam estas coisas sobre eles, que ele lhe dava tantas atenções com seu consentimento, ao que parece — enquanto aqui em Nairobi ela se comportava como sua mulher.

— Se comportava?! Ela era minha mulher, raios o partam!

Woodrow não contara com a ira de Justin, como também não contara com a de Coleridge. Estivera absorto demais na sua própria ira. Não elevara o tom de voz e na cozinha com Coleridge conseguira aliviar a tensão com um encolher de ombros. Mas a explosão de Justin caiu-lhe em cima como um raio e o assustou. Esperava que Justin se mostrasse contrito e — por que não dizer? — humilhado; não esperava aquela resistência armada.

— O que você está me perguntando precisamente? — inquiriu Justin. — Acho que não estou entendendo.

— Eu preciso saber, Justin. Só isso.

— Saber o quê? Se eu controlava minha mulher?

Woodrow estava pedindo e recuando ao mesmo tempo. — Ouça, Justin... quer dizer, tente ver as coisas do meu ponto de

vista... só por um momento, está bem? A imprensa mundial vai pegar isso. Tenho direito de saber.

— Saber o quê?

— Em que mais Tessa e Bluhm andavam metidos, que vai estar na primeira página dos jornais de amanhã... amanhã e nas próximas seis semanas — terminou, cheio de pena de si mesmo.

— Como, por exemplo?

— Bluhm era o guru dela. Era isso, não é verdade? Além do resto.

— E então?

— Então, defendiam as mesmas causas. Farejavam pistas, descobriam abusos. Direitos humanos e coisas assim. O Bluhm faz o papel de cão de guarda, é ou não é? Pelo menos, os funcionários dele não fazem outra coisa. E por isso a Tessa, — estava perdendo o fio à meada e Justin o observava — a Tessa o ajudava. É perfeitamente natural, naquelas circunstâncias. E os seus conhecimentos como advogada podiam ser úteis.

— Importa-se de dizer aonde quer chegar?

— Os papéis dela. Só isso. Os documentos em sua posse. Aqueles que você foi buscar. Que fomos buscar juntos.

— E então, o que têm eles?

Woodrow tentou recompor-se: — Sou seu superior, pelo amor de Deus, não estou pedindo nenhum favor. Vamos pôr-nos cada um no seu lugar, está bem?

— É que preciso ter sua garantia de que quaisquer documentos que ela tenha reunido a favor lá das causas dela... na qualidade de sua mulher, aqui, gozando de estatuto diplomático... ao abrigo do Governo de Sua Majestade... serão entregues ao Foreign Office. Foi nessa base que eu o levei a sua casa na terça-feira passada. De outro modo, não teríamos ido.

Justin mantivera-se imóvel. Não mexera um dedo nem pestanejara ao ouvir Woodrow fazer aquela reflexão tardia que nada tinha a ver com a verdade.

— Quanto à outra garantia que eu peço, acho que é evidente...
— continuou Woodrow.

— Que outra garantia?

— Sua completa descrição sobre o assunto. seja o que for que saiba das atividades dela... atos de agitação, aquele trabalho por assim dizer de ajuda humanitária, que saiu fora de controle.

— Controlo de quem?

— Só quero dizer, seja como for que ela tenha penetrado em território oficial, tu estás tão sujeito às regras da confidencialidade como qualquer de nós. Desculpa, mas isto é uma ordem que vem de cima. — Estava a tentar levar o caso para a brincadeira mas nenhum dos dois sorria. — É uma ordem do Pellegrin.

E você, Sandy, anda bem disposto? Apesar de os tempos estarem difíceis e de você ter o marido dela a viver em sua casa?

Por fim Justin falou. — Obrigado, Sandy. Aprecio tudo o que fizeste por mim. Agradeço-te teres-me deixado visitar a minha própria casa. Mas agora tenho de ir receber rendas em Piccadilly, onde parece que possuo um hotel de três estrelas.

E dito isto, para espanto de Woodrow, voltou para o jardim e, sentando-se no seu lugar ao lado de Donohue, retomou a partida de Monopólio onde a tinha deixado.

Capítulo 4

Os policiais ingleses tinham sido amorosos, dissera Gloria e, se Woodrow não concordava com ela, não o demonstrou. O próprio Porter Coleridge, embora parcimonioso ao descrever o seu encontro com eles, declarou-os “surpreendentemente civilizados, considerando que eram uns cabrões”. Mas o aspecto mais simpático, como comunicou Gloria a Elena pelo telefone do seu quarto, depois de os ter conduzido à sala, no início do segundo dia de interrogatório de Justin — a coisa mais simpática, El, juro, é que se sentia realmente que estavam ali para ajudar, e não para carregar mais dor e mais vergonha sobre os ombros do Justin, coitado. O mais novo, Rob, era um pêssego — o rapaz não deve ter mais de vinte e cinco anos, por aí! “Rapaz” enfim, homem! Parecia um ator, daqueles muito sóbrios, só queria que o visses a imitar os policiais de Nairobi com quem eles têm de trabalhar! E a Lesley, que é uma mulher, querida, imagina!, o que tomou toda a gente de surpresa e mostra como nós sabemos pouco da verdadeira Inglaterra de hoje em dia; a roupa, não propriamente da última estação, mas tirando isso, francamente, ninguém diria que ela não teve o nosso gênero de educação. Não pela maneira de falar, claro, porque já ninguém se atreve a falar da maneira como nós fomos educadas. Mas completamente à vontade no salão, muito descontraída e senhora de si, e até simpática, com um sorriso agradável e alguns cabelos brancos que ela não pinta, aliás com muito bom senso; e tem aquilo que o Sandy chama “uma calma porreira”, de modo que uma pessoa não tem de estar sempre a pensar no que ela há-de dizer quando eles encostam à box para deixar o pobre do Justin respirar um pouco. O problema é que eu não fazia a menor ideia do que se estava a passar entre eles, porque não podia ficar todo o dia na cozinha com o ouvido encostado ao postigo de serviço, ainda para mais com os criados a ver, não te parece, El?

Mas se o teor das discussões entre Justin e os dois policiais escapava a Gloria, pior acontecia com as conversas entre eles e o

marido, pela boa razão de que ele lhe ocultara o simples fato de elas terem lugar.

A troca de palavras de abertura entre Woodrow e os dois agentes foi um exemplo de boa educação. Os agentes disseram que compreendiam a delicadeza da missão de que estavam incumbidos, que não deviam nem queriam levantar o véu sobre a comunidade branca de Nairobi, etc., etc. Por seu lado Woodrow assegurou a cooperação de todo o seu pessoal e a disponibilidade dos serviços correspondentes, amém. Os agentes prometeram manter Woodrow a par das investigações, na medida em que isso fosse compatível com as instruções recebidas dos seus chefes. Woodrow fez notar, prazenteiro, que estavam todos ao serviço da mesma Rainha; e sendo assim, porque não tratarem-se pelo nome próprio, Rob?

— Ora então quais são as atribuições profissionais de Justin aqui na Alta Comissão, Sr. Woodrow? — perguntou o jovem Rob delicadamente, como se não tivesse ouvido aquele apelo a uma maior intimidade.

Rob era um típico corredor de fundo londrino, todo ele ouvidos, joelhos, cotovelos e força de caráter. Lesley, que bem poderia ser a sua irmã mais velha e mais esperta, trazia um saco que Woodrow imaginou, com um sorriso divertido, conter os objetos necessários a Rob na pista de corrida — tintura de iodo, pastilhas de sal, atacadores de reserva para os sapatos — mas que na verdade, tanto quanto pôde verificar, não continham mais do que um gravador, cassetes e uma coleção colorida de blocos para notas e para estenografia.

Woodrow pareceu meditar na resposta, assumindo o judicioso franzir de sobrancelhas que indicavam o profissional. — Bom, para começar é o nosso Antigo Etoniano de estimação — disse ele e todos apreciaram aquela boa piada.

— Basicamente, Rob, é o representante britânico no Comitê para a Eficiência dos Donativos na África Oriental, também conhecido pelo acrônimo CEDAO, — e continuou, usando a clareza indicada para a inteligência limitada de Rob.

— O “E” queria dizer, na origem, Eficácia mas, como era uma palavra pouco familiar para a maioria da gente daqui, optamos por uma palavra mais simples.

— E o que faz esse Comitê?

— O CEDAO é uma organização de consulta relativamente recente, Rob, baseada aqui em Nairobi. Compreende representantes de todos os países que fornecem ajuda, socorro e auxílio à África Oriental, seja de que forma for. Os seus membros são provenientes das Embaixadas e Altas Comissões de cada país-doador; o Comitê reúne uma vez por semana e emite um relatório de quinze em quinze dias.

— Para quem? — disse Rob, escrevendo.

— Para todos os países membros, obviamente.

— E acerca de quê?

— Como o título dá a entender, — disse Woodrow pacientemente, levando em conta a falta de subtileza do rapaz — promove a eficácia ou eficiência no campo do Auxílio Humanitário. Nesse campo, a eficiência é o primeiro objetivo. A caridade é um dado adquirido, — acrescentou, com um sorriso desarmante que dava a entender como todos éramos caritativos. — O CEDAO ocupa-se especialmente da espinhosa questão de saber qual a percentagem de cada dólar de cada um dos países doadores que chega realmente ao seu destino e quantas duplicações ruinosas, esbanjamento e espírito de competição negativo existem entre as agências que se encontram em campo. O que tem a ver, como todos temos, aliás, com os três Rs do Auxílio Humanitário: Reduplicação, Rivalidade e Racionalização. O CEDAO equilibra as despesas gerais com a produtividade e — com o sorriso benevolente de quem outorga sabedoria — faz recomendações ou sugestões, dado que (ao contrário de vocês) não tem poderes executivos, nem o poder de fazer cumprir o que quer que seja,

— Um gracioso inclinar de cabeça anunciava uma pequena confiança: — Não tenho a certeza de que tivesse sido a ideia melhor do mundo, aqui entre nós, Mas foi uma ideia que nasceu na

cabeça do nosso querido Ministro dos Negócios Estrangeiros, ia ao encontro de pedidos de maior transparência, de uma política externa mais ética e de outras panaceias duvidosas dos dias de hoje e por isso demos-lhe um forte empurrão. Há quem diga que era a ONU que devia tratar dessa incumbência. Outros dizem que a ONU já o faz. E até há outros que dizem que a ONU faz parte do problema. Escolha a sua versão.

— Um encolher de ombros depreciativo convidava-os a seguir o conselho.

— Qual problema? — perguntou Rob.

— O CEDAO não está autorizado a fazer investigações no terreno. Mas a corrupção é o fator maior com que tem de se contar, quando se começa a comparar o que se gastou com o que se conseguiu realizar. Não deve ser confundida com o desperdício natural e a incompetência, mas é um mal afim.

— Procurou uma analogia terra a terra. — Vejamos, por exemplo, a velha rede de distribuição de água britânica, construída em 1890, mais coisa menos coisa. A água sai do reservatório. Parte dela, com um bocado de sorte, chega até a nossa torneira. Mas pelo caminho passa por vários canos cheios de buracos. Ora, quando essa água é oferecida graças ao bom coração do contribuinte, não se pode deixá-la perder-se no solo, não é verdade? Sobretudo quando se depende do eleitor inconstante para se manter o emprego.

— Esse comitê, com que espécie de pessoas contata?

— Diplomatas de carreira. Aqui em Nairobi são escolhidos entre a comunidade internacional. Sobretudo, de conselheiros de embaixada para cima. Há um ou outro Primeiro Secretário, mas são raros. — Pareceu achar que isto precisava de mais explicações. — O CEDAO, na minha opinião, tem de ser prestigiado. A cabeça bem alta, lá nas nuvens. Se se deixasse arrastar até o nível do trabalho de campo, acabaria por ser uma espécie de super Organização Não Governamental — aquilo a que você, Rob, chama ONG, — e padecer dos mesmos males. É uma opinião de que não abduco. Está

bem que aqui em Nairobi o CEDAO esteja atento ao que se passa. É óbvio. Mas continua a não passar de um grupo de estudo e deve preservar um ponto de vista desapassionado. É absolutamente vital que continue a ser — se me permite uma expressão que eu próprio inventei — uma zona liberta de emoções. E Justin é o secretário do comitê. Por nenhuma razão em especial, é por turnos. Ele reúne as minutas, coleciona as investigações e redige os relatórios quinzenais.

— Tessa não era uma zona liberta de emoções — objetou Rob depois de pensar um momento. — Tessa era emoção da cabeça aos pés, pelo que temos ouvido.

— Desconfio que tem andado a ler demasiados jornais, Rob.

— Nada disso. Tenho andado a ler os relatórios de campo dela. Andava ali metida de mangas arregaçadas. Merda até os cotovelos, quer de dia quer de noite.

— Isso é sem dúvida necessário. E muito louvável. Mas não leva a uma verdadeira objetividade, que é a primeira responsabilidade de um comitê como organismo de consulta internacional, — disse Woodrow com bonomia, ignorando aquela incursão por uma linguagem desbocada, como costumava fazer em relação ao seu Alto Comissário — a um nível inteiramente diferente, claro.

— Então os Quayle não seguiam o mesmo caminho, — concluiu Rob, recostando-se na cadeira e dando pancadinhas nos dentes com o lápis. — Ele era objetivo, ela era apaixonada. Ele seguia a via segura do centro, ela investigava as margens perigosas. Agora estou a perceber. Aliás, acho que já tinha percebido. Mas então qual é o papel do Bluhm em tudo isso?

— Em que sentido?

— Bluhm! Arnold Bluhm. O médico. Qual é o lugar dele no esquema de vida da Tessa e do seu?

Woodrow fez um pequeno sorriso, perdoando aquela embaraçosa formulação. O meu estilo de vida? Que é que a minha vida tem a ver com a dela?

— Temos aqui uma grande variedade de organizações financiadas por donativos, como sabe com certeza. Todas sustentadas por diferentes países e fundadas por todo o gênero de grupos de caridade e outros. O nosso bravo presidente Moi detesta-os a todos en bloco.

— Por quê?

— Porque fazem o que o governo do Quênia devia fazer se estivesse a fazer o que devia. Além disso conseguem fintar os sistemas montados de corrupção.

A organização do Bluhm é modesta, é belga, de fundos privados e médica. É tudo o que eu lhe posso dizer, — acrescentou, com uma sinceridade que os convidava a partilhar com ele a sua ignorância acerca do caso.

Mas eles não pareciam fáceis de convencer.

— É uma brigada de cães de guarda, — informou Rob sem rodeios. — Os médicos de lá dão uma volta por todas as outras ONGs, visitam clínicas, verificam diagnósticos e corrigem-nos. Por exemplo: “isto talvez não seja malária, doutor, talvez seja câncer do fígado.” E depois verificam o tratamento. Também trabalham em epidemiologia. E quanto ao Leakey?

— O Leakey, como?

— O Bluhm e Tessa dirigiam-se às escavações dele, não é verdade?

— Ao que parece,

— Quem é ele, exatamente? O Leakey? O que é que o faz correr?

— Está a caminho de se tornar numa lenda da África branca. É um antropólogo e arqueólogo que começou por trabalhar com os pais nas margens orientais do Turkana, à procura das origens do Homem. Quando eles morreram, ele continuou a obra deles, Foi diretor do Museu Nacional aqui em Nairobi e mais tarde encarregou-se da Vida Selvagem e da sua conservação.

— Mas depois demitiu-se.

— Ou foi empurrado. É uma história complicada.

— Além de que é uma espinha na garganta do Moi, não?

— Opôs-se ao Moi politicamente e foi barbaramente espancado. Está agora a passar por uma espécie de ressurreição, como azorrague da corrupção queniana. O Fundo Monetário Internacional e o Banco Mundial estão praticamente a exigir a presença dele no Governo.

Rob recostou-se e deu lugar a Lesley; tornou-se claro que a distinção que ele aplicara aos Quayle definia também os diferentes estilos dos dois agentes. Rob falava aos solavancos, com a falta de subtileza de um homem que tenta dominar as suas emoções. Lesley era um modelo de impassibilidade.

— Então que espécie de pessoa é este Justin? — perguntou ela pensativa, observando-o como se ele fosse uma personagem distante da história. — _fora do seu local de trabalho e lá no comitê dele? Quais são os seus interesses, os seus apetites, qual é o seu estilo de vida, quem é ele?

— Oh meu Deus, quem somos nós, todos nós? — declamou Woodrow, teatral, perante o que fez Rob tamborilar de novo o lápis contra os dentes, Lesley fez um sorriso cheio de paciência e Woodrow, com uma relutância encantadora, recitou a lista dos fracos atributos de Justin: jardineiro amador entusiástico (embora, pensando bem, não tão entusiástico desde a morte de Tessa), do que ele mais gosta é de passar as tardes de sábado a sachar os canteiros. Um verdadeiro gentleman em toda a acepção da palavra, um ex-aluno de Eton da melhor espécie, de uma extrema cortesia no tratamento com todo o pessoal local, claro, o gênero de homem em quem se pode confiar para dançar com todas as raparigas que não arranjam par no baile anual do Alto Comissário; uma espécie de solteirão, de certo modo (embora Woodrow não soubesse de momento explicar em quê), não jogava golfe nem tênis que ele soubesse, não era caçador nem pescador, não era de todo um homem de ar livre, exceptuando a jardinagem. E era, claro, um diplomata profissional de primeira classe, com todas as qualidades básicas: montes de experiência no terreno, duas ou três línguas

estrangeiras, absolutamente digno de confiança e totalmente leal às diretivas do Governo. Mas... e aqui há um detalhe cruel, Rob... prejudicado, sem culpa nenhuma, na corrida às promoções.

— E não frequenta companhias duvidosas, nem nada? — perguntou Lesley consultando o livrinho e notas. — Não andará por aí aos pulos e aos saltos em clubes de má nota, enquanto a Tessa está fora em viagens de trabalho? — Só a pergunta dava vontade de rir. — Não seria o gênero dele, pois não?

— Clubes? O Justin?! Que ideia extraordinária! Só se fosse o “Annabel’s”, talvez, em Londres, há vinte e cinco anos. Onde foi buscar essa ideia? — exclamou Woodrow com uma sentida gargalhada, o que há dias lhe não acontecia.

Rob apressou-se a esclarecê-lo. — O nosso Chefe, o Sr. Gridley, esteve uns tempos em Nairobi em trabalho, diz que os clubes noturnos são os lugares indicados para alugar um assassino, se se estiver para aí virado. Há um em Five Road, a um quarteirão do New Stariley, o que é prático para quem lá estiver hospedado. Por quinhentos dólares americanos limpam o sebo a quem a gente quiser. Metade logo ali, a outra metade depois de feito o trabalho. Até por menos, em certos clubes, segundo ele conta, mas então não se garante a qualidade.

— O Justin amava, de fato, Tessa? — perguntou Lesley, ainda Woodrow não parara de sorrir.

No estado de espírito de descontração que se estabelecera entre eles, Woodrow lançou os braços ao céu com uma invectiva: — Oh meu Deus! No mundo em que vivemos quem ama quem e por quê? — E, como Lesley o não desembaraçasse imediatamente da pergunta: — Ela era linda! Inteligente! jovem! Ele tinha quarenta e cinco anos quando se conheceram. Menopáusico, prestes a ser atingido pelas injúrias do tempo, solitário, apaixonado, desejoso de assentar... Amar? O termo é seu, não meu.

Mas se isto era um convite para que Lesley contribuísse com as suas opiniões, ela não o fez. Tal como Rob, ao seu lado, parecia mais interessada na súbita transfiguração das feições de Woodrow:

o esticar da pele sobre os maldres, as manchas ténues que lhe tinham aparecido no pescoço, o minúsculo franzido involuntário da maxila inferior.

— E o Justin não andava irritado com ela... por causa do trabalho dela, por exemplo? — sugeriu Rob.

— Porque é que havia de andar?

— Não lhe subia a mostarda ao nariz quando ela clamava que certas companhias ocidentais, incluindo britânicas, andavam a estripar os africanos — cobrando-lhes a mais por serviços técnicos, despejando sobre eles medicamentos fora de prazo a preços excessivos? Usando os negros como cobaias humanas para experimentar novas drogas, o que é muitas vezes referido mas nunca provado, por assim dizer?

— Tenho a certeza de que o Justin tinha muito orgulho no trabalho da mulher. Muitas das nossas esposas tem tendência a deixar correr. O empenho da Tessa era uma forma de equilibrar a balança.

— Então, ele não estava zangado com ela? — insistiu Rob.

— O Justin pura e simplesmente não é dado a zangas. Pelo menos no sentido normal. Quando muito, talvez se sentisse embaraçado.

— E vocês? Quer dizer, vocês aqui na Alta Comissão, sentiam-se embaraçados?

— Essa agora, por quê?

— Pelo trabalho dela no Auxílio Humanitário, Pelos interesses especiais dela. Havia algum conflito entre os interesses dela e os interesses de Sua Majestade? Woodrow compôs a sua expressão de perplexidade mais desarmante.

— O Governo de Sua Majestade nunca poderia sentir-se embaraçado por atos de humanidade, Rob. Devia saber isso.

— Estamos a aprender, Sr. Woodrow — interveio Lesley calmamente. — Somos novos na casa. — E depois de o olhar nos olhos sem deixar de sorrir amavelmente, meteu os blocos e o

gravador na bolsa e, sob o pretexto de afazeres na cidade, propôs que recomeçassem aquela conversa amanhã à mesma hora.

— Sabe se a Tessa confiava especialmente em alguém — perguntou Lesley em ar de “a propósito”, enquanto os três se dirigiam em bloco para a porta.

— Além do Bluhm, quer dizer?

— Referia-me a alguma amiga...

Woodrow consultou ostensivamente a memória: — Hmm, não... Não, acho que não. Não me lembro de ninguém. Mas também não me parece que eu estivesse a par dessas coisas, não acha?

— Estaria, se se tratasse de alguém do seu pessoal. Como a Ghita Pearson, por exemplo, — disse Lesley, só querendo ajudar.

— A Ghita? Ah, sim, claro, a Ghita, obviamente. E então, estão a tratar bem de vocês? Têm transporte e tudo? ótimo.

Passou um dia inteiro e uma noite inteira antes que eles voltassem a aparecer.

Desta vez foi Lesley e não Rob quem abriu as hostilidades e fê-lo com uma frescura que sugeria que novos acontecimentos se tinham passado desde o último encontro. — A Tessa tinha tido relações sexuais recentemente, anunciou ela no tom alegre de quem principia o seu dia de trabalho, enquanto tirava para fora os seus pertences como se fossem provas a exhibir em tribunal: lápis, blocos, gravador, uma borracha. — Suspeitamos que haja violação. Isto não é para ser tornado público, mas desconfio que toda a gente vai lê-lo amanhã na primeira página dos jornais. Trata-se de um esfregaço vaginal que eles tiraram e observaram ao microscópio para ver se o esperma estava vivo ou morto. Estava morto, mas eles acham que pode ser esperma de mais do que uma pessoa. Talvez um coquetel inteiro. Nós pensamos que eles não estão apetrechados para saber.

Woodrow deixou cair a cabeça entre as mãos.

— Temos de esperar que os nossos especialistas se pronunciem antes de saber ao certo, — disse Lesley observando-o.

Rob, tal como no dia anterior, batucava despreocupadamente o lápis contra os seus grandes dentes.

— E o sangue no casaco de Bluhm era da Tessa, — continuou Lesley no mesmo tom de grande franqueza. — Mas isto é só provisório, repare. Eles aqui só fazem os exames básicos, do tipo de sangue. Qualquer outra coisa tem de ser feita na Inglaterra.

Woodrow levantara-se, coisa que ele fazia muitas vezes em encontros informais para pôr toda a gente à vontade. Passeando languidamente até a janela, tomou posição e fingiu contemplar a horrorosa linha do horizonte da cidade. Viam-se riscos de trovoadas ao longe e aquele cheiro indefinível a tensão que precede as mágicas chuvadas africanas. A sua atitude, por contraste, era de calma absoluta. Ninguém podia ver as duas ou três gotas de suor escaldante que lhe tinham saído das axilas e rastejavam agora pelas costelas abaixo como insectos gordos.

— Quayle já sabe disso? — perguntou; e estranhou, como talvez eles estranhassem, que o viúvo de uma mulher violada se tivesse tornado subitamente um “Quayle” em vez de um “Justin”.

— Achamos preferível que fosse um amigo a avisá-lo — respondeu Lesley.

— O senhor, — sugeriu Rob.

— Claro.

— Além do que é, no fundo, possível, como disse aqui a Lesley, que ela e Arnold tenham dado uma rapidinha antes de se porem a caminho. Isso é com você.

Que mais terei de aguentar? pensou ele. Que mais terá de acontecer, para eu abrir esta janela e saltar? Talvez fosse isto que eu esperava dela: que me transportasse para lá dos limites das minhas forças.

— É que nós realmente gostamos do Bluhm, — soltou Lesley com uma simpatia exasperante, como se quisesse que Woodrow também gostasse de Bluhm.

— Agora o que temos é de procurar o outro Bluhm, a besta em forma humana. Estamos habituados a ver as pessoas mais pacíficas

fazer as coisas mais terríveis, se forem levadas a isso. Mas quem é que o terá levado a isso — se é esse o caso? Ninguém, a não ser ela própria.

Aqui Lesley parou, à espera de um comentário de Woodrow, mas ele estava a exercer o seu direito a permanecer calado.

— O Bluhm está o mais perto que é possível do homem bom, — insistiu ela como se “homem bom” fosse um estado definido, como “homo sapiens”. — Fez uma série de coisas realmente boas, muito boas. Não para se exhibir, mas porque as queria fazer. Salvou vidas, arriscou a própria pele, trabalhou de borla em lugares horrorosos, escondeu gente em casa... Então, não concorda, sir...?

Estaria ela a provocá-lo? Ou simplesmente à procura de um esclarecimento de um observador experiente da relação Tessa-Bluhm?

— Não há dúvida que ele tem um currículo excelente, — concedeu Woodrow. Rob fungou de impaciência e fez com os ombros um desconcertante trejeito. — Deixe lá o currículo. Pessoalmente, gosta dele, sim ou não? É tão simples como isso. — E atirou-se para trás na cadeira.

— Meu Deus, — disse Woodrow por sobre o ombro, tentando não exagerar, mas deixando transparecer certo grau de exasperação. — Ontem tratava-se de definir amar, hoje é gostar. Que cuidadosos são os jovens britânicos hoje em dia com as suas definições...

— Estamos só a perguntar-lhe a sua opinião, Sir.

Talvez fosse o “sir” que fez a diferença. Durante o primeiro encontro, fora “Sr. Woodrow” ou, tendo ganho confiança, “Sandy”. Agora era “sir”, para advertir Woodrow que aqueles agentes de polícia subalternos não eram seus colegas, nem seus amigos, mas dois intrusos de uma classe inferior que andavam a meter o nariz no clube seleta que lhe dera posição social e proteção durante os últimos dezassete anos. Pôs as mãos atrás das costas, endireitou os ombros e fez meia volta até ficar de frente aos seus inquiridores.

— O Arnold Bluhm é muito persuasivo, — declarou, passeando ao longo da sala e fazendo-lhes uma conferência. — Tem ótimo aspecto, tem charme, de certo modo, tem graça, para quem gosta daquele gênero de humor. Uma espécie de aura — talvez seja daquela barbicha bem cuidada. Para as pessoas mais impressionáveis, é um herói popular africano. — E voltou-lhes as costas, como se esperasse que eles arrumassem as suas coisas e se fossem embora.

— E para os menos impressionáveis? — perguntou Lesley, aproveitando as costas voltadas dele para o observar detalhadamente: as mãos reconfortando-se uma à outra, o joelho levantado em autodefesa.

— Ah, estamos decerto em minoria — replicou Woodrow com subtileza.

— Mas suponho que seria preocupante para si — e até vexatório, na sua situação de responsabilidade como Chefe de Chancelaria — ver tudo isto a acontecer debaixo do seu nariz, sabendo que não há nada que possa fazer para evitar. Quer dizer, não pode chegar ao pé do Justin, pois não?, e dizer: “Está a ver aquele negro de barba ali ao fundo? anda metido com a sua mulher,” pois não? Ou pode?

— Se algum escândalo ameaçar arrastar para a lama o bom nome da Missão, tenho o poder — e até a obrigação — de me interpor.

— E foi o que fez? — perguntou Lesley.

— De certa maneira, foi.

— junto do Justin? Ou da Tessa diretamente?

— O problema, obviamente, é que as relações dela com o Bluhm tinham cobertura, por assim dizer, — respondeu Woodrow tentando iludir a pergunta.

— O homem é um médico de prestígio. É bem-visto na comunidade do Auxílio Humanitário. Tessa era uma voluntária dedicada. À primeira vista era tudo perfeitamente insuspeito. Não se pode avançar por aí e acusá-los de adultério sem a mínima prova. O

mais que pode dizer é: olhem lá, isso não tem bom aspecto, por favor sejam mais discretos.

— E a quem o senhor disse isso? — perguntou Lesley, anotando rapidamente no bloco.

— Não é tão simples assim. Houve mais do que um episódio... houve um diálogo.

Lesley inclinou-se para a frente, verificando que a fita estava a girar no gravador. — Entre si e a Tessa?

— A Tessa era uma máquina de fabricação superior a quem faltavam metade das engrenagens. Antes de perder o bebé, era um bocado selvagem, reconheço-o.

— Prestes a tornar absoluta sua traição a Tessa, Woodrow lembrou-se de Porter Coleridge no seu escritório citando, furioso, as instruções de Pellegrin.

— Mas depois...! — e é com enorme desgosto que o digo — para muitos de nós ela estava completamente desequilibrada.

— Era ninfomaníaca? — perguntou Rob.

— Acho que não me compete responder a essa pergunta — respondeu Woodrow em tom gélido.

— Digamos que era uma namoradeira escandalosa, — sugeriu Lesley. — Com todos.

— Se quiser — o desapego de Woodrow era total —, mas é difícil dizer, não é? Uma mulher lindíssima, a mais bonita onde quer que aparecesse, um marido mais velho... estaria dando trela? Ou apenas sendo ela própria, se divertindo? Se uma mulher usa decotes e dá o ar da sua graça, as pessoas dizem que é leviana. Se não, dizem que é uma chata. A comunidade branca de Nairobi é assim. Talvez seja assim em toda parte. Não sou especialista no assunto.

— Ela lhe deu trela? — perguntou Rob, após outro irritante batuque com o lápis nos dentes.

— Já lhe disse: era impossível dizer se ela estava dando trela ou simplesmente mostrando sua boa disposição, — disse Woodrow, fazendo uso do seu tom mais mundano.

— E... por acaso o senhor não retribuiu, em certa medida? — inquiriu Rob. — Não faça essa cara, Sr. Woodrow. Tem quarenta e tantos anos, na menopausa, prestes a ser atingido pelas injúrias do tempo, tal como Justin. Ela o excitava, claro, por que não? Excitaria até a mim, se calhasse.

A recuperação de Woodrow foi tão rápida que aconteceu ainda antes de que ele tivesse dado conta. — Oh, meu caro amigo... Não pensava em outra coisa! Era Tessa, Tessa, dia e noite. Andava obcecado por ela. Pergunte a quem quiser.

— Foi o que nós fizemos, — disse Rob.

Na manhã seguinte, o assediado Woodrow achou que os seus inquisidores exibiam uma pressa de se atirar a ele que tocava as raias da indecência. Rob colocou o gravador em cima da mesa, enquanto Lesley abria um grande caderno de capa encarnada numa página dupla marcada por um elástico e começava o interrogatório.

— Temos razões para crer que visitou Tessa no hospital de Nairobi pouco depois de ela ter perdido o bebé, sir, é verdade?

O mundo de Woodrow estremeceu. Quem raio é que lhes teria contado aquilo? Justin? Não pode ter sido, eles ainda não falaram com ele, senão eu teria sabido.

— Parem com isso tudo — ordenou ele bruscamente.

Lesley levantou a cabeça. Rob desdobrou-se completamente, estendeu uma comprida mão como se quisesse alisar a cara com a palma e encostou-a a um lado do nariz; depois estudou Woodrow por sobre as pontas dos dedos.

Vai ser esse esta manhã o nosso assunto de conversa? — inquiriu Woodrow. É um deles, — confessou Lesley.

Então pode fazer o favor de me explicar — dado que o tempo escasseia para todos nós — que diabo é que a minha visita a Tessa no hospital tem a ver com a caça a quem a assassinou — e que, segundo creio, é o objetivo da sua presença aqui?

— Andamos à procura de um motivo, — disse Lesley.

— Disse que já tinham o motivo: o estupro.

— Estupro não serve. Não serve como motivo, claro. O estupro foi um resultado à parte. Talvez uma falsa pista, para nos fazer pensar numa morte casual e não premeditada.

— Assassinato premeditado, — explicou Rob, com os seus grandes olhos castanhos fixos em Woodrow num olhar melancólico. — Aquilo a que nós chamamos um trabalho corporativo.

Por um instante, breve mas terrível, Woodrow deixou pura e simplesmente de pensar. Depois pensou em corporativo. Porque teria ele dito corporativo? Corporativo, como se fosse realizado por uma corporação? Impossível! Uma associação demasiado forçada para atravessar o pensamento de um diplomata conceituado!

Logo a seguir o seu espírito tornou-se um ecrã branco. Nenhuma palavra, nem a mais banal e sem sentido, veio em seu auxílio. Via-se a si mesmo como uma espécie de computador, procurando, juntando e logo rejeitando uma série de ligações fortemente codificadas que lhe chegavam numa área vedada do cérebro.

Corporativo, não. Fora um acaso. Não planejado. Um festival de sangue, no estilo africano.

— Então o que é que o levou ao hospital? — ouviu ele Lesley perguntar, quando recuperou a banda sonora. — Porque é que foi visitar Tessa ao hospital quando o bebé dela morreu?

— Porque ela me pediu. Mandou-me recado pelo marido. Na minha qualidade de superior do Justin.

— Mais alguém foi convidado?

— Que eu saiba não.

— Talvez a Ghita.

— Refere-se à Ghita Pearson?

— Conhece outra?

— A Ghita Pearson não estava presente.

— Então era só o senhor e Tessa, — notou Lesley em voz alta, enquanto escrevia no seu bloco. — O que é que tinha a ver o fato de ser o superior dele?

— Estava preocupada com o estado de Justin e queria assegurar-se de que tudo ia bem da parte dele, — replicou

Woodrow num tom deliberadamente espaçado para não reagir ao ritmo acelerado das perguntas dela. — Eu tinha tentado convencer o Justin a pedir uma baixa, mas ele preferiu manter-se no seu posto. Aproximava-se a conferência anual dos ministros do CEDAO e ele estava determinado a preparar tudo. Expliquei isso à Tessa e prometi não o perder de vista.

— Ela tinha o computador portátil com ela? — interrompeu Rob.

— Desculpe, não percebi.

— Qual é a dificuldade? Ela tinha o computador ao pé dela, ao lado, numa mesa, debaixo da cama, dentro da cama? O computador. Tessa adorava o computador. Mandava e-mails a toda a gente. Ao Bluhm. À Guita. A um miúdo deficiente em Itália por quem se interessava, a um antigo namorado em Londres. Estava todo o tempo a mandar e-mails ao mundo inteiro. Tinha o computador ou não?

— Agradeço-lhe ter sido tão explícito. Não, não vi nenhum computador.

— E um bloco de notas?

Hesitação, enquanto revolvía a memória e compunha a mentira — Que eu tenha visto, não.

— E que não tenha visto?

Woodrow não se dignou responder. Rob inclinou-se para trás e observou o tecto, com o ar de quem tem todo o tempo para perder.

— E então como estava ela, pessoalmente? — perguntou.

— Ninguém está na sua melhor forma, depois de ter dado à luz um nado-morto,

— Como estava então?

— Fraca. Atordoada. Deprimida.

— E foi só disso que falaram. Do Justin, o marido adorado.

— Tanto quanto eu me lembro, foi.

— Quanto tempo esteve com ela?

— Não cronometrei a minha visita, mas suponho que na ordem dos vinte minutos, Não a queria fatigar, como é óbvio.

— Com que então falaram do Justin durante vinte minutos. Se ele comia a sopa toda e coisas assim?

— Foi uma conversa intermitente, — replicou Woodrow corando. — Quando uma mulher está febril e exausta e perdeu um bebê, não é fácil ter-se uma conversa muito lúcida.

— Estava mais alguém presente?

— Já lhe disse que fui lá sozinho.

— Não foi isso que eu lhe perguntei. Perguntei se estava mais alguém presente.

— Tal como...?

— Tal como quem quer que fosse que estivesse presente. Uma enfermeira, um médico, Outra visita, um visitante. Uma amiga. Um amigo. Um amigo africano. Como o Dr. Arnold Bluhm, por exemplo. Para que é que me obriga a arrancar-lhe as palavras da boca, sir?

Como prova da sua irritação, Rob esticou-se como Um lançador de dardo, lançando primeiro uma mão no ar logo voltando a entrelaçar as longas pernas. Entretanto Woodrow voltava ostensivamente a consultar a memória juntando as sobancelhas numa expressão comicamente pesarosa.

— Agora que fala nisso, Rob, acho que tem razão. Que esperto que você é.

Bluhm estava lá quando cheguei. Nós nos cumprimentamos e ele foi embora. Imagino que devemos ter coincidido por uns vinte segundos. Vinte e cinco, por ser para si.

Mas o ar descuidado de Woodrow fora conseguido a custo. Quem diabo lhe teria dito que Bluhm estava à cabeceira dela? E a sua apreensão ia ainda mais longe. Chegava às fendas mais profundas do seu subconsciente, tocando de novo naquela cadeia de causalidade que ele se recusava a reconhecer e que Porter Coleridge furioso lhe ordenara que esquecesse.

— Então que é que o Bluhm lá estaria a fazer, na sua opinião, sir?

— Ele não deu explicações e ela também não. Ele é médico, não é verdade? Além do resto.

— Que estava Tessa a fazer?

— Estava deitada na cama. Que é que esperava que ela estivesse a fazer? — retorquiu Woodrow perdendo a cabeça por momentos. — A jogar à pulga? Rob estendeu as pernas à sua frente e admirou os pés enormes estendidos como se estivesse a apanhar sol. — Eu não sei, — disse. — Que é que nós esperávamos que ela estivesse fazendo, Les? — perguntou à colega. — A jogar à pulga, não certamente. Ali está ela deitada na cama. A fazer o quê? perguntamos nós.

— A amamentar um bebé preto, acho eu — disse Lesley. — Enquanto a mãe dele morria.

Por um instante, os únicos sons na sala foram os de passos no corredor e automóveis digladiando-se na cidade, do outro lado do vale. Rob estendeu um braço desengonçado e desligou o gravador.

— Como já disse, sir, temos todos mais que fazer — disse ele cortesmente. — Por isso tenha a bondade de não nos fazer perder mais a porra do pouco tempo que temos a fugir às perguntas e a tratar-nos abaixo de merda. — Voltou a ligar o gravador. — Tenha a bondade de nos contar pelas suas palavras, Sr. Woodrow, tudo o que sabe acerca da negra moribunda na enfermaria e do bebé dela, Sir, — disse ele. — Por favor. E de que morreu ela e quem estava a tentar tratá-la e mais tudo aquilo que se lembrar a esse respeito.

Encurralado e furioso no seu isolamento, Woodrow agarrou-se instintivamente à proteção do seu Chefe de Missão, mas logo se recordou que Coleridge andava a fazer-se difícil. Na noite passada, quando Woodrow tentara entrar em contato com ele para uma conversa a sós, Mildren avisara-o de que o patrão se encontrava enclausurado com o Embaixador dos Estados Unidos e só poderia ser contactado em caso de emergência. E esta manhã Coleridge por várias vezes fora referido como estando “a tratar dos assuntos correntes a partir da Residência”.

Capítulo 5

Woodrow não se deixava facilmente desarmar. Na sua carreira diplomática já tinha sido obrigado a enfrentar um certo número de situações humilhantes e aprendera por experiência que o melhor caminho era recusar-se a reconhecer que alguma coisa corria mal. Aplicou agora esta lição elaborando, em frases breves, uma explicação minimalista da cena passada na enfermaria. Sim, concordou ele, um pouco surpreendido por os ver tão interessados nos mínimos detalhes da permanência de Tessa no hospital, lembrava-se vagamente que outra parturiente, companheira de Tessa, estava inanimada ou em coma. E, como não podia dar de mamar ao seu próprio filho, Tessa tornara-se ama de leite do outro bebé. A desgraça de Tessa fora a salvação da criança.

— Essa doente tinha nome? — perguntou Lesley.

— Que eu me lembre, não.

— Estava alguém com ela, parente ou amigo?

— Havia o irmão. Um adolescente vindo da mesma aldeia. Foi o que Tessa contou, mas, dado o estado dela, não acho que fosse uma testemunha fiável.

— Sabe o nome do irmão?

— Não.

— E o nome da aldeia?

— Também não.

— Tessa disse de que doença sofria essa mulher?

— Muito do que ela disse era incoerente.

— Quer dizer que algumas coisas eram coerentes -, fez notar Rob. Desprendia-se dele uma paciência quase sobrenatural. O seu corpo desengonçado achara uma posição confortável. De súbito, parecia ter o dia inteiro à sua frente. — Nos seus momentos de coerência, o que lhe disse Tessa acerca da mulher em frente, do outro lado da enfermaria, Sr. Woodrow?

— Que a mulher estava a morrer. Que a doença, de que não disse o nome, derivava das condições sociais em que vivia.

— AIDS?

— Não foi o que ela disse.

— Então é diferente.

— Parece que sim.

— Estava alguém a tratar a mulher dessa doença sem nome?

— Provavelmente. Senão, porque havia de estar no hospital?

— Seria um tal Lorbeer?

— Quem?

— Lorbeer, — explicou Rob — Lor, como “o pequeno Lor” e beer, como a cerveja Heineken. Um holandês meio arraçado, ruivo ou louro, nos seus cinquenta e tal, gordo.

— Nunca ouvi falar, — replicou Woodrow com uma expressão de total franqueza, sentindo as tripas às voltas.

— Viu alguém tratar dela?

— Não.

— Sabe como é que ela estava a ser tratada? O que estavam a usar?

— Não.

— Nunca viu ninguém dar-lhe um comprimido ou uma injeção de qualquer coisa?

— Já lhe disse: durante a minha presença, não apareceu ninguém do hospital. Na fase pachorrenta que recentemente assumira, Rob deu-se ao luxo de meditar naquela resposta e no curso a seguir. — E sem ser do hospital?

— Não na minha presença.

— E fora dela?

— Como é que quer que eu saiba?

— Pela Tessa. Pelo que a Tessa lhe contou enquanto estava coerente, — explicou Rob com um sorriso tão largo que o seu bom humor se tornou um elemento perturbador, como se fosse o precursor de uma piada de que ambos iam desfrutar brevemente. — A doente que estava na enfermaria de Tessa e cujo bebé a própria

Tessa estava a amamentar... estava ou não, segundo Tessa, a receber cuidados médicos fosse de quem fosse? — perguntou ele pacientemente, compondo as frases para que seguissem uma determinada regra de jogo. — A doente estava ou não a ser visitada, ou examinada, ou observada, ou tratada por alguém, homem ou mulher, branco ou preto, fossem médicos, enfermeiros, não-médicos, gente de fora, gente de dentro, pessoal de limpeza do hospital, visitantes ou simples pessoas? — E encostou-se para trás: ora toma lá esta para te entreteres.

Woodrow estava a medir o tamanho do sarilho em que estava metido. Que mais saberiam eles, que não queriam revelar? O nome Lorbeer soara na sua cabeça como um dobre a finados. Que outros nomes teriam para lhe atirar à cara? Quanto mais tempo poderia negar e manter-se à tona de água? O que lhes teria contado Coleridge? Porque não vinha ele em seu socorro, porque lhe recusava a sua conivência? Estaria ele a confessar tudo, nas costas de Woodrow?

— Contou uma história qualquer sobre a mulher a ser visitada por homens de batas brancas, — respondeu desdenhosamente. — Parti do princípio que tinha sido um sonho. Ou que estava a sonhar quando mo contou. Não lhe dei crédito algum. — E vocês deviam fazer o mesmo, sugeria Woodrow em silêncio.

— Porque é que as batas brancas a vinham ver? Segundo a história de Tessa. Naquilo a que o senhor chama o sonho dela. -

— Porque as batas brancas tinham morto a mulher. A certa altura, ela chamou-lhes coincidências. — Decidira dizer a verdade, levando-a para o ridículo.

— Lembro-me de que ela chamou-lhes também “gananciosos”. Queriam curá-la, mas não sabiam como... Era uma história completamente disparatada.

— Curá-la como?

— Isso não foi revelado.

— E então mataram-na, como?

— Também não foi mais clara nesse pormenor.

— Ela tinha escrito tudo isso?

— Essa história? Como?

— Tinha tomado notas? Leu-lhe algumas notas?

— já lhe disse: tanto quanto sei não havia nenhum caderno de apontamentos.

Rob pôs a cabeça de lado a fim de observar Woodrow de outro ângulo, talvez mais revelador. — O Arnold Bluhm não acha que a história seja completamente disparatada. Arnold Bluhm acha que ela tinha acertado completamente no alvo em tudo o que disse. Não é verdade, Les?

Woodrow sentiu que o sangue se lhe esvaíra da cara. Mas mesmo depois do choque daquelas palavras, manteve-se firme sob o fogo, tal como qualquer diplomata experiente que se vê obrigado a manter as aparências. E conseguiu achar a voz e a indignação: — Perdão. Está a dizer que encontraram o Bluhm? Isso é absolutamente chocante!

— Está a dizer que não queria que o encontrássemos? — perguntou Rob, intrigado.

— Nada disso. Quero dizer que vocês só estão aqui por nosso acordo e, se encontraram o Bluhm ou falaram com ele, têm a estrita obrigação de o participar à Alta Comissão.

Mas Rob já estava abanando a cabeça. — Não o encontramos de forma nenhuma, sir. Isso é que era bom! Mas encontramos documentos dele. Fragmentos disto e daquilo, por assim dizer, espalhados no apartamento. Nada de sensacional, infelizmente. Notas acerca de alguns casos, que eu suponho serem de interesse para alguém. Cópias de cartas iradas que o doutor mandou a uma ou outra firma, laboratórios, hospitais universitários em todo o mundo. E é tudo, mais ou menos, não é verdade, Les?

— “Espalhados no apartamento” é um modo de dizer, — corrigiu Lesley.

— Eu diria “escondidos”. Havia uma pilha de papéis colado na parte de trás de uma moldura, outro por baixo da banheira. Levou-

nos todo o dia. Bom, quase todo o dia. — Lambeu um dedo e passou uma página do seu bloco de apontamentos.

— O fato é que alguém já tinha passado por lá, embora se tivessem esquecido de revistar o carro dele — lembrou Rob.

— Parecia mais uma instalação feita com lixo do que um apartamento, quando eles saíram de lá — concordou Lesley. — Mas sem arte nenhuma. Foi só escavar e agarrar no que puderam. Repare que em Londres também nos aparece disso hoje em dia. Quando vem a notícia nos jornais de que alguém foi dado como desaparecido ou morto, lá vêm os meliantes logo de manhã cedo, a servirem-se. O nosso pessoal de prevenção criminal anda bastante chateado com o assunto. Importa-se que lhe saquemos mais uns nomes, Sr. Woodrow? — perguntou ela, levantando os olhos cinzentos e mantendo-os firmemente nos dele.

— Estejam à vontade, — disse Woodrow, como se não fosse esse o caso.

— “Kovacs”: húngara ao que parece, sexo feminino, nova. Cabelo asa de corvo, pernas compridas (está a dar-nos as medidas dela, não tarda), primeiro nome desconhecido, pesquisadora científica.

— Dela o senhor lembrava-se de certeza, — disse Rob.

— Desculpe, não me lembro.

— “Enrich”: médica, pesquisadora científica, formada em S. Petersburgo, seguiu um curso alemão em Leipzig, fez trabalho de pesquisa em Gdansk. Não temos dados físicos. Este nome, para si...?

— Nunca ouvi falar dessa pessoa. Ninguém correspondendo a esses dados, ninguém desse nome, ninguém dessa origem e com essas qualificações.

— Chiça! Não há dúvida de que nunca ouviu falar dela, pois não?

— E o nosso amigo Lorbeer — interrompeu Lesley, pedindo desculpa com um sorriso. — Primeiro nome desconhecido, origem desconhecida, provavelmente meio holandês ou boer, títulos e

qualificações outro mistério. Estas informações vem-nos das notas de Bluhm, esse é que é o problema, estamos à mercê dele, por assim dizer. Tem os três nomes ligados numa espécie de gráfico, com indicações escritas em letra minúscula dentro de um balão. Lorbeer e as duas médicas. Lorbeer, Enrich, Kovacs. Impressionante. Pensamos em trazer-lhe uma cópia, mas neste momento não estamos com muita vontade de usar fotocopiadoras. Sabe como é a polícia local. E quanto às lojas de fotocópia, bom, não são capazes nem de copiar o Padre-Nosso, não é, Rob?

— Use a nossa, disse Woodrow depressa demais.

Seguiu-se um silêncio de ruminação que, para Woodrow, foi como uma surdez total, durante a qual não passaram carros, não cantaram os pássaros e ninguém passou pelo corredor do outro lado da porta. O silêncio foi quebrado por Lesley que descrevia obstinadamente Lorbeer como sendo o homem que eles mais gostariam de interrogar.

— O Lorbeer é como uma rolha de cortiça. Julga-se que estará metido no negócio farmacêutico. julga-se que terá entrado e saído várias vezes em Nairobi durante o ano passado, mas as autoridades do Quênia não lhe conseguem seguir a pista, por estranho que pareça. Julga-se que terá passado pela enfermaria de Tessa durante a permanência dela no hospital Uhuru. Outra indicação que temos é a palavra taurino dentro de um balão. Pensei que se referisse a qualquer coisa na Bolsa. Tem a certeza de que nunca se cruzou com um ruivo ligado à medicina, talvez mesmo médico, de aparência taurina? Talvez nas suas viagens?

— Nunca ouvi falar dele, nem de ninguém como ele.

— Temos ouvido muito essa frase, ultimamente, — comentou Rob de entre bastidores.

— A Tessa conhecia-o. E o Bluhm também, — disse Lesley.

— Isso não quer dizer que eu o conhecesse.

— E o que é a “peste branca” em língua corrente? — perguntou Rob.

— Não faço a mínima ideia.

Como no dia anterior, saíram deixando no ar um ponto de interrogação que ia aumentando de tamanho.

Logo que se viu livre deles, Woodrow pegou no telefone que comunicava diretamente com Coleridge e, com alívio, obteve-o logo do outro lado.

— Tem um minuto?

— Acho que sim.

Foi encontrá-lo sentado à secretária, amparando a testa com a mão. Trazia uns suspensórios amarelos com cavalos. A sua expressão era beligerante mas cautelosa.

— Preciso de ter a certeza de que Londres nos apoia neste assunto, — começou Woodrow, sem se sentar.

— Nós quem, exatamente?

— A si e a mim.

— E por “Londres” refere-se ao Pellegrin, suponho.

— Por quê? Houve alguma mudança?

— Que eu saiba, não.

— E vai haver?

— Que eu saiba, não.

— Bom, vamos pôr as coisas assim: o Pellegrin tem as costas quentes?

— O Pellegrin tem sempre as costas quentes.

— E nós? É para continuarmos com isto ou não?

— Continuar com as mentiras, quer você dizer? Claro que continuamos.

— Então por que não nos pomos de acordo sobre... o que dizer?

— Boa pergunta. Não sei. Se eu fosse religioso, iria a algum lugar e rezaria. Mas a porra é que não é tão fácil como isso. A rapariga está morta. É um lado da questão. E nós estamos vivos. É outro lado.

— E então? Disse-lhes a verdade?

— Não! Não, Deus do céu, não. Isto é uma memória que é uma peneira... Imensa pena.

— E vai contar a verdade?

— A eles? Não, não. Nunca. Esses merdas...

— Então por que é que não nos pomos de acordo quanto às nossas histórias?

— É isso mesmo. Por que não? Realmente, por que não? Você pôs o dedo na ferida, Sandy. Que é que nos impede...?

— É a respeito da sua visita ao hospital Uhuru, sir, — começou Lesley sem perder tempo.

— Julguei que isso já tinha ficado tratado na nossa última sessão.

— A sua outra visita. A segunda. Um pouco mais tarde. A continuação.

— Continuação? Continuação de quê?

— Da promessa que lhe tinha feito, aparentemente.

— De que é que está a falar? Eu não percebo.

Mas Rob percebia muito bem e disse-o. — A mim, parece-me perfeitamente claro, sir. Teve ou não um segundo encontro com Tessa no hospital?

Como seja... quatro semanas depois de ela ter tido alta, por exemplo? Como seja... encontrar-se com ela na antecâmara da clínica pós-parto onde ela tinha uma consulta marcada? Porque é isso que dizem as notas do Arnold e até hoje ele nunca se enganou, pelo menos tanto quanto a gente ignorante como nós pode entender.

Com que então Arnold, notou Woodrow. Já não é Bluhm.

O filho de militar debate-se consigo mesmo, friamente consciente de que na crise reside a sua musa inspiradora, enquanto que na sua memória continua a seguir a cena do hospital como se ela se tivesse passado com outra pessoa: Tessa leva um saco de tapeçaria com pegas de bambu. É a primeira vez que ele o vê, mas daqui em diante e no pouco tempo que lhe resta de vida, o saco faz parte da imagem dura que ela faz de si própria, jazendo no hospital, com o seu bebé na morgue e uma moribunda na cama em frente e o bebé dessa moribunda mamando ao seu peito. Dá bem com a cara sem pintura e o cabelo mais curto e o olhar severo, que lhe faz lembrar o

olhar de descrença com que Lesley o olha neste momento, enquanto espera a versão corrigida dos acontecimentos. A luz, como em todo o hospital, é traiçoeira. Grandes flechas de sol cortam obliquamente a semiescuridão do interior. Pequenas aves esvoaçam entre as traves. Tessa está de pé, com as costas para uma parede curva, ao lado de uma cafeteria malcheirosa com cadeiras cor de laranja. Entre os raios de sol perpassa uma multidão, mas ele vê-a imediatamente. Ela segura o saco de tapeçaria em ambas as mãos contra o baixo-ventre e faz-lhe lembrar as pegadas à espera em pé nos vãos de porta que lhe faziam medo quando ele era novo. A parede fica na sombra porque o sol não chega aos cantos da sala e foi talvez por isso que Tessa escolheu aquele lugar.

— Prometeu que me ouvia, quando eu estivesse melhor, — lembra-lhe ela numa voz baixa e rouca que ele mal reconhece.

É a primeira vez que se falam desde a visita dele ao hospital. Ele vê a boca dela, tão frágil sem o traço disciplinador do batom. Vê a paixão nos olhos cinzentos e a paixão assusta-o, como sempre assustou, incluindo a sua própria.

— O encontro a que se refere não foi um encontro social, — disse ele a Rob, evitando o olhar prescrutador de Lesley. — Foi profissional. Tessa declarou ter dado com uns documentos que, se fossem verdadeiros, seriam politicamente delicados. Marcou encontro na clínica para me entregar.

— Dado, como? — perguntou Rob.

— Ela tinha conhecimentos no exterior. É tudo quanto sei. Amigos nas agências de Ajuda Humanitária.

— Tais como Bluhm?

— Entre outros. Devo dizer que não era a primeira vez que ela entrava em contato com a Alta Comissão a fim de relatar escândalos ao mais alto nível. Tornara-se um hábito.

— Por “Alta Comissão” quer dizer o senhor?

— Se se refere à minha qualidade de Chefe de Chancelaria, quero, sim.

— Porque é que ela os não confiava ao Justin para lhos entregar?

— O Justin devia ficar fora desse problema. Era uma decisão dela, provavelmente dele também. — Estaria a dar demasiadas explicações, o que constituiria outro perigo? — Mergulhou de cabeça: — Eu respeitei essa atitude dela. Para ser franco, eu encorajava qualquer manifestação de escrúpulos da parte dela.

— Por que é que ela não os entregou à Ghita?

— A Ghita é jovem, nova no lugar e funcionária local. Não era indicada para servir de mensageira.

— Então encontraram-se. — Retomou Lesley. — No hospital. Na sala de espera da clínica pós-parto. Não pensaram que dariam na vista, dois brancos entre todos aqueles negros?

Já lá estiveste, pensou, com outro abalo próximo do pânico. Visitaste o hospital. — Não eram os negros que ela receava. Eram os brancos. Ninguém lhe tirava essa ideia da cabeça. Quando estava entre negros sentia-se em segurança.

— Ela disse isso?

— Fui eu que deduzi.

— Deduziu de quê?

— Da atitude dela durante estes últimos meses. Depois do bebé. Para comigo, para com a comunidade branca. Para com Bluhm. Tudo o que o Bluhm fizesse estava bem feito. Era negro, era belo e era médico. E a própria Ghita. é meio indiana... — sentia-se um pouco descontrolado.

— Como é que ela marcou o encontro? — perguntou Rob.

— Mandou um bilhete a minha casa, pelo criado dela, Mustafa.

— A sua mulher soube que se ia encontrar com Tessa?

— Mustafa deu o bilhete ao meu criado que mo entregou a mim.

— E o senhor não disse à sua mulher ... ?

— Considerei que o encontro era confidencial.

— Porque é que ela não lhe telefonou?

— A minha mulher?

— A Tessa.

— Não confiava nos telefones dos diplomatas. E com razão. Nenhum de nós confia.

— Porque é que ela se não limitou simplesmente a mandar os documentos pelo Mustafa?

— Havia compromissos que ela desejava obter de mim. Garantias.

— Porque é que ela não trouxe os documentos para aqui? — de novo Rob, insistindo, pressionando.

— Pelo motivo que já lhe dei. Ela tinha chegado a um ponto em que já não confiava na Alta Comissão, não queria ser vista a entrar ou a sair da Alta Comissão. Vocês falam como se houvesse lógica nos atos dela. É difícil encontrar alguma lógica nos últimos meses de vida da Tessa.

— E porque não Coleridge? Porque é que tinha de ser o senhor, sempre?

O senhor à cabeceira dela, o senhor na clínica... Ela não conhecia mais ninguém aqui?

Por um instante perigoso, Woodrow sentiu-se do lado dos inquisidores. Com efeito, por que eu? — perguntou ele a Tessa num assomo de raiva e auto-comiseração. Porque a tua maldita vaidade não queria largar-me da mão. Porque te agradava ouvir-me prometer-te a própria alma, quando ambos sabíamos que, quando chegasse a altura, eu não a entregaria nem tu a aceitarias, Porque lutar comigo era lutar corpo a corpo com as fraquezas britânicas que tu odiavas apaixonadamente. Porque para ti eu era uma espécie de arquétipo, “tudo ritual e nenhuma fé”, nas tuas próprias palavras. Estamos de pé face a face e a um palmo de distância um do outro e eu admiro-me de sermos da mesma altura, até que descobro que há um degrau que se eleva a toda a volta na base da parede curva e que, tal como outras mulheres ali presentes, subiste para cima dele, esperando ser avistada pelo teu homem. Os nossos rostos estão ao mesmo nível e, apesar da tua austeridade recentemente adquirida, é outra vez Natal e eu danço com você, cheirando a doce relva morna no teu cabelo.

— Então ela deu-lhe um molho de papéis, — dizia Rob entretanto. — De que tratavam?

Estou a receber o envelope que tu me dás e a sentir o contato desnorteante dos teus dedos quando mo entregas. Estás deliberadamente a reacender a chama, tu bem o sabes e não podes parar, estás a levar-me de novo até o abismo, sabendo perfeitamente que nunca me acompanharás. Não trago casaco. Tu olhas-me enquanto eu desaperto os botões da camisa, faço deslizar o envelope contra a pele e empurro-o para baixo até que a aresta inferior fique segura entre o cós das calças e a minha anca. Olha-me ainda enquanto eu abotoo a camisa, e eu tenho as mesmas vergonhosas sensações que teria se tivesse feito amor com você. Como verdadeiro diplomata ofereço-te tomar um café na cafetaria, Tu recusas. Ficamos face a face como dois dançarinos, à espera de que a música justifique a nossa proximidade.

— O Rob está a perguntar de que tratavam os documentos — disse Lesley, chamando Woodrow de novo ao campo da realidade.

— Pretendiam relatar um escândalo de grande vulto.

— Aqui no Quênia?

— A correspondência em questão era confidencial.

— Quem é que lhe atribuiu essa classificação? A Tessa?

— Não seja pateta! Como é que ela podia atribuir alguma classificação? — disse Woodrow irritado e imediatamente se arrependeu do calor que demonstrara.

Tem de obrigá-los a agir, Sandy — é o que me pedes com insistência. Estás pálida de sofrimento e coragem. A tua propensão melodramática não desapareceu ao contato de uma tragédia real. Os teus olhos brilham com as lágrimas que, desde a morte do bebé estão sempre à beira das pálpebras. A tua voz insiste, mas também afaga, como sempre fez. Precisamos de um paladino, Sandy. Alguém de fora. Alguém de oficial e respeitável. Prometa-me. Se eu posso confiar em si, você também pode confiar em mim.

E então eu disse-o. Como tu, sou arrebatado pelo poder do momento. Confio. Confio em Deus. No amor. Em Tessa. Quando

estamos juntos no palco, eu confio. Entrego-me completamente, que é o que eu faço quando estou perto de ti e é também o que tu queres que eu faça, porque és viciada em relações impossíveis e cenas de teatro. Prometo, digo eu e tu obrigas-me a repetir. Prometo, prometo. Amo-te e prometo. E isso é a deixa para me beijares na boca que fez a terrível promessa: um beijo para me silenciar e fechar o contrato; um abraço rápido para me manietares e deixares-me cheirar-te o cabelo.

— O documento foi enviado pelo correio diplomático para o respectivo subsecretário em Londres, — explicava Woodrow a Rob.
— Onde foi classificado como confidencial.

— Por quê?

— Por causa das graves alegações que continha.

— Contra quem?

— Desculpe: tenho de passar.

— Uma companhia? Um indivíduo?

— Passo.

— Quantas folhas tinha o documento, mais ou menos?

— Umas quinze. Vinte. Havia também uma espécie de anexo.

— Fotografias, ilustrações, alguma prova palpável?

— Passo.

— Gravações? Fitas, discos — confissões gravadas, declarações passadas ao papel?

— Passo.

— A que subsecretário os enviou?

— Sir Bernard Pellegrin.

— Ficou com uma cópia?

— A política da casa recomenda que se, guarde aqui o menor volume possível de material delicado.

— Ficou com uma cópia ou não?

— Não.

— Os documentos eram escritos à máquina?

— Por quem?

— Eram escritos à máquina ou à mão? À máquina.

De que tipo?

Não sou especialista em máquinas de escrever.

eletrônico? Ou um processador? Computador? Lembra-se do gênero de letra? Que fonte?

Woodrow sacudiu os ombros com uma irritação que estava perto da violência.

— Não era itálico, por exemplo? — insistiu Rob.

— Não.

— Ou aquele artístico, a imitar a escrita à mão que se usa às vezes?

— Era o tipo romano perfeitamente vulgar.

— eletrônico.

-Sim.

— Então sempre se lembra. O anexo, era escrito à máquina?

— Provavelmente.

— Mesmo tipo?

— Provavelmente.

— Eram então quinze a vinte páginas, mais coisa menos coisa, de um texto escrito em tipo romano eletrônico perfeitamente normal. Muito obrigado. Teve notícias de Londres, como resposta?

— Passado algum tempo.

— Do Pellegrin?

— Pode ter vindo da parte de Sir John Pellegrin ou pode ter vindo de um dos seus subordinados.

— E que dizia?

— Não era necessário tomar medidas.

— Davam alguma razão? — Sempre Rob, atirando as suas perguntas como murros.

— Os supostos testemunhos dados no documento eram tendenciosos. Qualquer inquérito feito à luz de tal documento não levaria a nada e prejudicaria as nossas relações com o país anfitrião.

— Comunicou a Tessa que era essa a resposta: não tomar medidas?

— Não por essas palavras.

— Então o que é que lhe disse? — perguntou Lesley.

Teria sido a nova política de total franqueza que fez Woodrow responder como respondeu, ou o intuito de confessar tudo, próprio de um fraco? — Disse-lhe o que julguei ser aceitável para ela, dadas as condições, dada a perda que ela tinha sofrido e a importância que dava aos documentos.

Lesley desligara o gravador e estava a guardar os seus cadernos de notas, — E que mentira seria aceitável para ela, sir? Na sua opinião? — perguntou ela.

— Que Londres tomara conta do caso. Que estavam a ser tomadas medidas. Por um momento abençoado, Woodrow julgou que a entrevista terminara. Mas Rob ainda lá estava, arrastando os pés.

— Mais uma coisa, se não se importa, Sr. Woodrow, Bell, Barker & Benjamin. Conhecidos pelas “Três Abelhas”.

A postura de Woodrow não se alterou um centímetro.

— Cartazes por toda a cidade. “Três Abelhas Trabalhadoras na África”, “Zumbimos por ti, Doçura!”, “I V BBB”. A sede é nesta rua, ali mais acima. Um edifício de vidro enorme, novo, faz lembrar um Dalek.

— E que tem?

— Estivemos a compor o perfil dessa companhia ontem à noite, não foi, Les? É espantoso, não faz ideia. Têm uma participação em cada companhia que faz dinheiro na África, mas são mais britânicos do que a conta. Hotéis, agências de viagens, jornais, companhias de seguros, bancos, exploração de ouro, carvão e cobre, importação de automóveis, barcos e camiões e por aí, fora. Mais uma cadeia de fármacos: “As 3 Abelhas zumbem pela sua saúde.” Este último vimos no caminho para cá esta manhã, não foi, Les?

— Lá em baixo na estrada, — confirmou Lesley.

— E são unha com carne com a malta do Moi, segundo consta. Têm jatos particulares, mulheres até dizer chega...

— Suponho que esta conversa nos leve a algum lugar. ..?

— Nem por isso. Só queria ver a sua cara ao ouvir falar deles. Pronto, já está. Obrigado pela sua paciência.

Lesley continuava ocupada com a sua mala. Pela pouca atenção que parecia ter prestado a toda esta conversa, podia nem sequer ter ouvido nada.

— As pessoas como o senhor deviam ir presas, senhor Woodrow, — disse ela a si mesma, abanando a cabeça cheia de bom senso. — Julga que está a resolver os problemas do mundo, mas no fundo o senhor é que é o problema.

— O que ela está a dizer é que o senhor é um mentiroso da merda, — explicou Rob.

Desta vez Woodrow não os acompanhou até a porta. Ficou no seu posto atrás da secretária, ouvindo os passos dos seus visitantes que se afastavam; depois falou para a recepção e pediu, no tom mais natural, que o avisassem logo que eles tivessem saído do edifício.

Quando os soube afastados, dirigiu-se rapidamente ao escritório de Coleridge. Este, como Woodrow sabia perfeitamente, não estava no gabinete, mas sim em conferência com o Ministro dos Negócios Estrangeiros do Quênia. Mildren estava a falar pelo telefone interno, com um ar desagradavelmente descontraído.

— Isto é urgente, — disse Woodrow para rebater o que quer que fosse que Mildren pensasse que ele estava a fazer.

Sentado à secretária de Coleridge, Woodrow viu Mildren extrair um losango branco do cofre privado do Alto Comissário e inseri-lo oficiosamente no telefone digital.

— Então o que é que quer? — perguntou Mildren com a insolência própria dos secretários particulares da gente importante, sobretudo quando provém das classes inferiores.

— Lá para fora, — disse Woodrow.

E logo que ficou só, ligou o número do telefone direto de Sir Bernard Pellegrin.

Estavam sentados na varanda, como colegas que eram, gozando um copo antes de ir para a cama sob o clarão ofuscante da

iluminação contra os intrusos. Gloria retirara-se para a sala.

— Não há um modo agradável de dizer isto, Justin — começou Woodrow.

— Por isso tenho mesmo de o dizer. Há uma forte probabilidade de ela ter sido violada. Tenho muita, muita pena. Por ela e por ti, E Woodrow também tinha pena, devia ter. Por vezes não é preciso sentir uma coisa para se saber que se sente. Por vezes os nossos sentidos estão tão amarfanhados que mais uma notícia de estarrecer não passa de mais um detalhe chato para digerir.

— Ainda não houve autópsia, claro, e por isso é prematuro e não-oficial, — continuou Woodrow, evitando olhar para Justin. — Mas eles parecem não ter dúvidas. — Sentiu a necessidade de fornecer uma consolação prática. — A polícia acha que isto põe os pontos nos ii, têm finalmente um motivo. Ajuda-os a desenvolver as averiguações, embora não tenham nenhum suspeito por enquanto.

Justin estava sentado como se estivesse em sentido, segurando o copo de brande na sua frente com ambas as mãos, como se o tivesse acabado de receber em prêmio.

— Só uma probabilidade? — objetou por fim. — Que estranho. Como é que isso pode ser?

Woodrow não imaginara poder ser mais uma vez sujeito a interrogatório, mas de um certo modo monstruoso, ficou contente. Estava possuído por um demônio.

— Bom, é óbvio que não podem deixar de considerar se não teria havido consenso. É a rotina.

— Consenso entre quem? — perguntou Justin, intrigado.

— Bom, com quem quer que seja de quem eles possam suspeitar. Não podemos fazer esse trabalho por eles, não é verdade?

— Pois não, não podemos. Pobre de você, Sandy. Parece que lhe sobraram as tarefas mais odiosas. E agora, parece-me que devíamos encontrar a Gloria. Fez ela muito bem em nos deixar aqui a sós. Está sentada aqui fora à noite, na companhia de todos os insetos africanos, deve ser mais do que a pele clara de uma inglesa

pode suportar. — Dominado por uma súbita aversão à proximidade de Woodrow, Justin levantou-se e abriu a porta envidraçada. — Minha querida Gloria, nós a deixamos aqui abandonada.

Capítulo 6

Justin Quayle enterrou a mulher mil vezes assassinada num lindíssimo cemitério africano chamado Langata, debaixo de um jacarandá, entre o seu filho nado-morto Garth e um rapazinho de cinco anos da tribo Kikuyu que era guardado por um anjo ajoelhado de gesso carregando um escudo que declarava que ele se juntara aos santos, Por trás dela estava Horatio John Williams, do Dorset, na companhia de Deus, e aos pés Miranda K. Soper, eternamente amada. Mas Garth e o rapazinho africano que se chamava Gitau Karanja, eram os seus companheiros mais próximos e Tessa ficara ombro a ombro com eles, como Justin queria, e Gloria, graças a uma judiciosa distribuição da generosidade de Justin, conseguira obter para ele. Durante a cerimônia, Justin mantivera-se isolado de toda a gente, com a sepultura de Tessa à sua esquerda e Garth à sua direita e dois passos largos à frente de Woodrow e Gloria, que até aí tinham pairado com ar protetor de um lado e doutro, em parte para o reconfortarem, em parte para o protegerem das atenções da imprensa. Esta, jamais esquecendo o seu dever para com o público, mostrava-se impiedosa na sua determinação em obter fotos e prosa acerca do corneado diplomata britânico e pai putativo, cuja mulher branca fora chacinada — citando os jornais mais ousados -, tivera um filho do seu amante negro e jazia agora num campo estrangeiro que para ela passaria a ser o seu país natal — citando pelo menos três jornais do mesmo dia.

Além dos Woodrow, e afastada deles, estava Ghita Pearson de sari, cabeça levantada e mãos postas na eterna atitude do luto, e ao lado Porter Coleridge, mortalmente pálido e sua mulher Veronica; aos olhos de Woodrow era como se estivessem a derramar sobre Tessa a proteção que reservavam para a sua filha Rosie, hoje ausente.

O cemitério de Langata fica num planalto luxuriante de erva alta e terra encarnada, árvores ornamentais em flor, tão fúnebres como

alegres, a três quilômetros do centro da cidade e a poucos passos de Kibera, um dos maiores bairros miseráveis de Nairobi, que formava uma enorme mancha marrom de casas de lata soltando fumaça, envoltas numa nuvem doentia de poeira africana, encafuadas no vale do rio Nairobi sem espaço entre si. A população de Kibera atinge o meio milhão e está a crescer, e o vale é rico em depósitos de lixo, sacos de plástico, farrapos coloridos de roupas velhas, cascas de banana e laranja, sabugos de milho e tudo o mais que a cidade quer deitar fora. Do outro lado da estrada que vai até o cemitério estão os modernos escritórios da Junta do Turismo do Quênia e a entrada do Parque Venatório de Nairobi e mais ao longe os edifícios em ruínas do aeroporto de Wilson, o mais antigo do Quênia.

Para os Woodrow e para muitos dos presentes havia qualquer coisa de sinistro, tanto como de heróico, na solidão de Justin no momento final do enterro. Parecia estar a despedir-se não só de Tessa mas também da sua carreira, de Nairobi, do seu filho nado-morto e de toda a sua vida até então. A sua perigosa proximidade da cova acentuava este sentimento. Pairava no ar a sugestão fortíssima de que uma grande parte do Justin que eles conheciam, e talvez todo ele, ia partir para o além juntamente com Tessa. Uma só pessoa parecia merecer a sua atenção, notou Woodrow. E não era o padre, nem era a figura de Ghita Pearson, como uma sentinela, não era o seu Chefe de Missão Porter Coleridge, taciturno e lívido, nem os jornalistas que se empurravam uns aos outros pelo melhor ângulo para as fotografias, nem as esposas inglesas de cara fechada num desgosto feito de empatia pelo fim cruel de uma colega que podia ser também o delas, nem a dúzia de policiais negros barrigudos que alargavam os cinturões com os polegares.

Era Kioko. Era o rapaz que estivera sentado no chão na enfermaria de Tessa, vendo morrer a irmã, que viera a pé da sua aldeia durante dez horas para estar com ela até o fim e outras dez hoje para estar com Tessa. Justin e Kioko olharam um para o outro simultaneamente e mantiveram o olhar um do outro numa atitude

cúmplice. Woodrow notou que Kioko era o mais jovem dos presentes. Sensível à sua tradição tribal, Justin pediu que as crianças inglesas não assistissem ao funeral.

Pilares brancos marcavam a entrada do portão do cemitério onde o cortejo de Tessa estava a chegar. Catos gigantes, trilhos de lama vermelha e discretos vendedores de bananas e gelados ladeavam o caminho até a cova. O padre era negro, velho e grisalho. Woodrow lembrava-se de o ter cumprimentado numa das festas de Tessa. Mas o amor do padre por Tessa era tão efusivo, a sua crença numa vida melhor tão fervorosa e o barulho do tráfego na estrada e no ar tão persistente (para já não mencionar a proximidade de outros funerais e o clangor dos cânticos vindos dos camiões dos acompanhantes e os oradores que competiam uns com os outros nas suas arengas através de megafones, os grupos de família e amigos que vinham fazer piqueniques na relva à volta dos entes queridos), que ninguém estranhava que só algumas palavras de ouro do santo homem chegassem até os ouvidos da assistência. E Justin, se ouviu alguma coisa, não o deu a entender. Janota como sempre no terno escuro de jaquetão que envergara para o funeral, mantinha os olhos fixos em Kioko que, como Justin, tinha escolhido o seu posto afastado das outras pessoas e parecia como que suspenso no ar, porque os seus pés magros mal tocavam o chão e os seus braços pendiam dos lados como os dum boneco de trapos e a sua longa cabeça irregular esticava-se de lado como a duma cegonha, numa postura de permanente interrogação.

A viagem final de Tessa não tinha sido tranquila, mas nem Woodrow nem Gloria teriam desejado que o fosse. Ambos acharam tacitamente que o seu último ato deveria conter aquele elemento de imprevisto que caracterizara a vida dela. O casal Woodrow levantara-se cedo, embora não houvesse razão para o fazer, só que a meio da noite Gloria se dera conta que não tinha nenhum chapéu escuro. Ao nascer do sol, um telefonema revelara que Elena tinha dois, mas eram ambos um pouco anos vinte, gênero barrete de aviador, importas-te, Gloria? Um Mercedes oficial fora então destacado da

casa do grego seu marido, transportando um chapéu preto num saco de plástico do Harrod's. Gloria devolveu-o, preferindo um chale de renda preto que era de sua mãe: ia usá-lo como se fosse uma mantilha. Afinal, Tessa era meio italiana, explicou ela.

— Espanhola, querida. — respondeu Elena.

— Bobagem, — ripostou Gloria — a mãe dela era uma condessa italiana, deu no Telegraph.

— A mantilla, querida — corrigiu Elena, pacientemente. — As mantilhas são espanholas e não italianas, percebes?

— Bom, mas a mãe dela era italiana dos quatro costados, — disse Gloria irritada, mas voltou a telefonar cinco minutos depois a pedir desculpa, mas fora por causa do stresse.

Por essa altura os rapazes Woodrow já tinham sido despachados para o colégio e o próprio Woodrow já fora para a Alta Comissão e Justin andava dum lado para o outro na sala de jantar de terno e gravata, pedindo para lhe trazerem flores. Não flores do jardim de Gloria, mas do seu próprio jardim. Queria as frésias amarelas perfumadas que ele criava para Tessa durante todo o ano, disse ele, e que ele tinha sempre na sala à espera dela quando ela regressava das suas excursões de trabalho. Queria pelo menos duas dúzias para o caixão. As deliberações de Gloria sobre o modo mais prático de as obter foram interrompidas por um telefonema algo confuso de um jornal de Nairobi anunciando que o cadáver de Bluhm fora encontrado no leito seco de um rio a cinquenta milhas a leste do lago Turkana e queria saber se alguém tinha alguma coisa a dizer? Gloria berrou: “não fazemos comentários” para o telefone e desligou-o com estrondo, Mas ficou abalada e sem saber se havia ou não de dar a notícia a Justin imediatamente, ou esperar até ter acabado o funeral. Por isso, ficou extremamente aliviada ao receber um telefonema de Mildren, ainda não eram passados cinco minutos, a dizer que Woodrow estava em conferência mas que os boatos acerca do cadáver de Bluhm eram puro disparate: o corpo, pelo qual uma tribo de bandidos somalis pedia dez mil dólares, tinha pelo

menos cem anos e mais provavelmente mil; seria possível dar uma palavrinha ao Justin?

Gloria levou Justin até o telefone e depois ficou oficiosamente ao seu lado, ouvindo-o dizer: "sim... pode ser... é muito amável, vou fazer o possível para estar preparado." Mas a que propósito Mildren estava a ser amável e para que é que Justin se deveria preparar é que não ficou claro. E: "não, obrigado", disse Justin a Mildren com firmeza, fazendo avolumar-se o mistério, não queria que o fossem buscar à chegada, preferia ser ele próprio a tratar do assunto. Após o que desligou e pediu, com alguma aspereza (considerando tudo o que ela fizera por ele), que o deixassem só na casa de jantar, a fim de fazer uma chamada paga no destinatário para o seu advogado em Londres, coisa que ele já tinha feito por duas vezes nos últimos dias, também sem admitir a presença de Gloria. Mostrando discrição, ela então retirou-se para a cozinha a fim de escutar pelo postigo de serviço... para se deparar com Mustafa, abatido pelo desgosto, que se apresentava, sem ter sido chamado, na porta dos fundos com um cesto cheio de frésias amarelas que, de sua própria iniciativa, colhera no jardim de Justin. Armada deste pretexto, Gloria marchou até a sala de jantar, esperando ao menos ouvir o fim da conversa telefônica, mas Justin desligava quando ela entrou.

De repente, sem que ela desse pela passagem do tempo, tudo estava atrasado. Gloria acabara de vestir-se mas ainda não tinha tocado sequer no rosto, ninguém comera fosse o que fosse e já passava da hora do almoço, Woodrow esperava lá fora no Volkswagen, Justin na entrada com as frésias na mão (agora presas num ramo), Juma propunha a todos uma travessa com sanduíches de queijo e Gloria tentava decidir se prendia a mantilha sob o queixo ou deixava as pontas nos ombros, como fazia a mãe.

Sentada no banco traseiro da picape entre Justin e Woodrow, Gloria concordara finalmente com o que Elena lhe andava a dizer há dias: que estava loucamente apaixonada por Justin, coisa que não lhe acontecia há muitos anos, e era absolutamente uma tortura pensar que ele ia partir muito em breve. Por outro lado, como Elena lhe fizera notar, a sua partida dar-lhe-ia pelo menos a oportunidade

de cair em si e retomar os costumados deveres maritais, E, se se desse o caso que a ausência exacerbasse a paixão, bom, como Elena sugerira audaciosamente, Gloria podia sempre tomar alguma medida acerca do caso, em Londres.

A viagem de carro através da cidade pareceu a Gloria ainda mais desconfortável e cheia de solavancos do que o costume e estava demasiado consciente do calor da coxa de Justin contra a sua para manter a serenidade. Quando o Volkswagen chegou finalmente à casa mortuária, Gloria tinha um nó na garganta, o seu lenço era uma bola úmida na palma da mão e já não sabia se chorava por Tessa ou por Justin. As portas do fundo foram abertas de fora e Justin e Woodrow saltaram para baixo, deixando-a sozinha no banco traseiro, com Livingstone lá à frente. Não havia jornalistas, verificou ela com alívio, lutando para retomar a compostura, Ou não havia por enquanto. Gloria observou os seus dois homens pelo para-brisas, vendo-os subir os degraus da porta de um edifício de granito de um só piso, com um beiral estilo Tudor. Justin, com o seu terno sob medida e a sua juba impecável preta e cinza que nunca ninguém o via escovar ou pentear, segurando frésias amarelas... e aquele passo de oficial de cavalaria que ele tinha e, tanto quanto ela sabia, era característico de todos os Dudleys, avançando o ombro direito... Por que Justin parecia sempre indicar o caminho e Sandy seguiu-lo? E por que Sandy tinha um ar tão sério nestes últimos tempos, como um mordomo?, lamentou ela. E está precisando de um terno novo; aquela coisa de sarja dá-lhe um ar de detetive particular.

Os dois homens desapareceram no átrio de entrada. — Há papéis para assinar, querida, — dissera Sandy em tom superior, — Autorizações de transferência do corpo e coisas assim. — Porque é que ele me trata de repente como se eu fosse a Querida Mulherzinha? Já se esqueceu de que fui eu que tratei do maldito funeral? Um cacho de gatos pingados vestidos de preto esperava junto da porta lateral da casa mortuária. Ouviu-se abrir as portas, um carro fúnebre fez marcha atrás até elas, com as palavras O

Fúnebre escusadamente pintadas a branco em letras de trinta centímetros. Gloria teve um relance de madeira envernizada cor de mel e de frésias amarelas, quando o caixão deslizou entre duas tábuas pretas para o interior do carro. “Devem ter prendido o ramo ao caixão com fita-cola; de outro modo, como é que se segurava sem escorregar da tampa?”

O Justin pensou em tudo.” O carro começou a sair, com os gatos-pingados a bordo. Gloria fungou, depois assoou o nariz.

— Isto foi muito mau, minha senhora, — lamentou Livingstone lá da frente

— É mesmo muito, muito mau...

— Pois é, Livingstone, — disse Gloria grata pela formalidade da observação do homem. “Estás a ser observada, rapariga,” disse ela a si própria com firmeza. “É tempo de levantar a cabeça e dar o exemplo.” As portas do fundo abriram com estrondo.

— Está tudo bem, menina? — perguntou Woodrow alegremente, deixando-se cair sentado ao lado dela. — Foram estupendos, não foram, Justin? Muito simpáticos, muito profissionais.

— Não te atrevas a chamar-me menina, — disse-lhe ela furiosa. Mas em silêncio.

Ao entrar na igreja de Santo André, Woodrow passou em revista a congregação. Num relance, localizou o pálido casal Coleridge e por trás deles Donohue e a mulher, a estranha Maud que parecia uma ex-corista de sucesso caída em desgraça e a seguir Mildren, aliás Mildred, e uma loura anoréxica que, segundo constava, partilhava o seu apartamento. O Grupo da Pesada do Clube Muthaiga (como Ibes chamava Tessa), formava um pelotão militar. Na outra nave lateral, notou um contingente do Programa Alimentar Mundial e outro que consistia exclusivamente de mulheres africanas, umas de chapéu, outras de jeans, mas todas com a aura determinadamente combativa característica dos amigos radicais de Tessa. Por trás delas, um grupo de rapazes e raparigas de ar gaulês, vagamente perdido e vagamente arrogante, as mulheres de cabeça coberta, os rapazes de camisas abertas e artísticas barbas

de três dias. Woodrow, intrigado, acabou por concluir que deviam ser membros da organização belga a que Bluhm também pertencia. Devem estar a perguntar se não vão ter de voltar aqui na semana que vem por causa do Arnold, pensou ele brutalmente. Seguiam-se os criados ilegais dos Quayle, Mustafa o criado-grave, Esmeralda a Sudanesa do Sul e o Ugandês sem um braço, de nome desconhecido. E na primeira fila, agigantando-se ao lado do marido, um Grego furtivo e pequenino, estava a querida Elena em pessoa, muito acolchoada e de cabelo cor de cenoura, a “bête noire” de Woodrow, ornamentada com a bijuteria fúnebre em azeviche que pertencera à avó.

— Olha, querida, levo os azeviches ou achas que é demais? — perguntara ela a Gloria logo às oito da manhã. Com alguma maldade, Gloria aconselhara audácia:

— Noutra pessoa qualquer, Ei, francamente, poderia ser um pouquinho demais. Mas com as tuas cores, querida--- avança!

E não havia policiais, notou ele com agrado, nem quenianos nem britânicos. Seria o resultado das poções mágicas de Bernard Pellegrin? Adivinhe quem puder.

Lançou outro olhar a Coleridge, tão macilento, tão martirizado. Lembrou-se da estranha conversa que tinham tido na Residência no sábado passado e classificou-o como pedante e indeciso. O seu olhar voltou ao caixão de Tessa, solenemente exibido em frente do altar, com as frésias amarelas de Justin em cima. Os olhos encheram-se-lhe de lágrimas, prontamente recambiadas para do lugar de onde tinham vindo. O órgão tocava o Nunc Dimittis e Gloria cantava energicamente, com todas as palavras na ponta da língua. É como o hino da tarde no colégio interno dela, pensou Woodrow. Ou no meu. Odiava por igual ambas as instituições. Sandy e Gloria, nascidos para o cativo. A diferença é que eu sei-o, e ela não. Senhor, deixa agora o Teu servo partir em paz. Por vezes, tomara eu fazer o mesmo. Partir para não voltar. Mas onde estaria a paz?

O seu olhar descansou de novo sobre o caixão. Eu amava-te. Eu era aquele maníaco do controle que não conseguia controlar-se a si

mesmo, como tiveste a bondade de me dizer. Bem, vê agora o que aconteceu. E por que aconteceu.

E já agora: nunca ouvi falar do Lorbeer. Não conheço nenhuma beleza húngara de pernas compridas chamada Kovacs. Recuso-me a ouvir mais teorias não formuladas e sem provas que ressoam como sinos na minha cabeça, Estou totalmente desinteressado dos ombros de seda morena da espectral Chita Pearson e o seu sari. Só sei uma coisa: depois de ti, nunca ninguém saberá que existe uma criança assustada dentro deste corpo de militar.

Para se distrair, Woodrow dedicou-se ao estudo apurado das janelas da igreja, Santos machos, brancos todos eles, nenhum Bluhm. A recordação de Tessa atinge-o como uma bala. Um vitral celebrando um lindo rapazinho branco de terno à marinheira simbolicamente rodeado de feras em adoração. Uma boa hiena é capaz de cheirar sangue a dez quilômetros de distância. Sob a ameaça das lágrimas, Woodrow força a sua atenção sobre o bom Santo André, que é a cara chapada do velho Macpherson, o guia, daquela vez em que levamos os rapazes de carro até o lago Awe para a pesca do salmão. Aquele olhinho feroz de escocês, a barba de escocês, cor de ferrugem, o que pensarão eles de nós? matutou, transferindo o olhar embaciado para os rostos negros na multidão. O que imaginávamos nós que fazíamos aqui naqueles tempos, impingindo o nosso Deus britânico e branco e o nosso Santo escocês e branco, enquanto nos servíamos do país como de um campo de recreio para aventureiros das classes altas sem lugar onde caírem mortos?

— Pessoalmente, estou tentando uma reparação, — diz você quando eu, coqueteando, faço esta mesma pergunta na pista de dança do Muthaiga Clube. Mas você nunca responde a uma pergunta sem dar uma volta e transformá-la em provas contra mim. — E você o que faz aqui, Sr. Woodrow? — perguntas. A orquestra é barulhenta e temos de danar muito juntos para nos ouvirmos um ao outro, Sim, são os meus seios, dizem os teus olhos quando eu me atrevo a olhar para baixo. Sim, são as minhas ancas ondulando

enquanto você me agarra pela cintura, Também pode olhar para elas, regale os seus olhos. É o que faz a maior parte dos homens, não tente ser uma exceção.

— Acho que o que estou fazendo, realmente, é ajudar os quenianos a administrar as coisas que lhes demos, — agito eu, bombástico, por cima da música e sinto o teu corpo ficar rígido e afastar-se ainda antes que eu acabe a frase.

— Nós não lhes demos porcaria alguma! Eles é que tomaram as coisas! E à força das armas! Nós não demos nada! Nada!

Subitamente, Woodrow girou sobre si mesmo, no que foi imitado por Gloria, a seu lado, e pelos Coleridge, do outro lado da nave. Lá fora ouvira-se um grito, seguido pelo barulho de qualquer coisa de grande a partir-se, e de vidros. Pela porta aberta Woodrow viu dois sacristãos vestidos de preto, aterrados, fechando o portão do adro da igreja, enquanto os policiais de capacete formavam um cordão ao longo do gradeamento brandindo com ambas as mãos bastões antimotim com pontas de metal, como jogadores de basebol preparando-se para a tacada. Nas ruas onde se juntavam os estudantes ardia uma árvore sob a qual jaziam de barriga para cima dois ou três carros, cujos ocupantes pareciam aterrorizados demais para saírem. Ao ritmo dos gritos de encorajamento da multidão, uma reluzente limusine preta, Volvo como a de Woodrow, elevava-se oscilando no ar, alçada por um enxame de rapazes e moças. Ergueu-se, balançou e virou-se primeiro de lado e depois de costas, antes de cair morta, com um estrondo enorme, ao lado dos seus companheiros. A polícia carregou. Acontecera aquilo de que eles estavam à espera, fosse lá o que fosse. Num momento estavam parados, no momento seguinte estavam a abrir um caminho cor de sangue através da multidão que fugia, parando só para multiplicar os golpes sobre os que tinham conseguido derrubar. Uma picape blindada parou ao lado e meia dúzia de corpos ensanguentados foram atirados lá para dentro.

A Universidade é um verdadeiro barril de pólvora, meu velho -, disse Donabue quando Woodrow o consultara acerca dos possíveis

pontos de risco. Cortaram totalmente as bolsas, o pessoal não é pago, as admissões são reservadas para os ricos e estúpidos, câmaras e salas de aula estão abarrotadas, as latrinas todas entupidas, roubaram as portas, há consideráveis riscos de incêndio e nos corredores cozinha-se em cima de brasas. Não há energia, nem luz elétrica para estudar, nem livros por onde estudar. Os alunos mais pobres foram para a rua porque o Governo está a privatizar o sistema de educação superior sem perguntar nada a ninguém, a educação é estritamente para os ricos e além disso os resultados dos exames são fraudulentos e o Governo tenta forçar os alunos a ir estudar para o estrangeiro. Ontem a polícia matou dois ou três estudantes e os colegas, por uma razão desconhecida, não ficaram nada satisfeitos. Mais alguma pergunta?

A porta da igreja abriu e o órgão fez-se ouvir de novo. Os assuntos de Deus podiam recomeçar,

No cemitério o calor era agressivo como um caso pessoal. O velho padre hirsuto calara-se, mas o clamor não diminuía e o sol batia em tudo como um mangual. De um lado de Woodrow, um megaleitor de cassetes com altifalante tocava uma versão rock do Avé Maria a plenos pulmões para um grupo de freiras negras de hábitos cinzentos. Do outro um grupo de futebolistas de blazer formara-se junto a uma barraca de pim-pam-pum em que os alvos eram latas de cerveja vazias e um solista cantava uma canção de adeus a um camarada. E no aeroporto de Wilson devia haver um festival aeronáutico, porque com vinte segundos de intervalo pequenos aviões de cores brilhantes zumbiam por cima da multidão. O velho padre baixou o livro de orações. Os carregadores aproximaram-se do caixão e cada um pegou numa borda do tecido. Justin, sempre sozinho, pareceu vacilar. Woodrow deu um passo em frente para o segurar mas Gloria agarrou-o com uma garra enluvada.

— Ele quiere-a só para ele, idiota, — ciciou ela entre lágrimas.

A imprensa não mostrou o mesmo tato. Aquela era a foto de que eles estavam à espera: carregadores negros baixam à terra africana

uma mulher branca, chorada pelo marido que ela enganava. Um homem marcado das bexigas, com o cabelo cortado rente e várias câmaras saltando-lhe contra a barriga, ofereceu a Justin uma colher de trolha cheia de terra, à espera de obter um instantâneo do viúvo lançando-a sobre o caixão. Justin afastou-a com a mão. Ao fazê-lo, o seu olhar incidiu sobre dois homens esfarrapados que arrastavam um barril de madeira sobre um pneu vazio até a beira da cova. Escorria cimento liquido das bordas do barril.

— Por favor, o que é que estão a fazer? — perguntou-lhes ele tão alto que toda a gente se virou na sua direção. — Pode alguém por favor perguntar àqueles senhores o que querem fazer com o cimento? Sandy, preciso de um intérprete, por favor.

Desobedecendo a Gloria, Woodrow, o filho do general, dirigiu-se rapidamente até Justin. Sheila, a magricela do departamento de Tim Donohue, falou com os homens e depois com Justin.

— Dizem que fazem sempre o mesmo quando é para pessoas ricas, Justin — disse Sheila.

— Fazem o quê, exatamente? Não percebo. Explique, por favor.

— O cimento. É para afastar os intrusos. Os ladrões. A gente rica é enterrada com alianças de ouro e roupas boas. Nós os Wazungu somos o alvo preferido. Dizem que o cimento é como um seguro.

— Quem os mandou fazer isso?

— Ninguém. São cinco mil xelins.

— Têm de sair. Mande-os embora, diga-lhes, por favor, Sheila. Não quero os serviços deles e não lhes vou dar dinheiro. Eles que levem o barril e vão-se embora. — Mas depois, talvez por não confiar nela para lhes dar o recado com o Vigor suficiente, Justin dirigiu-se a eles, levantou um braço como Moisés apontando o horizonte por cima da cabeça dos presentes: — Vão-se embora por favor, — ordenou: — Saiam imediatamente. Muito obrigado.

A multidão dividiu-se para abrir caminho ao longo da linha indicada pelo braço estendido. Os homens com o barril fugiram precipitadamente pelo caminho abaixo. Justin seguiu-os com os olhos até eles desaparecerem. No calor que vibrava os homens

pareceram correr a direito até o céu vazio. Justin deu meia volta, rígido como um soldado de chumbo e dirigiu-se ao grupo da imprensa.

— Agora gostava que se fossem todos embora, por favor, — disse ele no silêncio que se formara de repente no meio da barulheira, — Foram muito amáveis. Estou muito agradecido. Adeus.

Calmamente e para pasmo dos circunstantes, os repórteres guardaram as máquinas e os livros de notas e murmurando coisas como: “Até breve, Justin”, abandonaram o cemitério. Justin regressou ao seu lugar solitário à cabeceira de Tessa. Ao mesmo tempo, um grupo de mulheres africanas avançou e dispôs-se em ferradura à volta dos pés da sepultura. Todas usavam o mesmo uniforme: um vestidinho leve e com babados, as flores azuis e um lenço do mesmo tecido na cabeça. Cada uma sozinha podia parecer perdida, mas em conjunto pareciam unidas. Começaram a cantar, primeiro baixinho. Ninguém as guiava, não havia instrumentos, quase todas choravam, mas não deixavam o choro afectar-lhes a voz. Cantavam em coro, alternadamente em Swahili e em Inglês, Woodrow tentou perceber as outras palavras. Kwa heri, Tessa... Amiga Tessa, adeus... Vieste até nós, Mama Tessa, Mamãezinha, deste-nos o teu coração... Kwa heri, Tessa, adeus...

— Onde diabo surgiam elas? — perguntou ele a Gloria pelo canto da boca.

— Lá de baixo, — murmurou Gloria, indicando com a cabeça o bairro de lata.

O canto subiu quando o caixão desceu à cova. Justin viu-o a descer, estremeceu quando ele bateu no chão e de novo quando a primeira pazada de terra caiu sobre a tampa e a segunda sobre as frésias, sujando as pétalas. Um grito terrível soou, tão breve como o guincho de uma dobradiça enferrujada quando uma porta é aberta para trás, mas que demorou o tempo suficiente para Woodrow ver Ghita Pearson cair de joelhos em câmara lenta, rolar sobre uma anca bem torneada escondendo a cara entre as mãos; depois,

surpreendentemente, levantar-se de novo apoiada no braço de Veronica Coleridge e retomar o seu posto no funeral.

Teria Justin dito alguma coisa a Kioko? Ou teria Kioko agido por sua conta? Leve como uma sombra aproximou-se de Justin e, num gesto desassombrado de afecto, agarrou-lhe na mão. Através de nova crise de choro, Gloria viu as mãos dadas moverem-se até acharem uma posição confortável para ambas. Assim unidos, o marido enlutado e o irmão enlutado viram o caixão de Tessa desaparecer debaixo da terra.

Justin deixou Nairobi nessa mesma noite. Woodrow, para eterno desgosto de Gloria, não a tinha avisado. A mesa do Jantar estava posta para três, a própria Gloria tinha tirado a rolha à garrafa de clarete e posto um pato a assar no forno à laia de consolação. Ouviu passos no átrio e presumiu, com prazer, que Justin decidira tomar um copo antes de jantar, só nós os dois, enquanto o Sandy lá em cima lê uma história aos rapazes antes de adormecerem. E de repente lá estava a velha pasta de ministro, acompanhada por uma mala cinzenta que Mustafa trouxera para ele, ambas pousadas no átrio com as respectivas etiquetas e Justin ao lado com o impermeável no braço e um saco de viagem ao ombro, pronto para lhe devolver a chave da cave.

— Justin, não me diga que se vai embora!

— Foram todos tão bons para mim, Gloria. Nunca saberei como agradecer.

— Desculpa lá isto, querida, — disse Woodrow bem disposto, descendo os degraus dois a dois. — É uma saída um tanto de capa e espada, mas foi para evitar a tagarelice dos criados. É a única maneira.

Nesse momento houve um toque ligeiro na campainha da porta: era Livingstone, o motorista, com um Peugeot vermelho que pedira emprestado a um amigo para evitar usar placas diplomáticas no aeroporto. E, encolhido no lugar do morto, estava Mustafa, olhando em frente, iracundo, como a efígie de si mesmo.

— Mas nós temos que ir com você, Justin! Queremos nos despedir de você! Insisto! Quero oferecer-lhe uma das minhas aquarelas! O que é que vai acontecer quando chegar? — gritou Gloria infelicíssima. — Não podemos deixá-lo desaparecer assim no escuro... querido....

O querido era tecnicamente dirigido a Woodrow, mas podia ser dirigido a Justin e ao pronunciá-lo ela desfez-se em lágrimas sem poder controlar-se, as últimas de um longo dia cheio de pranto. Soluçando miseravelmente, abraçou Justin contra si, batendo-lhe - nas costas com os punhos, rolando a cara no peito dele e murmurando: “Oh, por favor, não vá, oh por favor, oh Justin”, e outras exortações indecifráveis até que, enchendo-se de coragem, libertou-se dele, afastou o marido do seu caminho e subiu as escadas a correr, entrando no quarto e fechando a porta com estrondo.

— Está esgotada de nervos, coitada, — explicou Woodrow, sorrindo.

— Estamos todos, — disse Justin, apertando a mão estendida de Woodrow.

— Mais uma vez, obrigado, Sandy.

— Vamos manter-nos em contato.

— Claro.

— E tens a certeza de que não queres ninguém à tua espera, lá do outro lado? Estão todos ansiosos por fazer o necessário.

— A certeza absoluta, obrigado, Os advogados da Tessa estão a preparar tudo para a minha chegada.

E no momento seguinte, Justin descia os degraus até o carro vermelho, com Mustafa de um lado com a pasta dos documentos e Livingstone do outro, levando a mala cinzenta.

— Deixei envelopes para todos vocês, ao cuidado do Sr. Woodrow, — disse Justin a Mustafa, quando se puseram a caminho.

— Isto é Para ser entregue expressamente a Ghita Pearson. E faço questão: em privado.

— Nós sabemos que há-de ser sempre um homem bom, Mzee -, disse Mustafa em tom profético, enfiando o envelope nas profundezas do seu casaco de algodão. Mas na sua voz não havia perdão por ele deixar a África.

O aeroporto, apesar de uma operação plástica recente, estava num caos. Grupos exaustos de turistas escaldados do sol formavam filas infindáveis, altercavam com os guias e carregavam febrilmente gigantescas mochilas até as máquinas de Raios x. Os funcionários encarregados do check-in ficavam desnorteados perante cada bilhete, e murmuravam interminavelmente ao telefone. Anúncios incompreensíveis espalhavam o pânico através dos altifalantes, enquanto policiais e carregadores contemplavam calmamente os acontecimentos. Mas Woodrow encarregara-se de tudo. Mal Justin tinha saído do carro, já um representante da British Airways o levava para um pequeno gabinete, a salvo dos olhares do público.

— Gostaria que os meus amigos viessem comigo, se possível — disse Justin,

— Não há problema.

Com Livingstone e Mustafa pairando por perto, foi provido de um passe em nome de Mr. Alfred Brown. Ficou a olhar, passivo, enquanto a sua mala cinzenta era etiquetada com o mesmo nome.

— Esta levo-a na cabine comigo — anunciou, sem dar lugar a contestação.

O representante da B. A., um rapaz louro neozelandês, fingiu sopesar a enorme pasta e exalou um gemido exagerado de esforço.

— As pratas da família, não, sir?

— As do meu anfitrião, — disse Justin para entrar na brincadeira, mas pela sua cara percebia-se que o assunto não era negociável.

— Se o senhor pode com ela, Sir, é porque nós também podemos — disse o representante passando-lhe a pasta para a mão. — Desejo-lhe uma viagem agradável, Sr. Brown. Vamos levá-lo pela porta das chegadas, se não se importa.

— É muito amável.

Voltando-se para os últimos adeuses, Justin pegou os punhos enormes de Livingstone com ambas as mãos. Mas o momento era demais para Mustafa. Silencioso como sempre, tinha desaparecido. Com a pasta firmemente segura na mão, Justin entrou no átrio das chegadas na pegada do seu guia, para se encontrar olhando fixamente para uma mulher gigantesca e rechonchuda de raça indefinida que lhe sorria do alto da parede. Tinha seis metros de altura e metro e meio de largura na sua dimensão mais larga e era o único cartaz publicitário que havia no átrio. Trazia um uniforme de enfermeira e tinha três abelhas douradas em cada ombro. Outras três estavam colocadas proeminentemente no bolso do peito da sua blusa branca. Estava a oferecer uma bandeja de iguarias farmacêuticas a uma família vagamente multirracial constituída por várias crianças e os seus pais. A bandeja continha qualquer coisa para cada um: garrafas de remédio de um castanho dourado que mais parecia uísque para o papai, pílulas cobertas de chocolate ótimas de mastigar para os filhinhos, e para a mãe produtos de beleza decorados com deusas nuas oferecendo-se ao sol. Um brasão no topo e outro em baixo do cartaz, e letras de um violento roxo-acastanhado proclamavam a toda a humanidade a feliz mensagem:

Três Abelhas

Ao SERVIÇO DA SAÚDE EM ÁFRICA!

O cartaz assombrou-o.

exatamente como assombrara Tessa.

Olhando rigidamente para cima, Justin escuta os alegres protestos de Tessa, à sua direita. Atordoados pela viagem, carregados de bagagens de mão do último minuto, os dois acabaram, minutos antes, de chegar aqui vindos de Londres. Nenhum deles jamais pôs o pé no continente africano. Espera-os o Quênia — e a África inteira. Mas é este cartaz o que mais chama a atenção excitada de Tessa.

-Justin, olha! Não está olhando.

— O que é? Claro que estou.

— Anexaram as nossas abelhas! Há por aí alguém que julga que é o Napoleão! É preciso uma lata... ! É um escândalo. Vais ter de fazer qualquer coisa.

E era mesmo um escândalo. Um escândalo hilariante. As três abelhas de Napoleão, símbolos da sua Gloria, preciosos emblemas da ilha de Elba que Tessa adorava e onde o grande homem suportara o seu primeiro exílio, tinham sido desavergonhadamente deportadas para o Quênia e vendidas para a escravatura comercial. Meditando agora no mesmo cartaz, Justin sentiu-se subjugado pela obscenidade das coincidências da vida.

Capítulo 7

Desconfortavelmente empoleirado num assento empinado na frente do avião, com a pasta dos documentos fechada no compartimento por cima da sua cabeça, Justin Quayle olhava fixamente, para além do seu reflexo na vigia, para o negrume do espaço. Estava livre. Nem perdoado, nem reconciliado, nem reconfortado, nem resignado. Nem livre dos pesadelos que lhe lembravam que ela estava morta, só para acordar descobrindo que era verdade. Nem livre do sentimento de culpa do sobrevivente. Nem livre do tormento de pensar em Arnold. Mas livre para finalmente fazer o seu luto à sua maneira. Livre da sua terrível prisão. Dos carcereiros que tinha acabado por detestar. De andar às voltas no seu quarto como um prisioneiro, meio enlouquecido pelo atordoamento do seu espírito e pela sordidez dos seus aposentos. Livre do seu próprio silêncio, de ficar sentado na beira da cama perguntando por quê? dia após dia. Livre dos momentos de vergonha em que estava tão cansado, tão deprimido e tão vazio que quase se convencera a não se ralar mais, aquele casamento de todo o modo fora uma loucura e, se tinha acabado, tanto melhor. E se o desgosto era uma espécie de ociosidade, como lera algures, livre também daquela ociosidade que não pensava em mais nada do que no seu desgosto.

Livre também dos interrogatórios da polícia, em que um Justin que ele não reconhecia caminhava até o centro do palco e, numa série de frases imaculadamente esculpidas, depositava o seu fardo aos pés dos seus espantados interrogadores — ou pelo menos a parte do seu fardo que o instinto lhe dizia que não era imprudente revelar. Começaram por acusá-lo de homicídio.

— Temos aqui uma sequência de acontecimentos pendendo sobre a nossa cabeça, Justin -, explica Lesley em tom de desculpa — e vamos ter de lha comunicar imediatamente para que tenha conhecimento dela, embora saibamos que isso é doloroso. Chama-

se um triângulo amoroso, em que o senhor é o marido ciumento que organizou um contrato de assassinato numa hora em que sua mulher e o amante estivessem tão longe de você quanto possível, o que é sempre bom para o álibi. Mandou matar a ambos, o que era necessário para a sua vingança. Mandou que tirassem o corpo de Arnold Bluhm do jipe e que o fizessem desaparecer, para que pensássemos que Arnold Bluhm era o criminoso, e não o senhor. O Lago Turkana está cheio de crocodilos, por isso fazer desaparecer o cadáver não era problema. Além do que, feitas as contas, há uma herança vultosa que chegará a suas mãos: temos aqui um duplo motivo.

Percebe que o estão observando em busca de sinais de culpa ou inocência ou indignação ou desespero — de qualquer coisa, seja o que for — mas observam-no em vão porque, ao contrário de Woodrow, Justin começa por não ter reação absolutamente nenhuma. Está sentado na cadeira de Woodrow (imitação de arte africana), pensativo, distante, com a sua aparência impecável, as pontas dos dedos colocadas sobre a mesa como se tivesse acabado de tocar um acorde e estivesse a ouvi-lo apagar-se. Lesley está a acusá-lo de homicídio, mas tudo o que obtém é uma pequenina ruga que o liga ao seu mundo interior.

— Eu tinha concluído, do pouco que Woodrow teve a bondade de me contar acerca do progresso do seu inquérito, — objeta Justin, mais no tom de censura de um acadêmico do que o dum marido desgostoso — que a sua teoria dominante era que se tratava de um crime ocasional, não de um assassinato planejado.

— O Woodrow tem a cabeça cheia de merda, — diz Rob em voz baixa, por deferência para com a dona da casa.

O gravador ainda não está sobre a mesa. Os cadernos de notas coloridos dormem ainda no fundo da mala tão prática de Lesley. Não há nada que pressione ou formalize o encontro. Gloria trouxe um tabuleiro com chá e, após uma longa dissertação acerca do recente falecimento do seu bull-terrier, acabou por sair relutantemente.

— Encontramos sinais de um segundo veículo estacionado a sete quilômetros da cena do crime, — explica Lesley. — Estava deitado numa ravina, a sudoeste do lugar onde Tessa foi assassinada. Encontramos uma poça de óleo e os restos de uma fogueira. Justin pestaneja, como se a luz do dia fosse forte demais, depois acena cortesmente com a cabeça para indicar que continua escutando.

— Além disso, garrafas de cerveja vazias enterradas recentemente, bem como pontas de cigarro, — continua ela, como se deixasse tudo aquilo à porta de Justin. — Quando o jipe de Tessa passou, o carro misterioso saiu para a estrada e seguiu-os. Depois parou ao lado. Um dos pneus dianteiros do jipe tinha sido desfeito por um tiro de caçadeira. Isso para nós não parece ser um crime ocasional,

— É mais um assassinato corporativo, como nós lhe chamamos, — explica Rob. — Planejado e executado por profissionais pagos por pessoa ou pessoas desconhecidas. Quem os mandou conhecia perfeitamente os planos de Tessa.

— E a violação? — pergunta Justin com fingida calma, os olhos fixos nas mãos cruzadas.

— Cosmética ou incidental, — responde Rob imediatamente. — Os criminosos perderam a cabeça ou então tinham um fim em vista.

— O que nos leva de novo ao motivo, Justin — diz Lesley.

— Que é o seu, — diz Rob. — A não ser que tenha outra ideia.

As caras deles incidem sobre a de Justin como se fossem câmaras, uma de cada lado, mas Justin permanece tão insensível ao duplo exame como à insinuação. No seu isolamento interior, talvez não dê conta nem de um nem de outra. Lesley baixa a mão até a mala a fim de localizar o gravador, mas muda de ideias. A mão é apanhada em flagrante, enquanto o resto do seu corpo fica voltado para Justin, para aquele homem de frases impecavelmente construídas, aquele comitê de uma pessoa só.

— Mas eu não conheço nenhum assassino, está vendo? — objeta ele, apontando o erro da teoria deles, enquanto tenta ver

mais além com um olhar vazio. — Não contratei ninguém, não dei instruções a ninguém, lamento. Não tive absolutamente nada a ver com o assassinato da minha mulher. Não, no sentido que os senhores estão dando. Não o desejei, nem o planejei. — A voz falta e tem um estrangulamento embaraçoso. — Lamento esse crime mais do que tudo o que possa dizer.

Isto foi dito com tanta firmeza que por um instante os policiais parecem não saber como prosseguir e preferem examinar as aquarelas de Singapura pintadas por Gloria que estão penduradas numa fila por cima da lareira de tijolos, cada uma marcada “190 LIBRAS SEM DESCONTO PARA NINGUÉM!”, cada uma com o mesmo céu lavado, uma palmeira e um bando de pássaros, o nome dela em letras garrafais e a data, para benefício dos colecionadores.

Até que Rob, que tem a lata própria da idade, embora lhe falte confiança em si mesmo, espeta a cabeça bicuda e lança: — Então não se importava que a sua mulher e o Bluhm dormissem juntos, pelos vistos? Para muitos maridos, uma coisa dessas era de enfurecer. — Depois fecha a boca, à espera de que Justin faça aquilo que a moral de Rob lhe indica que é próprio um marido enganado fazer naquelas circunstâncias: chorar, corar, enraivecer-se contra a sua própria má sorte e a perfídia dos seus amigos. Se é esse o caso, Justin desilude-o completamente.

— O caso não é esse, — responde ele, com tanta energia que se surpreende a si mesmo e endireita-se na cadeira, olhando à volta para ver quem é que falou indevidamente e para o repreender. — Pode ser esse o caso para os jornais. Pode ser o caso para vocês. Mas nunca foi esse o caso para mim, nem agora.

— Então qual é o caso? — pergunta Rob.

— Faltei-lhe com o meu apoio.

— Como? Não chegava para ela? — fungadela de sarcasmo machista — na cama, quer o senhor dizer?

Justin está a abanar a cabeça. — Não me quis comprometer. — A sua voz desceu a um murmúrio. — Deixei-a ir sozinha para a

batalha. Desliguei-me dela. Fiz com ela um contrato imoral. Não o devia ter permitido. E ela também não.

— De que é que se tratava, então? — O tom de Lesley é macio como o leite, após a rudeza deliberada de Rob.

— Ela seguia a sua consciência, eu fechei-me no meu trabalho. Foi uma separação imoral. Nunca devia ter acontecido. Foi como mandá-la para a igreja, para rezar por nós os dois. Foi como desenhar um traço a giz pelo meio do nosso casamento e dizer: “encontramo-nos na cama.”

Imperturbável, apesar da franqueza daquele grito de alma e dos dias e noites de auto-recriminação que ele revela, Rob prepara-se para atacar de novo.

O seu rosto lúgubre mantém o esgar sarcástico, com a boca aberta e redonda como a boca de um arcabuz. Mas hoje Lesley é mais rápida do que Rob. Nela, a mulher está atenta e escuta sons que o ouvido agressivamente macho de Rob não pode apanhar. Rob volta-se para ela, pedindo licença para provocar Justin com perguntas sobre Arnold Bluhm talvez, ou com outro tema revelador que o traga para mais perto do crime. Mas Lesley abana a cabeça e, afastando a mão das proximidades da sua mala, dá palmadinhas no ar sub-repticiamente como quem diz “devagar, devagar”.

— Então como é que se conheceram? — pergunta ela, como se perguntasse a uma pessoa recém-chegada como fora a viagem.

E com isto é que Lesley se mostra verdadeiramente genial: oferece a Justin um ouvido de mulher e a compreensão de um estranho; a oportunidade de fazer uma pausa, tirando-o do atual campo de batalha e levando-o para os prados amenos do seu passado. E Justin reage ao apelo. Relaxa os ombros, semicerra os olhos e, num tom de reminiscência distante e profundamente pessoal, conta como foi, exatamente como o contara a si mesmo cem vezes em outras tantas horas.

— E na sua opinião, Sr. Quayle, quando é que um Estado não é um Estado? — perguntara Tessa suavemente, num preguiçoso meio-dia de Cambridge, quatro anos atrás, numa sala de

conferências instalada num antigo sótão, com raios de sol carregados de pó atravessando a claraboia em diagonal. São as primeiras palavras que ela lhe dirige e desencadeiam uma explosão de gargalhadas na lânguida assistência de cinquenta jovens advogados colegas de Tessa que, como ela, se tinham inscrito num curso de verão de duas semanas sobre A Lei e a Sociedade Administrada. Justin repete agora essas palavras. Como se achou sozinho sobre aquela plataforma, com um terno de três peças em flanela cinzenta do Hayward, segurando um atril com as duas mãos, é a história da sua vida, explica ele para as profundezas em falso Tudor da sala de jantar dos Woodrow. — Quayle encarrega-se disso! — gritara um qualquer acólito do gabinete particular do subsecretário permanente, na noite anterior já bastante tarde, menos de onze horas antes da hora marcada para a conferência. — Chamem Quayle! — querendo dizer: Quayle, o solteirão profissional, o prestativo Quayle, o encanto das debutantes velhuscas, o último de uma espécie em vias de extinção, acabado de chegar daquela horrível Bósnia e destinado a partir para a África mas ainda aqui, graças a Deus, Quayle, o sobressalente, ótimo para conhecer quando queremos dar um jantar e falta um homem, perfeito no trato, provavelmente gay — só que não era, como algumas das esposas mais apresentáveis podiam testemunhar, embora não o contassem a toda a gente.

— Justin? Daqui é o Haggarty. Estavas uns anos à minha frente no colégio. Ouve uma coisa, o Subsecretário Permanente tem marcado fazer uma conferência amanhã a um grupo de jovens advogados, mas não pode porque tem de apanhar um avião para Washington dentro de uma hora...

E o bom do Justin logo a comprometer-se— — Bom, se realmente já está escrita, acho que... se é só uma questão de ler...

E Haggarty cortando logo: — Vou mandar o carro mais o motorista, para estarem à tua porta às nove em ponto, nem um minuto mais tarde. A conferência é uma merda, foi ele próprio que a

escreveu, podes passar uma vista de olhos no caminho para lá. Obrigado, Justin, és um gajo porreiro.

E aqui estava ele, um gajo porreiro colega de Eton, tendo-se desincumbido da conferência mais chata que jamais lera na sua vida, prosa condescendente, opada e verbosa como o seu autor, que a esta hora provavelmente estava descansando no regaço do maior luxo subsecretarial de Washington D.C. Nunca lhe ocorrera que ia ter de responder a perguntas do auditório, mas quando Tessa pipilou a dela, não lhe passou pela cabeça não a aceitar. Ela estava sentada no centro geométrico da sala, como lhe competia. Quando a localizou, Justin teve a ideia louca que os colegas tinham deliberadamente deixado um espaço à volta dela, em homenagem à sua beleza. A gola alta da blusa branca por baixo da toga chegava-lhe ao pescoço, como a uma casta menina do coro.

O seu aspecto etéreo, pálido como o dum espectro, fazia pensar numa criança abandonada. Dava vontade de a enrolar num cobertor para a manter protegida. Os raios de sol da claraboia brilhavam tanto sobre o seu cabelo escuro que ao princípio Justin não conseguiu distinguir a cara, O mais que obteve foi uma testa larga e pálida, um par de grandes olhos solenes muito afastados e o queixo determinado de uma lutadora. Mas o queixo só apareceu mais tarde. Por enquanto, era um anjo. O que ele não sabia, mas não tardou em descobrir é que ela era um anjo com um cacete.

— Bom, acho que a resposta à sua pergunta, — começou Justin — e por favor corrija-me se a sua opinião é diferente -, atenuando a diferença de idades, a diferença de sexos e introduzindo um ambiente igualitário — é que um Estado deixa de ser um Estado quando deixa de cumprir as suas responsabilidades básicas. Seria esta a sua opinião, basicamente?

-As responsabilidades básicas consistindo em quê? — atirou o anjo-órfão.

— Bom... — repetiu Justin, pouco certo do que aquilo iria dar e socorrendo-se por isso daqueles sinais de distanciamento sexual com que supunha proteger-se a si mesmo, se não até obter uma

imunidade total. — Bom — gesto atrapalhado com a mão, seguido da subida de um dedo etoniano pela patilha que começa a branquear, mão de novo para baixo, — o que eu posso sugerir-lhes, hoje em dia, muito por alto, as qualificações necessárias para ser um Estado civilizado resumem-se a... o sufrágio universal, a... proteção da vida e da propriedade privada; a... justiça, saúde e educação para todos, pelo menos até um certo grau... depois a manutenção de infra-estruturas administrativas sólidas... e estradas, transportes, esgotos etc... e... que mais há?... ah, sim, a aplicação equitativa de impostos. Se um Estado não conseguir cumprir pelo menos uma parte do que foi mencionado... então temos mesmo de dizer que o contrato entre o Estado e o cidadão começa a parecer bastante periclitante... E se falar em todos os aspectos, considera-se que é um Estado falhado como se diz hoje em dia. Um desestado. — Graça. — Um ex-Estado. — Outra graça, mas ainda ninguém riu. — Acha que respondi a sua pergunta?

Justin esperava que o anjo precisasse de um momento de reflexão sobre esta profunda questão e por isso ficou irritado quando ela, quase sem lhe dar tempo para acabar de falar, atacou de novo:

— Então é capaz de imaginar uma situação em que o senhor pessoalmente se sentisse obrigado a minar o Estado?

— Eu, pessoalmente? No nosso país? Oh meu Deus, claro que não, — replicou Justin, devidamente chocado. — Sobretudo agora que acabo de regressar.

— Riso desdenhoso da audiência, que estava firmemente do lado de Tessa.

— Em nenhuma circunstância?

— Nenhuma que eu possa imaginar, não.

— E os outros países?

— Bom, não sou um cidadão de outro país, não é verdade? — O riso começou a deslocar-se para o seu lado. — Acredite, já não é mau poder responder por um país. — Saudado por mais gargalhadas, sente-se encorajado. — Quer dizer, por mais do que um, acho que é simplesmente... hesitou, procurando uma adjetivo

mas ela surpreendeu-o com um murro: uma saraivada de murros, de fato, zás-trás-pás, na cara e no corpo.

— Por que é que tem de ser cidadão de um país para fazer sobre ele um juízo de valor? O senhor negocia com outros países, não é verdade? Faz acordos com eles. Legitimizamos através de sociedades comerciais. Pretende dizer-nos que existe uma norma ética para o seu país e outra para o resto do mundo? O que é que nos está o senhor a dizer pessoalmente?

Justin começou por ficar atrapalhado, depois irritado. Lembrou-se, tarde demais, que ainda estava muito cansado após a sua recente temporada naquela horrível Bósnia e, teoricamente, em recuperação. Estava a preparar-se para uma colocação na África (como de costume, outra tarefa horripilante, calculava ele). Não tinha voltado à terra-mãe para fazer de pau-mandado de um subsecretário volátil e muito menos para ler em público uma conferência que era uma porcaria. E diabos o levassem se o Eternamente Prestável Justin se ia deixar amarrar ao pelourinho, para servir de alvo a uma megera linda de morrer que resolvera torná-lo uma espécie de arquétipo do bandalho odioso. Havia gargalhadas no ar mas estavam no fio da navalha, prontas a cair para um lado ou para o outro. Muito bem: se ela estava a representar para a plateia, o mesmo podia ele fazer. Teatralmente como se impunha, levantou as sobranceiras bem desenhadas e manteve-as no alto. Deu um passo em frente e estendeu ambas as mãos com as palmas para cima, pedindo proteção.

— Oh minha senhora — começou ele, com o riso já a pender a seu favor, — parece-me, minha senhora... receio mesmo muito... de que esteja a atrair-me para uma discussão acerca da minha moral

Ao que o auditório respondeu com uma verdadeira torrente de aplausos — toda a gente, menos Tessa. O sol que brilhara sobre ela desviara-se e ele agora pôde ver o belo rosto magoado e fugidio. E de repente ficou a conhecê-la perfeitamente — naquele instante melhor do que se conhecia a si mesmo. Compreendeu o fardo que era a beleza e a maldição de se ser sempre um acontecimento em

si e apercebeu-se de que ganhara uma vitória que não desejara. Conhecia a sua própria insegurança e reconheceu o seu efeito nela. Em razão da sua beleza, ela sentia que tinha a obrigação de ser escutada. Tinha lançado um desafio que correria mal para ela e agora não sabia como regressar à base, se é que havia uma base. Lembrou-se das idiotices que tinha estado a ler e das respostas fúteis que tinha estado a dar e pensou: ela tem toda a razão e eu sou um javardo, pior: sou um espertalhão muito vivido do Foreign Office que conseguiu fazer virar todo um auditório contra uma rapariga lindíssima que só estava a fazer o que lhe está na massa do sangue, E tendo-a posto knock-out, apressou-se a ajudá-la a levantar-se.

— Por outro lado, se quisermos falar a sério por um momento — anunciou ele num tom bastante mais severo, que atravessou a sala na direção dela e fez baixar as gargalhadas obedientemente — a verdade é que você pôs o dedo precisamente na questão a que nenhum de nós, literalmente, na comunidade internacional, sabe responder. Quem são os bons da fita? O que é uma política exterior ética? Muito bem. Vamos partir do princípio de que o que reúne o consenso das nações hoje em dia é uma noção de liberalismo humanista. Mas o que nos divide é precisamente a questão que pôs: quando é que um Estado supostamente humanista se torna inaceitavelmente repressivo? Que é que acontece quando ele ameaça os nossos interesses nacionais? Quem é o humanista então? Ou por outras palavras, quando é que devemos tocar a campainha de alarme para as Nações Unidas — esperando que elas apareçam, o que nem sempre é o caso? Olhem para a Chechênia, olhem para a Birmânia, olhem para a Indonésia. Olhem para três quartos dos países chamados em desenvolvimento... e por aí fora.

Poeira metafísica do pior, como ele seria o primeiro a admitir, mas que a tirou a ela da berlinda. Desenvolveu-se uma espécie de debate, formaram-se fações e zurziram-se os pontos mais

indefensáveis. O encontro alastrou para lá da hora marcada e foi por isso classificado como um triunfo.

— Gostava que você me levasse a dar uma volta, — disse-lhe Tessa logo que o encontro acabou. — Pode contar-me coisas da Bósnia, — acrescentou, à laia de pretexto.

O passeio foi nos jardins do Clare College e, em vez de lhe contar coisas acerca daquela horrorosa Bósnia, Justin disse-lhe o nome de todas as plantas, nome próprio e apelido, e o que faziam para ganhar a vida. Ela passou o braço pelo dele e Câmbiou em silêncio, só cortado por um ou outro “não me diga ... !” ou “mas como é que conseguem fazer isso?”. Isto teve o efeito de o manter a falar, pelo que ao princípio ele ficou grato porque conversar era a sua maneira de colocar divisórias entre ele e os outros — mas o fato é que, com Tessa pelo braço achou-se a pensar sobretudo na fragilidade dos tornozelos dela dentro das pesadas botas que eram moda, à medida que ela os ia movendo um após outro ao longo do carreiro estreito por onde seguiam. Ficou convencido de que se ela caísse com aquelas botas iria partir os ossos. E como ela oscilava ao seu lado, tão levemente que mais parecia estarem a ser levados pelo vento. Depois foram fazer um almoço tardio num restaurante italiano e os criados namoraram com ela, o que chateou Justin até saber que a própria Tessa era meio italiana e sendo assim, por qualquer razão, o caso não tinha importância e até deu a Justin uma oportunidade de exhibir os seus conhecimentos de italiano, de que se orgulhava. Mas logo depois viu-a ficar grave, pensativa, as mãos pouco firmes como se o garfo e a faca fossem pesados demais para ela, tal como as botas no jardim.

— Você protegeu-me, — explicou ela, ainda em italiano, com a cabeça baixa escondida pelo cabelo. — Vai proteger-me sempre, não é verdade?

E Justin, muito bem educado, disse logo: claro, se ela precisasse dele, protegia-a, claro. Ou faria o possível, melhor dizendo. Tanto quanto ele jamais recordou, foram essas as únicas palavras que travaram durante o almoço, embora mais tarde ela lhe tivesse

jurado, para seu espanto, que ele falara brilhantemente da ameaça de um futuro conflito no Líbano, país em que ele não pensava há anos, e acerca da demonização do Islão feita pelos media ocidentais e da posição ridícula dos liberais do ocidente que aliavam uma total ignorância à mais pura intolerância; ela ficou muito impressionada pelos sentimentos pessoais que ele trouxe para a discussão, o que de novo espantou Justin que até ali pensara ter uma opinião dividida e pouco convicta acerca do assunto.

Mas qualquer coisa estava a acontecer a Justin que, para sua excitação e alarme, ele se achou incapaz de controlar. Tinha sido levado, completamente por acaso, para dentro de uma peça de teatro e ficara prisioneiro. Estava num outro elemento, vivia a personagem e o papel que tantas vezes queria viver na vida real e nunca conseguira. É verdade que já por uma ou duas vezes sentira estar no limiar de uma sensação semelhante, mas nunca com tanto abandono, com uma confiança tão inebriante. E tudo isto enquanto o mulherego experiente que havia nele lhe mandava terríveis sinais do grau mais enfático: desiste, esta só traz trabalhos, é nova demais para ti, autêntica demais, intensa demais, não conhece as regras do jogo,

Não fez diferença. Depois do almoço, ainda com o sol a brilhar, foram para o rio e ele demonstrou-lhe tudo o que se espera que um bom amante demonstre à sua namorada remando no rio Cam, a saber, como era hábil e sofisticado e como estava à vontade, de colete, balouçando na proa periclitante de um bote, manejando a vara e mantendo uma conversa espirituosa e bilingue. O que foi o que ele fez, conforme ela lhe jurou pela segunda vez, embora tudo o que recordava mais tarde era o seu longo corpo de criança abandonada, com a sua blusa branca e a saia preta de amazona com uma racha e os seus olhos graves olhando-o com uma espécie de identificação que ele não podia retribuir porque nunca na vida estivera possuído por uma atração tão forte ou estado tão indefeso contra ela. Tessa perguntou-lhe onde tinha ele aprendido tanta coisa sobre jardinagem e ele respondeu: — Com os nossos jardineiros. —

Ela perguntou-lhe quem eram os pais e ele teve de admitir — com relutância, certo de que iria ofender os princípios igualitários de Tessa — que era bem nascido e de uma família abastada e que os jardineiros eram pagos pelo pai, que também pagara uma longa sucessão de amas e colégios internos e Universidades e férias no estrangeiro e mais tudo o que era necessário para lhe tornar fácil o caminho até a “firma da família”, que era como o pai chamava ao Ministério dos Negócios Estrangeiros.

Mas, com grande alívio dele, ela pareceu achar tudo isto uma descrição perfeitamente razoável das suas origens e forneceu em troca algumas confidências acerca de si própria. Confessou que também nascera no mundo dos privilegiados. Mas ambos os pais tinham morrido nos últimos nove meses, ambos de câncer. — E aqui estou eu, — declarou ela com fingida frivolidade — órfã e pronta para ser adoptada. Depois disto ficaram calados por uns momentos, afastados mas em perfeita comunhão.

— Tinha-me esquecido do carro, — disse ele a certa altura, como se de algum modo isso pusesse fim a quaisquer projetos.

— Onde é que o estacionou?

— Não fui eu. Trouxe um motorista. É um carro oficial.

— Não pode telefonar para ele?

Miraculosamente, ela tinha um celular na carteira e ele o número do motorista no bolso. Assim, ele amarrou o barco na margem e, sentado ao lado dela, telefonou ao motorista para que regressasse sozinho a Londres, o que foi como se deitasse a bússola pela borda fora, um ato de auto-abandono numa ilha deserta cujo significado foi entendido por ambos. E depois do rio ela levou-o para os seus aposentos onde fizeram amor. E por que razão o teria feito, quem é que ela pensou que ele era quando o fez, quem eram ambos depois daquele fim-de-semana... tais mistérios, como ela disse cobrindo-o de beijos na estação de comboio, seriam descobertos com o tempo e a prática.

O fato é que ela o amava, disse ela, e tudo o resto ficaria certo quando casassem. E Justin, na loucura que se apoderara dele, fez

declarações igualmente irrefletidas, repetiu-as e amplificou-as, tudo na vaga de loucura que o transportava. E ele deixou-se levar alegremente, embora, no mais recôndito da consciência, soubesse que cada hipérbole teria o seu preço um dia mais tarde.

Ela não negou que queria um amante mais velho. Como muitas raparigas bonitas que ele conhecera, ela estava farta dos rapazes da idade dela. Numa linguagem que ele secretamente ouviu com repulsa, ela descreveu-se a si própria como uma vadia, uma pega de bom coração, uma espécie de diabinho, mas estava demasiado apaixonado para a contradizer. Tais expressões, como ele soube mais tarde, provinham do pai que ele por isso detestou imediatamente, embora tivesse o cuidado de o esconder, visto ela falar dele como de um santo. A sua necessidade do amor de Justin, explicou ela, era como uma fome insaciável e Justin não pôde senão jurar que o mesmo sem dúvida se passava com ele. E por essa altura, ele acreditava que era verdade.

O seu primeiro instinto, quarenta e oito horas depois de regressar a Londres, foi de fugir. Tinha sido apanhado por um tornado, mas os tornados, como ele sabia por experiência própria, causavam grandes estragos, alguns deles colaterais, e seguiam caminho. A sua colocação num buraco infernal na África, ainda pendente, começou subitamente a parecer-lhe convidativo. As suas juras de amor alarmavam-no, quanto mais ele as ensaiava: isto não é verdade, isto sou eu na peça errada, Tinha tido uma série de casos amorosos e esperava ter mais alguns — mas só nos termos mais contidos e premeditados, com mulheres tão pouco inclinadas como ele a trocar o senso comum pela paixão. Mas ainda pior: receava a fé dela porque, como pessimista acabado, sabia não ter nenhuma. Não tinha fé na natureza humana, nem em Deus, nem no futuro e certamente nenhuma fé no poder universal do amor. Os homens eram vis e sê-lo-iam para todo o sempre. O mundo continha um pequeno número de pessoas razoáveis, de que Justin fazia parte. A sua missão, dum ponto de vista linear, consistia em desviar a raça humana dos seus piores excessos — com uma cláusula:

quando duas fações estavam determinadas a fazer-se mutuamente em pedaços, não havia muita coisa que uma pessoa razoável pudesse fazer, por mais enérgicas que fossem as suas tentativas de pôr um travão à crueldade. Ao fim e ao cabo, dizia a si mesmo aquele arrogante mestre em idealismo, nos tempos que correm todos os homens são Átilas e a onda está a crescer cada vez mais depressa. Assim, era uma dupla infelicidade que Justin, que considerava qualquer forma de idealismo com o mais puro cepticismo, se tivesse deixado envolver com uma mulher que, apesar de se revelar deliciosamente desinibida em muitos aspectos, era incapaz de atravessar uma rua sem primeiro tomar uma atitude moral. A fuga era o único recurso sensato.

Mas à medida que as semanas passavam e ele avançava no que era suposto ser um delicado processo de rompimento, a maravilha do que lhe tinha acontecido ganhava terreno. Os jantarzinhos íntimos planejados para fazerem parte duma cena de despedida tornavam-se festivais de magia, seguidos de prazeres sexuais ainda mais embriagadores. Começou a sentir vergonha da sua secreta abjuração. O idealismo amalucado de Tessa divertia-o, em vez de o afastar e, de uma forma tranquila, contagiava-o. Alguém devia sentir estas coisas e falar delas. Até agora sempre considerara as convicções fortes como as inimigas naturais da diplomacia: deviam ser ignoradas, tratadas com indulgência ou, como qualquer forma perigosa de energia, desviadas para canais inofensivos. Mas agora, para sua surpresa, via-as como símbolos de coragem e Tessa como o seu porta-estandarte.

E com esta revelação chegou uma nova percepção de si mesmo. Ele já não era o encanto das debutantes, o solteirão esquivo que evitara até então as amarras do matrimônio. Era o marido divertido, a figura paterna para uma rapariga bonita que ele amava, satisfazendo-lhe todos os caprichos, como se costuma dizer, deixando-a fazer tudo o que lhe passava pela cabeça. Mas era também o seu protetor, a sua rocha firme, a mão onde ela se apoiava, o seu jardineiro de chapéu de palha que a adorava.

Abandonando o seu plano de fuga, Justin mudou de rumo decididamente em direção a ela e desta vez — como fez notar aos agentes da polícia — nunca se arrependeu e nunca olhou para trás.

— Nem mesmo quando ela tomava atitudes embaraçosas para si? — pergunta Lesley que, juntamente com Rob, escutara Justin num silêncio respeitoso, secretamente pasmada pela sua franqueza.

— Já lhe expliquei. Houve assuntos em que nos mantivemos separados. Eu fiquei à espera. Ou de que ela optasse por alguma moderação ou de que o Foreign Office nos distribuísse a ambos papéis em que não ficássemos incompatibilizados um com o outro. O status das esposas do Foreign Office é extremamente variável. Não podem ganhar salários nos países onde os maridos estão colocados. Têm de partir quando os maridos partem. Num momento, têm ao seu dispor a sua liberdade a toda a hora. No momento seguinte, espera-se delas o comportamento de uma gueixa diplomática.

— Essas expressões são da Tessa? — pergunta Lesley sorrindo.

— A Tessa nunca ficou à espera de que lhe dessem liberdade. Tomou-a sempre.

— E Bluhm, não foi embaraçoso? — pergunta Rob rudemente.

— Pense o que quiser, Arnold Bluhm não era amante dela. Outra coisa os unia. Tessa fazia grande segredo da sua honestidade. Adorava chocar as pessoas. Isto é demais para Rob. — Quatro noites numa roda viva, Justin? — objeta ele. — Partilhando a mesma cabine no Lago Turkana? Uma mulher como ela? Falando a sério, está a pedir-nos para acreditar que eles não deram uma pinocada?

— Acredite no que quiser, — replica Justin, imperturbável. — Eu não tenho a menor dúvida.

— Por quê?

— Porque ela mo disse.

Contra isto não havia resposta. Mas Justin queria dizer mais uma coisa e pouco a pouco, ajudado pelos encorajamentos de Lesley, acabou por confessar.

— Ela tinha-se casado com a convenção em pessoa, — começou ele, constrangido. — Eu próprio. Não com um benemérito idealista. Comigo. Vocês não devem olhar para ela como qualquer coisa de exótico. Eu nunca duvidei (nem ela, logo que chegamos aqui), que ela nunca seria mais uma daquelas gueixas diplomáticas de que troçava. Mas, à sua maneira, traçara um limite.

— Consciente das expressões incrédulas dos policiais, continuou: — Com a morte dos pais, ela ficou num grande susto. Agora, comigo para a estabilizar, ela queria desligar-se de uma exagerada liberdade. Era o preço que ela estava disposta a pagar para deixar de ser uma órfã.

— Mas então o que a fez mudar de ideias? — perguntou Lesley.

— Fomos nós, — retorquiu Justin com veemência. Referia-se a nós, os outros. Nós, os que lhe sobrevivemos. Nós, os culpados. — Com a nossa complacência, — disse ele, baixando a voz. — Com tudo isto. — E aqui teve um gesto que abarcava não só a sala de jantar e as hediondas aquarelas de Gloria alinhadas por cima da lareira, como a casa toda à volta e os seus ocupantes e por conclusão todas as outras casas da rua. — Nós, que somos pagos para ver o que se passa e preferimos não ver. Nós que passamos pela vida de olhos baixos.

— São palavras dela?

— São palavras minhas. Era assim que ela nos via. Nasceu rica, mas isso nunca a impressionou. O dinheiro não a interessava, precisava de muito menos do que a gente das classes em ascensão. Mas sabia que não tinha desculpa para ficar indiferente ao que via e ouvia. Sabia que estava em dívida.

Sobre esta nota Lesley põe fim à sessão até amanhã à mesma hora, Justin, se lhe convém? Convém.

A British Airways parecia ter chegado à mesma conclusão, porque começaram a baixar as luzes na cabine da primeira classe e a tomar nota dos últimos pedidos de bebidas para aquela noite.

Capítulo 8

Rob espreguiça-se enquanto Lesley tira de novo para fora os seus brinquedos: os blocos de cor, lápis, o pequeno gravador que ontem não foi usado, a borracha. Justin está lívido como um prisioneiro e tem uma tela de rugas finas como cabelos à roda dos olhos, que é como ele acorda agora todas as manhãs. Qualquer médico lhe receitaria ar livre.

— Disse que não tinha nada a ver com a morte da sua mulher, no sentido que nós lhe dávamos, Justin — recorda Lesley. — Que outro sentido haverá, se posso perguntar? — E tem de inclinar-se para ouvir a resposta.

— Devia ter ido com ela.

— A Lokichoggio?

Ele abanou a cabeça.

— Ao lago Turkana?

— Fosse aonde fosse.

— Foi o que ela lhe disse?

— Não. Ela nunca me censurou. Nunca dizíamos um ao outro o que devíamos fazer. Tivemos uma discussão e tinha a ver com o método, não com a substância. Arnold nunca foi obstáculo.

— E a discussão, sobre o que foi, exatamente? — pergunta Rob, teimosamente agarrado à sua maneira literal de ver as coisas.

— Depois da morte do bebé, supliquei a Tessa que me deixasse levá-la para Inglaterra ou para Itália. Levava-a aonde ela quisesse. Mas ela, nem pensar. Tinha uma missão, graças a Deus, uma razão para sobreviver e era aqui em Nairobi. Tinha tido conhecimento de uma grande injustiça social, de um grande crime: ela chamava-lhe assim. Foi tudo quanto me foi dado conhecer. Na minha profissão, a ignorância cultivada é uma forma de arte. — Justin vai à janela e olha sem ver. — já viram como as pessoas vivem ali nos bairros de lata?

Lesley abana a cabeça.

— Ela levou-me lá, uma vez. Num momento de fraqueza, como ela disse mais tarde. Queria que eu passasse revista ao seu local de trabalho. Ghita Pearson veio conosco. Ghita e Tessa eram muito íntimas. As afinidades entre elas eram enormes. As mães de ambas tinham sido médicas, os pais advogados ambas tinham sido criadas na religião católica. Visitamos um centro de saúde. Quatro paredes de cimento, um telhado de zinco e um milhar de pessoas à porta, à espera. — Por um momento, Justin esquece-se de onde está. — O estudo da pobreza àquela escala é uma disciplina só por si. Não se pode aprender, numa só tarde. Contudo, depois daquilo, nunca mais pude passar pela Stanley Street sem... — fez uma pausa — sem tornar a ver a outra imagem no meu espírito.

— Depois dos polidos subterfúgios de Woodrow, as palavras de Justin, soam como palavras do evangelho. — A grande injustiça, o grande crime... era o que a mantinha viva. O nosso bebé tinha morrido há cinco semanas. Sozinha em casa, Tessa passava o tempo imóvel, a olhar para a parede. Mustafa telefonava-me para a Alta Comissão. “Vem para casa, Mzee, ela está mal, está mal. Mas não era a minha presença que a fazia reviver. Era Arnold. E Arnold sabia. Arnold partilhava de um segredo com ela. Bastava-lhe ouvir o carro dele chegar e ficava outra mulher. “Então, o que soube? Quais as novidades?” Referia-se às notícias. Há informação. Ao progresso do caso. Quando ele ia embora, ela entrava em seu escritório e trabalhava a noite toda.

— No computador?

Justin faz uma pausa de precaução, depois continua. — Tinha documentos, tinha o computador, tinha o telefone, que era usado com a maior circunspeção. E tinha Arnold, sempre que ele tinha um momento livre.

— E o senhor não se ralava? — escarnece Rob, num esforço pouco inspirado para voltar ao seu tom grosseiro. — A sua mulher com a cabeça na lua, à espera que apareça o Dr. Maravilhas?

— Tessa estava inconsolável. Pela parte que me toca, se ela precisasse de cem Bluhms podia tê-los onde quisesse.

— E o senhor não sabia nada desse tal grande crime? — retornou Lesley, sem se deixar demover. — Nada. De que se tratava, quem eram as vítimas, quem eram os intérpretes principais... Eles não lhe contaram nada? Dum lado Bluhm e Tessa, do outro o senhor para ali abandonado.

— Eu dei-lhes todo o espaço necessário, — confirmou Justin, obstinadamente.

— Só não percebo como é que vocês podiam sobreviver, — insiste Lesley, pousando o bloco e abrindo as mãos. — A parte, mas juntos, como o senhor descreve, é como... se não se falassem, pior ainda.

— Nós não sobrevivemos, — recorda-lhe Justin com simplicidade, — Tessa morreu.

Aqui poderiam pensar que o tempo das confidências tinha chegado ao fim e se seguiria um período de acanhamento ou embaraço, ou até de retratação. Mas Justin ainda agora começou. Endireita-se como um homem que sobe a parada. Pousa as mãos sobre as coxas e elas ali ficam até nova ordem. A sua voz retoma volume, trazida à superfície por uma força interior, para o ar requintado da sala de jantar dos Woodrow, ainda cheirando ao molho da noite anterior.

— Era tão impetuosa — declara ele com orgulho, recitando de novo partes dos discursos que fizera para si mesmo durante horas a fio. — Adorei essa faceta dela desde o princípio. Queria tanto ter um filho nosso imediatamente! A morte dos pais tinha de ser compensada o mais depressa possível! Para quê esperar até estarmos casados? Eu é que a retive. Não o devia ter feito. Falei-lhe nas convenções... só Deus sabe por quê. “Muito bem”, disse ela “se temos de casar para ter um bebé, vamos casar já!” Por isso fomos para Itália e casamos imediatamente, para grande gozo dos meus colegas. — Justin sorri, divertido. — “O Quayle endoideceu. O velhote casou com a filha. A Tessa já acabou o liceu?” Quando ficou grávida, ao fim de três anos de tentativas, até chorou. E eu também.

Justin para, mas ninguém interrompe o seu curso.

— Com a gravidez, ela mudou. Mas para melhor. Tessa cresceu com a maternidade. Por fora manteve-se alegre e descuidada. Mas por dentro formou-se nela um sentido profundo da responsabilidade. O trabalho dela na ajuda humanitária tomou um novo sentido. Disseram-me que não é novidade isso acontecer. O que até ali fora importante tornou-se agora uma vocação, praticamente um destino. Estava grávida de sete meses e continuava a tratar dos doentes e dos moribundos e depois voltava para casa e ia a um estúpido jantar diplomático, Quanto mais o bebé se aproximava, mais decidida ela estava em fazer um mundo melhor para ele. E não só para o nosso filho: para todas as crianças. Por essa altura já tinha decidido ter o bebé num hospital africano. Se eu a tivesse obrigado a ir para uma clínica privada, ela teria ido, mas eu tê-la-ia traído.

— Como? — murmura Lesley.

— A Tessa fazia uma diferença entre a dor observada e a dor partilhada. A dor observada é a dor jornalística. Dor diplomática. Dor televisiva, que acaba assim que se desliga o aparelho. As pessoas que vêem sofrer e não fazem nada para ela não eram muito melhores do que as que infligem essa dor. Eram os maus samaritanos.

— Mas ela estava a fazer qualquer coisa contra isso — objeta Lesley.

— Daí o hospital africano. Em momentos de exagero até falava em ter a criança no bairro de lata de Kibera. Felizmente, Arnold e Ghita em conjunto conseguiram restaurar o seu sentido das proporções. Arnold possui a autoridade de conhecer o sofrimento. Não só tratou vítimas da tortura na Argélia como também foi ele próprio torturado. Ganhou um passe para o mundo dos míseros da terra. Eu não.

Rob agarra a oportunidade, como se a questão não tivesse surgido já uma dúzia de vezes: — É um bocado difícil ver qual era o seu papel no meio disso tudo, não é Uma espécie de pneu sobressalente, lá em cima das nuvens, com a sua dor diplomática e os seus comitês ao mais alto nível, não era?

Mas a paciência de Justin não tem limites. Por vezes a sua boa educação impede-o de discordar. — Ela tinha-me dispensado do serviço ativo, como ela dizia — concorda ele, baixando a voz envergonhado. — Inventava pretextos capciosos para me pôr à vontade. Dizia que o mundo precisava de nós dois: eu por dentro do Sistema, a empurrar; ela, fora dele, no terreno, a puxar. — Eu sou a que acredita num Estado moral, — dizia ela. — Se vocês não fizerem o seu trabalho, que esperança haverá para nós? — Era um sofisma e ambos o sabíamos. O Sistema não precisava do meu trabalho, E eu também não. Qual era a ideia? Eu continuava a escrever relatórios que ninguém lia e a fazer sugestões que nunca eram aceites. Tessa não sabia o que era a mentira. Excepto no meu caso. Por mim, ela mentia a si própria completamente.

— Ela teve alguma vez medo? — pergunta Lesley baixinho, para não perturbar a atmosfera de confissão.

Justin reflete, depois tem um ligeiro sorriso de recordação. — Gabou-se uma vez à embaixatriz dos Estados Unidos de “medo” ser o único palavrão de quatro letras cujo significado desconhecia. Sua Excelência não achou graça.

Lesley sorri também, mas é um sorriso breve. — E aquela decisão de ter o bebé num hospital africano, — pergunta, sem levantar os olhos do seu bloco.

— Pode dizer-nos quando e como foi tomada, por favor?

— Havia uma mulher de uma das aldeias miseráveis lá para o norte que Tessa costumava visitar. Chamava-se Wanza, apelido desconhecido. Wanza sofria de uma doença misteriosa, não se sabe de que género. Tinha sido escolhida para receber um tratamento especial. Por coincidência encontraram-se as duas na mesma enfermaria do Hospital Uhuru e Tessa travou-se de amizade com ela.

Será que eles distinguem o tom cauteloso que acaba de aparecer na sua voz? Justin ouve-o claramente.

— Sabe qual era a doença?

— Muito vagamente. Só que estava mal e podia ficar em risco de vida.

— Seria AIDS?

— Se a doença dela era relacionada com a AIDS, não faço ideia. A minha impressão é que se tratava de uma coisa diferente.

— Isso não é muito vulgar, pois não, uma negra dos bairros de lata ir para um hospital para ter um bebé?

— Estava sob observação.

— Observação da parte de quem?

Pela segunda vez, Justin exerce censura sobre si mesmo. A mentira não é coisa que pratique naturalmente. — Suponho que de um centro de saúde lá da aldeia. Era só um grupo de palhotas. Como vê, é tudo muito vago para mim. Ainda agora me espanto como é que eu conseguia não estar a par das coisas.

— E Wanza morreu, não foi?

— Morreu na última noite da permanência de Tessa no hospital, — replica Justin, contente por poder abandonar a sua reserva a fim de reconstituir os acontecimentos para os dois agentes. — Eu tinha estado na enfermaria nessa noite, mas Tessa insistiu em que eu fosse para casa dormir um pouco. Disse o mesmo a Arnold e a Ghita. Nós fazíamos turnos à cabeceira dela. Arnold tinha trazido uma cama de campanha. Às quatro da manhã, Tessa telefonou-me. Não havia telefone na enfermaria, por isso usou o celular da enfermeira-chefe. Estava muito perturbada. Histérica seria a palavra certa, mas Tessa, quando fica histérica, não levanta a voz. Wanza desaparecera. O bebé também. Ela acordara e vira a cama de Wanza vazia e o berço do bebé desaparecido. Meti-me no carro e fui até o hospital. Arnold e Ghita chegaram ao mesmo tempo. Tessa estava inconsolável. Era como se tivesse perdido um segundo filho no espaço de poucos dias. Nós três conseguimos convencê-la a ir convalescer para casa. Com Wanza morta e o bebé desaparecido, deixou de sentir a obrigação de ali ficar.

— A Tessa chegou a ver o corpo?

— Pediu para vê-lo, mas disseram-lhe que não seria conveniente. Wanza estava morta e o bebé fora levado para a aldeia pelo irmão dela. Do ponto de vista do hospital, era um caso arrumado. Os hospitais não gostam de se preocupar com os mortos, — acrescenta, lembrando-se da sua experiência com o seu filho Garth.

— E Arnold chegou a ver o corpo?

— Era tarde demais. Tinha sido mandado para a morgue e já estava perdido. Lesley fez uma careta de genuíno espanto; do outro lado de Justin, Rob inclina-se rapidamente para a frente, pega o gravador e assegura-se de que a fita está a correr na pequena janela.

— Perdido?! Como é que se pode perder um corpo? — exclama ele.

— Pelo contrário, ao que me dizem, em Nairobi isso acontece todo o tempo.

— E a certidão de óbito?

— Só posso falar pelo que me disseram Arnold e Tessa. Não sei nada de uma certidão de óbito. Nunca se falou nisso.

— E não houve autópsia? — retoma Lesley.

— Que eu saiba, não.

— Wanza recebeu alguma visita no hospital?

Justin medita um pouco mas obviamente não vê razão para não responder.

— O irmão, Kioko. Dormia no chão ao lado dela, sempre que não estava a enxotar-lhe as moscas da cara. E Ghita Pearson fazia sempre questão de se sentar um pouco junto dela quando ia visitar Tessa.

— Mais alguém?

— Um médico branco, penso eu. Não tenho a certeza.

— De que ele era branco?

— De que era médico. Um branco de bata branca e estetoscópio.

— Sozinho?

De novo uma reserva passou como uma sombra na sua voz. — Estava acompanhado por um grupo de estudantes. Tomei-os por isso. Eram novos e usavam batas brancas.

Com três abelhas douradas bordadas no bolso, podia ele ter acrescentado, mas decidiu ficar calado.

— Porque é que diz que eram estudantes? A Tessa disse que eram estudantes?

— Não.

— E Arnold?

— Arnold não fez nenhum comentário sobre eles na minha presença. É pura suposição da minha parte. Eram jovens.

— E o chefe? O médico, se era esse o caso? Arnold disse alguma coisa acerca dele?

— A mim, não. Se tinha alguma coisa a dizer, disse-o ao próprio homem — o tal homem do estetoscópio.

— Na sua presença?

— Mas não ao alcance dos meus ouvidos. (Ou quase que não.)

Tanto Robin como Lesley estão inclinados para a frente para não perderem uma palavra. — Descreva-o.

Justin já está a descrevê-lo. Por um breve instante, juntou-se à equipa dos policiais, Mas a reserva não o abandonou. Cautela e circunspeção é o que se lê nos seus olhos cansados, — Arnold puxou o homem para o lado por um braço. O tal homem do estetoscópio. Falaram um com o outro como fazem os médicos. Em voz baixa.

— Em inglês?

— Creio que sim, Quando Arnold fala em francês ou swahili tem uma linguagem corporal diferente. (E quando fala inglês é num tom um pouco mais agudo, podia ele ter dito.)

— Descreva-o... ao tal gajo do estetoscópio. — ordena Rob.

— Era volumoso, Um homem alto. Gordo. Desleixado. Parece que me lembro de uns sapatos de camurça. Lembro-me de pensar que era estranho um médico usar sapatos de camurça, não sei por quê. Mas a memória dos sapatos de camurça aqui ficou. A bata

estava suja, não sei especialmente de quê. Sapatos de camurça, bata suja, cara vermelhusca. Um homem ligado ao mundo do espetáculo, de certo modo. Se não fosse pela bata, parecia um empresário de variedades. — E três abelhas douradas, sujas mas inconfundíveis, bordadas no bolso, precisamente como a enfermeira do cartaz no aeroporto, pensou ele.

— Parecia envergonhado — acrescentou, com surpresa para si mesmo.

— De quê?

— Da sua presença ali. Do que estava a fazer.

— Porque diz isso?

— Evitava olhar para Tessa. Para nós também. Olhava fosse para onde fosse, mas nunca para nós.

— Cor de cabelo?

— Louro. Louro-arruivado. Tinha cara de alcoólico. O cabelo avermelhado ainda o punha mais em evidência. Sabe quem é? A Tessa estava muito curiosa acerca dele.

— Barba? Bigode?

— Cara rapada. Não. Não era bem, Tinha barba por fazer de um dia pelo menos. Com um tom acobreado. Ela perguntou-lhe o nome várias vezes, mas ele recusou-se a dizê-lo.

Rob entra de novo, com mão pesada. — Que gênero de conversa lhe pareceu ser — insiste ele. — Era uma discussão? Uma conversa amigável? Estavam a combinar almoçar juntos? Que é que se estava a passar?

De novo a precaução. (Não ouvi nada, só vi.) — Arnold parecia estar a protestar, ou a censurar. O médico negava tudo. Tive a impressão... — para, tomando tempo para escolher as palavras. Não confies em ninguém, dissera Tessa. Ninguém a não ser Ghita e Arnold. Promete-me. Prometo. — A minha impressão é que não era a primeira vez que havia desacordo entre eles. O que eu testemunhei foi parte de uma discussão contínua. Foi o que eu pensei depois, pelo menos. Que tinha assistido a um recomeço de hostilidades entre adversários.

— Pensou bastante no caso, então.

— Pensei. Sim, Pensei bastante — concorda Justin hesitante. — A minha outra impressão foi que o inglês não era a língua-mãe do homem da bata.

— Mas não discuti nada disso com Arnold ou com Tessa?

— Quando o homem se foi embora, Arnold voltou para a cabeceira de Tessa, tomou-lhe o pulso e falou-lhe ao ouvido.

— Claro que também não ouviu nada.

— Não, porque a conversa não era comigo. — Fraco argumento, pensa Justin. Tens de arranjar melhor. — Era um papel que eu estava habituado a assumir, — explica ele, desviando o olhar. — Ficar fora do círculo deles.

— Como é que Wanza estava a ser medicada? — pergunta Lesley.

— Não faço ideia.

Fazia com certeza uma ideia. Veneno. Tinha ido buscar Tessa ao hospital e estava dois degraus abaixo dela na escada que subia até o quarto, com o saco dela numa mão e a mala com as fraldas e as primeiras roupas para o bebé na outra, mas vigiava-a como um lince porque, sendo Tessa como era, sentia-se obrigada a subir a escada sozinha. Logo que ela começou a oscilar, ele largou as malas e agarrou-a antes de ela se ir abaixo das pernas; sentiu a leveza assustadora do corpo dela e o tremor e o desespero quando ela começou numa lamentação, não acerca da morte de Garth, mas acerca da morte de Wanza. Mataram-na, balbuciou ela mesmo na cara dele, porque ele continuava a segurá-la junto ao peito. Aqueles sacanas mataram a Wanza, Justin! Mataram-na com o veneno deles! Quem, meu amor? perguntou ele, afastando-lhe da cara o cabelo colado pelo suor. Quem é que a matou? Diz-me. Com o braço à volta das costas emagrecidas de Tessa, Justin fê-la subir a escada. Quais sacanas? Diz-me quem são os sacanas. Aqueles sacanas das Três Abelhas. Aqueles cabrões daqueles falsos médicos. Aqueles que não queriam olhar para nós! Que gênero de médicos são eles?, disse, tomando-a nos braços e deitando-a na

cama para não lhe dar a menor hipótese de cair. Têm nome, esses médicos? Diz-me.

Regressando do seu mundo interior, ouve Lesley fazer a mesma pergunta ao contrário: — O nome Lorbeer diz-lhe alguma coisa, Justin?

Na dúvida, mentir, jurou ele a si mesmo. No inferno, mentir. Se não confio em ninguém — nem em mim próprio — se só devo lealdade aos que morreram, mentir.

— Receio que não, — responde.

— Nunca o ouviu em parte nenhuma... ao telefone? Fragmentos de conversa entre Arnold e Tessa? Lorbeer, alemão, holandês, talvez suíço?

— Lorbeer não me diz nada, de todo.

— E Kovacs... uma húngara? Cabelo escuro, parece que é muito bonita ... ?

— Qual é o nome próprio? — O que quer dizer “não” e desta vez é verdade.

— Ninguém tem nome próprio — diz Lesley, em tom de desespero — Enrich, outra mulher mas loira... Não? — Atira o lápis para cima da mesa, vencida.

— Corre que então a Wanza morre — diz ela. — É oficial. É assassinada por um homem que não quer olhar para as pessoas. E hoje, seis meses depois, ainda não se sabe de quê. Morreu e pronto.

— Nunca mo disseram. Se Tessa ou Arnold sabiam a causa da morte, eu não sabia.

Rob e Lesley deixam-se cair nas cadeiras como dois atletas que combinaram fazer uma pausa. Encostando-se para trás, espreguiçando-se largamente, Rob solta um suspiro teatral, enquanto Lesley se deixa ficar inclinada para a frente, com o queixo nas mãos e uma expressão melancólica no rosto inteligente.

— Isto não é invenção sua, pois não? — pergunta ela por entre os nós dos dedos. — Toda essa cena da moribunda chamada Wanza, do bebé dela, do pretense médico envergonhado, dos

pretensos estudantes de bata branca? Isso não será tudo mentira de uma ponta à outra, por exemplo?

— Isso é uma ideia completamente ridícula! Por que raio é que eu havia de perder o seu tempo e o meu a inventar uma história destas?

— No hospital Uhuru não há o menor registro de uma mulher chamada Wanza. — explica Rob, igualmente desanimado, da sua posição, quase horizontal. — A Tessa esteve lá, tal como Garth, coitadinho. Mas Wanza não. Nunca lá esteve, nunca foi admitida, nunca foi tratada por um médico, pretenso ou não, ninguém a observou, nada lhe foi receitado. O bebé dela nunca nasceu, o corpo dela nunca desapareceu porque nunca existiu. Aqui a nossa amiga Les tentou falar com as enfermeiras, mas ninguém sabe nada, pois não, Les?

— Alguém lhes deu uma palavrinha antes de mim, — explica Lesley.

Ao ouvir uma voz de homem atrás de si, Justin volta-se. Mas era só o comissário de bordo para saber se estava confortável. Quer ajuda com os controles do assento, senhor Brown? Obrigado, o senhor Brown prefere sentar-se direito. Ou o vídeo? Obrigado, não é preciso. Talvez queira que eu corra a cortina da vigia? Não, obrigado — enfaticamente — Justin preferia ter a janela aberta sobre o cosmos. E uma mantinha para os joelhos, sr. Brown? Devido a uma boa educação incurável, Justin aceitou a mantinha e virou os olhos para o negrume da janela a tempo de ver Gloria entrar na sala sem bater na porta com uma bandeja cheia de sanduíches de patê. Ao colocá-la sobre a mesa, olha para ver o que Lesley escreveu no seu bloco: em vão, porque Lesley agilmente já virou para uma página em branco.

— Não vão cansar mais o meu pobre hóspede, não, meus queridos? Ele já tem muito em que pensar, não é, Justin?

Um beijo na cara para Justin e uma saída de comédia ligeira para todos; simultaneamente os três levantam-se de um salto e

abrem a porta para Gloria que parte levando a bandeja do chá já servido.

Por algum tempo depois da intrusão de Gloria a conversa fica fragmentada. Todos mastigam as sanduíches, Lesley enceta um caderno novo, azul, enquanto Rob, de boca cheia, dispara uma série de perguntas à primeira vista sem relação umas com as outras.

— Conhece alguém que fume cigarros Sportsman sem parar? — num tom que sugere que fumar Sportsman é um crime sem perdão.

— Não, que eu me lembre, não. Não gostávamos do fumo dos cigarros, nem um nem outro.

— Refiro-me a fumar em geral, não só em sua casa.

— Mesmo assim, não.

— Conhece alguém que seja dono de uma picape-safari verde. Em boas condições, com matrícula do Quênia?

— O Alto Comissário gaba-se de ter um jipão blindado, mas não sei se é isso a que se refere.

— Conhece alguns gajos de quarenta e tal anos, tipo militar bem constituído, bronzeados do sol, sapatos muito engraxados?

— Ninguém que me lembre, na verdade não. — Confessa Justin sorrindo aliviado por se ver longe da zona minada.

— Já ouviu falar de um lugar chamado Marsabit?

— Acho que sim. Sim, Marsabit, claro. Por quê?

— Ah? Bom, ótimo. Nós também ouvimos falar. Onde é?

— À beira do deserto de Chalbi.

— A leste do lago Turkana, então?

— Tanto quanto me lembro, sim. É um centro administrativo qualquer. Um ponto de encontro para os viajantes de toda a região do norte.

— Já lá esteve?

— Não, infelizmente.

— Conhece alguém que tenha lá estado?

— Não, acho que não.

— Tem alguma ideia das instalações que possa haver em Marsabit para viajantes fatigados?

— Suponho que há lá onde ficar. Há um posto de polícia. É uma reserva nacional.

— Mas nunca lá esteve. — Justin nunca lá esteve. — Nem mandou lá ninguém? Duas pessoas por exemplo? — Justin não mandou. — Então, como é que conhece o lugar tão bem? O senhor será vidente?

— Quando sou colocado num país, faço o possível por estudar os mapas.

— Ouvimos dizer que uma picape-safari verde esteve em Marsabit duas noites antes do crime, Justin, — explica Lesley quando o ritual de agressão chegou ao fim. — Com dois homens. Pareciam ser caçadores brancos. Boa forma física, mais ou menos da sua idade, equipamento caqui, sapatos reluzentes, como disse o Rob. Não falaram com ninguém a não ser um com o outro. Não namoraram com um rancho de raparigas suecas que estavam no bar. Fizeram compras no armazém. Combustível, cigarros, água, cerveja, rações. Os cigarros eram Sportsman, a cerveja Whitecap em garrafa de vidro. A Whitecap só se vende em garrafa. Partiram na manhã seguinte, na direção oeste, pelo deserto. Se não pararam podem ter chegado às margens do Turkana no dia seguinte ao fim da tarde. Até podem ter chegado a Allia Bay. As garrafas vazias de cerveja que encontramos perto da cena do crime eram de Whitecap. As beatas eram de Sportsman.

— Será ingênuo da minha parte perguntar se o hotel em Marsabit não tem um registro de chegadas?

— Falta a página, — declara Rob triunfante, metendo-se na conversa. — Rasgou-se por acaso. Além de que o pessoal do hotel não se lembra deles de todo. Estão tão aterrorizados que nem se lembram dos seus próprios nomes. É de supor que alguém lhes tenha dado uma palavrinha, também. As mesmas pessoas que tiveram uma palavrinha com o pessoal do hospital.

Isto foi o canto do cisne de Rob, no que toca ao seu papel como carrasco de Justin, uma evidência que ele próprio reconhece, franzindo o sobrolho, puxando pela orelha e parecendo prestes a pedir desculpa, mas entretanto Justin começou a animar-se. Os seus olhos passam sem descanso de Rob a Lesley e vice-versa. Está à espera da próxima pergunta e, como ela não chega, decide perguntar também...

— E a conservatória do registo automóvel?

A ideia suscitou um riso cavo da parte dos policiais.

— No Quênia?

— Então as companhias de seguros. Os importadores de automóveis, os stands? Não pode haver assim tantas picapes-safari no Quênia. Procurando bem encontra-se de certeza.

— A Judiciária do Quênia está a trabalhar no caso — diz Rob. — No próximo milênio, se nos portarmos muito bem, talvez eles forneçam uma resposta. Os importadores também não têm sido muito eficazes, com toda a franqueza — continua ele com um olhar de gozo para Lesley. — É uma firma pequena chamada, Bell, Barker & Benjamin, também conhecida por As Três Abelhas

— Já ouviu falar? Presidente vitalício, um tal Sir Kenneth K. Curtiss, golpista e vigarista, Kenny K. para os amigos.

— Em África toda a gente ouviu falar das Três Abelhas, — diz Justin, pondo-se rapidamente em guarda. (Na dúvida, mentir.) — E de Sir Kenneth, claro. É uma personagem.

— Amado?

— Admirado, é a palavra. É dono de uma das equipas de futebol mais populares do Quênia. E usa um boné de basebol de trás para diante, — acrescenta, com um esgar de repugnância que os faz rir.

— As Três Abelhas mostraram aquilo a que eu chamo muita disponibilidade e nenhuma eficiência, — continua Rob. — Muito prestimosos e préstimo, nenhum: “Não há problema, senhor agente! Na hora do almoço já terá tudo aqui, senhor agente!” Mas depois, passam oito dias sobre a hora do almoço — e nada!

— Lamento dizer que é assim que funciona muita gente para estes lados — comenta Justin com um sorriso cansado. — Já experimentou as companhias de seguros automóveis?

— As Três Abelhas também fazem seguro automóvel. Nem outra coisa era de esperar, não é? O seguro contra terceiros é de borla quando se compra um carro deles. Mas aí também não tivemos sorte nenhuma. Pelo menos, quanto a picapes-safari verdes em boas condições.

— Estou a ver, — disse Justin em voz sumida.

— A Tessa nunca os considerou alvos a abater, pois não? — pergunta Rob no seu tom mais descuidado... — As “Três Abelhas ...?” Esse Kenny K. parece andar muito próximo do trono de Moi, que tantas vezes a fazia perder as estribeiras. Terá sido o caso?

— Suponho que sim, — diz Justin com não menos indiferença. — Uma vez por outra. Deve ter acontecido.

— Isso pode explicar por que não temos tido toda a colaboração que desejávamos da nobre casa das Três Abelhas acerca do veículo misterioso e mais uma ou duas coisas indiretamente interligadas. Mas é que eles são o máximo em outros campos também, não são? Tudo, desde xarope para a tosse até jatos para executivos, foi o que eles disseram, não foi, Lis?

Justin sorri com um sorriso distante mas não pega no tema da conversa nem sequer (apesar de tentado) com uma referência irônica à Gloria roubada a Napoleão, ou a coincidência absurda da ligação de Tessa com a ilha de Elba. E não faz sequer menção à noite em que a trouxe para casa vinda do hospital e àqueles sacanas das Três Abelhas que assassinaram Wanza com o seu veneno.

— Mas não estavam na lista negra de Tessa, pelo que me diz, — continua Rob. — Isso é na verdade surpreendente, considerando o que dizem deles os seus muitos detratores. “O punho de ferro na luva de ferro” é como um membro do Parlamento os descreveu recentemente em Westminster, se a memória me não falha, a propósito de um escândalo já esquecido. Esse deputado é que não

deve estar à espera de ganhar um safari de borla nos tempos mais próximos, não é, Les? — Les murmurou “nem pensar”. — Kenny K. e as suas Três Abelhas... Parece um grupo MCK. Mas Tessa não lançou um dos seus fatwas contra eles, não é, tanto quanto sabe?

— Que eu saiba, não — disse Justin sorrindo à palavra “fatwa”.

Rob não larga o assunto. — Baseada... quem sabe... em alguma experiência má dque ela e Arnold tenham tido lá no trabalho de campo deles, por exemplo... malversação ou negligência no exercício da medicina, de uma forma ou de outra... no campo farmacêutico, talvez? Ela interessava-se muito pelo aspecto médico das coisas, não era? E o Kenny K. também se interessa, quando não está a jogar golfe com a rapaziada do Moi, ou a zumbir dum lado para o outro no seu “Gulfstream” privado, à procura de mais companhias para comprar.

— Ah, sim..“? — diz Justin, mas com um ar tão distante, para não dizer desinteressado, que não deixa lugar a mais nenhuma esperança de esclarecimento.

— Então, se eu lhe dissesse que tanto Tessa como Arnold tiveram nas últimas semanas repetidos contatos com numerosos departamentos da longínqua Casa-Mãe das Três Abelhas — escreveram cartas, fizeram telefonemas, tentaram marcar encontros e receberam tampas sistematicamente — diria ainda que não tinha o mínimo conhecimento do caso? É uma pergunta.

— Isso é exato, infelizmente.

— Tessa escreve uma série de cartas furiosas dirigidas a Kenny K., pessoalmente. São registradas ou entregues em mão. Telefona três vezes por dia à secretária dele e bombardeia-o com e-mails. Faz-lhe esperas à porta do rancho que ele tem no Lago Naívasha e do célebre escritório novo, mas ele é avisado pelos seus capangas e entra pela porta das traseiras, para gáudio do seu pessoal. Tudo isto seria novidade para si, assim Deus o ajude?

— Com ou sem ajuda de Deus, é novidade para mim.

— Não parece muito surpreendido,

— Ah não? É estranho. Eu sinto-me atônito. Talvez não esteja a trair, como devia, as minhas emoções, — riposta Justin com uma tal mistura de irritação e distância que os agentes, apanhados de surpresa, levantam a cabeça para ele, quase em continência.

Mas Justin não está interessado nas reações deles. As suas fintas têm uma origem radicalmente diferente das de Woodrow. Enquanto Woodrow fazia todos os esforços para esquecer, Justin é assaltado de todos os lados pela memória recorrente de partes de conversas entre Bluhm e Tessa que, por escrúpulo, se tinha obrigado a não ouvir, mas que agora a corrente traz até ele: a exasperação dela, que tomava a forma de silêncio sempre que o omnipresente nome de Kenny K. era pronunciado na sua presença. Por exemplo, a sua entrada iminente na Câmara dos Lordes, que no Clube Muthaiga era tida como certa. por exemplo, o boato persistente de uma fusão gigante entre as Três Abelhas e uma multinacional ainda maior. Lembra-se do implacável boicote que ela fazia a todos os produtos das Três Abelhas — a que ela chamava ironicamente a sua cruzada antinapoleônica, — que ia dos alimentos e detergentes, que o exército doméstico de desprotegidos de Tessa estava proibido de comprar sob pena de morte, até os postos de gasolina, cafetarias à beira da estrada, baterias e óleos para o carro de que Justin não podia servir-se quando viajavam juntos — até a ladainha de pragas que ela soltava sempre que um cartaz das Três Abelhas com o emblema roubado a Napoleão lhes sorria cinicamente de um tapume.

— Ouvimos falar muito em radical, Justin, — anuncia Lesley, emergindo das suas notas para mergulhar mais uma vez nos pensamentos dele. — Seria Tessa uma radical? Pelas minhas contas, radical quer dizer militante, gênero “se não gostas, põe uma bomba”, A Tessa não estava para aí virada, pois não? Nem o Arnold. Ou estavam?

A resposta de Justin tinha o ar cansado da resposta muitas vezes ensaiada para um Chefe de Departamento pedante.

— Tessa acreditava que a procura irresponsável do lucro pelas empresas está a destruir o globo e especialmente os países em desenvolvimento. Sob pretexto de investir, o mundo capitalista está a arruinar o ambiente natural e a favorecer a criação de cleptocracias. Era essa a sua convicção. Nos nossos dias não se pode dizer que ela seja radical. Já ouvi essa teoria amplamente esboçada nos corredores da comunidade internacional. Até no próprio Comitê.

para de novo, recordando a visão pouco agradável do obeso Kenny K. a sair de carrinho do primeiro chá do Clube Muthaiga na companhia de Tim Donohue, o nosso chefe-espião serôdio.

— Segundo o mesmo argumento, o auxílio ao Terceiro Mundo é exploração com um nome diferente, — continua. — Quem beneficia são os países que entram com o dinheiro a juros, os políticos africanos, os funcionários que arrecadam subornos gigantescos e os empresários e vendedores de armamento ocidentais que saem daqui com lucros gigantescos. As vítimas são o homem da rua, o desenraizado, o pobre e o muito pobre. E as crianças que não terão futuro — termina ele, citando Tessa e pensando em Garth.

— E o senhor acredita nisso? — pergunta Lesley.

— Para mim é tarde demais para acreditar seja no que for, — responde Justin mansamente e há um momento de silêncio até que ele acrescenta no mesmo tom: — Tessa era uma pessoa rara: uma advogada que acreditava na justiça.

— Porque é que eles se dirigiam ao acampamento Leakey? — pergunta Lesley, após ter digerido em silêncio aquela declaração.

— Talvez Arnold tivesse lá qualquer coisa a tratar para a sua ONG. Leakey não é pessoa para não se ralar com o bem-estar dos nativos africanos.

— Talvez — concorda Lesley escrevendo num caderninho verde. — Ela conhecia-o?

— Acho que não.

— E Arnold?

— Não faço ideia. Talvez seja bom perguntar ao senhor Leakey.

— O senhor Leakey nunca tinha ouvido falar de qualquer deles antes de ligar o seu aparelho de televisão na semana passada, — responde Lesley, bastante desanimada. — O senhor Leakey passa a maior parte do seu tempo em Nairobi, nos dias que correm, tentando ser a imagem da inocência do senhor Moi e exercendo um grande esforço para conseguir transmitir essa mensagem.

Rob lança um olhar para Lesley pedindo a sua aprovação e recebendo uma discreta aquiescência. Inclina-se para a frente e dá um empurrão agressivo ao gravador na direção de Justin: fale aí para dentro.

— O que é a praga branca, na nossa terra? — pergunta ele, implicando, com o seu tom agressivo, que é Justin pessoalmente o culpado da sua disseminação.

— A praga branca — repete, dada a hesitação de Justin. — O que é? Vá lá?

Pelo rosto de Justin espalhou-se de novo uma imobilidade estóica. A sua voz recolhe à sua concha oficial. Novos caminhos de ligação estão a abrir-se à sua frente, mas são os caminhos de Tessa e ele quer percorrê-los sozinho.

— A “praga branca” era, em tempos, o nome popular para a tuberculose, — recita ele. — O avô de Tessa morreu dessa doença. Em criança, assistiu à morte dele. Tessa tinha um livro com esse título. — Mas não acrescentou que o livro estava à cabeceira dela, antes de ele o ter metido na pasta.

Agora era a vez de Lesley se mostrar cautelosa: — Ela tinha algum interesse especial pela doença, por essa razão?

— Especial, não sei. Como acaba de dizer, o trabalho dela nos bairros de lata fazia-a interessar-se por um certo tipo de assuntos médicos. A tuberculose era um deles.

— Mas se o próprio avô morreu disso, Justin...

— Tessa detestava o sentimentalismo que a literatura liga à tuberculose — continua Justin com severidade, por cima da fala dela. — Keats, Stevenson, Coleridge, Thomas Mann — ela

costumava dizer que as pessoas que acham a tuberculose romântica haviam de ter estado sentadas à cabeceira do avô dela.

Rob consulta Lesley com o olhar e de novo recebe um assentimento mudo. Então surpreendê-lo-ia saber que, no decurso de uma busca não-autorizada ao apartamento de Arnold Bluhm, encontramos a cópia de uma antiga carta que ele mandara ao chefe de marketing das Três Abelhas, avisando-o, dos efeitos secundários de uma nova droga-relâmpago antituberculose que as Três Abelhas andam a comercializar?

Justin não tem um segundo de hesitação. A linha perigosa que tomou o interrogatório reativou os seus dotes diplomáticos. — Porque é que havia de me surpreender? A ONG a que Bluhm está ligado interessa-se especialmente pelos fármacos usados na África. Os fármacos são um escândalo na África. Se alguma coisa há que ponha em evidência a indiferença ocidental pelo sofrimento na África, é a falta escandalosa de medicamentos adequados e os preços vergonhosamente altos que as firmas farmacêuticas têm exigido nos últimos trinta anos. — Citava Tessa sem a mencionar. — Tenho a certeza de que Bluhm escreveu dúzias de cartas dessas.

— Esta carta estava escondida a parte. — diz Rob. — Enrolada em dados técnicos que nós não entendemos.

— Bom, esperamos que o próprio Arnold possa ajudar a decifrar tudo isso quando regressar, — diz Justin muito formal, sem esconder a desaprovação pela ideia que os policiais tinham estado a meter o nariz nos objetos pessoais de Bluhm e a ler a sua correspondência sem o seu conhecimento.

Lesley toma de novo a chefia: — A Tessa tinha um computador portátil, não tinha?

— Claro que tinha.

— De que marca?

— O nome não sei. Era pequeno, cinzento e japonês, é tudo o que posso dizer-lhe.

É uma completa mentira. Eles sabem-no e ele também. A julgar pelas caras deles, sentem como que uma perda, uma relação de

amizade que foi traída. Mas da parte de Justin, não. Justin só experimenta um desejo teimoso de recusa, escondida com arte diplomática. Esta é a batalha para que ele se preparou dias e noites a fio, embora rezando para que nunca acontecesse.

— Ela tinha-o no escritório, não é assim? Onde tinha o seu painel de parede para recados e notas, os papéis e o material de pesquisa?

— Quando não o levava, claro.

— E usava-o para escrever as suas cartas e documentos?

— Suponho que sim.

— E os e-mails?

— Frequentemente.

— E imprimia a partir dele?

— Por vezes.

— Ela escreveu um longo documento há uns cinco ou seis meses atrás — à volta de dezoito páginas, incluindo carta e anexo. Era uma espécie de protesto contra a prática errada da medicina, quer médica quer farmacêutica, pensamos nós. A história de um caso que descrevia qualquer coisa de muito grave acontecendo aqui no Quênia. Ela mostrou?

— Não.

— E o senhor não leu... para si mesmo, sem o conhecimento dela?

— Não.

— Então não sabe nada desse caso, é o que está dizendo?

É sim, lamento. — A frase é acompanhada por um sorriso pesaroso. Ora, estamos pensando se isso não teve algo a ver com o tal grande crime que ela achava ter descoberto.

— Entendo.

— E se as Três Abelhas não teriam algo a ver com o tal grande crime.

É sempre possível.

Mas ela não lhe mostrou nada? — insiste Lesley.

Como já lhe disse várias vezes, Lesley: não. — Quase acrescenta, “minha cara senhora”.

— Acha que as Três Abelhas podem estar implicadas, de alguma maneira?

— Não faço a menor ideia, infelizmente.

Mas tem todas as ideias. Este foi o tempo terrível. O tempo terrível em que ele receou tê-la perdido; quando aquele rosto jovem se foi tornando cada dia mais duro e aqueles olhos jovens adquiriram um brilho fanático; quando ela se sentava, noite após noite diante do computador no pequeno gabinete, rodeada de montes de papéis marcados de referências cruzadas como um memorial de advogado; o tempo em que ela comia sem reparar no que comia e corria de novo para o trabalho sem sequer dizer até logo; o tempo em que tímidos camponeses de aldeias recônditas vinham silenciosamente pela porta das traseiras para falar com ela e sentavam-se com ela na varanda comendo o que Mustafa lhes trazia.

— Mas então ela nunca sequer discutiu esse documento com você? — disse Lesley, fazendo-se incrédula.

— Nunca, receio bem.

— Nem na sua presença... talvez com Arnold ou com Ghita?

— Nos últimos meses, Tessa e Arnold mantinham Ghita à distância, para seu próprio bem, pelo que percebi. Quanto a mim, sempre tive a sensação de que não confiavam em mim. Achavam que, se fosse apanhado num conflito de interesses, eu procuraria manter a minha lealdade para com a Coroa.

— E manteria?

Nunca por nunca se pensava ele. Mas a sua resposta reflete a ambivalência que esperam dele. — Não estando a par do documento a que se refere, receio não poder responder a essa pergunta.

— Mas o documento teria sido impresso a partir do computador portátil dela, não é verdade? Essa coisa de dezoito páginas... mesmo se ela não lho mostrou.

— Possivelmente. Ou do computador de Bluhm. Ou de uma pessoa amiga.

— E onde está agora... o computador? Neste momento?

Ficou impassível.

Woodrow podia aprender com ele.

Nem expressão corporal, nem tremor na voz ou pausa exageradamente longa para retomar o controle.

— Procurei em vão o computador na lista das coisas dela que a polícia do Quênia me apresentou mas, como um certo número de outros objetos, não estava lá.

— Em Loki ninguém a viu com um computador, — diz Lesley.

— Mas também que eu saiba ninguém lhe revistou a bagagem.

— No Oasis não havia bagagem nenhuma. Ela levava alguma mala quando a deixou no aeroporto?

— Levava a mochila que costumava... levar nos trabalhos de campo. Isso também desapareceu, Levava também uma maleta de fim-de-semana onde ela podia ter metido o computador. Era o que ela fazia às vezes. No Quênia as mulheres sozinhas são aconselhadas a não exibir material eletrônico valioso nos lugares públicos.

— Mas a verdade é que ela não estava sozinha, pois não? — recorda Rob. Segue-se um longo silêncio. Tão longo que se torna um caso de suspense decidir quem é que o vai quebrar.

— Justin — diz Lesley por fim. — Quando foi a sua casa com Woodrow na terça-feira de manhã, o que é que trouxe de lá?

Justin simula compor mentalmente uma lista. — Olhe ... papéis de família... correspondência privada a respeito da herança de Tessa ... umas camisas, meias, um terno escuro para o funeral... alguns objetos de valor sentimental, umas gravatas...

— Mais nada?

— Não, que me venha imediatamente ao espírito, nada,

— E que não venha? — pergunta Rob.

Justin faz um sorriso cansado mas não responde.

— Nós falamos com o Mustafa, — diz Lesley. — Perguntamos: Mustafa, onde está o computador portátil de Miss Tessa? Ele deu respostas contraditórias. Disse que ela o tinha levado. Minutos depois, que não tinha. Mais adiante, que os jornalistas o tinham roubado. A única pessoa que não tinha tocado nele era o senhor Justin. Achamos provável que ele estivesse a servir-lhe de capote, embora sem grande eficácia.

— Acho que é isso que se obtém quando se intimida o pessoal doméstico.

— Nós não o intimidamos, — responde Lesley, finalmente zangada. — Fomos até extremamente simpáticos. Perguntamos pelo painel de notas e recados. Por que é que estava cheio de pinos e buracos de pinos e não tinha a menor nota? Ele respondeu que tinha limpado tudo. Limpou tudo sozinho sem ajuda de ninguém. Não sabe ler inglês, não está autorizado a mexer nas coisas dela nem em nada do escritório, mas limpou o painel. O que fez dos recados? Queimou-os, disse ele. Quem o mandou queimá-los? Ninguém. Quem o mandou limpar o painel? Ninguém. E sobretudo, não foi Mr. Justin. Nós pensamos que ele estava dando cobertura a Mr. Justin, embora sem muito jeito. Pensamos que foi o senhor que tirou os recados e não Mustafa. E pensamos que ele lhe está a dar cobertura acerca do computador, também.

Justin refugiou-se de novo naquele estado de à vontade artificial que é ao mesmo tempo a virtude e o defeito da sua profissão. — Acho que desta vez não está levando em conta as diferenças culturais, Lesley. A explicação mais provável é que Tessa levou o computador com ela para Turkana.

— E levou também os papéis que estavam afixados? Não me parece, Justin. E o senhor levou algum disquete do computador, quando foi à casa?

Por um momento (mas só aqui), Justin baixou a guarda. Por um lado, está empenhado em negar tudo afavelmente, mas por dentro está tão ansioso como seus interrogadores por obter respostas.

— Não, mas confesso que andei à procura. Muita correspondência jurídica dela estava no computador. Ela tinha por hábito mandar e-mails ao seu advogado acerca de vários assuntos.

— E não encontrou os disquetes.

— Estavam sempre em cima da secretária, — proclama Justin, desejoso agora de partilhar a sua dúvida. — Numa caixa muito bonita de laca preta que o próprio advogado lhe ofereceu pelo Natal — eles são primos e amigos de infância. A caixa tem caracteres chineses e Tessa pediu a um colega chinês da ajuda humanitária para traduzir. Ficou encantada quando descobriu que era uma tirada contra os odiosos ocidentais. Não posso deixar de pensar que deve ter tido o mesmo destino do computador. Talvez ela também tenha levado os discos para Loki.

— Para quê? — pergunta Lesley, cética.

— Não sou muito forte em tecnologia informática. Devia ser, mas não sou. O inventário da polícia também não falava em disquetes, — diz ele e fica à espera que o iluminem.

Rob reflete. — Seja o que for que estivesse nos discos, o mais provável é que também estivesse no computador, — decide ele. — A não ser que tenha passado tudo para uma disquete e tenha apagado depois o disco duro. Mas por que alguém faria uma coisa dessas?

— A Tessa tinha desenvolvido ultimamente um forte sentido da segurança, como já disse.

Outro silêncio ruminativo, acompanhado por Justin.

— Mas então onde está a papelada dela neste momento? — pergunta Rob mal disposto.

— A caminho de Londres.

— Pela mala diplomática?

— Por qualquer meio à minha escolha. O Foreign Office tem colaborado totalmente.

Talvez seja o eco das respostas evasivas de Woodrow que provoca em Lesley, sentada na borda da sua cadeira, um desabafo de exasperação genuína.

— Justin...

— Sim, Lesley ... ?

— A Tessa andava a fazer uma investigação. É ou não verdade? Deixe lá os discos, deixe lá o computador. Onde é que estão os papéis — todos os papéis dela — fisicamente, neste preciso momento? — pergunta ela. E onde estão os recados que estavam pregados naquele painel?

Remetendo-se de novo ao seu disfarce, Justin dedica-lhe um sobrolho franzido mas tolerante que implica que, apesar de ela estar a exagerar, ele dará o seu melhor para lhe fazer a vontade. — Sem dúvida, com a minha bagagem. Se me perguntar em que mala precisamente, aí é que me verá um pouco atrapalhado.

Lesley espera que a sua respiração volte à normalidade. — Peço-lhe que tenha a bondade de abrir as suas malas, por favor. Peço-lhe que nos acompanhe lá abaixo imediatamente e que nos mostre tudo o que tirou de sua casa na terça de manhã.

Levanta-se. Rob também e vai postar-se à porta, pronto para tudo. Só Justin fica sentado. — Tenho muita pena, mas isso não é possível — diz ele.

— Por quê? — protesta Lesley.

— Pela simples razão que fui eu que tirei esses documentos. São pessoais e privados. Não faço intenção de os submeter ao seu escrutínio, ou a apreciação seja de quem for, até eu ter ocasião de os ler eu próprio.

Lesley cora. — Se estivéssemos na Inglaterra, Justin, espetava-lhe com uma intimação tão depressa que o senhor até andava de roda.

— Mas, infelizmente, não estamos na Inglaterra. Não tem mandado nem poderes locais, que eu saiba.

Lesley continua: — Se estivéssemos na Inglaterra, eu arranjava um mandado para uma busca exaustiva a esta casa. E levava todos os objetos, papéis e discos que o senhor tirou do escritório de Tessa. Além do computador. Havia de passar tudo a pente fino.

— Mas você já fez uma busca na minha casa, Lesley — protesta Justin, calmamente sentado na sua cadeira. — Duvido que Woodrow consentisse em que vocês fizessem uma busca em casa dele, não acha? E não vou com certeza dar-lhes licença para me fazer a mim o que vocês fizeram ao Arnold sem seu consentimento.

Lesley está carrancuda e corada, como uma mulher ofendida. Rob, muito pálido, contempla os punhos fechados.

— Amanhã veremos, — ameaça Lesley quando saem.

Mas amanhã nunca chega, apesar das suas palavras iradas. Durante toda a noite e parte da manhã, Justin fica sentado na borda da cama, à espera que Rob e Lesley voltem, como anunciaram, armados de mandados de busca e intimações e um bando de policiais quenianos para fazerem por eles o seu trabalho sujo. Debate exaustivamente opiniões e esconderijos, como vem fazendo há dias. Como um prisioneiro de guerra, contempla sobrados, tectos e paredes: onde? Planeja pedir auxílio a Gloria, depois desiste. Faz outros planos que envolvem Mustafa e o criadinho de Gloria. E ainda outros que envolvem Ghita. Mas a única notícia que chega dos seus inquiridores é um telefonema de Mildren a dizer que a presença dos dois agentes foi requerida para outro lugar e que não, não há notícias de Arnold. E quando chega o dia do funeral, os agentes continuam requisitados para outra missão; pelo menos assim parece a Justin quando, de vez em quando, observa os presentes e conta os amigos ausentes.

O avião entrara numa zona de eterno alvorecer. Para lá da janela da sua cabine, ondas e mais ondas de um mar congelado rolavam até um infinito incolor. A toda a volta, os passageiros envoltos em nuvens brancas como sudários jaziam nas posições espectrais dos mortos. Uma mulher tinha um braço por cima da cabeça, como se tivesse sido abatida enquanto acenava para alguém. Um homem tinha a boca aberta num grito silencioso e a sua mão de cadáver pousada sobre o coração. Muito direito e muito só, Justin voltou a olhar pela janela. O seu rosto flutuava no vidro ao lado do de Tessa, como máscaras de gente que em tempos conhecera.

Capítulo 9

— É simplesmente horróroso! — gritou um homem meio-careca num volumoso sobretudo, separando Justin do seu carrinho de bagagens e cegando-o com um abraço de urso, — É absolutamente vergonhoso, lixadamente injusto e simplesmente horróroso. Primeiro, o Garth, agora Tessa.

— Obrigado, Ham, — disse Justin, devolvendo o abraço o melhor que podia, visto ter os braços estreitamente amarrados ao corpo. — E muito obrigado por apareceres a esta hora diabólica. Deixa que eu levo isso, obrigado. Leva a mala, se quiseres.

— Gostava que me tivesses deixado ir ao enterro! Que horror, Justin!

— Era melhor ficares aqui defendendo o forte, — disse Justin com delicadeza.

— Tua roupa é suficientemente quente? Um tempo de merda, depois do sol da África, não é?

Arthur Luigi Hammond era o único sócio da firma de advogados de Hammond Manzini, de Londres e Turim. O pai de Ham pintara a manta com o pai de Tessa na Faculdade de Direito de Oxford e depois na de Milão. Numa única cerimônia realizada numa enorme igreja em Turim, tinham ambos desposado duas irmãs da aristocracia italiana, famosas pela sua beleza. Quando uma delas deu à luz Tessa, a outra deu à luz Ham. À medida que as crianças cresciam, passavam férias juntas em Elba, esquiavam juntas em Cortina d'Ampezzo e, como se fossem verdadeiros irmãos formaram-se juntos, Ham com um nível três tirado a ferros e a Gloria de pertencer à equipa representante da Casa em rãguebi e Tessa com um Primeiro Nível. Desde a morte dos pais de Tessa, Ham desempenhara o papel de velho tio, administrando com zelo a fortuna da família, fazendo em nome de Tessa investimentos excessivamente prudentes e, com toda a autoridade da sua calvície prematura, moderando os generosos instintos da prima e

esquecendo-se de apresentar contas dos seus honorários. Era grande, rosado e prazenteiro, com olhos risonhos e bochechas movediças que se franziam facilmente à mínima brisa interior. Quando Ham está a jogar gin-rummy, dizia Tessa, podemos saber antes dele o jogo que ele tem, só pela largura do sorriso com que apanha as Cartas.

— Deita isso lá para trás, — gritou Ham enquanto se enfiavam dentro do carro minúsculo. — Ou põe no chão. Que é que levas aí? Heroína?

— Cocaína, — respondeu Justin, espreitando discretamente as Filas de carros estacionados. Na emigração, à chegada, duas policiais tinham-no feito passar com um aceno de cabeça de uma indiferença suspeita. No átrio das bagagens, dois homens de cara fechada e terno completo tinham olhado para toda a gente menos para Justin. Três carros atrás de Ham, um homem e uma mulher num Ford saloon bege estudavam um mapa virados um para o outro. Num país civilizado nunca se sabe, meus senhores, costumava dizer o instrutor muito sabido do curso de segurança. A coisa mais prática a fazer é partir do princípio que estão a ser seguidos durante todo o tempo.

— Estamos prontos? — perguntou Ham timidamente, apertando o cinto de segurança.

A Inglaterra era uma beleza. Os raios baixos do sol da manhã douravam a terra arada do Sussex. Ham guiava como sempre, a cem quilômetros à hora quando o limite era de cento e vinte, dez metros atrás dos arrotos do tubo de escape do camião mais próximo.

— A Meg manda saudades, — anunciou ele, referindo-se à sua mulher, grávida em último grau. — Passou a semana inteira chorando pelos cantos. E eu também. Ainda agora, se não tiver muito cuidado...

— Lamento, muito, Ham — disse Justin, aceitando com simplicidade o fato de Ham ser uma daquelas pessoas que procuram consolo com quem tem mais razões para se sentir infeliz.

— Só queria que descobrissem o canalha, — soltou Ham minutos mais tarde. — E quando o enforcarem, podem jogar esses jornalistas sacanas no Tâmis, para que saibam. Meg foi cumprir pena na casa da cretina da mãe, — acrescentou. — É assim que o puto sai mais depressa.

Seguiram de novo em silêncio, Ham protestando contra os arrotos do camião à sua frente, Justin olhando perplexo para o país estrangeiro de que fora representante metade da sua vida. O Ford bege tinha-os ultrapassado, para ser substituído por um motociclista atarracado vestido de cabedal preto. Num país civilizado, nunca se pode saber.

— A propósito, estás rico. — Declarou Ham quando o campo aberto deu lugar aos subúrbios. — Não que fosses precisamente pobre até agora, mas agora estás podre de rico. A herança do pai dela, da mãe, o trust, a traquitana toda.

Além disso és o único administrador das obras de caridade dela. Ela disse que tu sabias o que havias de fazer.

— Quando é que isso foi?

— Um mês antes de perder o bebé. Queria que tudo ficasse em ordem para o caso de ela se apagar. Então, que diabo havia eu de fazer, pelo amor de Deus? — perguntou, tomando o silêncio de Justin por uma censura. — Ela era minha cliente, Justin. Eu era o advogado dela. Tentar dissuadi-la? Telefonar-te?

Com os olhos no retrovisor, Justin produziu os sons que se impunham para descanso de Ham.

— E Bluhm era o outro executor testamentário, raios o partam. Foi mas foi um carrasco.

As abençoadas instalações dos Srs, Hammond Manzini estavam situadas num beco gradeado chamado Ely Place e ocupavam os bolorentos andares superiores com paredes apaineladas representando as figuras em vias de desintegração de mortos ilustres. Dentro de duas horas funcionários bilingues estariam a murmurar coisas para dentro de telefones imundos, enquanto as secretárias de Ham, verdadeiras ladies de twinset se debatiam taca

a taco com a tecnologia mais moderna. Mas às sete da manhã, Ely Place estava deserta, tirando uma dúzia de carros estacionados ao longo do passeio e uma lamparina amarela que ardia na Capela de St. Etheldred. Vergados ao peso da bagagem de Justin, os dois homens treparam ruidosamente quatro lanços de degraus oscilantes até o escritório de Ham e depois mais um quinto até o seu pequeno apartamento no sótão, despojado como a cela dum monge. Na minúscula sala de estar, de jantar e kitinete estava pendurada uma foto de Ham, muito mais magro, metendo um gol, para júbilo de uma multidão de jovens universitários. No pequeno quarto de dormir onde Justin iria mudar de roupa, Ham e Meg cortavam um bolo de noiva de três andares ao som de fanfarras de chameleiros italianos de collants. E na minúscula casa de banho onde tomou banho de chuveiro, estava pendurado um primitivo a óleo vindo do solar ancestral de Ham no gélido Northumberland, cujos custos de manutenção explicavam o eterno estado de penúria de Ham.

— A maldita ventania levou o telhado da ala norte, — gritou ele, orgulhoso, da cozinha do outro lado da parede, onde se ouvia a partir ovos e a bater com as panelas. — Chaminés, telhas, o catavento, o relógio, tudo em pantanas. A Meg tinha ido visitar a Rosanne, graças a Deus. Se estivesse no jardim de trás, tinha levado com a torre do sino no toutiço, coitada.

Justin abriu a torneira de água quente e esaldou a mão. — Deve ter sido um susto... — disse, acrescentando água fria.

— Ela mandou-me um livrinho extraordinário pelo Natal. — Gritou Ham, ao som do toucinho chiando. — Não a Meg. A Tess. Não to mostrou de todo? O livrinho que ela me mandou? Pelo Natal?

— Não, Ham, acho que não, — na ausência de champô, Justin esfregou o sabonete na cabeça.

— Um tipo indiano, um místico. Rahmi-Não-Sei-Quantos. Diz alguma coisa? Eu já digo o resto do nome.

— Não. Nada.

— Aquela história sobre o dever de nos amarmos uns aos outros desinteressadamente. Pareceu-me uma coisa forte demais.

Cego com a espuma do sabonete, Justin emitiu um grunhido de simpatia.

— Liberdade, Amor e Ação, é esse o título. Que raio esperava ela que eu fizesse com liberdade, amor e ação? Sou um homem casado, por amor de Deus! Estamos à espera de um bebê. E além disso sou católico. Tess também era católica antes de desistir. Malandra.

— Acho que ela queria agradecer todo aquele trabalhinho que fez para ela, — sugeriu Justin, aproveitando a ocasião, mas tendo o cuidado de manter o tom natural da conversa.

Interrupção momentânea na comunicação com o outro lado da parede. Mais ruído de fritura, seguido de pragas heréticas e cheiro a queimado.

— De que trabalhinho está falando? — berrou Ham com suspeita na voz.

— Pensei que era suposto não saber nada sobre quaisquer trabalhinhas. Era um segredo absoluto, segundo Tess, “Para ficar estritamente fora do alcance de todos os Justins”. Sob pena de morte. Disse em todos os e-mails que mandou.

Justin encontrara uma toalha mas quando a esfregou nos olhos, eles arderam mais. — Eu não sabia rigorosamente nada, Ham. Adivinhei, por assim dizer. — Explicou ele através da parede com a mesma naturalidade. — O que ela queria que você fizesse? Pôr uma bomba no Parlamento? Envenenar os reservatórios de água? — Nenhuma resposta. Ham está absorvido por seus cozidos. Justin procura às apalpadelas uma camisa lavada. — Não me diga que ela queria que você distribuísse panfletos subversivos sobre a dívida do Terceiro Mundo, — disse ele.

— Queria a merda dos registros das companhias. — Justin ouviu-o dizer sobre mais barulho de frigideiras. — Dois ovos ou um? São das nossas galinhas!

— Um está ótimo, obrigado. Que registros eram esses?

— Ela queria saber tudo. Sempre que pensava que eu estava a ficar gordo e confortável, pumba! aí vinha um e-mail a respeito dos registros das companhias. — Mais barulho das frigideiras conduziu a conversa de Ham a outras direções. — Sabes que no outro dia fiz batota ao tênis? Em Turim. Sim senhor. Calhou-me fazer par com uma miúda completamente destravada numa competição a feijões. Ela mentiu como um cigano durante todo o jogo. Cada vez que a bola batia junto à linha, ela gritava “out!”. Podia ser um palmo dentro, não fazia a mínima diferença. Out! “Sou italiana”, disse ela, “estou autorizada a fazer batota”. “Uma gaita é que você é italiana”, disse eu. “É inglesa até os testículos, como eu.” Só Deus sabe o que teria acontecido se tivéssemos ganho. Teria que devolver a taça, penso eu, Não, não podia, se não ela cortava-me as goelas. Oh diabo! Desculpa!

Justin entrou na sala e tomou lugar perante um magma gorduroso de bacon, ovo, salsichas, pão frito e tomate. Ham estava em pé, uma mão a tapar a boca, siderado pela infelicidade da sua metáfora

— Que espécie de companhias, Ham? Não faças essa cara que me tiras o apetite.

— Propriedade industrial, — disse Ham, sempre com a mão na boca, sentando-se do outro lado da mesinha. — Quem era o proprietário de duas companhias de merda da Ilha de Man. Mais alguém lhe chamava Tess, que tu saibas? — perguntou ele, ainda perturbado. — Além de mim?

— Não que eu tivesse ouvido. Nem ela, de certeza. Tess era teu copyright exclusivo.

— Eu amava-a perdidamente, sabes.

— E ela a ti. Que espécie de companhias?

— Propriedade industrial. Nunca houve nada entre nós, hein? Estávamos demasiado próximos.

— E no caso de pensares nisso, também foi a mesma coisa com Bluhm.

— Isso é oficial?

— E ele também não a matou. Tal como tu, ou eu.

— De certeza?

— Absoluta.

Ham sorriu. — A minha Meg não está muito convencida. Não conheceu Tess como eu a conheci, percebes? Éramos uma coisa especial. Irrepetível. “Tess tem amigos.” — Disse eu. — “Amigos do peito. O sexo não entra nisso.” Vou-lhe dizer o que tu me disseste, se não te importas. Vai animá-la. Aquela merda toda nos jornais... Apanhei com ela em cima, por assim dizer.

— E então onde é que essas companhias estavam registradas? Que nomes tinham? Lembras-te?

— Claro que me lembro. Não me podia esquecer disso com a velha Tess a chatear-me dia sim dia não.

Ham servia o chá, segurando o bule com ambas as mãos, uma no bojo e outra para não deixar cair a tampa, enquanto resmungava. Completada a operação, sentou-se para trás, continuando a segurar o bule, depois baixou a cabeça, como se quisesse investir.

— Muito bem — disse ele com agressividade. — Diz-me o nome do grupo de executivos mais secreto, dúplice, abjecto, hipócrita que jamais tive o duvidoso prazer de encontrar.

— Indústria do armamento? — sugeriu Justin, com falsa ingenuidade.

— As farmacêuticas. Mete o armamento num chinelo. Lembrome agora. já sabia que isso ia acontecer: Lorpharma e Pharmabeer?

— Como?

— Veio essa história numa revista médica. A Lorpharma criou a molécula e a Pharmabeer detém a patente do processo. Sabia que me ia lembrar. Onde é que os tipos vão buscar estes nomes é que não faço ideia.

— Processo para fabricar o quê?

— A molécula, palerma, o que é que havia de ser?

— Que molécula?

— Sei lá. É como em Direito, mas pior. Palavras que eu nunca tinha ouvido e espero não voltar a ouvir. Feitas para reduzir os

leigos ao silêncio. Para os manter no seu lugar.

Depois do pequeno-almoço desceram um andar juntos e puseram a pasta de ministro na casa-forte de Ham ao lado da porta do seu escritório. De lábios apertados a sugerir discrição, olhos virados para o céu, Ham girou os botões do segredo e abriu para trás a porta blindada para que Justin entrasse sozinho na casa-forte. Depois pôs-se à espreita enquanto Justin pousava a pasta no chão, junto a umas veneráveis caixas de cabedal com a morada da firma de Turim gravadas na tampa.

— E isto foi apenas o princípio, já ficas a saber, — avisou Ham sombriamente, fingindo indignação. — Uma volta à pista antes da partida. Depois quis os nomes dos diretores de todas as companhias dos Srs. Karel Vita Hudson de Vancouver, Seattle, Basileia e de todas as cidades possíveis, desde Oshkosh até East Pinner. E “Qual é o ponto da situação no que toca ao iminente colapso da nobre e velha Casa de Ball, Birmingham e blá-blá-blá Limited, ou lá como é, também conhecida pelas Três Abelhas, Presidente Perpétuo e Senhor do Universo um tal Kenneth K. Curtiss, Sir?” E ela não tinha mais perguntas, queres tu saber? Ai tinha, tinha. Disse para procurar na Internet mas ela respondeu que metade do material que lhe interessava era visado pela censura, ou lá o que é que eles fazem quando não querem que o Sr. Público lhes espreite por cima do ombro. E eu disse: “Tessa, minha querida, pelo amor de Deus, isso é coisa para levar semanas. Meses, menina.” Ela ligou? Uma ova. Ela era assim. E eu teria saltado de um balão sem paraquedas se ela me pedisse.

— E o resultado de tudo isso?

Ham já estava a sorrir, de orgulho inocente. — KVH de Vancouver e Basileia possuem cinquenta e um por cento das duvidosas companhias biotecnológicas da Ilha de Man, Por-não-sei-quantos de Pharma-qualquer-coisa. As Três Abelhas, de Nairobi, tem os direitos exclusivos de importação e exportação da dita molécula mais todos os seus derivados para o conjunto do continente africano.

— Ham, és incrível!

— Lorpharma e Pharmabeer são ambas propriedade da mesma quadrilha de três. Ou eram até que a quadrilha vendeu os seus cinquenta e um por cento. Um gajo, duas gajas. O gajo chama-se Lorbeer. Lor mais Beer que correspondem a Lorpharma e Pharmabeer. São ambas médicas. As moradas são a cargo de um anãozinho suíço que vive numa caixa postal no Liechtenstein.

— Nomes.

— Lara qualquer-coisa. Tenho isso nas notas. Lara Enrich. Lembrei-me agora.

— E a outra?

— Esqueci-me. Não! Kovacs. Sem primeiro nome. Foi por Lara que me apaixonei. A minha canção favorita. Do dr. Jivago. E da Tessa também, nesses tempos. Merda — uma pausa forçada enquanto Ham se assoava e Justin esperava.

— Então que fizeste com essas pepitas de informação quando lhes puseste as mãos em cima? — perguntou Justin com ternura.

— Li-lhe tudo aquilo pelo telefone para Nairobi. Ela ficou desvairada. Chamou-me o seu herói... — parou, alarmado pela expressão de Justin — não o teu telefone, parvo. Uma amiga qualquer, fora de Nairobi. “Telefona de uma cabine, Ham, e para o seguinte número. Tens com que escrever?” Uma profissional lixada, Muito cuidadosa com os telefones. Mesmo um tanto paranóica na minha opinião. Embora alguns paranoicos tenham inimigos verdadeiros, não é?

— Tessa tinha, — concordou Justin e Ham deitou-lhe um olhar esquisito que foi ficando cada vez mais esquisito.

— Tu não acreditas que foi isso que aconteceu, pois não? — pergunta Ham.

— O quê, exatamente?

— Que Tessa foi vítima dos tipos das farmacêuticas.

— É concebível.

— Mas ouve lá, porra, não é possível que eles lhe tenham calado a boca, pois não? Quer dizer, eu bem sei que eles não são

meninos do coro...

— Tenho a certeza que eles são todos uns filantropos, Ham. Todos, até o último milionário.

Seguiu-se um longo silêncio, quebrado por Ham.

— Minha mãe! Oh! meu Deus. Discretamente silenciada, foi isso?

— exatamente.

— Fui eu que a pus na merda ao fazer aquele telefonema.

— Não, Ham. Tu tiveste um trabalho dos diabos por ela e ela adorava-te.

— Pois sim. Que merda! Há alguma coisa que eu possa fazer?

— Há. Arranja-me uma caixa. Uma de cartão forte serve. Arranjas? Satisfeito por ter uma tarefa para fazer, Ham saiu e, depois de muitas pragas, voltou com um tabuleiro de plástico. Agachando-se ao pé da sua pasta, Justin abriu os fechos e, ocultando o recheio com o próprio corpo, transferiu o seu conteúdo para o tabuleiro.

— Agora, se fazes favor, um maço dos papéis mais inúteis que tiveres sobre as propriedades dos Manzini. Papéis que se guardam mas que nunca são necessários. Suficientes para encher esta pasta.

Ham também encontrou papéis desses, tão velhos e gastos como Justin parecia querer. E ajudou-o a encher com eles a pasta vazia. Depois viu-o fechá-la e fechar os cadeados. E da janela do escritório viu Justin descer o beco, de pasta na mão e fazer sinal a um táxi. Quando Justin desapareceu da vista, Ham sussurrou “Minha Santa Mãe” numa invocação honesta da Virgem Maria.

— Bom dia, Sr. Quayle, sir. Posso ficar com a sua pasta, sir? Vou ter que a passar aos Raios x, se não se importa. São os novos regulamentos. Não era assim no seu tempo, pois não? Nem no tempo do seu pai. Obrigado, sir. E aqui está a sua ficha, tudo em ordem de batalha, como eles dizem. — Abaixou o tom da voz. — Lamento muito, sir. Tivemos todos um grande desgosto.

— Bom dia, sir! É bom tê-lo outra vez conosco. — Outra baixa de tom.

— As mais sentidas condolências, sir. E também da minha mulher.

— Os nossos mais sentidos pêsames, Sr. Quayle, — outra voz lançando uns vapores de cerveja no ouvido de Justin. — Miss Landsbury pede-lhe o favor de subir, sir. Bem-vindo a casa.

Mas o Foreign Office já não era a sua casa. Do seu vestíbulo gigantesco, construído para infundir terror no coração dos príncipes indianos, já só exibia uma insolente impotência. Os retratos dos desdenhosos corsários em peruca já não lhe dirigiam o sorriso do costume.

— Justin. Sou a Alison. Ainda não nos conhecemos. Que terrível maneira de travarmos conhecimento. Como está? — disse Alison Landsbury aparecendo em pose na moldura da sua imponente porta de seis metros de altura e segurando-lhe a mão direita com as suas duas mãos. — Temos tanta, tanta pena, Justin. Estamos absolutamente horrorizados. E você é tão corajoso. Vir aqui tão cedo. Será realmente capaz de uma conversa sensata? Não entendo como consegue.

— Estava a pensar se haveria algumas notícias do Arnold.

— Arnold...? Ah, o misterioso dr. Bluhm. Nem um murmúrio, receio eu. Devemos preparar-nos para o pior, — disse ela sem revelar o que poderia ser esse pior. — Em todo o caso, ele não é cidadão britânico, pois não? — e jovial: — Devemos deixar os belgas ocuparem-se dos seus próprios assuntos.

A sua sala tinha a altura de dois andares, com frisos dourados e radiadores pretos do tempo da guerra, além de uma galeria debruçada sobre uns jardins muito privados. Havia duas poltronas e Alison Landsbury deixava sempre o seu casaco de malha nas costas de uma delas para que ninguém lá se sentasse por engano. Havia café num termo para que a conversa não fosse interrompida. Havia uma atmosfera misteriosamente espessa com a ausência de corpos de pessoas que ali tinham estado recentemente. Ministra em

Bruxelas durante quatro anos, Conselheira para a Defesa em Washington durante três, rememorou Justin, recordando o Anuário do Ministério. Mais três anos em Londres ligada à Comissão Conjunta de Informações. Nomeada diretora do Pessoal há seis meses. Só comunicamos por duas vezes; uma carta sugerindo que eu pusesse rédea curta à minha mulher — ignorada. Um fax proibindo-me de visitar a minha própria casa — tarde de mais. Pensou em como seria a casa de Alison e decidiu atribuir-lhe um apartamento numa mansão em tijolo por trás do Harrod's perto do seu clube de bridge, para os fins-de-semana. Era ginasticada, tinha cinquenta e seis anos e vestia de preto em homenagem a Tessa. Trazia um anel de sinete de homem no dedo médio da mão esquerda. Justin calculou que tivesse sido do pai. Uma fotografia na parede mostrava-a ao volante de um automóvel em Moor Park. Outra — um tanto imprudente, na opinião de Justin — mostrava-a a apertar a mão a Helmut Kohl. Em breve seria doutora honoris causa da sua Universidade e feita Dame Alison, pensou ele.

— Estive a manhã inteira a pensar em todas as coisas que não devo dizer-lhe, — começou ela, projetando a voz para o fundo da sala, em benefício de quem, eventualmente, chegasse tarde. — E em todas as coisas em que, por enquanto, podemos não concordar. Não lhe vou perguntar como é que vê o seu futuro. Ou dizer-lhe como é que nós o vemos. Estamos todos demasiado perturbados — concluiu ela com evidente satisfação pedagógica. — A propósito, eu sou pão-pão, queijo-queijo. Não espere de mim nenhuma surpresa. O que vê é o que eu sou.

Colocara na mesa à sua frente um computador portátil que podia ser o de Tessa. Enquanto falava, tocava na tela com um ponteiro cinzento, com gancho na ponta, como uma agulha de croché. — Mas há algumas coisas que eu tenho de lhe dizer e vou já tratar disso. — Toque na tela — Ah, baixa indeterminada por doença é a primeira coisa. Indeterminada, porque obviamente está dependente dos relatórios médicos. Doença porque você está em pleno trauma, quer saiba, quer não. — Toque. — Nós agora fazemos um

acompanhamento psicológico e com a experiência que temos tido estamos a fazê-lo muito bem. — Um sorriso melancólico e um novo toque. — Dra. Shand. Lá fora a Emily dá as coordenadas da Dra. Shand. Tem consulta marcada, provisoriamente, para amanhã às onze, mas se for preciso, muda-se. Harley Street*, evidentemente. Importa-se que seja uma mulher?

— De modo nenhum, — respondeu Justin com amabilidade.

— Onde está instalado?

— Na nossa casa. Em minha casa. Em Chelsea. Ficarei lá. Ela franziu a testa: — Mas não é a casa de família?

— Da família de Tessa.

— Ah. Mas o seu pai tinha uma casa em Lord North Street. Muito bonita, segundo me lembro.

— Vendeu-a antes de morrer.

— E pensa viver em Chelsea?

— Por agora.

— Então faça o favor de dar a Emily as coordenadas dessa casa.

Voltou de novo aa tela. Estaria a ver nele alguma coisa ou a esconder-se nele?

— A Dra. Sand não é só uma consulta. É um curso. Acompanha pessoas, acompanha grupos. E encoraja a interação entre doentes com problemas idênticos. Quando a segurança o permite, obviamente. — Toque. — E se quiser um padre, em vez, ou além, do médico, nós temos representantes de todas as denominações religiosas que estão devidamente autorizados por nós. É só pedir. Aqui a nossa orientação é dar uma chance seja ao que for, desde que não haja problemas de segurança. Se a Dra. Shand não lhe convier, volte aqui que procuraremos outra pessoa.

Talvez façam também acupunctura, pensou Justin. Mas com outra parte qualquer da sua cabeça estava a pensar por que razão ela lhe oferecia confessores “devidamente autorizados” pela segurança quando ele não tinha quaisquer segredos para confessar.

— Ah. Gostaria de ter um abrigo, Justin? — Toque.

— Desculpe?

— Um lugar de repouso. — Pôs ênfase na palavra repouso evocando um jardim de Inverno. — Um lugar afastado de tudo isto, até que acabe toda esta gritaria. Onde pode ficar em total anonimato, recuperar o seu equilíbrio, grandes passeios pelos campos, aparecer de vez em quando em Londres para nos ver quando precisar ou vice-versa e, pumba, regresso à calma. Isto é uma oferta. Não totalmente de graça, no seu caso, mas fortemente subsidiada pelo Governo de Sua Majestade. Quer discutir o caso com a Dra. Shand, antes de decidir?

— Se acha melhor.

— Acho, acho. — Toque. — Você passou por uma horrorosa humilhação em público. Como é que isso o afectou, na sua opinião?

— Receio que não tenha estado muito exposto ao público. A senhora mandou-me ficar escondido, lembra-se?

— De qualquer maneira passou por isso. Ninguém gosta de ser descrito como um marido enganado, ninguém gosta de ver a sua sexualidade revolvida pela imprensa. E apesar disso, não nos tem ódio. Não se sente zangado, ou ressentido ou diminuído. Não está deseioso de vingança. É um sobrevivente. Claro que é. Vê-se que é da velha guarda aqui da Casa.

Não sabendo se aquilo era uma pergunta, uma queixa ou meramente uma definição, Justin deixou passar, fixando a sua atenção numa desventurada begônia cor de pêssego num vaso excessivamente perto do radiador do tempo da guerra.

— Creio que tenho aqui uma nota da gente dos pagamentos. Quer tudo isto agora ou é demais? — Mas deu-lhe um envelope de qualquer maneira, — Claro que continua com o ordenado por inteiro. O subsídio de casamento é que receio que tenha sido descontinuado, com efeito a partir do dia em que deixou de ser casado. São maçadas que uma pessoa tem de aceitar e a minha experiência diz-me que é melhor resolvê-las quanto antes. O habitual subsídio de regresso a Londres está pendente da decisão

sobre o seu próximo destino, mas sempre com o estatuto de não-casado. Então, Justin, acha isto suficiente?

— Suficiente dinheiro?

— Informações suficientes para poder funcionar por enquanto,

— Por quê? Vai haver mais?

Ela pousou a sua batuta e olhou-o bem de frente. Uns anos antes Justin tinha cometido a temeridade de apresentar queixa a uma grande loja de Picadilly e tinha recebido o mesmo olhar frígido por parte do gerente.

— Não já, Justin. Não as prevemos. Mas vivemos sempre na expectativa.

O Bluhm não apareceu e os tablóides não se cansarão enquanto esta história não for resolvida, de uma maneira ou de outra. Vai ter um almoço com Pellegrin.

— Vou.

— Ele é ótimo. Você foi firme, Justin, mostrou boa disposição quando foi sujeito a uma grande pressão e isso foi devidamente notado. Você sofreu um assédio terrível. Não só depois da morte de Tessa mas também antes. Devíamos ter sido mais firmes e tê-los mandado regressar enquanto ainda era tempo. Erros provocados pela tolerância parecem, retrospectivamente, a solução mais fácil, receio muito — toque e exame da tela com crescente desaprovação.

— Não deu nenhuma entrevista à imprensa, pois não? Não falou com ninguém, seja off-record ou não.

— Só com a polícia.

Ela deixou passar. — E continuará a não falar, evidentemente. Nem sequer dirá “não comento”, No seu estado, tem todo o direito de lhes desligar o telefone na cara.

— Sim, não me vai custar nada.

Toque. Pausa. Estudo da tela, outra vez. Regresso aa tela. — E não tem nenhuns papéis ou materiais que nos pertençam? Que sejam, como direi, nossa propriedade intelectual? já lhe perguntaram isso, mas tenho que perguntar de novo para o caso de algum ter aparecido ou vir a aparecer. Apareceu?

— De Tessa?

— Refiro-me às suas atividades extra-conjugais. — Tomou o seu tempo antes de definir o que poderia ser. E enquanto ela se calava, Justin percebeu, talvez um pouco tarde, que Tessa era uma espécie de monstruoso insulto para ela, uma vergonha para colégios que frequentara e para a sua classe e sexo e pátria e para o Ministério que ela conspurcara e que, por extensão, Justin era o cavalo de Troia que a tinha feito entrar na cidadela. — Estou a pensar em quaisquer papéis que ela tenha conseguido de forma legítima ou não, no decurso das suas investigações ou lá como que ela lhes chamava, — acrescentou, visivelmente agastada.

— Nem sequer sei o que é que devo procurar, — queixou-se Justin.

— Nem nós. E, na verdade, é muito difícil para nós compreender como é que ela chegou àquela posição. — De repente, a fúria que tinha estado a borbulhar, abriu caminho para o exterior. Não era isso que ela queria, Justin tinha a certeza disso: tinha feito grandes esforços para se dominar. Mas tinha obviamente acabado por perder o controle. — É realmente extraordinário, dado o que entretanto veio à luz, que Tessa tenha sido autorizada a transformar-se naquela personagem. Porter tem sido um excelente Chefe de Missão, à sua maneira, mas não posso deixar de sentir que lhe cabem grandes culpas em tudo isto.

— Em quê, exatamente?

O súbito silêncio dela tomou-o de surpresa. Foi como se ela tivesse chocado com a barreira de fim-da-linha. Estava completamente imóvel, com os olhos fixos na tela. Tinha o ponteiro na mão mas não fez qualquer movimento. Acabou por pousá-lo lentamente na mesa como o soldado que pousa a sua espingarda por terra uma vez terminada uma cerimônia fúnebre.

— Pois... é verdade... Porter, — concedeu ela. Mas ele não disse nada que lhe servisse a ela para concretizar.

— O que é que é feito dele?

— Eu acho absolutamente maravilhosa a maneira como os Porters sacrificaram tudo por aquela pobre criança.

— Eu também. Mas o que é que eles sacrificaram agora?

Ela parecia partilhar o seu espanto. Parecia precisar dele como aliado, nem que fosse só para denegrir Porter Coleridge. — É terrivelmente difícil, nesta profissão, saber onde se devem pôr os pés. Queremos tratar as pessoas como indivíduos, esperamos ser capazes de ajustar as circunstâncias de cada pessoa ao quadro do conjunto. — Mas se Justin pensou que ela estava a refrear o seu ataque a Porter, estava completamente enganado. Estava simplesmente a carregar a arma. — Mas Porter, temos que enfrentar esse fato, estava no terreno e nós não. Não podemos atuar se nos deixam às escuras. Não vale de nada pedir para juntar os cacos pós-fato se não fomos informados a priori. Não é verdade?

— Suponho que sim.

— E se Porter estava muito assoberbado, muito manietado por aqueles medonhos problemas familiares (ninguém o nega) para ver o que se estava a passar debaixo do seu nariz (o caso Bluhm, nomeadamente, lamento dizê-lo) ele tinha um imediato de primeiríssima ordem em Sandy, ao seu lado, constantemente, para lhe assinalar a situação, para a escrever em letras de meio metro de altura. O que Sandy fez. Ad nauseam, segundo sei. Mas sem qualquer efeito. O que eu quero dizer é que é perfeitamente claro que a pobre criança, obviamente (Rosie ou lá como ela se chama) reclama toda a sua atenção fora das horas de trabalho. O que não é, necessariamente, a situação que se espera dum Alto Comissário. Não acha?

Justin fez uma expressão triste, manifestando a sua simpatia com o dilema dela.

— Eu não estou a coscuvilhar, Justin, estou só a perguntar-lhe. Como é que é possível, como é que foi possível (esqueçamos Porter por um momento) que a sua mulher se tenha envolvido numa série de atividades das quais, segundo me diz, você nada sabia? Pois sim, ela era uma mulher moderna. Ainda bem para ela. Ela

conduzia a sua vida, tinha as suas próprias relações. — Silêncio intencional. — Não estou a sugerir que você talvez devesse ter-lhe imposto limites, isso seria sexista. Estou só a perguntar-lhe como, na realidade, você andava tão totalmente ignorante das suas atividades, das suas investigações, da sua, como direi?, da sua militância, no fundo.

— Nós tínhamos um acordo, — disse Justin.

— Claro que tinham. Mas na mesma casa, Justin! Está realmente a dizer-me que ela não lhe disse nada, não lhe mostrou nada, não partilhou nada? Acho isso horrivelmente difícil de acreditar,

— Também eu, — concordou Justin, — Mas é o que acontece quando se enterra a cabeça na areia.

Toque. — Nunca utilizou o computador dela?

— Como?

— A minha pergunta é perfeitamente clara. Alguma vez usou, ou teve acesso, ao computador portátil de Tessa? Talvez você não saiba, mas ela enviou alguns documentos bastante melindrosos para o Ministério, e não só. Levantando alegações graves contra certas pessoas. Acusando-as de coisas terríveis. Causando problemas potencialmente muito lesivos.

— Potencialmente lesivos contra quem, Alison? — perguntou Justin, à pesca de quaisquer farrapos de informação que ela quisesse outorgar-lhe.

— Não interessa quem, Justin. Trata-se de saber se tem ou não na sua posse o computador de Tessa e, se não, onde está ele, fisicamente neste momento e o que contém?

— Nunca o partilhamos, se é essa a resposta à sua primeira pergunta. Era dela e só dela. Eu nem saberia sequer entrar lá dentro.

— Não se rale com entrar lá dentro. Você tem-o na sua posse e isso é o principal. A Scotland Yard perguntou-lhe por ele mas o Justin, dando mostras de muito bom senso e lealdade, concluiu que

estava melhor nas mãos do Foreign Office do que nas deles, Estamos-lhe muito gratos. Tomamos nota.

Era uma declaração, uma questão binária. Faça uma cruz no quadrado A para Sim, está nas minhas mãos, no quadrado B para Não, não o tenho. Era uma ordem e um desafio, E, a julgar pelo seu olhar, gélido como cristal, uma ameaça.

— E os discos, naturalmente. — acrescentou ela enquanto esperava. — Ela era uma mulher prática, o que torna tudo isto muito mais estranho, era advogada. Teria feito de certeza cópias do que achasse importante. Nestas circunstâncias esses discos constituem também uma quebra de segurança e desejamos que no-los entregue também, se faz favor.

— Não há discos nenhuns. Não havia.

— Claro que havia. Como é que ela poderia usar um computador sem guardar discos?

Procurei por todo o lado. Não havia nada. Isso é muito estranho.

É, não é?

Então eu acho que o melhor que tem a fazer, Justin, pensando bem, é trazer aqui para o Ministério tudo o que tem, assim que desfizer as malas e deixar-nos tratar de tudo a partir daí. Para lhe poupar sofrimento e responsabilidade. Fazemos um acordo. Tudo o que não for relevante para as nossas preocupações é exclusivamente seu. Tiraremos uma cópia e ninguém aqui o lerá ou avaliará ou o fixará na memória, seja de que maneira for. Quer que mandemos agora alguém com você? Isso seria útil? Que acha?

— Não tenho certeza.

— Não tem certeza de querer a ajuda de uma outra pessoa? Devia ter. Um colega simpático, do mesmo escalão? Alguém em quem possa confiar totalmente? Já tem certeza?

— O computador da Tessa, entende? Ela comprou, ela usou.

— E então?

— Então acho que não devia me pedir tal coisa. Entregar algo que é propriedade dela para ser investigado, só porque ela morreu.
— Sentindo-se sonolento, fechou os olhos por um momento e

abanou a cabeça para se espevitar. — De qualquer maneira, a questão nem se põe, não é verdade?

— Essa agora! Por quê?

— Porque eu não tenho esse computador. — Justin levantou-se, apanhando-se de surpresa a si mesmo, precisando de se mexer e de apanhar ar. — A polícia queniana se calhar roubou-o. Roubam a maior parte das coisas. Muito obrigado, Alison. Foi extremamente amável.

Recuperar a pasta que deixara ao chefe dos porteiros demorou num pouco mais do que seria natural.

— Desculpe ter vindo tão cedo, — disse Justin, enquanto esperava.

— Não veio cedo, de maneira nenhuma, Sir, — respondeu o chefe dos porteiros e corou.

-Justin, meu caro!

Justin começara a dizer seu nome ao porteiro do Clube, mas Pellegrin precedera-o, descendo as escadas correndo para o reclamar, com o seu sorriso de boa pessoa e gritando: — Esse é todo meu, Jimmy, enfia a pasta dele aí e mande-o aqui. — Antes de agarrar a mão de Justin e passando-lhe o outro braço pelos ombros, num poderoso grito de amizade e comiseração muito pouco britânico.

— Sente-se com forças para isto? — perguntou confiante, assegurando-se primeiro de que não eram ouvidos por ninguém. — Se preferes, podemos dar uma volta pelo parque. Ou deixar para outro dia. Como quiser.

— Estou ótimo, Bernard, Estou mesmo.

— O Monstro da Landsbury não deu cabo da sua cabeça?

— Nem por sombra.

— Reservei mesa na sala de jantar. Há um bar para almoços mas é um come-no-colo e há sempre uma data de reformados do Foreign Office a chorar recordações do Canal do Suez. Precisas de mijar?

A sala de jantar era uma espécie de catafalco num plano elevado, com anjinhos pintados em pose no tecto azul-celeste. O local de culto escolhido por Pellegrin era um canto protegido por uma coluna de granito polido e uma palmeira-anã muito desconsolada. A toda a volta sentavam-se membros da irmandade intemporal da Função Pública, de ternos cinzentos de fibra e cortes de cabelo regulamentares. Este era o meu mundo, explicara ele a Tessa. Quando casei com você, ainda era um deles,

— Vamos despachar o trabalho mais chato primeiro — propôs Pellegrin, autoritário, quando um criado indiano de smoking lilás lhes veio distribuir menus do feitio de raquetes de pingue-pongue. E este foi um gesto cheio de tato, típico de Pellegrin e da sua imagem de gajo porreiro, porque enquanto estudavam os menus iam-se adaptando um ao outro e evitando o contato visual. — O voo? Suportável?

— Bastante, obrigado. Subiram-me de classe.

— Era uma rapariga maravilhosa, maravilhosa, maravilhosa, Justin. — Murmurou Pellegrin por cima do parapeito da sua raquete de pingue-pongue. — E não há mais nada a dizer.

— Obrigado, Bernard.

— Uma grande alma e uma grande coragem. O resto que se lixe. Carne ou peixe... não é segunda-feira... que é que tu comias lá?

Justin conhecera Bernard Pellegrin intermitentemente ao longo de toda a sua carreira. Seguiram Bernard para Ottawa e tinham coincidido por pouco tempo em Beirute. Em Londres tinham seguido o mesmo curso de acompanhamento de reféns e partilhado ensinamentos preciosos tais como a melhor forma de determinar se se está ou não a ser seguido por um bando de jagunços armados até os dentes e sem nenhum amor à vida; como preservar a nossa dignidade quando nos vendam os olhos e nos atam de pés e mãos com adesivo e nos atiram para a bagageira de um Mercedes; e a melhor maneira de saltar de uma janela alta quando não se podem usar as escadas, partindo do princípio que temos os pés livres.

— Os jornalistas são todos uma merda, — declarou Pellegrin convicto, com o nariz ainda atrás do seu menu. — Sabes o que é que eu ainda hei-de fazer um dia? Plantar-me à porta dos sacanas. Fazer o que eles nos fazem a nós, mas a dobrar. Contratar uma chusma de malta para fazer um piquete à roda do editor do Grauniad e do Screws of the World * quando eles estão na boa-vai-ela com as amásias. Fotografar os filhos quando vão para a escola. Perguntar às mulheres como são os maridos na cama, Mostrar a esses cabrões como é, quando se está do lado dos assediados. Nunca te apeteceu varrê-los todos à metralhadora?

— No fundo, não.

— Eu também não. Não passam de um bando de analfabetos hipócritas. o filete de arenque não é mau. A enguia fumada faz-me gases. O linguado meunière é bom, se gostas de linguado. Se não gostas, grelhado é melhor, Estava a escrever num bloco que tinha “Sir Bernard P.” impresso em maiúsculas eletrônicas no alto e a lista dos pratos à esquerda, com quadrados em branco para assinalar à direita e embaixo o espaço para a assinatura do membro do Clube.

— O linguado parece-me bom.

Pellegrin não escuta, recorda Justin. Foi isso que lhe fez ganhar a reputação de ser um excelente negociador,

— Grelhado?

— Meunière.

— A Landsbury estava em forma?

— Em ordem de combate.

— Ela não te disse que era pão-pão, queijo-queijo?

— Receio que sim.

— Devia ter mais cuidado com essa deixa. Falou-te no teu futuro?

— Estou em trauma e em baixa ilimitada por doença.

— O camarão, não é verdade?

— Acho que preferia o abacate, por favor — disse Justin e viu Pellegrin marcar dois coquetéis de camarão.

— Hoje em dia o Foreign Office desaprova formalmente que se beba álcool no almoço, aí está uma coisa que vai lhe agradar, — disse Pellegrin com um largo sorriso que surpreendeu Justin. E, para o caso de a primeira demão não ter pegado, um segundo sorriso; Justin lembrou-se de que os duplos sorrisos de Pellegrin eram sempre iguais: mesma largura, mesma duração, mesmo grau de calor espontâneo. — Mas você é um caso especial e é meu penoso dever fazer-lhe companhia. Eles aqui têm um sub-Mersault razoável. Está pronto para sua meia garrafa? — A esferográfica de prata marcou o quadrado adequado. — A propósito, já foi liberado pela Seção de Informações Confidenciais. Livre como um passarinho. Parabéns. — Destacou a folha do bloco e pôs-lhe o saleiro em cima para evitar que voasse com o vento.

Liberado de quê?

Da suspeita de assassinato, o que haveria de ser? Não matou Tessa nem o motorista, não contratou assassinos num antro de vício e não guardou o Bluhm no teu sótão pendurado pelos colhões. Pode abandonar o tribunal sem mancha nas armas do brasão. Uma gentileza da polícia. — A folha com o pedido desaparecera de sob o saleiro. Provavelmente levado pelo criado, mas Justin, no seu estado exterior a si mesmo, não dera pela manobra. — A propósito, que gênero de jardinagem fazia lá em baixo? Prometi a Celly que perguntaria. — Celly era o diminutivo de Céline, a temível esposa de Pellegrin.

— Plantas exóticas? Cactos? Não é meu gênero, se quer que diga.

— De tudo um pouco, por assim dizer. — Ouviu Justin sair da sua própria boca. — O clima do Quênia é extraordinariamente benigno, mas eu não sabia que havia uma mancha no meu brasão, Bernard. Havia uma teoria, acho eu. Mas era só uma hipótese remota.

— Eles tinham todo gênero de teorias, benza-os Deus. Teorias muito acima de sua categoria social, com toda a franqueza. Tem que

vir a nossa casa em Dorchester um dia desses. Vou falar com Celly. Fica uma semana. Joga tênis?

— Não, lamento.

-Tinham teorias para todos os gostos, — murmurava Pellegrin sub-repticiamente. — Coitadinhos. Pellegrin fala de Rob e Lesley como a Landsbury falou de Porter Coleridge. — Aquele monte de merda do Tom-Qualquer-Coisa estava prestes a obter Belgrado — dizia Pellegrin — sobretudo porque o Secretário de Estado não aguentava mais ver aquela cara de cu em Londres, e quem aguentaria? Dick-Não-Sei-Quantos receberia o título de Sir nas próximas nomeações e com um pouco de sorte levaria um pontapé escada acima até o Tesouro (e que Deus proteja a economia nacional!), mas claro que o Dick anda lambendo o rabo dos Novos Trabalhistas. O Foreign Office continuava se enchendo daqueles arrivistas vindos de universidades recentes, com sotaques popularescos e camisas artesanais, de que Justin devia certamente lembrar-se dos tempos anteriores à África; em dez anos não haverá aqui ninguém da Gente-como-Nós. — O criado trouxe dois coquetéis de camarão. Justin viu-os chegar em câmara lenta.

— Mas a verdade é que eram novos, não eram.— — disse Pellegrin com indulgência, retomando o seu tom de requiem.

— Os que entram de novo? Claro.

— Não, os teus inspetorzinhos de Nairobi. Jovens e ambiciosos graças a Deus. Como nós fomos em tempos.

— Eu os achei bem espertos.

Pellegrin franziu o sobrolho, mastigando. — Um tal David Quayle é parente teu?

É meu sobrinho.

Entrou para a Casa na semana passada. Só tem vinte e um anos, mas se não for assim a City caça-os. Um afilhado meu entrou para Barclay's na semana passada com quarenta e cinco mil por ano mais ajuda de custo. Bronco como uma porta e sem experiência nenhuma.

— O primo do David. Não sabia...

— Que estranha escolha o Cridley fez, mandar assim uma mulher para a África. Frank trabalha com os diplomatas e conhece o terreno. Quem vai levar a sério uma mulher-policia! por aquelas bandas? A rapaziada do Moi é que não, com certeza.

— Gridley, — repetiu Justin, voltando à terra. — Não me diga que é Frank Arthur Gridley? Aqueleque era responsável pela segurança diplomática?

— Esse mesmo, Deus nos ajude,

— Mas esse é um pateta alegre. Lidamos com ele quando eu estava na Seção do Protocolo! — Justin ouviu sua voz erguer-se acima do nível de decibéis aprovado pelo Clube e apressou-se a baixá-la.

— Do pescoço para cima não funciona — concordou Pellegrin alegremente.

— Então por que diabos ele investiga a morte de Tessa?

— Transferido para Crimes Graves. Especializado em Casos no Ultramar. Sabe como são os policiais. — Disse Pellegrin enchendo a boca de camarões e pão com manteiga.

— Sei como é o Cridley.

Sem parar de mastigar, Pellegrin deslizou para o linguajar telegráfico dos ultraconservadores. — Dois jovens inspetores, um deles uma mulher, o outro acha que é o Robin dos Bosques. Caso altamente mediático, os olhos do mundo estão neles. Começam a ver os nomes escritos em letras luminosas.

— Ajustou o guardanapo ao pescoço. — E então cozinham teorias. Nada como uma boa teoria para impressionar um superior semianalfabeto. — Bebeu, depois martelou a boca com um canto do guardanapo. — Assassinos a soldo, governos africanos corruptos, empresas multinacionais: fabuloso! Com um bocado de sorte, até arranjam um papel e entram na fita.

— Que multinacional teriam na ideia? — perguntou Justin, conseguindo disfarçar a repugnância causada pela ideia da morte de Tessa servir para um filme. Pellegrin olhou para ele, hesitou um momento, sorriu e depois sorriu de novo. — É um modo de falar, —

explicou, pondo fim ao assunto. — Não é para ser tomado à letra. Esses jovens inspetores enganaram-se na pista desde o primeiro dia. — Acrescentou, mudando de conversa enquanto o criado lhes enchia os copos. — Realmente deplorável, pá. Isto não é com você, Mathew — isto para o criado, num espírito de companheirismo para com as minorias étnicas. — Bem se vê que ele não é membro deste clube, folgo em dizê-lo. — O criado retirou-se.

— Imagina que o tipo tentou atribuir o crime ao Sandy durante cinco minutos pelo menos. Tinha uma teoria idiota segundo a qual ele estava apaixonado por ela e os tinha mandado matar a ambos por ciúmes. Como não tiraram resultado dessa, apontaram à outra da conspiração. É a coisa mais fácil deste mundo. Escolhem-se uns tantos fatos, atamancam-se todos juntos, ouvem-se as opiniões de um par de alarmistas e descontentes com uma pedra no sapato, juntam-se um ou dois nomes conhecidos e pode-se sacar qualquer história mirabolante que se queira, Foi o que a Tessa fez, se me permites dizê-lo. Bom, mas tu sabes isso melhor que ninguém.

Justin abanou a cabeça obstinadamente. Eu não estou a ouvir isto. Estou no avião e isto é um sonho.

— Não sei a que te referes, desculpa.

Os olhos de Pellegrin eram minúsculos. Justin nunca reparara nisso antes. Ou então talvez fossem de tamanho normal, mas tinham a arte de diminuir sob o fogo do inimigo, sendo o inimigo, tanto quanto Justin podia determinar, quem quer que tentasse responsabilizá-lo pelo que acabara de dizer ou levasse a conversa para um terreno que não fosse escolhido por ele.

— O linguado estava bom? Devias ter pedido o meunière. Não é tão seco.

O linguado estava maravilhoso, — disse Justin, coibindo-se de acrescentar que linguado meunière era o que ele acabara por pedir. E o sub-Mersault também era maravilhoso. Maravilhoso, tal como uma rapariga maravilhosa.

— Ela não te mostrou nada. Era a grande tese dela. Ou a deles, se me permite dizer. É essa a sua história e se agarra a ela. Não é

verdade?

— Mas uma tese sobre o quê? A polícia me fez a mesma pergunta. E Alison Landsbury também, de uma forma indireta. Qual tese? — Estava se fazendo ingênuo e quase acreditando. Andava de novo à caça, mas disfarçadamente.

— Não ta mostrou a ti, mas mostrou ao Sandy, — disse Pellegrin, engolindo a informação com um grande gole de vinho. — É o que tu queres que acredite?

Justin endireitou-se bruscamente na cadeira. — O quê?

-Absolutamente. Teve encontros secretos e tudo. Desculpa lá, julgava que sabias.

Mas estás aliviado por eu não saber, pensou Justin, ainda a olhar para Pellegrin, desnorteado. — E o que fez o Sandy? — perguntou.

— Mostrou tudo ao Porter. O Porter foi empatando. O Porter toma decisões uma vez por ano com muita água. O Sandy mandou-me o documento. Marcado “confidencial” e em co-autoria não do Sandy, mas de Tessa e Bluhm. A propósito estes heróis humanitários causam-me náuseas, se te apetece desabafar. Burocratas internacionais que passam a vida em piqueniques para ursinhos de peluche. Isto é um aparte. Desculpa.

— Mas tu o que é que fizeste? Por amor de Deus, Bernard!

Sou o Viúvo enganado mo fim da picada. Sou a vítima inocente, não tão inocente como isso, Sou o marido indignado, retirado da circulação pela minha esposa transviada mais o seu amante. — Será que haverá finalmente alguém para me dizer o que se passa? — continuou, no mesmo tom queixoso. — Vivi em casa do Sandy a contragosto por uma eternidade. Ele nunca me disse uma palavra acerca de encontros secretos com Tessa ou com Arnold ou fosse com quem fosse. Mas que tese? Uma tese a propósito do quê? — Continuava a tatear.

Pellegrin fez o seu sorriso. Uma vez. Duas vezes. — Então é novidade para ti? Ainda bem.

— Sim, é novidade. Estou completamente no escuro.

— Uma rapariga daquelas, com metade da tua idade, aos saltos e aos pulos por tudo o que era lugar, nunca te veio à ideia perguntar-lhe que raio andava ela a fazer?

Pellegrin está irritado, notou Justin. Tal como a Landsbury. Tal como eu. Estamos todos zangados e escondemo-lo cuidadosamente.

— Não, não me lembrei, E ela não tinha metade da minha idade.

— Nunca leste o diário dela, nunca pegaste na extensão do telefone por-engano-de-propósito? Nunca lhe leste o correio nem espreitaste para o computador? Nada?

— Nada disso.

Pellegrin pensava alto, sem tirar os olhos de Justin. — Então não passou nada por ti. Não viste, não ouviste, não falaste. Espantoso. — Disse ele, contendo a custo o seu sarcasmo.

— Ela era advogada, Bernard. Não era nenhuma criança. Era uma advogada perfeitamente competente e muito esperta. Esqueces-te disso.

— Ah! esqueço? Não tenho a certeza. — Pôs os óculos de ver ao perto a fim de tirar a espinha do linguado. Quando o conseguiu, ergueu-a com o garfo e a faca, olhando em volta desamparadamente, à espera que um criado lhe trouxesse um prato para a pousar. — Só desejo que ela se tenha limitado a apresentar as suas conclusões ao Sandy Woodrow. Já sabemos que andou a incomodar a figura principal.

— Qual figura principal? Refere-se a si mesmo?

— Ao Curtiss. Kenny K. em pessoa. O Homem. — Apareceu um prato, onde Pellegrin depositou a espinha. — Só me admira que ela não se tenha atirado para baixo dos seus cavalos de corrida. Que não tenha ido contar tudo a Bruxelas. Às Nações Unidas. À televisão. Uma mulher como ela, com a missão de salvar o mundo, vai até onde for preciso e manda ao diabo as consequências.

— Isso não é verdade, — disse Justin, debatendo-se entre o assombro e uma raiva crescente.

— Como assim?

— A Tessa teve todo o cuidado em proteger-me. A mim e ao seu país.

— Revolvendo a lama? Exagerando o caso para além dos limites? Importunando o patrão do seu maridinho? Invadindo os escritórios de executivos cheios de trabalho, de braço dado com Bluhm...? Não é bem a minha noção de proteger o seu homem. Se queres saber a minha opinião, parece-me o caminho mais rápido para destruir completamente todas as chances do pobre diabo. Não que as tuas chances ainda fossem grande coisa por essa altura, para falar com franqueza. — Um golo de água com picos. — Ah, já percebi. Já estou a ver o que aconteceu. — Duplo sorriso. — Tu realmente não estás ao corrente dos antecedentes. É a tua versão.

— Claro que é. Estou completamente perplexo. A polícia pergunta, Alison pergunta, você pergunta se eu estava realmente a leste da realidade. A resposta é: claro que estava e ainda estou.

Pellegrin já estava sacudindo a cabeça, incrédulo e divertido. — Oh meu caro. Então o que é isso? Ouça. Eu não fico muito impressionado. Alison também não. Eles foram te encontrar. Ambos. Tessa e Arnold de mãos dadas. “Ajude-nos, Justin. Encontramos a arma do crime ainda fumegando. Uma empresa antiga e respeitável, baseada na Inglaterra, anda envenenando quenianos inocentes, usando-os como cobaias, Deus sabe de quê. Há aldeias inteiras de cadáveres e aqui está a prova. Leia.” Não foi?

— Não fizeram nada disso.

— O mal ainda não está feito. Ninguém está tentando culpar você de nada. Está tudo aberto de par em par. É tudo boa gente. Somos todos seus amigos.

— Já reparei.

— Ouviu o que eles tinham a dizer. Você é um cara legal. Leu o argumento apocalíptico que eles tinham escrito, em dezoito páginas, e disse que estavam completamente doidos da cabeça. Que se queriam lixar as relações anglo-quenianas para os próximos vinte anos tinham encontrado a fórmula ideal. Foi esperto. Se Celly me tivesse pregado uma dessas, eu lhe daria um bom pontapé no

traseiro. E, como você, teria fingido que não houve a conversa, como realmente não houve. Certo? Nós vamos esquecer tudo isso tão depressa como você. Não fica nada em sua ficha e nada no livrinho preto da Alison. Combinado?

— Eles não vieram ter comigo, Bernard. Ninguém me impingiu nenhuma história, ninguém me mostrou nenhum argumento apocalíptico, como você chama. Nem Tessa, nem Bluhm, ninguém. Para mim, é um mistério total.

— Uma moça chamada Ghita Pearson, quem é?

— Uma funcionária subalterna da Chancelaria. Anglo-indiana. Muito esperta e funcionária local. A mãe dela é médica. Por quê?

— E além disso?

— Amiga de Tessa. E minha.

— Pode ter lido o documento?

— Tenho certeza que não.

— Por quê?

— Tessa não lhe teria mostrado.

— Mostrou a Sandy Woodrow,

— Ghita é uma mulher frágil. Está tentando fazer carreira entre nós. Tessa não ia colocá-la numa posição falsa.

Pellegrin quis mais sal, que distribuiu pondo um montinho na palma da mão esquerda, tirando pitadas entre o indicador e o polegar da mão direita e depois acabando por esfregar as mãos.

— Seja como for, você está fora de causa, — anunciou ele a Justin, como se fosse um prêmio de consolação. — Não queremos ser obrigados a ir para a porta da prisão passar baguettes au fromage através das grades.

— Já me disse. Ainda bem.

— Essa é a boa notícia. A má é... o seu amigo Arnold. Seu e da Tessa.

— Já o encontraram?

Pellegrin abandonou a cabeça com ar sombrio. — Os tambores já soaram por ele, mas não foi encontrado. Ainda têm esperança.

— Os tambores soaram por quê? O que isso quer dizer?

— Isso são águas passadas, meu caro. Difíceis de navegar, sobretudo em seu estado de saúde. Oxalá pudéssemos ter esta conversa daqui a umas semanas, quando você estivesse mais refeito, mas não podemos. As investigações de um crime não têm, infelizmente, consideração pelas pessoas. Seguem o caminho à sua maneira. Bluhm era seu amigo, Tessa, sua mulher. Não é fácil para nenhum de nós contar que seu amigo matou sua mulher,

Justin olhou para Pellegrin com um espanto sincero, mas Pellegrin estava ocupado demais com seu peixe para reparar. — Mas então, e as provas legais? — ouviu-se ele perguntando, de um longínquo planeta gelado. — O jipe verde? As garrafas de cerveja e as beatas? Os dois homens que foram vistos em Marsabit? Não sei... as Três Abelhas, todas aquelas perguntas que a Scotland Yard me fez?

Pellegrin sorria o primeiro dos seus sorrisos antes de Justin ter acabado de falar. — Há novas provas, amigo. Conclusivas, ao que parece. — Meteu na boca outro pedaço de pão. — A polícia encontrou as roupas. As roupas de Bluhm. Enterradas na margem do lago. Menos o casaco. Deixou no jipe para disfarçar. Camisa, calças, cuecas, meias, sapatos. Sabe o que encontraram no bolso das calças? As chaves do jipe. As que usou para fechar as portas do jipe. Traz um novo significado ao que os americanos chamam “encerramento do caso” hoje em dia. É uma coisa muito comum nos crimes passionais, ao que dizem. Mata-se alguém, fecha-se a porta à chave e também o pensamento, Como se nada tivesse acontecido. A memória fica apagada. É clássico,

Desconcentrado pela expressão incrédula de Justin, Pellegrin parou e após um instante, concluiu: — Eu sou pela teoria de Oswald, Justin. Lee Harvey Oswald assassinou John F. Kennedy. Ninguém o ajudou. Arnold Bluhm perdeu o juízo e matou Tessa. O motorista protestou e Bluhm matou-o também. Depois jogou a cabeça dele no mato para dar de comer aos chacais. E pronto. Chega uma hora em que ficamos reduzidos à explicação mais

óbvia. Pudim de caramelo ou crumble de maçã? — Fez sinal ao criado para trazer café. — Posso dar um conselho de amigo?

— Por favor.

— Está de baixa por doença. Está pior que estragado. Mas você é da velha-guarda, conhece as regras e continua a ser da África. E está sob a minha asa. — E antes que Justin tomasse aquela frase por uma definição romântica do seu “status”: — Há por aí muita coisa boa para quem souber governar-se. E muitos lugares onde eu não queria ser apanhado nem morto. E se você está guardando alguma informação confidencial por assim dizer, na sua cabeça ou seja onde for, lembre-se de que ela nos pertence, e não a você. O mundo hoje em dia é muito mais duro do que aquele em que fomos criados. Há por aí muita gente perigosa, capaz de tudo e com muito a perder. Alguns não são bons de provocar.

Como aprendemos à nossa custa, pensou Justin do fundo da sua cápsula de vidro. Levantou-se da mesa como se levitasse e ficou admirado ao ver a sua imagem num grande número de espelhos ao mesmo tempo. Viu-se de todos ângulos, em todas as épocas da sua vida. Justin como criança perdida no meio de casas enormes, com as cozinheiras e os jardineiros por amigos. Justin como estrela do rãguebi na escola, Justin como solteirão profissional, enganando a solidão com a quantidade. Justin como esperançoso funcionário do Foreign Office sem ilusões próprias, fotografado ao lado da sua amiga palmeira. Justin como viúvo recente e pai do seu único filho, também morto.

— Você tem sido um bom amigo, Bernard. Obrigado.

Obrigado pela lição de mestre em sofística, era o fundo do seu pensamento. Obrigado por propor um filme inspirado no assassinato da minha mulher e pisar com botas todos os pontos sensíveis que ainda me restavam. Obrigado pelo argumento apocalíptico de dezoito páginas e pelo último encontro secreto dela com Woodrow e as outras contribuições encantadoras para o meu espólio de recordações. E obrigado pelo último aviso tão sereno, emitido com

um brilho de aço nos olhos. Porque, se olhar mais de perto, encontro o mesmo brilho nos meus.

— Está pálido, amigo. — Disse Pellegrin acusadoramente. — Alguma coisa ... ?

— Estou ótimo. E ainda melhor por ter falado com você, Bernard.

— Vê se dormes. Andas a queimar as últimas reservas. E temos de combinar aquele fim-de-semana. Traz um amigo. Alguém para jogar conosco.

— Arnold Bluhm nunca fez mal a ninguém, — disse Justin articulando bem, enquanto Pellegrin o ajudava a vestir o impermeável e lhe entregava a pasta. Mas se aquilo foi dito para ser ouvido ou para responder às mil vozes que gritavam na sua cabeça, não tinha uma certeza absoluta.

Capítulo 10

Era a casa que ele odiava de memória sempre que estava longe dela: grande, desgredada e predominantemente familiar, no número quatro, paralelo aos baldios de Chelsea, com um jardim na frente que era deixado à solta por mais carinho que Justin lhe dedicasse, sempre que tirava uma pequena licença. E os restos da casa na árvore de Tessa, carcomidos pelo tempo, mantinham-se ainda, como uma jangada, presos ao carvalho morto que ela jamais permitira abater. E os balões rotos de uma época longínqua e o papagaio de papel, esfrangalhado entre os ramos quebradiços da árvore seca. E o portão ferrugento que ele empurrava, fazendo-o deslizar sobre as folhas mortas, assustava o gato do vizinho que arregalava os olhos e se esquivava logo por entre os arbustos. E as cerejeiras de ar mal disposto com as quais achava que ia ter de se preocupar porque tinham apanhado doença.

Era a casa que o apavorara o dia inteiro e toda a semana passada enquanto cumpria pena em casa de Gloria, e todo o passeio pelas ruas da zona oeste numa tarde deserta, sombria e invernosa de Londres, enquanto o seu espírito buscava o caminho no labirinto de monstruosidades que lhe iam na cabeça e a pasta lhe batia na perna. Era a casa que representava a parte dela que ele nunca partilhara e jamais partilharia.

Um vento penetrante abanava os toldos da mercearia do outro lado da rua, varrendo folhas e clientes tardios pela calçada fora. Mas apesar do seu terno ligeiro, Justin não tomava consciência do frio, tal era o peso que levava dentro do corpo. Os seus passos sobre os degraus de tijolo até a porta da entrada produziam um tinido enquanto subia a escada pesadamente. Ao chegar ao cimo voltou-se e lançou um demorado olhar para trás, sem saber bem por quê. Um sem abrigo deitara-se, enrolado numa trouxa, por baixo de uma caixa automática do National Westminster. Um homem e uma mulher discutiam num carro estacionado em transgressão. Um outro

homem magro de chapéu de feltro e impermeável baixava a cabeça para o seu celular. Num país civilizado nunca se sabe. A bandeira de ventilação sobre a porta da frente estava iluminada por dentro. Não desejando surpreender alguém, tocou a campainha e ouviu o seu som familiar e enferrujado soar no patamar do primeiro andar, como que saído da sereia de um navio. Quem estará em casa? indagou, aguardando passos. Aziz, o pintor marroquino mais o seu namorado Raoul? Petronilla, a rapariga nigeriana à procura de Deus, mais o seu padre guatemalteco cinquentão? Ou o alto Gazon, o médico francês cadavérico, fumador em cadeia, que trabalhara com Arnold na Argélia e tinha o mesmo sorriso arrependido e o mesmo modo de se deter a meio das frases, semicerrando os olhos num esforço de memória, à espera que o seu cérebro se recompusesse, Deus sabe de que pesadelos, antes de voltar a achar o fio à meada?

Não ouvindo reações ou trepidação de passos, deu a volta à chave e entrou para o vestíbulo, esperando cheiros a comida africana, alaridos de reggae vindos da telefonia e o som estridente da animada conversa na cozinha à volta do café, — Está aí alguém? — chamou. — Sou eu, Justin.

Nem brados de resposta, nem batiques de música, nem cheiros a cozinha ou vozes. Nem um ruído que fosse, além do trânsito lá fora na rua e o eco da sua própria voz subindo pelo vão da escada. Tudo o que viu foi a cabeça de Tessa cortada pelo pescoço, recortada de um jornal e colada num cartão, que olhava para ele por entre um conjunto de frascos de compota cheios de flores. E entre os frascos, uma folha dobrada, arrancada de um caderno de papel grosso, talvez do bloco de desenho de Aziz, com mensagens de pesar manuscritas, palavras de simpatia e de despedida da parte dos inquilinos desaparecidos de Tessa: Justin, sentimos que não podemos ficar, datado de segunda-feira passada.

Dobrou o papel e deixou-o de novo, entre as flores. Concentrou-se, de olhos mortos focados no infinito enquanto pestanejava para afastar as lágrimas. Largou a pasta no chão do vestíbulo e dirigiu-se para a cozinha, tateando a parede. Abriu a porta do frigorífico.

Estava vazio à exceção de um frasco que continha um remédio com um nome desconhecido de mulher no rótulo. Anee qualquer coisa. Deve ser das do Gazon. Seguiu às apalpadelas pelo corredor até a sala de jantar e acendeu as luzes.

Eis a sala de jantar do pai dela, horrenda, mobilada num estilo pseudo Tudor. Seis cadeiras ornamentadas, de crista, próprias para megalômanos, dispostas de cada lado. E duas cabeceiras com entalhes exagerados, destinadas ao casal real. O pai sabia que era horrível mas adorava-a, portanto eu adoro-a também, dizia-lhe ela. Bem, eu não a adoro, pensava ele, mas Deus me livre de o admitir. Nos seus primeiros meses juntos Tessa não falava de mais nada que não fosse o pai e a mãe, até que sob a orientação astuta de Justin, começou a exorcizar os seus fantasmas e enchendo a casa de gente da sua idade, daqueles quanto mais loucos mais divertidos: trotskistas de Eton, prelados poloneses bêbados, místicos orientais, e metade dos chupistas de todo o mundo ocidental. Mas logo que descobrira a África, o seu alvo fixou-se e o número quatro tornou-se então um abrigo para cooperantes introvertidos e ativistas de origem duvidosa. Continuando a varrer o olhar pela sala, Justin fixou desaprovadamente um monte de fuligem à roda da lareira de mármore cobrindo o cão da chaminé e o guarda-fogo. Gralhas, pensou. Deixou de novo o olhar vogar pela sala até se reter mais uma vez na fuligem. Deixou também que o seu pensamento pousasse nela. E assim ficou enquanto debatia consigo mesmo. Ou com Tessa, o que era quase o mesmo.

Mas quais gralhas? Gralhas quando?

Mensagem do vestíbulo tem a data de segunda-feira.

Ma Gates vem às quartas — Ma Gates é a Mrs. Dora Gates, a velha ama de Tessa, sempre chamada simplesmente Ma.

E se Ma Gates está adoentada, é a sua filha Paule que vem.

E se Pauline não pode vir, há ainda uma irmã, a provocante Debbie.

E era impossível que qualquer dessas mulheres ignorasse uma marca de fuligem tão visível.

Portanto as gralhas tinham atacado depois de quarta-feira e antes desta noite. Ora, se a casa vagou na segunda — a julgar pela mensagem — e Ma Gates a limpou na quarta — porque estaria ali uma pegada firme, de aspecto masculino e relevo forte, possivelmente uma bota de montanhismo, marcada na fuligem?

O telefone descansava sobre o aparador, ao lado de um livro de endereços.

O número de Ma Gates estava rabiscado a lápis vermelho no interior da capa pela mão de Tessa. Marcou-o e veio Pauline que logo se desfez em lágrimas e lhe passou a mãe.

— Lamento muito, muito mesmo, querido — disse Ma Gates, com voz pausada e em tom bem claro. — Mais do que o senhor ou eu possamos imaginar, Mr. Justin. Ou do que jamais serei capaz de dizer.

O interrogatório à senhora começou: longo e suave como tinha de ser, com muito mais para ouvir do que para perguntar. Sim, Ma Gates viera como de costume na quarta-feira, das nove às doze. Miss Tessa havia de gostar... Fora uma oportunidade de estar completamente só com Miss Tessa ... fez a limpeza como sempre fazia, nada fora negligenciado ou esquecido ... E até chorou e rezou... E se ele estivesse de acordo, ela gostaria de por favor de continuar a vir tal como antes às quartas-feiras, como quando Miss Tessa ainda estava viva, não era pelo dinheiro, era pela memória...

Fuligem? Certamente que não. Não havia na quarta-feira qualquer fuligem no chão na sala de jantar ou ela tê-la-ia visto de imediato, e tê-la-ia varrido antes que fosse pisada. A fuligem de Londres é tão sebosa! Com lareiras tão grandes ela tinha sempre um olho posto na fuligem! E não, Mr. Justin, o limpa-chaminés de certeza que não tinha uma chave.

E Mr. Justin já sabia se eles tinham encontrado o Dr. Arnold? Porque entre todos os cavalheiros que habitaram a casa, o Dr. Arnold foi aquele que lhe mereceu mais cuidados, e o que quer que o senhor tenha lido nos jornais, eles só estão a inventar...

— A senhora é muito gentil, Mrs. Gates.

Ao ligar o candeeiro na sala de jantar, permitiu-se dar um relance às coisas que para sempre seriam um sinal de Tessa: as medalhas das vitórias da sua infância na equitação; Tessa após a sua primeira comunhão; o seu retrato de casamento nos degraus da igreja minúscula de Santo Antônio, em Elba. Mas era na lareira que ele pensava sobretudo. O chão era de ardósia, a grelha era um dispositivo baixo vitoriano, uma mistura de latão e aço, com garras de latão para segurar os ferros. Soleira e grade estavam cobertas de fuligem, A mesma fuligem estava disposta em linhas pretas nos intervalos das pinças e do atizador de brasas.

Aqui temos então um grande mistério da natureza, disse ele a Tessa: duas colônias distintas de gralhas escolhem o mesmo momento para atirar fuligem por duas chaminés abaixo, sem ligação entre si. Que fazemos com isto? Tu, uma advogada e eu, uma espécie protegida?

Mas na sala de jantar, nem uma pegada. Quem quer que se tenha aproximado da lareira da sala de jantar, deixara amavelmente uma pegada. Quem quer que se tenha aproximado da lareira da sala de estar — quer fosse o mesmo homem ou outro — nada deixara.

No entanto, porque revistaria alguém uma lareira, quanto mais duas? Verdade é que as lareiras antigas possuem tradicionalmente esconderijos, para cartas de amor, testamentos, diários vergonhosos e moedas de ouro. Verdade é também, de acordo com a lenda, que as chaminés eram habitadas por espíritos. Verdade ainda que o vento se servia das chaminés para contar histórias, muitas delas secretas. E um vento frio soprava esta noite, estalando pelas persianas e sibilando pelas fechaduras. Mas porque revistar estas lareiras? As nossas lareiras? Por que o número quatro? A não ser naturalmente que as chaminés fossem parte de uma revista mais generalizada à casa inteira — atos secundários, por assim dizer, da investida principal.

A meio do patamar parou para meter o nariz no depósito de remédios de Tessa, um armário italiano de especiarias, Sem grande

valor, que estava aparafusado num ângulo do vão de escada e assinalado com uma cruz verde, pintada a estêncil pela mão dela. Não era por acaso que fora filha de um médico. A porta do armário estava ligeiramente aberta. Ele acabou de a abrir por completo.

Tinha sido saqueado. Latas de pensos abertas, gaze e pacotes de ácido bórico estavam espalhados numa desordem irritada. Ia já fechar a porta quando o telefone do patamar tocou estridente a seu lado.

Se for para ti, disse a Tessa, terei de dizer que morreste. Se for para mim, terei de ouvir as condolências. Ou será a pão-pão, queijo-queijo a perguntar se tenho tudo o que preciso para me manter confortavelmente instalado no meu trauma. Ou será alguém que teve de esperar até a linha ficar desimpedida, depois da minha conversa quilométrica com Ma Gates?

Levantou o auscultador e ouviu uma mulher muito ocupada. Vozes metálicas ecoavam atrás dela, soavam passos. Uma mulher ocupada num local cheio de gente e com um chão de pedra. Uma voz de mulher bem-humorada, num cockney* vertiginoso como o de uma jovem vendedora ambulante.

— Bem! Posso falar com Mr. Justin Quayle, por favor, se ele estiver em casa? — arrematou com cerimônia, como se estivesse a ensaiar um truque de cartas.

— Ele está, querido, estou a ouvir — disse para o lado.

— Fala Quayle.

— Queres falar com ele pessoalmente, querido? — O querido não queria.

— É do florista Jeffeys, Mr. Quayle, da Kings Road. Temos aqui um lindo ramo de flores de não posso dizer quem para lhe ser entregue pessoalmente e sem falta esta noite, se estiver em casa, tão cedo quanto possível, e não devo dizer de quem é — não é — querido? — É evidente que era. — Que tal seria se eu mandasse o rapaz agora aí, é a questão, Mr. Quayle? Ele está aí em dois minutos, não é, Kevin? Até em um, se o Sr. lhe oferecer uma bebida.

Então mande-o lá, disse Justin desorientado.

Estava em frente do quarto de Arnold, assim chamado porque quando Arnold ficava lá em casa nunca falhava a oportunidade de deixar uma melancólica pretensão de permanência — um par de sapatos, uma máquina de barbear, um despertador, um monte de papéis sobre a insuficiência abismal de apoio médico que estava a ser dado ao Terceiro Mundo. A imagem do casaco de malha de pêlo de camelo de Arnold, atirado sobre as costas da sua cadeira, fez com que Justin se detivesse por um pouco, e esteve quase para chamar pelo nome de Arnold ao aproximar-se da escrivaninha.

Fora assaltada.

As gavetas encontravam-se abertas à força, os papéis e os adereços de escritório tinham sido tirado para fora e tornados a meter sem o menor cuidado.

O besouro soou. Correu escada abaixo, apoiando-se ao chegar à porta da frente. Kevin, o rapaz das flores, era baixo e de bochechas vermelhas, um rapaz das flores bem ao jeito de Dickens, de aspecto fresco e brilhante no frio do Inverno. Os íris e os lírios que tinha nos braços eram tão grandes como ele. Um envelope branco estava atado ao arame que unia o ramo. Numa busca atrapalhada, no meio de um punhado de xelins quenianos, Justin encontrou duas libras inglesas, deu-as ao rapaz e fechou-lhe a porta na cara. Abriu o envelope e retirou um cartão branco embrulhado em papel grosso para que a escrita não transparecesse através do envelope. A mensagem fora impressa eletronicamente.

Justin. Saia de sua casa às sete e meia desta noite. Traga uma pasta cheia de jornais, Vá até o cinema Cineflex da Kings Road. Compre um bilhete para a Sala Dois e veja o filme até as nove horas. Saia com a pasta pela porta do lado (a ocidente). Procure uma picape azul estacionada perto da saída. Reconhecerá o motorista. Queime isto.

Sem assinatura. Examinou o envelope, farejou-o, farejou o cartão, mas não cheirava a nada, não sabia a que deveria cheirar. Levou o cartão e o envelope para a cozinha, chegou-lhes um fósforo e, seguindo as melhores tradições do curso de segurança do

Serviço dos Negócios Estrangeiros, pô-los no lava-louças para arderem. Quando acabaram de arder, esmigalhou a cinza e depositou os fragmentos na conduta de lixo que acionou durante mais tempo que o necessário, Iniciou a subida dos degraus, dois a dois até chegar ao cimo da casa. Não era a pressa que o dominava, mas a determinação: não penses, age. Tinha diante uma porta fechada da dependência que dava para o telhado, Já tinha na mão uma chave. A sua expressão era resoluto, mas apreensiva. Era um homem desesperado, tomando coragem antes do salto. Afastou a porta para trás e entrou a passadas largas no sótão minúsculo que levava a uma fila de quatinhos separados por vasos de chaminé com vestígios de fezes de gralhas e bocados lisos de telhado bons para cultivar vasos de plantas e fazer amor. Irrompeu por ali de olhos franzidos para fazer frente ao foco de luz intensa que era a sua memória. Não havia objeto, imagem, cadeira ou recanto a que Tessa não desse vida, habitasse nele e falasse nele. A escrivaninha imponente que fora do pai dela e passara para ele no dia do casamento encontrava-se na sua habitual alcova. Levantou o tampo para trás, Eu não dizia? Saqueada.

Abriu o roupeiro dela e viu os seus casacos e vestidos de Inverno caídos dos cabides e deixados a agonizar com os bolsos virados do avesso. Francamente, querido, podias tê-los pendurado. Sabes muito bem que os pendurei, mas alguém os deitou abaixo. Sondando por debaixo deles, desenterrou a velha pasta com pautas de música de Tessa, que era o que havia de mais parecido com uma pasta normal.

— Vamos a isto juntos — disse ele a Tessa, agora em voz alta.

Antes de sair, parou para espreitar pela porta aberta do quarto. Ela saíra do quarto de banho e estava de pé, nua, em frente do espelho, de cabeça inclinada, passando o pente pelo cabelo molhado. Um pé descalço estava virado para fora em posição de balé, a sua posição habitual sempre que estava nua. Uma mão erguia-se até a cabeça. Ao vê-la, ele sentiu a mesma separação inexprimível que sempre sentia entre eles quando ela ainda era viva.

És perfeita demais, jovem demais, disse-lhe. Devia ter-te deixado à solta. Não digas asneiras, retorquia ela docemente, e ele logo se sentia muito melhor.

Descendo para a cozinha do rés-do-chão encontrou uma pilha de velhas edições de Kenyan Standard, Africa Confidential, The Spectator e Private Eye. Enfiou-os na pasta de música, voltou ao vestíbulo, deu uma última olhadela ao santuário improvisado e à outra pasta. Vou deixá-la onde eles a possam encontrar no caso de não estarem satisfeitos com o trabalho desta manhã no escritório, explicou-lhe, e saiu para a escuridão gelada. O percurso até o cinema levou dez minutos. A Sala Dois estava três quartos vazia. Não prestou qualquer atenção ao filme. Teve de escapulir duas vezes ao lavabo dos homens, de pasta na mão, para consultar o relógio de pulso sem ser observado. Às cinco para as nove saiu pela saída ocidental e viu-se numa rua lateral, com um frio de cortar. A picape azul ali estacionada parecia olhar para ele e, por um momento absurdo, Justin imaginou que via o safari verde de Marsabit. Os faróis dianteiros piscaram. Uma silhueta angulosa com boné de marinheiro ocupava o lugar do motorista.

— Pela porta de trás, — mandou Rob.

Justin dirigiu-se para a traseira da picape e viu a porta aberta e o braço estendido de Lesley para receber a pasta. Ao aterrar num assento de madeira numa escuridão como breu, ele estava de novo em Muthaiga, no assento de tabuinhas duma picape Volkswagen, com Livingstone ao volante e Woodrow sentado na sua frente a dar ordens.

— Estamos a segui-lo, Justin, — explicou Lesley. A sua voz no escuro soava num tom urgente e ao mesmo tempo misteriosamente desanimado. Era como se também ela tivesse sofrido uma grande perda. — A equipa de vigilância seguiu-o até o cinema e nós fazemos parte dela. Agora estamos a cobrir a saída lateral para o caso de você sair por aí. Há sempre a hipótese de a presa se aborrecer e sair mais cedo. Ainda agora foi o que aconteceu. Daqui

a cinco minutos, é o que vamos pôr no relatório para o controlador da missão. Que direção quer seguir?

— Leste.

— Então chame um táxi e siga para leste. Comunicaremos o número do seu táxi. Não o seguiremos porque nos reconheceria. Há um segundo carro de vigilância à sua espera em frente ao cinema e um sobressalente, de aviso, na Kitig's Road, para as contingências. Se decidir ir a pé ou apanhar o metro, eles enviam dois peões atrás de si. Se apanhar um ônibus, ficarão gratos porque nada é mais fácil que ficar retido atrás de um ônibus londrino. Se for a uma cabina telefônica fazer uma chamada, eles escutam. Têm autorização do Serviço Central que funciona de onde quer que você telefone.

— Por quê? — perguntou Justin.

Os seus olhos começavam a habituar-se ao escuro. Rob reclinara o corpo comprido ao longo das costas do banco para participar na conversa. O seu modo era tão infeliz como o de Lesley, mas mais hostil.

— Porque você nos lixou — disse.

Lesley retirava os jornais da pasta de Tessa para os encafiar num saco de plástico, tinha aos pés um maço de envelopes largos, talvez uma dúzia. Começou a introduzi-los na Pasta.

— Não compreendo — disse Justin.

— Tente — aconselhou Rob. — Nós só cumprimos ordens não é? Dizemos a Mr. Gridley o que você anda a fazer. Alguém lá de cima diz por que mas a nós ninguém diz nada. Somos só a criadagem.

— Quem revistou a minha casa?

— A de Nairobi ou a de Chelsea? — contrapôs Rob com sarcasmo.

— A de Chelsea.

— Não nos pergunte. A equipa esteve lá de plantão durante quatro horas enquanto alguém a revistou. É tudo o que sabemos. O Gridley mandou um guarda uniformizado para a frente da porta, caso alguém quisesse entrar ou sair. Se alguém o fizesse, a sua

tarefa era dizer-lhes que os nossos agentes estão a investigar um assalto ao edifício, portanto pirem-se. Se era de fato um guarda, o que eu duvido, — acrescentou Rob fechando a boca bruscamente.

— Rob e eu estamos fora do caso, — disse Lesley. — O Gridley punha-nos a passar multas nas Ilhas Orkney se pudesse, só que não se atreve.

— Estamos fora de tudo, — concluiu Rob. — Somos uns mortos vivos. Graças a si.

— Ele quer-nos onde nos possa ver, — disse Lesley,

— Dentro de uma tenda, a mijar para fora, — disse Rob.

— Enviou dois novos agentes para Nairobi para auxiliar e aconselhar a polícia local na busca de Bluhm e mais nada. — disse Lesley. — Nada de olhadelas debaixo das pedras, nada de divergências. Ponto final.

— “Acabaram-se os dois de Marsabit, acabou-se o luto por putas moribundas e médicos fantasmas.” — disse Rob. — São as palavras adoráveis saídas da boca de Gridley. E os nossos substitutos não estão autorizados a falar conosco, caso apanhem a nossa doença. São um par de atrasados mentais com um ano de vida, tal e qual como o Gridley.

— Trata-se de uma situação de alta segurança e você faz parte dela, — disse Lesley, apertando o fecho da pasta e abraçando-a contra o colo. — Que parte, é que ninguém sabe. O Gridley quer a história da sua vida. Com quem se encontra, onde, quem vem a sua casa, a quem telefona, o que come, com quem. E isto diariamente. Que você é uma figura essencial numa operação ultra-secreta é tudo o que estamos autorizados a saber. Temos de fazer o que nos dizem e meter-nos no que nos diz respeito.

— Tínhamos voltado há dez minutos à Scotland Yard e ele já gritava por agendas, gravações e documentos que queria ver na sua mesa já! — disse Rob. — Então demos. O conjunto original, completo e sem cortes. Depois de termos feito cópias, é evidente.

— A gloriosa companhia das Três Abelhas não deve ser mencionada nunca mais e isto é uma ordem — disse Lesley. —

Nem o seus produtos, nem as suas operações ou o seu pessoal. Nada deve fazer balançar o barco. Amém.

— Qual barco?

— Uma data de barcos, — atirou Rob. — É só escolher. O Curtiss é intocável. Está em vias de intermediar um negócio de um montão de armas britânicas para a Somália. O embargo é uma chatice, mas ele arranjou formas de o contornar. É um percursor na corrida para fornecer um moderníssimo sistema no gênero “África Oriental Telecom”, utilizando a alta tecnologia britânica.

— E eu estou no meio de tudo isso?

-Você se atravessou na frente, — retorquiu Rob maldosamente. — Se tivéssemos sido capazes de passar por cima de você, teríamos todos no papo. Agora estamos na rua, de volta ao primeiro dia de nossas carreiras.

— Eles julgam que você sabe o que a Tessa sabia, — explicou Lesley. — Isso pode ser prejudicial à sua saúde.

— Eles? Quem são eles?

Mas a cólera de Rob não acabara. — Tratava-se de uma armadilha desde o primeiro dia e você fazia parte dela. A polícia daqui fez pouco de nós e os sacanas das Três Abelhas também. O seu amigo e colega Mr. Woodrow mentiu de todas as formas e feitios e você também. Você era a nossa única esperança e nos deu um pontapé no cu.

-Temos uma pergunta para si, Justin, — disse Lesley, num tom não menos amargo. — Deve-nos uma resposta frontal. Tem algum lugar para onde ir? Um lugar seguro onde se possa sentar a ler o jornal? No estrangeiro ainda seria o melhor.

Justin escarneceu: — Que tal se for para casa em Chelsea e apagar a luz do meu quarto? Vocês vão ficar lá em frente da minha casa?

— A equipa de plantão vê-o em casa, vê-o na cama. Os espias passam umas horas pelas brasas, mas os escutas permanecem ligados ao seu telefone. Os espias regressam de manhã bem cedo

para assistir ao seu acordar. A melhor altura é entre a uma e as quatro da manhã.

— Bem, eu tenho um lugar para onde ir, — disse Justin após um momento de reflexão.

— Fantástico, — disse Rob. — Nós não temos.

— Se é no estrangeiro, viaje por terra e mar, — disse Lesley. — Quando lá chegar corte todas as ligações. Apanhe de preferência ônibus de província, comboios locais. Vista-se sem dar nas vistas. Faça a barba diariamente, não olhe fixamente para as pessoas. Não alugue carros, nem apanhe aviões para nenhum lugar, nem sequer em voos domésticos. Dizem que é rico.

— E sou.

— Então abasteça-se com uma pipa de massa. Não utilize cartões de crédito ou traveller cheques, nem toque num celular. Não faça chamadas à cobrança do destinatário nem pronuncie o seu nome numa linha aberta ou os computadores entrarão no circuito. Aqui o Rob arranhou-lhe um passaporte e um cartão de jornalista do Telegraph, da Grã-Bretanha. Ele não conseguia uma fotografia sua até que ligou para o Foreign Office a dizer que precisava de uma para os ficheiros. O Rob tem amigos em departamentos aos quais não estamos autorizados a ter acesso, não é, Rob? — Não houve resposta. — Não estão perfeitos porque os amigos do Rob não tiveram mais tempo, não foi, Rob? Portanto não os use à entrada ou saída de Inglaterra. Entendido?

— Está bem. — disse Justin.

— Você é Peter Paul Atkinson, jornalista e repórter. E nunca, haja o que houver, nunca traga dois passaportes ao mesmo tempo.

— Mas porque fazem isto? — perguntou Justin.

— Não tem nada com isso. — Ripostou Rob furioso do meio da escuridão.

— Tínhamos um trabalho a fazer, é tudo. Não gostamos que o tenham tirado de nós. Portanto passamos a você. Quando eles nos puserem na rua, talvez você nos deixe lavar de vez em quando o seu Rolls-Royce.

— Talvez estejamos a fazer isto pela Tessa, — disse Lesley, depositando a pasta nos braços dele. — Siga o seu caminho, Justin. Não confiou em nós e talvez tivesse razão. Mas se confiasse, talvez tivéssemos chegado lá. Seja onde seja esse lá. — Abri a porta da picape, — Tenha cuidado com você. Eles matam. Mas o senhor já descobriu isso.

Começou a descer a rua e ouviu Rob a falar ao microfone. Candy está saindo do cinema. Repito. Candy está saindo do cinema com a sua bolsa.

A porta da picape bateu ao fechar-se atrás dele. Caso encerrado, pensou. Continuou a andar em frente por um bom bocado. A Candy vai apanhar um táxi, e é um homem.

Justin estava de pé junto ao parapeito da janela de guilhotina do escritório de Ham, escutando as pancadas das dez horas por sobre o rosar noturno da cidade. Estava a olhar para a rua em baixo, mas mantendo-se um pouco recolhido, num ponto do qual era suficientemente fácil de ver, e era difícil de ser visto. Uma luz pálida de candeeiro iluminava a escrivaninha de Ham. Ham descansava a um canto, numa poltrona, coçada pelo serviço prestado a gerações de clientes insatisfeitos. Lá fora, uma névoa gelada que se levantara do rio, congelava o gradeamento à volta da minúscula capela de Saint Etheldreda, cenário de muitas discussões inconclusivas de Tessa com o Criador. Uma tabuleta verde iluminada informava os transeuntes que a capela tinha sido restaurada para a Verdadeira Fé pelos Padres Rosminianos. Confissões, Ações de Graças e Casamentos Mediante Marcação. Um pequeno grupo de devotos tardios subia e descia os degraus da cripta. Nenhum deles era Tessa. No chão do escritório, empilhados na bandeja de plástico de Ham, descansavam os documentos da pasta, Na escrivaninha estava a pasta de música e ao lado, em ficheiros assinalados com o nome da sua firma, um conjunto zeloso de cópias impressas, telefaxes, fotocópias, anotações de telefonemas, postais e cartas que Ham acumulara ao longo da sua correspondência com Tessa durante o último ano.

— Receio que haja aqui uma grande barafunda, — confessou desajeitadamente. — Não consigo encontrar a última série de e-mails dela.

— Não os encontras?!

— Nem os dela nem os de ninguém. O computador tem um vírus. Essa porra engoliu a caixa de correio e metade do disco duro. Os engenheiros ainda estão a trabalhar nisso, Quando eles os recuperarem, dou-tos logo.

Tinham falado de Tessa, de Meg, depois de críquete, que o grande coração de Ham também albergava. Justin não era um fanático de críquete, mas deu o seu melhor para parecer entusiasmado. Um cartaz de Florença meio manchado escondia-se na penumbra.

— Ainda tens aquele correio de confiança de Turim-e-volta todas as semanas, Ham? — perguntou Justin.

— Absolutamente, meu velho. Foi engolido por uma grande empresa, é claro. Quem o não é? Mas é a mesma gente, só que a merda é maior.

— E ainda usas aquelas caixas de chapéus bonitas, em cabedal, com o nome da firma, que eu vi no teu cofre esta manhã?

— Isso será a coisa a desaparecer se depender de mim.

Justin inclinou-se para baixo, para a rua vagamente alumada. Eles ainda lá estão: uma mulher grandalhona num sobretudo volumoso e um homem macilento de chapéu de feltro amarrotado e pernas tortas como um jóquei a pé e um blusão de esqui com a gola subida até o nariz. Tinham estado a olhar para a tabuleta da Saint Etheldreda durante os últimos dez minutos, quando tudo o que ela dizia numa noite gelada de fevereiro podia ser assimilado em dez segundos. Por vezes, numa sociedade civilizada, sabe-se mesmo.

— Diz-me Ham.

— O que quiseres, meu velho.

— A Tessa tinha algum dinheiro à ordem depositado lá na Itália?

— Montes. Queres ver os extratos de conta?

— Nem por isso. Mas agora é meu?

— Sempre foi. Contas comuns, lembra-te? “O que é meu, é dele.” Tentei tirar-lhe daí a ideia. Ela disse-me que fosse passear. Típico.

— Então o teu amigo em Turim podia enviar-me algum, não podia? Para um banco qualquer. Para onde eu estivesse no estrangeiro, por exemplo.

— Sem qualquer problema.

— Ou para alguém que eu nomeasse, até. Desde que esse alguém apresentasse o seu passaporte.

— É todo teu, meu velho. Podes fazer o que quiseres. Goza-o, que é o mais importante.

O jóquei a pé virara as costas à tabuleta e simulava agora estudar as estrelas, O sobretudo volumoso olhava para o relógio. Justin recordou uma vez mais o chato do seu instrutor do curso de segurança. Os vigias são como os atores. Para eles, o mais difícil de fazer é não fazer nada.

-Tenho um amigo, Ham. Nunca te falei nele. Chama-se Peter Paul Atkinson. Tem toda a minha confiança.

— É advogado?

— Claro que não. O advogado és tu. Este é correspondente do Daily Telegraph. Um velho amigo do liceu. Quero que ele tenha todos os poderes sobre os meus assuntos como se fosse um procurador. Se tu ou a tua gente em Turim alguma vez receberem instruções dele, gostaria que as seguissem exatamente como se fossem minhas.

Ham aclarou a garganta e coçou a ponta do nariz. — Não pode ser feito só assim, meu velho. Não posso simplesmente acenar com uma varinha mágica. Tenho de ter a assinatura e coisas assim. Uma autorização formal da tua parte. E com testemunhas, provavelmente,

Justin atravessou a sala até onde Ham estava sentado, e deu-lhe o passaporte de Atkinson para consulta.

— Talvez possas copiar daí os dados, — sugeriu.

Ham virou a primeira página para ver a fotografia no reverso e, sem qualquer mutação perceptível na sua expressão inicial, comparou-a com as feições de Justin. Passou uma segunda vista de olhos e leu os dados pessoais. Virou lentamente as páginas cheias de carimbos.

— Tem feito uma quantidade de viagens, o teu camarada, — comentou fleumático.

— E vai fazer mais, acho eu.

— Vou precisar de uma assinatura. Não me posso mexer sem uma assinatura.

— Dá-me um momento e terás uma.

Ham levantou-se, restituindo o passaporte a Justin, e foi deliberadamente até a sua escrivaninha. Abriu uma gaveta e retirou uns formulários de aspecto oficial e umas folhas de papel branco. Justin colocou o passaporte aberto debaixo do foco de luz e, com Ham examinando oficiosamente por cima do seu ombro, experimentou umas variantes antes de assinar uma procuração sobre os seus assuntos em favor de um tal Peter Paul Atkinson, ao cuidado dos Srs. Hammond Manzini de Londres e Turim.

— Vou mandá-la reconhecer, — disse Ham. — Por mim próprio.

— Falta uma coisa, se não te importas.

-Ai meu Deus.

Hei-de precisar de te escrever.

À vontade, meu velho. Será um prazer manter o contato.

Mas não para aqui. E para Inglaterra nem pensar. Nem tão pouco para o teu escritório em Turim, desculpa lá. Se bem me lembro tens uma data de tias italianas. Será que uma delas pode receber o teu correio e guardá-lo em segurança até que voltes a passar por lá?

-Tenho lá um velho dragão a viver em Milão, — disse Ham com um arrepio.

— Um velho dragão em Milão vem mesmo a calhar. Podes dar-me a morada?

Era meia-noite em Chelsea. Vestido de blazer e calças de flanela cinzenta, Justin, consciencioso funcionário de secretaria, estava sentado à horrenda mesa de jantar, sob um candeeiro do tempo do rei Artur e escrevia. De caneta de tinta permanente, em papel de carta número quatro. Tinha ensaiado diversos rascunhos antes de se dar por satisfeito, mas o seu estilo e caligrafia não lhe pareciam familiares.

Cara Alison,

Estou-lhe grato pelas suas ponderadas sugestões feitas durante o nosso encontro desta manhã. O Serviço sempre tem mostrado a sua componente humana nos momentos mais críticos, e hoje não houve exceção. Dei a devida importância ao que me propõe, e falei detalhadamente com os advogados de Tessa. Parece que os meus assuntos têm sido muito negligenciados nos últimos meses, e é necessária a minha imediata intervenção. Há problemas domésticos e de impostos a resolver, não mencionando o destino a dar às propriedades aqui e no estrangeiro. Decidi por conseguinte que tenho de tratar destes negócios em primeiro lugar e até suspeito que ainda hei-de dar esta tarefa por bem-vinda.

Espero portanto que tenha paciência comigo por mais uma ou duas semanas antes que eu lhe dê uma resposta às suas propostas. Quanto à baixa por doença, acho que não devo abusar desnecessariamente da benevolência do Serviço. Não gozei de nenhuma licença este ano e creio que tenho direito a cinco semanas de férias, acrescidas da minha deslocação anual normal. Prefiro pedir o que me é devido, antes de apelar à sua tolerância. Com os meus renovados agradecimentos.

Eis uma explicação desonesta e hipócrita que lhe há-de agradar, concluiu com satisfação. Justin, funcionário público impecável, inquieta-se com o fato de ser ou não adequado gozar baixa por doença enquanto trata dos assuntos da esposa assassinada. Voltou ao vestíbulo e deu mais uma olhadela à pasta deixada no chão, debaixo da consola com tampo de mármore. Um fecho fora forçado e estava fora de combate. Do outro, nem rasto. O conteúdo fora

tornado a meter ao acaso. És tão mau pensou com desprezo. Depois pensou: a não ser que estejas a tentar assustar-me, nesse caso és mesmo bom. Apalpou os bolsos do casaco. O meu passaporte, genuíno, para ser utilizado ao sair ou entrar na Grã-Bretanha. Dinheiro. Nada de cartões de crédito. Com um ar de firme convicção, deitou mãos à obra, escolhendo a intensidade das luzes da casa que melhor sugeriam o descanso noturno.

Capítulo 11

O monte recortava-se a negro contra o céu que escurecia. E o céu era uma barafunda de nuvens, impelidas em correria pelos perversos ventos insulares e pela chuva de fevereiro. A estrada, sinuosa como uma cobra, estava juncada de seixos que rolavam da encosta ensopada de chuva misturados com uma lama avermelhada. Por vezes corria sob um túnel de ramadas de pinheiros; outras, parecia prestes a precipitar-se numa queda livre de trezentos metros, no Mediterrâneo que fumegava neblina. Ao desfazer uma curva, Justin via o mar erguer-se inexplicavelmente à sua frente como uma muralha; na curva seguinte, via-o de novo recolhido no fundo do abismo. Mas por muitas que fossem as curvas, a chuva vinha sempre bater de frente no vidro, e ele sentia o jipe estremecer debaixo de si como um cavalo velho, já incapaz de grandes esforços. E o antigo castro do Monte Capanne sempre a espiá-lo, ora do alto do monte, ora agachando-se sobre o seu ombro direito, empoleirado numa fraga inesperada, a impeli-lo para a frente, a enganá-lo como um farol traçoeiro.

— Onde raio será? Ia jurar que é aqui para a esquerda -, lamuriou ele em voz alta, em parte para si próprio e em parte para Tessa. Ao chegar a uma crista, parou na beira, irritado, e levou as pontas dos dedos à sobrancelha, procurando orientar-se, já começava a adoptar os exageros gestuais próprios da solidão. Em baixo, cintilavam as luzes de Portoferraio. Em frente, do lado de lá do mar, piscavam as de Piombino no continente. À esquerda e à direita, um trilho de madeireiros abria uma brecha na floresta. “Foi aqui que os teus assassinos te esperaram no seu safari verde” -, explicou-lhe ele mentalmente. “Foi aqui que eles fumaram os seus repugnantes Sportsmans e beberam as suas garrafas de Whitecap enquanto tu e Arnold não apareciam.” Barbeara-se, penteara-se e vestira uma camisa limpa, de sarja azul. Sentia calor na cara e latejavam-lhe as têmporas. Decidiu-se pela esquerda. O jipe trotou

num enrugado tapete de galhos e agulhas de pinheiro. As árvores começaram a rarear, o céu clareou e voltou a ser dia. Mais abaixo, junto de uma clareira, via-se um cacho de velhas casas rústicas. Nunca vender, nunca alugarei, — disse você da primeira vez em que aqui me trouxe. — Vou cedê-las a pessoas que mereçam, e mais tarde viremos morrer aqui.

Arrumado o carro, Justin caminhou na grama úmida até a casa mais próxima, baixa e muito limpa, com as paredes caiadas de fresco e velhas telhas rosadas. As janelas de baixo tinham luz. Bateu na porta com o punho. Um calmo penacho de fumaça de lenha subia na vertical à luz da tardinha, abrigado pelo arvoredado circundante, para logo ser varrido mais acima pelo vento. Barulhentas aves pretas voavam em bando. Uma camponesa de lenço na cabeça veio abrir a porta, soltou um grito dolorido, baixou a cabeça e murmurou qualquer coisa numa língua que Justin já sabia não poder compreender. Ainda de cabeça baixa, e afastando o corpo para o lado, a mulher pegou a mão de Justin com as suas, apertou-a contra a face e depois beijou devotamente o polegar da outra.

— Onde está Guido? — indagou ele em italiano, entrando na casa atrás dela.

A mulher abriu uma porta interior e mostrou: Guido estava sentado a uma mesa comprida, sob uma cruz de madeira. Um velhinho de doze anos, corcovado e sem fôlego, de rosto lívido, ossos à flor da pele e olhar vago, As suas mãos escanzeladas estavam pousadas no tampo da mesa, mas nada seguravam, pelo que dificilmente se poderia imaginar o que teria ele estado anteriormente a fazer, sozinho num quarto escuro e de tecto baixo, com vigas a todo o comprimento, sem ler, brincar ou olhar para alguma coisa. Com a cabeça esguia inclinada para o lado e a boca aberta, Guido olhou para Justin que entrava. Depois levantou-se, cambaleou na sua direção apoiado na mesa e, abrindo os braços, tentou uma espécie de salto de caranguejo. Mas calculara mal o

salto, e os braços caíram-lhe ao lado do corpo enquanto Justin o segurava de pé.

— Queria morrer como o pai, e como a Signora — lamentou a mãe. — Só me diz que as pessoas boas estão todas no céu e que as pessoas más continuam vivas. Eu sou uma pessoa má, Signor Justin? O senhor é uma pessoa má? Então a Signora trouxe-nos da Albânia, pagou-lhe o tratamento em Milão e pôs-nos nesta casa para que tivéssemos, afinal, de morrer de desgosto por ela? — Guido escondera o rosto encovado entre as mãos. — Primeiro, desmaia; depois, vai para a cama e dorme. Não come, não toma o remédio e recusa-se a ir à escola. Esta manhã logo que ele se levantou para se lavar, fechei-lhe o quarto e escondi a chave.

— Pois olha que é um bom remédio — disse Justin em voz baixa, com os olhos pregados em Guido,

A mulher abanou a cabeça, foi para a cozinha, fez tinir caçarolas e pôs ao lume uma chaleira. Justin reconduziu Guido para junto da mesa e sentou-se a seu lado.

— Estás a ouvir-me, Guido? — disse ele em italiano. Guido fechou os olhos.

-Tudo continuará como dantes — prosseguiu Justin com firmeza. — As tuas propinas, o médico, o hospital, o remédio, tudo quanto for preciso para que recuperes a saúde. A mensalidade, a comida e as propinas de Universidade, quando para lá fores. Vamos fazer tudo o que ela planejou a teu respeito, exatamente como ela planejou. Não podemos fazer menos do que o que ela queria, pois não?

De olhos baixos, Guido refletiu e abanou relutantemente a cabeça: — Não, não podemos fazer menos.

— Ainda jogas xadrez? Vamos a um jogo?

Novo abanar de cabeça, mas agora muito sério: jogar xadrez seria faltar ao respeito pela memória da Signora Tessa.

Justin pegou na mão de Guido e abanou-a delicadamente, esperando ver luzir um sorriso. — Então, que fazes tu quando não estás a morrer? — indagou em inglês. — Já leste os livros todos

que te mandamos? Pensei que já devias ser um perito em Sherlock Holmes.

— O Sr. Holmes é um grande investigador. — Respondeu Guido, também em inglês, mas sem sorrir.

— E que é do computador que a Signora te deu? — indagou Justin, voltando ao italiano. — Ela considerava-te uma grande estrela. Um gênio, dizia-me. Vocês trocavam mensagens eletrônicas com tal entusiasmo que até me faziam ciúmes, Não me digas que puseste de lado o computador, Guido!

Isto causou uma exclamação na cozinha: — Claro que pôs! Pôs tudo de lado! Quatro milhões de liras que ela pagou por aquilo! Passava o dia sentado ao computador, tac, tac, tac! Tac, tac, tac! “Ainda ficas cego por causa disso” — dizia eu. “Faz-te mal tanta concentração.” E agora, nada. Até o computador tem de morrer!

Ainda a segurar a mão de Guido, Justin fitou-os nos olhos: — É verdade? Era.

— Mas isso é horrível, Guido. É um grande desperdício de talento — lamentou Justin enquanto o sorriso de Guido começava a despontar. — O gênero humano está muito precisado de bons cérebros como o teu, estás a ouvir?

É possível.

Então, lembras-te do computador da Signora Tessa, daquele com que ela te ensinou?

Guido, é claro, lembrava-se — e com ares de grande superioridade, para não dizer de presunção.

— Pois olha, não é tão bom como o teu. O teu é uns anos mais novo, e mais esperto, não é?

Sim, sim, muito mais. E o sorriso abriu mais um pouco.

— Bem, Guido, eu sou um ignorante, ao contrário de ti, e nem com o computador dela sou capaz de trabalhar bem. Mas tenho um problema: a Signora Tessa deixou dentro dele uma porção de mensagens; algumas delas eram para mim e estou com um medo terrível de perdê-las. Acho que ela gostaria de que fosses tu a ajudar-me a não as perder. Está bem? Ela gostava muito de ter um

filho como tu e eu também. De modo que a questão é a seguinte: queres ir lá a casa para me ajudar a ler o que está no portátil?

— Tem a impressora?

— Tenho.

— E o leitor de discos?

— Também.

— E os discos compactos? E o modem?

— E o manual, os transformadores, os cabos e um adaptador. Mas sou um palerma, sou capaz de fazer qualquer asneira e estragar tudo.

Guido estava novamente de pé, mas Justin fê-lo sentar-se novamente.

— Esta noite, não. Esta noite, vais dormir. Se me quiseres ajudar, eu venho aqui amanhã de manhã muito cedo e levo você no jipe. Mas depois tem de ir à escola. Está bem?

— Está bem.

O Signor Justin está muito cansado — murmurou a mãe de Guido, pondo-lhe em frente um café. — Um desgosto tão grande faz mal ao coração.

Estava na ilha havia duas noites e dois dias, mas não se admiraria se alguém lhe provasse que já passara uma semana. Tomara o ferry da travessia do Canal para Boulogne, e comprara um bilhete de comboio, e a meio da viagem novo bilhete para outro destino. Tanto quanto se lembrava, exibira o passaporte uma só vez, ao passar da Suíça para Itália por um penhascoso e belíssimo desfiladeiro da montanha. E esse era o seu passaporte verdadeiro, disso estava certo. Obedecendo às instruções de Lesley, enviara o passaporte do Sr. Atkinson à sua frente, via Ham, para não ser apanhado com dois. Mas, quanto ao desfiladeiro e ao comboio, teria de estudar o mapa para descobrir em que cidade embarcara.

Durante grande parte da viagem, Tessa viajara a seu lado, e de vez em quando trocavam uma boa piada — normalmente, depois de ela ter feito em voz baixa algum comentário sem importância, só para descontraír. Noutros momentos, sentados lado a lado, de

cabeça inclinada para trás e olhos fechados como um velho casal, haviam recordado coisas. Mas ela, por fim, deixou-o só; a dor do luto apanhou-o então como um câncer que ele soubesse ter sempre trazido consigo, e Justin Quayle sentiu a falta da sua falecida esposa muito mais intensamente que nos piores momentos vividos no andar térreo da casa de Gloria, no funeral em Langata, na visita ao necrotério ou no andar de cima do número quatro.

Uma vez desembarcado no cais da estação de Turim, alugara um quarto num hotel para se lavar e mudar de roupa e fora depois comprar duas anônimas malas de lona a uma loja de artigos em segunda mão para nelas meter os papéis e objetos que já eram, para ele, as relíquias de Tessa. E Si, Signor Justin, — garantira-lhe o jovem advogado de terno preto, herdeiro da metade Manzini da sociedade, entre protestos de pesar tanto mais dolorosos quanto sinceros, — as caixas de chapéus tinham chegado em boa ordem e em devido tempo, juntamente com as ordens de Ham para que entregasse as números 5 e 6 ainda fechadas a Justin em pessoa; e se houvesse mais alguma coisa, fosse o que fosse, que ele pudesse fazer, de carácter legal, profissional ou qualquer outro, escusado seria dizer que a sua lealdade à família Manzini não terminara com o trágico fim da Signora, *etc.* Ah, e trazia, é claro, o dinheiro — acrescentara com desprendimento, entregando cinco mil dólares em notas contra a assinatura de Justin. Depois disto, Justin retirara-se para a intimidade de uma sala de reuniões vazia onde transferira as relíquias e o passaporte do Sr. Atkinson para o remanso das malas de lona. Tomara depois um táxi para Piombino, onde por um feliz acaso chegou a tempo de alojar-se num espalhafatoso hotel de vários andares que se intitulava barco e partia para Portoferraio, na ilha de Elba.

Sentado tão longe quanto possível do enorme receptor de televisão, cliente único de um gigantesco auto-serviço todo de plástico, na sexta coberta e com as malas uma de cada lado, Justin serviu-se à discrição de uma salada de mariscos, uma baguette com salame e meia garrafa de um vinho muito mau. Ao atracar em

Portoferraio, assaltou-o uma já sua conhecida sensação de imponderabilidade, ao tentar abrir caminho no escuro ventre do porão dos camiões onde os abrutalhados motoristas faziam rugir os motores ou pura e simplesmente lançavam os veículos contra ele, obrigando-o a encostar-se com as malas às paredes de chapa rebitada — com grande gáudio dos bagageiros sem trabalho que assistiam.

Era já lusco-fusco quando desceu atabalhoadamente, a estremecer e furioso, para o cais. Estava-se em pleno Inverno, com um frio de rachar, e os poucos peões visíveis caminhavam com uma pressa pouco habitual. Receando ser reconhecido — ou, pior ainda, alvo de compaixões, — Justin puxou o chapéu para os olhos arrastou as malas para o táxi mais próximo, registrando com alívio o fato de ver no motorista um rosto desconhecido. Durante os vinte minutos da viagem, o homem quis saber se ele era alemão, e Justin respondeu-lhe que era sueco. Esta resposta não premeditada deu bom resultado, pois o Motorista não quis saber mais nada.

A villa Manzini estava na parte baixa da ilha, na costa norte. O vento soprava diretamente do mar, sacudindo ruidosamente as palmeiras, fustigando os muros de pedra, fazendo bater postigos e telhas e arrancando aos barracões rangidos de cordas velhas. Justin ficou parado, sozinho sob um luar vacilante, no lugar onde o táxi o deixara — à entrada de um pátio lajeado, com uma velha bomba de água e uma prensa para azeitona, igualmente velha, esperando que os olhos se habituassem a escuridão do local. A villa avultava à sua frente como um espectro. Duas filas de choupos, plantados pelo avô de Tessa, assinalavam o caminho da porta principal até a beira-mar. Justin vislumbrou, um por um, as casas dos criados, as escadarias de pedra, uns umbrais de portões e sombrios restos de construções romanas. Não havia luz em parte alguma. O encarregado da propriedade, segundo Ham dissera, fora passear para Nápoles com a namorada, O serviço da casa estava confiado a duas viajantes austríacas que se diziam pintoras, instaladas no outro extremo da quinta, numa capela abandonada. As

casas dos criados, adaptadas pela mãe de Tessa, a dottoressa — título que o povo da ilha preferia ao de contessa, — e baptizadas com os nomes de Romeo e Giulietta para deleite dos turistas alemães, eram da responsabilidade de uma agência de aluguer a turistas de Frankfurt.

— Bem-vinda, pois, a sua casa — disse ele a Tessa, não fosse ela ter alguma dificuldade em compreender onde estava depois de tão sinuosa viagem.

As chaves da villa estavam escondidas num recesso interior da cobertura de madeira da bomba de água. Primeiro, tiras a tampa, querido — assim, — e depois metes o braço lá dentro e, se acertares, saca-las para fora. Depois abres a porta da frente da casa, levas a tua noiva para o quarto de cama e dás-lhe o teu amor assim. Mas ele não a levou para o quarto de cama: conhecia um lugar melhor. Pegando mais uma vez nas malas de lona, atravessou o pátio. Nesse momento, a Lua saiu obsequiosamente de trás das nuvens para lhe alumiar o caminho lançando feixes de claridade entre os choupos. Alcançando o outro extremo do pátio, Justin percorreu uma estreita vereda parecida com uma ruela da antiga Roma e chegou junto de uma porta de madeira de oliveira em que fora esculpida uma abelha heráldica napoleônica em homenagem — como dizia a lenda da família — ao grande homem que, apreciando como um tesouro a boa conversa e o vinho, ainda melhor, da trisavó de Tessa, se tornara visita frequente da villa durante os seus inquietos dez meses de exílio.

Justin escolheu a chave maior e fê-la girar na fechadura. A porta rangeu e cedeu. Era aqui que contávamos o dinheiro — diz ela com ar sério, no seu papel de herdeira dos Manzini, noiva e guia de viagem. — Hoje, as magníficas azeitonas dos Manzini são enviadas de barco para Piombino, onde são espremidas como quaisquer outras. Mas no tempo da minha mãe, a dottoressa, esta sala era ainda o Santo dos Santos. Era aqui que nós registrávamos o azeite, botija a botija, antes de guardá-lo na adega, lá em baixo, a uma

temperatura preciosamente controlada. Era aqui... não me estás a ouvir...

— É porque estás a fazer amor comigo.

És o meu marido, e eu faço amor com você sempre que me apetecer. Escuta com atenção. Nesta sala, o salário semanal era contado para a mão de cada um dos camponeses, e todos eles assinavam, geralmente com uma cruz, num livro-mestre maior que esse teu Doomsday Book of England.

— Tessa, eu não posso...

Não podes? Claro que podes. Tens muitos recursos. Era também aqui que nós recebíamos os bandos de condenados a prisão perpétua que vinham acorrentados da casa de correção do outro lado da ilha. Por isso é que a porta tem aquele ralo de espreita. Por isso é que ali estão na parede as argolas de ferro onde nós podíamos prendê-los enquanto não eram levados para o olival. Não se orgulha de mim? Uma descendente de senhores de escravos?

— Desmedidamente.

Então para que estás a fechar a porta à chave? Sou tua prisioneira?

— Para sempre.

O lagar era baixo, com os caibros do telhado à vista e janelas muito altas para olhos indiscretos — quer quando se contasse dinheiro, quer quando os presos fossem acorrentados às argolas, quer quando dois amantes trocassem langorosos amores naquele sofá de couro de costas direitas meticulosamente encostado à parede do lado do mar. A mesa do canto era lisa e quadrada. Nuns nichos de abóbada atrás dela, avultavam duas bancadas de carpinteiro. Justin teve de usar toda a sua força para as atravessar no lajedo e colocá-las aos lados da mesa como se fossem asas. Jarras antigas, recolhidas em escavações da quinta, estavam alinhadas por cima da porta. Justin tirou-as para baixo, sacudiu-lhes a poeira com o lenço e colocou-as na mesa para usá-las como pisa-papéis. O tempo parara. Justin não tinha sede nem fome nem vontade de dormir. Pôs uma mala em cima de cada bancada, tirou

de dentro delas as suas duas trouxas mais preciosas e depositou-as no tampo da mesa tomando o cuidado de deixá-las mesmo no meio — não fosse alguma delas, por desgosto ou maluqueira, ter a ideia de resvalar para o chão. Começou então a desatar com todas as cautelas a primeira trouxa, camada por camada — o roupão de algodão de trazer por casa, o casaquinho de angorá que ela vestira na véspera de partir para Lokichoggio, a blusa de seda, ainda com o aroma dela na gola, até ter nas mãos, já desembulhado, o objeto mais valioso: uma delgada caixa cinzenta de trinta centímetros por vinte e cinco, com o logotipo do seu fabricante japonês na tampa: incólume depois de tantos dias e tantas noites de solidão e viagens infernais. Da segunda trouxa tirou depois os acessórios. Feito tudo isto, transferiu delicadamente o conjunto, peça por peça, para uma velha secretária de pinho colocada no outro extremo da sala.

— Mais tarde — prometeu-lhe em voz alta. — Tem paciência, mulher. Respirando já melhor, tirou da mala de viagem um rádio-despertador e manobrou-o até sintonizar o World Service da 1313C. Durante toda a viagem mantivera-se ao corrente das infrutíferas buscas por Arnold. Regulou o aparelho para a hora do próximo boletim de notícias e virou-se para os maços, de espessura irregular, de cartas, fichas, recortes, folhas da impressora e molhos de documentos de aspecto oficial, do mesmo gênero dos que numa outra vida haviam sido o seu refúgio da realidade. Mas não esta noite, nem por um pouquinho. Estes papéis não ofereciam refúgio de nada, fossem eles as fichas policiais de Lesley, a relação feita por Ham das imperiosas exigências que Tessa lhe comunicava ou os maços por ela cuidadosamente ordenados com cartas, ensaios, recortes de jornais, textos médicos, e farmacêuticos, mensagens para si própria deixadas no painel da parede do seu gabinete ou os febris rabiscos que ela fizera no hospital, recuperados por Rob e Lesley do seu esconderijo no apartamento de Arnold Bluhm. O rádio começara a funcionar e Justin levantou a cabeça. O locutor ainda não tinha nada de novo a dizer acerca do desaparecido Arnold Bluhm, médico, suspeito do assassinato de Tessa Quayle, a esposa

do diplomata britânico. Terminadas as suas devoções, Justin rebuscou a papelada de Tessa à procura do objeto que decidira conservar ao longo de todas as suas explorações. Tessa tinha-o trazido do hospital — a única coisa de Wanza que eles deixaram ficar. Retirara-o de um balde do lixo, junto da cama que Wanza ocupara. Durante muitos dias e muitas noites desde que voltara do hospital, esse objeto mantivera-se como uma sentinela acusadora na mesa do seu gabinete: uma caixinha de cartão, vermelha e preta, de doze centímetros e meio por sete e meio, vazia. Tessa passara-a depois para a gaveta do meio, onde Justin a descobrira quando apressadamente procurara reunir o que dela ficara. Não esquecida, não deitada fora, mas posta de parte, achatada, guardada enquanto ela se dedicava a assuntos mais imediatos. Tinha o nome, Dypraxa, impresso numa faixa em todos os quatro lados, e o folheto das indicações e contra-indicações no interior. E três brincalhonas abelhinhas doiradas em formação triangular na tampa. Justin desdobrou-a, restituiu-a à sua condição de caixa e colocou-a no meio de uma prateleira vazia, na parede em frente.

Kenny K. julga-se Napoleão com as suas Três Abelhas, segredou-lhe ela no meio da febre. E a ferroada delas é mortal?

Não, querida, não sabia; vê se dormes.

Ler. Viajar. Manter a calma. Espicaçar a inteligência.

Arrancar mas ficar imóvel, ser paciente como um santo e impulsivo como uma criança.

Nunca na sua vida Justin fora tão ávido de saber. Já não havia mais tempo para preparativos. Preparara-se de dia e de noite desde que ela morrera. Contivera-se, mas preparara-se. Preparara-se no horrível andar térreo de Gloria, preparara-se, apesar de tudo, num qualquer recôndito desperto da sua cabeça, durante as conversas com a polícia, quando em certos momentos lhe parecera insuportável reprimir-se. Preparara-se durante a interminável viagem de regresso, no escritório de Alison Landsbury no avião, no clube de Pellegrin, no escritório de Ham e no número quatro, enquanto cem outras coisas lhe passavam pela cabeça. Do que ele precisava

agora era de um grande mergulho no interior do mundo secreto de Tessa; precisava de identificar todos os letreiros, todos os marcos miliários da viagem que ela fizera; precisava de extinguir a sua própria identidade para reviver a dela: matar Justin e trazer Tessa de volta à vida.

Por onde começar? Por todos os lugares! Que caminho seguir? Todos!

O Justin-funcionário-público foi posto em disponibilidade. Incendiado pela impaciência de Tessa, Justin deixara de dever obediência a quem quer que fosse senão a ela. Se ela era desorganizada, também ele o seria. Se ela era metódica, então se submeteria ao método dela. Se ela dava um salto de intuição, pegaria a mão dela e saltariam juntos. Sentia fome? Se Tessa não sentia, também ele não. Estava cansado? Se Tessa podia ficar debruçada sobre a mesa de roupão durante metade da noite, então também Justin seria capaz de ficar acordado a noite toda, o dia seguinte todo e até a noite toda depois!

A certa altura, arrancando-se a custo aos seus trabalhos, fora assaltar a cozinha da vila e voltara de lá com salame, azeitonas, torradas, reggino e garrafas de água. De outra vez (seria à tardinha ou ao romper do dia? recordava um clarão acizentado) quando ia a meio do diário em que Tessa registrara no hospital as presenças de Lorbeer e acólitos junto da cama de Wanza, deu por si a vaguear no jardim murado. Fora ali que, sob o olhar apaixonado de Tessa, plantara ervilhas-de-cheiro, rosas-de— noivado e — inevitavelmente, por amor a ela — frésias. As ervas chegavam-lhe aos joelhos, encharcavam-lhe as calças. Apenas uma rosa desabrochara. Lembrando-se de ter deixado aberta a porta do lagar, atravessou a correr o pátio lajeado; afinal, deixara a porta bem fechada e tinha a chave no bolso do casaco.

Recorte do *Financial Times*:

As Três Abelhas zumbem

Segundo boatos que correm, o mirabolante playboy Kenneth K. Curtiss, da Casa das Três Abelhas, especializada em especulações comerciais no Terceiro Mundo, planeja um vantajoso casamento de conveniência com a gigantesca empresa suíço-canadiana de produtos farmacêuticos Karel Vira Hudson. A KVH irá apresentar-se no altar? Poderão as Três Abelhas dar o dote? A resposta será sim desde que o típico e audacioso jogo farmacêutico de Kenneth K. dê lucros. Num negócio considerado sem precedentes no mundo secreto e imensamente lucrativo dos produtos farmacêuticos, as Três Abelhas de Nairobi assumirão, ao que se diz, um quarto dos custos de investigação e aperfeiçoamento — calculados em 500 milhões de libras esterlinas — do DYPRAXA, o inovador medicamento— maravilha antituberculoso da KV14, em troca dos direitos de venda e distribuição em toda a África e de uma parte não designada dos lucros mundiais desse produto...

Vivian Eber, porta-voz das Três Abelhas em Nairobi, mostra um júbilo cauteloso: “Isto é brilhante, é típico, é totalmente próprio de Kenny K. É um gesto humanitário, bom para companhia, bom para os acionistas e bom para África. A administração do DYPRAXA é tão fácil como a de um comprimido para a dor de cabeça. As Três Abelhas estarão na primeira linha da luta contra o aterrador surto mundial de novas estirpes do bacilo da tuberculose.”

Ao falar ontem à noite na Basileia, o presidente da KVH, Dieter Korn, não tardou a fazer-se eco do otimismo de Eber: “O DYPRAXA substitui seis ou oito meses de laborioso tratamento pela simples ingestão de doze comprimidos. Estamos convencidos de que os pioneiros da introdução do DYPRAXA na África devem ser as Três Abelhas.”

Nota manuscrita de Tessa para Bluhm, provavelmente recuperada do apartamento de Arnold:

Querido Arnold.

Quando eu te disse que os da KVH são maus, não acreditaste. Já verifiquei.— são maus. Há dois anos, foram acusados de poluir meia Florida, onde têm enormes “facilidades”, e safaram-se com uma caução. As provas apresentadas pelos queixosos, não contestadas, mostraram que a KVH tinha excedido em 900 por cento a quota de efluentes tóxicos que lhe fora concedida, envenenando zonas protegidas, terras alagadiças, rios, praias e talvez o leite. A KVH prestou um serviço público semelhante na Índia, onde duzentas crianças da região de Madrasta morreram, ao que se diz, por causas relacionadas com ela. O julgamento do caso indiano será daqui a quinze anos, ou mais, se a KVH continuar a comprar as pessoas adequadas. Têm também fama como ativistas de vanguarda na humanitária campanha da indústria farmacêutica para prolongar a vida das suas patentes em benefício dos multimilionários brancos que sofrem. Boa noite, querido. Nunca mais duvides de uma só palavra minha. Sou imaculada, E tu também.

Recorte das páginas de assuntos de finanças do Guardian, de Londres:

Abelhas felizes

A espetacular subida (40 por cento em doze semanas) do valor das Três Abelhas, de Nairobi, reflete a crescente confiança do mercado na licença recentemente obtida por esta companhia para a aplicação em toda a África do DYPRAXA, um medicamento barato e inovador para a cura da tuberculose multi-resistente. Falando da sua casa no Mónaco, o presidente das Três Abelhas¹ Kenneth K. Curtiss, declarou: “o que é bom para as Três Abelhas é bom para África. E o que é bom para a África é bom para a Europa, para a América e para o resto do mundo.”

Pasta marcada HIPPO pela mão de Tessa, com cerca de quarenta peças de correspondência, primeiro por carta e depois por e-mail impresso, entre Tessa e uma mulher chamada Birgit que

trabalha para uma organização independente de vigilância sobre a indústria farmacêutica intitulada Hippo, com sede numa pequena cidade do norte da Alemanha chamada Bielefeld. O cabeçalho do papel de carta de Birgit explica que essa organização deve o seu nome ao médico grego Hipócrates, nascido por volta de 460 a.C., autor de um juramento que é proferido por todos os médicos. A correspondência começa de um modo formal, mas ganha um tom mais ameno nas mensagens eletrônicas.

Os atores principais não tardam a receber alcunhas. A KVH torna-se a Giganta, o Dypraxa torna-se a Pílula, Lorbeer passa a ser o Fazedor de Ouro. A fonte de informações de Birgit sobre as atividades da Kard Vita Hudson passa a ser a “Nossa Amiga”, que tem de ser sempre protegida, pois “o que ela nos contar é completamente contrário à lei suíça”.

Página de e-mail de Birgit para Tessa:

... para as suas duas médicas Enrich e Kovacs, o Fazedor de ouro abriu uma companhia na Ilha de Man, ou talvez duas companhias, pois ainda se estava nos tempos do comunismo. A Nossa Amiga diz que L. pôs as companhias em seu próprio nome para que as mulheres não tivessem grandes sarilhos com as autoridades. Desde então tem havido feios ditos acerca delas. Coisas científicas, mas também pessoais. Na Giganta, ninguém está autorizado a fornecer pormenores. A Enrich emigrou para o Canadá há um ano. A Kovacs continua na Europa, principalmente em Basileia. O mobile do elefante que mandaste para o Cad deixa-o completamente doido de felicidade; agora começa todas as manhãs a gritar como um elefante para dizer que já acordou.

Página de e-mail de Birgit para Tessa:

Aí vão mais coisas sobre a Pílula. Há cinco anos, quando o Fazedor de ouro andava à procura de apoios financeiros para a

molécula daquelas duas mulheres, nem tudo lhe correu com facilidade. Tentou convencer algumas grandes companhias farmacêuticas alemãs, mas elas resistiam-lhe muito porque não viam naquilo grandes lucros. O problema dos pobres é sempre o mesmo: não são suficientemente ricos para comprar remédios caros! A Giganta aderiu mais tarde, e só depois de grandes estudos de mercado. E a Nossa Amiga diz também que eles foram muito espertos no negócio que fizeram com as 3 Abelhas. Foi um golpe de mestre: deixaram-lhes a África, que é pobre, e guardaram para si o mundo rico!

O plano é muito simples, com um timing perfeitamente calculado! Consiste em experimentar a Pílula na África durante dois ou três anos, ao fim dos quais a KVH prevê que a tuberculose se terá tornado UM GRANDE PROBLEMA no Ocidente. De resto, nesses três anos já as 3 Abelhas estarão tão comprometidas no aspecto financeiro que a Giganta poderá comprá-las por tuta e meia! De modo que, segundo a Nossa Amiga, as 3 Abelhas devem ter comprado a pior metade da vaca, e a Giganta é que ficará com tudo na mão. O Carl está a dormir ao meu lado, Querida Tessa, desejo muito que o teu menino seja tão bonito como o Carl. Será um grande lutador, como a sua mãe.

Ciao.

B.

Peça final da pasta de correspondência Birgit/Tessa

A Nossa Amiga relata atividades muito secretas na Giganta a respeito das Abelhas e de África. Não terás abanado um ninho de vespas? A Kovacs vai ser enviada em grande segredo para Nairobi, onde o Fazedor de ouro a espera. Todos dizem coisas feias sobre die schöne Lara. É uma traidora, uma puta etc. Como é que uma companhia tão chata pode subitamente revelar-se tão veemente? Toma cuidado com você, Tessa. Eu acho que você é um pouquinho waghalsig, mas já é tarde, e o meu inglês não chega para traduzir

esta palavra, de modo que talvez o teu bom e gentil marido possa traduzir-ta!

B.

PS.: Venha depressa a Bielefeld, Tessa. É uma cidadezinha bonita e muito secreta. Vai adorá-la!

B.

É à tardinha. Tessa, já na última fase da gravidez, anda para lá e para cá na sala de visitas da casa de Nairobi. Ora se senta ora se levanta. Arnold disse-lhe que não deve ir a Kibera antes de ter a criança. Para ela, até estar sentada ao computador é fatigante. Ao cabo de cinco minutos, tem de levantar-se de novo para passear. Justin veio cedo para casa a fim de fazer-lhe companhia naquele tempo difícil.

— Que coisa ou quem é que é waghalsig. — indaga ela assim que ele abre a porta da rua.

— Quem é o quê?

Tessa pronuncia deliberadamente a palavra à maneira inglesa, e tem de repeti-la mais duas vezes para que Justin compreenda.

— Irrequieto — responde Justin, cautelosamente. — Temerário. Por quê?

— Eu sou waghalsig.

— Nunca. É impossível.

— Pois houve uma pessoa que me chamou isso. Mas que grandes atos de temeridade poderão ser os meus neste estado?

— Não faças caso — responde Justin piedosamente, e desatam ambos a rir.

Carta dos Srs. Oakley, Oakley & Farmeloc, advogados em Londres, Nairobi e Hong Kong, para a Sra. Abbott, Caixa Postal Nairobi:

Cara Sra. Abbott,

Trabalhamos para a Casa das Três Abelhas, de Nairobi, que nos transmitiu várias cartas suas dirigidas pessoalmente a Sir Kenneth Curtiss, Presidente do Conselho de Administração daquela companhia, e a outros seus diretores e empregados.

Vimos por este meio informá-la de que o produto que menciona passou por todos os ensaios clínicos exigidos, muitos deles efetuados segundo critérios muito mais rigorosos que os estabelecidos pelos regulamentos nacionais e internacionais. Como justamente indica, esse produto foi cabalmente ensaiado e registrado na Alemanha, Polônia e a Rússia. A pedido das autoridades sanitárias quenianas, esse registro foi também verificado independentemente pela Organização Mundial de Saúde, de cujo certificado enviamos em anexo uma cópia.

Devemos, portanto, preveni-la de que quaisquer novas exposições feitas por si ou pelos seus associados, dirigidas à Casa das Três Abelhas ou a qualquer outra instância, serão interpretadas como uma maldosa e ilegal difamação desse produto altamente prestigiado e do bom nome e do elevado conceito de que a Casa das Três Abelhas, de Nairobi, sua distribuidora, goza no mercado. Nessa eventualidade, temos já instruções para iniciar com todo o vigor um processo jurídico sem necessidade de mais consultas aos nossos clientes.

Com elevada consideração... ”

— Meu velho, permita-me uma palavrinha muito rápida.

Quem fala assim é Tim Donohue. O “velho” é o próprio Justin, que revive a cena na sua memória. O jogo do Monopólio está temporariamente suspenso enquanto os filhos dos Woodrow partem, já atrasados, para a sua aula de karatê e Gloria vai buscar refrescos à cozinha. Woodrow saiu, num arrufo, para a Alta Comissão. Deste modo, Justin e Tim estão sozinhos, sentados em frente um do outro à mesa do jardim, e rodeados por milhões de falsas libras.

— Deixa-me pisar terreno sagrado, no interesse do maior bem?
— indaga Donohue numa voz baixa e seca que não se deixa ouvir mais longe que o necessário.

— Se tem de ser...

— Tem de ser. É por causa dessa imprópria contenda, meu velho. Essa que a sua chorada esposa andava a manter com o Kenny K. Importunado na sua própria quinta, pobre homem. Telefonemas a horas impróprias. Cartas malcriadas enviadas para o clube.

— Não sei do que está a falar.

— Claro que não sabe. Não é agora bom assunto para os salões. Especialmente no que respeita a chuis. Varra tudo isso para debaixo do tapete, é o nosso conselho. Não é apropriado. Criar-nos-ia situações melindrosas a todos, até o Kenny. — E, levantando a voz: — Você está a portar-se muito bem. Merece a nossa ilimitada admiração. Não é verdade, Gloria?

— Ele é completamente sobre-humano. Não é, querido Justin?
— confirma Gloria, poisando a bandeja com gin e água tônica.

O nosso conselho — recorda Justin, ainda de olhos fixos nas cartas dos advogados. — Nosso, deles; não o meu.

Página de e-mail de Tessa para Ham:

Primo, coração de anjo. A minha fonte nas Três Abelhas jura que eles estão muito mais enrascados de finanças do que dão a entender. Conta-me ela que dizem lá dentro à boca pequena que o Kenny K. anda a pensar em hipotecar todas as suas operações não farmacêuticas a um duvidoso grupo sul-americano com sede em Bogotá! Gostava de saber o seguinte: pode ele organizar a cedência da companhia sem falar previamente com os acionistas? Eu ainda sei menos de direito comercial que tu, e já é dizer muito. Explique, senão...

*Muito amor,
Tessa.*

Mas mesmo que soubesse, Ham não tivera tempo para explicar, imediatamente ou não, e também Justin não teve. O ruído de um velho automóvel que subia, seguido do bater de uma porta, fê-lo pôr-se de pé de um salto para ir espreitar pelo ralo da porta. Mesmo à sua frente estavam as formas bem nutridas do Padre Emilio Dell'Oro, o pároco da freguesia, com uma compungida expressão de dó. Justin abriu-lhe a porta.

— Mas que está fazendo, Signor Justin? — exclamou o padre na sua operática voz de baixo enquanto o abraçava. — Então é pelo homem do táxi que eu devo saber que o marido da Signora, louco de dor, se fechou à chave na villa e diz que é sueco? Para que serve um padre, meu Deus, se não for o companheiro dos desolados, o pai do seu filho atingido pela dor?

Justin murmurou qualquer coisa sobre a sua necessidade de solidão.

— Mas está trabalhando! — e espreitava, sobre o ombro de Justin, as pilhas de papéis dispersas pelo lagar. — Até agora, apesar do desgosto, está a servir o seu país! Não admira que vós, ingleses, tenhais governado um império maior que o de Napoleão!

Justin apresentou umas patéticas sobre o fato de o trabalho do diplomata nunca estar concluído.

— Como o de padre, meu filho, como o de padre! Por cada alma que se vira para Deus, há outras cem que não! — E aproximou-se mais. — Mas a Signora era crente, Signor Justin. Como era também a mãe, a dottoressa, embora houvesse quem o negasse. Com tanto amor aos homens seus irmãos, como haviam elas de fechar os ouvidos a Deus!

Justin conseguiu afastar o padre da entrada do lagar, fê-lo sentar-se no salão da gélida villa, sob os frescos a desfazer-se em escamas, onde uns querubins sexualmente precoces os contemplavam e ali o entreteve com um copo de vinho dos Manzini, e outro a seguir, enquanto ia sorvendo o seu. Aceitou, de certo modo, as garantias do bom padre, em cuja opinião Tessa estava

salva na mão de Deus, e consentiu sem hesitar na celebração de uma missa por alma de Tessa no próximo dia do seu santo e numa generosa doação para o fundo de restauro da igreja e em mais outra para a conservação do soberbo

castro do alto do monte, uma das joias da Itália medieval, que eruditos geólogos e arqueólogos garantiam estar prestes a desmoronar-se a menos que, querendo Deus, alguém lhe reforçasse as paredes e as fundações... Era tal a ansiedade de Justin em não demorar o bom homem a fim de correr novamente para junto de Tessa que até lhe aceitou passivamente a bênção ao acompanhá-lo ao automóvel.

Tessa esperava-o de braços cruzados.

Recuso-me a acreditar na existência de um Deus que permite o sofrimento de crianças inocentes.

— Então para que vamos nos casar na igreja?

— É para amaciar o coração — replicou ela.

Ô PUTA PORCALHONA, PARA DE CHUPAR O CARALHO DO TEU MÉDICO PRETO! VOLTA PARA TEU RIDÍCULO MARIDO CAPADO E PORTE-SE BEM. TIRE JÁ ESSE NARIZ DE MERDA DO QUE NOS DIZ RESPEITO, SENÃO PASSARÁ A SER CARNE PICADA. ISTO É UMA PROMESSA SOLENE.

A folha de papel liso de máquina de escrever que ele segurava nas mãos trêmulas não era de amaciar o coração de ninguém. O recado fora composto em grossas letras maiúsculas, bem negras, com mais de um centímetro de altura. A assinatura fora omitida, como não era de surpreender. A ortografia, contudo, era surpreendentemente correta. E o efeito produzido em Justin foi tão violento, tão acusador e tão incendiário que durante alguns terríveis segundos ele perdeu por completo as estribeiras para com Tessa.

Por que não me disseste? Por que não me mostraste? Eu era o teu marido, devia ser o teu protetor, o teu homem, o raio da tua outra metade!

Ah, eu desisto! Desisto! Recebes na caixa do correio uma ameaça de morte. Pegas nela. Lê-la — uma vez. Uh! Depois, se és como eu, afasta-la de ti porque ela é tão vil, tão fisicamente repelente que não queres vê-la mais em frente do nariz. Mas voltas a lê-la, uma vez e ainda outra. Até que sabes de cor o palavreado todo. Como eu.

E o que faz depois? Telefonar-me (“Querido, aconteceu uma coisa simplesmente asquerosa. Você tem que vir imediatamente para casa”)? Saltar num carro, dirigir como o demônio até a Alta Comissão, sacudir a carta na frente do nariz, me arrastar ao Porter? Uma ova. Nada disso. Como de costume, seu orgulho vem primeiro. Não me mostra a carta, não me fala dela, não a queima. Conserva-a em segredo, classifica-a e guarda no arquivo, bem no fundo da gaveta proibida de sua mesa. Faz exatamente o mesmo que em mim faria você rir: guardá-la no meio da papelada e conservar o que em mim você chamaria troçando de uma descrição de patrício. Como é que, depois disto, consegue viver com você mesma — como consegue viver comigo, — é um mistério. Portanto, obrigado. Muito obrigado, hein? Obrigado por esse recorde em termos de apartheid conjugal. Bravo! E muito obrigado, mais uma vez.

A fúria abandonou-o tão rapidamente como dele se havia apoderado e foi substituída por uma vergonha e um remorso de fazer suar. Não podias suportar essa ideia, pois não? A ideia de mostrar, de fato, esta carta a alguém... Seria desencadear uma avalanche que não podias dominar. O que ela diz do Bluhm, o que ela diz de mim... Era demasiado. Estavas a proteger-nos a todos. É claro que estavas. Contaste ao Arnold? Claro que não. Ele tentaria convencer-te a desistir de avançar mais no assunto.

Justin deu mentalmente um passo atrás nesta benévola linha de raciocínio. Seria muita brandura. Tessa era mais rija que isso. E, quando lhe excitavam a ira, era também mais feroz.

Pensem no intelecto de uma jurista. Pensem no gélido pragmatismo. Pensem na valente rapariga que avança para o desfecho mortal.

Ela sabia que estava se tornando perigosa. A ameaça de morte vinha confirmá-lo. Ninguém envia ameaças de morte a quem não constitui ameaça nenhuma.

Gritar “Falta!” neste momento seria o mesmo que entregar-se às autoridades locais. Os britânicos não podem fazer nada, não têm poderes, não têm jurisdição. O único recurso seria mostrar a carta às autoridades quenianas.

Mas Tessa não confiava nas autoridades quenianas. Era sua convicção, frequentemente repetida, que os tentáculos do império de Moi chegavam a todos os recônditos da vida dos quenianos. A fé de Tessa, como o seu dever conjugal, ia toda — para o melhor e para o pior — para os britânicos: veja-se o seu entendimento secreto com Woodrow.

No momento em que fosse à polícia queniana, teria de apresentar uma lista dos seus inimigos, reais e potenciais. A sua perseguição do grande crime seria travada. Obrigá-la-iam a abandonar a caça. E ela nunca o faria. Para ela, o grande crime era mais importante que a própria vida.

Muito bem, para mim também é mais importante que a própria vida.

Enquanto Justin luta para recuperar o equilíbrio, o seu olhar cai num sobrescrito endereçado à mão que numa anterior vida ele retirou às cegas, na sua pressa, daquela mesma gaveta do meio da secretária do gabinete de Tessa, em Nairobi, onde encontrara a caixa vazia do Dypraxa. A letra diz-lhe qualquer coisa, mas não é ainda claramente de alguma pessoa sua conhecida. O sobrescrito está aberto e tem dentro uma única folha azul do papel de carta de Sua Majestade. Caligrafia febril, texto redigido à pressa e com paixão.

Minha querida Tessa, a quem amo e sempre amarei mais que todas as outras. Esta é a minha única convicção absoluta, o meu único momento de conhecimento de mim próprio, este em que te escrevo. Foste hoje terrível para comigo, mas não tão terrível como eu fui para com você. Nenhum de nós falou com sinceridade.

Desejo-te e adoro-te para além do suportável. Se estiveres pronta, eu também estou. Deixemos os nossos ridículos casamentos e corramos para onde tu quiseres e logo que quiseres. Se for para o fim do mundo, melhor ainda. Amo-te, amo-te, amo-te.

Neste caso, porém, não fora omitida a assinatura, muito nitidamente escrita em letras do tamanho da ameaça de morte: Sandy. O meu nome é Sandy, dizia ele, e podes muito bem apregoá-lo ao mundo; estou-me nas tintas.

Data e hora igualmente declaradas. Mesmo nas convulsões de uma grande paixão, Sandy é sempre um homem consciencioso.

Capítulo 12

Banhado pelo luar, Justin, o marido enganado, fica imóvel a olhar fixamente o horizonte prateado do mar enquanto aspira a longos haustos o ar gélido da noite. Sente-se como se tivesse inalado uma coisa nauseabunda e precisasse de limpar os pulmões. O Sandy faz da fraqueza força — disseste-me uma vez — O Sandy começa por iludir-se a si mesmo e ilude-nos a todos nós depois.,. O Sandy é um cobarde que precisa do amparo de gestos grandiosos e de palavras grandiosas porque tudo quanto for menos que isso o deixa desprotegido...

Então se sabias tudo isso, valha-me Deus, que fizeste tu para atrair sobre ti uma coisa destas? — inquiriu ele do mar, do céu, do áspero vento nocturno. Nada, absolutamente nada — respondeu ela serenamente.— O Sandy confundiu as minhas galanterias com promessas e a tua amabilidade com fraqueza. Apesar disso, como por luxo, Justin deixa-se esmorecer, como já por vezes no mais fundo do coração lhe aconteceu a respeito de Arnold. A sua memória, contudo, está alvoroçada. Qualquer coisa lida ontem, a noite passada, na de anteontem, talvez... Mas que era? Uma folha de e-mail, de Tessa para Ham. Uma longa mensagem, um pouco íntima demais, à primeira leitura, para o temperamento de Justin, e por isso ele a pusera de parte numa pasta dedicada a “enigmas a resolver quando eu tiver força bastante para enfrentá-los”. Voltando ao lagar, extrai da pasta a folha impressa e examina a data.

Prova impressa do e-mail de Tessa para Ham, datada exatamente onze horas depois de Woodrow, desrespeitando as regras de serviço sobre o uso do papel de carta oficial, ter declarado a sua paixão pela esposa de um colega no papel de carta azul de Sua Majestade:

“Já não sou uma menina, Ham, é já tempo de eu me deixar de criancices, mas que faz uma rapariga, mesmo ainda de trancinhas?”

E acabei por esbarrar num sedutor de cinco estrelas que bebe os ares por mim. O problema é que, finalmente, o Arnold e eu encontramos ouro — ou melhor, verdadeiro excremento da pior espécie, e precisamos desesperadamente de que o dito sedutor fale por nós nos corredores do poder, que é a única saída que eu tenho como mulher do Justin e como leal súbdita britânica que, apesar de tudo, desejo ser. Ouço-te dizer que continuo a ser a mesma impiedosa cabra que gosta de trazer os homens à trela, mesmo que sejam supersedutores? Bem, Ham, não digas isso. Mesmo sendo verdade, não digas. Cala-te com isso. Porque eu tenho promessas a respeitar e tu também tens, meu querido. E eu preciso que te mantinhas do meu lado, como querido e suave amigo que és, e me digas que sou realmente uma boa menina, porque o sou, Senão, dou-te o meu beijo mais lambuzado depois daquele dia em que te empurrei para o Rubicão no teu terninho de marinheiro.

Muito amor, meu querido.

Ciao. Tess.

PS. A Ghita diz que eu sou completamente puta, mas, como não é capaz de pronunciar bem a palavra, sai-lhe puúta, como se uivasse. Muito amor.

Tess (puúta). ”

A acusada é inocente — disse ele — e eu, como de costume, posso bem me envergonhar.

Misticamente tranquilizado, Justin retomou o trabalho do seu confuso dia. Extrato do relatório conjunto de Rob e Lesley ao Superintendente Frank

Gridley, da Divisão de Crimes no Ultramar da Scotland Yard, sobre o seu terceiro encontro com Woodrow, Alexander Henry, Chefe da Chancelaria da Alta Comissão Britânica em Nairobi:

O inquirido repete vigorosamente o que diz ser a opinião de Sir Bernard Pellegrin, diretor de Assuntos Africanos do Foreign Office, segundo o qual o prosseguimento das investigações sobre o sugerido no memorandum de Tessa Quayle comprometeria sem

necessidade as relações do Governo de Sua Majestade com a República Queniana e prejudicaria os interesses comerciais do Reino Unido...

O inquirido invoca motivos de segurança para se recusar a divulgar o conteúdo do dito memorandum... O inquirido nega ter qualquer conhecimento de um medicamento inovador atualmente comercializado pela Casa das Três Abelhas...

O inquirido informa-nos de que qualquer pedido para ver o memorandum de Tessa Quayle deve ser enviado diretamente a Sir Bernard, na hipótese de esse documento ainda existir, do que o inquirido está pronto a duvidar. O inquirido descreve Tessa Quayle como uma mulher cansativa e histérica, mentalmente instável no tocante a assuntos relacionados com o seu trabalho humanitário. Interpretamos isto como um processo cômodo de minimizar o significado do memorandum. Requer-se por este meio que seja enviado ao Foreign Office, logo que possível, um pedido de cópias de todos os documentos enviados ao inquirido pela falecida Tessa Quayle.

Nota escrita a vermelho à margem e assinada por E Gridley, Comissário Delegado: -FALEI COM SIR B. PELLEGRIN. PEDIDO RECUSADO POR MOTIVOS DE SEGURANÇA NACIONAL.

Extratos de eruditos jornais de medicina, de obscuridade variável, a enaltecer em termos adequadamente oblíquos os sensacionais benefícios do inovador medicamento Dypraxa, a sua “ausência de mutagenicidade” e a sua “longa sobrevivência nos ratos de laboratório”.

Extrato do Haiti Journal Of Sciences, em que são brandamente formuladas algumas reservas sobre o Dypraxa, assinado por um médico paquistanês que efetuou ensaios clínicos do medicamento num hospital haitiano. Sublinhadas a vermelho por Tessa as palavras “potencial de toxicidade” e os perigos de falhas do fígado, hemorragias internas, tonturas e danificação dos nervos ópticos.

Extrato do número seguinte do mesmo jornal, no qual uma enfiada de sumidades médicas, com impressionantes postos

professorais e muitas iniciais a seguir aos nomes, desferiu um fulminante contra-ataque com citações de trezentos relatórios de ensaios. O mesmo artigo acusa o pobre paquistanês de “atitude preconcebida” e “irresponsabilidade para com os doentes” e invoca maldições sobre a sua cabeça.

(Nota manuscrita de Tessa: “Estes motoristas de opinião, livres de preconceitos, estão todos sob contrato da KVH em ‘comissões itinerantes’ soberbamente remuneradas a fim de identificar em todo o mundo projetos prometedores no campo da investigação biotécnica.”)

Extrato de um livro intitulado *Clinical Trials*, de Stuart Pocock, copiado à mão por Tessa, como costumava fazer para conservar os assuntos na memória. Em contraste com o sóbrio estilo do autor, alguns trechos estão sublinhados a vermelho:

“Os estudantes — e, na verdade, também muitos clínicos — tendem a tratar a literatura médica com um respeito exagerado. Os novos fatos médicos apresentados por jornais importantes como *The Lancet* e o *New England Journal of Medicine* são considerados indiscutíveis. Essa ingênua fé nos “Evangelhos clínicos” é talvez estimulada pelo estilo dogmático de grande número de autores, de modo que as incertezas inerentes a qualquer projeto de investigação não são, em muitos casos, suficientemente sublinhadas ...”

(Nota de Tessa: “As Farmas colocam constantemente artigos, mesmo nos chamados jornais de qualidade.”)

” ... No respeitante a intervenções nos encontros científicos e à publicidade nas campanhas farmacêuticas, é preciso ser ainda mais céptico... as oportunidades de parcialidade são enormes... ”.

(Nota de Tessa: “Diz o Arnold que as Farmas gastam milhões de milhões a subsidiar investigadores científicos e médicos que impinjam os seus produtos. A Birgit informa que a K-VH doou recentemente a um grande hospital escolar dos Estados Unidos cinquenta milhões de dólares, mais os salários e as despesas de três clínicos-chefes e seis assistentes de pesquisas. A corrupção do

pessoal das Universidades é ainda mais fácil: cátedras professorais, laboratórios biotécnicos, fundações de pesquisas, etc. “É cada vez mais difícil encontrar opiniões científicas que não estejam compradas” — Arnold”.)

Mais de Stuart Pocock:

” ... há sempre o risco de que os autores sejam persuadidos a dar aos resultados positivos maior relevo que o realmente justificado.”

(Nota de Tessa: “Ao contrário do resto da imprensa mundial, os jornais das Farmas não gostam de publicar más notícias.”)

” ... Mesmo quando efetivamente apresentam algum relatório de experiências com resultados negativos, é mais provável que o façam num obscuro jornal especializado que nos grandes jornais de medicina geral.. por conseguinte, essa refutação do relatório positivo inicial não-pôde ser posta ao alcance de tão vasto público. ”

” ... Muitos ensaios são planejados sem atender a aspectos essenciais e não podem, por isso, proporcionar uma apreciação despreconcebida da terapêutica.”

(Nota de Tessa: “São preparados para provar uma tese mas não para discuti-la — isto é, são piores que inúteis.”)

“Uma vez por outra, os autores selecionam deliberadamente os dados para que deles resulte uma prova positiva. ”

(Nota de Tessa: “Para baralhar.”)

Extrato do Sunday Times, de Londres, intitulado “Companhia farmacêutica sujeitou doentes a riscos em ensaios hospitalares”. Fortemente marcado e sublinhado por Tessa e presumivelmente copiado ou enviado por fax a Arnold Bluhm, pois tinha ao alto as seguintes palavras manuscritas: “Arme, tu VISTE ISTO?”

“Uma das maiores companhias farmacêuticas do mundo sujeitou centenas de doentes a riscos de infeção potencialmente mortal por não ter revelado a seis hospitais informações de importância decisiva no início do ensaio de um medicamento à escala nacional.

Um 650 pessoas foram submetidas na Grã-Bretanha a intervenções cirúrgicas numa experiência organizada pela

gigantesca companhia farmacêutica alemã Bayer apesar de esta empresa ter efetuado estudos nos quais se verificou que o seu medicamento reagia desfavoravelmente com outros, reduzindo-lhes seriamente a sua capacidade bactericida.

Essa investigação prévia, obtida pelo Sunday Times, não foi revelada aos hospitais no começo do estudo.

Como resultado da experiência, cuja deficiência nunca foi revelada aos doentes ou às suas famílias, cerca de metade dos operados num dos centros de ensaio, em Southampton, sofreu diversas infeções com risco de morte.

Alegando que esses dados continuavam confidenciais, a Bayer recusou-se a dar números globais sobre as infeções pós-operatórias e sobre os óbitos verificados.

Um porta-voz declarou que o estudo fora aprovado, antes de começar, pela competente autoridade reguladora e pelas comissões de ética locais.

Anúncio de página inteira, a cores, rasgado de uma revista popular africana, com a legenda: EU ACREDITO EM MILAGRES! No centro da cena, uma linda e jovem mãe africana, de blusa branca aberta e saia comprida, a sorrir radiante. Escarranchada de lado à cinta da mãe, uma feliz criança estende a mão para o seu seio. Em roda, um cacho de irmãos e irmãs igualmente felizes.

O simpático pai está de pé atrás do grupo. Todos, incluindo a mãe, contemplam embevecidos a saudável criancinha. No fundo da página, as palavras: TAMBÉM AS TRÊS ABELHAS ACREDITAM Em MILAGRES! Da boca da linda e jovem mãe sai um balão em que se lê: “Quando me disseram que o menino tinha tuberculose, rezei. Mas o meu clínico geral falou-me do Dypraxa, e compreendi que a minha oração fora ouvida no Céu!”

Justin volta à pasta da polícia.

Extrato do relatório dos agentes sobre o seu encontro com Pearson, Ghita Janet, empregada local da Chancelaria da Alta Comissão Britânica em Nairobi:

Entrevistamos a inquirida por três vezes, durante nove minutos, cinquenta e quatro minutos e noventa minutos, respectivamente. A pedido da inquirida, os nossos encontros decorreram em local neutro (a casa de uma amiga), em circunstâncias discretas. A inquirida tem vinte e quatro anos de idade, é de origem anglo-indiana, recebeu educação em escolas conventuais (católicas romanas) do Reino Unido e é filha adoptiva de um casal de profissionais (direito e medicina), ambos fervorosamente católicos. A inquirida é graduada com distinção pela Universidade de Exeter (Estudos anglo-americanos e da Comunidade), mostra inteligência e estava muito nervosa. A nossa impressão a seu respeito é de que, além de perturbada pelo luto, estava muito amedrontada. Por exemplo: fez diversas afirmações que depois retirou (“Tessa foi assassinada para não falar”; “Quem se meter com a indústria farmacêutica pode aparecer com a garganta cortada”; “Certas companhias farmacêuticas são negociantes de armas com vestes reluzentes”). Pressionada acerca dessas afirmações, negou-se a concretizá-las e pediu que fossem retiradas da ata. Também rejeitou a hipótese de Bluhm ter podido praticar os assassinatos de Turkana. Disse que Bluhm e Quayle não eram “um assunto”, mas sim “as duas melhores pessoas do mundo” e que os que os rodeavam “tinham espíritos porcos”.

Submetida a mais questões, a inquirida começou por declarar que estava sujeita à Lei do Segredo Oficial e depois por um compromisso de segredo à falecida. No nosso terceiro e último encontro, tomamos uma atitude mais hostil para com a inquirida fazendo-lhe notar que, ao reter informações, poderia estar a encobrir os assassinos de Tessa e a impedir as buscas de Bluhm. Juntamos nos Apêndices A e B a transcrição redigida das suas declarações. A inquirida leu esta transcrição mas recusa-se a assiná-la.

APÊNDICE A

P — Alguma vez acompanhou Tessa Quayle em expedições ao campo?

R — Aos fins-de-semana e nos meus tempos livres, acompanhei Arnold e Tessa em várias viagens ao bairro de Kibera e ao interior para dar ajuda nas clínicas locais e assistir à administração de medicamentos. É essa a principal função da ONG de Arnold. Verificou-se que, embora ainda pudessem produzir alguns efeitos, diversos medicamentos examinados por Arnold tinham já ultrapassado de longa data o prazo de validade e estavam alterados. Outros eram impróprios para as situações em que se pretendia usá-los. Também pudemos confirmar um fenómeno correntemente experimentado noutros pontos de África, isto é, que as indicações e contra-indicações mencionadas em certas embalagens tinham sido modificadas para o mercado do Terceiro Mundo a fim de ampliar a utilização do medicamento muito para além da que é autorizada nos países desenvolvidos. Por exemplo, um analgésico fortíssimo, usado na Europa ou nos Estados Unidos para alívio das dores em casos de câncer terminal, era oferecido para tratar das dores menstruais e pequenas inflamações articulares. Não eram mencionadas contra-indicações. Também pudemos concluir que os médicos africanos, mesmo quando diagnosticavam corretamente, receitavam sistematicamente tratamentos erróneos porque não dispunham de instruções de uso adequadas.

P — Um dos distribuidores implicados era a Três Abelhas?

R — Todos sabem que a África é o caixote do lixo farmacêutico do mundo e que a Três Abelhas é um dos principais distribuidores de produtos farmacêuticos na África.

P — Então, neste caso, a Três Abelhas estava implicada?

R — Em certos casos, o distribuidor era a Três Abelhas.

P — O distribuidor culposo?

R — exatamente.

P — Em quantos casos? Em que proporção?

R — (depois de muitas evasivas) Em todos.

P — Repita, por favor. Está a dizer que, em todos os casos em que encontraram produtos defeituosos, o distribuidor era a Três

Abelhas?

R — Acho que devíamos falar deste modo, porque o Arnold ainda pode estar vivo.

APÊNDICE B

P — Havia algum produto que despertasse particular interesse ao Arnold e à Tessa? Lembra-se?

R — Isto não está bem. Não pode estar bem.

P — Ghita, nós procuramos compreender a causa do assassinato da Tessa e o motivo que a faz pensar que, ao discutir estes assuntos, pomos o Arnold em maior perigo que o que ele já corre.

R — Estava por toda a parte.

P — Em toda a parte? Porque chora? Ghita!

R — Estava a matar gente. Nas aldeias, nos bairros de lata... O Arnold estava certo disso. Ele dizia que o medicamento era bom e que, com mais cinco anos de trabalho, conseguiriam de certeza um resultado perfeito. Não se podia discutir a ideia do fármaco. Era rápido, barato e fácil para os doentes, mas os fabricantes tinham tido muita pressa. As experiências tinham sido planeadas seletivamente, não cobriam todos os efeitos colaterais. Eles tinham feito experiências com ratazanas grávidas, com macacos, com coelhos e com cães, e não tinham surgido problemas. Quando passaram aos seres humanos... pois bem, houve problemas, mas isso há sempre. É essa zona cinzenta que as companhias farmacêuticas exploram; os resultados dependem de estatísticas, mas as estatísticas provam tudo o que nós quisermos provar. Na opinião de Arnold, eles tinham-se empenhado excessivamente em colocar o produto no mercado antes de qualquer concorrente. Há tantas leis e tantos regulamentos que se poderia julgar isso impossível, mas o Arnold dizia que tal acontecia a toda a hora. Quando se está sentado em Genebra num escritório das Nações Unidas, todo forrado a veludo, as coisas têm um aspecto; mas, no local, o aspecto é muito diferente.

P — Quem era o fabricante?

R — Realmente, não quero adiantar mais neste assunto.

P — Como se chamava o remédio?

R — Por que é que não fizeram mais experiências? A culpa não é dos quenianos. Quando se é do Terceiro Mundo, não se pode pedir isso. Tem-se de aceitar o que eles dão.

P — Era o Dypraxa?

R — (ininteligível.)

P — Ghita, acalme-se, por favor, e diga-nos como se chama o remédio, para que serve e quem o fabrica.

R -A África tem oitenta e cinco por cento dos casos de AIDS em todo o mundo, já sabiam? E quantos deles conseguem ser tratados? Um por cento! Isto já não é um problema humano, é um problema económico! Os homens não podem trabalhar, as mulheres não podem trabalhar! A doença é heterossexual, por isso é que há tantos órfãos! O povo não pode dar de comer às suas famílias! Não se faz nada! Morrem, e pronto!

P — Estamos falando de um remédio para a AIDS?

R — Não, não, enquanto Arnold estiver vivo... Está relacionado. Onde há tuberculose, suspeita-se de AIDS... . Nem sempre, mas de costume... É o que dizia Arnold.

P — E Wanza estava doente por causa deste remédio?

R — (ininteligível)

P — Wanza morreu por causa deste remédio?

R — Não, não, enquanto o Arnold estiver vivo! Sim, era o Dypraxa. Pronto, vão embora.

P — Por que eles iam procurar Leakey?

R — Não sei! Vão embora!

P — O que havia por trás daquela viagem a Lokichoggio? Além do seminário de esclarecimento das mulheres?

R — Nada! Parem com isso

P — Quem é Lorbeer?

R — (ininteligível)

RECOMENDAÇÃO

Que se faça à Alta Comissão um pedido formal no sentido de ser dada proteção à testemunha em troca de um depoimento completo. Devem ser-lhe dadas garantias de que toda e qualquer informação por ela prestada acerca das atividades de Bluhm e da falecida não será utilizada de modo a pôr Bluhm em perigo, supondo que ainda esteja vivo.

RECOMENDAÇÃO REJEITADA POR MOTIVOS DE SEGURANÇA.

F. Gridley (Superintendente)

Justin olhava para a parede, queixo apoiado na mão. Recordava Ghita, a segunda mulher mais bonita de Nairobi, discípula voluntária de Tessa, e que apenas sonhava trazer a um mundo cheio de maldade os padrões da vulgar decência. A Ghita sou eu sem os meus pouquinhos maus, gostava Tessa de dizer.

Ghita, a última inocente, tomando chá verde a sós com uma Tessa muito adiantada na gravidez, ambas resolvendo os problemas do mundo num jardim de Nairobi onde Justin, o absurdamente feliz cético e futuro pai, vai podando, cortando mato, aparando, abrindo caminho, em seu chapéu de palha, entre os canteiros de flores, atando, regando, no seu papel de pateta inglês de meia-idade.

“Olga onde põe os pés” — diziam elas, aflitas, prevenindo-o contra as formigas que depois de uma chuvarada saíam do chão em colunas cerradas, capazes de matar um cão ou uma criança pequena com a mera força do seu grande número. No fim da gravidez, Tessa receava que as formigas confundissem a rega de Justin com um aguaceiro intempestivo.

Ghita, permanentemente indisposta com tudo e com todos — dos católicos romanos, que se opunham à regulação de nascimentos no Terceiro Mundo e queimavam ostensivamente preservativos no Estádio de Nyayo, às companhias tabaqueiras americanas, que metiam drogas nos cigarros para viciar crianças, aos mandões de guerra somalis, que lançavam bombas de

fragmentação em aldeias indefesas, e às fábricas que faziam essas bombas.

— Quem é essa gente, Tessa? — murmurava ela, muito séria. — Que mentalidade é a deles, não me diz? Será este pecado original de que estamos a falar? Se quer que lhe diga, é uma coisa muito pior que isso. Na minha opinião, há no pecado original uma certa noção de inocência; mas hoje, Tessa, onde está a inocência?

E se Arnold aparecesse por ali — coisa frequente nos fins-de-semana, — a conversa tomava aspectos mais específicos. As três cabeças aproximavam-se mais, as expressões endureciam e, se Justin viesse por travessura regar mais perto para lhes refrescar o ambiente, punham-se a falar ostensivamente de ninharias enquanto ele não seguisse para um canteiro mais afastado.

Relatório dos agentes da Scotland Yard sobre uma reunião com representantes da firma “As Três Abelhas”, Nairobi:

Tínhamos solicitado uma entrevista a Sir Kenneth Curtiss e foi-nos dado a entender que ele nos receberia. Ao chegarmos à sede das “Três Abelhas”, disseram-nos que Sir Kenneth fora convocado para uma audiência pelo Presidente Moi, após o que era obrigado a voar para Basileia a fim de discutir estratégias com a Karel Vita Hudson (KVH). Foi-nos então sugerido que apresentássemos as nossas questões à diretora de Marketing das “3 Abelhas”, uma tal Sra. Y Rampuri, embora naquela ocasião a Sra. Rampuri não estivesse disponível por se encontrar a tratar de assuntos de família. Fomos por isso aconselhados a tentar obter, numa data ulterior, uma entrevista com Sir Kenneth ou com a Sra. Rampuri. Quando explicamos as limitações do emprego do tempo, propuseram-nos uma reunião, uma hora mais tarde, com alguns “quadros superiores” e acabamos por ser efetivamente recebidos pela Sra. V. Eber e pelo Sr. D. K. Crick, ambos das Relações com os Consumidores. Igualmente presente o Sr. P R. Oakley que se apresentou como advogado de Londres que se encontrava de passagem por Nairobi por motivo de outros assuntos”.

A Sra. Wart Eber é uma africana alta e atraente, de vinte e alguns anos, diplomada em Business Affairs por uma Universidade americana.

O Sr. Críck, de Belfast, tem a mesma idade e fala com um ligeiro sotaque da Irlanda do Norte,

Investigações posteriores indicaram que o Sr. Oakley, o advogado de Londres, é de fato Percy Ranclagh Oakley, QC* da firma de advogados Oakley, Oakley & Farmeloc. O Sr. Oakley tem defendido recentemente, com grande sucesso, importantes empresas farmacêuticas em ações de perdas e danos, entre as quais a KVH. Naquela altura ignorávamos esses fatos.

Ver no Apêndice, a nota sobre D. K. Crick.

RELATÓRIO SOBRE A REUNIÃO

1 — Apresentação de desculpas pela ausência de Sir Kenneth K. Curtiss e da Sra. Y. Rampuri,

2 — Manifestações de pesar por parte das 3 Abelhas (Crick) em relação à morte de Tessa Quayle e de preocupação quanto ao destino do Dr. Arnold Bluhm.

3 As (Crick): O raio deste país está cada vez pior. O caso da Sra. Quayle é um horror, Era uma grande senhora que tinha ganho uma enorme reputação em toda a cidade. Como é que os poderemos ajudar, Senhores agentes? Será da maneira que quiserem. O chefe manda os seus cumprimentos pessoais e deu-nos ordem para lhes prestar todo e qualquer auxílio. Ele tem uma grande admiração pela polícia inglesa.

AGENTE: Nós sabemos que Arnold Bluhm e Tessa Quayle enviaram várias exposições às Três Abelhas a respeito de uma nova cura para a tuberculose que vocês estão a comercializar com o nome de Dypraxa.

3 As (Crick),. Ah enviaram? Temos que ver isso. É que a Sra. Eber tem mais a ver com as Relações Públicas e eu, neste momento, estou a apoiar vários serviços enquanto se espera por uma vasta reestruturação da empresa. O patrão tem a teoria de que ter um empregado quieto é estar a deitar dinheiro fora.

AGENTE: As exposições levaram a uma reunião entre Quayle, Bluhm e funcionários da sua empresa. Gostaríamos de ver quaisquer notas que se tivessem guardado sobre esse encontro e quaisquer documentos que lhe digam respeito.

3 As (Crick),. Com certeza, Rob. Não há problema. Estamos aqui para vos ajudar, Quando diz que fez exposições para as Três Abelhas — sabe porventura qual era o departamento referido? É que nós temos muitas abelhas neste cortiço, Pode crer...

AGENTE: A Sra, Quayle dirigiu cartas, e-mails e telefonemas a Sir Kenneth, pessoalmente, ao seu gabinete, à Sra. Rampuri e praticamente a todos os diretores da sua agência em Nairobi. Enviou por fax muitas das cartas e mandou cópias pelo correio, Entregou outras pessoalmente.

3 As (Crick): Oprimo. Isso deve dar-nos alguma pista. E vocês têm cópias desta correspondência, não é verdade!

AGENTE: De momento, não.

3 As (Crick): Mas sabem quem participou na reunião, da nossa parte?

AGENTE: Pensamos que vocês soubessem.

3 As (Crick). Oh diabo! Então o que é que vocês têm?

AGENTE: Testemunhos verbais e escritos de que essas exposições foram feitas. A Sra. Quayle chegou a ir visitar Sir Kenneth à sua quinta na última vez que ele esteve em Nairobi.

3 As (Crick): Ah sim? Isso para mim é novidade. Foi uma entrevista marcada?

AGENTE: Não,

3 As (Crick): Então quem é que a convidou?

AGENTE: Ninguém. Ela limitou-se a aparecer.

3 As (Crick): Eia! Valente menina! O que é que ela conseguiu?

AGENTE: Não deve ter sido grande coisa, porque ainda tentou falar com Sir Kenneth, no escritório, mas sem resultado.

3 As (Crick): É espantoso! Mas de fato o patrão é uma abelha muito ocupada. Há muita gente que o procura a pedir-lhe favores. Muitos poucos têm sorte.

AGENTE: Não eram favores.

3 As (Crick): Então o que era?

AGENTE: Respostas. Tanto quanto sabemos a Sra. Quayle também apresentou a Sir Kenneth uma série de casos descrevendo os efeitos nocivos do medicamento em doentes devidamente identificados.

3 As (Crick): Palavra de honra?! Sim senhor! Eu não sabia que havia efeitos nocivos. Mas ela é uma cientista? Uma médica? Quer dizer, era?

AGENTE: Era uma cidadã empenhada, uma advogada, uma defensora dos direitos humanos. E estava profundamente ligada ao trabalho de apoio às populações.

3 As (Crick): Quando disse apresentou queria dizer o quê, precisamente?

AGENTE: Entregue por mão própria neste edifício, um dossier com a indicação pessoal para Sir Kenneth.

3 As (Crick): Ficou com qualquer recibo?

AGENTE: (Mostra-o.)

3 As (Crick): Ah, bom, bom. Recebido um pacote. A questão é de saber o que é que lá estava, não é verdade? Com certeza que têm cópias disso. Série de casos concretos. Têm que ter.

AGENTE: Esperamos vir a tê-los, mais tarde ou mais cedo.

3 As (Crick): Sim? Ótimo. Ótimo. Teremos muito interesse em dar uma olhadela, não é verdade, Viv? Dypraxa é, neste momento, a nossa linha prioritária, o que o patrão chama o nosso navio almirante. Há muitas mães e pais e meninos se sentindo muito melhor graças ao Dypraxa. Por isso, se Tessa descobriu qualquer inconveniente, isso é uma coisa que precisamos saber para tomar medidas imediatas. Se o patrão estivesse aqui seria o primeiro a dizer isto. Mas ele é um daqueles homens que vivem na Corrente do Golfo. Mesmo assim espanta-me que ele não a tenha recebido. Não é o gênero dele. Embora com todos os problemas que ele tem...

3 As (Eber): Sabe Rob, nós temos um procedimento-base quanto a queixas sobre os nossos produtos farmacêuticos. Nós aqui somos

apenas os distribuidores. Importamos e distribuimos. Desde que o governo queniano dê luz verde e os centros médicos gostem de utilizar esse medicamento, nós apenas atuamos como intermediários, está a ver? A nossa responsabilidade termina aí. Ouvimos opiniões sobre as condições de armazenamento, asseguramo-nos que as condições de temperatura e umidade sejam as indicadas. Mas basicamente a responsabilidade cabe ao fabricante e ao governo do Quênia.

AGENTE: E a respeito de ensaios clínicos?

3 As (Crick): Não há ensaios. É pena que não tenha estudado o assunto em casa, Rob. Um tipo com a sua experiência, bem estruturado, por assim dizer... AGENTE: Então estamos a falar de quê?

3 As (Crick): Quando um remédio está em distribuição num país como o Quênia, não seria de boa política continuar com ensaios. Uma vez que um remédio está a ser distribuído num determinado país e que nós temos conosco, a cem por cento, os rapazes da autoridade médica local, consideramos isso um caso arrumado.

AGENTE: Mas então que testes, que experiências é que vocês fazem, se é que fazem algumas?

3 As (Crick): Olhe. Não faça jogos de palavras comigo. Se está a falar de juntar aos registos de um bom remédio como este, alguns elementos que auxiliem o seu lançamento num país muito maior, fora do mercado africano — os Estados Unidos, por exemplo — isso é verdade. É verdade que, numa forma indireta, podemos chamar experiências ao que aqui estamos a fazer. Mas só nesse sentido. Como preparação para uma situação que está à nossa frente, ou seja o dia em que as Três Abelhas e a KVH façam conjuntamente a sua entrada num novo e fabuloso mercado. Está a seguir a minha ideia?

AGENTE: Ainda não. Estou à espera de ouvir a palavra cobaia.

3 As (Crick): Tudo o que estou a dizer é que, no interesse de todas as partes, cada doente é, de certa maneira, uma experiência

em benefício de um bem maior. Ninguém está a falar de cobaias. Não avance por aí.

AGENTE: O bem maior quer dizer o mercado americano?

3 As (Crick): Vá-se lixar! O que eu estou a dizer é que sempre que qualquer resultado é registrado em qualquer doente, esses resultados são cuidadosamente guardados e examinados permanentemente em Seattle e Vancouver e Basileia, para futura referência. Para validação futura do produto quando pretendemos registrá-lo noutra país. Para estarmos sempre totalmente seguros. E não esqueçam que sempre tivemos conosco os rapazes dos Serviços de Saúde do Quênia.

AGENTE: Para fazerem o quê? Enterrarem os cadáveres?

R R. OAKLEY, Advogado: Tenho a certeza que não disse essas palavras, Rob, e que nós não as ouvimos. Doug foi extremamente amável e generoso com as suas informações. Talvez generoso demais, não acha, Lesley?

AGENTE: Mas então o que é que fazem das queixas? Vão para o cesto dos papéis?

3 As (Crick): Na maior parte, Lesley, mandamo-las diretamente para o fabricante, para os Srs. Karel Vira Hudson. E então, ou respondemos ao queixoso segundo as instruções da KVH ou então eles preferem responder diretamente. ao gosto do cliente. Mas as coisas são assim, Rob. Podemos fazer mais qualquer coisa por vocês? Talvez possamos marcar outra reunião para quando vocês arranjam documentos Para discutirmos?

AGENTE: Um momento, se faz favor. Segundo as nossas informações Tessa Quayle e o Dr. Arnold Bluhm vieram aqui pessoalmente em novembro passado, a convite seu — convite das Três Abelhas — para discutir os efeitos, positivos ou negativos, do seu produto Dypraxa. Apresentaram nessa altura aos elementos da sua direção cópias das notas que tinham enviado pessoalmente a Sir Kenneth Curtiss. Está a dizer-nos que não têm qualquer registro dessa reunião, nem sequer quem lá esteve por parte das Três Abelhas?

3 As (Crick): Sabe a data, Rob?

AGENTE: Temos uma agenda que diz que a reunião foi marcada, para as 11 da manhã do dia 18 de Novembro, pelo gabinete da Sra. Rampuri, a sua diretora de marketing, que agora nos dizem não estar disponível.

3 As (Crick): Isso para mim é novidade, palavra de honra. E para si, Viv?

3 As (Eber): Também, Doug.

3 As (Crick): ouçam. Querem que eu veja na agenda da Yvonne?
AGENTE: Boa ideia. Nós podemos ajudar.

3 As (Crick): Espere aí, espere aí. Temos de obter primeiro a autorização dela. Obviamente. Yvonne é uma rapariga do melhor que há. Eu não seria capaz de consultar a agenda dela sem autorização, tal como não seria capaz de consultar a sua, Lesley.

AGENTE: Telefone-lhe. Nós pagamos.

3 As (Crick): Não pode ser, Rob.

AGENTE: Porque não?

3 As (Crick): Veja uma coisa, Rob. Yvonne e o noivo foram a esse tal super-casamento em Mombaça. Quando nós falamos de “assuntos de família”, era disso que falávamos, percebe? Uma festa fabulosa, garanto-lhe. Por isso está a ver que antes de segunda-feira nunca poderemos entrar em contato com ela. Não sei se alguma vez já estive num casamento em Mombaça, mas garanto-lhe que...

AGENTE: Esqueçamos a agenda, pronto. E as notas que eles lhe deixaram?

3 As (Crick): Está a referir-se aos chamados casos clínicos de que já falou?

AGENTE: Entre outras coisas.

3 As (Crick): Se se trata de verdadeiros casos clínicos — descrição técnica dos sintomas, indicações, doses, efeitos nocivos — então, como já dissemos, mandamo-los sempre para o fabricante. Seja Basileia, seja Seattle, seja Vancouver. Olha que porra! Estaríamos a ser criminosamente irresponsáveis se não o

fizéssemos, não é verdade, Viv, se não mandássemos imediatamente esses casos para avaliação. Não é só a política da casa. Direi mesmo que aqui, nas Três Abelhas, isso é a Palavra das Escrituras, não acha?

3 As (Eber): Absolutamente. Sem qualquer dúvida, Doug. O patrão insiste nisso. Assim que há qualquer problema telefonamos logo à KVH a pedir socorro.

AGENTE: O que é que estão a dizer? Para que raio é que serve o papel nesta casa?

3 As (Crick): Estamos a dizer que vos estamos a ouvir com toda a atenção e que vamos montar uma pesquisa para tentar encontrar algum documento. Isto não é uma Repartição Pública, Rob. Nem é a Scotland Yard. Isto é África. Nós não andamos todos em fila, porra. Temos maneiras melhores de gastar o nosso tempo, porra.

P. R. OAKLEY (Advogado): Parece-me que há aqui duas questões. Talvez três. Vamos vê-las em separado. A primeira é: que certeza têm vocês que o encontro entre a Sra. Quayle, o Dr. Bluhm e os representantes das Três Abelhas teve realmente lugar?

AGENTE: já lhes dissemos que temos provas documentais, escritas pelo Dr. Bluhm na sua agenda de que a reunião foi fixada para o dia 18 de Novembro pelo gabinete da Sra. Rampuri.

P. R. OAKLEY (Advogado): Fixada é uma coisa, realizada é outra. Esperemos que a Sra. Rampuri tenha boa memória. Sabe que ela está sempre em reuniões. O meu segundo ponto é a questão do tom. Tanto como vocês poderão dizer, as exposições alegadamente apresentadas são feitas em tom hostil? É possível que tenha havido uma leve ameaça de litígio judicial? Ela era advogada, segundo o que vocês dizem. E o Dr. Bluhm é praticamente um cão de fila profissional da indústria farmacêutica, segundo ouvi dizer. Não estamos a lidar com gente anônima.

AGENTE: E se fossem hostis? Quando um doente morre por causa de um remédio, as pessoas têm direito a ser hostis.

P. R. Oakley (Advogado): Evidentemente, Rob, se a Sra. Rampuri farejou uma reclamação, ou qualquer coisa ainda pior, ou

se foi o patrão que sentiu isso, desde que tenha recebido documentos escritos (o que neste caso é aparentemente discutível), então o primeiro reflexo seria mandá-los para o departamento jurídico. outra hipótese de pesquisa, não é Doug?

AGENTE: Eu pensava que o Sr. é que era o departamento jurídico.

P. R. OAKLEY (Advogado): (Com humor) Eu sou um último recurso, Rob. Não um primeiro. Sou caro demais para isso.

3 As (Crick): Havemos de tornar a ver-nos, Rob. Foi um prazer. Na próxima vez iremos almoçar. Mas não esperem grandes novidades, é a minha opinião. É o que eu lhes disse. Aqui não passamos o dia a preencher papéis. Temos muitas panelas ao lume e, como o patrão gosta de dizer, As Três Abelhas fazem negócios-relâmpago. Foi assim que a nossa empresa se tornou o que ela é.

AGENTE: Por favor, Sr. Crick, nós ainda gostaríamos de ocupar mais alguns minutos do seu tempo. Estamos interessados em falar com um senhor chamado Lorbeer, provavelmente Dr. Lorbeer, alemão, suíço ou talvez holandês. Não sabemos o primeiro nome mas julgamos saber que ele esteve ligado de perto à carreira do Dypraxa aqui na África.

3 As (Crick): Ligado como, Lesley?

AGENTE: Isso interessa?

3 As (Crick): Acho que sim. Se Lorbeer é médico, o que vocês parecem pensar que é, é mais natural que trabalhe para os fabricantes do que para nós. A Três Abelhas não é uma instituição médica. Somos leigos que ocupam o mercado. Vendedores. Por isso vão ter que perguntar mais uma vez à KVH. Lamento, Les.

AGENTE: Conhecem ou não conhecem Lorbeer? Não estamos em Vancouver ou Seattle ou Basileia. Estamos na África. É o seu território, o seu produto. Importam a coisa, fazem propaganda, distribuem e vendem. O que nós dizemos é que Lorbeer esteve ligado ao seu remédio aqui na África. Ouviram ou não ouviram falar de Lorbeer?

P. R. OAKLEY (Advogado): Acho que já demos a nossa resposta, não é verdade, Rob? Dirijam-se aos fabricantes.

AGENTE: E uma mulher chamada Kovacs, provavelmente húngara?

As (Eber): Médica?

AGENTE: O nome! Conhecem o nome? O título não interessa. Algum dos Srs. ouviu o nome de Kovacs? Uma mulher? relacionada com o mercado do Dypraxa?

As (Crick): Já viram na lista dos telefones? É o que eu faria, Rob.

AGENTE: Também gostaríamos de falar com um Dr. ou Dra. Enrich...

R. R. OAKLEY (Advogado): Parece, Srs. agentes, que não acertam uma. Tenho imensa pena de não podermos ser-lhes mais úteis. Fizemos tudo o que pudemos mas parece que não estávamos nos nossos dias.

Nota acrescentada uma semana após esta reunião:

Apesar das garantias dadas pelas Três Abelhas de que estavam a ser feitas pesquisas, somos informados de que não foram encontrados quaisquer documentos, cartas, casos clínicos, e-mails ou faxes de Tessa Abbott (ou Quayle) ou Arnold Bluhm. KVH nega ter qualquer conhecimento da existência de tais documentos, e o mesmo acontece com o Departamento Jurídico das Três Abelhas em Nairobi. As nossas tentativas para tornar a falar com Crick ou com Eber também não tiveram sucesso. Crick está “a frequentar um curso de reciclagem na África do Sul”, Eber foi “transferida para outro departamento”. Os substitutos ainda não foram nomeados. A Sra. Rampuri continua indisponível “enquanto se processa a reestruturação da empresa”.

RECOMENDAÇÃO:

Que a Scotland Yard faça uma exposição direta a Sir Kenneth K. Curtiss solicitando-lhe um relatório completo sobre as relações da sua empresa com o falecido Dr. Bluhm e que ele dê instruções para que os seus funcionários façam uma pesquisa exaustiva sobre a agenda da Sra. Rampuri e sobre os documentos que

desapareceram. A Sra. Rampuri deverá apresentar-se imediatamente para ser entrevistada.

(Tem rubrica do Superintendente Gridley, mas não há registro de terem sido dadas quaisquer ordens no sentido destas instruções.)

APÊNDICE

Crick, Douglas (Doug) James, nascido em Gibraltar a 10. 10. 70 (segundo o Serviço de Registro Criminal e o Departamento do Procurador-Geral).

O indivíduo citado é filho ilegítimo de Crick, David Angus, Royal Navy (compulsivamente demitido). Crick, David passou onze anos em prisões do Reino Unido, por diversos crimes, incluindo dois homicídios. Vive agora opulentamente em Marbella, Espanha.

Douglas James Crick, o investigado, chegou ao Reino Unido vindo de Gibraltar, aos nove anos de idade, com o pai (ver acima) que foi preso ao desembarcar.

O investigado foi entregue aos cuidados de uma família a troco de um subsídio estatal. Durante esse período o investigado compareceu várias vezes em Tribunais de Menores por várias infrações incluindo tráfico de droga, agressões graves, proxenetismo e conflitos violentos. Foi também suspeito de fazer parte de uma gangue que matou dois jovens negros em Nottingham (1984), mas não foi formalmente acusado.

Em 1989 o investigado afirmou estar regenerado e ofereceu-se como voluntário para prestar serviços à polícia. Foi rejeitado mas parece ter sido utilizado como informador.

Em 1990 o investigado conseguiu entrar como voluntário no Exército Britânico, recebeu treino de forças especiais e foi colocado nos Serviços Secretos do Exército, na Irlanda do Norte (devendo trajar à paisana) e promovido a sargento. Serviu três anos na Irlanda antes de ser compulsivamente despromovido ao posto de soldado raso. Não se dispõe de outros registros.

Embora D. J, Crick nos fosse apresentado como um funcionário das relações públicas da firma das Três Abelhas, ele era, até há pouco, mais conhecido como orientador dos Serviços de segurança

e de proteção pessoal. Consta que goza da confiança pessoal de Sir Kenneth Curtiss, de quem tem sido, por diversas vezes, guarda-costas pessoal, nomeadamente nas visitas de Curtiss ao Golfo, à América Latina, Nigéria e Angola, para referir apenas os últimos doze meses.

Importunado na sua quinta, pobre homem, Tim Donohue está a falar à mesa do Monopólio, no jardim da Gloria. Telefonemas a horas impróprias. Cartas malcriadas enviadas para o clube. Varra tudo isso para debaixo do tapete, é o nosso conselho.

São assassinos.

Eles matam, diz Lesley na escuridão da picape parada em Chelsea. já deu por isso.

Com estas recordações ainda a ecoarem na memória, Justin deve ter adormecido à mesa de contagem porque acordara ao som duma batalha aérea na madrugada entre pássaros da terra e gaivotas; uma observação mais atenta mostrou-lhe que era o crepúsculo e não a madrugada. E pouco depois sentiu-se perdido. Tinha lido tudo o que havia para ler e sabia, se é que alguma vez tivera dúvidas, que sem o computador de Tessa só podia ver um canto da tela.

Capítulo 13

Guido esperava à porta da sua casa envergando um casaco preto demasiado grande e uma mochila que não encontrava apoio suficiente nos seus magros ombros. Numa das suas mãos, magríssima, segurava uma caixa de lata em que levava os seus remédios e as suas sanduíches. Eram seis da manhã. Os primeiros raios do sol primaveril faziam brilhar as teias de aranha nas ervas da encosta. Justin parou o jipe o mais perto possível da casa; a mãe de Guido espreitava pela janela enquanto Guido, recusando a mão de Justin, se içava para o lugar do passageiro, ficando todo encolhido no seu lado, braços, joelhos, mochila, caixa de lata e abas do casaco, tal como um passarinho no fim do seu primeiro voo.

— Há quanto tempo estás à espera? — perguntou Justin, mas a única resposta de Guido foi franzir a cara. Guido é um mestre do autodiagnóstico, dizia Tessa, muito impressionada com uma visita que lhe fizera no hospital pediátrico de Milão. Quando se sente mal, chama a enfermeira. Se está muito mal chama a enfermeira-chefe. E se acha que pode estar a morrer, pede o médico. E não há nenhum deles que não venha logo a correr.

— Tenho que estar na escola às nove menos cinco, — disse Guido secamente.

— Não há problema. — Estavam a falar inglês, para grande orgulho de Guido.

— Se vou atrasado, chego à escola sem poder respirar. Se chego muito cedo, tenho que andar por ali e dou nas vistas.

— Entendido, — disse Justin e olhando pelo espelho viu que Guido estava pálido como cera, a mesma palidez que tinha quando precisava de uma transfusão. — E para o caso de estares a pensar nisso, nós vamos trabalhar para o lagar e não para a casa — acrescentou Justin, tranquilizador.

Guido não disse nada mas quando chegaram à estrada sobre o mar, a cor tinha-lhe voltado às faces. Às vezes também não posso

suportar a proximidade de Tessa, pensou Justin.

A cadeira era baixa demais para Guido e o banco alto demais, por isso Justin foi à casa e trouxe duas almofadas. Mas quando voltou já Guido, de pé, estava calmamente a fazer as ligações do computador portátil de Tessa — as ligações telefônicas para o modem, os transformadores para o computador e a impressora e finalmente o próprio computador que ele manobrava com uma familiaridade desrespeitosa, abrindo-o primeiro com um piparote, ligando depois com uma palmada a ficha do cabo de alimentação, mas — graças a Deus — sem ter ligado tudo à corrente. Com uma confiança insolente Guido pôs de lado o modem, a impressora e tudo aquilo de que não precisava e deixou-se cair nas almofadas que Justin pusera na cadeira,

— OK — anunciou ele.

— OK, o quê?

— Ligue tudo, — disse Guido em inglês, apontando para a tomada de corrente junto aos pés. — Vamos a isto. — E entregou o cabo a Justin para que o ligasse. A voz do rapaz, ao ouvido hipersensível de Justin, tinha ganho um sotaque americano desagradável.

— Pode haver qualquer azar? — perguntou Justin, nervoso.

— Como quê, por exemplo?

— Apagar tudo, por engano.

— Ao ligar? Impossível.

— Porque não?

Num gesto teatral Guido percorreu toda a tela com a sua mão esquelética. — Tudo o que aqui está, ela salvou. Se ela não protegeu qualquer coisa é porque não quis e por isso não está aqui. É ou não é razoável?

Justin sentiu uma nota de hostilidade, como lhe acontecia sempre que lhe falavam em jargão de computador.

— Então está bem. Se é o que tu dizes vou ligar. — E agachando-se, descontraído, meteu a ficha na tomada. — Está bem?

— Epa pá!...

Inquieto, Justin levantou-se e não viu absolutamente nada passar-se na tela. Sentiu-se tonto e com a boca seca. Estou a meter-me onde não devo. Sou uma besta. Devia ter recorrido a um perito, não a uma criança. Devia ter aprendido a trabalhar com esta porcaria. Mas a tela iluminou-se e mostrou-lhe um desfile de crianças africanas, sorrindo e acenando, alinhadas junto a uma clínica com telhado de zinco, seguindo-se uma vista aérea de rectângulo de várias cores espalhados por um fundo azul-cinzentos.

O que é isso?

É o ambiente de trabalho.

Justin espreitou sobre o ombro de Guido e viu: Minha agenda... Vizinhança na rede... Atalho Para ligar. — E agora?

— Quer ver pastas? Eu mostro-lhe as pastas. Nós entramos e o Sr. lê.

Eu quero ver o que a Tessa via. Aquilo em que ela estava a trabalhar. Quero seguir as suas pisadas, ler tudo o que aí está. Pensava que já tinha explicado tudo isto.

Na sua ansiedade, Justin ressentia-se da presença de Guido. Queria de novo Tessa só para ele, ali na mesa de contagem. Queria que o computador não existisse. Guido dirigiu uma seta para um quadro que ocupava o canto inferior esquerdo da tela.

O que é isso em que estás a carregar?

É o rato. Estas são as nove últimas pastas que ela abriu. Quer ver as anteriores? Eu mostro, não há problema.

Apareceu um quadro intitulado Pasta aberta. Documentos Tessa. Guido deslocou de novo o rato.

— Ela abriu umas vinte e cinco pastas nesta categoria — disse Guido.

— Têm títulos?

Guido desviou-se para o lado, convidando Justin a ver por si mesmo: Pharma Epidemias Experiências

— Geral — História — Rússia

— Poluição — Quênia — Polónia

- No 3º Mundo — Tratamentos — Quênia
- Cães de Fila — Novas — México
- Subornos — Velhas — Alemanha
- Processos — Charlatães — Mortalidade
- Dinheiro — Wanza
- Protestos
- Hipocrisia
- Experiências
- Fraudes
- Coberturas

Guido deslocou a seta e clicou outra vez. — Arnold. Quem é este Arnold, que aparece de repente? — perguntou.

— Um amigo dela.

— Também tem documentos. Eia, tantos documentos!

— Quantos?

— Vinte. Mais. — Outro clique. — Bits and Bobs. Isto é alguma expressão idiomática?

— É. Em inglês. Não americano, parece-me, mas puramente inglês. — Respondeu Justin, secamente. — O que é isso agora? O que está fazendo? Está indo muito depressa.

— Não estou nada. Até estou devagar, por sua causa. Hii!... Há um monte de pastas. Pasta um, pasta dois. E mais outras — clicou outra vez. — O linguajar americano do rapaz fazia Justin perder a cabeça. Onde é que ele apanhou isto?! Anda vendo muitos filmes americanos. Vou falar com o diretor da escola.

— Está vendo isto? É uma espécie de cesta de lixo. Onde ela põe as coisas que pensa em jogar fora.

— Mas não jogou, pelo visto.

— Se está aqui é porque não jogou. O que não está, jogou fora. — Outro clique.

— O que é AOL? — perguntou Justin.

— American On Line. Um provedor de internet. Tudo o que ela baixou pelo AOL está armazenado neste programa, como seus velhos e-mails. Mensagens novas, só estando online. Se quiser

enviar mensagens tem de estar online. Se não estiver online, não há mensagens novas, recebidas ou enviadas.

— Isso já eu sei. É óbvio.

— Quer entrar online?

— Ainda não, Quero ver o que já está aqui.

— Tudo?

— Sim.

— Isso dá pra dias e dias de leitura, semanas, talvez. É só apontar o mouse e clicar. Quer sentar aqui?

— Tem certeza absoluta de que não pode haver nenhum azar?

— insistiu Justin sentando-se enquanto Guido continuava de pé, atrás dele.

— O que está salvo, está salvo. É como eu digo. Ela pôs o salvo para isso mesmo.

— E eu não posso perder nada?

— Bobagem, meu! Mesmo que clique no “delete”, o computador pergunta se tem certeza de que quer apagar. Se não tem certeza, diga que não. Tecler o não. Teclar no não quer dizer Não: Não tenho certeza. Clique. É tudo o que há para fazer.

Justin, cautelosamente, vai clicando o seu caminho através do labirinto de Tessa, enquanto Guido, o instrutor, de pé, a seu lado, profere paternalisticamente umas ordens mágicas na sua voz cibernética de além-Atlântico. Quando uma manobra é nova para Justin ou lhe causa confusão, ele pede uma pausa, puxa uma folha de papel e escreve os passos necessários sob o imperioso ditado de Guido. Novas paisagens de informação se desenrolam ante seus olhos. Vai para lá, para cá, volta atrás. Tudo é muito vasto, quis ir longe demais, nunca vou conseguir alcançá-la, diz ele a Tessa. Nem que eu trabalhe nisso durante um ano, como saberei se descobri ou não o que você procurava?

Notícias soltas fornecidas pela Organização Mundial de Saúde.

Registros de obscuras conferências médicas realizadas em Genebra, Amsterdam e Heidelberg sob os auspícios de um

desconhecido posto avançado do crescente império médico das Nações Unidas.

Prospectos de propaganda de impronunciáveis especialidades farmacêuticas e suas virtudes para melhorar a vida humana.

Notas para si mesma. Memorandos. Uma chocante citação da Time, emoldurada por pontos de exclamação, escrita em maiúsculas negras. Visíveis do outro lado da sala para quem tenha olhos e não queira desviá-los. Uma generalidade aterradora para estimular a sua pesquisa sobre as particularidades:

Em 93 ENSAIOS CLÍNICOS OS PESQUISADORES ENCONTRARAM 691 REAÇÕES NEGATIVAS, MAS SÓ FORAM ASSINALADAS 39 AOS INSTITUTOS DE SAÚDE.

Uma ficha inteira consagrada a PW. Quem diabos será PW? Como os vizinhos o chamam? Desespera. Quer voltar para o papel que compreende. Mas quando clica Bits and Bobs aparece PW olhando de frente. Depois de outro clique, tudo se esclarece: PW são as iniciais de PharmaWatch*, um autodenominado site semiclandestino, baseado no Kansas, com "a missão de denunciar os excessos e a ilegitimidade da indústria farmacêutica" para não falar da "desumanidade das autodenominadas organizações humanitárias que estão devastando as nações mais pobres".

Notícias sobre as chamadas conferências Off-Broadway planejando marchas sobre Seattle ou Washington a fim de manifestar a sua hostilidade ao Banco Mundial e ao Fundo Monetário Internacional.

Sonoros ataques à "Grande Hidra das Companhias Americanas" e "Um Monstro chamado Capital". Um artigo quase frívolo, vindo não se sabe de onde, intitulado "o Anarquismo Volta a Estar na Moda".

Clica de novo para encontrar ataques contra a palavra Humanidade. Descobre que "Humanidade" é uma palavra-chave para Tessa. Sempre que a encontra, diz ela a Bluhm num longo e-mail, Tessa puxa do revólver.

Cada vez que ouço um farma justificar os seus atos por razões de Humanidade, Altruísmo, dever para com o próximo, apetece-me

vomitam e não é por estar grávida. É porque, ao mesmo tempo, leio que os farma-gigantes americanos estão a tentar prolongar a duração das suas patentes para poderem conservar o seu monopólio e manter os preços que querem; e servem-se do Departamento de Estado para assustar o Terceiro Mundo e o fazer desistir de fabricar os seus próprios genéricos por uma fração do preço dos laboratórios. Pois sim, eles lá fizeram um gesto cosmético no que toca aos remédios contra a AIDS. Mas no que toca a...já sei isto tudo, pensa ele, e clica para o desktop e daí para Documentos Arnold.

— O que é isto? — pergunta Justin com brusquidão, levantando as mãos do teclado como para rejeitar qualquer responsabilidade. Pela primeira vez Tessa está pedindo uma palavra de senha antes de deixá-lo entrar. A ordem é intermitente: PASSWORD, PASSWORD como a tabuleta de um bordel, acendendo e apagando.

— Merda — diz Guido.

— Ela deu alguma senha quando te ensinou a trabalhar com esta coisa? — pergunta Justin, ignorando o palavrão do rapaz.

Guido leva uma mão à boca, inclina-se para a frente e com a outra mão prime cinco teclas. — Eu -, diz ele com orgulho.

Aparecem cinco asteriscos e mais nada.

— O que está fazendo? — pergunta Justin.

— Escrevendo o meu nome: GUIDO.

— Por quê?

— Achei que era essa a palavra de passe, — passando a falar, com o nervoso, num italiano palavroso. — O 1 não é uma letra. É um um. O O é um zero. A Tessa era maníaca a esse respeito. Uma palavra de passe tem que ter pelo menos um número. Insistia muito nisso.

— Então por que só vejo estrelinhas?

— Para evitar que o Sr. veja “Guido”. Senão podia olhar sobre o meu ombro e ver a palavra de passe. Mas isto não dá! “Guido” não é a palavra que ela escolheu! — Enterra o rosto nas mãos.

— Então só podemos tentar adivinhar, — sugere Justin para o acalmar.

— Adivinhar como? Adivinhar o quê? Sabe quantas tentativas tem? Três!

— Queres dizer que se não acertarmos não podemos entrar? — diz Justin, tentando corajosamente pôr o caso mais claro. — Eh! Guido! Ouve lá!

— Claro que não entramos!

— Muito bem. Vamos pensar. Que outros números é que são também letras?

— Pode ser um E ao contrário, para fazer três. S pode ser cinco. Há para aí meia dúzia delas. Mais. É horrível... — sempre com a cara escondida nas mãos.

— E o que é que acontece se esgotarmos as três tentativas?

— O computador fica trancado e não podemos fazer mais nada. Já pensou o que isso é?

— Nunca mais?

— Nunca mais!

Justin sente a mentira na voz do rapaz e sorri.

— Acha que só temos três tiros?

— Eu não sou nenhum manual. Nem um dicionário, ouviu? O que eu não sei, digo que não sei. Podem ser três, podem ser dez. Agora tenho que ir para a escola. Talvez haja uma linha de socorro.

— Pense bem, Guido. Depois de você, do que ela gostava mais?

Guido tira as mãos do rosto. — De você. — Quem haveria de ser? Justin!

— Ela não faria isso.

— Por que não?

— Porque este é o reino dela, não o meu.

— Isso é uma ideia sua! Ridícula! Experimente JUSTIN. Tenho certeza que dá certo!

— Espere. Depois de Justin, qual a coisa de que ela gostava mais?

— Eu não era marido dela, não é? Você é que era!

Justin pensa em Arnold, depois em Wanza. Experimenta GHITA, com 1 em vez de I. Não acontece nada. Dá um gemido para dizer que aquele jogo pueril não tem nada com ele. Mas seu espírito já corre em todas as direções e ele não sabe qual seguir. Pensa em Garth, o falecido pai dela e em Garth, o filho morto, e afasta os dois por razões estéticas e emocionais. Pensa em Tessa, mas sabe que ela não é egomaniaca. Pensa em Arnold, mas ela não seria tão idiota que bloqueasse a pasta de Arnold com a palavra Arnold. Pensa em Maria, o nome da mãe dela, depois em Mustafa e Hammond, mas nenhum deles lhe parece uma senha. Olha para a cova de Tessa e vê as frésias amarelas sobre a tampa do caixão que desaparece sob a terra vermelha. Vê Mustafa, de pé na cozinha de Woodrow agarrado a seu cesto de flores. Vê-se a si mesmo, de chapéu de palha, tratando do seu jardim de Nairobi. Escreve a palavra FREESIA teclando o I como 1; aparecem sete asteriscos mas nada acontece. Escreve outra vez a mesma palavra, com um 5 em vez de S.

— Acha que ainda aceita? — pergunta baixinho.

— Eu tenho doze anos, bolas! Doze! — Acalma-se um pouco. — Talvez ainda tenha uma tentativa. Mas depois acabou, Eu, por mim, desisto. É o computador dela. Agora é seu. Deixem-me fora disto.

Justin entra FRE51A, deixando o S como 5 mas voltando a teclar o 1 e vê-se olhando um ensaio polêmico e inacabado. Graças a suas frésias amarelas invadiu a pasta Arnold e encontrou um prospecto sobre direitos humanos. Guido está dançando em volta da sala.

— Ganhamos! Eu disse! Somos fantásticos! Ela é fantástica!

Por que os homossexuais africanos não podem se assumir como tal?

Ouçam as palavras de conforto do grande guardião da decência pública, o Presidente Daniel Arap Moi:*

“Palavras como lesbianismo e homossexualidade não existem nos idiomas africanos.” — Moi, 1995.

“A homossexualidade é contrária às normas e religiões africanas e é até considerada um grave pecado do ponto de vista religioso.” — Moi, 1998.

Como seria de esperar, o Código Queniano concorda obedientemente com Moi em cem por cento. As Seções 162-165 impõem uma PENA DE PRISÃO DE CINCO A CATORZE ANOS por “Relações carnis contra a Ordem Natural. E a lei vai mais longe.

** Lei Queniana define qualquer relação entre homens como um ATO CRIMINOSO.*

** Nunca se fala de relações sexuais entre mulheres.*

Quais são as CONSEQUÊNCIAS sociais desta atitude antediluviana?

** Os homossexuais se casam ou têm ligações com mulheres para esconder sua sexualidade.*

** Vivem infelizes, bem como suas mulheres.*

** Não é fornecida qualquer educação sexual a homossexuais, mesmo no caso da gravíssima e eternamente desmentida epidemia de AIDS no Quênia.*

** Extratos da sociedade queniana são obrigados a viver em situação de mentira e dissimulação. Médicos, advogados, homens de negócios, sacerdotes e mesmo políticos vivem no terror da chantagem e da prisão.*

** Estabelece-se um ciclo autoalimentado de opressão e corrupção afundando cada vez mais a nossa sociedade num pântano.*

E aqui, o artigo para abruptamente. Por quê?

E por que diabo é que ela mete na pasta de Arnold um artigo sobre gays polêmico e incompleto e o tranca com uma palavra de passe?

Justin dá pela presença de Guido sobre o seu ombro. O rapaz acabou as suas peregrinações e está a olhar, espantado, para a

tela.

— É hora de te levar à escola, — diz Justin.

— Não é preciso ir já! Ainda temos dez minutos! Quem é Arnold? Homossexual? O que os gays fazem uns com os outros? Minha mãe fica louca quando eu pergunto.

— Temos que ir. Podemos ficar bloqueados por um trator.

— Espere. Deixe-me abrir a caixa de correio dela. Deixa? Pode ser que alguém lhe tenha escrito. Talvez Arnold. Não quer espreitar a caixa de correio? Talvez ela lhe tenha mandado uma mensagem que ainda não leu. Posso abrir a caixa? Posso?

Justin, gentilmente, pousa as mãos nos ombros de Guido — Abrimos quando você voltar da escola. Agora vamos. Vai correr tudo bem. Ninguém vai rir de você. Todos faltam à escola uma vez ou outra. Isso não quer dizer que é um inválido. Só que é normal.

O trajeto até a escola de Guido e volta demorou mais de uma hora e durante todo esse tempo Justin não se entregou a quaisquer fantasias ou especulações prematuras. Quando regressou ao lugar não se sentou ao computador mas preferiu dedicar-se à pilha de papéis que Lesley lhe tinha dado na picape, em frente do cinema. Com uma confiança muito maior de que a que sentira com o computador, pegou na fotocópia de uma carta toscamente escrita à mão num papel com linhas que tinha atraído a sua atenção no seu primeiro folhear dos papéis. A carta não tinha data. Segundo uma nota com as iniciais de Rob, ela tinha sido achada entre duas páginas de uma enciclopédia médica que os dois policiais tinham encontrado no chão da cozinha do apartamento de Bluhm, ali abandonada pelos frustrados ladrões. O papel era velho. O envelope, dirigido à Caixa Postal da ONG de Bluhm. O carimbo era o da ilha de Lamu, antiga base dos mercadores árabes de escravos negros.

Meu querido, querido Arni.

Nunca esqueci o nosso amor nem as carícias e bondades que tivestes para mim, meu querido amigo. Foi uma grande sorte e uma grande felicidade que tivesses honrado a nossa bela ilha para as tuas férias! Tenho que dizer obrigado mas é a deus que eu agradeço o teu generoso amor e presentes e também a ciência que virá para mim nos meus estudos graças a ti e também à motoreta. Por ti meu querido eu vou trabalhar dia e noite, sempre alegre no meu coração sabendo que o meu amado está comigo em cada paço, amparando-me amando-me.

E a assinatura? Tal como Rob fizera, Justin esforçou-se por decifrá-la. O estilo da carta, como Rob apontava na sua nota, sugeria uma mão árabe, com a sua letra alongada com os círculos perfeitamente desenhados. A assinatura, feita com floreios, parecia ter uma consoante a cada ponta, separadas por uma vogal. Plp? Pet? Par? Dor? Era inútil dar palpites. Mas em todo o caso podia afirmar-se que era uma assinatura árabe.

Mas seria uma mulher ou um homem? Uma mulher de Lamu fatalmente pouco educada, seria capaz de escrever tão corajosamente? Guiaria uma motoreta?

Atravessando o lagar até a mesa de pinho, Justin parou em frente do computador, mas em vez de escrever Arnold outra vez, sentou-se e olhou fixamente para a tela vazio.

— Então quem é que Arnold ama, realmente? — pergunta ele com falso desinteresse. Estão estendidos na cama, lado a lado, numa noite quente de domingo em Nairobi. Tessa tinha regressado essa manhã da primeira excursão ao terreno na companhia de Arnold. E declarara a Justin que tinha sido uma das grandes experiências da sua vida.

— Arnold ama todo o gênero humano — responde ela, lânguida. — Sem qualquer exceção.

E deita-se com todo o gênero humano?

É bem possível. Não lhe perguntei. Queres que pergunte?

Não, não quero. Estou é a pensar em lhe fazer a pergunta pessoalmente. Não é necessário.

De certeza? Absoluta. E beija-o. E volta a beijá-lo. Até conseguir trazê-lo para a vida.

— E nunca me faças outra vez essa pergunta, — diz ela, depois de algum tempo, com a face pousada no canto do seu ombro e as pernas entrelaçadas nas dele. — Digamos que Arnold perdeu o coração em Mombaça. — E inclina-se sobre ele, de cabeça baixa e ombros rígidos.

Em Mombaça?

Ou em Lamu, duzentos quilômetros mais ao norte?

Voltando à mesa das contas, Justin escolheu desta vez o relatório feito por Lesley sobre “BLUHM, Arnold Moise, médico, vítima desaparecida ou suspeito”. Nenhum escândalo, nenhum casamento, nenhuma companhia conhecida, nenhuma ligação registrada. Em Argel o investigado vivera numa residência para médicos de ambos os sexos, ocupando um quarto de solteiro. Nenhuma ligação registrada na ONG. O familiar mais próximo é a sua meia-irmã adoptiva, uma belga residente em Bruges. Arnold nunca solicitara pagamento de viagens ou estadia para qualquer companheirinha e nunca ocupara senão quartos individuais. O seu apartamento em Nairobi era descrito por Lesley como “monástico com uma forte sugestão de abstinência. O Investigado vivia sozinho e sem criados. Na sua vida privada parece dispensar todo e qualquer conforto, incluindo água quente”.

— Todo o Muthaiga Club está convencido que o nosso filho foi feito por Arnold. — Justin dá esta informação a Tessa com um ar perfeitamente amável, enquanto ambos comem o seu peixe num restaurante italiano da periferia.

— Quem é todo o Muthaiga Club? — pergunta ela.

— Elena a Grega, suponho eu, apoiada por Gloria que é apoiada por Woodrow, — prossegue Justin jovial. — O que é que eu devo fazer a esse respeito, ignoro-o completamente. Levar-te até lá e fazermos amor em cima do bilhar seria uma solução, se estivesses de acordo.

— Seria então um pecado duplo. Assente num duplo preconceito.

— Porquê duplo?

Tessa não responde, baixa os olhos e abana lentamente a cabeça: — Eles são uma data de sacanas cheios de preconceitos. Fiquemos por aqui.

Naquela altura, ele fizera o que ela mandava. Mas agora já não. Porquê duplo? perguntou para si mesmo, olhando a tela vazia.

Pecado simples seria o adultério de Arnold. Mas duplo? Duplo quer dizer o quê? Pela raça? Arnold é discriminado pelo seu duplo adultério e pela sua raça? Daí a sua dupla discriminação?

Talvez. A menos que...

A menos que estivesse a falar o frio advogado que há nela: o mesmo que decidiu ignorar as ameaças de morte e não abandonar a sua luta pela justiça. A menos que o primeiro pecado conhecido não se referisse a um negro que supostamente dormia com uma branca, mas aos homossexuais em geral, de que Bluhm fazia parte — embora os seus inimigos o não soubessem.

E nesse caso o advogado de olhos frios e coração ardente teria raciocinado desta maneira:

Primeiro pecado: Arnold é homossexual mas o preconceito local impede-o de o admitir. Se o fizesse não poderia continuar o seu trabalho, já que Moi detesta as ONG tanto como odeia os homossexuais e o menos que aconteceria era Bluhm ser expulso do Quênia.

Segundo pecado: Arnold é obrigado a viver na mentira (ver o artigo incompleto). Em vez de declarar a sua sexualidade, adopta a pose dum playboy, atraindo assim as críticas reservadas a adúlteros transraciais.

Daí o duplo pecado.

E, finalmente, por que razão Tessa não revela este segredo ao seu querido marido, em vez de o deixar com as sórdidas suspeitas que ele não quer, não deve, não pode admitir nem sequer para si mesmo? perguntou Justin aa tela.

Lembrou-se do nome do restaurante indiano de que ela gostava tanto. Haandi.

As vagas de ciúme que Justin tinha conseguido travar durante tanto tempo, romperam os diques e submergiram-no. Mas era um ciúme doutro tipo: Tessa e Arnold tinham-lhe ocultado esse segredo juntamente com os outros que partilhavam; tinham-no deliberadamente excluído do seu precioso círculo de dois, obrigando-o a espreitá-los de longe como um voyeur, sem saber que, realmente, conforme todas as garantias dela, não havia nada para ver nem nunca haveria; que, tal como Ghita tinha tentado explicar a Rob e a Lesley, nunca haveria nenhuma chispa entre eles; que a única relação entre eles era exatamente a relação irmã-irmão que Justin tinha descrito a Ham, sem que, no fundo do coração, acreditasse totalmente nisso.

Um homem perfeito, tinha dito Tessa uma vez, falando de Bluhm. Mesmo Justin, o céptico, nunca tinha pensado dele doutra maneira. Um homem que atingia a sensibilidade homoerótica que existe em todos nós, como Justin tinha uma vez dito a Tessa, com toda a inocência. Belo e calmo. Delicado para os amigos e para os estranhos. Belo na sua voz rouca, na sua barba grisalha, nos seus olhos africanos de pálpebras pesadas que nunca se desviavam de nós quando falava ou quando ouvia. Belo nos seus raros e bem medidos gestos que pontuavam as suas inteligentes e lúcidas opiniões, expressas numa bela linguagem. Belo nas suas mãos bem esculpidas, no seu corpo leve e gracioso, delgado e flexível como o de um bailarino e simultaneamente disciplinado e espontâneo na sua postura. Nunca rude, nunca desastrado, nunca cruel embora em qualquer reunião tivesse de lidar com ocidentais tão ignorantes que Justin ficava embaraçado. Mesmo os membros mais velhos do Muthaiga Club tinham dito: aquele tipo Bluhm, caramba, agora já não se fazem pretos como ele, não admira que a mulherzinha do Justin se tenha apaixonado.

Mas então por que diabo não me tiraste da minha aflição? Perguntou a Tessa enfurecido, olhando para a tela.

Porque tinha confiança em ti e esperava que tu também tivesses.
Mas se tinha confiança em mim, por que não me disse?

Porque eu não traiço a confiança dos amigos e exijo que respeites isso e me admires. Sem limites e por todo o tempo.

Porque sou advogada e no que toca a segredos — como ela costumava dizer — um túmulo, comparado comigo, é um lugar de mexericos.

Capítulo 14

E tuberculose quer dizer muito dinheiro: perguntei à Karel Vira Hudson. Um dia destes as nações mais ricas do mundo enfrentarão um surto de tuberculose e o Dypraxa será a fonte de muitos milhões de dólares que todos os bons acionistas esperam que ele seja. A Praga Branca, a Grande Caçadora, o Capitão da Morte não se confirmará aos danados da Terra. Voltará a fazer o que já fez há cem anos. Paira corno uma imunda nuvem sobre o próprio horizonte do Ocidente, mesmo se as vítimas são, por enquanto, os mais pobres de todos.

— Um terço da população mundial está infectada pelo bacilo.

Tessa está a falar para o computador, salientando e sublinhando à medida que avança.

— Nos Estados Unidos a doença progrediu vinte por cento em sete anos..

— Um doente não tratado transmite a infeção a uma média de entre dez a quinze pessoas por ano.

— As autoridades sanitárias da cidade de Nova York assumiram o poder de encarcerar as vítimas de TB que não queiram aceitar o isolamento...

— Atualmente, trinta por cento de todos os casos conhecidos são resistentes aos remédios.

A Praga Branca não nasceu entre nós, lê Justin. Foi-nos imposta por contágio pelo ar, más condições de vida, falta de higiene, água imprópria e negligência administrativa. Os países ricos odeiam-na porque é uma nódoa no seu dia-a-dia, os países pobres porque, em muitos deles, é sinónimo de AIDS. Alguns países recusam-se a admitir estarem infectados, preferindo viver na mentira do que confessar uma nódoa vergonhosa.

E no Quênia, como noutros países africanos, a incidência da tuberculose aumentou quatro vezes desde a aparição do HIV.

Um e-mail informal de Arnold dá uma lista das dificuldades práticas em tratar a tuberculose:

— Diagnóstico exigente e demorado. Os doentes devem trazer amostras da expectoração em dias consecutivos.

— Trabalho de laboratório indispensável, mas microscópios frequentemente danificados ou roubados.

— Falta de corante para detectar o bacilo. O corante é vendido, bebido, esgotado e não substituído.

— O tratamento dura oito meses. Os doentes que se sentem melhor ao fim de um mês abandonaram o tratamento ou vendem os remédios. A doença surge então de novo, sob uma forma resistente à medicação.

— Os comprimidos antituberculose são vendidos no mercado negro africano como remédios para as doenças venéreas. A Organização Mundial de Saúde insiste em que um doente sujeito a tratamento deve ser vigiado enquanto engole o comprimido. Resultado: no mercado negro um comprimido é vendido “seco” ou “molhado” conforme esteve ou não na boca de alguém.

Um post-scriptum confirma:

A tuberculose mata mais mães do que qualquer outra doença. Em África as mulheres pagam sempre as favas. Wanza serviu de cobaia e morreu disso. Há aldeias inteiras de Wanzas que servem de cobaia.

Extrato de um artigo na página 4 do International Herald Tribune.
— “Avisado o Ocidente de que também é vulnerável a surtos de tuberculose resistentes aos medicamentos”, por Donald G. McNeil, The New York Times Service.

Algumas passagens sublinhadas por Tessa:

AMSTERDAM: Surtos mortais de tuberculose resistente aos medicamentos estão a aumentar não só nos países pobres, mas também nos países ricos do ocidente, segundo um relatório da Organização Mundial de saúde e outros organismos antituberculose. “É um recado: Atenção, isto é sério!” disse o Dr. Marcus Espinosa,

um dos responsáveis pelo relatório. É uma grave crise potencial para o futuro.

Mas a arma mais poderosa que a comunidade médica internacional dispõe, para conseguir dinheiro, é o espectro de que uma explosão de casos não acompanhados no 3º Mundo, conduza a que surtos divergentes se fundam em qualquer coisa de incurável que venha atacar o Ocidente.

Nota de Tessa, escrita de uma forma misteriosamente restringida, como se ela se não quisesse deixar contagiar pelo sensacionalismo:

“Arnold diz que os imigrantes russos nos Estados Unidos, especialmente os que vêm de campos de refugiados, trazem toda a espécie de tuberculoses resistentes aos medicamentos — na verdade até mais numerosos do que no Quênia, onde essa multirresistência não é sinônimo de HIV positivo. Um amigo dele está tratando de alguns casos graves na área da Baía de Brooklyn e os números são já assustadores, segundo ele. Ele diz que aumenta constantemente a incidência desses casos nos Estados Unidos entre grupos minoritários em cidades superpovoadas.”

Ou, numa linguagem que as bolsas de todo o mundo entendem: se o mercado da tuberculose se desenvolver como previsto, há bilhões e bilhões de dólares à espera de serem ganhos e quem os vai ganhar é o Dypraxa — desde que as experiências feitas na África não revelem nenhuns efeitos nocivos.

É este pensamento que apressa Justin a regressar urgentemente ao Hospital Uhuru, em Nairobi. Vai procurar nas fichas de polícia espalhadas na grande mesa e desenterra seis páginas de fotocópias escritas na letra febril de Tessa que tenta registrar a história de Wanza numa linguagem infantil:

Wanza é mãe-solteira. Não sabe ler nem escrever.

Encontrei-a na sua aldeia e depois no bairro de lata de Kibera. Tinha sido violada por um tio que a engravidou e afirmou que ela o tinha seduzido. É a sua primeira gravidez. Wanza deixou a aldeia

para não voltar a ser violada pelo tio e por outro homem que andava atrás dela.

Wanza diz que havia muita gente na aldeia doente com tosse má. Muitos dos homens tinham AIDS e mulheres também. Duas mulheres grávidas tinham morrido há pouco tempo. Tal como Wanza tinham ido a um centro de saúde a uns oito quilômetros de distância. Wanza não quis lá voltar. Tinha medo que os comprimidos de lá não prestassem. O que mostra que Wanza é inteligente porque a maior parte das mulheres nativas tem uma fé cega nos médicos, embora respeitem mais as injeções do que os comprimidos.

Em Kibera um homem branco e uma mulher branca vieram vê-la, Tinham batas brancas e ela calculou que fossem médicos. Sabiam de que aldeia ela tinha vindo. Deram-lhe uns comprimidos, os mesmos do hospital.

Wanza diz que o nome do homem era Ló-Ber. Obriguei-a a pronunciá-lo várias vezes. Lor-ber? Lorbeer? Lobbear? A mulher branca que vinha com ele não disse o nome mas examinou Wanza e colheu amostras de sangue, urina e expectoração.

Vieram vê-la mais duas vezes em Kibera. Não estavam interessados em mais ninguém senão nela. Disseram-lhe que tinha que ir ter o bebé ao hospital visto estar doente. Wanza ficou apreensiva. Há muitas mulheres doentes em Kibera que não vão ter os bebés no hospital.

Ló-Ber disse que não teria nada a pagar, tudo seria pago. Wanza não perguntou por quem, Diz que o homem e a mulher estavam muito preocupados, embora não fossem da espécie de pessoas que se preocupam com os outros. Ela disse uma graça qualquer a esse respeito mas eles não se riram.

No dia seguinte um automóvel veio buscá-la. já estava no termo da gravidez. E era a primeira vez que andava de automóvel. Dois dias mais tarde o seu irmão Kioko veio para o hospital para lhe fazer companhia. Tinha ouvido dizer que ela estava no hospital. Kioko sabe ler e escrever e é muito inteligente. Os dois irmãos gostam muito um do outro. Wanza tem quinze anos.

Kioko diz que quando outra mulher grávida estava a morrer lá na aldeia, esses mesmos brancos apareceram e tiraram amostras como tinham feito com Wanza. Enquanto lá estavam souberam que Wanza tinha fugido para Kibera. Kioko diz que eles ficaram muito curiosos acerca dela, quiseram saber como é que poderiam encontrá-la e tomaram notas num caderninho. E foi assim que o casal branco encontrou Wanza em Kibera e a internou no hospital de Uhuru para observação. Wanza foi uma cobaia africana, uma das muitas que não sobreviveram ao Dypraxa.

Tessa conversa com ele à mesa do pequeno-almoço. Está no sétimo mês de gravidez. Mustafa está de pé no lugar onde fica sempre, à porta da cozinha mas ouvindo tudo através da porta semiaberta, de modo que sabe exatamente quando deve fazer mais torradas ou servir mais chá. As manhãs são sempre um período de felicidade. E as noites também. Mas de manhã a conversa é mais fácil.

— Justin.

— Tessa.

— Pronto?

— Sou todo ouvidos.

— Se eu te gritasse Loober — pum, assim de repente — o que é que tu respondias?

— Laurel.

— E que mais?

— Laurel. Coroa de louros. César. Imperador. Atleta. Vencedor.

— Mais.

— Coroa de louros — folhas de louro — descansar sobre os louros — vitórias sangrentas — por que não ri?

— Então é alemão? — insiste ela.

— Alemão. Substantivo. Masculino.

— Soletra a palavra.

Ele fá-lo.

— Não pode ser holandês?

— Talvez. Também. Não tão evidente mas possível. Estás a fazer palavras cruzadas ou quê?

— Agora não, — responde ela, pensativa. E é tudo, como acontece muitas vezes com Tessa, a advogada. Comparada comigo, uma tumba é um lugar de mexericos.

As notas de Tessa continuam: Não estão J, nem G, nem A. Quer ela dizer que nem Justin, nem Ghita nem Arnold estão presentes. Tessa está sozinha na enfermaria com Wanza.

15.23 — Entra um homem branco com uma cara vermelhusca e uma mulher eslava, alta, ambos de bata, a da mulher aberta no decote. Outros três homens assistem, todos de bata branca. Abelhas napoleônicas bordadas nas algibeiras. Vão até a cabeceira de Wanza, ficam a olhar para ela.

Eu: Quem são os senhores? O que é que lhe vão fazer? São médicos?

Eles não respondem, observam Wanza, a sua respiração, os olhos, auscultam-na, medem-lhe o pulso, a temperatura, chamam "Wanza!". Ela não responde.

Eu: O senhor chama-se Lorbeer? Quem são vocês? Como se chamam? Mulher eslava: Não é da sua conta. Saem.

A mulher eslava é uma cabra. Cabelo preto pintado, pernas compridas, não pode impedir-se de dar ao rabo.

Como um homem culpado de um abuso de confiança, Justin entala rapidamente as notas de Tessa sob uma pilha de papéis, põe-se em pé e vira-se, transido de horror, para a porta do lagar. Alguém está a bater furiosamente à porta. A porta estremece ao ritmo das pancadas e, sobrepondo-se ao ruído, ouve a voz estridente, horrivelmente familiar, de um cavalheiro inglês das classes superiores.

— Justin! Apareça, homem! Não se esconda! Sabemos que está aí! Somos dois amigos que lhe trazem presentes e conforto!

Justin, gelado, não consegue reagir.

— Está aborrecido, menino? Dando uma de Greta Garbo? Não é preciso! Somos nós! Beth e Adrian, seus amigos!

Justin pega o molhe de chaves e como um homem pronto a ser executado, avança cegamente pelo sol e dá de cara com Beth e Adrian Tupper, o Maior Duo de Escritores da Nossa Época, os mundialmente famosos Tupperes da Toscana.

— Beth. Adrian. Que bom! — declara ele fechando a porta atrás de si.

Adrian agarra-o pelos ombros e fala com uma voz dramaticamente grave.

— Querido Justin. O Amado dos Deuses. Hein? Hein? Coragem. Acima de tudo. — Fala num tom de confiança, de comiseração. — Está só. Não me diga. Terrivelmente só. — Estrangulado no abraço do outro, Justin vê dois olhinhos que olham cobiçosamente por cima do ombro dele.

— Olá, Justin, nós gostávamos tanto dela, — geme Beth, apertando a boquinha numa curva dolorosa e esticando depois os lábios para beijá-lo.

— Onde está o seu Luigi? — pergunta Adrian.

— Em Nápoles. Com a noiva. Vão-se casar. Em junho, — acrescenta Justin, inutilmente.

— Devia estar aqui para apoiá-lo. Que mundo! Não há lealdade. Não há empregados como devem ser.

— O grande é em memória da querida Tessa e o pequeno para o pobre Garth, ao lado dela, — explica Beth numa vozinha de nada que perdeu o eco. — Pensei que podíamos plantá-las como recordação, não foi Adrian?

No pátio está uma furgoneta de caixa aberta com umas anteparas rústicas que os leitores de Adrian devem pensar que foram feitas por ele. Amarradas às tábuas, duas arvorezinhas, dois pessegueiros com sacos de plástico à volta das raízes.

— Beth tem estas ideias maravilhosas — esclarece Tupper numa voz dolorida.

— São vibrações, menino; sempre em sintonia, não é querida? “Temos que lhe levar árvores”, disse ela. Ela sabe, percebe? Sabe.

— Podemos plantá-los já. já fica feito, não acham? — diz Beth.

— Depois do almoço, — diz Adrian com firmeza.

Um piquenique de camponeses, a que Beth chama uma ração de sobrevivência, consistindo num grande pão, azeitonas e uma truta defumada para cada um, do nosso fumeiro, querido, só nós os três, com uma garrafa do seu belo vinho de Manzim.

Cortês até a morte, Justin conduz os Tupperts até a casa.

— Não se pode ficar de luto toda a vida, menino. Os judeus não ficam. Sete dias e é tudo. Depois é levantarem-se e continuar com entusiasmo. É a lei deles, querida, — explica Adrian à mulher como se ela fosse uma atrasada.

Estão sentados na sala, sob os querubins, comendo a truta sobre os joelhos para corresponder à ideia de Beth sobre o que é um piquenique.

— Para eles, tudo está escrito. O que fazer, quem faz, durante quanto tempo. Não vale a pena ficar abatido, Justin. Um tipo nunca se deixa abater. É muito negativo.

— Eu não estou abatido — objeta Justin, já arrependido de ter aberto uma segunda garrafa de vinho.

— Então o que é que está aqui a fazer? — pergunta Tupper perfurando Justin com um olhar inquisitorial.

— Tessa deixou uma data de coisas por acabar, percebe? — explica Justin sem convicção. — Esta quinta era dela, antes de mais. E a organização que ela fundou, mais umas cositas.

— Tem computador?

Ele viu-o! pensou Justin, irritado. Não pôde! Fui rápido demais para ele, tenho a certeza que fui.

— É a maior invenção depois da imprensa, meu caro. Não é, Beth? Não é preciso secretária, nem mulher, nem nada. Qual é que tem? Nós ao princípio resistimos muito, não foi Beth? Foi disparate.

— Não tínhamos percebido bem, — explica Beth e bebe uma golada de vinho, grande demais para uma mulher tão pequena.

— Eu só aproveitei o que já havia aqui, — responde Justin, recuperando a calma. — Os advogados de Tessa deram-me uma

data de disquetes. Meti-as no computador lá vou andando com algum esforço.

— E já acabou? É altura de ir para casa. Não atrase. Vá. O seu país precisa de si.

— Na verdade ainda não acabei, Adrian. Ainda tenho uns dias de licença.

— O Foreign Office sabe que está aqui?

— Acho que sim, — disse Justin. Porque é que ele me está a fazer isto? A meter-se na minha vida pessoal, em coisas que não lhe dizem nenhum respeito, e eu deixo?

Segue-se um período em que, para seu grande alívio, Justin é submetido a um relato chatíssimo sobre a maneira como o Maior Casal de Escritores do Mundo se converteu à Internet contra as suas naturais inclinações — um ensaio geral, sem dúvida, para outra dose de Crônicas da Toscana e mais umas borlas do fabricante.

— Você está a fugir, meu caro, — censura-o Adrian severamente enquanto os dois homens desatam os pessegueiros e os levam para a cozinha para Justin os plantar. — A uma coisa chamada dever. Uma palavra fora de moda nos dias de hoje. Quanto mais se atrasar, mais lhe vai custar. Volte para o trabalho. Vão recebê-lo de braços abertos.

— Porque é que não os plantamos já? — pergunta Beth.

— Seria uma grande emoção, querida. Deixa-o fazer como ele quiser. Felicidades, menino. Estamos na mesma onda. É a coisa mais importante do mundo.

O que é que aconteceu? Interroga-se Justin enquanto a furgoneta dos

Tuppers se afasta: um acaso ou uma conspiração? Apareceram por acaso ou foram empurrados? Foi o cheiro do sangue que os trouxe aqui, ou foi Pellegrin? Em várias fases da sua tão publicitada carreira, Tupper tinha trabalhado para a BBC e para um pasquim de Londres. Mas tinha trabalhado também nas grandes salas mais recônditas dos Serviços de Sua Majestade. Justin recorda uma

maldosa interrogação de Tessa: o que é que tu pensas que Adrian faz com todo o material que não mete nos seus livros?

Regressou a Wanza, só para descobrir que as seis páginas que Tessa consagrara ao diário da doença da sua companheira de enfermaria se desvanecia e terminava numa forma pouco satisfatória, Lorbeer e a sua equipa tinham feito mais três visitas. Arnold enfrentou-os por duas vezes, mas Tessa não ouviu o que eles disseram. Não é Lorbeer mas a eslava sexy que examina Wanza fisicamente, enquanto Lorbeer e os seus acólitos observam o exame pouco à vontade. O que se passa depois terá sido à noite, quando Tessa estava dormindo. Ela acorda, grita mas não aparecem enfermeiras. Também elas estão com medo. Só com a maior dificuldade Tessa consegue encontrá-las e obrigá-las a admitir que Wanza morreu e que o seu bebé foi mandado para a aldeia.

Justin repõe estas páginas entre os papéis da polícia e dirige-se de novo ao computador. Sente-se mal disposto. Bebeu muito vinho. A sua truta, que deve ter saltado do fumeiro, a meio-tempo, estava ainda às voltas no estômago. Agarrou nas chaves, a pensar em ir a casa beber um litro de água mineral. Mas de repente viu na tela uma coisa que o fez gelar de horror. Desviou o olhar, sacudiu a cabeça para ficar mais lúcido, voltou a olhar. Enterrou a cabeça nas mãos para afastar a má disposição. Mas quando olhou mais uma vez, a mensagem continuava lá:

**ESTE PROGRAMA EFETUOU UMA OPERAÇÃO ILEGAL.
VOCÊ PODE PERDER TODOS OS DADOS NÃO SALVADOS EM
QUALQUER DAS JANELAS EM FUNCIONAMENTO.**

Na linha abaixo da sentença de morte, uma fila de ícones dispostos como caixões para um funeral coletivo: escolha aquele em que quer ser enterrado. Justin deixou cair os braços ao longo do corpo, olhou em volta e fez escorregar a cadeira para trás, afastando-se do computador.

— Sacana do Tupper! — murmurou. — Sacana! Sacana! — Mas o que ele queria dizer era: — Sacana sou eu! Foi qualquer coisa que eu fiz ou esqueci de fazer, Devia ter posto aquela besta para dormir.

Guido. Tragam-me o Guido.

Consultou o relógio. A escola acaba em vinte minutos, mas Guido não quer que o busquem. Prefere tomar o ônibus da escola como qualquer rapaz normal, muito obrigado, e pedir ao motorista para buzinar quando o deixar no portão — hora em que Justin está generosamente autorizado a dar-lhe uma carona no jipe. Não havia nada a fazer senão esperar. Se ele tentasse chegar à escola antes da partida do ônibus, haveria grandes probabilidades de não chegar a tempo e ter que voltar. Saiu aborrecido do computador e voltou à mesa de contagem numa tentativa de recuperar o ânimo com os papéis de que ele gostava muito mais do que da tela.

PANA Wite Service (O9.24.97)

Em 1995, a África subsaariana tem o maior número de novos casos de tuberculose do que qualquer outra grande região, bem como alta taxa de coinfeção de T13 com HIV, segundo a Organização Mundial de Saúde.

Já sabia, muito obrigado.

As Megacidades tropicais serão verdadeiros infernos.

Enquanto o desbaste ilegal das florestas, a poluição do terreno e extração desordenada de petróleo destroem o ecossistema do Terceiro Mundo, cada vez mais as suas comunidades rurais se verão obrigadas a emigrar para as cidades em busca de trabalho e de sobrevivência. Os peritos preveem o aparecimento de dezenas e talvez centenas de megacidades que atrairam enormes populações de bairros de barracas para trabalhadores mal pagos, com taxas sem precedentes de doenças fatais como a tuberculose...

Justin ouviu a longínqua buzina do ônibus.

— Então lixou tudo, — disse Guido com satisfação, quando Justin o levou ao local do desastre. — Entrou na caixa do correio? — Já estava digitando as teclas.

— Claro que não. Sei lá como se faz. O que é que estás a fazer?

— Introduziu algum material novo e esqueceu-se de o salvar?

— De maneira nenhuma, Nem uma coisa nem outra. Não sei fazer isso.

— Então não tem importância. Não perdeu nada, — disse Guido calmamente na sua linguagem informática e, com meia dúzia de suaves pancadinhas, restituiu a saúde à máquina. — Podemos ligar isto agora? Por favor. — pediu ele.

— Para quê?

— Para ver o correio dela, o que é que há-de ser? Há centenas de pessoas que lhe mandam e-mails todos os dias e vai ter que os ler. E as pessoas que lhe querem mandar a si as suas condolências e simpatia? Não quer saber o que elas dizem? Há e-mails, mandados por mim a que ela nunca respondeu! Se calhar, nunca os leu!

Guido estava à beira das lágrimas. Agarrando-o gentilmente pelos ombros, Justin sentou-o no banco em frente do teclado.

— Diz-me se há algum risco, — disse ele. — O que é que pode acontecer de pior?

— Não há risco nenhum. Tudo está salvo. Não vai acontecer nada de mal. Vamos fazer as coisas mais simples com o computador. Vou salvar os novos e-mails, Tessa já fez isso com os outros. Não se preocupe.

Guido liga o modem e dá a Justin a ponta de um fio. — Desligue o telefone e ponha isto na tomada. Fica tudo ligado outra vez.

Justin faz o que o ele manda. Guido aciona as teclas e espera. Justin olha por cima do ombro dele. Hieroglifos, uma janela, mais hieroglifos. Uma pausa para oração e contemplação, seguida por uma mensagem em tela cheia aparecendo e desaparecendo como um anúncio luminoso e uma exclamação de desagrado por parte de Guido.

ZONA PERIGOSA!

ISTO É UM AVISO PARA A SUA SAÚDE. NÃO PROSSIGA ALÉM DESTE PONTO. EXPERIÊNCIAS CLÍNICAS JÁ MOSTRARAM QUE A CONTINUAÇÃO DA PESQUISA PODE ATRAIR EFEITOS FATAIS. PARA SUA SEGURANÇA E CONFORTO O SEU HARD DISC DEVE SER LIMPO DE MATERIAL TÓXICO.

Durante alguns segundos Justin não sentiu qualquer preocupação. Em outras circunstâncias gostaria de se sentar à mesa de contagem e escrever uma carta aos fabricantes protestando contra o seu estilo metafórico. Por outro lado, Guido tinha acabado de provar que o ladrar deles era pior que a dentada. E assim estava nessa altura prestes a dizer: — Lá estão eles outra vez. São realmente o máximo — quando viu Guido encolher subitamente a cabeça como se tivesse sido atingido por um soco e deixando pousadas no teclado as mãos abertas como aranhas. A sua cara, tanto quanto Justin podia ver, está de novo doentiamente pálida.

— É assim tão mau? — perguntou Justin baixinho.

Reunindo suas forças como um piloto de avião apanhado numa emergência, Guido começa a clicar o procedimento em caso de crise. Aparentemente sem resultado porque se endireita de novo, dá uma palmada na testa, fecha os olhos e solta um gemido assustador,

— Diga o que há — pede Justin. — Não é grave, Guido. Diga lá.

E como o rapaz continua: — Desligou tudo, não foi?

Transfigurado, Guido acena que sim.

— E agora está desligando o modem.

Outro aceno. A mesma expressão.

— Estou reiniciando o sistema.

— O que é isso?

— Temos que esperar um minuto.

— Por quê?

— Talvez dois.

— Para quê?

— Temos que dar tempo para esquecer. Assentar. Isto não é normal, Justin. Está fora dos parâmetros. — Guido tinha voltado a falar americano-informático. — Não foi um bando de machos adolescentes socialmente inadaptados se divertindo. Foi gente muito mal intencionada que lhe fez isto, tenho certeza.

— A mim ou a Tessa?

Guido abana a cabeça. — É como se alguém o odiasse. — Ligou de novo o computador, levanta-se, faz uma longa inspiração, como um suspiro ao contrário. E Justin, deliciado, vê a habitual fila de rapazes negros felizes acenando da tela.

— Conseguieste! — exclama. — És um gênio, Guido!

Mas quando diz isto, os rapazes são substituídos por uma ampulheta atravessada por uma diagonal branca. Depois desaparecem, deixando apenas uma infinidade azul escura.

— Destruíram tudo — murmura Guido.

— Como?

— Mandaram-lhe um vírus. Disseram ao vírus que apagasse o disco duro e deixaram-lhe uma mensagem a dizer-lhe o que tinham feito.

— Então a culpa não é tua, — diz Justin, com firmeza.

— Ela gravou?

— Tudo o que ela imprimiu, já li.

— Não estou a falar de imprimir. Ela não fez disquetes?

— Nunca os encontramos, Pensamos que ela as terá levado para o norte.

— O que é isso? E por que ela não mandou por e-mail? Por que as levou? Não entendo. Não entendo nada.

Justin lembra-se de Ham. O computador dele também recebeu um vírus.

— Disseste que ela te mandou imensos e-mails.

— Uma vez por semana. Ou duas. Se ela saltava uma semana, mandava dois na outra. — Já está a falar italiano. É de novo criança, tão perdido como no dia em que Tessa o encontrou.

— Já viste o teu e-mail desde que ela morreu?

Guido abanou a cabeça em negação vigorosa, Era demais para ele. Não aguentava.

— Talvez possas ir até casa e ver o que lá está. Não te Importas? Não me estou a intrometer?

Ao dirigir o carro colina acima e por entre as árvores já escuras, Justin não pensava em nada e em ninguém que não fosse Guido. Era um amigo ferido e o único objetivo de Justin, era levá-lo em segurança até a mãe, restabelecer-lhe a calma e fazer com que Guido, daqui em diante, deixasse de sofrer e passasse a ser um geninho saudável e arrogante e não a ruína em que se transformara depois da morte de Tessa. E, se como suspeitava, eles — fossem quem fossem tivessem feito ao computador de Guido o mesmo que fizeram aos de Ham e de Tessa, então Guido podia descansar e consolar-se na medida do possível. Era esta a prioridade de Justin, com exclusão de quaisquer outros sentimentos e emoções, porque isso o conduziria à anarquia. Desviaria do caminho de uma investigação racional, misturando com o desejo de vingança a sua busca sobre o trabalho de Tessa.

Parou o carro e com um sentimento de despedida pegou o braço de Guido que, com certa surpresa sua, não o sacudiu nem se libertou. A mãe tinha feito um guisado e havia pão acabado de fazer em que ela tinha muito orgulho. E assim, por insistência de Justin comeram-no regaladamente só eles, enquanto a mãe assistia. Depois Guido foi buscar o seu computador e, durante algum tempo, não ficaram on-line mas a ler, lado a lado, os relatos de Tessa sobre os leões adormecidos que ela vira nas suas viagens e os elefantes TERRIVELMENTE brincalhões que se teriam sentado em cima do jipe para o esborrachar se ela lhes tivesse dado a mínima chance e as DESDENHOSAS girafas que NUNCA estão contentes se não houver alguém a admirar-lhes os elegantes pescoços.

— Quer um disquete com os e-mails dela? — perguntou Guido, percebendo que Justin naquele momento não aguentava mais.

— Seria ótimo, — disse Justin delicadamente. — E também quero que faça cópias de seus trabalhos para que eu possa ler à vontade e escrever sobre eles: ensaios, trabalhos para a escola, tudo o que gostaria de mostrar a Tessa.

Feitos os discos, Guido ligou o modem e viram uma bela manada de gazelas em pleno galope antes de a tela ficar escuro. Quando Guido tentou voltar ao teclado, foi obrigado a dizer numa voz de gemido que seu hard disc tinha sido apagado tal como o de Tessa, mas sem aquela mensagem imbecil sobre experiências clínicas e toxicidade.

— Ela não mandou nada para você guardar? — perguntou Justin sentindo-se como se falasse com um funcionário da alfândega.

Guido abanou a cabeça.

— Nada que para passar a alguém, ela não se serviu de você como caixa de correio ou coisa parecida?

Mais acenos negativos.

— Então que material você perdeu de importante?

— Só as últimas mensagens dela, — sussurrou Guido.

— Já somos dois, — Ou três, pensou Justin, se incluirmos Ham. — Portanto, se eu posso suportar essa perda, você também pode. Porque eu é que era casado com ela. Não é verdade? Talvez houvesse um vírus na máquina dela que infectasse a sua. É possível, isso? Ela apanhou qualquer coisa e passou-a a você, sem querer. Não é? Não sei por que falo nisto, estou só imaginando. A verdade é que nunca saberemos. De maneira que o melhor será dizer “que azar!” e continuarmos com as nossas vidas. Tanto eu como você. Não é? E peça o que precisar para ficar bom outra vez. Vou dizer ao escritório de Milão que façam tudo o que você pedir.

Com a esperança razoável de que Guido tivesse recuperado, Justin despediu-se. Quer dizer, guiou pela encosta abaixo até a casa, arrumou o jipe no pátio no lugar onde o encontrara, foi buscar o computador dela ao lagar e levou-o até a beira-mar. Em vários cursos, tinham-lhe dito que há especialistas que conseguem recuperar o que está escrito em discos duros supostamente

apagados, Mas esses especialistas estão no lado oficial da vida, lado a que ele já não pertencia. Ainda pensou em contatar Rob e Lesley e pedir-lhes ajuda, mas não queria causar-lhes problemas. Além disso, para ser honesto, havia qualquer coisa de infectado, no computador de Tessa, qualquer coisa de obscuro de que queria livrar-se, no sentido físico do termo.

À luz de uma lua meio escondida, avançou pelo velho pontão de madeira, passando por uma tabuleta um tanto histérica que avisava quem passasse mais além o fazia a seu próprio risco. Chegando ao fim do pontão, atirou o computador violado para as profundezas antes de voltar para o lugar onde, até o nascer do sol, escreveu o que o coração lhe ditava.

Querido Ham

Aqui vai o que eu penso ser a primeira de uma longa série de cartas para a tua querida tia. Não quero parecer mórbido, mas se eu vier a ser atropelado por um ônibus, gostaria que fizesses o favor de entregares pessoalmente todos os documentos ao mais obstinado e temerário membro da tua profissão e pagar-lhe o que ele pedir para ele começar a mexer no caso. Desta maneira, ambos estaremos a dar a Tessa uma grande alegria.

Como sempre, Justin

Capítulo 15

até o início da noite, quando o uísque começou a levar a melhor, Sandy Woodrow tinha permanecido firme no seu posto da Alta Comissão, redigindo, corrigindo e afinando a sua intervenção do dia seguinte na reunião da Chancelaria; passando, na sua mente de funcionário, essa prosa para o escalão superior da hierarquia fazendo-a regressar ao escalão de baixo, o qual como um contrapeso o arrastava sem aviso por entre uma multidão de espíritos acusadores, obrigando-o a gritar mais alto do que eles: vocês não existem, são uma série de episódios soltos; não estão de forma alguma ligados à abrupta partida de Peter Coleridge para Londres com mulher e filha com o discutível pretexto de que, sob a pressão do momento, tinham decidido tirar uma licença e procurar uma escola especial para Rosie.

E por vezes os seus pensamentos tinham seguido livremente o seu próprio curso, para irem discutir assuntos tão controversos como divórcio por acordo mútuo e se Ghita Pearson ou a nova rapariga da Seção Comercial, Tara Qualquer Coisa, seriam parceiras convenientes para uma nova vida e qual delas os filhos iriam preferir. Ou se, no fim de contas, não seria melhor deixar a sua vida de lobo-solitário sempre a sonhar com aventuras não vivendo nenhuma, vendo o sonho fugir para cada vez mais longe. Contudo, ao voltar para casa, com as portas do carro trancadas e os vidros subidos, via-se a si mesmo como o leal ganha-pão da sua família — pois sim, discretamente aberto a sugestões, mas que homem não o seria? — mas, em última análise, o mesmo ativo filho-de-soldado, decente, digno de confiança, aquele por quem Gloria se tinha perdidamente apaixonado há tantos anos. Quando entrou em casa, ficou por isso surpreendido, para não dizer magoado, ao descobrir que Gloria não tinha telepaticamente adivinhado as suas boas intenções nem tinha ficado à sua espera, mas que o obrigava a ir ao frigorífico à procura de comida. Que diabo, eu sou o Alto—

Comissário em exercício. Tenho direito a um mínimo de respeito mesmo na minha casa.

— Alguma novidade no noticiário? — gritou ele, pateticamente, comendo o seu rosbife frio numa triste solidão.

O tecto da casa de jantar, uma fina placa de betão, era o chão do quarto deles, — Não ouviram as notícias lá na embaixada? — gritou Gloria, por sua vez.

— Nós não passamos o dia a ouvir a rádio, se é isso que queres dizer, — respondeu Woodrow, sugerindo que era isso que Gloria fazia. E ficou à espera, com o garfo a meio caminho da boca.

— Mataram mais dois lavradores brancos no Zimbábue, se é que isso é notícia, — anunciou Gloria, depois de uma aparente interrupção nas comunicações.

— Já ouvimos essa notícia muita vez. E o Pellegrin chateou-nos de Londres, durante todo o dia. Porque é que não convencemos Moi a pôr travões ao Mugabe? Pela mesma razão por que não podemos convencer Moi a pôr travões a Moi, é a resposta a essa pergunta. — Ficou à espera de um — Pobre querido! — mas tudo o que veio foi um silêncio.

— Mais nada? — perguntou ele. — Nas notícias. Mais nada?

— O que é que podia ser?

Raios partam a mulher, apanhou-se ele a pensar enquanto se servia de mais um copo de clarete. Não costumava ser assim. Desde que o seu amado viúvo se escapara para Inglaterra, Gloria andava a suspirar pela casa, como uma vaca doente. Não quer beber comigo, nem comer comigo, nem olhar-me nos olhos. E também não quer a outra coisa, embora isso nunca tivesse sido uma prioridade para ela. E já nem se dá ao trabalho de se maquilhar.

Em todo o caso, ainda bem que ela não ouvira nenhuma notícia. Ao menos ele sabia uma coisa que ela não sabia por enquanto. Não é frequente Londres ter uma história escaldante a divulgar sem que um idiota qualquer do Departamento de Informação vá espalhar tudo antes do prazo fixado. Se pudessem

estar calados até amanhã de manhã, tinha aquilo que tanto pedira a Pellegrin.

— É uma questão moral, Bernard, — tinha-o avisado no seu tom mais militar. — Há aqui muita gente que vai receber a notícia muito mal. Sou eu que quero dar-lhes essa notícia. Especialmente com Porter em Londres.

Era sempre bom lembrar-lhes que era ele que tinha a responsabilidade. Firmeza e inflexibilidade é o que eles procuram para as chefias. É melhor não insistir pesadamente, mas deixar Londres verificar por si própria como as coisas correm bem em Nairobi quando Porter não anda por lá a sofrer agonias por cada vírgula.

Muito cansativa esta espera, esta indecisão, se calhar é o que está a deitar Gloria abaixo. Lá está a Residência do Alto Comissário a umas centenas de metros mais acima, com todo o pessoal às ordens, o Daimler na garagem mas sem bandeira no mastro. O nosso Alto Comissário Porter Coleridge está ausente. E sou eu, pobrezinho, a fazer o trabalho dele (aliás bem melhor), esperando dia e noite a notícia de que, já que calcei os seus sapatos, posso finalmente usá-los não como substituto mas sim COMO o seu sucessor oficial, formal e plenamente credenciado com os engodos correspondentes — a saber, a Residência, o Daimler, o gabinete pessoal, Mildren, trinta e cinco mil libras extra para despesas e vários passos mais próximo do título de sir.

Mas havia um óbice. O Ministério tinha uma relutância tradicional em promover um funcionário *en poste*. Preferiam trazê-lo para casa e enfiá-lo num novo posto. Havia exceções, claro, mas tão poucas...

Os pensamentos levaram-no de novo para Gloria. Lady Woodrow: isso punha-a como nova. Insatisfeita, é o que ela é. Para não dizer ociosa. Devia ter-lhe feito mais uns filhos para a manter ocupada. Bom, ociosa é que ela não ficaria com certeza se se instalassem na Residência. Uma noite livre por semana, se tiver sorte. E anda tão conflituosa. Grande briga com Juma na semana

passada por qualquer coisa de perfeitamente trivial, tal como limpar a cave a fundo. E na segunda-feira, embora ele nem sonhasse que isso podia acontecer, arranjou uma bronca qualquer com a super-cabra Elena, desconhecendo-se o *casus belli*.

— Não era hora de convidarmos os Els para jantar, querida? — tinha ele sugerido cavalheirescamente. — Há muito tempo que não somos nós remando o barco.

— Se os quiseres ter, convida-os tu, — tinha Gloria respondido friamente e ele, portanto, não o tinha feito.

Mas depois arrependeu-se. Gloria sem uma amiga era como um motor com falhas. O fato — extraordinário — de que ela tivesse feito uma espécie de trégua com a Ghita Pearson-olhos-de-gazela não o consolava nada. Ainda há poucos meses Gloria tinha classificado Ghita como “nem carne nem peixe”, — Não suporto dar-me com filha de brâmanes educada na Inglaterra que fala como nós e se veste como um derviche, — tinha ela dito a Elena de forma que o marido ouvisse. — E aquela rapariga, a Tessa Quayle, está a exercer nela uma má influência. — Pois agora Tessa estava morta e Elena tinha sido mandada para Coventry. E Ghita, a tal que se vestia como um derviche, tinha sido designada para levar Gloria a uma visita às barracas de Kibera, com a intenção declarada de lhe encontrar um trabalho voluntário numa das agências de auxílio. Isto, ainda por cima, numa altura em que o comportamento de Ghita estava a causar a Woodrow as maiores preocupações.

Primeiro, tinha sido a atitude dela durante o funeral. É verdade que não havia regras protocolares para um funeral. No entanto, Woodrow tinha considerado a sua conduta pouco controlada. Tinha havido um período a que ele chamaria de luto agressivo durante o qual ela rondou pela Chancelaria como uma alma penada, recusando-se a olhar para ela, embora ele no passado a tivesse considerado, digamos, como uma candidata. E na sexta-feira, sem a mínima explicação, tinha pedido um dia de folga ainda que, como membro recém-chegado à Chancelaria, ainda não tivesse, tecnicamente, direito a isso. Mas ele, por pura bondade, dissera: —

Muito bem, Ghita, acho que sim, mas não desperdice a folga. — Nada de insultuoso, uma gracinha inocente entre um homem casado e mais velho e uma rapariga solteira e bonita, Mas se o olhar dela pudesse matar, ele teria caído redondo aos seus pés.

E que tinha ela feito com a folga que ele lhe tinha dado? Tinha voado para o raio do lago Turkana num avião fretado, com uma dúzia de outros membros femininos dum autoconstituído clube de apoiantes de Tessa Quayle e tinham colocado uma coroa de flores no local onde Tessa e Noah tinham sido assassinados! A primeira notícia que Woodrow teve disto foi ao pequeno-almoço de segunda-feira, quando abriu o Nairobi News e viu a fotografia dela bem no centro entre duas enormes mulheres africanas que ele se lembrava vagamente de ter visto no enterro.

— Pois bem, Ghita Pearson, digo-te que foste apanhada — tinha ele rosnado empurrando o jornal para Gloria. — Por amor de Deus, já é altura de enterrar os mortos, não de os desenterrar de dez em dez minutos. Eu sempre disse que ela tinha uma fixação em Justin.

— Se nós não tivéssemos tido aqui o Embaixador de Itália, eu também tinha ido com elas, — replicou Gloria, numa voz a escorrer censura.

A luz do quarto estava apagada. Gloria fingia que já estava a dormir.

— Então sentemo-nos, minhas senhoras e meus senhores.

Um berbequim zunia no andar de cima. Woodrow mandou Mildren fazer calar o importuno enquanto ele próprio se ocupava ostensivamente da sua papelada. O barulho parou. Sem pressas, Woodrow levantou os olhos para ver que estavam todos, incluindo um ofegante Mildren. Excepcionalmente, Tim Donohue e a sua assistente Sheila tinham sido convocados. Não havendo as reuniões do Alto Comissário para Juntar todo o pessoal diplomático, Woodrow insistia num plenário. Por isso também estavam presentes os Adidos da Defesa e da Imprensa, bem como Barney Long, da Seção Comercial, Mais a pobre Sally Aitken completa, com gaguez e rubores, em representação da Agricultura e Pescas. Ghita,

reparou ele, estava no seu canto habitual onde, desde a morte de Tessa, fazia o possível para se tornar invisível. Para irritação dele, Ghita continuava a usar o lenço preto à volta do pescoço, lenço que fazia lembrar a ligadura suja no pescoço de Tessa. Os seus olhares oblíquos seriam de desafio ou de desdém? Com belezas euroasiáticas ninguém pode saber.

— Receio que seja uma história um pouco triste. — Barney, não se importa de tratar da porta, como dizemos na América? Não é preciso desmontá-la, basta trancá-la.

Risos — mas inquietos.

Foi direito ao assunto, tal como tinha planejado. Estilo “o touro pelos cornos” — “Somos todos profissionais” — “cirurgia indispensável”. Mas também uma conduta tacitamente corajosa, estando apenas em exercício das funções de Alto Comissário: arruma primeiro os papéis, bate-lhes com a cabeça do lápis e endireita os ombros antes de falar às tropas.

— Há duas coisas que eu tenho de lhes dizer esta manhã. A primeira ficará em segredo até a ouvirem nos noticiários, ingleses ou quenianos, quem as disser primeiro. Às doze horas de hoje, a polícia queniana vai emitir um mandato de prisão contra o Dr. Arnold Bluhm pelo assassinato de Tessa Quayle e do motorista Noah. Os quenianos já falaram com os belgas e os patrões de Bluhm. serão informados a tempo. Nós estamos metidos nisto devido ao envolvimento da Scotland Yard que deverá passar os seus elementos à Interpol.

Mal se ouve o ranger de uma cadeira após aquela bomba. Nenhum protesto, nenhum ruído de espanto. Apenas os enigmáticos olhos de Ghita agora fixos nele, fosse com ódio ou com admiração.

— Eu sei que isto é um choque terrível, sobretudo para aqueles que conheciam Arnold e gostavam dele. Se quiserem informar os seus cônjuges, podem fazê-lo se assim o entenderem. — Uma rápida imagem de Gloria, que até a morte de Tessa tinha considerado Bluhm um gigolô, mas que agora se mostrava misteriosamente preocupada com o seu destino. — Não pretendo

estar muito satisfeito com a notícia — confessou Woodrow, agindo como mestre consumado do subentendido. — Haverá, sem dúvida, as habituais especulações da imprensa. As relações Tessa-Bluhm vão ser escalpelizadas ad Infinitum. E se alguma vez ele for apanhado, terá um julgamento escandaloso. Do ponto de vista desta Missão, as notícias dificilmente poderiam ser piores. Nesta altura não possuo qualquer informação sobre as provas contra ele. Dizem-me que são conclusivas, mas é o que diriam sempre, não é verdade? — A mesma nota de amargura por baixo do humor. — Perguntas?

Aparentemente não havia. A notícia parecia ter deixado imóveis o banco de cada um dos presentes, Mesmo Mildren, que sabia de tudo desde a noite passada, não achou nada de melhor para fazer do que coçar o nariz.

— A segunda notícia tem relação com a primeira mas é muito mais delicada. Os nossos parceiros não devem ser informados sem minha prévia autorização.

Os outros funcionários serão seletivamente informados, numa base estritamente controlada. Por mim próprio ou pelo Alto Comissário quando voltar. Não por vocês, por favor. Fiz-me entender?

Efetivamente. Houve acenos de cabeça desta vez, não só olhares de vaca. Todos tinham os olhos fixos nele e Ghita nunca tinha desviado os seus, meu Deus, supondo que ela se apaixonava por mim? Como é que eu me vou livrar disso? Continuou a seguir o fio dos seus pensamentos. Claro!Aí está porque ela anda a fazer-se com Gloria! Primeiro andou atrás do Justin, agora sou eu! Ghita é uma caçadora de casais, não para enquanto não embarca também a mulher! Recompôs-se e retomou o seu ar de locutor.

— Lamento imenso dizer-lhes que o nosso antigo colega Justin Quayle anda fugido. Talvez saibam que ele recusou todos os apoios que lhe tínhamos preparado em Londres, dizendo que preferia ser ele a remar a sua piroga e coisas assim. Teve uma reunião com o diretor do Pessoal assim que chegou, teve um almoço com Pellegrin

nesse mesmo dia. Ambos o descrevem como destroçado, sombrio e hostil, coitado. Foi-lhe oferecido descanso e aconselhamento, recusou tanto uma coisa como outra. Entretanto abandonou o barco.

Agora era Donohue que Woodrow estava discretamente a favorecer, não Ghita. O olhar de Woodrow, evidentemente, não se fixava em ninguém. Oscilava ostensivamente entre o infinito e os seus papéis. Mas na realidade focava-se em Donohue, convencido como estava que, mais uma vez, Donohue e a sua Sheila, a magrizela, tinham tido prévio conhecimento da deserção de Justin.

— No próprio dia da sua chegada a Inglaterra, mais precisamente nessa mesma noite, Justin mandou ao diretor do Pessoal uma carta habilidosa avisando-o de que precisava de uma licença para resolver os assuntos de sua mulher. Serviu-se do correio normal, o que lhe permitiu três dias de avanço para desaparecer. Na altura em que o Pessoal resolveu controlá-lo — para seu próprio bem, devo acrescentar — já ele tinha desaparecido de todos os ecrãs. Há indícios que ele se deu a muito trabalho para ocultar os seus movimentos. Puderam-lhe seguir a pista até a Ilha de Elba, onde Tessa tem propriedades, mas quando o Ministério teve essa informação já ele tinha desaparecido. Não se sabe para onde, mas há umas ideias. Justin, evidentemente, não fez nenhum pedido formal de licença e o Ministério ficou sem saber que fazer para o ajudar a voltar para o seu lugar — encontrar-lhe um nicho onde ele pudesse curar as suas feridas durante um ou dois anos. — Encolheu os ombros, sugerindo que já não há gratidão neste mundo. — Seja lá o que for que ele está a fazer, está a fazê-lo sozinho. E não está certamente a fazê-lo em nosso proveito.

Lançou um olhar sombrio sobre a assistência e voltou às suas notas.

— Há aqui um aspecto de segurança que obviamente não posso discutir com vocês, e por isso o Ministério está especialmente interessado onde é que ele irá aparecer um destes dias. Têm uma natural preocupação com ele, que nós todos partilhamos. Enquanto aqui esteve sempre mostrou um grande autodomínio, mas agora

parece tê-lo perdido completamente. — Estava a chegar à parte difícil mas eles estavam bem preparados para isso. — Temos várias hipóteses pensadas pelos nossos analistas e nenhuma delas, lamento dizê-lo, é agradável do nosso ponto de vista.

O filho do general prosseguiu valentemente.

— Uma das hipóteses, segundo aqueles sábios que estudam as entranhas destes casos, é que Justin está numa fase de negação, isto é, recusa-se a aceitar que a mulher tenha morrido e anda à sua procura. Isto é muito penoso mas temos que admitir que esta será a lógica duma mente temporariamente afectada. A nossa esperança é que seja temporariamente. Outra hipótese, possível mas improvável é que esteja à procura duma vingança na pessoa de Bluhm. Parece que Pellegrin, com a melhor das intenções, terá deixado entender que Bluhm é suspeito do assassinato de Tessa. Talvez Justin tenha agarrado essa bola e começado a correr com ela. É triste. É mesmo muito triste.

Por um momento, numa visão flutuante de si mesmo, Woodrow tornou-se a personificação dessa tristeza. Era o rosto decente de um membro preocupado do Serviço Público inglês. Era o Juiz Romano, lento a julgar, mais lento a condenar. Era um homem do seu mundo, sem medo de tomar decisões duras, decidido a seguir os seus melhores instintos. Encorajado pela excelência da sua atuação, sentiu-se livre de improvisar.

— Parece que as pessoas no estado em que Justin se encontra seguem um plano de que elas próprias não têm consciência. Vão em piloto automático, à espera de uma desculpa para fazerem aquilo que inconscientemente já tinham planejado fazer. Um pouco como os suicidas. Alguém diz alguma piada e — pum! dão ao gatilho.

Estaria a falar demais? De menos? Estaria a afastar-se do ponto importante? Ghita olhava-o como uma sibila zangada e havia qualquer coisa no fundo do olhar amarelento de Donohue que Woodrow não compreendia. Desprezo? Fúria? Ou apenas aquele ar

permanente de quem tem outro objetivo, de ter vindo de um lugar diferente e de estar prestes a voltar para lá?

— Mas receio que a teoria mais plausível sobre o que se está a passar neste momento na cabeça de Justin, aquela que melhor se ajusta aos fatos conhecidos e é defendida pelos psiquiatras do Ministério, é que Justin se julga vítima de uma conspiração, o que pode vir a ser grave. Quem não aceita a realidade, começa a sonhar com conspirações. Quem não aceita que a mãe morreu de câncer, acusa o médico que a tratou. E o cirurgião. E o anestesista. E as enfermeiras. Todos feitos uns com os outros, evidentemente. E conspirando colectivamente para a liquidarem. Parece ser exatamente isto o que Justin diz a si mesmo a propósito de Tessa. Ela não terá sido apenas violada e assassinada. Tessa foi vítima de uma intriga internacional. Não morreu por ser jovem e atraente e ter tido um azar dos diabos, mas porque eles a queriam morta. Sejam eles quem forem... Receio que vocês também estejam metidos na conspiração. Ou o merceeiro ou a senhora do Exército de Salvação que tocou à campainha e lhe impingiu um exemplar da sua Revista. Todos estão metidos naquilo. Todos conspiraram para matar Tessa.

Alguns risinhos embaraçados. Teria falado demais, ou eles estavam a fazer troça? Seja mais duro. Estás muito afável.

— No caso de Justin, eles podem ser os rapazes de Moi ou os Grandes Negócios ou o nosso Ministério e todos os que aqui estamos. Somos todos seus inimigos. Todos conspiradores. E Justin é a única pessoa que sabe quem eles são, isso faz parte da sua paranoia. A vítima, aos olhos de Justin, não é Tessa mas ele próprio. No caso de Justin, os seus inimigos dependem de quem acabou de lhe falar, dos livros e jornais que leu recentemente, dos filmes que viu ou como está o biograma do dia. Além disso, disseram-me que Justin anda a beber de mais, o que acho que não acontecia quando aqui estava. Pellegrin diz que o almoço dos dois no clube lhe custou o vencimento de um mês.

Outra risadinha nervosa, partilhada por quase toda a gente, excepto Ghita. Continuou o seu percurso, admirando a sua própria

patinagem, as figuras que desenha no gelo, as voltas, as derrapagens controladas. Esta é a parte de mim que você mais detesta diz ele a Tessa, ofegante, voltando para ela depois de uma pirueta. Essa é a voz que arruinou a Inglaterra, diz ela risonha enquanto dançamos. Essa é a voz que afundou milhares de navios e todos eram nossos. Muito engraçado. Olha, menina, presta agora atenção à tal voz. Ouve a habilidosa destruição da reputação do teu falecido marido, obra de Pellegrin e dos meus cinco anos de prática no Serviço de Informações do Ministério.

Uma náusea assaltou-o e por um momento, odiou as facetas desagradáveis da sua natureza paradoxal. A náusea podia tê-lo feito abandonar a sala de reuniões sob um pretexto qualquer, um telefonema urgente ou uma necessidade natural, só para se afastar de si mesmo, ou dirigir-se à sua própria secretária, pegar numa folha de papel timbrado oficial e preencher o vazio que sentia, com solenes declarações de amor pátrio e promessas de incansável dedicação. Quem me fez isso? Pensou ele enquanto continuava a falar. Quem me fez tal como sou? A Inglaterra? O meu Pai? As escolas que frequentei? A minha patética e aterrorizada mãe? Ou dezassete anos a mentir pela pátria? — Chegamos a uma idade, Sandy — continuou Tessa — em que a nossa infância já não serve de desculpa. O problema no seu caso é que a sua idade está perto dos noventa e cinco. Continuou. Sentia-se de novo brilhante.

— Com que conspiração, precisamente, sonhava Justin, e como é que nós entramos nela, nós, aqui na Alta Comissão, se estamos conluiados com a Maçonaria, ou os jesuítas ou o Klu-Klu-Klan ou o Banco Mundial, receio não poder esclarecê-los. O que lhes posso dizer é que ele anda por aí. já fez algumas insinuações graves, continua muito plausível, muito convincente — sempre o foi, não é verdade? — e é perfeitamente possível que amanhã ou de aqui a três meses, ele venha até nós. — Endireitou-se de novo. — Caso em que todos vós, colectiva e individualmente, ficam instruídos (e isto não é um pedido, lamento, Ghita, mas uma ordem) de que, quaisquer que sejam os seus sentimentos pessoais em relação a

ele (e acreditem que o considero uma pessoa ótima e generosa, como todos vós), isto é uma ordem para que, se ele vos contatar, seja a que horas for, de dia ou de noite, me informem imediatamente. Ou Porter, se ele já tiver voltado. — E olhando Mildren de relance. — Ou Mike Mildren,

— Esteve quase a dizer Mildren. — Ou, durante a noite, o Oficial de Serviço na Alta Comissão. Imediatamente. Digam-nos a nós antes que a imprensa, ou a polícia ou seja quem for o apanhe.

Os olhos de Ghita, furtivamente observados, pareciam mais escuros e langorosos do que nunca, os de Donohue mais olheirentos. Os de Sheila, a escanzelada, estavam duros como diamantes. — Para facilidade de referência, e por razões de segurança, Londres deu a Justin o nome de código de Holandês. Como em “Holandês Voador”. Se por qualquer razão ele cruzar o seu caminho — Isto é uma hipótese remota mas não nos podemos esquecer que estamos a falar de um homem profundamente perturbado, com imenso dinheiro ao seu dispor — se ele cruzar o seu caminho, direta ou indiretamente ou só por ouvirem dizer ou ainda se já o fez, então para seu e nosso bem agarrem no telefone, estejam onde estiverem e digam: — É acerca do Holandês, ele está a fazer isto ou aquilo, recebi uma carta do Holandês, acabou de telefonar ou de mandar um fax, está aqui sentado à minha frente. — Estamos perfeitamente entendidos? Perguntas? Diga, Barney.

— Falou em “insinuações graves”. Sobre quem? Insinuou o quê?

Era uma zona perigosa. Woodrow tinha discutido longamente o caso com Pellegrin pelo telefone secreto de Porter Coleridge. — As insinuações não são muito claras. Parece estar obcecado com assuntos farmacêuticos. Tanto quanto podemos supor, Justin está convencido de que os fabricantes de um determinado medicamento, e os seus inventores, são os responsáveis pela morte de Tessa.

— Ele pensa que ela não foi degolada — volta Barney, repugnado. — Ele viu o corpo!

— Receio que o caso do medicamento date da infeliz passagem de Tessa pelo hospital daqui. Terá sido o medicamento que lhe

matou o filho. Foi esse o primeiro golpe dos conspiradores. Tessa queixou-se aos fabricantes e eles mataram-na também.

— Ele é perigoso? — É Sheila, do Donohue, quem fez a pergunta, possivelmente para mostrar aos presentes que não tem nenhuma informação privilegiada.

— Pode ser perigoso. É o que Londres pensa. O seu alvo principal é a empresa farmacêutica que fabricou o produto. Depois, os cientistas que o inventaram.

Depois, os tipos que o divulgam, o que quer dizer aqui em Nairobi, a empresa que o importa ou seja a Casa das Três Abelhas, o que nos obriga a avisá-los.

Donohue nem pestanejou. — E deixem-me dizer-vos que estamos a lidar com um diplomata inglês, sério e bem-comportado. Não esperem que vos apareça um lunático com cinza na cabeça e suspensórios amarelos a deitar espuma pela boca. Justin, por fora, continua a ser o tipo porreiro que nós conhecemos e amamos. Suave, bem vestido, com bom aspecto e terrivelmente bem educado. Até que desate a gritar que uma conspiração em escala mundial lhe matou o filho e a mulher. — Pausa. Uma nota pessoal. Tantos recursos tem um homem!

— É trágico. Pior que trágico. Penso que todos nós que estávamos próximos dele, sentimos isso. Mas é exatamente essa a razão por que tenho que fazer este aviso. Nada de sentimentos, por favor. Se o Holandês vos aparecer, temos que o saber imediatamente, Está bem? Muito obrigado. Algum outro assunto, já que aqui estamos? Faça favor, Ghita.

Se Woodrow tinha dificuldades em decifrar os sentimentos de Ghita, estava no entanto mais perto do seu estado de espírito do que imaginava. Ela levantou-se enquanto todos continuavam sentados, incluindo Woodrow. Ela sabia-o bem, levantava-se para que todos a vissem. Mas estava levantada porque nunca na vida tinha ouvido tantas mentiras maldosas e porque o seu primeiro impulso foi não continuar sentada. E assim levantara-se como protesto, ultrajada, preparando-se para chamar mentiroso a

Woodrow na própria cara e porque na sua vida, breve mas agitada, nunca encontrara ninguém melhor do que Tessa, Arnold e Justin.

Disso Ghita estava certa. Mas quando olhou através da sala — e sobre as cabeças do Adido Militar, do Adido Comercial e de Mildren, todos virados para ela — para os olhos mentirosos e insinuantes de Sandy Woodrow, ela percebeu que tinha de encontrar um caminho diferente.

O caminho de Tessa, Não por cobardia, mas por tática.

Chamar-lhe mentiroso na cara seria ganhar um minuto de duvidosa Gloria, a que se seguiria um pesado silêncio e um despedimento garantido. E o que é que ela poderia provar? Nada. As mentiras dele não eram puras invenções. Eram brilhantes distorções que transformavam fatos em aberrações, mas verossímeis o bastante.

— Sim, querida?...

Woodrow tinha a cabeça para trás, as sobrancelhas arqueadas e a boca semiaberta como um regente de coro, como se estivesse pronto a cantar com ela. Ghita desviou rapidamente os olhos. O rosto do velho Donohue só tem rugas a puxar para baixo, pensou ela. A irmã Marie, lá no convento, tinha um cão parecido com ele. As bochechas de um cão chamam-se babines, explicara-me Justin. Estive jogando badminton com Sheila a noite passada e ela também está olhando para mim. Para seu próprio espanto, Ghita viu-se a dirigir-se ao coletivo.

— Talvez não seja uma boa ocasião para sugerir isto, Sandy. Talvez eu devesse deixar passar alguns dias, — começou. — Com tantas coisas que estão acontecendo.

— Deixar passar o que, Ghita? Não nos ponha nervosos.

— Temos um inquérito em curso através do Programa Alimentar Mundial, Sandy. E eles estão fazendo muito barulho para que nós mandemos um representante para acompanhar a próxima reunião sobre Sustentabilidade do Consumidor.

Era mentira. Uma mentira aceitável e eficaz. Por um milagre de ilusionismo, Ghita tinha desenterrado da sua memória um convite

antigo e tinha-o reformulado de modo a parecer um pedido insistente. Se Woodrow tivesse querido ver o dossier, ela não tinha a mínima ideia do que faria. Mas não pediu.

— O quê do Consumidor, Ghita? — perguntou Woodrow, por entre risos abafados.

— Também é conhecido por Continuidade do Auxílio, Sandy — replicou Ghita severamente, recorrendo a outro termo do jargão humanitário. — Como é que uma comunidade que recebeu um substancial auxílio alimentar e noções de saúde poderá aguentar-se sozinha quando as agências se retirarem? É esse o tema. Que precauções devem ser tomadas pelos doadores para que as medidas logísticas continuem funcionais e não haja consequências perversas? É um assunto que suscita grandes discussões.

— Bom, isso parece bastante razoável. Quanto tempo é que dura esse festival?

— Três dias completos, Sandy. Terça, quarta e quinta com hipóteses de prolongamento. Mas o nosso problema é que, depois de Justin se ter ido embora, já não temos nenhum representante junto deles.

— Está então a pensar em ir em lugar dele, — cortou Woodrow com um risinho de quem conhece os truques das mulheres bonitas. — Onde é que vai ser, Ghita? Na Cidade do Pecado? — Era a alcunha do complexo das Nações Unidas.

— Na realidade, é em Lokichoggio, Sandy, — disse Ghita.

Querida Ghita.

Não tive ocasião para lhe dizer quanto Tessa a amava e recordava o tempo que tinham passado juntas. Mas acho que já o sabe. Muito obrigado por todas as coisas que lhe deu.

Tenho um pedido a fazer-lhe mas é apenas um pedido e não deixe que ele a perturbe, a não ser que seja esse o seu desejo. Se porventura, no decurso das suas viagens, acontecer ir a Lokichoggio, faça o favor de entrar em contato com uma sudanesa chamada Sara que era amiga de Tessa. Ela fala inglês e foi uma espécie de empregada de uma família inglesa durante o mandato

britânico. Talvez ela possa lançar alguma luz sobre o que na verdade levou Tessa e Arnold a irem a Lokz*. É só um pressentimento mas parece-me, agora que penso nisso, que eles partiram para lá com uma excitação muito maior do que seria justificada por um simples curso de consciência de sexo para mulheres sudanesas! Se isso está certo, a Sara sabe a verdade.

Tessa mal dormiu na noite anterior à partida e estava excepcionalmente efusiva, mesmo para Tessa, quando dissemos adeus um ao outro — aquilo a que Ovídio chama “o último adeus” embora presumo que nenhum de nós tivesse consciência disso. Aqui vai uma morada em Itália para onde me pode escrever, se tiver ocasião. Mas, por favor, não se meta em sarilhos. Mais uma vez muito obrigado.

Com muita amizade, Justin
Não “Holandês”. Justin.

Capítulo 16

Justin chegou à cidadezinha de Bielefeld, perto de Hanover depois de dois fatigantes dias de comboio. Com o nome de Atkinson tinha-se registrado num hotel modesto em frente da estação, fizera um primeiro reconhecimento da cidade e comera uma refeição desinteressante. Depois foi à procura da morada que queria. É o que os espiões fazem constantemente, pensou, enquanto se aproximava de uma casa de esquina, completamente às escuras. São estas as precauções que eles aprendem no berço. Assim é que eles atravessam uma rua escura, vigiam as portas, viram uma esquina. Estarão à minha espera? Já os vi antes em qualquer lugar? Mas assim que pôs a carta na caixa do correio, o seu bom senso dominou-o: esquece os espiões, idiota, podias ter vindo de táxi. E agora, à luz do dia, à medida que avançava pela segunda vez em direção à tal casa da esquina, castigava-se a si mesmo com medos vários: estarão a observar-me? Terão me visto ontem à noite? Estão pensando em me prender assim que eu bater à porta? Terá alguém telefonado para o Telegraph e descoberto que eu não existo?

No comboio tinha dormido muito pouco e nada na noite passada no hotel, Viajava agora sem papéis volumosos, sem malas de lona, sem computadores portáteis nem quaisquer ligações. Tudo o que interessava conservar tinha ido para Milão, para a draconiana tia de Ham. O que não tinha ido estava a vinte metros de fundo no leito do Mediterrâneo. Libertado da sua carga, Justin movia-se com uma ligeireza simbólica. Uma luz iluminava-lhe o fundo do olhar. E ele sentia-a. Estava compensado pelo fato de a causa de Tessa ser, a partir de agora, a sua própria causa.

A casa da esquina era um castelinho alemão com cinco andares, torres e tudo. O rés-do-chão estava pintado com umas largas riscas entrecruzadas que à luz do dia se revelavam como sendo cor-de-laranja e verde-papagaio. A noite passada, à luz dos candeeiros de sódio, tinham-lhe parecido chamas pretas e brancas. Num dos

andares superiores um mural com crianças de várias raças parecia rir-se para ele, recordando-lhe as sorridentes crianças do computador de Tessa. As suas réplicas ao vivo eram vistas através duma janela do rés-do-chão sentadas à roda de uma professora muito atarefada. Uma instalação na montra ao lado mostrava como o chocolate crescia, e exibia fotografias já encaracoladas de grãos de cacau.

Fingindo-se desinteressado, Justin passou em frente do edifício, mas voltou bruscamente para a esquerda e continuou calmamente estudando as placas dos residentes, médicos ou psicólogos. Num país civilizado nunca se sabe. Um carro de polícia passou na rua, com os pneus a chiarem no pavimento molhado. Os seus ocupantes, um dos quais uma mulher, olharam-no sem qualquer expressão. Do outro lado da rua, dois homens de gabardines pretas e chapéus de abas reviradas pareciam estar à espera dum enterro. A janela atrás deles tinha as cortinas fechadas. Três mulheres de bicicleta desceram a rua. Grafitis na parede defendiam a causa palestiniana. Voltou ao castelo e parou em frente da porta que tinha pintado um hipopótamo verde. Um outro, menor, indicava a campainha. Uma varanda envidraçada, como a proa dum barco, espreitava-o de cima. Era ali que ele tinha parado na noite anterior para meter a carta na caixa. Quem teria então olhado para ele? A professora atarefada fez-lhe um sinal para ele se servir de outra porta, mas ela estava trancada. Justin fez para a professora uma mímica de impotência.

— Deviam tê-la deixado aberta, — murmurou ela, inquieta, enquanto corria o ferrolho e puxava a porta para trás.

Justin pediu desculpa e avançou por entre as crianças dizendo “gruss Dich” e “guten Tag” mas a sua desconfiança punha limites à sua outrora infinita cortesia. Subiu uns degraus onde havia bicicletas e um carrinho de bebé e entrou num átrio que lhe pareceu reduzido às necessidades mais sumárias: um bebedouro, uma fotocopiadora, prateleiras vazias, muitos livros de referência e caixas de cartão empilhadas no sobrado. Através duma porta entreviu uma mulher

jovem, com óculos de tartaruga e uma camisola de gola alta sentada a um computador.

— Chamo-me Atkinson — disse-lhe ele em inglês. — Peter Atkinson. Tenho uma entrevista com Birgit, da organização Hippo.

— Porque não telefonou?

— Cheguei ontem à noite já muito tarde. Pareceu-me melhor deixar-lhe uma carta. Ela pode falar-me.

— Não sei, Pergunte-lhe.

Seguiu-a ao longo dum corredor até uma porta dupla. Ela abriu uma delas,

— Está aqui o teu Jornalista, — anunciou ela em alemão como se jornalista fosse sinónimo de amante clandestino e voltou para o seu posto.

Birgit era pequena e viva com faces rosadas e a atitude de um pugilista bem disposto. O seu sorriso era fácil e contagioso. O seu gabinete estava tão desarrumado como o átrio, com o mesmo aspecto de falta de móveis.

— Temos a nossa conferência às dez, — explicou ela um pouco ofegante enquanto lhe apertava a mão. Falava inglês como nos seus e-mails. Ele deixou-a falar. O Sr. Atkinson não devia dar nas vistas por saber falar alemão.

— Quer chá?

— Muito obrigado. Não é preciso.

Birgit puxou duas cadeiras para junto de uma mesa baixa e sentou-se. — Se é a propósito do roubo, nós não temos nada de novo a dizer.

— Que roubo?

— Não tem importância. Levaram algumas coisas. Talvez nós tivéssemos coisas a mais. Agora já não temos.

— Quando é que foi?

Ela encolheu os ombros. — Há muito tempo. A semana passada.

Justin tirou um bloco-notas do bolso, no estilo de Lesley, pousou-o nos joelhos. — É acerca do seu trabalho aqui — disse. — meu jornal quer fazer uma série de artigos sobre as companhias

farmacêuticas e o Terceiro Mundo. Vamos chamar-lhe os Mercadores de Remédios. Explicar como os países do Terceiro Mundo não têm nenhum poder como consumidores, Como grandes doenças num lugar correspondem a grandes lucros noutra. — Tinha-se preparado para falar como um jornalista, mas não tinha a certeza de estar a ser bem sucedido. — Os pobres não podem pagar e por isso morrem. Quanto tempo vai isto durar? Parece que dispomos dos meios mas não da vontade política. Esse tipo de coisas.

Para surpresa de Justin, ela estava a sorrir abertamente. — Quer que eu lhe dê uma resposta a essas questões antes das dez horas?

— Gostava que me dissesse o que é que a Hippo faz exactamente, quem vos financia, de quem é que dependem, por assim dizer, — disse ele com severidade.

Ela falava e ele escrevia no bloco apoiado no joelho. Ela debitava o seu papel, supunha ele, e Justin fingia muito seriamente prestar-lhe a maior atenção. Pensava que aquela mulher fora amiga e aliada de Tessa sem nunca se terem encontrado e se isso tivesse acontecido, ambas se teriam felicitado pela escolha da sua posição. Ele pensava que existem muitas motivações para um roubo e uma delas era fornecer cobertura para a instalação de dispositivos que originam aquilo a que o Ministério chama Produtos Especiais, só para iniciados. Lembrou-se, mais uma vez, do seu curso sobre segurança e a visita que tinham feito a um macabro laboratório instalado numa cave por detrás dos Carlton Gardens, onde os estudantes podiam admirar com os seus próprios olhos os melhores locais para colocar miniaparelhos de escuta. Já não se usavam os vasos de plantas, os candeeiros, as molduras dos quadros: agora usava-se tudo o que se pudesse imaginar desde o gravador da secretária de Birgit até o seu casaco pendurado atrás da porta.

Ele escrevera o que quisera escrever e ela, aparentemente, dissera o que queria dizer porque estava em pé e de vez em quando pesquisava uma pilha de panfletos, à procura de algumas noções básicas que ele pudesse ler antes da conferência das dez.

Enquanto procurava ia falando distraidamente Agência Federal Alemã para os medicamentos, chamando-lhe um tigre de papel. E a Organização Mundial de Saúde é paga pelos americanos, o que significa favorecer as grandes multinacionais, adorar o lucro e nunca tomar decisões radicais.

— Vá a qualquer assembleia da OMS e o que é que vê? — perguntou Birgit retoricamente, estendendo-lhe um maço de panfletos. — Lobbies. Relações públicas das grandes farmas. Dúzias deles. Por cada grande companhia, três ou quatro. “Venha almoçar. Venha passar o fim-de-semana conosco. já leu este magnífico artigo do professor Fulano-de-Tal?” E o Terceiro Mundo não é sofisticado. Não têm dinheiro nem experiência. Com a sua linguagem diplomática e a sua capacidade de manobra os lobbies facilmente os deixam para trás,

Tinha parado de falar e franzia agora o sobrolho. Justin pusera-lhe diante dos olhos o bloco denotas para que ela pudesse ler. Tinha o bloco junto da própria cara para que ela pudesse ver a sua expressão enquanto lia a mensagem; e esperava que essa expressão fosse, ao mesmo tempo, exigente e tranquilizadora. Em apoio, ele tinha levantado o indicador da mão livre como advertência.

SOU O MARIDO DE TESSA JUSTIN, E E NÃO CONFIO NESTAS PAREDES. PODE ENCONTRAR-SE COMIGO ESTA TARDE ÀS CINCO E TRINTA EM FRENTE DA FORTALEZA?

Ela leu a mensagem, olhou para os olhos dele através do dedo erguido e continuou a olhá-los enquanto Justin enchia o silêncio com a primeira coisa que lhe veio à cabeça.

— Está então a dizer que o que nos precisamos é de uma instituição internacional independente que possa meter na ordem as grandes companhias?

— Estou — respondeu ela com uma perfeita calma. — Penso que isso seria uma excelente ideia.

Justin passou junto da mulher de gola alta e disse-lhe o que lhe pareceu ser a alegre saudação dum jornalista. -Trabalho acabado —

garantiu-lhe. — Na hora. Muito obrigado pela sua cooperação. — E assim já ela não precisa de falar para a polícia e dizer-lhes que está aqui um impostor.

Atravessou de novo a aula pisando com cuidado e tentou de novo obter um sorriso da atarefada professora. — É a última vez, — prometeu-lhe. Mas os únicos que sorriram foram as crianças.

Na rua os dois velhos de gabardina e chapéu preto continuavam à espera do enterro. Na esquina duas enérgicas raparigas sentadas num Audi estudavam um mapa. Voltou para o hotel e perguntou na recepção se tinha correio. Não tinha. Chegando ao quarto, rasgou a primeira página incriminatória do bloco e também a página seguinte por causa da pressão da esferográfica. Queimou-as no lavatório e ligou o exaustor para se ver livre do fumo. Deitou-se na cama a pensar no que fazem os espões para matar o tempo. Adormeceu e foi acordado pelo telefone. Levantou o auscultador e lembrou-se de dizer — Atkinson.

— Era a governanta, “a verificar”, disse ela. Que a desculpasse, por favor. Verificar o quê, com os diabos. Mas os espões não fazem essas perguntas. Não querem dar nas vistas. Os espões deitam-se na cama e dormem.

A velha fortaleza de Bielefeld erguia-se num planalto verde que dominava umas tantas colinas enevoadas. Parques de estacionamento, mesas de piquenique e jardins municipais estendiam-se entre as muralhas cobertas de hera. Em meses mais quentes era um dos lugares favoritos para os passeios dos habitantes da cidade, que percorriam as avenidas arborizadas, admiravam os canteiros de flores e engoliam almoços regados a cerveja no Restaurante dos Caçadores. Mas nos meses cinzentos o local parecia um recreio vazio no meio da neblina, que era o que aparecia aos olhos de Justin quando se apeou do táxi, com vinte minutos de avanço e fez o que esperava que parecesse uma visita casual ao local do encontro. Dois parques de estacionamento escavados no terreno estavam inundados pela água das chuvas. Nos relvados molhados letreiros recomendavam que os cães

fossem controlados. Num banco próximo dois veteranos, de sobretudo e cachecol, sentavam-se muito direitos e observavam-no. Seriam os mesmos homens que, vestidos de preto, tinham passado a manhã à espera dum enterro? Porque é que me olham tão desconfiados? Serei um judeu? Um polonês? Quanto tempo vai ser preciso para que a Alemanha se transforme em mais um entediante país europeu?

Só um caminho conduzia à fortaleza propriamente dita e ele começou a percorrê-lo, bem ao centro, para evitar as bermas, escavadas e cheias de folhas secas. Quando ela chegar, vou esperar que ela estacione antes de lhe falar, decidiu ele. Os carros também têm ouvidos. Mas o carro de Birgit não os tinha, pela boa razão de que era uma bicicleta. À primeira vista parecia uma amazona fantasma obrigando o seu cavalo a avançar com a sua capa de plástico esvoaçando atrás dela. As tiras fosforescentes cruzadas sobre o peito davam-lhe um ar de cruzado, A aparição ganhou lentamente carne e osso e viu-se que ela não era um serafim alado nem um esfalfado mensageiro do campo de batalha, mas uma jovem mãe, com uma capa, pedalando numa bicicleta. Da capa saíam não só uma mas duas cabeças, sendo a segunda do filho, um rapazinho louro, amarrado a uma cadeirinha atrás dela e medindo, segundo os olhos pouco treinados de Justin, cerca de dezoito meses na escala de Richter.

A vista dos dois foi-lhe tão agradável e, ao mesmo tempo, tão incongruente e enternecedora que, pela primeira vez depois da morte de Tessa, rompeu numa autêntica gargalhada.

— Não consegui arranjar uma baby-sitter, — disse Birgit, chocada com o riso dele.

— Nem devia, nem devia! Assim é maravilhoso. Como é que ele se chama?

— Carl. E o senhor?

— Carl manda-lhe um beijo... E o elefante que lhe ofereceu põe-o maluco... espero sinceramente que o seu bebê seja tão bonito como Carl.

Justin mostrou-lhe o seu passaporte em nome de Quayle. Ela examinou-o com cuidado, nome, idade, fotografia, olhando para ele de vez em quando.

— Você disse a Tessa que ela era waghalsig — disse ele e viu-a a sorrir enquanto tirava e dobrava a capa estendendo-lhe depois a bicicleta para que ele a segurasse e ela pudesse desamarrar o filho. Tendo libertado Carl pousou-o no chão e voltou as costas a Justin para que ele lhe soltasse a mochila onde estava o biberon de Carl, um pequeno pacote de pão preto, uma fralda de reserva e dois sanduíches de queijo e fiambre em baguete envoltas em plástico.

— Já comeu hoje, Justin?

— Não muito.

— Bom. Então vamos comer. Estamos nervosos, isto vai acalmar-nos. Carlichen du machst das bitte nicht. ** Podemos é andar. O Carl pode andar até o fim do mundo.

Nervosos? Quem é que está nervoso? Fingindo estudar as nuvens ameaçadoras, Justin virou lentamente a cabeça, Ainda lá estavam, as duas sentinelas sentadas em sentido.

— Não sei quanto material, exatamente, se perdeu, — queixou-se Justin depois de lhe contar a história do computador de Tessa. — Tenho a impressão de que haveria muita correspondência entre vocês as duas que ela não imprimiu. — Sabe alguma coisa sobre a Enrich?

— Só que ela emigrou para o Canadá. Mas que continua a trabalhar para a KVH.

— Não sabe qual é a situação dela, exatamente? Qual foi o problema?

— Sei que se zangou com a Kovacs.

— A Kovacs não tem importância. O pior é que a Enrich se zangou com a KVH.

— Mas a propósito de quê?

Do Dypraxa. Ela pensa ter identificado alguns efeitos secundários muito negativos. A KVH pensa que não.

— E que medidas tomaram eles acerca disso?

Até agora só destruíram a reputação e a carreira de Enrich.— E mais nada.

— Mais nada.

Deram alguns passos calados, com Carl a correr à frente apanhando ouriços caídos dos castanheiros e sendo impedido de os meter na boca. O nevoeiro do fim da tarde tinha formado um oceano através das colinas, fazendo com que os seus topos parecessem ilhas.

— Quando é que isso aconteceu?

— Ainda está a acontecer. Foi despedida da KVH e também da Universidade e do Hospital Dawes em Saskatchewan, Tentou publicar um artigo num jornal médico acerca das suas conclusões sobre o Dypraxa, mas o contrato dela com a KVH tinha uma cláusula de confidencialidade, eles puseram-lhe um protesto e ao jornal também, de modo que nenhum exemplar foi posto à venda.

Processo. Não é “protesto”, é processo. É a mesma coisa.

Contou isso a Tessa? Ela deve ter ficado indignada.

— Claro que contei.

Quando? Birgit encolheu os ombros. — Talvez há umas três semanas. Ou duas. A nossa correspondência também desapareceu.

— Quer dizer que também assaltaram o seu computador?

— Foi roubado. No assalto. Não tinha imprimido os seus e-mails. Perdeu-se tudo.

Justin concordou, em silêncio. — Tem alguma ideia de quem fez o assalto?

— Ninguém o fez. Com as grandes empresas, nunca é ninguém. O big boss fala ao sub boss, o sub boss fala ao diretor, o diretor fala ao chefe da segurança que fala ao subchefe que fala aos seus amigos que falam aos amigos deles. É assim que se faz. Não foi o boss nem o diretor nem o subchefe. Não foi a empresa. Não foi ninguém, na verdade. Mas está feito. Não há nada escrito, não há cheques, não há contratos. Ninguém sabe nada. Mas está feito.

— E a polícia?

— Ah, a nossa polícia é muito competente. Se perderam um computador, digam ao seguro e comprem outro, não venham chatear a polícia. — Conheceu a Wanza?

— Só no hospital. Já estava muito doente. A Tessa escreveu-lhe acerca dela?

— Disse que ela foi envenenada. Que Lorbeer e Kovacs tinham ido vê-la ao hospital, que o bebé sobrevivera mas Wanza não. O medicamento matou-a. Talvez um conjunto de circunstâncias. Talvez fosse magra demais, não tivesse peso suficiente para aguentar o remédio. Talvez se lhe tivessem dado menos ela sobrevivesse. Talvez a KVH vá fixar doses mais rigorosas antes de vender o Dypraxa na América.

— Ela disse isso? — Tessa?

— Disse. Isto é, escreveu. “Wanza foi mais uma cobaia. Eu gostava muito dela e eles mataram-na. Tessa.”

Justin protestou. Por amor de Deus, Birgit, então e a Enrich? Se ela, uma das criadoras do medicamento, o declarou suspeito então com certeza que... Birgit interrompeu: — A Enrich está a exagerar. Pergunte à Kovacs.

Pergunte à KVH. A contribuição de Lara Enrich para a descoberta da molécula do Dypraxa foi insignificante. A Kovacs é que foi o gênio, a Enrich era a sua assistente de laboratório. Lorbeer foi o mentor de ambas. E como era também amante de Enrich, a importância dela foi exagerada, tida como maior do que na verdade foi.

— Onde é que o Lorbeer está agora?

— Não se sabe. Enrich não sabe, a KVH não sabe ou diz que não sabe, Nos últimos cinco meses tornou-se completamente invisível. Talvez também o tenham matado.

— E a Kovacs?

— Anda em viagem. Viaja tanto que a KVH nunca nos pode dizer onde ela está ou vai estar. A semana passada estava no Haiti, parece, há três semanas estava em Buenos Aires ou Tombuctu. Mas onde vai estar amanhã ou na próxima semana é um mistério

profundo. O seu endereço pessoal é confidencial, evidentemente, e o telefone também.

Carl estava com fome. Há um minuto estava entretido a remexer um ramo numa poça, no minuto seguinte estava a berrar com fome. Sentaram-se num banco enquanto Birgit lhe dava o biberão.

— Se você não estivesse aqui, ele é que agarrava no biberão, — disse ela, orgulhosa. — Andava por aí aos tombos, como um bêbado, com o biberão na boca. Mas agora tem um tio a olhar para ele e por isso quer que o veja com muito juízo. — Estas palavras fizeram-na lembrar-se do desgosto de Justin.

— Tenho tanta pena, Justin, — murmurou ela. — Como é que hei-de dizer?

— Ela falava tão docemente que, por uma vez, Justin não achou necessário dizer “obrigado” ou “foi terrível” ou qualquer outra frase vazia que ele tinha aprendido a proferir quando as pessoas se sentiam obrigadas a dizer o indizível.

Iam de novo a andar e Birgit estava a recordar o roubo.

— Cheguei ao escritório de manhã (o meu colega Roland tinha ido à Conferência no RAO) e tudo parecia normal. As portas estavam fechadas à chave, tive que as abrir como de costume. Ao princípio não notei nada. É natural. Porque é que um ladrão fecha a porta à chave quando se vai embora? A polícia também nos fez essa pergunta. Mas as portas estavam realmente fechadas à chave. O nosso local não estava muito limpo mas isso é normal. Nós é que fazemos as nossas próprias limpezas. Não podemos pagar um serviço de limpeza e às vezes estamos demasiado ocupados ou demasiado preguiçosos para limpar tudo convenientemente.

Três mulheres de bicicleta passaram por eles com solenidade, deram a volta ao parque de estacionamento, e passaram outra vez a caminho da cidade. Justin lembrou-se das três ciclistas dessa manhã.

— Fui ver o telefone. Nós temos um gravador lá no Hippo. Um aparelho normal, de cem marcos apesar de tudo, mas ninguém o levou. Temos correspondentes em toda a parte do mundo,

precisamos dum gravador. A bobina não estava lá. Que merda! pensei eu. Quem é que tirou o raio da bobina? Fui ao outro gabinete à procura da bobina e vi que o computador não estava lá. Que raio! Quem foi o idiota que mudou o computador de lugar? E para onde? É um computador grande, com dois andares, mas é possível deslocá-lo porque tem rodas. Temos uma nova rapariga, uma advogada estagiária, ótima, na verdade, mas sem experiência. “Beate, minha querida, onde é que está o computador?” E começamos a procurar. O computador. As bobines. Disquetes. Papéis. Dossiês. Não estavam lá mas as portas estavam fechadas. Não levaram mais nada de valor. Nem o dinheiro da respectiva caixa, nem a máquina de café ou o rádio nem o gravador vazio nem a televisão. Também não são drogados. Nem ladrões profissionais. Para a polícia nem sequer são criminosos. Porque é que criminosos haviam de fechar portas à chave? Talvez você saiba responder.

— Para nos avisar, — respondeu Justin depois de uma longa pausa.

— Como? Para nos avisar de quê? Não percebo.

— Também fecharam as portas quando foi da Tessa.

— Explique lá. Quais portas?

— As do jipe. Quando a mataram. Trancaram as portas do carro para que as hienas não levassem os corpos.

— Por quê?

— Estão a meter-nos medo. É essa a mensagem que eles puseram no computador de Tessa. Para ela ou para mim. “Está avisada, Não continue com o que está a fazer.” Também lhe mandaram uma ameaça de morte. Ela nunca me falou nisso.

— Ela era muito valente, — disse Birgit.

Lembrou-se dos sanduíches. Sentaram-se a comê-las noutra banco enquanto Carl roía um biscoito e cantarolava e as duas velhas sentinelas desciam a encosta quase sem se dar por elas.

— Houve um critério qualquer para o que eles roubaram? Ou foi ao calhas?

— Foi ao calhas, mas também com um certo critério. Roland diz que não houve critério, mas ele é muito distraído. Está sempre descontraído. É como um atleta, cujo coração bate à metade da velocidade normal e que pode, por isso, correr mais depressa do que qualquer outra pessoa. Mas só quando quer, Quando não há nada a fazer deixa-se ficar na cama.

— Qual foi o critério — perguntou ele.

Ela franzia a testa da mesma maneira que Tessa. Era a mostra da discricção profissional. Tal como fazia com Tessa, absteve-se de insistir.

— Como é que traduz waghalsig? — perguntou ela, por fim,

— Destemido, penso eu. Temerário, talvez. Por quê?

— Então também eu fui waghalsig, — disse Birgit.

Carl queria colo, o que, segundo a mãe, era invulgar. Justin insistiu em carregá-lo. Foi complicado. Ela desarmou o suporte que levava às costas e o entregou. Quando estava plenamente satisfeita quanto à fixação, pegou Carl, sentou-o lá, e recomendou que se portasse bem com seu novo tio.

— Eu fui pior que waghalsig. Fui uma idiota chapada. — Mordeu os lábios, detestando ter que dizer o que fizera. — Recebemos uma carta. A semana passada. Quinta-feira. Veio de Nairobi, por um portador, Não uma carta, um documento. Setenta páginas. Sobre o Dypraxa. A sua história, os seus aspectos, os seus efeitos secundários. Positivo e negativo, mas sobretudo negativo, tendo em vista a mortalidade e os efeitos secundários. Era objetivo nos seus aspectos científicos mas um pouco tonto noutros aspectos. Não estava assinado. Endereçado para a Hippo, não para ninguém em particular. Só Hippo. Para os senhores e senhoras da Hippo.

— Em inglês?

— Sim, mas não escrito por um inglês, pareceu-me. Datilografado, de modo a não conhecermos a letra. Continha muitas referências a Deus. O senhor é religioso?

— Não.

— Mas Lorbeer é.

A chuvinha tinha passado a curtos momentos de verdadeira chuva. Birgit sentou-se num banco. Tinham chegado junto a uns balanços providos de uma barra de segurança. Carl foi colocado num balanço e devidamente empurrado. Estava cheio de sono. Uma modorra de gato tinha-se apoderado dele. Tinha os olhos semicerrados e sorria enquanto Justin o empurrava com um cuidado excessivo. Um Mercedes branco com uma matrícula de Hamburgo subiu devagar a colina, passou por eles, deu a volta ao parque de estacionamento e voltou lentamente para trás. Um homem ao volante, um passageiro no banco de trás. Justin lembrou-se das duas mulheres no Audi, esta manhã quando saíra para a rua. O Mercedes voltou a descer a encosta.

— Tessa disse que você falava todas as línguas, — disse Birgit.

— O que não quer dizer que tenho sempre coisas para dizer. Porque é que foi waghalsig?

— Diga antes “estúpida”.

— Foi estúpida por quê?

— Porque quando chegou o portador com o documento de Nairobi, fiquei muito excitada, falei imediatamente para Lara Enrich em Saskatchewan e disse-lhe. “Querida Lara, Ouça, recebemos uma história do Dypraxa, muito longa, anônima, muito mística, muito louca e muito autêntica, sem endereço, sem data e, parece-me, escrita por Markus Lorbeer. Fala das mortes que provocou e é um grande auxílio para a nossa causa.” Fiquei muito contente porque o documento até tinha como título “A Dra. Lara Enrich tem razão”.

É louco, — disse-lhe eu, — mas é contundente como um manifesto político. Também muito polêmico, muito religioso e muito destrutivo para Lorbeer. “Então é porque é do próprio Lorbeer”, diz ela, “Markus está se castigando. É normal”.

— Encontrou Enrich alguma vez? Conhece-a pessoalmente?

— Como conheci Tessa. Por e-mail. Somos e-amigas. No tal documento dizia-se que Lorbeer vivera durante seis anos na Rússia, dois no velho comunismo, quatro no novo caos. Digo isso a Lara que já sabia. Segundo o documento, Lorbeer foi agente de várias

firmas ocidentais, cortejando funcionários russos fígados à saúde, vendendo-lhes medicamentos ocidentais. O documento fala de uma piada da época. Quando vou dizer a Lara, ela me interrompe e diz exatamente o que eu ia dizer: “Os ministros russos da Saúde chegam de Lada e saem de Mercedes.” Diz que é uma das piadas favoritas de Lorbeer. O que nos confirma que é Lorbeer o autor do documento. É uma confissão masoquista. Fico sabendo, por Lara, que o pai de Lorbeer era um protestante alemão, muito calvinista, muito estrito, o que tem a ver com as mórbidas concepções religiosas do filho e com o seu gosto pela confissão. Sabe alguma coisa de medicina? De química? De biologia, talvez?

— A minha educação foi fina demais para isso, que pena.

— Lorbeer afirma na sua confissão que quando trabalhava para a KVH conseguiu a validação do Dypraxa graças a lisonjas e subornos. Descreve como comprou funcionários da saúde, conseguiu testes sumários, comprou registros farmacêuticos e licenças de importação, untando todas as mãos ao longo da cadeia burocrática. Em Moscou uma validação por especialistas conceituados pode custar vinte e cinco mil dólares. É o que ele diz. O problema é que quando se suborna alguém, é se obrigado a subornar também pessoas desconhecidas, senão elas estragam tudo, dizendo o mal do medicamento. Na Polônia era a mesma coisa, mas mais barato. Na Alemanha o Jogo era mais sutil mas não muito. Lorbeer recorda uma famosa ocasião quando fretou um avião Jumbo e levou oitenta ilustres médicos alemães à Tailândia para uma viagem educativa. — Birgit sorria enquanto contava aquilo. — A educação foi fornecida durante a viagem sob a forma de vídeos e conferências, mas também caviar Beluga e brandy e scotch extremamente velho. Tudo tinha de ser de qualidade excepcional, porque os bons médicos alemães já estavam habituados ao melhor. Champanhe já não os interessava. Na Tailândia, os convidados estavam livres para fazerem o que quisessem, mas também eram fornecidos divertimentos a quem os solicitasse, bem como parceiras muito atraentes. Lorbeer organizou pessoalmente um voo de

helicóptero para lançar orquídeas sobre uma certa praia onde os médicos e as suas acompanhantes estavam a descansar. Na viagem de regresso já não era necessária qualquer educação. Todos já estavam educados. O que tinham que recordar era só o que receitar e de que falar nos seus doutos artigos.

Embora Birgit estivesse a rir, sentia-se pouco à vontade com a história e procurou corrigir o seu impacto.

— Isto não quer dizer que o Dypraxa seja um mau medicamento. É mesmo bom, embora não tenha ainda completado as devidas experiências. Nem todos os médicos podem ser comprados, nem todas as empresas farmacêuticas são descuidadas e gananciosas.

Fez uma pausa, consciente de que estava a falar demais, mas Justin não fez qualquer tentativa para a fazer mudar de conversa.

— A moderna indústria farmacêutica só tem sessenta e cinco anos de idade. Tem ótimos homens e ótimas mulheres, já conseguiu fazer milagres humanos e sociais, mas não tem ainda uma consciência coletiva. Lorbeer diz que elas voltaram as costas a Deus. Faz inúmeras referências bíblicas que eu não entendo. Talvez seja porque não entendo Deus.

Carl tinha adormecido no balanço, por isso Justin pegou-lhe ao colo e começou a passeá-lo de um lado para o outro.

— Estava a falar-me do seu telefonema para Lara Enrich, — recordou Justin.

— Pois estava, mas distraí-me propositadamente porque fico embaraçada ao ver que fui tão estúpida. Se quiser, eu pego no Carl.

— Está muito bem assim.

O Mercedes branco tinha parado no sopé da colina. Os dois homens continuavam lá dentro.

— Na Hippo há anos que partimos do princípio que os nossos telefones estão sob escuta e até temos orgulho nisso. De tempos a tempos o correio é censurado. Mandamos cartas a nós próprios e elas chegam tarde e em mau estado. Já pensamos em dar informações falsas ao Organy.

— Ao quê?

— É uma invenção de Lara. É a palavra russa do tempo dos Sovietes. Quer dizer, os órgãos do Estado.

— Vou adota-la imediatamente.

— Talvez o Organy nos tenha ouvido rir ao telefone quando prometi a Lara enviar-lhe uma cópia do documento para o Canadá. Lara disse que infelizmente não tem fax porque gastou todo o dinheiro em advogados e, por outro lado, nem sequer pode entrar no hospital. Se ela tivesse um fax talvez hoje não tivéssemos problemas. Ela teria uma cópia das confissões de Lorbeer mesmo se perdêssemos a nossa, Tudo estaria a salvo. Talvez. Neste caso é tudo <,talvez,>. Ninguém tem provas.

— E um e-mail?

— Ela também já não tem e-mail. O computador dela sofreu uma parada cardíaca no dia seguinte a Lara ter tentado publicar o artigo.

Birgit estava corada de vergonha.

— E depois? — atirou-lhe Justin.

— Depois não há documento nenhum. Roubaram-no quando levaram o computador, os dossiês e as gravações. O telefonema para Lara foi à tarde, cinco horas aqui na Alemanha. A conversa deve ter durado quarenta minutos, Ela estava excitada, muito feliz. “Espere até a Kovacs saber disso”, estava sempre a dizer. Falamos durante muito tempo e rimo-nos e eu não me lembrei de fazer uma cópia da confissão de Lorbeer antes de me ir embora. Pus o documento no cofre e fechei-o. Não é um cofre enorme mas tem um tamanho razoável. Os ladrões tinham a chave. Tal como fecharam as portas quando se foram embora, também fecharam o cofre depois de roubarem o documento. Quando se pensa nisso, tudo se torna evidente. Antes não se podia prever.

O que faz um gigante quando quer uma chave? Diz aos anõezinhos que descubram a marca do cofre, depois telefona ao gigante que fabricou a chave e pede-lhe para dizer aos seus anõezinhos que façam outra chave. No mundo dos gigantes, é perfeitamente normal.

O Mercedes branco continuava parado. Talvez isso também fosse normal.

Tinham-se abrigado num telheiro de zinco. Rodeiam-nos filas de cadeiras de lona, acorrentadas como prisioneiros. A chuva tamborila no telheiro e corre em fio aos pés deles. Carl voltou para o colo da mãe, dorme contra o seu seio com a cabeça bem apoiada. Ela abriga-o com um guarda-sol. Justin senta-se um pouco afastado, as mãos postas entre os joelhos, como se rezasse, a cabeça curvada. Foi o que eu senti quando da morte de Garth, que me privou da minha própria educação.

— Lorbeer estava a escrever uma novela, — diz ela.

— Um romance.

— Uma novela não é um romance?

— São parecidos.

— Este romance então tem o happy end ao princípio. Era uma vez duas lindas mulheres, médicas, chamadas Enrich e Kovacs. São internas no Hospital da Universidade de Leipzig, na Alemanha Oriental. Um grande hospital. Trabalham sob a orientação de sábios professores e sonham que um dia hão de fazer uma grande descoberta que salvará o mundo. Ninguém fala do deus Lucro, só se pensa no bem da humanidade. Ao hospital de Leipzig chegam muitos russo-alemães vindos da Sibéria com tuberculose. Nos campos soviéticos a taxa de TB é muito alta. Todos os doentes são pobres, doentes sem defesas, muitos deles têm lesões multi-resistentes, muitos estão a morrer. Eles vão assinar seja o que for, submeter-se a todas as experiências sem causar nenhum problema. Por isso é natural que as jovens médicas tentem isolar bactérias e façam experiências com possíveis remédios contra a TB. Já experimentaram em animais, talvez já tenham também experimentado em estudantes de medicina ou outros internos. Os estudantes não têm dinheiro. Hão-de vir a ser médicos, estão interessados no processo. E como responsável pelas suas pesquisas há um Oberarzt...

— Um médico-chefe.

— A equipa é dirigida por um Oberarzt entusiasta de experiências. Toda a equipa disputa a sua aprovação e por isso todos participam nas experiências.

Ninguém é cruel e muito menos criminoso. São jovens sonhadores, têm um assunto de análise muito atraente e os doentes estão desesperados. Porque não?

— Porque não? — murmura Justin.

— Kovacs tem um namorado. Kovacs tem sempre um namorado. Muitos namorados. Este é um polonês, bom rapaz. Casado, mas não importa. E tem um laboratório. Um laboratório pequeno, eficiente, inteligente em Leipzig. Por amor a Kovacs, o polonês diz-lhe que ela pode vir trabalhar no laboratório sempre que tiver tempo livre. Pode trazer quem quiser, e ela leva a sua bela colega Enrich, Kovacs e Enrich pesquisam, Kovacs e o polonês fazem amor, toda a gente está feliz, ninguém fala do deus Lucro. Estes jovens só procuram honras e Gloria e, certamente, uma promoção. Os seus estudos produzem resultados positivos. Os doentes continuam a morrer, mas de qualquer maneira era o que os esperava. E até há alguns que não morrem. Kovacs e Enrich estão orgulhosas. Escrevem artigos para as revistas médicas. O professor escreve artigos a apoiá-las. Outros professores apoiam o professor, toda a gente está contente, todos se felicitam uns aos outros, não há inimigos, por enquanto.

Carl agita-se. Ela dá-lhe palmadinhas nas costas e sopra-lhe de mansinho para a orelha. Ele sorri e volta a adormecer.

— A Enrich também tem um amante. Tem o marido, de apelido Enrich, mas que não a satisfaz, estamos na Europa Oriental, toda a gente já esteve casada com toda a gente. O nome do amante é Markus Lorbeer. Tem nacionalidade sul-africana, um pai alemão e uma mãe holandesa e vive em Moscou como representante de laboratórios farmacêuticos, por conta própria, mas também como empresário que estuda as possibilidades mais interessantes no campo da biotecnologia e trata de as explorar.

— Um caçador de talentos.

— É mais velho do que Lara aí uns quinze anos, nadou em todos os oceanos, como se diz, é sonhador como ela. Gosta da medicina mas nunca foi médico. Ama Deus e o mundo inteiro, mas também ama a moeda forte e o deus Lucro, E por isso, na sua confissão escreve: “o jovem Lorbeer é um crente, adora o Deus dos cristãos, adora as mulheres, mas adora também o deus Lucro.” É essa a sua fraqueza. Acredita em Deus mas ignora-o. Pessoalmente, rejeito essa atitude mas não interessa. Para um humanista, Deus é uma boa desculpa para não se ser humanista. Seremos humanistas no outro mundo, para já aumentaremos os lucros. Não faz mal. “Lorbeer recebeu de Deus o dom da sabedoria (suponho que se está a referir à molécula do medicamento) e vendeu-o ao Diabo.” Suponho que queira dizer KVH. Escreve depois que quando Tessa veio visitá-lo no deserto, ele revelou-lhe toda a extensão do seu pecado.

Justin endireita-se.

— Ele diz isso? Que o disse a Tessa? Quando? No hospital? Quando é que ela foi visitá-lo? Qual deserto? Que diabo quer ele dizer com isso?

— Como eu lhe disse, o documento é um pouco tresloucado. Chama Abbott * a Tessa. “Quando Abbott veio visitar Lorbeer no deserto, Lorbeer chorou.” Talvez seja um sonho, uma fábula. Lorbeer transformou-se num penitente no deserto. É o profeta Elias ou Jesus Cristo, nem sei. No fundo é repugnante. “Abbott exortou Lorbeer a prestar contas a Deus. E por isso, naquele encontro no deserto Lorbeer explicou a Abbott a natureza íntima dos seus pecados.” É o que ele escreve. Os seus pecados são muitos, evidentemente. Nem me lembro de todos. Primeiro o pecado da auto-ilusão e o da falsa argumentação. Depois vem o pecado do orgulho, julgo eu. Seguido pelo pecado da covardia. Por esse pecado não pede nenhuma desculpa, o que na verdade me alegra. Mas provavelmente também ele se sente alegre. Lara diz que ele só é feliz quando se confessa ou quando faz amor.

— Ele escreveu tudo isso em inglês?

Ela concordou com a cabeça. — Um parágrafo em inglês bíblico, o seguinte com dados extremamente técnicos sobre a má orientação propositada dos ensaios clínicos, as discussões entre Enrich e Kovacs e os problemas do Dypraxa quando combinado com outros medicamentos. Só uma pessoa muito bem informada poderia saber tais detalhes. Prefiro esse Lorbeer ao do Céu e do inferno, tenho que reconhecer.

— Abbott com a pequena?

— Grande. “Abbott tomou nota de tudo o que lhe disse.” Mas houve mais um pecado. Ele matou-a.

Na expectativa, Justin fixou o olhar em Carl.

— Talvez não diretamente, ele era ambíguo. “Lorbeer matou-a com a sua traição. Cometeu o pecado de Judas, cortou a garganta dela com as mãos nuas e pregou Bluhm a uma árvore.” Quando eu li estas palavras a Lara, perguntei-lhe: “Lara, ele está a dizer que matou Tessa Quayle?”

— O que é que ela respondeu?

— Que Markus era incapaz de matar até o seu pior inimigo. Diz que é para ele uma agonia: ser um homem mau com uma boa consciência. Mas ela é russa, muito depressiva.

— Mas se ele matou Tessa, deixou de ser um homem bom, não é verdade?

— Lara jura que não é possível. Ela tem muitas cartas dele. E só é capaz de amar sem esperança. Ouviu muitas confissões dele, mas nunca essa. Markus tem muito orgulho nos seus pecados, disse ela. Mas é vaidoso e exagera muito. É muito complicado, chega a ser psicopático e é por isso que ela o ama.

— E não sabe onde ele está?

— Não.

O olhar de Justin fixa-se, sem ver, na luz dúbia do crepúsculo. — Judas não matou ninguém, — objetou. — Judas traiu.

— O efeito foi o mesmo. Judas matou com a sua traição.

Nova e longa contemplação do crepúsculo. — Falta aí uma personagem. Se Lorbeer traiu Tessa, traiu-a junto de quem?

— Não se percebe. Talvez às Forças das Trevas. Só tenho isso na memória.

— Forças das Trevas?

— Na carta ele falava das Forças das Trevas. Odeio essa terminologia. Quer falar da KVH? Talvez ele conheça outras forças.

— O documento falava de Arnold?

-Abbott tinha um guia. No documento é o Santo. O Santo tinha ido falar com Lorbeer ao hospital e tinha-lhe dito que o fármaco Dypraxa era um instrumento de morte. O Santo era mais cauteloso do que Abbott porque é médico e mais tolerante por ter maior experiência da maldade dos homens. Mas a verdade mais rigorosa era a de Enrich. Disso, Lorbeer estava certo. Enrich sabe tudo e por isso não a deixam falar. As Forças das Trevas estão decididas a ocultar a verdade. E é por isso que Abbott tem de ser morta e o Santo crucificado.

— Crucificado? Arnold?

— Na fábula de Lorbeer as Forças das Trevas arrastam Bluhm e pregam-no numa árvore.

Ficam ambos calados e um pouco embaraçados.

— Lara diz também que Lorbeer bebe como um russo, — acrescenta Birgit, como desculpa, mas Justin não se deixa desviar.

— Ele escreve do deserto mas serve-se de uma empresa de distribuição de Nairobi, — objeta ele.

— O endereço estava escrito à máquina, a guia preenchida à mão, o pacote enviado a partir do Hotel Norfolk, Nairobi. O nome do remetente era quase ilegível. Mas penso que seria McKenzie. Seria escocês? Se o pacote não pudesse ser entregue devia ser destruído e não devolvido para o Quênia.

-A guia tinha um número, calculo.

— A guia estava colada ao envelope, Quando pus o documento no cofre, pu-lo primeiro dentro do envelope. E claro que o envelope também desapareceu.

— Voltamos à empresa de distribuição. Deve ter uma cópia da guia,

-A empresa não tem nenhum registro do pacote. Nem em Nairobi, nem em Hanover.

— Como é que a posso contatar?

— Lara?

A chuva batia no telheiro de zinco e as luzes alaranjadas da cidade piscavam no meio da bruma. Birgit rasgou uma folha da sua agenda e escreveu um longo número de telefone.

— Ainda tem casa, mas não por muito tempo. Também pode perguntar na Universidade, mas com cuidado porque eles odeiam-na.

— Lorbeer também dormia com a Kovacs, além da Enrich?

— Para Lorbeer isso não seria nada de extraordinário. Mas acho que a guerra entre as duas mulheres não era a propósito de sexo mas da molécula. — Ela parou, seguindo-lhe o olhar, Justin olhava para longe, onde não havia nada para ver a não ser os cumes das colinas a emergirem do nevoeiro. — Tessa escreveu muitas vezes que estava apaixonada por si, — disse ela calmamente olhando fixamente para ele. — Não diretamente, nem era preciso, Dizia que você era um homem de honra e que, quando fosse preciso, saberia mostrá-lo.

Birgit preparava-se para se ir embora. Ambos amarraram Carl na sua cadeirinha e arranjaram-lhe a capa de plástico de maneira a que a sua cabecinha ficasse de fora. Ela deixou-se ficar agachada.

— Então vai a pé?

— Vou.

Ela tirou um envelope duma algibeira interior,

— Isto é tudo o que me lembro do romance do Lorbeer. Escrevi-o para si. A minha letra é muito má mas acho que vai conseguir lê-la.

— É muito amável. — Guardou o envelope por dentro da gabardina.

— Então, olhe: bom passeio.

Ela ia apertar-lhe a mão mas mudou de ideia e beijou-o na boca: um beijo de afeto, firme, decidido e um pouco desastrado. Um beijo

de adeus enquanto aguentava a bicicleta. Depois foi Justin que a agarrou enquanto ela apertava o capacete por baixo do queixo, antes de se empoleirar no selim e começar a pedalar pela encosta abaixo.

Vou andando.

Justin seguia pelo meio do caminho, olhando de lado os ensombrados rododendros de cada lado da estrada, Havia candeeiros de sódio de cinquenta em cinquenta metros. Perscrutava com atenção os espaços escuros entre eles.

O ar cheirava a maçãs. Chegou ao sopé da colina e aproximou-se do Mercedes parado, passando a uns dez metros de distância. Não havia luz no interior. Dois homens estavam sentados no banco da frente, mas a julgar pelas suas silhuetas imóveis, não pareciam os mesmos que tinham subido a colina e voltado a descê-la. Justin continuou a andar e o carro passou-lhe à frente. Ele fingiu que não viu, mas na sua imaginação os dois homens estavam a prestar-lhe toda a atenção. Justin virou para a direita, em direção aos clarões da cidade. Apareceu um táxi que lhe ofereceu os seus serviços.

— Obrigado, obrigado, — respondeu ele efusivamente, — mas prefiro ir a pé.

O taxista não respondeu. Justin seguia agora pela berma. Passou um cruzamento entrou numa rua brilhantemente iluminada. Rapazes de olhos mortiços e raparigas deitadas nos vãos das portas. Homens de casacos de cabedal estavam parados à esquina falando para os seus telemóveis. Passou mais dois cruzamentos e viu o hotel lá à frente.

O átrio estava na sua habitual e inevitável confusão do fim da tarde. Uma delegação japonesa estava a fazer o seu check-in, máquinas fotográficas disparavam os flashes, os empregados empilhavam malas caras no único elevador.

Justin foi para a fila; tirou a gabardina e dobrou-a no braço, fazendo ver o envelope de Birgit, O elevador desceu, Justin recuou para deixar passar as senhoras. Subiu até o terceiro andar, onde foi o único a sair. O corredor esquelético, com a sua iluminação fria,

lembrava-lhe o Hospital de Uhuru, Ouviam-se as televisões em todos os quartos. O seu quarto era o nº 311 e a chave era um cartão de plástico com uma seta, O barulho das televisões, enfurecia-o e estava disposto a queixar-se a alguém. Como é que eu vou escrever a Ham com todo este chinfrim? Entrou no quarto, pôs a gabardina numa cadeira e viu que a culpada era a sua própria TV, As criadas deviam tê-la ligado enquanto arrumaram o quarto e não se preocuparam em apagá-la quando se foram embora. Avançou para o aparelho que estava a mostrar um tipo de programa que ele detestava particularmente. Uma cantora seminua berrava para um microfone a plenos pulmões, o que fazia as delícias de um público juvenil extasiado, enquanto a neve caía ao longo da tela.

E foi essa a última coisa que Justin viu antes das luzes se apagarem: jogos de luz a caírem na tela. A escuridão caiu sobre ele e sentiu-se simultaneamente agredido e subjugado. Braços de homem manietaram-no, uma bola de pano grosso foi-lhe metida na boca. As pernas também foram agarradas como numa placagem de rãguebi e pareceu-lhe que ia ter um ataque de coração. A teoria confirmou-se quando recebeu um soco no estômago que lhe tirou o resto do ar que tinha nos pulmões, porque quando tentou gritar nada aconteceu, não tinha voz nem fôlego e a bola de pano amordaçava-o.

Sentiu o pescoço apertado com qualquer coisa que lhe pareceu uma corda e pensou que ia ser enforcado. Teve uma visão clara de Bluhm pregado numa árvore, Chegou-lhe ao nariz o cheiro de uma loção masculina, lembrou-se do cheiro de Woodrow e de ter cheirado a carta de amor mandada a Tessa para ver se tinha o mesmo cheiro, Por um momento, Tessa deixou de lhe ocupar a memória. Estava deitado no chão e quem lhe tinha batido no estômago deu-lhe agora um golpe terrível nos genitais. Estava encapuçado mas ninguém o tinha ainda enforcado e continuava deitado de lado. A mordança provocava-lhe vômitos, mas o vômito não podia sair e escorria-lhe pela garganta abaixo. Viraram-no de costas, esticaram-lhe os braços com as palmas das mãos voltadas

para cima, Vão-me crucificar, como o Arnold. Mas não. Por enquanto não. Torceram-lhe as mãos com brutalidade e a dor foi pior do que podia pensar: braços, peito, pernas e baixo ventre. Por favor, pensou ele. Não me estropiem a mão direita senão não posso escrever ao Ham. Devem ter ouvido o seu pedido porque a dor parou e ele ouviu uma voz de homem, do norte da Alemanha, talvez Berlim, e muito culta. Estava a ordenar que virassem o porco de lado e lhe amarrassem as mãos atrás das costas, O que foi feito.

— Sr. Quayle, está a ouvir-me?

A mesma voz, mas agora em inglês. Justin não respondeu. Mas não era por falta de educação, era porque tinha conseguido finalmente cuspir a mordança e estava de novo a vomitar, com o vômito agora a escorrer-lhe pelo pescoço e a entrar para o capuz. O som da televisão baixou.

— já chega, Sr. Quayle. Pare lá com isso, está bem? Ou apanha o mesmo que a sua mulher. Está a ouvir-me? Quer mais castigo, Sr. Quayle?

Com este segundo Quayle veio mais um horrendo pontapé nos testículos. — Talvez esteja um pouco surdo. Vamos deixar-lhe um recadinho, Em cima da cama, acha bem? Quando acordar, leia esse recadinho e pense bem. E depois volte para Inglaterra, percebeu? Não faça mais perguntas tontas. Da próxima vez matamo-lo como matamos Bluhm. É um processo muito longo. Está a ouvir?

Um outro pontapé na barriga para que ele não se esquecesse da lição. Justin ouviu a porta fechar-se.

Estava ali sozinho, deitado na sua própria escuridão e no seu próprio vômito, sobre o lado esquerdo com os joelhos à boca e as mãos atadas atrás das costas. A cabeça estava em fogo, dores que pareciam choques elétricos dilaceravam-lhe o corpo. Estava numa escura agonia convocando as suas tropas dispersas — pés, canelas, joelhos, genitais, barriga, coração, mãos — e confirmando que estavam todos presentes, ainda que em mau estado. Esticou-se nos seus laços e teve a sensação de estar a rolar sobre carvões ardentes. Deixou-se ficar quieto e um prazer terrível começou a

despertar nele, espalhando-se como uma vaga vitoriosa de autoconsciência. Fizeram-me mal mas continuo a ser o que sou. Estou temperado. Estou em forma. Dentro de mim há um homem intato, Se eles voltarem agora e me torturarem outra vez, nunca atingirão o homem intato. Passei no exame a que toda a vida me esquivei. Estou diplomado em dor.

Mas depois, ou a dor diminuiu ou a natureza veio em seu auxílio, porque adormeceu com a boca bem cerrada e respirando pelo nariz através da total escuridão do seu sujo e malcheiroso capuz. A televisão ainda estava ligada, agora ouvia-a. E devia estar a olhar para ela, se não tivesse perdido o seu sentido de orientação, Mas o capuz devia ser forrado porque não conseguia ver absolutamente nada e quando, com grande prejuízo das suas mãos, se conseguiu voltar de costas, não viu nenhuma cintilação das luzes do teto embora as tivesse acendido e não se lembrasse de os ter ouvido apagá-las quando se foram embora. Voltou-se outra vez de lado e, por um momento, entrou em pânico enquanto esperava que a parte mais forte de si mesmo conseguisse voltar à superfície. Vá lá, homem. Usa a tua estúpida cabeça, é a única coisa que eles deixaram intata. Porque a deixaram eles intata? Porque não queriam nenhum escândalo. Ou seja, quem os mandou não queria nenhum escândalo. “Na próxima vez, matamos-te como o Bluhm.” Mas não desta vez, por muita vontade que tivessem. Então vou gritar. É isso? Rebolar-me pelo chão, dar pontapés nos móveis, nas paredes, na televisão e portar-me como um doido furioso até alguém decidir que não se trata de dois amantes apaixonados perdidos nas últimas fronteiras do sado-masiquismo, mas de um cavalheiro inglês agredido e amarrado, com a cabeça metida num saco?

O diplomata experiente anteviu as consequências de tal descoberta. O hotel chama a polícia. A polícia ouve as minhas declarações e liga para o Consulado Britânico mais próximo, neste caso o de Hanover, se ainda lá tivermos um. Chega o Cônsul, furioso por ter sido chateado durante o jantar para acudir a mais um

súdito britânico em apuros e a sua reação automática será examinar o meu passaporte — tanto faz qual deles. Se for o de Atkinson temos um problema porque é falso, Um telefonema para Londres confirma-o. Se for o de Quayle, o problema é diferente mas o resultado é o mesmo: o primeiro avião para Londres, sem qualquer hipótese de escolha e uma desagradável Comissão de Boas Vindas à minha espera no aeroporto.

As pernas de Justin não estão amarradas. Até agora não tinha querido separá-las. Agora fá-lo e os testículos e a barriga ficam em fogo, logo seguidos pelas coxas e pelas canelas. Mas acaba por separar as pernas completamente, consegue bater com os calcanhares no chão. Animado por esta descoberta toma uma medida ousada, deita-se de barriga e dá um grito involuntário. Depois aperta bem os lábios para que o grito não se repita.

Mas agora está de cara no chão. Pacientemente, preocupado em não perturbar os vizinhos de ambos os lados, começa a tentar desatar os seus laços.

Capítulo 17

O avião era um velho bimotor Beechcraft fretado pela ONU, com um rude comandante de cinquenta anos oriundo de Johannesburgo e um troncudo co-piloto africano de suíças e ainda uma caixa de cartão com um almoço em cada um dos lugares degradados. O aeroporto era o de Wilson, perto da campa de Tessa e enquanto o avião esperava suando na pista, Ghita tentava ver através da janela o montinho fúnebre, pensando em quanto tempo seria ainda preciso para que Tessa tivesse a sua lápide. Mas tudo o que viu foi erva prateada e um indígena com uma vestimenta vermelha e um cajado, apoiando-se numa só perna enquanto vigiava as suas cabras, e um bando de gazelas pastando sob as nuvens baixas e escuras. Tinha posto o saco de viagem sob o assento, mas o saco era muito grande e ela tinha que torcer as pernas para se acomodar. Fazia um calor terrível dentro do avião e o comandante já tinha avisado os passageiros de que não haveria ar condicionado até o avião levantar voo. Na bolsa do saco, Ghita tinha guardado as suas notas sobre o encontro e as suas credenciais como delegada da Alta Comissão Britânica. No interior do saco, o seu Pijama e uma muda de roupa. Estou a fazer isto por Justin. Estou a seguir os passos de Tessa. Não tenho que me envergonhar da minha inexperiência ou de qualquer duplicidade.

A parte de trás da fuselagem estava atravancada com sacos de preciosa mirra, uma planta suavemente entorpecente, substância legalizada e muito apreciada pelas tribos do norte. O seu perfume espalhava-se gradualmente por todo o avião. À frente de Ghita sentavam-se quatro endurecidos funcionários do Auxílio Humanitário, dois homens, duas mulheres. Talvez a mirra fosse deles. Ela invejou o seu ar descontraído, as suas roupas usadas e a sua genuína dedicação. E verificou, com um aperto de consciência, que eles deviam ter a sua idade. Ela bem gostaria de quebrar os seus hábitos de humildade aprendida que a levava a juntar os calcanhares quando apertava a mão a superiores, uma prática que

Ihe fora instilada pelas freiras. Espreitou para a sua caixa e viu dois sanduíches de pepino, uma maçã, uma tablete de chocolate e um pacote de sumo de maracujá, Tinha dormido muito pouco e estava cheia de fome, mas o seu sentido de decoro proibia-a de comer um sanduíche antes de levantar voo. À noite passada o seu telefone tinha tocado constantemente: todos os seus amigos, um por um, comunicavam-lhe a sua indignação e a sua recusa em acreditar que Arnold pudesse ser perseguido pela polícia. A posição de Ghita na Alta Comissão obrigava-a a representar o papel de um diplomata mais velho do que eles. À meia-noite embora estivesse cheia de fadiga, tentou uma diligência que se sentia obrigada a fazer; uma diligência que, se tivesse sido bem sucedida, a teria resgatado daquela terra-de-ninguém onde se tinha escondido como um fugitivo durante as últimas três semanas. Tinha procurado no vaso de latão onde acumulava pequenas coisas e encontrara um papelinho que lá escondera. É para aqui que deve telefonar se quiser tornar a falar conosco. Se não estivermos, deixe uma mensagem e um de nós irá contatá-la o mais cedo possível, prometo-lhe. Respondeu-lhe uma voz africana, masculina e agressiva e Ghita teve esperança de se ter enganado no número.

— Queria falar com Rob ou Lesley, por favor.

— Qual é o seu nome?

— Queria falar com Rob ou Lesley. Está aí um deles?

— Quem é a senhora? Dê-me imediatamente o seu nome e diga de que assunto se trata.

— Queria falar com Rob ou Lesley, por favor.

Quando Ihe desligaram o telefone, Ghita aceitou sem grandes dramas que, tal como suspeitava, estava sozinha. Dali em diante nem Tessa, nem Arnold, nem Rob ou Lesley, da Scotland Yard, podiam partilhar com ela a responsabilidade dos seus atos. Os seus pais, embora ela os admirasse, não eram solução. O pai, advogado, ouviria o seu testemunho e declararia que se, por um lado, isto, por outro lado aquilo e perguntar-lhe-ia se tinha provas objetivas de tão graves acusações. A mãe, médica, diria: “apanhaste muito sol,

querida, o melhor é vir para casa e apanhar um pouco de R e R*. Com estes pensamentos a povoarem-lhe a cabeça cansada, abriu o seu computador que, sem dúvida, estaria congestionado de mensagens de dor e de indignação a propósito de Arnold. Mal tinha entrado em linha, a tela deu um estalo e apagou-se. Em vão utilizou os processos de emergência. Telefonou a vários amigos, só para comprovar que os aparelhos deles não tinham sido afetados.

— Diabo, Ghita, talvez tenhas apanhado um daqueles vírus das Filipinas ou essas ciberdoenças que andam por aí! — gritou-lhe um dos amigos COM inveja, como se Ghita tivesse sido particularmente distinguida.

Talvez, realmente, o tivesse sido e dormiu mal por causa dos e-mails que tinha perdido, das conversinhas que tivera e que nunca tinha imprimido, porque preferia relê-las na tela, eram mais vivas, mais Tessa,

O Beechcraft ainda não tinha descolado e por isso Ghita, como era seu hábito, entregou-se às grandes questões da vida, evitando a mais séria de todas, que era saber o que é que eu estou fazendo aqui e por quê? Uns anos atrás na Inglaterra — no que ela secretamente chamava a sua Era-antes-de-Tessa — tinha sofrido muito com as ofensas, reais e imaginárias, que sofrera por ser anglo-indiana. Viu-se a si própria como um híbrido condenado a desaparecer, metade rapariga negra à procura de Deus, metade mulher branca superior a outras classes inferiores. A dormir ou acordada, tinha-se perguntado qual era o seu lugar no mundo dos brancos, onde deveria investir as suas ambições e se deveria continuar a estudar dança e música na Universidade londrina para onde tinha entrado depois de sair do colégio de Exeter ou se, seguindo o exemplo dos pais adotivos, devia seguir a sua outra estrela e optar por uma das profissões tradicionais.

O que explica que se tenha achado uma manhã, quase por impulso, a prestar um exame para o Ministério dos Negócios Estrangeiros de Sua Majestade. Chumbou sem surpresa, uma vez que nunca se tinha interessado por política, mas com a

recomendação de que deveria apresentar-se de novo a exame daí a dois anos. E de certa maneira a própria decisão de se ter apresentado a exame, embora sem sucesso, despertou o raciocínio de que se sentia mais à vontade aderindo ao Sistema do que ficando de fora dele, não ganhando mais do que a satisfação parcial das suas inclinações artísticas.

E foi nesta altura, numa visita aos pais na Tanzânia, que ela decidiu, outra vez por impulso, concorrer a um emprego local na Alta Comissão Britânica e procurar seguir carreira se fosse aceita. Se não tivesse feito isso, jamais teria conhecido Tessa. Nunca, pensou ela agora, se teria colocado na linha de fogo onde estava decidida a permanecer, lutando pelas coisas a que estava decidida a continuar leal, coisas que eram, no fundo, muito simples: verdade, tolerância, justiça, um sentido da beleza da vida e uma quase violenta rejeição dos seus opostos. Acima de tudo a uma crença herdada dos pais e reforçada por Tessa de que o Sistema deve ser obrigado a refletir essas virtudes, ou a deixar de existir. O que a trazia de volta a maior de todas as questões. Tinha amado Tessa, tinha amado Bluhm, continuava a amar Justin, um pouco mais do que seria conveniente ou adequado ou lá que palavra era. E o fato de trabalhar para o Sistema não a obrigava a aceitar as suas mentiras, como as que tinha ouvido ainda ontem da boca de Woodrow. Pelo contrário, era obrigada a repudiá-las e recolocar o Sistema onde ele devia estar, que era ao lado da verdade. O que explicava a satisfação total de Ghita sobre o que estava fazendo ali e por quê. “É melhor estar dentro do Sistema e combatê-lo”, dizia o seu pai, um iconoclasta noutros assuntos, “do que fora do Sistema e barregar contra ele”.

E Tessa, o que foi maravilhoso, tinha dito exatamente a mesma coisa.

O Beechcraft abanou-se como um cão velho e saltou para a frente tentando laboriosamente subir no ar. Através da sua minúscula janela viu a África toda espriar-se lá em baixo: bairros de lata, manadas de zebras a galope, as culturas de flores do Lago Naivasha, o Aberdare, o Monte Quênia muito difuso no horizonte

longínquo. E juntando tudo isto, como um oceano, a infinita extensão de mato castanho, salpicada aqui e além de manchas de verde. O avião entrou numa nuvem de chuva, um nevoeiro castanho invadiu a cabine. Um sol escaldante substituiu-o e foi acompanhado de uma poderosa explosão algures à esquerda de Ghita. Sem aviso, o avião inclinou-se para esse lado. As caixas do almoço, as mochilas e o saco de viagem de Ghita escorregaram ao longo da coxia, acompanhados por um coro de sirenes e relâmpagos de luzes vermelhas de aviso. Ninguém disse nada a não ser um velho africano que deu uma gargalhada e berrou “Amamos-te, Senhor, não Te esqueças disso” para alívio e divertimento dos outros passageiros. O aparelho continuava inclinado, o barulho do motor transformou-se num murmúrio. O co-piloto africano de suíças tinha pegado um manual e consultava uma lista de verificações que Ghita tentava ler sobre o ombro do homem. O rústico comandante voltou-se no assento para se dirigir aos seus aterrorizados passageiros. A sua boca enrugada acompanhava a inclinação do aparelho.

— Como já devem ter notado, senhoras e senhores, um dos motores parou, — disse ele com secura. — O que quer dizer que temos de voltar a Wilson e pegar outra destas coisas.

Não tenho medo, notou Ghita com satisfação. até a morte de Tessa, as coisas deste tipo só aconteciam aos outros. Agora estão a acontecer-me a mim e eu estou à altura da situação.

Quatro horas depois estava na pista de Lokichoggio.

— Você é a Ghita? — gritou uma australiana por cima do barulho dos motores e da gritaria das pessoas se cumprimentando. — Sou Judith. Olá!

Era alta e corada e alegre e tinha uma t-shirt de propaganda aos United Tea Services do Ceilão. Beijaram-se, amigas instantâneas num lugar selvagem. Aviões de carga da ONU aterravam e descolavam constantemente, caminhões brancos faziam manobras muito barulhentas, o sol era uma fornalha e o seu calor ricocheteava na pista enquanto os fumos dos motores faziam arder-lhe os olhos e a enjoavam. Com Judith a guiando, subiu para um jipe atulhado de

sacos de correio e sentou-se ao lado de um chinês suado e com colarinho de padre e um terno preto. jipes passavam velozes na direção oposta, seguidos de um comboio de caminhões brancos que se dirigiam para os aviões de carga.

— Era uma mulher fabulosa! — gritou-lhe Judith do lugar do passageiro, à sua frente. — De uma enorme dedicação. — Estava obviamente falando de Tessa.

— Por que alguém quereria prender Arnold? É uma estupidez. Arnold não mataria uma mosca. Vai estar aqui por três noites, não vai? Vamos ter um grupo de nutricionistas vindos de Uganda!

Judith está aqui para alimentar os vivos e não os mortos, pensou Ghita enquanto o jipe chacoalhava ao longo do caminho que ia dar na estrada. Passaram ao longo de um bairro de barracas cheio de bares e bancas com um letreiro jocoso a dizer "Picadilly Por Aqui", Colinas castanhas erguiam-se, tranquilas, lá à frente. Ghita disse que gostaria de passear por ali. Judith respondeu que se o fizesse nunca mais voltaria.

— Feras?

— Pessoas.

Chegaram ao campo de refugiados. Num terreno poeirento e vermelho crianças jogavam basquete com um saco de plástico pregado num sarrafo. Judith levou Chita à recepção para lhe dar o passe. Ao assinar o livro, Ghita virou distraidamente a página para trás e apareceu-lhe algo que ela fingiu não ver.

Tessa Abbott, Caixa Postal, Nairobi, Tukul 28. Arnold Bluhm, Médecins de l'Univers, Tukul 29. E a mesma data.

— Os tipos da imprensa tinham sido gozados — estava Judith a dizer com entusiasmo. — Reuben levava-lhes cinquenta dólares por cada foto. Oitocentos dólares de receita total. Oitocentos estojos de lápis de cor e oitocentos livros para pintar. Reuben diz que vão sair dois Van Goghs sudaneses, dois Rembrandts e um Andy Warhol sudanês.

Reuben, o lendário organizador de campos de refugiados, lembrou-se Ghita. Congolês. Amigo de Arnold.

Estavam a descer uma larga avenida de tulipeiros com as suas orgulhosas trompetes vermelhas brilhando contra os tukuls pintados de branco e telhados de colmo. Um magro cavalheiro inglês, com ar de mestre-escola, pedalou lentamente por elas numa velha bicicleta de polícia. Ao ver Judith tocou a campainha e fez-lhe um aceno afetuoso.

— Chuveiros e penicos do outro lado da rua, primeira reunião amanhã às oito em ponto, encontro à porta da cabana trinta e dois, — anunciou Judith enquanto mostrava a Ghita as suas instalações. — Repelente de mosquitos na mesinha de cabeceira mas será melhor pôr a rede. Queres aparecer no clube ao pôr-do-sol para uma cerveja antes do jantar?

Ghita disse que queria.

— Muito bem, tem cuidado com você. Os rapazes vêm cheios de fome quando regressam do terreno.

Ghita fingiu-se desinteressada: Verdade, há aí uma mulher chamada Sarah — disse ela. — Era uma espécie de amiga de Tessa. Se ela estiver por aí gostava de lhe falar.

Arrumou as suas coisas e, armada de esponja, sabonete e toalha atravessou valentemente a avenida. A chuva tinha ensopado o aeródromo. As colinas perigosas estavam pretas e verde-escuro. O ar cheirava a gasolina e a especiarias. Tomou uma ducha, voltou para o seu tukul e sentou-se a uma mesa desengonçada com as suas notas de trabalho e, transpirando abundantemente, perdeu-se nos labirintos do Auxílio Auto-Suficiente.

O Clube de Loki consistia numa grande árvore com um teto de colmo por baixo, um bar com um mural de animais da selva e um aparelho de vídeo que projetava numa parede branca imagens desfocadas de um velhíssimo desafio de futebol com um fundo sonoro de música africana. Gritos de feliz reencontro atravessavam o ar do fim da tarde quando trabalhadores dos serviços de auxílio se reconheciam entre si em línguas diferentes, abraçavam-se, faziam-se festas e davam os braços. Este devia ser o meu povo espiritual, pensou, sonhadora. Este é o meu povo arco-íris. Ausência de

fronteiras de classe e de raças, este entusiasmo, esta juventude são os meus. Alistem-se em Loki e atinjam a santidade! Voem em aviões duvidosos, gozem a sua imagem romântica e a adrenalina do perigo! Libertem o seu sexo numa vida de nômades que vos mantenha longe de compromissos. Não à vida chata do escritório e sempre um pouco de erva para fumar ao longo do caminho! Gloria e rapazes quando venho do terreno, dinheiro e mais rapazes quando chegar a altura do Descanso e Divertimento! Quem quer mais?

Eu. Preciso compreender por que foi necessária toda esta confusão. E por que continua a sê-lo. Tenho de ter a coragem de dizer como Tessa, quando ela protestava: — Loki é uma merda. Não tem mais direito de existir do que o Muro de Berlim. É um monumento ao fracasso da diplomacia. Para que raio serve um serviço Rolls-Royce de ambulâncias se os nossos políticos nada fazem para prevenir os acidentes?

A noite caiu em poucos segundos. Lâmpadas amarelas substituíram o Sol, os pássaros pararam de chilrear e recomeçaram as suas conversas num nível sonoro mais aceitável. Ghita estava sentada a uma longa mesa e Judith sentava-se em frente com o braço à volta de um antropólogo sueco. Ghita sentia-se como uma aluna recém-chegada ao colégio de freiras, só que num colégio de freiras não se bebe cerveja e não se tem à mesa meia dúzia de rapazes bem parecidos de todas as partes do mundo, nem uma dúzia de olhos masculinos avaliando o nosso peso sexual e a nossa disponibilidade. Estava a ouvir histórias de lugares de que nunca tinha ouvido falar, de façanhas tão arrepiantes que ela achava que nunca seria capaz de as partilhar e estava a fazer o possível por parecer familiarizada e distante. O mais falador era um yankee de New Jersey, muito seguro de si a quem chamavam Hank-The-Hawk. Segundo Judith, ele fora em tempos pugilista e agiota e só tinha abraçado a carreira do Auxílio Internacional como alternativa a uma vida de crime. Estava preopinando acerca das diferentes fações guerreiras da região do Nilo: como o SPLE anda a lambar o cu do SPLM; como o SSIM anda a limpar o sebo aos outros grupos de

letras, matando os seus homens, roubando as mulheres e o gado e contribuindo para os milhões de mortos já confirmados nas absurdas guerras civis do Sudão. E Ghita estava a sorver a sua cerveja e a fazer o possível por sorrir para Hank-The-Hawk, já que o seu monólogo parecia ser-lhe exclusivamente dirigido como recém-chegada e próxima conquista. Sentiu-se por isso grata a uma mulher africana, gordinha e de idade indeterminada, com shorts e alpergatas e um chapéu de vendedor de hortaliças londrino, que saiu da sombra, lhe bateu no ombro e berrou: — Eu sou a Sarah do Sudão, querida, e você tem que ser a Ghita. Ninguém me disse que era tão bonita. Venha tomar chá, minha linda. — E, sem cerimônias, levou-a por um labirinto de escritórios até um tukul igual a uma casa de praia sobre estacas, com uma cama única, um frigorífico e uma estante com uma coleção de Literatura Inglesa, de Chaucer a James Joyce.

No exterior uma pequena varanda com duas cadeiras para se sentarem à luz das estrelas e afugentar os insetos assim que a chaleira ferveu.

— Ouvi dizer que agora querem prender Arnold, — disse Sarah do Sudão mais descansada depois de terem lamentado devidamente a morte de Tessa.

— É o que eles querem. Se já decidiram esconder a verdade, a primeira coisa a seguir é dar às pessoas uma verdade diferente para as manter sossegadas. Senão, elas começam a pensar se a verdade real não estará escondida nalgum outro lado e isso não lhes convém nada,

Uma professora ou uma preceptora, decidiu Ghita. Habituada a explicar suas ideias e a repeti-las perante crianças desatentas.

— A seguir ao crime vem a cobertura — confirmou Sarah no mesmo ritmo calmo. — Não devemos esquecer que uma boa cobertura é mais difícil de organizar do que um mau assassinato. Um crime pode passar impune. Mas uma má cobertura pode mandar uma pessoa para a prisão a qualquer momento. — Explicava o problema com as suas grandes mãos. — Tapa-se este pedaço e

aquele fica destapado. E então tapa-se o segundo e o primeiro volta a aparecer. E daí a pouco um terceiro deixa de fora da areia o dedo grande do pé, tão certo como Caim matou Abel. E então o que quer que eu diga, querida? Tenho a sensação de não estarmos a falar daquilo que gostaria que eu falasse.

Ghita começou com cuidado.

— Justin — disse ela, estava a tentar traçar o quadro completo dos últimos dias de Tessa. Gostaria de ter a certeza de que a sua última visita a Loki tinha sido feliz e produtiva. Qual tinha sido a contribuição de Tessa para o seminário sobre consciência do sexo, Sarah poderia dizer alguma coisa? Tessa talvez tivesse entregue uma comunicação sobre os seus conhecimentos jurídicos ou sobre a sua experiência com as mulheres do Quênia? Haveria qualquer episódio ou momento feliz relacionado com Tessa que Justin gostasse de ouvir?

Sarah ouvia calmamente, com os olhos a piscar sob a aba do seu estranho chapéu enquanto sorvia o chá e dava vastas palmadas contra os mosquitos, sem nunca deixar de sorrir a quem passava: — Olá, Jeanne querida, estás a portar-te muito mal! Que andas a fazer com aquele vadio? Vai escrever a Justin sobre a nossa conversa?

A pergunta perturbou Ghita. Seria bom ou mau que ela se propusesse escrever a Justin? Haveria ali alguma insinuação? Para a Alta Comissão, Justin era como se não existisse. Seria aqui a mesma coisa?

— Bem, tenho a certeza de que Justin gostaria que eu lhe escrevesse, — admitiu ela, pouco à vontade. — Mas só o farei se puder dizer-lhe coisas que lhe sosseguem o espírito, se for possível. Quer dizer, nunca lhe direi nada que o possa magoar — protestou ela, um pouco desnorteada. — Justin sabia que Tessa e Arnold viajavam juntos. Toda a gente já o sabe. Seja o que for que tenha havido entre eles, Justin aceita-o.

— Olhe, não havia coisa nenhuma entre eles, querida, acredite, — disse Sarah com uma gargalhada. — Isso é tudo conversa de

jornal. Não era possível. Tenho a certeza absoluta. Olá, Abby, que tal vai isso? É a minha irmã. Já casou umas quatro vezes.

O significado destas duas frases, se houvesse algum, escapou a Ghita. Estava demasiado ocupada em esconder o que lhe parecia cada vez mais uma invenção estúpida. — Justin quer preencher os espaços vazios, — continuou valentemente. — Pôr todos os detalhes em ordem de parada no seu espírito. De modo a poder reconstituir tudo o que ela fez e pensou nos últimos dias. É evidente que, se me contar qualquer coisa que o possa fazer sofrer, não me passa pela cabeça dizer-lhe. É evidente.

— Em ordem de parada*, — repetiu Sarah, abanando a cabeça e sorrindo para si própria. — É por isso que eu gosto da língua inglesa. Ordem de parada aplica-se bem àquela extraordinária mulher. O que é que você pensa que eles fizeram quando aqui estiveram, querida? Passear por aí como recém-casados? Não era nada o gênero deles.

— Claro que vieram participar no seminário. A Sarah também foi? Se calhar até o dirigiu. Nunca lhe perguntei qual é a sua função aqui. Desculpe.

— Não peça desculpa, querida. Só está um pouco desnorteada. Não está em ordem de parada. — riu. — Claro que fui ao seminário. Talvez o tenha dirigido. Fazemos esse trabalho às vezes. Era um bom grupo, disso lembro-me. Duas mulheres da tribo Dhiak, uma médica viúva de Aweil, um pouco pretensiosa talvez, mas muito receptiva e um grupo de estagiários de direito vindos não sei de onde. Uma boa equipa, já disse. Mas o que é que aquelas mulheres vão fazer quando voltarem para o Sudão não faço ideia. Só podemos coçar a cabeça e pensar nisso à vontade.

— Talvez Tessa tivesse algo a ver com os estagiários, — disse Ghita, esperançada.

— Talvez sim, querida. Mas muitas daquelas mulheres nunca tinham andado de avião. Muitas delas enjoaram e ficaram cheias de medo e portanto fomos obrigados a animá-las antes de elas poderem falar e ouvir, que era o objetivo da viagem. Algumas delas

tiveram tanto medo que nunca disseram uma palavra a quem quer que fosse, só queriam voltar para casa, para a sua condição de indignidade. Nunca se meta nestes trabalhos, querida, se tiver algum medo de falhar, é o que eu costumo dizer. Façam a conta aos seus sucessos, é o conselho da Sarah do Sudão e nem sequer se lembrem das vezes em que falharam. Ainda me quer perguntar alguma coisa sobre o tal seminário?

A confusão de Ghita aumentou: — E ela? Fez boa figura? Gostou do que fez?

— Isto não sei, querida. Como é que poderia saber?

— Deve haver alguma coisa de que se lembre que ela disse ou fez. Ninguém se esquece de Tessa. — Pareceu-lhe estar a ser mal-criada, o que não queria.

— Nem do Arnold.

— Eu não vou dizer que ela contribuiu para a discussão, porque não contribuiu. Tessa não participou. Disso tenho a certeza.

— E Arnold?

— Também não.

— Nem sequer leu uma comunicação ou coisa assim?

— Nada, querida. Nenhum deles.

— Quer dizer que se limitaram a sentar-se ali, calados? Os dois? Não é nada o gênero da Tessa, ficar calada. Nem Arnold, aliás. Quanto tempo durou o curso?

— Cinco dias. Mas Tessa e Arnold não ficaram aqui cinco dias. Quase ninguém fica. Todos os que aqui vêm gostam de sentir que vão a outro lugar qualquer. Tessa e Arnold não eram diferentes dos outros. — Parou e olhou para Ghita, como que a avaliar a sua disponibilidade. — Sabe de que é que estou a falar, querida?

— Não. Receio que não.

— Talvez então saiba de que é que não estou a falar.

— Também não.

— Então o que é que quer?

— Quero descobrir o que eles fizeram nos seus últimos dias. Justin escreveu-me a pedir isso mesmo.

— Tem por acaso aí essa carta?

Ghita tirou-a com uma mão trêmula de um saco novo que ela tinha comprado para a viagem. Sarah levou-a para dentro para a poder ler ao pé da lâmpada e deixou-se ficar parada por uns momentos antes de voltar para a varanda e se sentar onde estava com um ar de grande perplexidade moral.

— Vai-me responder a uma pergunta, querida?

— Se puder.

— Tessa disse com a sua própria voz que ela e Arnold vinham para Loki para um seminário sobre a questão feminina?

— Foi o que eles disseram a todos nós.

— E acreditou?

— Claro. Todos acreditamos. Justin também. E continuamos a acreditar.

— E Tessa era uma grande amiga sua? Como uma irmã, disseram-me. E mesmo assim nunca lhe disse que tinha outras razões para vir aqui? Ou que o seminário é um bom pretexto, uma desculpa, como a Auto-Sustentabilidade é um bom pretexto para si, suponho eu?

— No início da nossa amizade Tessa contou-me umas certas coisas. Mas depois começou a ficar inquieta por mim. Pensou que me tinha contado coisas demais. Não estava certo estar a dar-me essa responsabilidade. Sou uma funcionária temporária, uma empregada local. Ela sabia que eu queria concorrer a um posto permanente. Fazer outros exames.

— E continua a pensar nisso, querida?

— Continuo. Mas isso não quer dizer que não me possam contar a verdade.

Sarah deu um sorvo no chá, arranjou a borda do seu capuz e sentou-se mais confortavelmente.

— Segundo creio, vai passar três noites aqui.

— Sim, volto para Nairobi na quinta-feira.

— Isso é ótimo. E vai ter um bom seminário. Judith é uma mulher muito prática que não se deixa levar por ninguém. Um pouco

impaciente para com os lentos de entendimento, mas sem nunca ser deliberadamente desagradável.

E amanhã à noite vou apresentá-la ao meu amigo Comandante McKenzie. — Já ouviu falar nele?

— Não.

— Tessa ou Arnold nunca lhe falaram nele?

— Não.

— É um piloto que está aqui conosco em Loki. Foi hoje para Nairobi, calculo que se tenham cruzado nos ares. Tinha que ir buscar mantimentos e tratar duns negócios. Vai gostar muito do Comandante McKenzie. É um homem de boas maneiras e tem mais coração do que muitas outras pessoas têm corpo. Pouco do que aqui se passa escapa ao conhecimento do Comandante McKenzie e muitíssimo menos lhe escapa da boca para fora. Andou metido em muitas guerras desagradáveis, mas agora é um dedicado homem de paz e é por isso que está aqui em Loki, para alimentar os meus esfomeados.

— Ele conheceu bem Tessa? — perguntou Ghita, a medo.

— Conhecia-a e achava-a uma senhora excepcional e isso é tudo. O Comandante nunca pensaria em levantar os olhos para uma mulher casada, tal como Arnold também não. Mas conhecia Arnold melhor do que Tessa. E acha que a polícia de Nairobi está louca em andar atrás de Arnold e quer dizer-lhes isso. Direi mesmo que essa foi uma das razões da sua ida hoje a Nairobi. E eles não vão gostar do que McKenzie lhes vai dizer, porque ele não tem papas na língua, pode acreditar.

— O Comandante McKenzie estava aqui em Loki quando a Tessa e Arnold vieram?

— Estava. E estive com Tessa muito mais tempo do que eu, querida. — Parou por um bocado e sorriu para as estrelas. Ghita ficou com a impressão de que ela estava a procurar decidir-se se havia de falar ou de guardar os seus segredos para ela, questão que Ghita se pusera a si própria durante as últimas semanas.

— Bom, querida, — continuou Sarah por fim. — Tenho observado você, pensado em você e me preocupado com você. E cheguei à conclusão de que você tem uma boa cabeça e que é, além disso, uma pessoa boa e decente com um grande sentido da responsabilidade, que é uma qualidade que eu muito aprecio. Mas se me enganei e você não é a pessoa que eu penso, podemos meter o Comandante McKenzie em grande encrenca. É um saber muito perigoso aquele que estou prestes a lhe contar e, depois de fazê-lo, não há como voltar atrás. Por isso lhe peço que me diga se eu a valorizei excessivamente e se não me enganei. Porque as pessoas que falam demais não têm emenda. Aí está uma coisa que aprendi. Podem jurar pela Bíblia num dia e, no dia seguinte, lá estão como antes, falando demais. A Bíblia não tem importância alguma para eles.

— Estou vendo, — disse Ghita.

— Vai então me avisar que interpretei mal o que vi, que ouvi e pensei de você? Ou devo dizer-lhe o que tenho na cabeça e você aguentará o peso dessa responsabilidade para sempre?

— Por favor, confie em mim.

— Foi o que pensei que você diria. Vou falar baixinho, por isso, chegue um pouco mais para cá. — Sarah empurrou a aba do chapéu para que Ghita a visse melhor. — Ora bem. Talvez os ralos nos façam o favor de fazer mais barulho, espero. Tessa nunca veio ao seminário, nem Arnold. Assim que puderam, Tessa e Arnold saltaram para o jipe do meu amigo McKenzie e foram calma e discretamente até o aeródromo. O Comandante, assim que pôde, fê-los subir para o seu avião Buffalo e levou-os para o Norte, sem passaportes ou vistos ou qualquer das formalidades impostas pelos rebeldes sudaneses que não param de lutar uns contra os outros e não têm o bom senso ou a inteligência de se unirem contra os maus árabes do Norte que parecem pensar que Alá lhes perdoará seja o que for, mesmo que o seu Profeta não o faça.

Ghita pensou que Sarah tinha acabado e preparava-se para falar, mas a outra tinha apenas começado.

— Uma outra complicação é que o Sr. Moi, que não conseguiria dirigir um circo de pulgas sem o auxílio de todo o seu governo, mesmo que tenha dinheiro a ganhar com isso, meteu na cabeça que tinha de dirigir o aeródromo de Loki, como já deve ter reparado. O Sr. Moi tem uma afeição muito limitada pelas Organizações Não Governamentais, mas um grande apetite pelas taxas de importação. E o Dr. Arnold estava muito desejoso de que o Sr. Moi e a sua gente não tomassem conhecimento do lugar onde desejavam ir.

— E onde é que eles foram? — murmurou Ghita, mas Sarah continuou em frente.

— Nunca perguntei onde era o lugar, porque o que eu não sei não o poderei dizer nem sequer a dormir, Também não há ninguém que me queira ouvir nos nossos dias. Estou velha demais. Mas o Comandante sabe, como é óbvio. Ele trouxe-os de volta na manhã do dia seguinte, fosse lá donde fosse, discretamente como na partida, E o Dr. Arnold disse-me: “Sarah, nós nunca fomos a lado nenhum, estivemos sempre aqui em Loki. Acompanhamos o seu seminário vinte e quatro horas por dia. Tessa e eu ficamos-lhe muito gratos se não esquecer esse importante fato.” Mas Tessa está morta e já não tem ocasião de ficar grata a Sarah do Sudão nem a ninguém, E o Dr. Arnold, se bem percebo, antes estivesse morto. Porque Moi tem os seus homens em toda a parte e eles roubam e matam à sua vontade, o que significa muitíssimos mortos. E quando fazem prisioneiros com a intenção de extrair deles algumas verdades, abandonam qualquer compaixão, e é bom que não esqueça isso, querida, porque está a nadar em águas muito profundas. É por isso que eu decidi que era essencial ter essa conversa com o Comandante McKenzie, porque ele sabe coisas que eu prefiro não saber. E como Justin é um homem bom, segundo ouvi a toda a gente, ele precisa de todas as informações que puder ter sobre a mulher e o Dr. Arnold. Estarei a pensar bem, ou haverá outra ideia melhor?

— Está a pensar bem, — disse Ghita.

— Muito bem. — Sarah bebeu o resto do chá e pousou a chávena. — Então vá já jantar e ganhar forças enquanto eu fico aqui mais um bocado, porque este lugar é só conversa, conversa, como já deve ter verificado. Não toque no caril de cabrito, por muito que aprecie. Porque aquele jovem cozinheiro somali, que é um rapaz dotado e irá ser um ótimo advogado, é uma nulidade no que toca ao caril de cabrito.

Ghita nunca soube bem como tinha passado o primeiro dia consagrado à Auto-Sustentabilidade, mas quando a campainha tocou às cinco horas — embora só tocasse na sua cabeça — teve a satisfação de ver que não tinha feito nada má figura, não tinha falado de mais nem de menos, tinha ouvido com humildade os participantes mais velhos e mais experientes, e tinha tomado imensas notas para um relatório à EADEC que nunca ninguém leria.

— Contento de ter vindo? — perguntou-lhe Judith alegremente, agarrando-lhe o braço quando a reunião acabou. — No vemos no clube, até logo.

— Isto é para si, querida, — disse Sarah, saindo de uma cabana-escritório com uma envelope na mão. — Divirta-se esta noite.

— Iguamente.

A letra de Sarah estava numa página rasgada de um caderno escolar: Querida Ghita. O Comandante McKenzie ocupa o tukul Entebbe, que é o número 14 ao lado da pista de aterragem. Terá muito prazer em recebê-la às nove horas da noite, depois do seu jantar. Ele é um cavalheiro, não tenha qualquer receio. Dê-lhe, por favor, esta nota para que eu fique com a certeza de que ela chegou onde era preciso. Tenha cuidado com você; lembre-se das suas responsabilidades no que toca à discricção.

Sarah

Os nomes dos tukuls pareceram a Ghita os de batalhas gravadas pelo regimento local na igreja junto ao seu colégio de freiras na Inglaterra. A porta da frente do “Entebbe” estava aberta, mas a rede antimosquitos estava bem fechada.

Lá dentro estava acesa uma lâmpada azulada e o Comandante estava sentado de forma que Ghita só via a sua silhueta, curvada sobre a secretária enquanto ele escrevia como um frade copista. E como as primeiras impressões é que contavam muito para Ghita, ela deixou-se ficar por um momento observando o seu aspecto rude e a sua extrema imobilidade, que deixavam antever um estrito temperamento militar. Estava quase a bater na rede, mas o Comandante ouviu-a, viu-a ou sentiu-a, pôs-se de pé como uma mola, deu duas atléticas passadas até a rede e abriu-a.

— Ghita, sou o Rick McKenzie. Mesmo à hora. Tem um papel para mim? Nova Zelândia, pensou ela e soube logo que tinha razão. Às vezes esquecia-se do seu talento para distinguir sotaques britânicos, mas desta vez não. Nova Zelândia e, vendo melhor, mais perto dos cinquenta do que dos trinta, mas isso só se via nas finíssimas rugas que lhe sulcavam as faces e nas pontas prateadas dos seus cabelos negros bem cortados. Entregou-lhe a nota de Sarah e seguiu-o com o olhar enquanto ele lhe virava as costas e aproximava o papel da lâmpada. Em volta havia um quarto austero e asseado com uma tábua de engomar, uns sapatos castanhos bem polidos e uma cama de soldado feita da mesma maneira que ela aprendera a fazer a sua no colégio, com o lençol rebatido sobre o cobertor e dobrado em bico de forma a fazer um triângulo equilátero.

— Porque é que não se senta? — perguntou ele, indicando-lhe uma cadeira de cozinha. Enquanto ela se dirigia à cadeira, a lâmpada foi deslocada para o chão, à entrada da porta. — Assim ninguém consegue ver aqui dentro, — explicou ele. — Temos aqui uns observadores-de-tukul em tempo integral. Quer uma Coca? — estendeu-a com o braço esticado. — Sarah diz que posso confiar em você, Ghita. Para mim chega. Tessa e Arnold não confiavam em ninguém, a não ser um no outro. E em mim porque tinham que confiar. É assim que eu gosto de trabalhar. Disseram que veio aqui por causa de um papo sobre sustentabilidade. — Era uma pergunta.

— Era só um pretexto. Justin escreveu pedindo que investigasse o que Tessa e Arnold vieram fazer em Loki nos últimos dias antes da

morte. Não acreditou na história do seminário sobre sexo.

— Tinha toda a razão. Tem essa carta?

O meu bilhete de identidade, pensou ela. A minha prova de boa-fé como mensageira de Justin. Passou-lhe a carta e ele puxou de uns austeros óculos de aros de aço e aproximou-se da lâmpada, mantendo-se fora do alcance da luz. Estendeu-lhe de volta a carta: — Então ouça lá.

Mas primeiro ligou o rádio, desejoso de estabelecer o que ele pomposamente chamou de aceitável nível sonoro.

— Ghita estava na cama, coberta só com o lençol. A noite não estava mais fresca do que o dia. Através do mosquitoieiro que a rodeava via o clarão vermelho do eletrocutor de insetos. Tinha corrido as cortinas mas elas eram demasiado finas. Passos e vozes continuavam a fazer-se ouvir através da janela e de cada vez ela tinha vontade de saltar da cama e de gritar “Olá!”. Os seus pensamentos vogaram para Gloria que, para seu espanto, uma semana atrás, a tinha convidado para jogar tênis no clube.

Diga-me, querida, — perguntara-lhe Gloria, depois de lhe ter ganho três partidas por 6-2. Seguiam de braço dado em direção ao edifício do clube. — Tessa teve algum amorico por Sandy, ou foi o contrário?

Ao que Ghita, apesar da sua dependência para com a verdade, mentiu descaradamente na cara de Gloria sem sequer corar. — Tenho a certeza de que não houve nada disso por parte de nenhum deles — disse ela, muito inocente. — O que é que a leva a pensar isso, Gloria?

— Nada, querida. Absolutamente nada. Achei esquisita a maneira como ele se portou durante o funeral.

Depois de Gloria, voltou ao Comandante McKenzie.

— Há aquele bôer maluco que dirige um posto de abastecimento a poucos quilômetros a oeste duma povoação chamada Mayan, — disse ele, mantendo a voz um pouco abaixo da de Pavarotti — um a espécie de maluco.

Capítulo 18

O seu rosto estava sombrio, as rugas mais marcadas. A luz branca do céu de Saskatchewan não conseguia penetrar nas sombras. A povoação era uma cidade perdida, a três horas de comboio de Winnipeg no meio de uma planície gelada de milhares de quilômetros e Justin atravessava-a com determinação, evitando o olhar dos raros passantes. O vento que constantemente soprava do Yukon ou do Alto Ártico e que varria durante todo o ano a grande planície, gelando a neve, dobrando o trigo, balouçando as tabuletas ou os cabos aéreos, não lhe rosava as faces cavadas. O frio glacial — vinte e tantos abaixo de zero — só parecia empurrar-lhe o corpo para a frente. Em Winnipeg, antes de tomar o comboio, tinha comprado um barrete e umas luvas de pele e um casaco acolchoado. A fúria tinha-se transformado num espinho. Um retângulo de papel guardado na carteira dizia:

VÁ PARA CASA E FIQUE QUIETO OU ENCONTRARÁ SUA MULHER.

Mas sua mulher o tinha levado até ali. Tinha-lhe desatado as mãos e tirado o capuz da cabeça, Tinha-o obrigado a pôr-se de joelhos e a arrastar-se até a casa de banho. Animado por ela, conseguira pôr-se de pé apoiando-se na banheira, tinha molhado a cara, a frente da camisa e a gola do casaco já que ela o tinha avisado de que se ele se despisse não conseguiria vestir-se de novo. A camisa estava imunda, o casaco sujo de vomitado, mas ele lá conseguiu limpá-los. Queria voltar para a cama, mas ela não o tinha deixado. Tentou pentear-se mas os braços não chegavam lá. Tinha uma barba de vinte e quatro horas mas tinha que ficar assim. O estar em pé fazia-lhe andar a cabeça à roda e teve sorte de conseguir chegar ao pé da cama antes de se deixar cair nela. Foi a conselho de Tessa que, caído numa sedutora modorra, se recusou a telefonar para a porteira ou a pedir os cuidados médicos da Dra. Birgit. Não confies em ninguém, tinha ela dito, e ele obedeceu.

Esperou que o mundo se endireitasse de novo, levantou-se e girou pelo quarto, contente por ele ser tão pequeno.

Tinha atirado a gabardina para uma cadeira. Com grande surpresa sua ainda lá estava o envelope de Birgit. Abriu o guarda-roupa, o cofre-forte estava embutido no fundo, a porta bem fechada. Digitou a data do seu casamento, quase desmaiando de dor a cada movimento. A porta abriu sobre o passaporte de Peter Atkinson calmamente adormecido. As mãos doíam-lhe muito mas pareciam não estar partidas e ele pegou o passaporte e guardou-o no bolso do casaco. Com muito custo conseguiu vestir a gabardina e abotoar o botão de cima e depois o da cintura. Como tinha decidido viajar com pouca bagagem, só tinha um saco de tiracolo. O dinheiro ainda lá estava. Arrumou as suas coisas de barbear, tirou as camisas e a roupa interior das gavetas da cômoda e meteu tudo no saco. Pôs o envelope de Birgit por cima e puxou o fecho de correr. Pôs a alça ao ombro e ganiu como um cão ferido. O relógio marcava cinco da manhã e parecia estar a trabalhar. Saiu para o corredor e arrastou-se ao longo da parede até o elevador. No salão de entrada duas mulheres vestidas à turca manobravam um aspirador de tamanho industrial. Um porteiro velhote dormitava atrás do seu balcão. Sem saber como, Justin disse o número do quarto e pediu a conta. Conseguiu tirar um maço de notas do bolso de trás, separou umas tantas e acrescentou-lhes uma gorda gorjeta, “por conta do Natal”.

— Importa-se que eu leve um destes? — perguntou numa voz que não lhe pareceu a sua, apontando para um molho de guarda-chuvas de porteiro, apertados num pote de cerâmica.

— Todos os que quiser, — disse o velho porteiro.

O guarda-chuva tinha um cabo de madeira que lhe chegava à cintura. Com o seu auxílio atravessou a praça vazia até a estação. Ao chegar aos degraus que levavam ao átrio parou para descansar e viu, espantado, que o velho porteiro estava a seu lado. Chegou a pensar que era Tessa.

— Consegue? — perguntou, solícito, o velhote.

— Consigo.

— Quer que eu lhe compre o bilhete?

Justin voltou-se e entregou dinheiro ao homem. — Zurique, — disse ele. — Só ida.

— Primeira classe?

— Absolutamente.

A Suíça era um sonho de criança. Há quarenta anos, os pais tinham-no levado para umas férias de passeios a Engadine e tinham-se instalado num grande hotel situado numa franja de floresta entre dois lagos. Nada mudara. Nem o parqué polido nem os vitrais nem a impassível governanta que o levou ao quarto. Deitado numa espreguiçadeira do seu terraço, viu os mesmos lagos a brilharem ao sol da tarde, os mesmos pescadores a remarem nos seus barcos no meio da neblina. Os dias passaram sem contar, pontuados por idas às termas e o toque fúnebre do gongo convocando-o para as suas refeições solitárias no meio de velhos casais que cochichavam. Numa ruazinha de chalés, um médico muito pálido e a sua assistente, trataram-lhe das feridas. — Um desastre de automóvel — explicou Justin. O médico franziu os olhos por detrás dos seus óculos. A jovem assistente riu.

À noite, o seu mundo interior absorvia-o, como acontecera todas as noites desde a morte de Tessa. Trabalhando na escrivaninha de embutidos situada num canto envidraçado, escrevendo custosamente a Ham com a sua mão direita tão maltratada, lendo e relendo o que Birgit escrevera sobre a confissão de Lorbeer e voltando à escrita para Ham, Justin tomava consciência do sentido da sua própria integridade. Se Lorbeer era o penitente purgando no deserto os seus pecados, comendo gafanhotos e mel selvagem, Justin também estava sozinho com o seu destino. Mas estava decidido. E, de uma maneira obscura, purificado. Nunca pensara que a sua pesquisa teria um fim feliz. Nunca lhe tinha ocorrido que pudesse ter um fim. Continuar a missão de Tessa — empunhando a sua bandeira e assumindo a sua coragem — era para ele suficiente. Ela tinha testemunhado uma monstruosa injustiça e começado a

combatê-la. Agora ele era também testemunha. A luta dela era a sua luta,

Mas quando se lembrava da escuridão eterna do capuz e do cheiro do seu próprio vômito, quando observava as sistemáticas contusões do seu corpo, as manchas ovais amarelas e azuis, que se alinhavam como notas de música ao longo do tronco, das costas e das pernas, sentia uma afinidade de outra espécie. Sou um de vós. já não trato das rosas enquanto vocês cochicham curvados sobre as suas chávénas. Não precisam de baixar a voz quando me aproximo. Também eu estou sentado à mesa, também eu digo sim.

Sete dias mais tarde, Justin pagou a conta e quase sem dizer a si mesmo o que estava a fazer, apanhou um comboio para Basileia para aquele tão falado troço inicial do Vale do Reno onde os gigantes das farmacêuticas têm os seus castelos. E aí, de um palácio cheio de frescos, enviou para Milão, para o velho dragão de Ham, um grossíssimo envelope.

Depois foi passear a pé. Com custo, mas foi. Primeiro uma ladeira grosseiramente empedrada até a cidade medieval, com os seus campanários, as casas dos ricos comerciantes, as estátuas de livre-pensadores e de mártires da opressão.

E, quando se sentiu impregnado desta herança, voltou a descer até a margem do rio e, a partir de um parque infantil, olhou para cima sem quase querer acreditar, para as gigantescas torres de betão dos bilionários das farmas, para aqueles quartéis sem rosto, alinhados ombro a ombro contra o inimigo individual. Gruas cor-de-laranja agitavam-se incessantemente à sua volta. Chaminés brancas, tais minaretes emudecidos, algumas com os topos aos quadrados, outras às riscas ou vistosamente pintadas por causa dos aviões, lançavam os seus gases invisíveis num céu acastanhado. E aos seus pés, redes ferroviárias, gares de despacho, parques de camionagem, cada um deles protegido pelo seu próprio Muro de Berlim, com os respectivos arames farpados e graffiti.

Movido por uma força que já não tentava definir, Justin atravessou a ponte e, como num sonho, vagueou por uma terra de

ninguém com agências imobiliárias, lojas de roupa usada e camponeses imigrados de olhos cavados. Gradualmente, por uma espécie de atração magnética, deu por si naquilo que à primeira vista parecia uma agradável avenida bordada de árvores que conduzia a um portal acolhedor, tão intensamente coberto por trepadeiras que mal se viam as grandes portas de carvalho com o seu botão de campainha bem polido e a sua caixa de correio em latão. Foi só quando Justin levantou os olhos cada vez mais para cima até o céu que descobriu a grandeza de três torres ligadas por passadiços. As fachadas de pedra estavam impecavelmente limpas, as janelas eram de vidro acobreado. E por trás de cada monstruoso bloco erguia-se uma chaminé branca, fina como um lápis espetado no céu. E em cada chaminé as letras KVH, em metal dourado e dispostas verticalmente, pareciam sorri-lhe como velhos amigos.

Quanto tempo ali ficou, sozinho, como um inseto apanhado numa armadilha, nunca o soube dizer. Às vezes parecia-lhe que as alas do edifício iam apertá-lo e esmagá-lo. Outras vezes iam cair-lhe em cima. Os joelhos cederam e Justin achou-se sentado num banco, num espaço bem cuidado onde várias mulheres passeavam os seus cães. Sentiu um cheiro fraco mas insistente e, por momentos, regressou à morgue de Nairobi. Quanto tempo terei de viver aqui, pensou ele, antes de já não dar pelo cheiro? Deve ter caído a tarde porque as janelas iluminaram-se. Passaram a ver-se algumas silhuetas a deslocarem-se e uns pontos azulados correspondentes a ecrãs de computador. Porque é que estou aqui sentado? — perguntou-lhe a ela. Em que é que estou a pensar a não ser em ti?

Ela estava sentada ao seu lado mas, por uma vez, não tinha uma resposta pronta. Estou a pensar na tua coragem, continuou ele. Estou a pensar que foste tu e Arnold contra todo o resto, enquanto o querido Justin se preocupava com que os seus canteiros estivessem em boas condições para as tuas frésias amarelas. Estou a pensar que deixei de acreditar em mim e em tudo o que eu representava. Que houve uma altura em que, tal como as pessoas destes

edifícios, o teu Justin sentiu orgulho em se submeter ao juízo mais severo duma vontade coletiva — que ele então designava por Pátria ou a Doutrina do Homem Racional ou, com alguma confusão, a Causa Suprema. Houve uma altura em que eu acreditei que era admissível que um homem — ou uma mulher — tivesse de morrer para benefício de muitos. Chamava-lhe sacrifício, ou dever, ou necessidade. Houve uma altura em que eu podia postar-me à noite em frente do Foreign Office, olhar para as janelas iluminadas e pensar: boa noite, aqui está o seu humilde servidor, Justin. Sou uma peça desta grande e sábia máquina e tenho muito orgulho nisso. Sirvo, logo sinto. Mas o que eu agora sinto é: eram vocês contra toda aquela quadrilha e, como é natural, foram eles que ganharam.

Na Rua Principal da cidadezinha, Justin virou à esquerda, ou seja, para noroeste até o Boulevard Dawes, apanhando com toda a fúria do vento das pradarias na face enquanto examinava o cenário. Os seus três anos como Adido Comercial na Embaixada de Ottawa não tinham sido em vão. Embora nunca tivesse estado naquele lugar em toda a sua vida, tudo o que via lhe era familiar. Neve de outubro até a Páscoa, lembrava-se ele. Plantem na primeira lua de junho e colham antes dos primeiros frios de setembro. Passadas algumas semanas, alguns tímidos brotos de açafrão emergiriam dos tufo de erva queimada na planície nua. Do outro lado da rua estava a sinagoga, alegre e funcional, construída pelos primeiros colonos despejados na estação do comboio com as suas más recordações, suas malas de cartão e promessas de terra à borla. Cem metros adiante erguia-se a igreja Ucraniana e a seguir os Católicos, os Presbiterianos, as Testemunhas de Jeová e os Batistas, Os seus parques de estacionamento estavam eletrificados para que os motores dos fiéis pudessem ser aquecidos enquanto os donos rezavam. Uma frase de Montesquieu veio-lhe à cabeça: nunca houve tantas guerras civis como no Reino de Cristo.

Por detrás das casas do Senhor estavam as casas de Mamon; o sector industrial da cidade. O preço da carne de vaca deve estar baixo senão porque estaria ele a ver a fábrica novinha em folha da

Delectable Porkmeat? E o trigo não estaria melhor, senão que faria ali a Companhia do óleo de Girassol? E aqueles tímidos habitantes que se juntavam ao pé da estação eram com certeza sioux ou crows. O caminho de sirga fez uma curva e dirigiu-o para o norte atravessando um pequeno túnel. À saída viu-se num mundo diferente de garagens para barcos e de mansões à beira rio. Aqui, decidiu ele, é onde os ricos anglo-saxões aparam os seus relvados, lavam os seus carros, envernizam os seus barcos e praguejam contra os judeus, os russos e os malandros dos índios que não fazem nenhum e vivem da assistência social. E no cimo da colina, ou daquilo que por estas partes passa por colina, lá está a sua meta, o orgulho da cidade, a joia do Saskatchewan oriental, o seu paraíso acadêmico, a Universidade de Dawes, uma mescla bem organizada de cantaria medieval, tijolo colonial e cúpulas de vidro. Chegando a uma bifurcação do caminho, Justin escolheu o trilho mais inclinado e, através de um Ponte Vechio em estilo anos vinte, chegou a um portão embutido numa parede com ameias onde luzia um escudo de armas. Através do vão, Justin pôde admirar o campus imaculado e a estátua em bronze do fundador, George Eamon Dawes Junior em pessoa, dono de minas, barão dos caminhos-de-ferro, libertino, ladrão-de-terras, matador-de-índios, e orago local, resplandecente no seu plinto de granito.

Continuou a andar. Tinha estudado o guia. O caminho alargou-se e transformou-se num terreno de parada. O vento levantava uma poeira granulosa. Do lado de lá via-se um pavilhão coberto de hera e, rodeando-o, três blocos de aço e betão especialmente construídos. Largas janelas iluminadas a néon cortavam os blocos em fatias. Um letreiro em verde e ouro — as cores favoritas da Sra. Dawes, explicava o guia, — anunciava em inglês e francês o Hospital Universitário para Pesquisas Clínicas. Um letreiro menor dizia Doentes Externos. Justin seguiu a seta e chegou a umas portas de mola que estavam debaixo de uma pala de cimento e eram vigiadas por duas mulheres corpulentas em batas verdes. Deu-lhes as boas-tardes e recebeu em troca uma alegre saudação.

Com a face gelada e o corpo dorido da marcha, com cobras escaldantes a subirem-lhe pelas coxas e pelas costas deitou um olhar sub-reptício para trás e subiu os degraus da entrada.

O átrio era de mármore, grande e fúnebre. Um horroroso e gigantesco retrato de George Eamon Dawes Júnior em traje de caça fez-lhe lembrar o átrio do Ministério dos Negócios Estrangeiros. O balcão da recepção estava ocupado por homens e mulheres de cabelos prateados e túnicas verdes e corria ao longo de toda uma parede. Daí a pouco vão chamar-me “Senhor Quayle, por favor” e dizerem-me que Tessa era uma senhora excepcional. Passou por um minicentro comercial. O Banco Dawes Saskatchewan. Uma estação de correios. Uma tabacaria Dawes. Mc Donald’s, Pizza. Paradise, Café Starbuck, uma boutique Dawes que vendia lingerie, roupas de grávida e liseuses. Chegou a uma encruzilhada cheia do estrupido dos carrinhos de carga, o zumbido dos elevadores, o eco dos tacões agulha e o piar dos telemóveis. Visitantes apreensivos estavam sentados ou andavam de um lado para o outro. Pessoal em trapos verdes desaparecia por uma porta e aparecia por outra. Nenhum tinha abelhas bordadas no bolso.

Um grande quadro de avisos estava ao lado de uma porta marcada Médicos Exclusivamente. Com as mãos atrás das costas para denotar autoridade, Justin examinou os anúncios. Babysitters, barcos e automóveis, compram-se e vendem-se. Quartos para alugar. O Dawes Club de canto Coral, a Sociedade Dawes para o Estudo da Bíblia, a Sociedade Dawes de Ética, o Grupo Dawes de danças Escocesas. Um anestesista quer comprar um bom cão castanho de tamanho médio, com um mínimo de três anos e que seja “um campeão de marcha”. Esquema Dawes para Empréstimos. Esquema Dawes para Pagamentos a Prestações. Um serviço religioso terá lugar na Capela Dawes em ação de graças pela vida da Dra. Maria Kowalski — alguém sabe o gênero de música de que ela gostava? Listas de Médicos Disponíveis. Médicos de Férias, Médicos de Serviço. E um alegre pôster anunciando que esta semana as pizzas grátis para os estudantes de medicina são

oferecidas pela Karel Vira Hudson de Vancouver — e porque não vêm ao nosso Brunch de Domingo e passagem de filmes KVH na discoteca Haybarn, já agora? Basta preencher o formulário Por Favor Convide-me, disponível com a sua pizza e terá um bilhete grátis para a experiência da sua vida!

Mas nem uma palavra sobre a Dra. Lara Enrich, até há pouco tempo a estrela do Corpo Docente, especialista em surtos de tuberculose multi-resistentes, professora apoiada pela KVH e co-Inventora da droga-maravilha Dypraxa. Não estava de férias nem estava disponível. O seu nome não constava da vistosa lista de telefones internos pendente dum cordão junto ao quadro dos avisos. Não andava à procura de um cão castanho de tamanho médio. A única referência a ela seria talvez um aviso manuscrito, relegado para o extremo do quadro e praticamente fora de vista lamentando que “por ordem do Excelentíssimo Reitor” a reunião da Associação dos Médicos de Saskatchewan para a Integridade Profissional não se realizaria nas instalações da Universidade. A data e o local seriam oportunamente divulgados.

Com o corpo a gritar de dor e de cansaço, Justin acaba por tomar um táxi para regressar ao seu característico hotel. Desta vez tinha sido inteligente. Numa folha do caderno de Lesley, Justin tinha mandado a sua carta através de uma florista, juntamente com um generoso ramo de rosas.

Sou um jornalista inglês amigo da Birgit do Hippo. Estou investigando a morte de Tessa Quayle. Poderia fazer o favor de me telefonar para o Saskatchewan Man Motel, quarto dezoito, depois das sete da tarde? Sugiro que se sirva de uma cabine telefônica a boa distância de sua casa.

Peter Atkinson

Mais tarde digo-lhe quem sou, tinha ele decidido. Não quero assustá-la. Quero escolher a hora e o lugar. É melhor. O seu disfarce não valia grande coisa mas era o único que tinha. Tinha

sido Atkinson no hotel na Alemanha e Atkinson quando lhe bateram. Embora o tenham tratado por Quayle. E foi como Atkinson que voara de Zurique para Toronto, se instalara numa pensãozinha de tijolos junto à estação e, soubera, pelo seu pequeno rádio, com uma surrealista indiferença, que começara a perseguição em escala mundial do Dr. Arnold Bluhm, procurado pelo assassinato de Tessa Quayle. Sou uma espécie de Oswald, Justin... Arnold Bluhm perdeu a cabeça e matou Tessa... E foi anonimamente que tomou o trem para Winnipeg, esperou durante um dia inteiro e tomou outro trem para esta cidade. Mesmo assim, não se iludia. Na melhor das hipóteses tinha uns dias de adiantamento. Mas, num país civilizado, nunca se pode saber.

— Peter?

Justin acordou sobressaltado e olhou para o relógio. Nove da noite. Tinha deixado um bloco e uma caneta ao lado do telefone.

— Sou, sou o Peter.

— Sou a Lara. — Parecia um queixume.

— Boa noite, Onde podemos encontrar-nos?

Um suspiro. Um suspiro triste, irremediavelmente cansado, para corresponder à triste voz eslava. — Isso não é possível,

— Porque não?

— Está um carro em frente da minha casa. Às vezes é uma picape. Estão a vigiar-me constantemente. Não será possível encontrarmo-nos discretamente.

— Onde está agora neste momento?

— Numa cabine. — Falava como se não fosse sair dali viva.

— Alguém está agora a vigiá-la?

— Ninguém que se veja. Mas é noite. Obrigado pelas rosas.

— Posso encontrá-la em qualquer lugar que lhe convenha. Em casa de um amigo. Ou no campo se preferir. Como quiser.

— Tem carro?

— Não.

— Por que não? — Era uma censura e um desafio.

— Não tenho os documentos indispensáveis,

— Você quem é?

— Já lhe disse. Um amigo de Birgit. Um jornalista inglês. Falaremos disso quando nos encontrarmos.

Ela já tinha desligado. Justin tinha o estômago dando voltas, precisava ir ao banheiro, mas lá não havia telefone. Aguentou enquanto pôde e acabou por ir a correr. Quando já estava sentado ouviu o telefone tocar. Tocou três vezes e quando conseguiu chegar já tinha parado. Com as mãos na cabeça, sentou-se na beira da cama. Não tenho jeito para isso. Como os espiões conseguem? O que teria feito o velho Donohue? Com uma heroína de Ibsen do outro lado da linha? O mesmo que eu fiz, ou pior ainda. Olhou de novo para o relógio com medo de ter perdido a noção do tempo. Tirou-o do pulso e colocou ao lado do bloco. Quinze minutos. Vinte. Trinta. Que diabos terá acontecido? Tornou a pôr o relógio, perdendo a calma e não conseguindo apertar a fivela.

— Peter?

— Onde podemos nos encontrar?

— Em qualquer lugar que escolher.

— Birgit diz que você é o marido.

Meu Deus! Sente a terra se mexer. — Birgit disse isso pelo telefone?

— Não falou em nomes. “É o marido.” Só isso. Foi discreta. Por que não me disse que era o marido dela? Assim eu não pensaria que era uma provocação.

— Ia contar quando nos encontrássemos. Vou falar com uma amiga. Não devia ter mandado as rosas. Foi um exagero.

— Quem é a amiga? Tenha cuidado com o que vai dizer. Meu nome é Peter Atkinson. Sou jornalista. Ainda está na cabine?

— Ainda.

— Na mesma?

— Não estou sendo vigiado. No inverno só me vigiam de carro. São preguiçosos. Não há nenhum carro à vista.

— Tem moedas que cheguem?

— Tenho um cartão.

— Não use o cartão. Use moedas. Usou o cartão quando falou com Birgit?

— Isso não tem importância.

Eram dez e meia quando ela falou outra vez. — A minha amiga está assistindo uma operação, — explicou, sem pedir desculpas. — Uma operação complicada. Falei com outra amiga. Está de acordo. Se tem medo, tome um táxi até Eaton e vá a pé o resto do caminho.

— Não tenho medo, tenho cuidado.

Olha esta!, pensou ele, ao tomar nota do endereço. Nunca a vi, mandei-lhe exageradamente duas dúzias de rosas e já estamos tendo um arrufo de namorados.

Havia duas maneiras de sair do seu motel: pela porta da frente e o parque de estacionamento ou pela porta de trás até a recepção, através dos corredores.

Justin apagou as luzes e espreitou pela janela para o parque de estacionamento. Sob a lua cheia cada carro tinha um halo prateado de geada. Dos vinte e tal lugares do parque só um estava ocupado. Estava uma mulher ao volante e ao seu lado um homem. Estavam a discutir. A propósito de rosas? Ou do deus Lucro? A mulher gesticulava, o homem abanava a cabeça. O homem saiu, ladrou-lhe uma palavra final, uma praga certamente, bateu com a porta, meteu-se noutra carro e foi embora. A mulher deixou-se ficar onde estava. Torceu as mãos em desespero e pousou os punhos no volante. Pôs a cabeça nas mãos e começou a soluçar, sacudindo convulsivamente os ombros. Dominando um desejo absurdo de a confortar, Justin apressou-se a ir para a recepção e mandou vir um táxi.

A casa fazia parte de um conjunto edificado numa rua vitoriana. Cada casa estava implantada em ângulo, como uma linha de proas de barco entrando num velho porto. Cada uma delas tinha uma cave com a respectiva escada exterior e uma porta de entrada acima do nível da rua à qual se acedia por degraus de pedra e que tinha como puxadores umas ferraduras de bronze que não batiam. Observado por um gordo gato cinzento que se instalara entre as

cortinas e uma janela do nº 7, Justin subiu os degraus do nº 6 e tocou à campainha. Trazia tudo o que possuía: um saco de viagem, dinheiro e, apesar das recomendações de Lesley, os dois passaportes. Tinha pago o motel adiantado. Se voltasse para lá seria por sua vontade e não por necessidade. Eram dez horas duma noite gelada e clara. Havia carros estacionados atrás uns dos outros à beira do passeio deserto. A porta foi aberta por uma mulher alta que ficou em silhueta.

— Você é o Peter — disse-lhe ela, acusadoramente.

— É a Lara?

— Naturalmente.

Fechou a porta atrás dele.

Alguém a seguiu até aqui? — perguntou-lhe ele. É possível. E a si?

Olharam um para o outro, agora ambos iluminados. Birgit tinha razão: Lara Enrich era bela. Bela na altiva inteligência do seu olhar; no seu desprendimento gélido, científico, que logo à primeira vista o fez recuar; na maneira como ela afastou para trás com o pulso o cabelo que começava a acizentar e depois, ainda com o cotovelo erguido e o pulso junto da testa, continuou a examiná-lo severamente com um olhar a um tempo arrogante e inconsolável. Estava vestida de preto. Calças pretas, túnica preta, sem maquilagem. A voz, ouvida ao perto, era ainda mais sombria do que ao telefone.

— Tenho muita pena de si, — disse ela, — É terrível. Que tristeza.

— Muito obrigado.

— Foi assassinada pelo Dypraxa.

— Penso que sim. Indiretamente.

— Muita gente foi assassinada pelo Dypraxa,

— Mas nem todos foram traídos por Lorbeer.

Do andar de cima veio uma revoada de aplausos televisivos.

— Arny é minha amiga, — disse ela, como se a amizade fosse um pecado.

— É contabilista no Hospital Dawes. Infelizmente assinou uma petição a meu favor e ajudou a fundar a Associação dos Médicos de Saskatchewan para a integridade profissional. E por isso andam à procura de um pretexto para a despedirem.

Justin ia perguntar-lhe se Arny o conhecia como Quayle ou Atkinson quando uma mulher de voz forte se dirigiu a ele do andar de cima e uns chinelos de pele apareceram no alto das escadas.

-Traga-o aqui para cima, Lara. Ele precisa de uma bebida.

Arny era gorda e de meia idade, uma dessas mulheres sérias que resolveram conduzir-se como atrizes cômicas. Trazia um quimono escarlate e um brinco de pirata. Os chinelos tinham uns olhos de vidro. Mas tinha fundas olheiras e rugas de cansaço aos cantos da boca.

— Os homens que mataram a sua mulher deviam ser enforcados, — disse ela. — Scotch, bourbon ou Vinho? Este é o Ralph.

Estavam numa sala grande, forrada de pinho. Ao fundo havia um bar. Uma enorme televisão transmitia hóquei no gelo. Ralph era um velho de cabelo ralo, de roupão. Sentava-se numa poltrona de falso cabedal com um banquinho idêntico para descansar os pés. Ao ouvir o seu nome, levantou uma mão com manchas hepáticas mas não tirou os olhos do jogo.

— Bem-vindo a Saskatchewan. Pegue uma bebida, — disse ele, com um sotaque da Europa Central.

— Quem está ganhando? — perguntou Justin, amistosamente.

— Os Canucks.

— Ralph é advogado, — disse Arny. — Não é, querido?

— Agora já não sou nada. A maldita parkinson me puxa para a cova. Os tipos da Universidade portaram-se como uns cavalos. É por isso que veio?

— Sobretudo por isso.

-Abafar a livre expressão, interpor-se entre o médico e o doente, já é hora de que homens e mulheres civilizados tenham coragem para dizer a verdade e não se agacharem na latrina como covardes.

— Sem dúvida, — disse Justin, polidamente, pegando no copo de vinho branco que Arny lhe estendia.

— A Karel Vita toca a música e Dawes dança. Vinte e cinco milhões de dólares para começar e mais cinquenta milhões prometidos para um novo edifício de Biotecnologia. Isto não são trocos, mesmo para os desmiolados nababos da Karel Vita. E se toda a gente se portar bem, vem aí muito mais dinheiro. Como é que se pode resistir a uma pressão destas?

— Temos de tentar, — disse Arny. — Senão estamos fodidos.

— Fodidos se não tentarmos, fodidos se tentarmos. Se abres a boca, tiram-te o salário, despedem-te e expulsam-te da cidade. A livre expressão custa muito caro nesta cidade, Sr. Quayle, muito mais do que nos podemos permitir. Qual é o seu primeiro nome?

— Justin.

— Isto é uma terra de colheita única, Justin, quando se trata de livre expressão. Tudo muito bem enquanto uma puta russa não se lembra de publicar uns artigos disparatados na imprensa médica dizendo mal de uma pilulazinha inteligente que ela própria inventou e que vale bilhões de dólares para a Casa de Karel Vita, que Alá conserve. Onde é que pensas instalá-los, Arny?

— No escritório.

— Lembra-te de desligar o telefone para eles não serem incomodados. Cá em casa, Arny é que é a técnica, Eu sou um velho chato. Tudo o que precisar peça à Lara, Conhece a casa melhor do que nós, o que é um desperdício, já que vamos ser despejados daqui dentro de uns meses.

E voltou para os seus vitoriosos Canucks.

Ela já não o vê, ainda que tenha posto uns óculos grossos que podiam ser de homem. A russa que há nela trouxe um saco de fim de semana entreaberto a seus pés, cheio de papéis que ela conhece de cor: cartas de ameaça escritas por advogados, cartas da faculdade despedindo-a, uma cópia do seu artigo não-publicado e finalmente cartas dos seus próprios advogados, mas não muitas porque, explica ela, não tem dinheiro e, além disso, o seu advogado

gosta mais de defender os direitos dos Sioux do que travar batalha contra os ilimitado recursos dos Srs. Karel Vita Hudson, de Vancouver. Estão sentados como dois jogadores de xadrez sem tabuleiro, um em frente do outro, os joelhos quase a tocarem-se. A recordação de algumas gravuras orientais lembra a Justin que não deve apontar os seus pés para ela, razão por que se senta de lado, posição pouco confortável para o seu corpo dolorido. Há já uns minutos que ela tem estado a falar para um ponto acima do ombro dele e Justin mal a tem interrompido. Lara está totalmente absorvida em si própria, a sua voz didática, às vezes desanimada. Vive apenas para a monstruosidade do seu caso e da sua desesperada falta de solução. Tudo se lhe refere. Às vezes — muitas vezes, suspeita ele — chega a esquecer-se de que ele está ali. Ou então a situação é outra qualquer: uma confusa reunião da faculdade, uma tímida convocatória dos colegas da Universidade, um professor vacilante, um advogado pouco à vontade. É só quando ele pronuncia o nome de Lorbeer que ela lhe presta atenção, franze o rosto e prefere dar uma volta ao assunto: Markus é demasiado romântico, é tão fraco, todos os homens fazem coisas mal feitas e as mulheres também. E não, não sabe por onde ele anda.

— Anda escondido. É muito instável. Muda de direção todos os dias,— explica ela com persistente melancolia.

— Quando ele fala num deserto, é mesmo um deserto verdadeiro?

— Será um lugar muito desagradável. Também isso é típico.

Para defender a sua causa, Lara emprega frases que ele nunca lhe atribuiria.

— Aqui dou um salto... A KVH não faz prisioneiros... — Chega a falar dos “meus doentes no corredor da morte”. E quando lhe entrega uma carta do advogado, ela vai repetindo enquanto ele lê, não vá ele perder as partes mais ofensivas:

Mais uma vez lhe recordo que a cláusula de confidencialidade do seu contrato expressamente a proíbe de dar informações controversas aos seus doentes... Fica formalmente advertida contra

qualquer futura disseminação, seja verbal ou por quaisquer outros meios, dessas grosseiras e mal intencionadas opiniões baseadas na falsa interpretação dos dados que obteve quando estava sob contrato da Karel Vita Hudson...

Isto é seguido de um remate soberbamente arrogante: <os nossos clientes negam terminantemente que tenham tentado de alguma forma suprimir ou influenciar qualquer legítimo debate científico.>

— Mas por que assinou aquele maldito contrato? — interrompe Justin com rudeza.

Satisfeita com a fúria dele, Lara dá uma triste risada. — Porque confiava neles. Fui completamente parva.

— Você é tudo menos parva, Lara. É uma mulher altamente inteligente, com os diabos! — exclama Justin.

Insultada, ela refugia-se num silêncio ofendido.

Os primeiros anos a seguir à Karel Víta ter comprado, por intermédio de Lorbeer, a molécula Enrich-Kovacs, diz ela, foram uns anos de ouro. As primeiras experiências de curto prazo foram excelentes, as estatísticas melhoraram-nas, a associação Enrich-Kovacs era o assunto preferido de conversa da comunidade científica internacional. A KVH forneceu laboratórios de pesquisa, equipas de técnicos, experiências clínicas em todo o Terceiro Mundo, viagens em primeira classe, hotéis de luxo, respeito e dinheiro a rodos.

— Para a frívola Kovacs foi a concretização dos seus sonhos. Iria dirigir Rolls-Royces, iria ganhar o Prémio Nobel, seria rica e famosa, teria muitos e muitos amantes. E para a séria Lara, as experiências clínicas seriam científicas e responsáveis. O medicamento seria experimentado em todas as comunidades étnicas e sociais vulneráveis à doença. Muitas vidas seriam melhoradas e outras salvas. Tudo seria muitíssimo satisfatório.

— E para Lorbeer?

Um olhar irritado, uma careta de reprovação.

— Markus deseja ser um santo rico. É a favor dos Rolls-Royces mas também de salvar vidas.

— Por Deus e por Lucro, então, — sugere Justin com ligeireza, mas a única resposta foi um olhar repreensivo.

— Dois anos mais tarde fiz uma descoberta terrível. Os ensaios KVH eram uma aldrabice. Não tinham sido feitos cientificamente. Só tinham como objetivo lançar o medicamento no mercado o mais cedo possível. Alguns efeitos colaterais eram deliberadamente ignorados. Quando havia algum desses efeitos, o ensaio era refeito de modo a que não se repetissem.

— Que efeitos eram esses?

Ela retomou a sua voz de conferência, mordente e arrogante: — Na altura dos ensaios não-científicos poucos efeitos foram observados. O que se deveu ao excessivo entusiasmo de Kovacs e Lorbeer e à determinação dos centros clínicos do Terceiro Mundo para que os ensaios tivessem bons resultados. E por isso os ensaios eram favoravelmente divulgados nas revistas médicas mais importantes por distintos especialistas que escondiam as suas lucrativas ligações com a KVH. Na realidade, tais artigos eram escritos em Vancouver ou Basileia e apenas assinados pelos distintos especialistas. Constatou-se que o medicamento não convinha a uma insignificante proporção de mulheres em idade de ter filhos. Algumas ficavam com defeitos de visão. Houve algumas mortes, mas a manipulação das datas fez com que esses casos não figurassem no período em estudo.

— Ninguém se queixou?

A pergunta fá-la zangar-se. — Quem é que se iria queixar? Os médicos e técnicos do Terceiro Mundo que estão a ganhar dinheiro com os ensaios? O distribuidor que está a ganhar dinheiro com a comercialização e não quer perder os lucros provenientes dos outros fármacos da KVH, ou mesmo ser afastado do negócio?

— E os doentes?

A opinião dela sobre Justin bateu no fundo, — A maior parte das doentes eram de países não democráticos com sistemas de saúde completamente corruptos. Teoricamente deram a autorização para o tratamento. Quer dizer, as suas assinaturas estão no fim dos

formulários, mesmo que elas não soubessem ler o que lá estava escrito. A lei impede-as de receber uma verba pré-determinada mas eram generosamente recompensadas pela viagem e pela perda de ganhos e tinham comida de graça, o que eles muito apreciavam. E, além disso, tinham medo.

— Das empresas?

— De todos. Se se queixassem eram ameaçadas. Disseram-lhe que os filhos não receberiam mais remédios da América e que os seus homens iriam para a cadeia.

— Mas você queixou-se.

— Não. Não me queixei. Protestei vigorosamente. Quando descobri que o Dypraxa estava a ser promovido como medicamento seguro e não como estando em ensaios, dei uma conferência numa reunião científica da Universidade e considerei isso uma conduta imoral por parte da KVH. Isto não foi bem acolhido. Dypraxa é um bom medicamento. Isso não está em causa. O problema tem três aspectos — levantou três dedos. — Ponto um: os efeitos colaterais estão a ser deliberadamente escondidos por razões de lucro. Ponto dois: as comunidades mais pobres do mundo estão a ser usadas como cobaias pelas riquíssimas companhias. Ponto três: o debate científico sobre o caso está a ser abafado pelas companhias,

Os dedos encolhem-se enquanto com a outra mão retira do saco um brilhante prospecto azul com o cabeçalho: BOAS NOTÍCIAS DA KM.

Dypraxa é um substituto altamente eficaz, seguro e económico dos tratamentos até agora conhecidos para a tuberculose. Provou ser uma enorme vantagem para os países em desenvolvimento.

Lara retoma o prospecto e avança com uma carta muito manuseada dos advogados da KVH. Um dos parágrafos está sublinhado.

O estudo do Dypraxa foi concebido e executado de uma maneira inteiramente ética, abrange um determinado número de anos com o consentimento expresso de todos os doentes. Nos seus ensaios, a KVH não faz qualquer distinção entre países ricos e pobres. Apenas

se preocupa em escolher condições apropriadas ao projeto em estudo. A KVH é muito justamente conhecida pela qualidade dos seus produtos.

— E qual é a posição da Kovacs?

— Está inteiramente ao lado da companhia. Ela não tem a mínima integridade. Foi com o seu auxílio que muitos dados clínicos foram distorcidos ou suprimidos.

— E Lorbeer?

— Markus está dividido. O que é normal nele. Automeou-se diretor do Dypraxa para toda a África. Mas também está assustado e envergonhado. Foi por isso que escreveu a confissão.

Ele é funcionário das Três Abelhas ou da KVH?

É capaz de ser das duas. É um homem complicado.

Então como diabo é que a KVH a instalou aqui em Dawes?

Porque eu fui parva, — repete Lara, orgulhosamente, rebatendo a anterior afirmação dele em sentido contrário. — Se não fosse parva não tinha aceitado assinar o contrato. A KVH foi muito cortês, muito charmosa, muito compreensiva, muito inteligente. Eu estava em Basileia quando lá apareceram dois rapazes vindos de Vancouver para falarem comigo. Fiquei lisonjeada. Tal como você, eles me mandaram rosas. Disse-lhes que os ensaios eram uma merda. Eles concordaram. Disse-lhes que não deviam vender o Dypraxa como medicamento seguro. Eles concordaram. Disse-lhes que muitos efeitos colaterais nunca tinham sido devidamente avaliados. Louvaram a minha coragem. Um deles era um russo, de Novgorod. “Venha almoçar conosco, Lara. Vamos discutir este assunto até o fim.” E disseram que me queriam levar para Dawes para dirigir os meus próprios ensaios sobre o Dypraxa. Eram muito razoáveis, ao contrário dos seus superiores. Aceitaram que não tínhamos feito suficientes experiências cientificamente corretas. Aqui poderíamos fazê-las. Era o meu medicamento. Tinha orgulho nisso, e eles também. A Universidade tinha orgulho. Fizemos um acordo harmonioso. Dawes dava-me as boas-vindas, a KVH pagava-me. Dawes está idealmente localizada para as experiências. Temos

Índios nas reservas que são susceptíveis à velha tuberculose. Temos casos multi resistentes na comunidade hippie de Vancouver, Para o Dypraxa, é uma combinação perfeita. Foi na base deste acordo que eu assinei o contrato e aceitei a cláusula de confidencialidade. Fui uma parva, — repetiu com uma fungadela que significava “como se queria demonstrar”.

— E a KVH tem escritórios em Vancouver.

— Grandes escritórios. É a sua terceira maior instalação depois de Basileia e de Seattle. Por isso podiam vigiar-me. Que era a ideia deles., pôr-me um açaimo e controlar-me. Assinei aquele estúpido contrato e fui trabalhar com grande entusiasmo. No ano passado acabei o meu estudo. Era extremamente negativo, Achei necessário informar os meus doentes da minha opinião sobre os efeitos colaterais do Dypraxa. Como médica tenho um dever sagrado. E também decidi que a comunidade médica mundial devia ser informada através da sua publicação numa revista importante. Mas essas revistas não publicam opiniões negativas. Já o sabia. Sabia também que ela ia convidar três distintos cientistas a comentarem os meus resultados. O que eu não sabia era que os distintos cientistas tinham acabado de assinar com a KVH de Seattle ricos contratos para pesquisar tratamentos biotécnicos de outras doenças. Rapidamente informaram Seattle das minhas intenções e Seattle, por sua vez, informou logo Basileia e Vancouver.

Ela estende a Justin uma folha de papel dobrada em quatro. Ele abre-a com um sobressalto do já conhecido.

PUTA COMUNISTA. TIRA AS TUAS MÃOS COBERTAS DE MERDA DA NOSSA Universidade. VOLTA PARA A TUA POCILGA BOLCHEVISTA. BASTA DE ENVENENARES AS VIDAS DE PESSOAS DECENTES COM AS TUAS CORRUPAS TEORIAS.

Grandes maiúsculas de computador. Nenhum erro de ortografia. Uso adequado dos adjetivos. O mesmo Clube, pensa Justin.

— Foi acordado que a Universidade de Dawes participará dos lucros mundiais do Dypraxa, — continua ela, tirando-lhe a carta das mãos. — As pessoas que forem leais para com as companhias

receberão bônus especiais. As que não forem, receberão cartas anônimas. É mais importante ser leal para com o Hospital de que para com os doentes. E é ainda mais importante ser leal para com a KM.

— Foi a Halliday que escreveu isso, — diz Arny irrompendo no escritório com um tabuleiro de café e bolachas. — Ela é o cão de fila da máfia médica de Dawes. Toda a gente lá na Faculdade tem que lhe lambe as botas ou morrer. Exceto eu e Lara e mais uns tantos idiotas.

— Como é que sabe que foi ela? — pergunta Justin.

— Fiz-lhe uma análise ao DNA. Retirei o selo do envelope e analisei o cuspo. Ela gosta de ir ao ginásio do Hospital. Eu e Lara tiramos um cabelo da sua escova cor-de-rosa e fizemos a comparação.

— Alguém a acusou? — pergunta Justin.

— Claro. Todos os professores. E a vaca confessou. Excesso de zelo no cumprimento dos seus deveres que consistem, acima de tudo, em proteger os melhores interesses da Universidade. Desculpou-se humildemente, invocou uma grande fadiga emocional, que é como ela chama a sua inveja sexual. Caso arquivado, vaca felicitada. Entretanto liquidaram a Lara. E eu venho a seguir.

— Lara Enrich é comunista, — explica Lara divertida com a ironia. — É russa, cresceu em Petersburgo quando era ainda Leningrado, andou em Universidades soviéticas e é, por isso, comunista e anticapitalista. Vem mesmo a calhar.

— Enrich não inventou o Dypraxa, pois não, querida? — recorda-lhe Arny.

— Foi a Kovacs — concorda Lara, com amargura. — Ela é que foi o gênio. Eu era só a sua promíscua assistente de laboratório. Lorbeer era meu amante e por isso reclamou a Gloria para mim.

— E foi por isso que eles deixaram de te pagar, não foi, querida?

— Não. A razão é outra. Não respeitei a cláusula da confidencialidade e por isso rompi o meu contrato. É lógico.

— E a Lara é também puta, não é, querida? Foi para a cama com os dois belos rapazes vindos de Vancouver, só que não foi. Ninguém fode, aqui em Dawes. E somos todos cristãos, exceto os judeus.

— Já que o remédio está a matar doentes, eu bem gostava de não o ter inventado, — diz Lara baixinho, fingindo que não ouviu a alfinetada de Arny.

— Quando é que viu Lorbeer pela última vez? — perguntou Justin quando ficaram outra vez sós.

O tom dela era agora mais brando.

— Quando ele esteve na África.

— Há quanto tempo?

— Há um ano.

— Menos de um ano, — corrigiu-a Justin. — A minha mulher falou com ele no Hospital Uhuru há seis meses. A sua confissão, ou lá o que é, foi enviada de Nairobi há poucos dias. Onde é que ele está agora?

Ser corrigida não era coisa de que Lara Enrich gostasse. — Perguntou-me quando o vi pela última vez, — replicou ela, desabrida. — Foi há um ano. Em África.

— África onde?

— No Quênia. Mandou-me chamar. A acumulação das provas tornara-se insuportável. “Lara, preciso de ti. É essencial e muito urgente. Não digas a ninguém. Pago tudo. Vem.” Fiquei impressionada com o seu apelo. Disse à Universidade que a minha mãe estava doente e voei para Nairobi. Cheguei numa sexta-feira. Markus esperava-me no aeroporto, No carro, perguntou-me: “Lara, é possível que o nosso medicamento aumente a pressão no cérebro e afecte o nervo óptico?” Lembrei-lhe que tudo era possível, uma vez que não tinham sido reunidos dados científicos. Levou-me até uma aldeia e mostrou-me uma mulher que não se aguentava em pé. Tinha umas dores de cabeça terríveis. Estava a morrer. Levou-me a outra aldeia onde uma mulher não conseguia focar os olhos. Quando saía da sua cubata, o mundo ficava completamente escuro.

E falou-me de outros casos. Os técnicos da assistência médica tinham relutância em nos falar francamente. Também eles tinham medo. As Três Abelhas castigam qualquer espécie de críticas, diz-me Markus. E ele também estava assustado. Com medo das Três Abelhas, da KVH, das mulheres doentes, de Deus. “O que é que eu devo fazer, Lara, o que é que devo fazer?” Falara com a Kovacs, para Basileia, ela dissera-lhe que era uma parvoíce entrar em pânico. Isso não são efeitos colaterais do Dypraxa, disse ela, são os efeitos de uma má combinação com outro medicamento. Típico da Kovacs que entretanto se casara com um rico vigarista sérvio e passa mais tempo na ópera do que no laboratório.

— E então o que é que ele devia fazer? — perguntou Justin.

— Eu disse a verdade. O que ele está vendo na África é o mesmo que eu vejo no Hospital Dawes, em Saskatchewan. “Markus, esses são os mesmos efeitos que eu estou a divulgar no meu relatório para Vancouver, baseado em experiências clínicas objetivas sobre seiscentos casos.” Mas ele continua a gritar-me: “O que é que eu devo fazer, Lara, qual é o meu dever?” “Markus, disse-lhe eu, tens de ser corajoso, tens que fazer unilateralmente o que as companhias, coletivamente, se recusam a fazer, tens que retirar o medicamento do mercado até ele ser exaustivamente testado.” Ele começou a soluçar. Foi a nossa última noite como amantes. Eu também chorei.

Um instinto selvagem apoderou-se de Justin, um ressentimento fundo que não conseguia definir. Queria mal àquela mulher por ela ter sobrevivido? Ressentia-se do fato de ela ter dormido com o traidor confesso de Tessa e ainda agora falar dele com ternura? Estaria ofendido por ela se sentar ali diante dele, bela e viva e obcecada por si própria enquanto Tessa jazia morta ao lado do filho deles? Sentir-se-ia insultado por Lara mostrar tão pouca preocupação por Tessa e tanta por si própria?

— Lorbeer falou-lhe alguma vez de Tessa?

— Não durante a minha visita.

— Então quando?

— Escreveu-me uma vez que havia uma mulher, casada com um diplomata britânico, que estava a pressionar as Três Abelhas no que tocava ao Dypraxa, escrevendo cartas e fazendo visitas não desejadas. Era apoiada por um médico de uma das agências de auxílio humanitário. Não mencionou o nome do médico.

— Quando é que ele escreveu isso?

— No dia dos meus anos. Markus lembra-se sempre da data e foi quando me falou na mulher inglesa e do seu amante, o médico africano.

— Sugeriu o que fazer com eles?

— Receava por ela. Disse que ela era muito bela e trágica. Acho que se sentia atraído por ela.

Justin foi assaltado Pela inverossímil ideia de que Lara tinha ciúmes de Tessa.

— E o médico?

— Markus admira todos os médicos.

— Onde era essa carta?

— Da Cidade do Cabo. Estava a estudar as atividades das Três Abelhas na África do Sul, comparando-as pessoalmente com a sua experiência no Quênia. Tinha muito respeito pela sua mulher. A coragem não é a especialidade de Markus. Tem que lhe ser ensinada.

— Disse onde é que a encontrara?

— No Hospital de Nairobi. Ela tinha-o enfrentado. E ele sentiu-se embaraçado.

— Por que?

— Era obrigado a ignorá-la. Markus pensa que se ele ignorar uma pessoa, ela sente-se infeliz, sobretudo se for uma mulher.

— Mas acabou por traí-la.

— Markus nem sempre é prático. É um artista. Se ele diz que a traiu, pode muito bem ser uma imagem.

— Respondeu a essa carta?

— Respondo sempre.

— Para onde desta vez?

— Para uma caixa postal em Nairobi.

— Ele falou-lhe numa mulher chamada Wanza? Estava na mesma enfermaria que a minha mulher no Hospital Uhuru. Morreu por causa do Dypraxa.

— Não conheço esse caso.

— Não me espanta. Todos os vestígios de Wanza foram suprimidos. É natural. Markus falou-me desse tipo de coisas.

Quando Lorbeer visitou a enfermaria de minha mulher estava acompanhado pela Kovacs. O que é que ela estava a fazer em Nairobi?

— Markus queria que eu voltasse a Nairobi outra vez, mas as minhas relações com a KVH e o Hospital já eram muito más. Tinham ouvido falar da minha primeira visita e já me tinham ameaçado de expulsão por ter mentido acerca da minha mãe. Por isso Markus telefonou a Kovacs para Basileia e convenceu-a a vir a Nairobi como minha substituta e estudar com ele a situação. Tinha esperança que ela o poupasse a tomar qualquer atitude e intimasse as Três Abelhas a retirar o fármaco. A KVH de Basileia começou por não autorizar a ida de Kovacs a Nairobi e só consentiu com a condição de a viagem ser secreta.

— Mesmo para as Três Abelhas.

— Isso não seria possível. Estavam muito dentro do assunto e Markus era seu consultor. Kovacs esteve em Nairobi durante quatro dias em grande segredo, e depois voltou para o seu escroque sérvio e para mais uma ópera em Basileia.

— Fez algum relatório?

— Um relatório muito fraco. A minha formação é científica e aquilo não tinha nada de científico. Era só polémico.

— Lara.

— O que é? — olhava-o em desafio.

— Birgit leu-lhe a carta de Lorbeer pelo telefone. A confissão. A sua desculpa. Seja lá o que ele lhe chamou,

— E então?

— O que é que a carta significou para si?

— A ideia de que ele não pode ter redenção.

— Redenção de quê?

— Ele é um homem fraco que anda à procura de força nos lugares errados. Infelizmente a sua fraqueza destrói a força dos outros. Talvez ele tenha feito uma coisa horrível. Às vezes fica muito apaixonado pelos seus próprios pecados.

— Se tivesse que o encontrar, onde é que o procurava?

— Não tenho que o encontrar. — Justin ficou à espera. — Só tenho o número de uma caixa postal em Nairobi.

— Posso saber qual é?

A angústia de Lara aumentou. — Eu escrevo. — Escreveu num bloco, arrancou a folha e entregou. — Se eu estivesse à procura, veria entre aqueles a quem ele fez mal, — disse ela.

— No deserto.

— Talvez seja uma imagem. — A sua voz perdera o tom agreste, como acontecera também à de Justin.

— Markus é uma criança, — explicou, com simplicidade. — Age por impulsos e reage às consequências. — Chegou a sorrir e o sorriso era lindo. — Fica frequentemente muito espantado.

— Quem é que o impulsiona?

— Em outros tempos era eu.

Ele pôs-se em pé com demasiada rapidez, começou a dobrar os papéis que ela trouxera. A cabeça rodava, sentia-se enjoado. Apoiou-se à parede para não cair e viu que a médica, profissionalmente, o agarrava por um braço.

— Que é que se passa? — perguntou ela com aspereza e continuou a ampará-lo até o sentar de novo.

De vez em quando sinto tonturas.

Por quê? Tem a tensão alta? Não devia usar gravata. Desaperte o colarinho. Assim está ridículo.

Passou-lhe a mão na testa. Justin sentia-se tão fraco como um inválido e desesperadamente cansado. Lara foi buscar um copo de água. Ele bebeu um pouco e estendeu-lhe o copo. Os gestos dela eram firmes mas ternos. Ele sentiu o olhar dela sobre si.

— Está com febre, — disse ela, acusadoramente.

— Talvez.

— Não é talvez. Está com febre. Vou levá-lo ao hotel.

Justin sentia-se naquela fase em relação à qual o seu instrutor o tinha prevenido que punha em perigo a sua segurança: o momento em que nos sentimos muito maçados, muito preguiçosos ou apenas muito cansados; quando não pensamos em mais nada senão voltarmos para o nosso horrroso motel, dormir a noite toda e na manhã seguinte, com a cabeça fresca, mandar um gordo envelope para a tia de Ham com tudo o que a Dra. Lara Enrich nos disse, incluindo uma cópia do seu artigo não-publicado sobre os efeitos colaterais nocivos do Dypraxa, tais como perturbações da visão, hemorragias, cegueira e morte. E ainda uma nota para a caixa postal de Lorbeer em Nairobi e outra descrevendo o que pretendemos fazer a seguir, para o caso de sermos impedidos por forças fora do nosso controle. É um momento de lapso consciente e culposos quando a presença duma mulher bonita, uma pária como nós próprios, que nos ampara, nos toma o pulso com os seus dedos macios, não pode ser desculpa para deixarmos de observar os princípios da segurança operacional.

— Não, você não pode ser vista comigo, — protesta ele com tristeza. — Eles sabem que eu ando por aqui, Só a vai prejudicar.

— Nada me pode prejudicar, — replica ela. — A minha situação é absolutamente negativa.

— Onde está o seu carro?

— A uns cinco minutos. Acha que pode andar?

É também o momento em que Justin, no estado de cansaço em que se encontra, recupera felizmente as boas maneiras e o cavalheirismo que lhe foram instilados em Eton. Uma mulher sozinha tem de ser acompanhada até o seu carro de noite, não pode estar sujeita a encontros com vagabundos, malfeitores e salteadores de estrada. Justin levanta-se. Ela agarra-o pelo cotovelo e ambos atravessam a sala em bicos de pés até a escada.

— Boa noite, filhos — diz Arny do outro lado de uma porta fechada. — Divirtam-se.

— Foi muito amável, — responde Justin.

Capítulo 19

Ao descer a escada em direção à porta, Lara vai à frente de Justin, levando o saco russo numa mão e agarrando o corrimão com a outra, enquanto olha para trás para vigiar o companheiro. No átrio tira o casaco dele do cabide e ajuda-o a vesti-lo. Põe o seu próprio casaco e um gorro de pele à Anna Karenina e faz menção de pendurar o saco de Justin ao ombro. Mas o cavalheirismo etoniano proíbe tal coisa e ela observa-o com o seu olhar castanho e firme, o olhar de Tessa sem o brilho da malícia, enquanto ele ajusta a correia ao ombro e, como inglês estóico, evita o mínimo sinal de dor. “Sir” Justin abre a porta da rua e manifesta a sua surpresa quando o ar gelado o trespassa cruelmente, ignorando o casaco forrado e as botas de pele. Cá fora, a Dra. Lara agarra-lhe o braço esquerdo com a mão esquerda e estende o braço direito por trás das costas dele para o amparar firmemente. Mas desta vez nem mesmo o estóico etoniano consegue abafar uma exclamação de dor quando os nervos das costas rompem num coro uníssono. Ela não diz nada, os olhares encontram-se quando ele torce a cabeça para fugir à dor. Os olhos dela, sob as peles de Anna Karenina recordam-lhe assustadoramente outros olhos. A mão que estava estendida por trás das costas dele juntou-se àquela que lhe agarra o braço esquerdo. Ela abrandou o passo para acompanhar o dele. Anca contra anca, marcham solenemente pelo pavimento gelado, até que ela para bruscamente e, apertando-lhe o braço., olha fixamente para o outro lado da rua.

— O que é aquilo?

— Nada. Era previsível.

Estão na praça principal. Um pequeno carro cinzento, de marca indeterminada, está parado sob um candeeiro que dá uma luz alaranjada. Está muito sujo, apesar do gelo. Tem um cabide de arame a fazer de antena. Tem qualquer coisa de estranho e de vulnerável. Parece um carro pronto a explodir.

— É seu? — pergunta Justin.

— É. Mas não está bem.

O grande espião vê agora o que Lara já tinha visto.

— Não se preocupe. Vamos mudar a roda, — diz Justin animosamente, esquecendo por um momento o frio feroz, o seu corpo dorido e toda e qualquer consideração relativa à segurança operacional.

— Não vamos sair daqui — replica ela em tom adequadamente sombrio.

— Vamos, sim senhor. Ligamos o motor. Você senta-se lá dentro e aquece-se. — Tem roda sobressalente e macaco, não tem?

Mas agora ele já pode ver o que ela tinha antecipado: o outro pneu da frente também está em baixo. Levado por uma necessidade de ação, Justin consegue libertar-se mas ela agarra-o e ele percebe que não é o frio que a faz tremer.

— Isto acontece muitas vezes? — pergunta ele.

— Acontece.

— Conhece alguma garagem?

— À noite não vêm. Vou de táxi para casa. Amanhã de manhã já tenho uma multa de estacionamento. E talvez outra pelo mau estado do carro. Às vezes rebocam-no e tenho que ir buscar a lugares horrorosos. Às vezes não há táxis, mas hoje temos sorte.

Ele segue-lhe o olhar e vê com surpresa um táxi parado num canto afastado da praça, com as luzes acesas, o motor ligado e um vulto curvado sobre o volante. Acompanha-a durante alguns passos, mas depois para, com os seus alarmes internos a tocar.

É normal os táxis estarem parados a esta hora? Não tem importância.

-Tem, tem. E muita.

Afastando-se um pouco, Justin vê que há um segundo táxi que vem encostar-se ao primeiro. Lara também o vê.

— Não seja ridículo. Olhe, agora temos dois táxis. Cada um toma o seu. Ou tomamos o mesmo e eu levo-o primeiro ao hotel. Logo se vê. Não tem importância. — E esquecendo-se do estado dele ou perdendo simplesmente a paciência, puxa-o pelo braço mas ele troca o passo e passa-lhe à frente bloqueando-lhe o caminho.

— Não — diz ele.

Querendo dizer não aceito, já vi a falta de lógica desta situação. Já tenho sido descuidado, mas desta vez não vou ser, nem vou deixar que você seja. São demasiadas coincidências. Estamos na praça deserta de uma cidadezinha perdida na tundra, numa noite gelada de março, quando até o único cavalo da cidade já está a dormir. O seu carro foi deliberadamente danificado. Há um táxi praticamente à nossa espera e um segundo vem juntar-se-lhe. Por quem é que os táxis esperam senão por nós? Não é lógico pensar que as pessoas que lhe avariaram o carro são as mesmas que querem que tomemos os táxis?

Mas Lara não é sensível a este argumento. Faz sinal ao primeiro táxi e dá um passo na sua direção. Justin agarra-a pelo braço e puxa-a para trás. Isto enfurece-a tanto quanto o magoa a ele. Já está farta de ser empurrada.

— Largue-me! Vá-se embora! Dê isso aqui!

Ele tinha-lhe tirado o saco russo. O primeiro táxi está a avançar para eles, com o segundo atrás. Só para ver? Em apoio do outro? Num país civilizado nunca se sabe.

— Volte para o carro, — ordena ele.

— Qual carro? Para quê? Você está maluco!

Ela puxa pelo saco mas ele já o abriu e está a revolvê-lo, afastando os papéis e tudo o que dificulta a sua busca. — Dê-me as chaves do carro, Lara, por favor! Encontrou a bolsa dela e abriu-a. Tem agora as chaves na mão — um grande molho, dava para entrar em Fort Knox. Porque é que uma mulher em maus lençóis precisa de tantas chaves? Ele está quase a chegar ao carro, mexendo nas chaves e gritando “Qual é? Qual é?” e arrastando-a com ele, mantendo o saco longe dela, aproximando-se do candeeiro a cuja luz ela lhe pode indicar a chave, coisa que ela faz protestando, insultando, entregando e desafiando.

— Aqui tem a chave de um carro com pneus arriados! Está contente? Sente-se um grande homem?

Seria assim que ela tratava o Lorbeer?

Os dois táxis vêm na direção deles, um colado ao outro. Não estarão ainda agressivos, mas sim desconfiados. Têm más intenções, é o que Justin pensa: ameaçadores e deliberados.

— Tem fecho centralizado? — está ele a berrar. — Esta chave abre todas as portas?

Ela não sabe ou está demasiado furiosa para lhe responder. Ele está ajoelhado, com o saco debaixo do braço, tentando meter a chave na porta do passageiro. Esfrega o gelo com as pontas dos dedos e a pele fica-lhe agarrada à fechadura. Os músculos gritam tão alto como as vozes dentro da sua cabeça. Ela está a puxar o saco e a gritar contra ele. A porta abre-se e ele agarra-a.

— Lara! Por amor de Deus! Cale-se por favor e entre já para o carro!

O uso da fórmula de cortesia foi bem pensado. Ela olha para ele, incrédula. Ele atira o saco para dentro do carro. Ela atira-se atrás do saco, aterra no lugar do passageiro e bate com a porta atrás de si. Justin volta para o asfalto e rodeia o carro. Nessa altura o segundo táxi ultrapassa o primeiro e acelera na direção de Justin, obrigando-o a saltar para a valeta. O guarda-lamas do carro roça na aba do seu casaco quando passa por ele. Lara, do outro lado, abre a porta do motorista. Ambos os táxis param no meio da rua, uns quarenta metros atrás deles. Justin roda a chave da ignição. Os limpa-para-brisas estão bloqueados pelo gelo mas o vidro de trás está limpo. O motor tosse como um burro velho.

A esta hora da noite? — diz ele. Nesta temperatura? eu? Justin gira outra vez a chave.

— Esta coisa tem gasolina?

Pelo retrovisor, Justin vê que dois homens saem de cada carro. Os do segundo par estavam com certeza agachados no chão dos carros. Um dos homens traz um taco de basebol, outro um objeto que Justin identifica sucessivamente como uma garrafa, uma granada de mão, uma matraca. Os quatro homens dirigem-se rapidamente para o carro. Por um milagre, o motor pega. Justin solta o travão. Mas tem mudanças automáticas e Justin, por mais

que se esforce, não se lembra como é que aquilo funciona. Vai acelerando e travando com o pé até que o carro dá um salto para a frente, estremeçando e protestando. O volante está imobilizado. No retrovisor os homens começam a trotar. Justin agora acelera com cuidado, as rodas chiam mas o carro, seja lá como for, começa a andar e a ganhar velocidade. Alarmados, os homens deixam o trote e passam ao galope. Estão vestidos para a ocasião, repara Justin, em jogging e botas de corrida. Um deles, o do taco de basebol, traz um barrete de lã com um pompom. Os outros têm gorros de pele. Justin olha para Lara. Tem uma mão na boca, os dedos apertados entre os dentes. A outra mão está crispada no tabeliê. Tem os olhos fechados e está a falar baixinho, talvez a rezar. O que Justin acha estranho, já que até agora a tinha considerado atea, em contraste com o seu amante Lorbeer. Já deixaram a praça e, aos pulos e aos peidos, seguem por uma rua mal iluminada com vivendas a cair aos bocados.

— Onde é a parte mais iluminada desta cidade? Aquela com mais gente? — pergunta-lhe ele.

Lara abana a cabeça.

— Onde é a estação?

— Muito longe. E não tenho dinheiro.

Parece pensar que os dois vão fugir juntos. Fumo ou vapor está a sair do capô e um horrível cheiro a borracha queimada recorda-lhe os motins de estudantes em Nairobi, mas ele continua a acelerar enquanto, no espelho, vai vigiando os homens que continuam a correr e pensa como eles são estúpidos e que mal eles fizeram tudo aquilo; devem ter sido muito mal treinados, E que uma equipa bem comandada nunca teria deixado os carros lá atrás. E que o que deviam fazer era dois deles irem já buscar os carros a correr, mas não mostram qualquer intenção de o fazer, talvez porque estão realmente a aproximar-se e tudo depende do que vai ceder primeiro, se o carro, se os homens. Um letreiro em francês e inglês avisa-o de que estão a chegar a um cruzamento. Como filólogo amador, põe-se a comparar as duas línguas.

— Onde é o hospital? — pergunta ele.

Ela tira os dedos da boca: — A Dra. Lara Enrich não está autorizada a entrar nas instalações do Hospital, — recita ela.

Ele ri-se, por ela, decidido a fazê-la calar. — Oh diabo, então não podemos lá ir, pois não? Se é proibido... Vá lá. Onde é que é?

— Para a esquerda.

— Muito longe?

— Em condições normais seria um instante.

— Quanto tempo?

— Cinco minutos. Menos, se não há trânsito.

Não havia trânsito, mas há muito fumo ou vapor a sair do capô, a estrada gelada é escorregadia, o velocímetro marca, cheio de otimismo, vinte à hora, os homens no retrovisor não mostram sinais de cansaço, não há barulho a não ser o chiar dos limpadores de para-brisas, como se fossem mil unhas a rasparem um quadro preto. De repente, para espanto de Justin, a estrada abre-se num terreno de parada, completamente gelado. Avista-se o portão ameado e o escudo de armas da Universidade de Dawes muito iluminado e, para a esquerda, o pavilhão coberto de hera e os três blocos feitos de aço e vidro, como icebergs. Consegue virar o volante para a esquerda e carrega mais no acelerador, sem qualquer resultado. O velocímetro marca zero, o que é ridículo porque o carro continua a andar.

— Quem é que você conhece? — grita-lhe ele. Lara deve ter estado a pensar no mesmo: — Phil.

— Quem é?

— Um russo. Motorista de ambulâncias. Agora velho demais.

Procura o seu saco no banco de trás, tira um maço de cigarros — não Sportsmans — acende um e estende-o a Justin, que o ignora.

— Os homens desistiram, — diz ela, pondo o cigarro na boca.

Tal como um cavalo fiel que correu até o fim, o carro morre debaixo deles.

O eixo da frente parte-se, um fumo negro anuncia que o carro chegou à sua derradeira morada, bem no centro do grande terreno.

Observados por um par de índios drogados, em casacos acolchoados, Justin e Lara saem do carro.

As instalações de Phil consistiam numa cabine de madeira branca ao pé do parque de estacionamento das ambulâncias. Havia um banco, um telefone, uma luz vermelha rotativa, um aquecedor elétrico para café, bastante sujo, e um calendário que estava permanentemente aberto em dezembro, um mês em que uma Papai Noel, muito despida, mostrava as nádegas a um grupo de cantores, todos homens. Phil estava sentado no banco, falando ao telefone, com um boné de cabedal na cabeça, com abas para as orelhas. A sua cara também era de cabedal, polida mas cheia de rugas e com uma barba de três dias cor de prata. Quando ouviu Lara falar-lhe em russo, fez aquilo que fazem os antigos prisioneiros: manteve a cabeça imóvel e com os olhos fixos na sua frente, enquanto esperava para ter a prova de que lhe tinham dirigido a palavra. Só quando teve a certeza é que olhou para ela e se tornou naquilo em que os russos do seu tempo se tornam na presença de uma mulher bonita e mais nova: um pouco místico, um pouco tímido, um pouco brusco. Phil e Lara conversaram durante o que Justin pareceu uma desnecessária eternidade, ela na moldura da porta, Justin na sombra como se fosse um amante meio escondido e Phil no seu banco e as suas mãos nodosas enclavinadas no colo. Perguntaram pelas respectivas famílias, ou a Justin assim lhe pareceu, como estava o tio Fulano ou o primo Cicrano. Até que finalmente Lara se afastou para deixar sair o velho, que não deixou de a apertar pela cintura quando passou por ela e desceu pela rampa do parque subterrâneo.

— Ele sabe que você não pode entrar? — perguntou Justin.

— Não tem importância.

— Onde é que ele foi?

Ela não respondeu mas também não foi preciso. Uma ambulância a brilhar de nova estava mesmo ao pé deles e ao

volante estava Phil com o seu boné.

A casa dela era nova e rica, integrada numa urbanização à beira do lago, feita para alojar os filhos e filhas favoritos dos Senhores Karel Vira Hudson, de Basileia, Vancouver e Seattle. Ela serviu-lhe um uísque e para ela um vodca, mostrou-lhe o jacuzzi, fez funcionar o sistema de alta-fidelidade, o supermicroondas multifuncional e, com displicência, indicou-lhe o lugar onde a polícia parava o carro quando vinha vigiá-la, o que acontecia vários dias por semana, disse ela, geralmente desde as oito da manhã, dependendo do tempo, até o cair da noite, a menos que houvesse um grande jogo de hóquei, caso em que se iam embora mais cedo. Lara mostrou-lhe o absurdo céu estrelado do seu quarto de cama, uma cúpula com luzinhas minúsculas que imitavam as estrelas e o botão que as acendia e apagava conforme o desejo dos ocupantes da enorme cama redonda, E houve um momento que os dois viram chegar e desaparecer, em que parecia possível que eles se tornassem seus ocupantes — dois fora-da-lei excluídos pelo Sistema consolando-se um ao outro; o que poderia haver de mais razoável? Mas a sombra de Tessa interpôs-se e o momento passou sem que nenhum deles falasse nisso. Em seu lugar, Justin falou dos ícones. Lara tinha meia dúzia deles: Pedro e Paulo, Simão e André, João e a própria Virgem Mãe, com auréolas de estanho e as mãos em oração ou levantadas para dar a bênção ou representar a Santíssima Trindade.

— Calculo que Markus Ihos tenha dado, — disse Justin, um pouco espantado de ver mais uma mostra de uma improvável religiosidade.

Lara sorriu sombriamente.

— É uma posição meramente científica. Se Deus existe, ficará sensibilizado. Se não, não tem qualquer importância. — E corou quando ele riu e depois riu também.

O quarto de hóspedes ficava na cave. Com a sua janela gradeada dando para o jardim recordou-lhe o quarto em casa de Gloria. Dormiu até as cinco, escreveu à tia de Ham durante uma hora, vestiu-se e subiu a escada com a ideia de deixar uma nota

para Lara e arriscar-se a pedir uma carona até a cidade. Ela estava à janela, a fumar um cigarro e com a mesma roupa que vestira a noite passada. Um cinzeiro ao seu lado estava cheio de beatas.

— Pode apanhar um ônibus para a estação no cimo da rua, — disse ela. — Passa daqui a uma hora.

Fez-lhe café e ele tomou-o sentado à mesa da cozinha. Nenhum deles parecia disposto a discutir os acontecimentos da noite anterior.

— Talvez fossem só uns assaltantes um pouco malucos, — chegou ele a dizer, mas ela continuou mergulhada na sua meditação.

Mais tarde ele perguntou-lhe quais eram os seus planos. — Quanto tempo ainda vai poder ficar nesta casa?

Uns dias, respondeu ela, distraída. Talvez uma semana.

— E o que vai fazer?

Depende, disse ela. Não tem importância. Não iria morrer de fome.

— Está quase na hora, — disse ela subitamente. — É melhor esperar na paragem do ônibus.

Quando ele saiu, ela manteve-se de costas para ele, com a cabeça crispada para a frente, como se ouvisse um som suspeito.

— Tenha pena do Lorbeer, — disse-lhe ela.

Justin não percebeu se era um pedido se uma ordem.

Capítulo 20

— Que merda esse seu homem, Quayle, pensa que está fazendo, Tim? — perguntou Curtiss, fazendo girar o corpanzil sobre um calcanhar para enfrentar Donohue através da enorme e ressonante sala. O tamanho podia ser o de uma capela, com colunas de teca sustentando o teto e escudos tribais nas paredes de toras.

— Ele não é nosso homem, Kenny. Nunca foi, — replicou Donohue pacientemente. — É puro Foreign Office.

— Puro? O que é que ele tem de puro? É o cabrão mais tortuoso que eu encontrei na vida. Porque é que ele não veio ter comigo se estava preocupado com o meu Dypraxa? A minha porta está sempre aberta. E eu não sou um monstro, pois não? O que é que ele quer? Dinheiro?

— Não, Kenny. Não acho nada. Não é com certeza o dinheiro que o faz mexer.

Raio de voz, pensou Donohue, enquanto esperava que o outro lhe dissesse para que é que o tinha chamado. Nunca me vejo livre dele. É uma praga. Mentiroso e cheio de autocompaixão. Ser um tirano é a sua forma de vida. Nunca se limpou completamente. A sombra da sua viela no Lancashire continua a ver-se, para desespero dos professores de fala que ele só à noite recebia.

— Mas então o que é que o aflige? Você conhece-o, eu não.

— A mulher, Kenny. Teve um acidente. Lembra-se?

Curtiss virou-se outra vez para a grande janela panorâmica e levantou as mãos, palmas para cima, apelando ao horizonte africano para que fosse razoável. Para lá do vidro à prova de bala estendiam-se grandes relvados e, lá no fim, um lago. As luzes tremeluziam nas colinas. Algumas estrelas atravessavam a névoa azul escura do anoitecer.

— Então a mulher levou o que estava a pedir, — admitiu Curtiss no mesmo tom de voz queixoso. — Uma data de malandros deram cabo dela. O seu gosto pelo preto lixou-a, não foi? Era o que estava

a pedir. Aquilo era o Turkana, não a merda do Surrey. Mas tenho pena, claro. Muita pena até.

Não tanta como devias ter, pensou Donohue.

Curtiss tinha casas desde Mônaco ao México e Donohue detestava-as todas. Detestava o seu cheiro a iodo, os seus criados rastejantes, os ruidosos sobrados de madeira. Detestava os seus bares espelhados, as suas flores sem cheiro que olhavam para nós como as putas cansadas de que Curtiss sempre se rodeava. No espírito de Donohue, elas juntavam-se aos Rolls-Royces, ao “Gulfstream”, ao iate, como parte de um conjunto de mau gosto que se estendia por meia dúzia de países. Mas, acima de tudo, detestava aquela quinta fortificada encravada na margem do Lago Naivasha com o seu arame farpado e os seus seguranças, as suas almofadas de zebra, o seu chão de tijoleira, o seu armário-bar com espelhos cor-de-rosa, os tapetes de leopardo e os sofás em antílope, a televisão digital, os telefones-satélite, os sensores de movimento, os botões de alarme, os rádios sempre à mão, porque era para esta casa, para esta sala e para aquele sofá de antílope que ele tinha sido chamado nos últimos cinco anos, de chapéu na mão, às ordens de Curtiss para receber algum resto que o grande Sir Kenneth K, na sua errática magnanimidade, entendesse próprios do Serviço Secreto inglês. E era para este lugar que ele tinha sido mais uma vez chamado esta noite, por razões que ainda não sabia, justamente na altura em que estava abrindo uma garrafa de vinho branco sul-africano, antes de fazer as honras, com a sua querida esposa Maud, a um prato de salmão defumado.

É essa, caro Tim, a nossa opinião para o que der e vier, era o que dizia uma mensagem ultrapessoal escrita naquele estilo um tanto P. G. Wodehouse do seu diretor em Londres.

Como face visível deve manter o contato amistoso que convém à imagem pública que você criou nos últimos cinco anos. Golfe, os copos do costume, os almoços, etc., sabe melhor do que eu. Na face oculta deve continuar a agir com naturalidade e manter as suas atividades, já que as alternativas — corte de relações e

consequente reação hostil do indivíduo — são demasiado medonhas para poderem ser consideradas no atual estado de crise. Para sua informação pessoal, aqui em Londres reina o inferno nas duas margens do rio, e a situação muda todos os dias mas sempre para pior. Roger

— Por que raio veio de carro? — perguntou Curtiss zangado, enquanto contemplava, lá fora, os seus domínios africanos. — Podia ter tido o Beechcraft, se o tivesse pedido. Doug Crick tinha um piloto às suas ordens. Está a tentar fazer-me sentir mal, ou quê?

— Já sabe como eu sou, chefe. — Às vezes, quando agredido, Donohue chamava-lhe Chefe, título reservado até a eternidade para o chefe do seu Serviço. — Eu sou um automobilista. Abrir a janela do carro, soprar o pó. Nada de que eu mais goste.

— Nas putas destas estradas? Não está bom da cabeça. já falei nisso ao Homem. Ontem. Minto, domingo. “Qual é a primeira merda que um turista vê quando chega aqui à terra do Kenyatta e entra para o ônibus do safari?” perguntei-lhe eu. “Não são os cabrões dos leões nem as girafas. São as suas estradas, Sr. Presidente. São essas horrorosas estradas.” O Homem só vê o que quer ver, esse é o problema. E além disso balda-se sempre que pode. “O mesmo com os comboios”, disse-lhe eu. “Sirva-se dos seus prisioneiros. Tem que sobrem. Ponha os gajos a arranjar as linhas e dê uma oportunidade aos comboios.” “Fale com o Jomo”, disse ele. “Qual deles?” perguntei eu. “O meu novo Ministro dos Transportes”, diz ele. “Desde quando?” digo eu. “Desde este momento”, diz ele. Que se foda.

— Que se foda, na verdade — diz Donohue devotamente e sorriu como costumava fazer quando não havia nada de que sorrir: com a sua longa cabeça inclinada para o lado, como uma cabra, os olhos amarelados a piscar e cofiando o bigode.

Um silêncio sem precedentes encheu a grande sala. Os criados africanos tinham ido para as suas aldeias. Os guarda-costas israelitas que não estavam a patrulhar a quinta estavam na casa do portão a verem um filme de kung fu. Donohue tinha sido

completamente ignorado enquanto esperava autorização para passar. Os secretários particulares e o criado de quarto, um somaliano, tinham sido mandados para as instalações do pessoal, do outro lado da quinta. Pela primeira vez na minha vida não se ouvia um único telefone a tocar em casa de Curtiss. Há um mês Donohue teria que lutar para poder colocar uma palavra e ameaçar ir-se embora se Curtiss não lhe desse uns minutos a sós. Esta noite ele teria bem gostado de ouvir os toques do telefone interno ou o zumbido do terminal do satélite que esperava, soturno, no seu carrinho ao lado da secretária monumental.

Com as suas costas de judoca ainda viradas para Donohue, Curtiss adoptara o que nele era uma pose de reflexão. Vestia a roupa que usava sempre na África: camisa branca com botões de punho de ouro das Três Abelhas, calças azul-escuras, sapatos de verniz com palas aos lados e um relógio de ouro fino como uma moeda à volta do pulso cabeludo. Mas foi o cinto preto, de crocodilo, que chamou a atenção de Tim Donohue. Com outros homens gordos que conhecia, o cinto baixava à frente e a barriga descaía por cima. Mas com Curtiss o cinto estava perfeitamente nivelado como uma linha traçada no perímetro de um ovo, o que lhe dava o aspecto de um gigantesco Humpty Dumpty.

O seu cabelo tingido de preto estava penteado para trás, no estilo eslavo, descobrindo-lhe a vasta fronte e fazendo caracóis na nuca. Estava a fumar um charuto e franzia a cara sempre que puxava uma fumaça. Quando o charuto o chateava, pousava-o sobre qualquer móvel que estivesse à mão por mais precioso que fosse. Quando não o encontrava, acusava os criados de o terem roubado.

- Sabe o que é que o cabrão quer? — perguntou.
- Moi?
- Quayle.
- Não, não sei. Devia saber?
- Eles não lhe dizem? Ou não se ralam?

— Talvez não saibam, Kenny. Tudo o que me disseram foi que ele aderiu à causa da mulher, seja ela qual for, e está fora do alcance dos patrões e a trabalhar a solo. Sabemos que a mulher tinha uma propriedade em Itália e há a teoria de que ele pode lá estar.

— Então e a merda da Alemanha? — interrompeu Curtiss.

— Então e a merda da Alemanha? — repetiu Donohue, imitando um tipo de discurso que detestava.

— Ele esteve na Alemanha a semana passada. A conspirar com uns ativistas cabeludos para dar umas facadas na KVH. Se não fosse por eu ser brando, ele nesta altura já não figurava nos cadernos eleitorais. Os seus amigos lá de Londres não sabiam, pois não? Estão-se nas tintas. Têm coisas melhores em que gastar o tempo. Estou falando com você, Donohue!

Curtiss tinha-se voltado para o olhar de frente. O seu grande tronco estava todo curvado, o queixo vermelhusco atirado para a frente. Tinha uma mão enfiada no bolso das calças, vastas como uma tenda. Com a outra agarrava o charuto, fingindo martelar com ele a cabeça de Donohue.

— Acho que sabe mais do que eu, Kenny, — replicou Donohue calmamente.

— Pergunta se os meus serviços estão a seguir Quayle. Não faço ideia. Será que o interesse nacional está em perigo? Duvido. Será que Sir Kenneth Curtiss, nossa valiosa fonte, precisa de proteção? Nunca prometemos protegê-lo comercialmente, Kenny. Nem penso que haja no mundo nenhuma instituição que o queira fazer, do ponto de vista financeiro ou outro.

— Vá-se foder!— Curtiss tinha apoiado as palmas das mãos na grande mesa do refeitório e deslocando-se ao longo dela como um gorila, avançou para Donohue. Mas este sorriu com os seus dentes aguçados e manteve o seu território. — Posso liquidar a merda do seu Serviço com uma mão só, sabe isso não sabe? — gritou Curtiss.

— Nunca o duvidei, meu caro amigo.

— Estou farto de pagar almoços a quem lhe paga o ordenado. Ofereço-lhes cruzeiros na merda do meu iate. Meninas. Caviar. Champanhe. Em tempo de eleições sou eu que lhes pago as campanhas. Carros, dinheiro, secretárias com boas mamas. Faço negócios com empresas que têm lucros dez vezes maiores do que o seu orçamento. Se eu lhes dissesse o que sei, você passava à história. Por isso, vá-se foder, Donohue!

— Você também, Curtiss, você também, — murmurou Donohue fatigado, como um homem que já ouviu aquilo tudo, o que era verdade.

Apesar de tudo, no fundo da sua cabeça operacional, estava a pensar muito a sério aonde conduziria toda aquela fita. Curtiss já tinha armado antes enormes barracas, graças a Deus. Donohue já nem podia contar as vezes que tinha ali estado à espera que passasse uma tempestade ou, no caso de os insultos serem demasiado reles para serem ouvidos, organizar uma retirada estratégica até que Kenny decidisse que era altura de o chamar e lhe pedir desculpa, às vezes com acompanhamento de uma ou duas lágrimas de crocodilo. Mas naquela noite Donohue tinha o sentimento de estar numa casa armadilhada. Lembrou-se do olhar intenso que Doug Crick lhe lançara no portão, da excessiva deferência: “Muito boa noite, Sr. Donohue, sir. Vou já anunciá-lo imediatamente.” Vinha ouvindo com crescente desconforto, o silêncio mortal que se seguiu às explosões verbais de Curtiss.

Na grande janela dois israelitas passaram lentamente, em calções, conduzindo ferozes cães de guarda. Grandes acácias amarelas salpicavam os relvados. Os macacos andavam ali aos saltos fazendo os cães perder a cabeça. Regado pelas águas do lago, o relvado estava luxuriante.

— A sua quadrilha é que paga o Quayle. — Curtiss acusou-o subitamente, levantando uma mão e baixando o tom, para maior efeito. — Ele é dos seus! Não é? Agindo sob ordens suas Para me lixarem! Não é verdade?

Donohue sorriu calmamente, — A verdade absoluta, Kenny — disse ele para o acalmar. — Completamente louco e cornudo mas um grande operacional.

— Porque é que me estão a fazer isto? Tenho o direito de saber! Sou Sir Kenneth Curtiss, caraças! Ofereci só no ano passado, meio milhão de libras para os fundos do partido, porra! Ofereci à merda dos seus Serviços Secretos pepitas de ouro puro! Prestei-lhes voluntariamente alguns serviços muito especiais! Fui eu...

— Kenny, — interrompeu-o Donohue calmamente. — Esteja calado. Não em frente do pessoal, está bem? Agora ouça-me. Porque é que nós teríamos o menor interesse em encorajar o Quayle a persegui-lo? Por que razão os meus Serviços — sob uma enorme pressão do Governo, como de costume haviam de dar um tiro no pé e alienar a valiosa colaboração de Kenny K.?

— Porque sabotaram tudo o que puderam na merda da minha vida, é por isso! Foram vocês que disseram aos Bancos para me pressionarem. Há dezenas de milhar de empregos ingleses em risco, mas o que é que isso interessa se me puderem pôr a bota em cima! Foram vocês que avisaram os seus amigos políticos para lavarem as mãos de mim, antes de me mandarem pelo cano abaixo! Foram ou não foram? Eu perguntei foram ou não foram, porra!

Donohue estava ocupado em separar a informação da interrogação. Os Bancos da City pressionaram-no? Londres sabe disso? E se sabe por que diabos Roger não me avisou?

— Lamento o que se passou, Kenny. Quando os Bancos lhe falaram?

— Que merda é que interessa quando? Foi hoje. Esta tarde. Por telefone e por fax. Por telefone para me dizerem, por fax no caso de não ter ouvido bem, e por e-mail no caso de não ter lido o fax.

Então Londres sabe, pensou Donohue. Mas se sabem, por que me deixaram abanando? Para resolver mais tarde.

— Os bancos deram alguma razão, Kenny? — perguntou, solícito.

— Dizem que as suas preocupações éticas quanto a certas práticas comerciais são da maior importância. Que putas de práticas? Que merda de ética? A ideia deles sobre ética é a de uma aldeia fora de Londres. Falaram também da perda de confiança do mercado. Quem foi o cabrão que levantou isso? Foram eles! Boatos alarmistas é uma coisa. Que se fodam! Já tenho passado por isso!

— E quem são os nossos amigos políticos que estão agora a lavar as mãos, aqueles que nós não avisamos?

— Um telefonema dum maricas do Número dez, com uma batata metida no cu. Falando em nome de, etc., etc. Estão muito agradecidos, etc., etc., mas no atual clima em que se tem que ser mais santo do que o Santo Padre, resolveram devolver as minhas generosas contribuições para os fundos do partido, e, por favor, para onde devem mandar o dinheiro, para que as verbas desapareçam dos livros, quanto mais cedo melhor, para podermos garantir que nunca houve nada? Sabe onde é que ele está? E onde estava há duas noites, a dar a sua bela queca?

Donohue levou algum tempo a perceber que Curtiss já não estava a falar do maricas do Número dez, mas sim de Justin Quayle.

— Canadá. Na porra de Saskatchewan, — respondeu Curtiss a si mesmo.

— Espero que já tenha o cu congelado.

— A fazer o quê? — perguntou Donohue, intrigado não tanto pelo fato de Justin estar no Canadá mas sim pela facilidade com que Curtiss estava informado.

— Há lá uma Universidade. Há lá uma mulher. Uma puta duma cientista. Meteu-se-lhe na cabeça andar por aí a dizer a toda a gente, em violação do seu contrato, que o medicamento provoca mortes. O Quayle pôs-se nela. Um mês depois da morte da mulher. — O tom da voz subiu, ameaçando nova tempestade. — Arranjou um passaporte, caraças! Quem é que lho deu? Foram vocês. Paga tudo em dinheiro. Quem é que lho manda? Vocês, meus cabrões!

Esgueira-se sempre da rede como uma enguia. Quem é que lhe ensinou essa habilidade? Vocês todos!

— Não, Kenny. Não fomos nós. Nenhum de nós. — A rede deles, pensou Donohue, não a nossa.

Curtiss estava a preparar-se para nova gritaria. — Poderão então informar-me, por amabilidade, o que é que o cabrão do Sr. Porter Coleridge anda a fazer, dando informações falsas e difamatórias ao Ministério, referentes à minha companhia e ao meu medicamento, que merda é que ele anda a fazer, ameaçando ir para os jornais se os nossos senhores e donos lá em Bruxelas não lhe garantirem um inquérito exaustivo e imparcial. E por que é que os punheteiros da porra do seu Serviço o deixam fazer isso ou, pior ainda, encorajam o filho da mãe?

Como é que ele sabe tudo isto? Donohue fica silenciosamente maravilhado. Como raio é que um homem, mesmo tão poderoso e dúplice como Curtiss, consegue pôr as patas numa peça de informação secreta e codificada, oito horas apenas depois de lhe ter sido enviada pessoalmente através da rede exclusiva do Serviço. E tendo feito a si mesmo esta pergunta, Donohue, bom conhecedor do seu ofício, resolveu conseguir uma resposta. Arvorou o seu radioso sorriso, mas desta vez realmente satisfeito, espelhando o seu honesto prazer em que algumas coisas deste mundo ainda possam ser decentemente feitas entre amigos.

— Claro, — disse ele, — foi o velho Bernard Pellegrin que lhe deu essas dicas. Foi decente. E mesmo a tempo. Eu teria feito o mesmo. Sempre tive um fraquinho pelo Bernard.

O seu olhar sorridente fixava-se nas feições congestionadas de Curtiss e Donohue observava-as enquanto elas hesitavam e acabavam por se transformar num esgar de desprezo.

— Esse larilas de merda? Nunca o deixaria levar o cão a mijar no meu parque. Estive a guardar-lhe um bom lugar para a reforma e o cabrão não levantou um dedo para me proteger. Quer? — perguntou Curtiss mostrando-lhe um frasco de brandy.

— Não posso, filho. Ordens do Lech.

— já lhe disse. Vá ao meu médico. O Doug dá-lhe a morada. É na cidade do Cabo, Vá de avião. O Gulfstream leva-o.

É tarde para mudar de cavalo, obrigado, Kenny.

Nunca é tarde — retorquiu Curtiss.

Então foi o Pellegrin, pensou Donohue, confirmando uma velha suspeita enquanto via Curtiss servir-se de uma nova dose letal de brandy. Há coisas que são previsíveis a respeito de Curtiss e uma delas é que ele nunca aprendeu a mentir.

Há cinco anos, impelido por um desejo de fazer qualquer coisa de útil, o casal Donohue, sem filhos, tinha saído da cidade e tinha-se instalado junto de um pobre agricultor africano que, nos seus tempos livres, tinha criado uma rede de equipas infantis de futebol. O problema era o dinheiro: dinheiro para uma camioneta que levasse os miúdos para os desafios, dinheiro para os equipamentos e outros preciosos símbolos de dignidade. Maud tinha beneficiado recentemente de uma pequena herança e Donohue tinha feito uma apólice de um seguro de vida. Quando chegou a altura de regressarem a Nairobi, tinham investido as suas poupanças em rendimentos a receber nos próximos cinco anos e Donohue nunca se sentira mais feliz. A sua única mágoa, ao olhar para o passado, era terem gasto tão pouco tempo das suas vidas com futebol infantil e tanto tempo com espões. Por qualquer razão esse pensamento veio-lhe ao espírito ao ver Curtiss baixar o seu espesso vulto para se sentar numa poltrona de teca, fazendo caretas como um avô bem-amado. Lá vem o conhecido charme, pensou Donohue, que me deixa tão indiferente.

— Há dias dei um salto a Harare — confessou Curtiss habilidosamente, pousando as mãos nos joelhos e inclinando-se para a frente numa atitude de grande confiança. — Aquele estúpido pavão do Mugabe nomeou um novo Ministro dos projetos Nacionais. Um tipo com futuro, parece-me. Já leu alguma coisa a respeito dele, Tim?

— Já sim senhor.

— Um puro. Vai gostar dele. Está a ajudar-nos num pequeno esquema que lá montamos. Gosta muito de subsídios. Acha-os um estímulo. Espero que aprecie esta informação. Sempre colaboramos bem, não foi? Um tipo que aceita um subsídio de Kenny K, não vai dizer que não a um subsídio de Sua Majestade. Não acha?

— Acho, pois. Obrigado. Boa ideia. Vou passar a informação.

Mais caretas de satisfação acompanhadas de um generoso golo de brandy.

— Conhece aquele arranha-céus que eu construí junto à auto-estrada de Uhuru?

— É lindo, Kenny.

— Vendi-o a um russo a semana passada. Um patrão da máfia, segundo Dotig. Um dos grandes, pelo visto, não um desses pequenotes que têm aparecido por aqui. Parece que está metido num grande negócio de droga com os coreanos.

— Sentou-se para trás e observou Donohue com a grande preocupação de um grande amigo. — O que é, Tim? O que é que tem? Parece cansado.

— Estou ótimo. Às vezes pareço cansado.

— É a quimioterapia, é o que é. já lhe disse para ir ao meu médico. — Como está a Maud?

— Está ótima, muito obrigado.

— Vão para o meu iate. Façam umas férias, só vocês os dois. Fale com o Doug.

— Mais uma vez obrigado, Kenny, Mas isso seria demais, não acha? Outra variação de temperamento aproximava-se enquanto Kenny soltava um profundo suspiro e deixava cair os seus enormes braços. Ninguém ficava mais furioso do que ele quando lhe rejeitavam a generosidade. — Olhe lá, não se vai juntar à brigada dos anti-Kenny, pois não? Não vai voltar-me as costas como os cabrões dos bancos?

— Claro que não.

— É melhor não. Só se ia prejudicar. Aquele russo de que lhe falei, sabe o que é que ele pôs de lado para os dias de chuva? O

que mostrou ao Doug?

— Sou todo ouvidos, Kenny.

— O arranha-céus tem uma grande cave. Não é costume por aqui, mas eu resolvi fazer um grande parque de estacionamento. Custou-me um braço e uma perna, mas eu sou assim. Quatrocentos lugares para duzentos apartamentos. E o tal russo, de que lhe vou já dizer o nome, tem grandes caminhões brancos, pintados com UN, no lugar dos carros. Por estrear, disse ele ao Doug. Estavam num cargueiro a caminho da Somália. Quer vendê-los. — Levantou os braços, encantado com a história. — Que grande golpada! A máfia russa a vender caminhões das Nações Unidas! A mim. Sabe o que ele quer que o Doug faça?

— Diga lá.

— Que os importe. De Nairobi para Nairobi. Vai repintá-los para nós e tudo o que temos que fazer é untar os tipos da alfândega e pormos os caminhões a pouco e pouco nos nossos livros, Se isto não é crime organizado, então o que é? Um vigarista russo a roubar as Nações Unidas aqui em Nairobi à luz do dia, é o que se chama anarquia. E eu não gosto da anarquia. Portanto, você pode utilizar esta informação. De borla e tudo. Com os cumprimentos de Kenny K. Diga-lhes que é um brinde. A minha custa.

— Vão ficar encantados.

— Mas quero que ele pare, Tim. Já. No ponto exato em que está.

— Coleridge ou Quayle?

— Ambos. Quero o Coleridge calado. E quero que se extravie a merda do relatório dessa Quayle...

Meu Deus, ele também sabe disso, pensou Donohue. — Pensei que Pellegrin, já o tivesse posto ao corrente — queixou-se ele com aquela careta que os velhos costumam fazer quando a memória lhes falha.

— Não meta o Bernard nisto! Não é meu amigo nem nunca o será. Quero é que digam ao seu Sr. Quayle que se ele continuar a chatear-me, arranjurei maneira de o foder porque é o mundo que ele quer castigar, não sou só eu! Percebeu? Já o teriam liquidado na

Alemanha, se eu não me tivesse posto de joelhos em seu favor! Está bem?

— Estou a ouvir, Kenny. Vou passar a mensagem. É tudo o que posso prometer.

Com a agilidade de um urso, Curtiss saltou da cadeira e rebolou-se pela sala,

— Sou um patriota, — gritou ele. — Confirme isso! Sou um patriota do caraças!

— Claro que é, Kenny.

— Diga lá outra vez que eu sou um patriota!

— Você é um patriota. Você é John Bull. Winston Churchill. Que mais quer que eu diga?

— Dê-me um exemplo do meu patriotismo. Um entre dúzias. O melhor que conseguir lembrar-se. E já!

Onde é que aquilo iria parar? Mas Donohue sempre deu um exemplo.

— Que tal o trabalhinho que fizemos o ano passado na Serra Leoa?

— Diga lá. Vá. Diga-me!

— Um cliente nosso queria armas e munições mas sem falar em nomes.

— E então?

— Nós compramos as armas...

— Eu é que as comprei!

— Você comprou-as com o nosso dinheiro, fornecemos-lhe um destinatário e um certificado a dizer que as armas eram para Singapura.

— Está a esquecer-se da porra do barco!

— As Três Abelhas fretaram um cargueiro de quarenta mil toneladas e meteram lá as armas, O navio perdeu-se no nevoeiro...

— Fingiu que se perdeu! E foi parar num pequeno porto perto de Freetown, onde o nosso cliente e os seus homens já o esperavam para descarregar as armas.

— E eu não era obrigado a prestar-lhes esse serviço, pois não? Podia ter-me encolhido. Podia ter-lhe dito: “Enganaram-se na porta. Experimentem ao lado.” Mas não o fiz. Não o fiz por amor à merda da minha pátria. Porque sou um patriota! — Baixou a voz, num tom conspirativo. — Muito bem. Ouça bem. Aqui está o que o Serviço vai fazer. — Começou a percorrer a sala de um lado para o outro enquanto dava as suas ordens em frases breves. — O seu Serviço, não o Ministério dos Negócios Estrangeiros, esses são um batido de panacas, o seu Serviço, vocês irão pessoalmente aos bancos. E devem identificar em cada banco um verdadeiro inglês. Ou inglesa. Ouça bem porque você vai passar tudo isto para o Serviço quando esta noite for para casa. — Falava com a sua voz de visionário. Tons agudos, um pouco trêmulos, o milionário do povo.

— Estou a ouvir, — garantiu-lhe Donohue.

— Ótimo. Junte-os todos. Esses bons e autênticos ingleses. Ou inglesas. Numa bela sala apainelada em qualquer parte. Vocês conhecem esses lugares. E dizem, na sua qualidade de membros dos Serviços Secretos, dizem-lhes o seguinte: “Senhores. Senhoras. Deixem Kenny K em paz. Não diremos por quê. Apenas diremos: deixem-no em paz, em nome da Rainha. Kenny K tem feito um grande trabalho pelo seu país, não lhes podemos dizer o que e ainda não acabou. Deem-lhe moratória de três meses nas dívidas e farão, pela pátria, o mesmo que Kenny K tem feito.” E eles vão fazê-lo. Se um disser que sim os outros vão atrás, como carneiros. E os outros bancos também, porque são tão carneiros como os demais.

Donohue nunca pensara que iria ter pena de Curtiss. Mas agora é a altura de ter pena.

— Vou pedir-lhes isso, Kenny. O problema é que não temos poder. Se tivéssemos, os bancos arranjariam maneira de dar cabo de nós.

O efeito destas palavras foi muito mais drástico do que ele tinha receado. Curtiss estava a lançar rugidos que ecoavam pela sala. Tinha levantado os seus braços vestidos de branco acima da

cabeça, como um padre. A sala ressoava com o trovão da voz do tirano.

— Você passou à história, Donohue. Você ainda pensa que são os países que governam a merda do mundo. Volte para a instrução primária, porra! O hino agora é “God save our multinational.” E há outra coisa que você pode dizer aos seus amigos, o Sr. Coleridge e o Sr. Quayle e a todos os que vocês estão a mobilizar contra mim. Kenny K ama a África, — e foi recostar o grande corpanzil contra a grande janela e contra o lago banhado pelo luar — está-lhe na porra do sangue! E Kenny K ama o seu remédio! E Kenny K foi posto na terra para levar o seu remédio a todos os africanos, homens, mulheres e crianças, que precisem dele. E se alguém se atravessar no caminho da ciência só pode queixar-se de si mesmo. Porque eu já não posso travar os meus rapazes, nem você pode. Porque esse medicamento tem sido experimentado e testado de toda a maneira pelas melhores cabeças que se podem contratar. E nem uma única delas — e a voz iniciou um crescendo de histérica ameaça — nem uma única delas encontrou a mínima coisa a dizer contra ele. Nem vai encontrar! E agora ponha-se na rua.

Enquanto Donohue fazia o que lhe mandavam, uma surda cacofonia estalou à sua volta. Sombras passaram, rápidas, nos corredores, cães ladraram e um coro de telefones rompeu o silêncio.

Chegado ao ar livre, Donohue parou e deixou que os cheiros e sons da noite africana o deixassem limpo por dentro. Como de costume, não ia armado. Uns farrapos de nuvens escondiam as estrelas. À luz dos projetores de segurança, as acácias eram de um amarelo brilhante. Ouviu-se o canto dos noitibós e o relincho das zebras. Olhou cuidadosamente à sua volta, demorando o olhar nos recantos mais sombrios. A casa erguia-se num alto, por trás estava o lago e pela frente um grande terreiro que, à luz do luar, parecia uma enorme cratera. O carro estava bem no meio. Como era seu hábito tinha estacionado longe de qualquer arbusto, Parecendo-lhe ter visto uma sombra a mover-se, deixou-se ficar imóvel. Estava, estranhamente, a pensar em Justin. Pensava que se Curtiss tinha

razão e se Justin tinha passado, em rápida sucessão, pela Itália, Alemanha e Canadá, viajando com passaporte falso, então já não era o Justin que ele conhecera, mas um novo que recentemente começara a suspeitar que existisse: Justin o solitário, não recebendo ordens de ninguém a não ser de si mesmo; Justin o impetuoso, trilhando o caminho da guerra e determinado a denunciar aquilo que, na sua vida anterior, talvez tivesse ajudado a ocultar. E se fosse esse o Justin destes dias e se fosse essa a tarefa que ele tinha distribuído a si mesmo, que melhor lugar para visitar do que a residência de Sir Kenneth Curtiss, importador e distribuidor do “meu remédio”?

Donohue começou a dirigir-se para o seu carro e ao ouvir um som muito próximo de si, pousou um pé no chão, muito, muito lentamente. Estamos a brincar a quê, Justin? Às estátuas? Ou foi só um macaco? Outro som atrás de si, desta vez uma passada nítida, Homem ou bicho? Donohue levantou o cotovelo direito como defesa e, dominando o desejo de murmurar o nome de Justin, voltou-se e viu Doug Crick a um metro de distância, banhado pelo luar com os braços pendentes numa manifestação de paz. Era um tipo grande, tão alto como Donohue mas com metade da sua idade, pálido e de cabelo claro e com um sorriso atraente ainda que efeminado.

— Olá, Doug, — disse Donohue. — Como está?

— Bem, muito obrigado, Sir e espero que possa dizer o mesmo de si.

— Posso fazer alguma coisa por si?

Os dois falavam muito calmamente.

— Pode sim, Sir. Pode apanhar ali a estrada principal, virar para Nairobi, ir até o cruzamento para o Parque Nacional de Hell’s Gate que já fechou há uma hora. É uma estrada de terra batida, sem luzes. Daqui a dez minutos vou ao seu encontro.

Donohue guiou ao longo de uma aleia de gravíleas até o portão, deixou que o guarda lhe apontasse uma lanterna, espreitasse depois o carro, não fosse ele ter roubado alguma pele de leopardo. O programa de Kung-fu dera lugar a uma pornografia desfocada.

Seguiu lentamente pela estrada principal, tendo cuidado com animais e transeuntes. Nativos encapuzados acocoravam-se ao longo das bermas. Caminhantes solitários, apoiados em paus, faziam-lhe sinais pouco convencidos ou saltavam-lhe para a frente do carro, em jeito de brincadeira. Continuou em frente e até ver uma tabuleta a indicar o National Park. Parou, apagou todas as luzes e ficou à espera. Um carro parou atrás do seu. Donohue abriu a sua porta do lugar do passageiro o que acendeu uma luz no interior. Não havia nuvens nem luar. Através do para-brisas as estrelas brilhavam a dobrar. Donohue localizou o Touro e os Gêmeos e, depois, o Caranguejo. Crick instalou-se no lugar do passageiro e fechou a porta, o que os deixou às escuras.

— O chefe está desesperado, Sir. Nunca o vi assim, nunca. — Disse Crick.

— Penso realmente que não, Doug.

— Está a ficar francamente chanfrado.

— Deve estar esgotado, — disse Donohue com simpatia.

— Tenho passado os dias na sala das comunicações, passando-lhe as chamadas. Os bancos de Londres, Basileia, outra vez os bancos, companhias financeiras de que ele nunca ouviu falar oferecendo-lhe créditos mensais a quarenta por cento de juros, depois aquilo a que ele chama as ratazanas, os policiais. Não pude impedir-me de ouvir os recados, não acha?

Uma mãe com o seu filho ao colo estava a bater timidamente no para-brisas com uma mão muito emagrecida. Donohue baixou o vidro e deu-lhe uma nota de vinte xelins.

— Hipotecou as suas casas de Paris, Roma e Londres e está a pensar em fazer o mesmo para a casa de Nova York, em Sutton Place. Está a tentar arranjar quem lhe compre a sua estúpida equipa de futebol, embora só um cego e surdo pudesse querer comprá-la. Hoje pediu a um grande amigo que tem no Crédit Suisse um crédito de vinte e cinco milhões de dólares, a pagar trinta milhões na segunda-feira. E a KVH anda atrás dele para receber o que lhe é devido. Se ele não tiver dinheiro, ficam-lhe com as Três Abelhas.

Uma família de três apareceu à janela, refugiados não se sabe donde, indo para parte nenhuma.

— Quer que eu lhes trate da saúde, Sir? — perguntou Crick, preparando-se para abrir a porta.

— Não, não faça uma coisa dessas, — ordenou Donohue asperamente. Ligou o motor e começou a andar lentamente enquanto Crick continuava a falar.

— Ele grita com eles, é tudo o que faz. A KVH não quer dinheiro, quer as Três Abelhas, está-se mesmo a ver menos ele. Não faço ideia até onde é que irão as ondas de choque.

-Tenho muita pena em ouvir isso, Doug. Sempre pensei que vocês os dois se davam muito bem.

-Também eu, Sir. Confesso que foi preciso muita coisa para chegar a este ponto. Mas não sou homem de duas caras, pois não?

Um bando de gazelas estava na estrada a vê-los passar.

— O que é que você quer, Doug? — perguntou Donohue.

— Estava a pensar se haveria algum trabalho para mim. Alguém que quisessem que eu fosse visitar ou, pelo menos, vigiar. Alguns documentos especiais que lhe fizessem jeito. — Donohue esperava, impassível. — Além disso tenho aquele amigo. Do tempo da Irlanda. Vive em Harare, que não é o meu território.

— E então?

— Ele foi contatado, sabe? É um free-lancer.

— Contatado para quê?

— Uns certos europeus que eram amigos duns amigos contataram-no. Ofereceram-lhe uma pipa de massa para pacificar uma mulher branca e o seu namorado negro nas margens do Turkana. Era para aquela própria altura. Hoje vai-se embora.

Donohue encostou à berma, parou o carro. — Quando foi?

— Dois dias antes que Tessa Quayle fosse assassinada.

— Mas ele aceitou o contrato?

— Claro que não, Sir.

— Por que não?

— Porque não é desses. Primeiro, nunca faria mal a uma mulher. Já fez Ruanda, já fez Congo. Nunca mais tocará numa mulher.

— E o que é que ele fez?

— Aconselhou-os a falar com certos tipos que ele conhecia e que não eram tão esquisitos.

— Quem?

— Ele não diz. E se quisesse dizer, eu não deixaria. Há coisas que são muito perigosas de saber.

— A oferta era muito alta?

— Bom, ele está habituado a falar dentro dos parâmetros mais vastos, se está compreendendo.

— Não, não estou. Eu compro nomes, datas e lugares. A varejo. Em dinheiro. Não compro parâmetros.

— Eu acho, Sir, que o que ele queria dizer, pondo de lado esta linguagem fantasiosa, era o seguinte: quer comprar o que aconteceu ao Dr. Bluhm, com referências concretas no mapa? Mas só por escrito, já que ele escreveu um relatório sobre o que aconteceu em Turkana com o doutor, relatório baseado no que os amigos lhe contaram. Exclusivo para o senhor, se achar o preço razoável.

Um outro grupo de viajantes noturnos estava reunido em volta do carro, dirigido por um velho com um chapéu de mulher enfeitado com um laço.

— Parece fajuto, — disse Donohue.

— Não é não, Sir. É autêntico. Eu sei que é.

Donohue sentiu um arrepio. Ele sabe? Como sabe? Ou será que o amigo da Irlanda é um nome de código para Doug Crick?

— Onde ele está? Esse relatório?

— Ao alcance da mão, Sir. Deixe-me pôr o caso assim.

— Amanhã ao meio-dia estarei no bar do Hotel Serena por vinte minutos.

— Ele está pensando em cinquenta, Sr. Donohue.

— Eu digo em que ele pode pensar depois de ver o relatório.

Donohue guiou durante uma hora, evitando os buracos, reduzindo muito pouco. Um chacal atravessou a estrada à luz dos

faróis, na direção do parque. Um grupo de mulheres de uma plantação de flores fez-lhe sinal pedindo carona, mas dessa vez ele não parou. Mesmo ao passar em frente à própria casa não diminuiu a velocidade e seguiu diretamente para a Alta Comissão. O salmão teria que esperar pelo dia seguinte.

Capítulo 21

-Sandy Woodrow, anunciou Gloria com uma severidade fingida, pondo as mãos nas ancas e apresentando-se diante do marido no seu roupão novo, — já é altura de hastearmos a nossa bandeira.

Gloria tinha-se levantado cedo e escovado o cabelo enquanto o marido fazia a barba. Tinha despachado os miúdos para a escola com o motorista, tinha-lhe feito toucinho com ovos, o que não lhe era permitido, mas uma vez por outra uma rapariga tem o direito de paparicar o seu homem. Estava a imitar o prefeito dum colégio, usando a sua voz de comando, apesar de o marido, aparentemente, não ter reparado nessas manobras enquanto desbastava a pilha dos jornais de Nairobi.

-A bandeira é hasteada na segunda-feira, querida, — respondeu Woodrow distraído, mastigando o seu toucinho. — Mildren esteve no Departamento do Protocolo. Tessa vai ter a bandeira a meia-haste durante mais tempo que um príncipe de sangue.

— Não estou a falar dessa bandeira, pateta, — afastando os jornais para fora do seu alcance e arrumando-os numa mesinha junto às suas aquarelas. — Estás bem sentado? Então ouve. Estou a falar em darmos uma superfesta absolutamente fantástica para nos animar a todos, incluindo tu. Já é altura, Sandy. Olha que é. Já é altura de dizermos todos uns aos outros: “Fizemos isto. Estivemos naquilo. Temos imensa pena, mas a vida tem de continuar.” Tessa sentiria exatamente a mesma coisa. Uma questão vital, querido. Quando é que os Porters regressam? Qual é a história escondida? — Os Porters, tal como os Sandys ou os Elenas, que é como falamos dos casais quando estamos de bem.

Woodrow pôs um pedaço do seu ovo estrelado em cima da fatia de pão frito. — “O Sr. e a Sra. Porter Coleridge estão a gozar um longo período de licença na Inglaterra para instalar a sua filha Rosie no colégio”, entoou Sandy citando um porta-voz imaginário. — Esta é a história escondida, a história oficial, a única história que há.

Mas era uma história que preocupava Woodrow, por mais que fingisse estar à vontade. O que é que se passava com Coleridge? Porquê todo este silêncio? Sim senhor, estava de licença. Bom proveito. Mas os Chefes de Missão quando vão de licença deixam telefones, e-mails e moradas. Sofrem o síndrome da ausência, telefonam para os seus substitutos ou para os secretários particulares ao menor pretexto, querendo saber dos criados, cães, jardins e como é que essa maquinaria funciona sem mim. E ficam lixados quando lhes sugerem que a maquinaria funciona melhor quando eles lá não estão. Mas da parte de Coleridge, depois da sua brusca partida, nem um assobio. E quando Woodrow ligava para Londres com o objetivo de lhe fazer algumas perguntas perfeitamente inocentes — e, ao mesmo tempo, levá-lo a revelar as suas intenções — só encontrava paredes brancas. Coleridge estava “numa pequena reunião no Ministério”, dizia um desconhecido do Departamento África. Ou estava a “participar numa sessão de um grupo de trabalho”, segundo um burocrata do gabinete do Subsecretário Permanente.

E Bernard Pellegrin, quando Woodrow conseguiu finalmente contactá-lo através do telefone digital de Coleridge, mostrou-se tão vago como os outros. “Uma daquelas merdas do Serviço de Pessoal.” “O Primeiro-Ministro quer um briefing, por isso o Secretário de Estado quer um, todos querem um. Todos querem um pouco de África. Então que há de novo?”

— Mas o Porter volta ou não volta, Bernard? É que isto é muito perturbador. Para todos nós.

— Eu serei o último a sabê-lo, meu filho. — Breve pausa. — Está só?

— Estou.

— Esse cabrãozinho do Mildren não está a ouvir pela fechadura? Woodrow olhou para a porta do gabinete e baixou a voz: — Não.

— Lembra-se daqueles papelinhos que me mandou no outro dia? Vinte e tal páginas. Escritas por uma mulher.

O estômago de Woodrow deu um salto. Os dispositivos antiescuta podem ser eficazes contra estranhos. Mas contra nós próprios?

— O que é que têm?

— Na minha opinião, a melhor maneira seria... resolvia tudo... que eles nunca tivessem chegado aqui. Perdidos no correio. Concorda?

— Você está a falar por si, Bernard. Eu não posso falar por si. Se vocês não receberam, o problema é seu. Mas eu mandei-os. Essa é a verdade.

— Mas suponha que não mandou, meu filho, Suponha que nada disto aconteceu. Nunca escritos, nunca enviados. Isto é viável, aí do seu lado?

— A voz estava perfeitamente à vontade.

— Não. É impossível. Não é viável, Bernard.

— Porque não? — Interessado mas nem minimamente inquieto.

— Mandei-os pelo correio diplomático. Fez-se um registro. Iam pessoalmente para si. O mensageiro oficial assinou o recibo. Já o disse à — ia dizer “Scotland Yard” mas mudou de opinião a tempo. — Já o disse às pessoas que vieram aqui investigar. Tinha que o fazer. Eles já sabiam quase tudo quando falaram comigo. — O medo fê-lo zangar-se. — Eu já lhe contei isto tudo! Melhor dito, avisei-o! Bernard, está a passar-se alguma coisa? Está-me a pôr nervoso. Pensava ouvi-lo dizer que o assunto estava perfeitamente resolvido,

— Nada disso, meu filho. Mas acalme-se. Estas coisas acontecem de vez em quando. Há um pouco da pasta de dentes que sai do tubo e é preciso pô-la lá outra vez. As pessoas dizem que isso não é possível. Mas acontece todos os dias. A mulher está bem?

— Está ótima.

— Os putos?

— Ótimos.

— Dê-lhes beijos e abraços.

— Por isso é que eu decidi que tinha mesmo de ser uma superfesta. Com dança, claro, — Gloria falava com entusiasmo.

— Ótimo, esplêndido, — disse Woodrow, e dando a si mesmo tempo para retomar o fio da conversa e servindo-se dos remédios que ela o fazia engolir todas as manhãs: três comprimidos de fibras, um de fígado de bacalhau, uma aspirina.

— Eu sei que não gostas de dançar, mas a culpa não é tua, é da tua mãe, — continuou Gloria com doçura. — Não vou deixar a Elena meter-se nisto, não depois daquela festinha pirosa que ela deu no outro dia. Vou só mantê-la informada.

— Ah! Então pelos vistos já fizeram as pazes e deram muitos beijinhos. Acho que ainda não sabia a novidade. Muitos parabéns.

Gloria mordeu os lábios. As recordações da dança da Elena tinham-se momentaneamente desvanecido. — Eu tenho amigas, Sandy — disse ela, um pouco desamparada. — E preciso delas, para falar com franqueza. É muito chato passar o dia inteiro à espera que voltes para casa. As amigas riem-se, tagarelam, fazem favores umas às outras. Às vezes zangam-se. Mas depois ficam outra vez amigas. É o que fazem as amigas. Só gostava que tu também tivesses alguns amigos. Não era bom?

— Tenho-te a ti, querida, — disse Woodrow com galanteria enquanto lhe dava o beijo de despedida.

Gloria pôs-se ao trabalho com toda a energia e eficiência que tinha dedicado ao funeral de Tessa. Formou um grupo de trabalho com outras esposas e membros da Embaixada demasiado subalternos para se furtarem a isso.

A primeira entre eles foi Ghita, uma escolha muito significativa porque tinha sido ela a causa involuntária da zanga com Elena da cena horrorosa que se seguiu. Gloria iria lembrar-se disso durante o resto dos seus dias.

Elena tinha dado a sua festa e ela tinha sido, até certo ponto, e por assim dizer, um sucesso. E Sandy, como era sabido, era um grande entusiasta da separação dos casais durante as festas, do aproveitamento de todos os recantos, como costumava dizer. As

festas, dizia ele, é onde eu faço a minha melhor diplomacia. Para isso é que serviam. Por isso, durante a noite, ele e Gloria pouco se tinham visto a não ser um sorriso e um aceno do outro lado da sala.

O que era perfeitamente normal, embora Gloria tivesse gostado de dançar com ele uma vez nem que fosse um fox-trot para Sandy poder apanhar o ritmo. À parte isso, Gloria tinha muito pouco a dizer da festa exceto que Elena, na sua idade, podia cobrir-se um pouco mais e não fazer com que os peitos parecessem querer pular para fora. E desejar que o Embaixador do Brasil não tivesse insistido em lhe pousar as mãos no rabo durante o samba, embora Sandy diga que é assim que os latinos dançam.

Por isso foi mesmo como um raio num céu azul que na manhã seguinte à dança — durante a qual Gloria não tinha notado nada de inconveniente embora se considerasse boa observadora — no decorrer de um café de balanço no Clube Muthaiga, Elena tivesse deixado escapar, duma maneira perfeitamente casual, como se fosse apenas um mexerico e não uma bomba total que lhe destruiu a vida, que Sandy se tinha metido pesadamente com Ghita (palavras literais de Elena) o que tinha levado a rapariga a alegar uma dor de cabeça e a ir-se embora, o que Elena considerava inconveniente, porque se toda a gente fizesse o mesmo não valia a pena dar festa nenhuma.

Gloria começou por ficar sem fala. Depois recusou-se terminantemente a acreditar numa única palavra. O que é que Elena queria dizer com “metido pesadamente”? Como é que foi, Ei? Sê mais clara, por favor. Estou muito aflita, querida. Não, tudo bem, vá lá, continua. Já que falaste nisso, vai até o fim.

Para começar, apalpando-a, replicou Elena com deliberada grosseria, irritada pelo puritanismo de Gloria. Apalpando-lhe as mamas. Encostando-lhe o pau à barriga. O que é que esperas que um homem faça quando está todo embeijado por uma mulher? Deves ser a única rapariga da cidade que não sabe que Sandy é o maior busca-conas neste negócio, Lembra-te de como ele andava

atrás de Tessa de língua de fora quando ela já tinha uma barriga de oito meses!

A referência a Tessa foi a gota de água. Gloria tinha há muito aceitado que Sandy tivera uma coisa inofensiva relativamente a Tessa, embora fosse suficientemente esperto para não perder o controle dos seus sentimentos. Para sua vergonha, tinha interrogado Ghita a esse respeito e recebido uma negativa satisfatória. Agora Elena não só reabria a ferida e ainda por cima lhe deitava vinagre. Incrédula, chocada, humilhada e furiosa, Gloria foi para casa, mandou embora os criados, pôs os rapazes a fazer os trabalhos de casa, fechou à chave o armário das bebidas e ficou, carrancuda, à espera que Sandy voltasse.

O que ele acabou por fazer às oito da noite, queixando-se do muito trabalho, como de costume, mas tanto quanto ela podia dizer no seu estado de exaltação, sóbrio. Não querendo que os rapazes ouvissem a discussão, agarrou-o por um braço e empurrou-o para a escada que ia para a cave.

— Que raio é que se passa? — queixou-se ele. — Preciso de um uísque.

— Passa-se o que tu fizeste, — Respondeu Gloria com ferocidade. — Não quero evasivas, por favor. Nem conversa diplomática, muito obrigado. Nem cerimônias. Somos ambos crescidos. Tiveste ou não tiveste um caso com Tessa Quayle? Aviso-te, Sandy. Conheço-te muitíssimo bem. Fico logo a saber se estás a mentir.

— Não — disse Woodrow com simplicidade. — Não tive. Mais perguntas?

— Apaixonaste-te por ela?

— Não.

Estóico debaixo de fogo, como o seu pai. Sem mexer uma pálpebra. O Sandy de quem ela gostava, tinha de confessar. O homem com quem se sabe onde estamos. Nunca mais falo com Elena.

— Atiraste-te à Ghita quando dançaste com ela na festa da Elena?

— Não.

— A Elena diz que sim.

— Está a mentir. É o costume.

— Ela diz que Ghita saiu mais cedo em lágrimas porque você a apalpou.

— Então presumo que Elena ficou chateada porque não apalpei Elena.

Gloria não estava à espera de uma negativa tão firme, inequívoca, tão radical. Teria passado bem sem o “fornicada” e teria suspenso a semana ao filho se ele se tivesse descuidado, mas para Sandy estava bem. — Não apalpou Ghita, não se encostou nela? Diga! — gritou Gloria e rompeu num dilúvio de lágrimas.

— Não, — repetiu Woodrow e deu um passo em sua direção, mas ela parou-o.

— Não me toque! Deixe-me em paz. Quis ou não quis ter um caso com ela?

— Com Ghita ou com Tessa?

— Qualquer uma! Ou ambas! Que importância tem?

— Quer que eu fale primeiro da Tessa?

— Como quiser.

— Se entende por “caso” ir para a cama com ela, claro que essa ideia me passou pela cabeça, como aconteceu com a maioria dos homens com preferências heterossexuais. Ghita acho menos apetitosa, mas a juventude tem seus atrativos, portanto também falo dela. Como é a fórmula do Jimmy Carter, “Cometi adultério no meu coração”. Pronto. já confessei. Quer o divórcio ou posso beber meu uísque?

Nesta altura Gloria já estava vencida, soluçando de vergonha e de ódio contra si mesma, pedindo perdão a Sandy. Era-lhe horrivelmente evidente que o que ela tinha feito era acusá-lo a ele de tudo o que ela se acusava a si própria de ter feito desde que Justin tinha aparecido lá em casa com as suas malas. Tinha, no

fundo, dado vazão ao seu remorso. Mortificada, abraçou-se a si própria e foi chorando, “Tão arrependida, Sandy!” e “Oh Sandy. por favor!” e “Desculpa, Sandy, fui horrorosa!” e tentou libertar-se do abraço dele. Mas Sandy, agora, passara-lhe um braço pelos ombros e estava a ajudá-la a subir a escada, como o bom médico que ele podia ter sido. Quando chegaram à sala, ela entregou-lhe a chave do armário das bebidas e ele serviu uma dose dupla para cada um.

O processo curativo, no entanto, durou o seu tempo. Suspeitas tão monstruosas não se desfazem num dia, sobretudo se são o eco de outras suspeitas enterradas nas brumas do passado. Gloria tomou uma certa distância e depois aumentou-a. A memória dela tinha uma maneira própria de se ligar e desligar e insistia em incidentes que o tempo tinha apagado. No fim de contas, Sandy era um homem atraente. Claro que as mulheres se atiravam a ele. Era sempre o homem mais distinto em qualquer lugar. E um pouco de namoro inocente nunca fez nenhum mal. Mas a memória voltava a picá-la e fazia-a pensar. Mulheres de postos anteriores vieram-lhe ao espírito: parceiras de tênis, baby-sitters, jovens esposas com maridos susceptíveis de promoção. Pôs-se a recordar piqueniques, festas em piscinas e até — estremeceu involuntariamente uma festa um tanto alcoolizada de banhos nus na piscina do Embaixador de França em Aman, onde ninguém olhou verdadeiramente e todas correram aos gritos para as toalhas, mas que na verdade...

Foram precisos vários dias para que Gloria desculpasse Elena e, de certa maneira, nunca chegou a desculpá-la. Mas Elena parecia tão infeliz, pensava Gloria com o seu lado generoso. Como é que ela não se sentiria, casada com aquele grego horroroso, e tentando ignorá-lo metendo-se em casos escandalosos, uns a seguir aos outros?

O que agora preocupava Gloria é que o que, precisamente, a sua festa iria celebrar? Tinha que ser, obviamente, um Dia: O Dia da Independência, ou o Dia da Primavera. E tinha que ser rápido senão os Porters podiam voltar entretanto, o que Gloria não queria de

maneira nenhuma. Queria que Sandy ocupasse a ribalta. O Dia da Commonwealth seria bom mas era muito longe.

Com certa habilidade podia fazer-se um Pré-Dia da Commonwealth, que seria antes de qualquer outro, o que revelava iniciativa. Gloria teria gostado do Dia de S. Jorge, com morte do Dragão e tudo! Ou o Dia de Dunquerque e “vamos combatê-los nas praias!”. Ou Dia de Waterloo, ou de Trafalgar ou de Azincourt, tudo grandes vitórias britânicas mas que, como Elena tinha logo observado, eram vitórias sobre os franceses, que era quem tinha os melhores cozinheiros da cidade. Como nenhum destes dias convinha iria ser o Dia da Commonwealth.

Gloria decidiu então que era altura de ativar o seu Plano Global, para o que precisava da bênção do Gabinete do Alto Comissário. Mike Mildren era um homem instável. Tendo partilhado o seu apartamento com uma neozelandesa feiosa durante seis meses, tinha-a trocado de um momento para o outro por um rapaz italiano bem-parecido que, segundo se dizia, passava os dias à beira da piscina do Hotel Norfolk. Escolhendo o período a seguir ao almoço que parecia ser a altura em que Mildren estava mais receptivo, telefonou-lhe do Muthaiga Clube usando todo o seu charme e jurando a si própria nunca lhe chamar Mildren por engano.

— Mike? É a Gloria. Como está? Tem um minuto? Ou mesmo dois?

O que, da sua parte era gentil e modesto porque, no fim de contas, era a mulher do Alto Comissário em exercício. Sim, Mildren tinha um minuto.

— Ótimo, Mike, como já deve ter ouvido falar, eu e um núcleo duro estamos a planejar um grande bailarico no pré-Dia da Commonwealth. Uma espécie de estímulo para as outras embaixadas. Sandy já lhe falou nisso, com certeza.

— Ainda não, Gloria, mas vai falar certamente.

Sandy, tão inútil como de costume. Esquecendo-se de tudo o que ela lhe dizia, assim que saía porta fora. E quando voltava, começava a beber até se deitar.

— Seja como for, estamos pensando é numa tenda gigantesca. A maior que encontrarmos, com uma cozinha ao lado. Vamos ter um superbufê quente e uma orquestra que seja realmente boa. Não um disc-jockey como na Elena, nem tampouco salmão frio. Sandy oferece um generoso quinhão dos seus queridos subsídios de representação e os adidos da Alta Comissão estão raspando o fundo dos porquinhos, o que me parece ser um bom começo. Ainda aí está?

— Claro que estou, Gloria.

Rapazinho tão pomposo. Sempre macaqueando os ares e as graças dos chefes.

Sandy vai chamá-lo à ordem na primeira ocasião.

— Portanto, duas questões, Mike. Ambas são um tanto delicadas, mas paciência. Vou me jogar de cabeça. Um: com Porter ausente em parte incerta e sem qualquer despesa para os *frais* de Sua Excelência, por assim dizer, haverá, bem, um fundo disponível, ou poderá Porter ser convencido, por assim dizer, a participar no negócio?

— Dois?

É realmente insuportável.

— Dois, Mike, é onde. Dada a dimensão do evento (e a sua gigantesca tenda) a sua importância para a Comunidade Britânica nestes tempos tão difíceis e o cachê que queremos lhe dar, estávamos pensando (eu, Sandy está obviamente preocupado com outras coisas) que o melhor lugar para um baile de cinco estrelas no Dia da Commonwealth seria, se todos estiverem de acordo, o jardim do Alto Comissário. Mike? — Ela tinha a estranha sensação de que ele desaparecera num mergulho e se afastava debaixo de água.

— Estou a ouvir, Gloria.

— E então? Não é da minha opinião? Para estacionamento e tudo. Claro que ninguém precisa de entrar na casa. A casa é dos Porters. A não ser, obviamente, para encostar às boxes. Não podemos pôr WCs desmontáveis nos jardins de Sua Excelência, não é? — Estava a ficar enalhada no assunto da casa e dos WCs e

por isso continuou. — Quer dizer o pessoal da casa continua ao serviço não é verdade? Criados, carros, seguranças, etc? — Apressou-se a emendar a mão.

— O que eu quero dizer é que estão ao serviço de Porter e de Verônica, percebe? Não ao nosso serviço. Sandy e eu só defendemos o forte até eles voltarem. Não se trata de uma tomada de poder, nem nada disso. Ainda aí está, Mike? Tenho a sensação de estar a falar sozinha.

E estava. A nega veio nessa tarde, sob a forma de uma nota, datilografada e entregue em mão, uma nota de que Mildren devia ter guardado cópia. Ela não o viu entregá-la. Tudo o que viu foi um descapotável com Mildren no lugar do passageiro a afastar-se com o amiguinho ao volante. O Departamento do Protocolo era categórico, dizia ele pomposamente. A Residência do Alto Comissário e os seus jardins eram um lugar inapropriado para qualquer tipo de festejos. Isso significaria “uma assunção de fato do estatuto do Alto Comissário” terminava a nota, cruelmente, Uma carta formal do Ministério já vinha a caminho.

Woodrow ficou furioso. Nunca se tinha zangado tanto com ela. — Nunca devias ter posto a questão, — ralhava ele andando na sala de um lado para o outro. — Passou-te pela cabeça que eu poderia vir a ocupar o lugar de Porter, começando por ir acampar na merda do seu jardim?

— Era apenas uma sondagem, — protestou ela pateticamente enquanto ele bufava de fúria. — É perfeitamente natural que eu queira que venhas a ser “Sir” um destes dias. Não ando à procura de uma Gloria usurpada, Só quero que sejas feliz.

Mas continuou com o seu projeto, teimosamente: — Vamos ter que fazer a festa aqui, — disse ela olhando para o jardim.

Chegou por fim o Baile do Dia da Commonwealth.

Todas as cansativas preparações tinham dado bom resultado, os convidados já tinham chegado, a orquestra estava a tocar, as bebidas corriam, casais conversavam, os jacarandás estavam em flor, a vida era realmente maravilhosa. A tenda desta vez era ótima,

os guardanapos não eram de papel, as facas e os garfos não eram de plástico, as decorações eram azuis e douradas. Um gerador que zurrava como uma mula doente fora substituído por um outro que apenas borbulhava como uma frigideira. O espaço em frente da casa já não parecia um estaleiro de obras e uns telefonemas de última hora feitos por Sandy tinham feito aparecer alguns criados africanos de bom aspecto, incluindo pessoal do próprio Moi. Em vez de confiar em criados sem prática, como Elena tivera a má ideia de fazer, Gloria tinha também recorrido ao pessoal das suas amigas. Um dos novos recrutas era Mustafa, ponta de lança de Tessa, como ela lhe chamava, que tinha tido um desgosto tão grande que não procurara outro emprego. Mas Gloria tinha mandado Juma falar-lhe e ele finalmente lá estava, atento às mesas do outro lado da pista, um pouco triste, e ainda bem, mas contente de se terem lembrado dele, que era o que contava. Os policiais, miraculosamente, tinham chegado a tempo e o problema era, como de costume, mantê-los longe das bebidas mas Gloria tinha-lhes feito um sermão e agora só restava ter esperança. A orquestra era maravilhosa, realmente selvática, com um ritmo marcadíssimo para o caso de Sandy ter de dançar. E estava simplesmente esplêndido no seu novo smoking que Gloria lhe tinha oferecido como presente de “desculpa lá ...”. Que esplêndido cavaleiro de parada havia de ser um dia! O bufete quente, tanto quanto ela tinha provado, muito bom. Não sensacional, não se podia esperar isso em Nairobi, havia um limite para o que se podia comprar, por mais dinheiro que houvesse. Mas milhas à frente do que o de Elena, ainda que Gloria não se sentisse minimamente competitiva. E a querida Ghita, divina no seu sari dourado.

Woodrow também tinha inúmeras razões para se felicitar. Vendo os pares girar ao som da música que ele detestava, sorvendo metodicamente o seu quarto uísque, sente-se como o marinheiro curtido pelas tempestades que contra todas as probabilidades, regressou ao porto. Não, Gloria, nunca me atirei a ela — seja ela quem for. Não a nada de nada. Não, não te vou dar os meios para

me destruíres. Nem a ti, nem à supercabra Elena nem a Ghita, aquela puritaninha calculista, Sou um homem do status quo, como Tessa justamente dizia. Pelo canto do olho, Woodrow via Ghita encostando estreitamente o seu corpo ao de um belo africano que ela provavelmente nunca tinha visto antes. Uma beleza como a tua é um pecado, diz-lhe ele em pensamento. Era um pecado com Tessa, é um pecado com você. Como é que uma mulher pode ter um corpo como o teu e não partilhar o desejo que desperta num homem? Mas quando te digo isto (sem qualquer grosseria, só como confidência) os teus olhos lançam chamas e tu silvas contra mim que não lhe ponha as mãos em cima. E depois foges para casa, furiosa, observada de perto pela supercabra Elena... As divagações de Woodrow foram interrompidas por um homem pálido e meio calvo que parecia ter perdido o seu caminho e que era acompanhado por uma amazona de um metro e oitenta, de franja.

— Olá, Senhor Embaixador, que bom ter podido vir! — Esquecera-se do nome mas com o cagarim da orquestra ninguém percebia. Fez um sinal a Gloria para que se juntasse a eles. — Querida, apresento-te o novo Embaixador da Suíça, que está aqui há uma semana. Veio amavelmente apresentar os seus cumprimentos ao Porter. E, coitado, só encontrou a mim! A esposa virá daqui a umas semanas, não é, Embaixador? Por isso, esta noite, anda à solta, ha! ha! É ótimo vê-lo por aqui! Agora desculpe-me, temos que ir dar as nossas voltas. Tchau!

O chefe da orquestra estava agora a cantar, se é que se podia aplicar a palavra a uns miados de gata com cio. Apertava o microfone com uma mão e com a outra acariciava-lhe a ponta. Oscilava as ancas num êxtase copulativo.

— Querido, não estás um pouquinho entornado? — sussurrou-lhe Gloria enquanto rodopiava nos braços do Embaixador indiano. — Eu estou.

Um tabuleiro de bebidas passou por perto. Woodrow, rapidamente, pousou lá o copo vazio e retirou um cheio. Gloria estava a ser arrastada para a pista de dança por Morrison

M'Guimbo, um queniano jovial e descaradamente corrupto, conhecido como o Ministro dos Almoços. Woodrow olhou sombriamente em volta à procura de alguém com um corpo suficientemente decente para dançar. Era aquela parte do não-dançar que o irritava. O passear de um lado para o outro, exibindo os dotes físicos. Fazia-o sentir o mais desastrado, o mais inútil dos amantes que qualquer mulher já tivesse encontrado. O que evocou todos os faz-isto-não-faças-aquilo e os por amor de deus, Woodrow que vinha ouvindo desde os cinco anos.

— É verdade, tenho estado a fugir de mim próprio toda a minha vida, — gritava ele para a cara perplexa do seu par, uma dinamarquesa peituda do Auxílio Humanitário, chamada Fitt ou Flitt. — Sempre soube de que é que fugia mas nunca tive a mínima ideia para onde queria ir. E você? Eu disse “e você?” Ela riu e abanou a cabeça. — Está a pensar que eu sou louco ou estou bêbado, não está? — gritou ele. Ela concordou. — Pois engana-se. Estou as duas coisas.

— Amiga de Arnold Bluhm, lembrou-se ele. Caramba, que confusão! Quando é que acaba o espetáculo? Deve ter pensado isto em voz alta acima do horroroso barulho da música porque viu os olhos dela baixarem-se e ouviu-a dizer.

— Talvez nunca, — com a unção que os bons católicos reservam para o Papa.

De novo só, Woodrow subiu a corrente até as mesas de refugiados ensurdecidos, amontoados como grupos de vítimas de guerra. É tempo de comer alguma coisa. Desapertou o laço e deixou-o pendente.

— Um verdadeiro gentleman, — explicou ele a uma perplexa Vênus africana — é aquele que sabe atar o seu próprio laço, como dizia o meu pai.

Ghita tinha ocupado um canto da pista, onde ela e mais duas belas negras do British Council oscilavam as ancas ritmicamente. Outras raparigas juntaram-se a elas, formando um círculo de feiticeiras e a orquestra inteira tinha-se chegado para a beira do

estrado e gritava-lhes yeh, yeh, yeh! As moças batiam palmas umas com as outras, depois voltavam-se e batiam nas parceiras com as nádegas. Só Deus sabe o que estariam os vizinhos a dizer, já que Gloria não os tinha convidado a todos, para que a tenda não fosse invadida por pistoleiros e traficantes de droga — uma piada que Woodrow deve ter partilhado com uma parelha de enormes tipos em trajes africanos que se partiram de riso e foram repeti-la às suas mulheres que também se escangalharam a rir.

Ghita. Qual seria a ideia dela? É como na reunião das segundas-feiras, na Chancelaria. Sempre que olho para ela, ela foge com o olhar. Quando olho para outro lugar, ela olha para mim. É a coisa mais lixada que eu tenho visto. E mais uma vez Woodrow deve ter manifestado os seus sentimentos em voz alta porque um chato do Muthaiga Clube, chamado Meadower, concordou imediatamente com ele, dizendo que se os jovens tinham resolvido dançar daquela maneira, por que não fodiam, pura e simplesmente, na pista de dança e não se pensava mais nisso? O que coincidia com a opinião de Woodrow. Estava a berrar isso mesmo ao ouvido de Meadower quando Mustafá, o anjo negro, parou na sua frente como para lhe travar o passo, só que Woodrow não tencionava dirigir-se a lugar nenhum. Reparou que Mustafá não trazia nada na mão, o que lhe pareceu impertinente. Se Gloria, por uma bondade de coração, tinha contratado o pobre homem para levar e trazer coisas, por que diabo não está a fazer isso? Porque é que ele está ali parado, como se fosse a minha má consciência, de mãos vazias a não ser um papelinho dobrado numa das mãos e articulando palavras inaudíveis, como um peixe de aquário?

— O homem diz que tem um recado para si, — gritou Meadower.

— O quê?

— Um recado pessoal, muito urgente. Deve ser alguma miúda que se apaixonou por si.

— Mustafá disse isso?

— O quê?

— Mustafá disse isso?

— Não vai ver quem ela é? Talvez seja a sua mulher, — gritou Medows e desatou a rir histericamente.

Ou Ghita, pensou Woodrow, com um sobressalto absurdo de esperança. Afastou-se um passo, mas Mustafá pôs-se-lhe de lado, ombro com ombro.

Woodrow estendeu a palma da mão e Mustafá, respeitosamente, pôs lá o papel. Era uma folha A4 dobrada várias vezes.

— Obrigado, Mustafá, — gritou Woodrow, significando “põe-te a andar”. Mas Mustafá não se mexeu, ordenando com os olhos a Woodrow que lesse o papel. Está bem, vai-te lixar, deixa-te estar. De qualquer maneira, não sabes ler inglês. Nem falar. Desdobrou o papel. Escrito em computador.

Caro Senhor

Tenho em meu poder uma cópia da carta que escreveu à Sra. Tessa Quayle convidando-a a fugir com você. Mustafá o trará até mim. Não diga nada a ninguém, por favor, e venha imediatamente, senão terei que tomar outras medidas.

Sem assinatura.

Como se tivesse sido atingido pelo canhão de água da polícia, Woodrow sentiu-se encharcado, frio e sóbrio. Um homem a caminho do cadafalso pensa em muitas coisas ao mesmo tempo e Woodrow, ainda que cheio de uísque isento de impostos, não era exceção. Suspeitava que as suas manobras com Mustafá não tivessem escapado a Gloria e tinha toda a razão: numa festa, ela nunca o perdia de vista. Por isso fez-lhe um aceno tranquilizador através da pista, pronunciou “não há problema” e submeteu-se à condução de Mustafá. Ao fazê-lo apanhou em cheio o olhar de Ghita, pela primeira vez nessa noite, e achou-o calculista.

Entretanto pensava arduamente quem seria o chantagista e associou-o à presença dos policiais. O seu raciocínio era o seguinte: a polícia tinha revistado a casa dos Quayles e descoberto o que ele próprio não conseguira encontrar. Um deles tinha guardado a carta no bolso até encontrar a melhor oportunidade de a explorar. E essa oportunidade era agora.

Ocorreu-lhe quase simultaneamente uma segunda possibilidade que era a de Rob, ou Lesley, ou ambos, afastados contra vontade de um importante caso de homicídio, tivessem decidido obter um proveito material. Mas por que diabo neste preciso momento? Em qualquer ponto desta salganhada, Woodrow inclui Tim Donohue, mas só porque o considera como um cético ativo, ainda que senil. Durante a noite, sentado com a mulher, a gorda Maud, no canto mais escuro da tenda, Donohue, na opinião de Woodrow, tinha mantido uma presença perversa e maligna.

Entretanto Woodrow ia tomando nota dos aspectos físicos das coisas à sua volta, da mesma maneira que procuraria as saídas de emergência se fosse num avião que se encontrasse numa zona de turbulência: as estacas mal enterradas, as cordas frouxas — a mais leve brisa poderia mandar tudo pelos ares! — a passadeira de sisal completamente enlameada — alguém poderia escorregar e por-me um processo — a porta aberta e não guardada para o andar de baixo — os ladrões podiam ter esvaziado a casa sem darmos por isso.

Ao passar junto à tenda da cozinha ficou desconcentrado com o grande número de penetras que se tinham juntado à espera das sobras do bufete e que se sentavam como num quadro de Rembrandt, à luz de um petromax. Deviam ser uma dúzia deles, pensou ele, indignado, além das vinte crianças a dormir no chão. Bem, seis pelo menos. Ficou igualmente perturbado pela vista dos policiais cheios de sono e de copos, sentados à mesa da cozinha com os casacos e as pistolas arrumados nas costas das cadeiras. O seu estado, contudo, convenceu-o de que não seriam eles os autores da carta que ainda tinha na mão.

Saindo da cozinha pela escada das traseiras, Mustafá iluminou o caminho com uma lanterna elétrica até o átrio e daí até a porta da frente. Os rapazes! lembrou-se Woodrow com um terror súbito. Deus me livre se eles me vêem assim! E se virem? Vêem o pai de smoking com o lacinho desatado à volta do pescoço. Porque haveriam de pensar que ele ia a caminho da forca? Além disso —

lembrou-se agora — Gloria tinha despachado os rapazes para casa de amigos. Já tinha visto muitos filhos de diplomatas nas festas e não queria isso para Philip e Harry.

Mustafá segurava aberta a porta da frente, agitando a lanterna lá para fora. Woodrow saiu de casa. Escuro de breu. Para um efeito romântico, Gloria tinha apagado as luzes do exterior, contando apenas com filas e filas de velas a maior parte das quais, misteriosamente, se tinha apagado. Estava uma noite linda mas Woodrow não estava com disposição para olhar para as estrelas. Mustafá deslizava para o portão como um fogo-fátuo, acenando-lhe com a lanterna.

O porteiro baluhya abriu os portões enquanto a numerosa família observava Woodrow com a intensa curiosidade habitual. Havia carros estacionados nos dois lados da estrada, com os motoristas a dormir ou a conversar uns com os outros. Mercedes com motoristas, Mercedes sem eles, Mercedes com lobos de Alsácia, a habitual multidão de nativos sem nada para fazer a não ser ver a vida a passar-lhes ao lado. O barulho da orquestra era aqui tão terrível como dentro da tenda. Woodrow não se espantaria se recebesse no dia seguinte alguma queixa formal. Os belgas do número 12 mandam-nos a polícia se um dos nossos cães se peidar no seu espaço aéreo.

Mustafá parara junto ao carro de Ghita. Woodrow conhecia-o bem. Tinha-o observado muitas vezes, bem protegido pela janela do seu gabinete, geralmente com um copo na mão. Era um carrinho polonês tão apertado que quando ela escorregava para dentro ele a imaginava em roupa de banho. Por que paramos aqui?, interrogava Mustafá com o olhar. O que é que o carro de Ghita tem a ver com eu estar a ser chantageado? Começou a pensar quanto dinheiro conseguiria reunir. Eles queriam centenas? Ou milhares? Dezenas de milhares? Vou ter que pedir dinheiro emprestado a Gloria, mas que raio de desculpa irei inventar? No fundo, era só uma questão de dinheiro. O carro de Ghita estava estacionado o mais longe possível dum candeeiro. As lâmpadas estavam apagadas mas nunca se

sabia quando voltariam. Woodrow calculou que teria umas oitenta libras em xelins quenianos. Quanto silêncio poderia comprar com esse dinheiro? Começou a pensar em termos de negociação. Que garantias poderia ter de que o tipo não voltaria à carga dentro de seis meses, ou de seis anos? Fala com o Pellegrin, pensou num rasgo de humor negro: pede ao velho Bernard que torne a pôr a pasta de dentes no tubo.

A menos que...

Prestes a afogar-se, Woodrow agarrou-se, para se salvar, à mais parva de todas as palhas.

Ghita! Ghita roubou a carta! Ou, mais provavelmente, Tessa deu-lhe para guardar. Ghita mandou Mustafá me tirar da festa e agora vai castigar-me pelo que eu fiz na festa da Elena. E lá está ela! Sentada ao volante, à minha espera. Deu a volta na casa e lá está no seu carro, a minha subordinada, à minha espera para me chantagear!

Ficou mais animado, ainda que por segundos. Se for Ghita, podemos chegar a acordo. Posso sempre dar-lhe a volta. Pode ser mais do que um acordo.

O seu desejo de me destruir é só o reverso de outros desejos, mais construtivos.

Mas não era Ghita. Quem quer que fosse era, sem qualquer dúvida, um homem. O motorista de Ghita? O seu namorado que veio buscá-la na festa para que ninguém pudesse levá-la? A porta do passageiro estava aberta. Sob o olhar impassível de Mustafá, Woodrow instalou-se no carro. Não como se se esforçasse para vestir um calção de banho, Woodrow não. Mais como se entrasse num carrinho de choques, no parque de diversões, com o seu filho Philip. Mustafá fechou-lhe a porta. O carro abanou, o homem ao volante não fez qualquer movimento. Estava vestido como se vestem alguns cidadãos africanos, em estilo Sr. Moritz, mau grado o calor, com um anorak escuro e um barrete de lã enterrado até os olhos. Seria preto ou branco? Woodrow aspirou o ar, mas não lhe chegou nenhum doce perfume africano.

— Linda música, Sandy — disse Justin calmamente, enquanto estendia o braço para pôr o motor em marcha.

Capítulo 22

Woodrow estava sentado numa cadeira de teca lavrada com uma etiqueta de 5000 dólares. Estava um pouco de lado com o cotovelo num mata-borrão emoldurado em prata, um pouco menos valioso. A chama de uma única vela iluminava o seu rosto suado e brilhante. Do teto pendiam estalactites de cristal que refletiam a chama da vela até o infinito. Justin estava de pé, na escuridão do outro lado da sala, encostado à ombreira da porta, tal como Woodrow se tinha encostado à porta do gabinete de Justin no dia em que lhe dera a notícia da morte de Tessa. Tinha as mãos atrás das costas, para evitar que elas fizessem qualquer gesto. Woodrow observava as sombras projetadas pela vela numa das paredes da sala. Podia imaginar elefantes, girafas, gazelas, rinocerontes passantes. As sombras de outra parede eram só pássaros: pássaros no ninho, aves aquáticas de longos pescoços, aves de rapina segurando nas garras pássaros menores, pássaros gigantes empoleirados em troncos com caixas de música, preços variáveis. A casa era numa ruazinha arborizada. Não passava ninguém. Ninguém espreitaria à janela para ver um branco meio-bêbado de smoking, com o laço desatado a falar para uma vela na Loja de Arte Africana e Oriental do Sr. Ahmad Khan, a cinco minutos de carro do Muthaiga Clube, à meia-noite e meia hora.

— Khan é seu amigo? Sem resposta.

— Onde arranjou a chave disto? Ele é amigo da Ghita, não é? Sem resposta.

— Amigo da família, se calhar. Da família da Ghita, claro. — Tirou um lenço de seda do bolso superior do smoking e limpou superficialmente as lágrimas que tinha nas faces. Mal as tinha limpo, novas lágrimas apareceram e ele teve também de as limpar. — O que é que eu lhes digo quando voltar? Se é que vou voltar.

— Hás de ter uma ideia qualquer.

— Geralmente tenho, — admitiu Woodrow para o seu lenço.

— Tenho a certeza que vais ter, — disse Justin.

Assustado, Woodrow voltou a cabeça para olhar para ele, mas Justin continuava junto à porta, as mãos prudentemente entrelaçadas atrás das costas.

— Quem te disse para fazer desaparecer o relatório, Sandy? — perguntou Justin.

— Pellegrin, quem é que havia de ser? “Queime tudo, Sandy, todas as cópias.” Ordens do trono. Só tinha ficado com uma. Mas nessa altura queimeei-a. Não demorou muito. — Fungou, resistindo ao impulso de voltar a chorar. — Porto-me muito bem, como vês. Preocupo-me com a segurança. Não confio nos contínuos. Levei-o nas minhas brancas mãos para a casa da caldeira. Atirei-o para as chamas. Bem treinado. O melhor da turma.

— O Porter soube o que tu fizeste?

— Acho que sim. E não gostou. Como não gosta do Bernard. Guerra aberta entre os dois. Aberta segundo os códigos do Ministério. Porter costumava dizer uma piada a esse respeito. Acharo-la muito engraçada naquela altura: Pellegrin and bear it *.

E pelos vistos ainda achava porque deu uma gargalhada que acabou em mais lágrimas.

— O Pellegrin disse por que tinha que queimar? Queimar todos os exemplares?

— Meu Deus! — murmurou Woodrow.

Grande silêncio durante o qual Woodrow parecia hipnotizado pela luz da vela.

— O que é? — perguntou Justin.

— A tua voz, meu rapaz. Só isso. Envelheceu. — Woodrow passou a mão pelos lábios e olhou depois para a ponta dos dedos. — Era suposto teres atingido o máximo da voz.

Justin repetiu a pergunta, mas deu-lhe uma volta como se estivesse a falar para um estrangeiro ou uma criança. — Pensou em perguntar ao Pellegrin por que o relatório tinha de ser destruído?

— Era um pau de dois bicos, segundo Bernard. Para começar, punha em risco os interesses britânicos. Tínhamos que os proteger.

— Acreditaste nele? — perguntou Justin e teve, de novo, de esperar que Woodrow secasse outro surto de lágrimas.

— Acreditei que se tratava das Três Abelhas. Claro que acreditei. Ponta de lança dos empreendimentos britânicos na África. A joia da Coroa. Curtiss, o querido dos líderes africanos, distribuindo dinheiro à esquerda, à direita e ao centro, um grande trunfo nacional. E além disso, anda de língua na boca com metade dos Ministros de Sua Majestade, o que não o prejudica em nada.

— E qual era o outro bico?

— A KVH. Os rapazes de Basileia andam há tempos a mandar uns sinais de amor a respeito de abrirem uma grande fábrica de medicamentos no sul do País de Gales. Depois uma outra na Cornualha. E finalmente uma terceira na Irlanda do Norte. Trazendo riqueza e prosperidade para as nossas regiões menos favorecidas. Mas se atacarmos o Dypraxa, retiram todos os projetos.

— Atacar?

— O medicamento estava ainda em fase de testes. E, teoricamente, ainda está. Se ele envenena umas tantas pessoas que em qualquer caso iriam morrer, qual é o problema? O Dypraxa ainda não está autorizado no Reino Unido, portanto não interessa.

— Tinha-lhe voltado a truculência. Apelava para um colega profissional. — Caramba, Justin. Os remédios têm que ser testados em alguém, não têm? Quer dizer, quem diabo é que vamos escolher? Alunos de Harvard? — Espantado de não ter o apoio de Justin para este argumento, Woodrow avançou outro. — Quer dizer, gaita! O Ministério não está vocacionado para julgar da segurança de medicamentos estrangeiros, pois não? É suposto lubrificar os mecanismos da indústria britânica, não certamente a dizer a toda a gente que uma empresa britânica está a envenenar os seus clientes. Sabes a regra do jogo. Não somos pagos para termos um coração sofredor. Não estamos a matar gente que, doutra maneira, continuaria viva. Quer dizer, caramba, pensa na taxa de mortalidade destas terras. A morte deste ou daquele não conta.

Justin tomou algum tempo para analisar estes belos argumentos. — Mas tu tinhas um coração sofredor, Sandy, — objetou ele, por fim. — Estavas apaixonado por ela. Lembras-te? Como é que pudeste queimar-lhe o relatório, se estavas tão apaixonado? — A voz não parecia capaz de dominar a fúria. — Como é que pudeste mentir-lhe quando ela confiou em ti?

— Bernard disse que ela tinha de ser detida, — balbuciou Woodrow olhando furtivamente para as sombras para confirmar que Justin continuava no seu posto, junto à porta.

— Lá isso, foi mesmo detida!

— Por amor de Deus, Quayle! — murmurou Woodrow. — Não foi nada disso. Foram outros tipos. Não do meu mundo. Nem do teu.

Justin deve ter ficado alarmado com a sua própria explosão, porque quando voltou a falar foi no tom civilizado de um colega desiludido.

— Como é que tu a poderias deter, como dizes, se a adoravas tanto, Sandy? Como lhe escreveste, ela era a tua salvação de tudo isto. — Justin deve ter-se esquecido de onde estava porque fez um gesto largo que abrangia não só os esquemas que aprisionavam Sandy, mas também manadas e manadas de animais esculpidos em madeira, alinhados nas suas prateleiras de vidro. — Ela era a tua fuga de tudo, o teu caminho para a felicidade e a liberdade, como tu lhe disseste. Porque é que não apoiaste a causa dela?

— Desculpa, — murmurou Woodrow e baixou os olhos enquanto Justin escolhia outra pergunta.

— O que é que tu queimaste, exatamente? Porque é que o documento era tão ameaçador para ti e para Bernard Pellegrin?

— Era um ultimato.

— A quem?

— Ao governo britânico.

— Tessa fez um ultimato ao governo britânico? Ao nosso governo?

— Intimando-o a agir. Sentia-se ligada a nós. A ti. Era mulher dum diplomata britânico e estava decidida a proceder de acordo

com as normas diplomáticas britânicas. “O caminho mais fácil é ultrapassar o Sistema e ir para os jornais. O caminho difícil é obrigar o Sistema a funcionar bem. Prefiro o difícil.” Foi o que ela disse. Tinha a patética noção de que os britânicos tinham mais integridade — mais virtude na governação — do que qualquer outro povo. Uma ideia que o pai aparentemente lhe tinha metido na cabeça. Disse que Bluhm, concordara em que os britânicos podiam fazer avançar o caso, se fizessem jogo limpo. Se eles têm interesses em jogo, deixemo-los lidar com as Três Abelhas e com a KVH. Nada de confrontos. Nada de hostilidades. Persuadi-los apenas a retirar o medicamento do mercado até ele estar afinado. Se o não fizessem...

— Ela pôs-lhes um limite de tempo?

— Aceitou que o prazo fosse diferente de zona para zona. América do Sul, Médio Oriente, Rússia, Índia. Mas a primeira preocupação seria na África. Queria provas de que, nos próximos três meses o remédio estava a desaparecer. Depois disso, a merda atingiria a ventoinha. Não foi assim que ela disse, mas quase.

— E foi isso que mandaste dizer para Londres?

— Foi.

— E o que é que Londres fez?

— Foi Pellegrin quem respondeu.

— O quê?

— Disse que tudo aquilo era uma ingênua trapalhada. Disse que só o que faltava é que a política do Ministério lhe fosse ditada por uma dona-de-casa inglesa e pelo seu amante preto. E meteu-se num avião para Basileia. Almoçou com a malta da KVH. Perguntou-lhe se eles podiam, temporariamente, pôr no mastro a bandeira vermelha. Responderam-lhe que a bandeira vermelha não bastava e que não havia nenhuma maneira discreta de retirar da circulação um medicamento. Os acionistas nunca aprovariam. Não que lhes perguntassem qualquer coisa, mas se perguntassem, não deixavam. Logo, a Administração também não. Os remédios não são receitas de cozinha. Não é possível tirar um ingrediente, um átomo ou o que for, juntar qualquer coisa e tentar de novo. A única

coisa que se pode fazer é afinar as doses, mas não alterar a fórmula. Se quiserem modificar qualquer coisa, é preciso voltar à estaca zero, foi o que lhe disseram, e que ninguém ia fazer isso nesta altura do processo. Depois ameaçaram suprimir os investimentos na Inglaterra e aumentar o número de desempregados de Sua Majestade.

— E as Três Abelhas?

— Isso foi outro almoço. Caviar e champanhe no avião de Kenny K. Bernard e Kenny concordaram que haveria uma tempestade na África se fosse divulgada a história de que as Três Abelhas andavam a envenenar pessoas. A única coisa a fazer era cerrar fileiras enquanto os cientistas da KVH poliam a fórmula e afinavam as doses. Bernard já só tem mais dois ou três anos. Tem chances de ir para a Administração das Três Abelhas. A KVH também o aceita. E dois Conselhos é melhor que um.

— Quais foram as provas que a KVH contestou?

A pergunta pareceu provocar um arrepio de sofrimento no corpo de Woodrow. Inclinou-se para a frente, agarrou a cabeça com ambas as mãos e acabou por esfregar energicamente o couro cabeludo com a ponta dos dedos. Inclinou-se ainda mais e murmurou: — Chiça!

— Vem beber água, — sugeriu Justin e conduziu-o ao longo do corredor até um lavatório e deixou-se ficar ao seu lado tal como ficara ao pé dele quando Woodrow vomitara na morgue. Woodrow pôs as mãos sob o jato da torneira e salpicou a cara com água.

— As provas eram impressionantes — murmurou Woodrow, voltando para o seu lugar. — Bluhm e Tessa tinham andado de aldeia em clínica falando aos doentes, às famílias, aos amigos. Curtiss soube disso e desencadeou uma contra-operação. Disse ao Crick que organizasse tudo. Mas Tessa e Bluhm também souberam disso. Voltaram atrás, procuraram as pessoas com quem tinham falado. Não conseguiram encontrá-las. E escreveram no relatório que as Três Abelhas não só andavam a envenenar pessoas como também a destruir todas as provas. — “Essa testemunha

desapareceu desde então. Aquela outra foi acusada de crimes. Aquela aldeia foi esvaziada dos seus habitantes.” Fizeram um grande trabalho. Podes estar orgulhoso dela.

— Aquela mulher, Wanza, figura no relatório?

— Era praticamente a estrela. Mas fizeram calar definitivamente o irmão dela.

— Como?

— Prenderam-no. Extraíram-lhe uma confissão. Foi ao tribunal a semana passada. Dez anos por ter assaltado um turista branco no Parque Nacional de Tsavo. O turista nunca veio testemunhar, mas uma data de africanos, mortos de medo, viram o rapaz fazer o que a polícia disse. O juiz condenou-o a trabalhos forçados e vinte bastonadas, para aprender.

Justin fechou os olhos. Viu o rosto engelhado de Kioko, acorçado no chão, junto à irmã. Sentiu a mão crispada de Kioko agarrando na sua, quando do funeral de Tessa.

— E mesmo assim não sentiste nenhuma obrigação, quando leste o relatório e sabias que era tudo verdade, de dizeres alguma coisa aos quenianos?

De novo a truculência: — Por amor de Deus, Quayle! Quando você vestiu seu melhor terno e foi ao Comando da Polícia para acusá-los de montar uma encenação e receber as libras de Kenny K. pelo trabalho? Essa não é a maneira de fazer amigos e influenciar pessoas aqui em Nairobi.

Justin afastou-se da porta, respirou fundo e retomou a distância que se tinha imposto a si mesmo: — Creio que havia também provas clínicas.

— Havia o quê?

— Estou a falar das provas clínicas incluídas no relatório de Arnold Bluhm e Tessa Quayle e destruído por ti! A pedido de Bernard Pellegrin! E no entanto foi fornecida uma cópia à KVH que o folheou durante o almoço!

O eco desta explosão fez estremecer as prateleiras de vidro. Woodrow esperou que o barulho cessasse.

— As provas clínicas eram da responsabilidade de Bluhm. Estavam num anexo. Foi ela que assim quis. Fez o mesmo que tu costumavas fazer. Tu és um homem de anexos. Ou foste. Ela também.

— O que é que diziam as provas clínicas?

— Casos precisos. Trinta e sete. Nomes, direções, tratamentos, lugar e data do enterro. Os mesmos sintomas de cada vez. Sonolência, cegueira, hemorragias, colapso do fígado, fim.

— Fim quer dizer morte?

— Sim, pode-se dizer que é isso. Acho que sim.

— E a KVH contestou essas provas?

— Não científicas, subjetivas, preconceituosas, tendenciosas, emocionalizadas. Essa nunca tinha ouvido: Emocionalizada. Quer dizer que tu queres tanto ser acreditado que perdes a credibilidade. Eu sou precisamente o contrário. Desemocionalizado. Imocionalizado. Não emocionalizado. Menos sente, menos grita. Maior o vazio a preencher. Não você, eu.

— Quem é Lorbeer?

— A “bête noire” dela.

— Por quê?

— A força que está por trás do medicamento. O paladino. Convenceu a KVH a criá-lo e evangelizou as Três Abelhas. Segundo ela, o maior dos canalhas.

— Ela disse que ele a traiu?

— Por que diria? Todos nós a traímos. — Ele agora chorava descontroladamente. — E você, tão contemplativo e cultivando flores, enquanto ela estava lá fora sendo uma santa?

— Onde está o Lorbeer?

— Nenhuma ideia. Ninguém soube. Sentiu de onde soprava o vento, mergulhou e desapareceu. As Três Abelhas andaram à procura dele e depois deixaram cair o assunto. Tessa e Bluhm foram à caça dele. Queriam-no como principal testemunha. E o encontraram.

— E Enrich?

— É uma das inventoras do Dypraxa. Veio aqui uma vez. Tentou lixar a KVH. E eles deram cabo dela.

— Kovacs?

— O terceiro membro da quadrilha. Completamente por conta da KVH. Uma puta, ao que parece. Nunca a vi. Acho que vi Lorbeer, uma vez. Um boer gordo. Olhos de peixe. Ruivo.

Deu um sobressalto, aterrorizado. Justin estava mesmo ao lado. Tinha pousado uma folha de papel à frente de Woodrow e estendia-lhe uma esferográfica, a cabeça na sua direção, como fazem as pessoas bem educadas quando passam coisas umas às outras.

— É um salvo-conduto, — explicou Justin. — Um dos seus. — Leu o texto alto para que Woodrow ouvisse. — “O portador é um cidadão britânico, viajando por conta da Alta Comissão Britânica em Nairobi.” Assina.

Woodrow examinou o papel aproximando-o da vela. — Peter Paul Atkinson. Quem é?

— O que o papel diz. Um jornalista britânico. Escreve no Telegraph. Se alguém contatar a Alta Comissão para confirmação, ela dirá que ele é um jornalista honesto de grande reputação. Vais-te lembrar disso?

— Para que diabo é que ele quer ir a Loki. É o olho do cu do mundo. Ghita foi lá outro dia. É suposto isto ter uma fotografia, não é?

— Há-de ter. — Woodrow assinou o papel, Justin dobrou-o, guardou-o no bolso e dirigiu-se rapidamente para a porta. Uma fila de relógios de cuco, “made in Taiwan” anunciou que era uma hora da manhã.

Mustafá estava à espera no passeio com a sua lanterna quando Justin apareceu ao volante do carrinho de Ghita. Devia tê-lo ouvido chegar. Woodrow, sem perceber que tinha sido reconduzido para casa, continuava sentado com as mãos crispadas no colo e olhando pelo para-brisas. Justin inclinou-se e falou com Mustafá através da janela do lugar do passageiro. Falou em inglês com algumas palavras de swahili de cozinha, o único que conhecia.

— O Sr. Woodrow não se sente bem, Mustafá. Está aqui fora para ele apanhar ar e vomitar. Agora tem que ir para o seu quarto e deitar-se até que a Sra. Woodrow possa ocupar-se dele. Diga a Miss Ghita, por favor, que estou pronto para me ir embora.

Woodrow começou a sair do carro e depois voltou-se para Justin. — Não vais contar nada disto à Gloria, pois não? Não ganhavas nada com isso, agora que já sabes tudo. E ela não tem a tua sofisticação. Nós é que fomos colegas e tudo isso. Não é verdade?

Como alguém que tivesse de transportar um fardo que lhe metia nojo, embora não quisesse mostrá-lo, Mustafá sacou Woodrow de dentro do carro e conduziu-o à porta de entrada. Justin tinha tornado a pôr o anorak e o barrete de lã. Clarões de várias cores saíam da tenda. A orquestra tocava um rap infundável. Sentado no carro, Justin olhou para a esquerda e pareceu-lhe ver a sombra de um homem alto junto aos rododendros do canto do Jardim, mas quando olhou melhor já não viu nada. No entanto continuou a olhar, primeiro para os arbustos, depois para os carros estacionados. Ouvindo passos, voltou-se e viu um vulto a apressar-se na sua direção, e era Ghita com um xale sobre os ombros, sapatos de baile numa das mãos e uma lanterna elétrica na outra. Sentou-se no lugar do passageiro e Justin arrancou com o carro.

— Andam todos sem saber onde ele está, — disse ela.

— Donohue estava na festa?

— Não me parece. Não tenho a certeza. Mas não o vi.

Ele começou a fazer uma pergunta, mas depois achou que era melhor não. Justin dirigia devagar, observando os carros estacionados, olhando muitas vezes para o retrovisor. Passou em frente da sua própria casa mas mal olhou para ela. Um cão amarelo atirou-se ao carro, tentando abocanhar as rodas. Justin afastou-se devagar, sempre a olhar para o espelho. Enormes buracos apareciam-lhe à luz dos faróis como se fossem pequenos lagos negros. Ghita voltou-se para olhar pela janela de trás. A estrada estava em escuridão total.

— Vá olhando para a frente, — ordenou-lhe ele. — Não sei muito bem o caminho. Vá-me dizendo esquerdas e direitas.

Guiava agora mais depressa, manobrando entre os buracos, saltando sobre as bossas do asfalto, procurando o centro da estrada, por desconfiar das bermas, Ghita ia murmurando: aqui à esquerda, outra vez à esquerda, grande buraco em frente. Justin afrouxou subitamente, e um carro ultrapassou-os, seguido de outro.

— Viu alguém conhecido? — perguntou ele.

— Não.

Entraram numa avenida bordada de árvores. Uma velha tabuleta dizendo AJUDEM OS VOLUNTÁRIOS barrava o caminho. Uma fila de rapazes emagrecidos empunhando paus e um carrinho de mão sem roda ocupavam a largura da estrada.

— Eles estão sempre aqui?

— De dia e de noite, — disse Ghita. — Tiram pedras de um buraco e põe-nas num outro. E assim nunca acabam o trabalho.

Carregou no travão. O carro parou mesmo junto à tabuleta. Os rapazes rodearam o carro dando palmadas no tejadilho do carro. Justin baixou o vidro quando uma luz varreu o interior do automóvel. Apareceu o porta-voz de olho esperto e largo sorriso. Teria 16 anos, quando muito.

— Boa noite, Bwana, — gritou ele num tom de grande cerimônia. — Eu sou o Sr. Simba.

— Boa noite, Sr. Simba, — disse Justin.

— Quer contribuir para esta bela estrada que estamos a fazer, amigo?

Justin, através da janela, passou-lhe uma nota de cem xelins. O rapaz afastou-se a dançar, triunfante, acenando com a nota por cima da cabeça.

— Qual é a tarifa habitual? — perguntou Justin a Ghita enquanto continuavam.

— Um décimo daquilo.

Outro carro ultrapassou-os e Justin olhou de novo intensamente os seus ocupantes, mas pareceu não encontrar quem procurava.

Chegaram ao centro da cidade. Montras iluminadas, cafés, muita gente na rua. Ônibus matutu passando a troar música. Do lado esquerdo, o ruído de uma colisão, seguido de gritos e buzinas. Ghita continuava a dirigi-lo: é aqui, entre no portão. Justin subiu uma rampa e foi dar no pátio de um edifício de três andares, em mau estado. Escritas na parede, as palavras: VEM ATÉ JESUS!

— Isto é uma igreja?

— Era uma clínica dentária adventista, — explicou Ghita. — Agora são apartamentos.

O parque de estacionamento era um terreno rodeado de arame farpado. Se Ghita estivesse sozinha nunca teria dirigido o carro para ali, mas ele já estava a descer uma rampa. Parou o carro e ela observou-o enquanto ele, de ouvido atento, olhava para a rampa que tinham descido.

— Está à espera de quem? — murmurou ela.

Ele ajudou-a a atravessar grupos de crianças sorridentes e a entrar no vestíbulo. Um papel escrito à mão dizia SERVIÇO DE ELEVADOR SUSPENSO. Atravessaram até uma escada cinzenta iluminada por uma lâmpada muito fraca. Justin subiu atrás dela até chegarem ao último andar, completamente às escuras. Tirando do bolso uma pequena lanterna Justin iluminou o caminho. Música oriental e aromas de cozinha asiática passavam através das portas fechadas. Entregando-lhe a lanterna, Justin voltou à escada enquanto Ghita abria uma corrente que prendia uma grade e dava três voltas à chave. Assim que entrou no apartamento, o telefone tocou. Procurou Justin com o olhar e descobriu que ele estava a seu lado.

— Olá Ghita, minha querida — disse uma voz masculina que ela não reconheceu imediatamente. — Estava linda, esta noite. Daqui fala o Tim Donohue. Estava a pensar se poderia dar aí um salto e tomar café com vocês e olhar para as estrelas.

O apartamento de Ghita era pequeno, só três divisões, todas elas dando para o mesmo armazém e para uma rua muito movimentada, cheia de anúncios de néon quebrados, carros

barulhentos e intrépidos pedintes que se atravessavam no caminho dos carros e só se desviavam no último momento. Uma janela gradeada dava para uma escada metálica exterior que era suposta ser uma escada de salvação mas à qual os inquilinos, por razões de segurança, tinham serrado o lanço inferior. Mas os outros lanços estavam intatos e Ghita, nas noites de calor, podia subir até o telhado e instalar-se junto ao depósito da água e estudar para o exame do Foreign Office que ela tinha decidido passar no ano seguinte. Ali ouvia os ruídos dos seus amigos asiáticos que enchiam o prédio de alto a baixo, partilhar das suas músicas, as suas discussões e os gritos das crianças e quase se convencia de que estava entre o seu povo.

E embora essa ilusão se desvanecesse mal passava os portões da Alta Comissão e punha a sua outra pele, o seu telhado com os gatos e as galinhas e a roupa a secar e as antenas de televisão era um dos poucos lugares onde ela se sentia à vontade, o que talvez explique a sua falta de surpresa quando Donohue propôs que fossem para lá tomar café, sob a luz das estrelas. Como é que ele sabia que ela tinha um telhado era um mistério para ela, porque, se ela soubesse, ele nunca tinha posto os pés no seu apartamento. Mas sabia. Sob o olhar desconfiado de Justin, Donohue apareceu à porta e, pondo um dedo nos lábios, atravessou a sala e passou o seu corpo desengonçado pela janela fazendo-lhes sinal para o seguirem. Justin foi a seguir e Ghita foi depois ter com eles levando o tabuleiro do café. Donohue estava sentado num caixote, com os joelhos ao nível das orelhas. Mas Justin não conseguia estar sentado fosse onde fosse. Num momento estava postado como uma sentinela contra os anúncios do outro lado da rua, logo a seguir acorado ao lado dela, cabeça baixa como um homem que estivesse a escrever na areia com um dedo.

— Como é que o meu amigo conseguiu atravessar as linhas inimigas? — perguntou Donohue sobrepondo-se ao ruído do trânsito, enquanto sorvia o café. — Um passarinho disse-me que você esteve em Saskatchewan há poucos dias.

— Uma excursão-safari, — disse Justin.

— Via Londres?

— Amsterdam.

— Um grupo grande?

— O maior que encontrei.

— Com o nome de Quayle?

— Mais ou menos.

— E quando é que saltou do barco?

— Em Nairobi. Assim que passamos a alfândega e a imigração.

— Esperto menino. Julguei-o mal. Pensei que ia seguir um caminho por terra. Que viesse da Tanzânia ou um lugar desses.

— Ele não deixou que o fosse buscar ao aeroporto, — disse Ghita com ar protetor. — Chegou aqui à noite, de táxi.

— O que é que você quer? — perguntou Justin, de dentro da escuridão.

— Quero uma vida tranquila, se o amigo não se importa. Já tenho idade para isso. Não quero mais escândalos. Não quero levantar mais pedras. Não quero mais tipos a esticar o pescoço e a tentar ver o que já não existe.

A sua angulosa silhueta voltou-se para Ghita: — O que a Loki foi fazer, querida?

— Foi lá a meu pedido, — cortou Justin antes que ela pudesse pensar numa resposta.

— Era a obrigação dela — disse Donohue, concordando. — E em relação a Tessa também, claro. Ghita é uma rapariga admirável... — E outra vez para Ghita, com mais intenção. — E encontrou o que procurava, querida? Missão cumprida? Estou certo que sim.

Justin de novo, ainda mais rápido: — Pedi-lhe para averiguar como foram os últimos dias de Tessa em Loki. Para ter a certeza que fizeram o que disseram que tinham ido fazer: participar num seminário sobre a condição feminina na África.

— E confirmou a versão deles, não foi, querida? — perguntou Donohue dirigindo-se a Ghita.

— Confirmei.

— Ainda bem — observou Donohue e sorveu mais um golo. — Vamos falar de negócios? — sugeriu ele, para Justin.

— Pensei que era isso que estávamos a fazer.

— Acerca dos seus planos.

— Quais planos?

— Os planos precisos. Por exemplo, se está na sua ideia trocar umas palavrinhas com Kenny K. Curtiss, está a perder o seu tempo. Dou-lhe esta opinião e não lhe levo nada.

— Por que?

— Os rapazes dele estão à sua espera, primeira razão. A segunda é que ele está liquidado, está completamente fora do jogo se é que alguma vez esteve dentro. Os bancos tiraram-lhe os brinquedos. Os interesses farmacêuticos das Três Abelhas vão voltar para de onde vieram: KVH.

Nenhuma reação.

— O que eu quero dizer, Justin, é que não se tem uma grande satisfação em dar tiros em alguém que já está morto. Se é de satisfação que anda à procura. Ou não é?

Nenhuma resposta.

— Quanto ao assassinato de sua mulher, por muito que custe dizer-lhe isto, Kenny K não teve qualquer autoria moral, como se diz nos tribunais. Nem o seu factotum, o Sr. Crick, embora não tenha dúvidas que ele teria saltado sobre a oportunidade, se ela lhe tivesse sido oferecida. Crick tinha instruções para assinalar à KVH todos os movimentos de Arnold e de Tessa. Para isso utilizou largamente os recursos locais de Kenny K, nomeadamente a polícia queniana, para os ter sempre debaixo de olho. Mas não teve mais “autoria moral” do que Kenny K. Uma vigilância apertada não é um assassinato,

— Quem é que Crick informava? — perguntou a voz de Justin.

— Crick informava um gravador no Luxemburgo que foi, entretanto, desligado. Daí a mensagem fatal era passada para os interessados por um circuito que nem eu nem você poderemos

jamais estabelecer. Até que chegaram aos ouvidos dos delicados cavalheiros que assassinaram a sua esposa.

— Marsabit, — disse Justin, muito próximo.

— É verdade. Os célebres Dois de Marsabit. Na sua picape verde dos safaris. Juntaram-se-lhe quatro africanos, caçadores como eles. O prêmio para o trabalho era de um milhão de dólares a ser dividido segundo o critério do chefe deles, conhecido por Coronel Elvis, Tudo de que podemos ter a certeza é que o nome dele não é Elvis e que nunca chegou a coronel, nem nada que se aproximasse.

— Crick informou Luxemburgo que Tessa e Arnold iam para Turkana?

— Essa, meu filho, é uma pergunta fora do nosso alcance.

— Por que?

— Porque Crick não quer responder. Tem medo. Como eu queria que você tivesse. Crick tem medo de ser muito liberal com as suas informações e com as informações que recebe (e transmite) de alguns amigos dele. Tem medo de que lhe cortem a língua para dar espaço para os testículos. E é capaz de ter razão.

— O que é que você quer? — repetiu Justin. Estava acororado junto de Donohue, fixando os seus olhos batidos.

— Quero dissuadi-lo de fazer aquilo que você quer fazer, filho. Dizer-lhe que seja o que for que quer descobrir, nunca o descobrirá, o que não o impedirá de ser assassinado. Há um contrato para o liquidar assim que puser os pés na África, o que, pelos vistos, já aconteceu. Qualquer mercenário renegado ou qualquer chefe de quadrilha só pensa em descobrir onde você está. Meio milhão para o matarem, um milhão para que essa morte pareça um suicídio, a solução preferida. Pode pagar toda a proteção que quiser, não lhe vai servir rigorosamente de nada. Você irá muito provavelmente contratar os tipos que desejam matá-lo.

— Porque é que o seu Serviço se preocupa se eu morro ou não morro?

— Em termos profissionais, não há qualquer preocupação. Em termos pessoais, não gostaria que vencessem os maus. — Respirou fundo. — A propósito, devo dizer-lhe que Arnold está tão morto como uma múmia e isto há duas semanas. Portanto se você anda por aí para o salvar, receio que, mais uma vez, não haja nada para salvar.

— Prove-o, — ordenou Justin com rudeza, enquanto Ghita lhes voltava as costas em silêncio e enterrava o rosto no antebraço.

— Eu estou velho, próximo da morte e estou a revelar-lhe coisas que fariam com que os meus chefes me fizessem fuzilar ao amanhecer. É a única prova que lhe posso dar. Bluhm foi agredido até perder os sentidos, metido na picape-safari e levado para o deserto. Sem água, sem sombra, sem comida. Torturaram-no durante uns dias na esperança de descobrir se Tessa e ele teriam feito cópias das disquetes que apareceram no carro deles. Tenho muita pena, Ghita. Bluhm disse que não, que não tinham feito nenhuma cópias, mas eles não aceitaram o “não” como resposta. E por isso torturaram-no até a morte para sua salvaguarda, mas também porque isso lhes dava prazer, E depois abandonaram o corpo às hienas. Receio bem que tudo isto seja a verdade.

— Oh meu Deus.

Era Ghita a falar para as mãos em concha.

— Pode, por isso, riscar Bluhm da sua lista, assim como Kenny K Curtiss. Nenhum deles já vale a viagem. — E continuou, imperioso: — E entretanto ouça isto. Porter Coleridge está a combater por si, lá em Londres. E isto não é top-secret. Toda a gente sabe.

Justin tinha desaparecido do campo visual de Ghita. Ela procurou melhor e encontrou-o atrás dela.

— Porter reclama que o caso de Tessa seja designado aos policiais que o tinham investigado e que a cabeça de Gridley seja colocada num tabuleiro ao lado da de Pellegrin. Quer que as relações entre Curtiss, KVH e governo britânico sejam exaustivamente analisadas e, já agora, anda a espicaçar com uma

picareta os pés de barro de Sandy Woodrow. Quer que o Dypraxa seja investigado por uma equipa de cientistas independente, se ainda houver alguns no mundo. Descobriu que há uma coisa chamada Comissão Ética de Ensaaios Clínicos, ligada à Organização Mundial de Saúde, que poderá fazer qualquer coisa. Se for já para Londres, poderá fazer pender a balança em seu favor. Por isso aqui vim, — terminou Donohue, feliz, bebendo o último golo de café e pondo-se de pé. — Fazer pessoas sair de alguns países, é uma das coisas que ainda sabemos fazer, Justin. Por isso, se prefere ser retirado do Quênia sem qualquer desconforto e sem ter de enfrentar mais uma vez os bandidos do Aeroporto Kenyatta e os rapazes doe Moi e seus espões, peça a Ghita que nos dê o recado.

— Foi muito simpático — disse Justin, dirigindo-se para a porta,
— Era isso que eu receava que você dissesse. Boa noite.

Ghita estava deitada na cama com a porta aberta. Olhava para o teto sem saber se havia de chorar ou de rezar. Ela tinha sempre pensado que Bluhm. estava morto, mas o horror da sua morte era pior do que qualquer coisa que tivesse receado. Desejou regressar às coisas simples do seu colégio de freiras e recuperar a crença de que era por vontade de Deus que o homem podia subir tão alto e descer tão baixo. Do outro lado da parede, Justin estava sentado à secretária, escrevendo com caneta porque era disso que ele gostava mais embora Ghita lhe tivesse proposto o seu computador portátil.

O avião para Loki devia sair do aeroporto de Wilson às sete o que significava que ele devia ter de se ir embora daí a uma hora. Ghita gostaria de poder passar com ele o resto da sua estadia, mas sabia que ninguém o poderia fazer. Ela tinha-se oferecido para o levar ao aeroporto, mas ele tinha preferido mandar vir um táxi do Hotel Serena.

— Ghita?

Justin dava uns toquinhos na porta. Ela disse: — Pode entrar, — e pôs-se de pé.

— Gostava que metesse isto no correio, Ghita, — disse Justin estendendo-lhe um grosso envelope dirigido a uma mulher em Milão. — Não é minha namorada, se sente alguma curiosidade. É a tia do meu advogado (sorriso fugaz); e aqui tem outra carta para Porter Coleridge, endereçada para o Clube dele. Não utilize os nossos serviços de correio, se não se importa. Nem nenhum serviço privado de entrega de mercadorias. O correio queniano normal é perfeitamente adequado. E muito e muito obrigado pela enormíssima ajuda que me prestou.

Neste ponto, ela não conseguiu dominar-se, deitou-lhe os braços ao pescoço, apertou-se contra o corpo dele e agarrou-o com desespero, como se agarrasse a própria vida, até que ele se pôde libertar.

Capítulo 23

O Comandante McKenzie e o seu copiloto Edsard estavam no cockpit de seu Buffalo, que não passava de uma plataforma no nariz da fuselagem do avião, sem portas que protegessem a tripulação do carregamento, ou vice-versa. E um degrau abaixo da plataforma, uma alma caridosa tinha colocado uma poltrona vitoriana cor de ferrugem do estilo que um velho mordomo de uma família poderia levar para junto do fogão da cozinha nas noites de inverno, com os pés cravados no chão por uma espécie de ferraduras improvisadas. É onde instalaram Justin com fones e a barriga cruzada por largas tiras de nylon que fazem lembrar o arreio para crianças que aprendem a andar. De vez em quando recebe frases sábias do Comandante e de Edsard ou retira os auscultadores para ouvir perguntas que lhe são feitas por uma rapariga branca do Zimbábue chamada Jamie que tinha conseguido sentar-se no meio de uma montanha oscilante de caixas de cartão. Justin tentara oferecer-lhe a sua poltrona mas McKenzie fizera-o parar com uma firme declaração: “Você fica aqui.” Na cauda da fuselagem, seis mulheres sudanesas de túnicas compridas, acocoraram-se em várias atitudes desde o estoicismo até o terror mais absoluto. Uma delas vomita num balde de plástico destinado a esse fim. Painéis acolchoados de um cinzento brilhante cobriam o teto do avião. Cintas de lançamento, de cor vermelha, pendem de um cabo junto ao teto e as suas pontas metalizadas oscilam ao som poderoso dos motores. A fuselagem dá estalidos e gemidos como uma velha locomotiva prestes a entrar em ação. Não havia sinais de ar condicionado nem de para-quedas. Uma cruz vermelha pintada num armário indicava material de prontos-socorros. Por baixo uma enfiada de jerricans marcados “Querosene” e atados entre si. Esta é a viagem que Tessa e Arnold fizeram e este é o homem que os levou. Foi a última viagem antes da última viagem.

— Então você é amigo de Ghita, — observara McKenzie quando a Sara do Sudão levou Justin até o tukul do Comandante em Loki, e os deixou sós.

— Pois sou.

— Sara disse que você tinha um salvo-conduto do consulado sudanês em Nairobi, mas que o perdeu. É verdade?

— É.

— Importa-se que eu veja o seu passaporte?

— Não me importo nada, — disse Justin estendendo-lhe o passaporte.

— E o que faz, Sr. Atkinson?

— Sou jornalista. *Telegraph* de Londres. Estou escrevendo um trabalho sobre a operação da ONU conhecida por “Linha de vida para o Sudão”.

— Essa operação precisa de toda a publicidade que puder conseguir. É pena que um papelzinho possa vir a atrapalhar. Sabe onde o perdeu?

— Receio que não.

— Hoje estamos transportando embalagens de óleo de soja. Mais uns pacotes para os rapazes e moças que trabalham no campo. É a nossa habitual ronda do leiteiro, se isso o interessa.

— Interessa muito.

— Tem alguma objeção de ir sentado no chão de um jipe, por uma hora ou duas com um monte de cobertores por cima?

— Nenhuma objeção,

— Então acho que fechamos negócio, Sr. Atkinson.

A partir daí McKenzie agarrara-se firmemente a esta ficção. No avião, como faria com qualquer outro jornalista, descreve os trabalhos daquilo a que orgulhosamente chama a mais cara operação anti fome jamais montada na história da humanidade. As suas informações chegam em arrancos metálicos que nem sempre ultrapassam o ruído dos motores,

— No Sudão do Sul, no que respeita a calorias, temos populações ricas, médias, pobres e completamente destituídas, Sr,

Atkinson. O trabalho de Loki é o de estabelecer com rigor as zonas de fome, Cada tonelada que lançamos custa à ONU mil e trezentos dólares. Nas guerras civis, os mais ricos são os primeiros a morrer. Isso porque se alguém lhes roubar o gado, não são capazes de se adaptarem. Os pobres ficam exatamente na mesma. Para que um grupo possa sobreviver, precisa de terra que possa cultivar tranquilamente. Infelizmente não há por lá um único lugar onde se possa plantar com segurança. Estou a ir depressa demais?

— Está a explicar tudo muito bem, obrigado.

— Por isso Loki tem de vigiar as colheitas e ver onde é que vai haver zonas de fome. Neste momento estamos à beira de um fenómeno desses. Mas é indispensável ter um bom plano de operações. Lançar-lhes comida quando devem ir fazer a colheita, é perturbar a sua economia. Se lançarmos tarde demais, já haverá muitas mortes. A propósito, o ar é a única via possível; se fizermos o transporte por estrada, o caminhão será assaltado, muitas vezes pelo próprio motorista.

— Estou a ver. Perfeitamente.

— Não quer tomar notas?

Se és mesmo jornalista, porta-te como tal, quer McKenzie dizer. Justin abre o seu bloco e Ecisard retoma a conferência. O assunto é agora a segurança.

— Temos quatro níveis de segurança nos postos de abastecimento, Sr. Atkinson. Nível quatro quer dizer voltem para trás. Nível três é alerta vermelho, nível dois é tudo normal. No Sudão do Sul não há zonas de risco zero. Ok?

— Ok. Compreendido.

McKenzie regressa. — O monitor dirá quando estivermos chegando qual é hoje o nível de segurança. Se houver uma emergência, faça o que ele lhe disser. O posto que vai visitar está num território tecnicamente controlado pelo general Garang, o que lhe deu o salvo-conduto que você perdeu. Mas está constantemente a ser atacado pelas tropas do norte, assim como pelas tribos rivais. Não pense que se trata só de uma guerra norte-sul. A posição das

tribos muda de um dia para o outro e preferem combater-se entre si do que enfrentar os muçulmanos. Continua a seguir-me?

— Perfeitamente.

— O Sudão, como país, é basicamente uma fantasia do cartógrafo colonial. No sul temos a África, campos verdes, petróleo e cristãos animistas. No norte temos a Arábia e areia e um bando de fundamentalistas islâmicos decididos a impor a lei shariah. Sabe o que é?

— Mais ou menos, — diz Justin que, numa outra vida, tinha escrito relatórios sobre o assunto.

— O resultado é que temos tudo o que é preciso para uma situação de fome permanente. O que as secas não destroem, fá-lo a guerra civil e vice-versa. Mas Kartum é ainda o governo legal. Ao fim e ao cabo sejam quais forem os acordos que a ONU consegue no sul do país, ainda tem que pagar um tanto a Kartum. O que nós aqui temos, Sr. Atkinson, é um estranho pato triangular entre a ONU, os rapazes de Kartum e os rebeldes que eles perseguem até a morte. Está a perceber?

— Você vai para o Campo Sete! — grita aos ouvidos de Justin, Jamie, a rapariga branca do Zimbábue, agachando-se ao lado dele com o seu conjunto e chapéu em jeans e fazendo um megafone com as mãos.

Justin acena que sim.

— O sete é agora o mais perigoso! Uma amiga minha, há umas semanas foi apanhada por uma emergência de grau quatro. Teve de andar durante seis horas através dos pântanos e esperar outras seis, sem calças, pela chegada do avião de socorro!

— O que é que aconteceu às calças? — grita-lhe Justin.

— Temos que as tirar! Rapazes e raparigas! Por causa do roçar. Duríssimas! Quentíssimas! Insuportáveis! — Descansa um pouco e volta a falar-lhe ao ouvido com a mão em concha. — Quando ouvir gado a sair de uma aldeia, fuja! Se as mulheres vão atrás, fuja mais depressa! Temos um tipo que uma vez correu durante catorze horas

sem uma gota de água! Perdeu quatro quilos. Carabino ia atrás dele.

— Carabino?

— Carabino era um tipo porreiro até se juntar aos nortistas. Agora, já pediu desculpa e voltou para nós. Toda a gente ficou encantada. Ninguém lhe perguntou o que tinha andado a fazer. É a sua primeira vez?

Outro aceno de acordo.

— Ouça. Estatisticamente, tecnicamente, você devia estar perfeitamente seguro. Não se preocupe. E o Brandt é uma personagem extraordinária.

— Quem é o Brandt?

— O monitor de alimentos do campo sete. Um tipo porreiro. Toda a gente o adora. Doido varrido. Um homem que é um Deus.

— Onde é que ele vem?

Ela encolhe os ombros. — Diz que é um cão vadio como todos nós. Aqui ninguém tem passado. É uma regra.

— Há quanto tempo ele está aqui? — grita Justin e tem que repetir.

— Seis meses, acho eu. Seis meses no terreno, em regime de non-stop, parece uma vida inteira. Venha para Loki nem que seja por uns dias para um pouco de D e D! — acaba ela estafada de tanto gritar.

Justin desaperta o cinto e vai até a janela. Esta é a viagem que fizeste. A conversa que te impingiram. A paisagem que viste. Lá em baixo estende-se o puritano verde do Nilo, nublado pelo calor, salpicado de pequenos lagos negros, em forma de peças de puzzle. Nas pequenas elevações os redis para o gado estão repletos.

— Os gajos das tribos nunca dizem quanto gado têm! — Jamie está ao seu lado, berrando-lhe às orelhas. — O trabalho do “monitor de alimentos” é descobrir a verdade. As cabras e as ovelhas estão no centro do redil, as vacas à volta, as vitelas junto das mães. Os cães ficam junto às vacas. À noite, os tipos queimam estrume de vaca nas suas casinhas à volta do redil. Afasta os predadores,

aquece as vacas e dá-lhes tosses pavorosas. Às vezes põem também lá dentro as mulheres e as crianças. As raparigas no Sudão têm boa comida.

Se estão bem alimentadas atingem um preço de casamento mais elevado. — Dá umas pancadinhas no estômago. — Um homem tem tantas mulheres quantas as que pode pagar. Fazem uma dança inacreditável, palavra de honra, só vendo, — exclama ela e põe a mão na boca quando rebenta de riso.

— Você é monitora de alimentos?

— Assistente.

— Como é que conseguiu o trabalho?

— Estava na boa discoteca de Nairobi. Quer ouvir um enigma?

— Claro.

— Nós lançamos cereais aqui, não é?

— É.

— Por causa da guerra norte-sul, não é?

— Continue.

— Grande parte do cereal que lançamos aqui é cultivado no Sudão-Norte. Isso passa-se quando os cerealeiros americanos não nos mandam uma parte suficiente dos seus excedentes. E agora veja. O dinheiro das Agências Humanitárias serve para comprar o cereal de Kartum. E Kartum serve-se desse dinheiro para comprar armas para fazer a sua guerra contra o Sudão-Sul. Os aviões que levam o cereal para Loki utilizam o mesmo aeroporto que os bombardeiros de Kartum usam para ir atacar as aldeias do Sudão-Sul.

— Qual é o enigma?

— Qual é a razão pela qual as Nações Unidas financiam os bombardeamentos ao Sudão-Sul e, ao mesmo tempo, alimentam as vítimas?

— Passo.

— Volta para Loki quando sair daqui?

Justin abana a cabeça.

— É pena — diz ela e pisca-lhe o olho.

Jamie volta para o seu lugar no meio das caixas de óleo de soja. Justin continua junto à janela, observando o reflexo do avião nos pântanos tremeluzentes. Não há horizonte. A partir de certa distância, as cores do terreno misturam-se numa neblina que tinge a janela de tons lilases cada vez mais escuros. “Podemos voar durante toda a vida sem nunca atingir a borda da terra.” — disse ele a Tessa. Sem qualquer aviso o Buffalo começa a sua lenta descida. O pântano torna-se castanho, o terreno firme eleva-se acima da água. Aparecem algumas árvores isoladas como couves-flores verdes sobre as quais passa o reflexo do avião. Edsard retomou os comandos. O Comandante McKenzie está a estudar um catálogo de material de campismo. Volta-se para Justin e faz-lhe um sinal de polegar para cima. Justin volta a sentar-se, aperta o cinto e olha para o relógio. Há três horas que estão a voar. Edsard inclina o avião bruscamente. Caixas de papel higiênico, de aerossóis antimoscas e de tabletes de chocolate escorregam pelo chão de aço e embatem no degrau do cockpit mesmo aos pés de Justin. Um grupo de cubatas de telhados de colmo aparece na ponta duma asa. Os auscultadores de Justin estão cheios de interferências, como se fosse música clássica passada a má velocidade. Por cima da cacofonia, Justin distingue uma áspera voz germânica dando pormenores sobre o estado da pista. Percebe as palavras “firme e fácil”. O avião começa a vibrar loucamente. Elevando-se o máximo que o cinto lhe permite, Justin vê, através da janela do cockpit uma faixa de terra vermelha atravessando um campo verde. Filas de sacas brancas marcam os limites. Mais sacas estão espalhadas pelos cantos da pista. O aparelho endireita-se e um raio de sol atinge a nuca de Justin como um jato de água a ferver. Deixa-se cair sentado. A voz germânica soa mais alto e mais clara.

— Desce aqui para baixo, Edsard. Não faças caso das sacas. Hoje temos um guisado de cabrito porreiro para o almoço. Tens aí o molengão do McKenzie? Edsard não se deixa cativar facilmente. — O que é que estão a fazer aquelas sacas ali ao canto, Brandt?

Alguém fez um lançamento recentemente? Vamos ter que dividir o espaço com outro aparelho?

— São só sacas vazias, Edsard. Não faça caso e vem aqui para baixo, está ouvindo? Está aí com você o tal jornalista-vedete?

McKenzie tomou a palavra, laconicamente: — Temos sim, Brandt.

— E quem mais?

— Eu! — grita Jamie alegremente por cima do barulho dos motores.

— Um jornalista, uma ninfomaníaca, seis delegadas de volta, — anuncia McKenzie com a maior das calmas.

— Como é que ele é? O figurão?

— Já me vais dizer, — responde McKenzie.

Grandes gargalhadas no cockpit, acompanhadas pela voz sem rosto que vem do chão.

— Porque é que ele está nervoso? — pergunta Justin.

— Lá em baixo, todos estão nervosos. Isto é o fim da viagem. Quando chegarmos a terra, Sr. Atkinson, faça o favor de ficar comigo. O protocolo requer que eu o apresente ao Comissário antes de qualquer outra pessoa.

A pista parece um campo de ténis mais alongado. Cães e aldeões saem da floresta e vão na sua direção. As cubatas são cônicas e cobertas de colmo. Edsard faz um voo rasante enquanto McKenzie examina o bosque de um lado e do outro.

— Não há bandidos? — pergunta Edsard.

— Não, não há, — confirma McKenzie.

O Búfalo desce, endireita-se e acelera. A pista atinge-o como um foguete. Nuvens de pó vermelho rutilante tapam as janelas. A fuselagem vira para a esquerda mais ainda e a carga guincha nas suas amarras. Os motores berram, o avião estremece, passa sobre qualquer coisa, geme e sacode-se. Os motores calam-se. O pó cai. Chegaram.

Justin está a olhar, através do pó que cai, para uma delegação de dignitários africanos que se aproximam, com crianças e duas

mulheres brancas em jeans muito sujos, penteados afro e muitas pulseiras. No meio do grupo com um chapéu de aba revirada, velhos calções de caqui e sapatos de camurça em último estado, vem a figura radiosa, inchada, gingona e inegavelmente majestosa de Markus Lorbeer, desta vez sem estetoscópio.

As mulheres sudanesas saltam do avião e juntam-se imediatamente a um grupo de conterrâneos. Jamie está a abraçar os seus amigos com gritos de prazer e admiração mútuos. Abraça também Lorbeer, afaga-lhe a face, tira-lhe o chapéu, alisa-lhe o cabelo enquanto Lorbeer sorri deliciado e lhe dá palmadinhas no rabo casquinando como uma criança que faz anos. Carregadores de raça Dirika juntam-se na traseira da fuselagem e descarregam o avião segundo as instruções de Edsard. Mas Justin tem de ficar no seu lugar até que o Comandante McKenzie o convida a descer a escada e o dirige, atravessando a pista até a uma pequena elevação onde um grupo de anciãos Dirika, de calças pretas e camisas brancas se sentam num semicírculo de bancos de cozinha debaixo da sombra de uma árvore. No centro senta-se Arthur, o Comissário, um homem grisalho e enrugado com um rosto bem talhado e uns olhos sagazes e intensos. Tem um boné de basebol vermelho com a palavra Paris bordada a ouro.

— Então o senhor é um homem de letras, Sr. Atkinson, — diz Arthur num impecável inglês arcaico, assim que McKenzie fez as apresentações.

— Exatamente, sir.

— Que jornal ou que publicação, se me permite a pergunta tão direta, tem a sorte de o ter ao seu serviço?

— O Telegraph de Londres.

— O Sunday Telegraph?

— Sobretudo o diário.

— São ambos excelentes, — declara Arthur.

— Arthur foi sargento do Exército Sudanês durante o mandato britânico, — explicou McKenzie.

— Diga-me uma coisa, por favor. Será correto dizer que o senhor está aqui para alimentar o seu espírito?

— E também o espírito dos meus leitores, espero eu, — diz Justin, com tato diplomático, enquanto pelo canto do olho vê Lorbeer e a sua delegação avançando através da pista.

— Nesse caso, sir, peço-lhe que alimente também o espírito do meu povo mandando-nos livros ingleses. As Nações Unidas alimentam-nos o corpo mas raramente o nosso espírito. Os nossos autores preferidos são os grandes contadores de histórias da Inglaterra do século XIX. Talvez o seu jornal possa auxiliar uma tal iniciativa.

— Não deixarei de a apoiar, — diz Justin. Sobre o seu ombro direito, Lorbeer e o seu grupo aproximam-se da elevação.

— Muito obrigado, Sir. Durante quanto tempo teremos o prazer da sua distinta companhia?

McKenzie responde em nome de Justin. Lá em baixo, Lorbeer e o seu grupo tinham parado e esperavam que Justin e McKenzie descessem.

— Até amanhã, por esta hora, Arthur, — disse McKenzie.

— Mas não mais tarde, por favor, — disse Arthur com um olhar de lado para os seus cortesãos. — Não se esqueça de nós quando se for embora, Sr. Atkinson. Ficamos à espera dos seus livros.

— Está um dia quente, — observa McKenzie enquanto descem a colina. — Vai subir acima dos quarenta e dois. Mesmo assim, parece o Jardim do Eden, para si. Amanhã, à mesma hora, está bem? Olá, Brandt. Aqui tens a tua vedeta.

Justin não estava à espera de encontrar um tipo tão caloroso. Os olhos amarelados que no Hospital Uhuru se tinham furtado aos seus irradiavam agora um prazer espontâneo. A cara de bebé, escaldada pelo sol e um largo e contagioso sorriso. A voz gutural que murmurava nervosamente na enfermaria de Tessa é agora vibrante e autoritária. Os dois homens apertam as mãos enquanto Lorbeer fala e agarra com as duas a mão direita de Justin.

— Explicaram-lhe as coisas lá em Loki ou deixaram todo o trabalho para mim?

— Receio que não tenha havido muito tempo para explicações, — replica Justin, devolvendo o sorriso.

— Porque é que os jornalistas têm sempre tanta pressa, Sr. Atkinson? — queixa-se jovialmente Lorbeer, soltando a mão de Justin só para lhe dar uma palmada nas costas enquanto o leva de novo para a pista. — Será que a verdade, nos nossos dias, muda assim tão depressa? O meu pai sempre me ensinou que a verdade é eterna.

— Gostava que ele tivesse dito isso ao meu diretor, — diz Justin.

— Talvez o seu diretor não acredite na eternidade, — avisa Lorbeer, rodeando Justin e apontando-lhe um dedo ao rosto.

— Talvez não, — concede Justin.

— E o senhor? — Lorbeer levanta as sobrancelhas de palhaço num esgar inquisitivo.

O cérebro de Justin, por um momento, fica obscurecido, Afinal quem é que eu finjo que sou? Este é Markus Lorbeer o traidor.

— Penso que ainda tenho que viver uns tempos antes de poder responder a isso, — responde ele pouco à vontade, enquanto Lorbeer lança uma honesta e sonora gargalhada.

— Não demore muito, homem! Senão é a eternidade que acaba por apanhá-lo! já viu algum lançamento de comida? — Baixou um pouco a voz enquanto segura o braço de Justin.

— Acho que não.

— Então vou-lhe mostrar um. E prometo-lhe que vai passar a acreditar na eternidade. Temos aqui quatro lançamentos por dia e cada um deles é um milagre de Deus.

— É muito amável.

Lorbeer está pronto a debitar um discurso já ensaiado. Justin, o diplomata, sente-o chegar.

— Nós aqui, Sr. Atkinson, tentamos ser eficientes. Tentamos fazer chegar a comida às bocas certas. Talvez exageremos. Mas se os clientes estão a morrer, isso não me parece um crime. Talvez nos

mintam um bocado, sobre quantos são ou quantos estão a morrer. Talvez estejamos a fazer alguns milionários do mercado negro em Aweil. É pena, digo eu. OK?

— OK.

Jamie aparece atrás de Lorbeer, acompanhada por um grupo de mulheres africanas com as suas pranchetas.

— Talvez os vendedores ambulantes não gostem de nós por lhes lixarmos o negócio. Talvez os feiticeiros da floresta se queixem da nossa concorrência com remédios ocidentais. Talvez que os nossos lançamentos estejam a criar dependentes. OK?

— OK.

Um gigantesco sorriso afasta todas estas imperfeições. — Ouça, Sr. Atkinson. Diga isto aos seus leitores. Diga-o aos gordos burocratas da ONU de Genebra e de Nairobi. De cada vez que o meu posto põe uma colher de papa na boca de uma criança esfomeada, acho que fiz o meu trabalho. E nessa noite durmo no colo de Deus. Mereci a razão de ter nascido. Vai dizer-lhes isso?

— Vou tentar.

— Tem um primeiro nome?

— Peter.

— Brandt.

Voltam a apertar as mãos, mais longamente do que antes.

— Peça-me tudo o que quiser, Peter, está bem? Não tenho segredos perante Deus. Há qualquer coisa de especial que queira perguntar-me?

— Ainda não. Talvez mais tarde quando estiver a apanhar as coisas.

— Ótimo. Não tenha pressa. A verdade é eterna. OK?

— OK.

É tempo de razão. Tempo da Sagrada Comunhão. Tempo de milagres. Tempo de partilhar a hóstia com toda a humanidade.

Ou pelo menos é o que Lorbeer diz e Justin finge escrever no seu bloco, num esforço vão para fugir à opressiva boa vontade do seu guia. É tempo de observar “o mistério da humanidade, o

mistério do homem corrigindo efeitos da maldade do homem” que é mais uma desconcertante sentença, proferida enquanto levanta devotamente ao céu escaldante os seus olhos de ruivo e um largo sorriso registra a bênção de Deus, enquanto Justin sente o ombro do traidor de Tessa afetuosamente encostado ao seu. Forma-se uma fila de espectadores. Jamie, a zambeziana e Arthur, o Comissário e os seus cortesãos são os que estão mais próximos. Cães, nativos com as suas longas túnicas vermelhas e mais uma multidão de crianças nuas agrupam-se na borda da pista.

— Hoje damos alimentos a quatrocentas e dezesseis famílias, Peter. Por cada família pode contar seis bocas. Ali ao Comissário, dou-lhe cinco por cento de tudo o que lançamos. Isto não é para você escrever. Você é um tipo decente e só por isso é que lho digo. Se ouvir o Comissário, fica a pensar que a população do Sudão chega aos cem milhões. Outro problema é o dos boatos. Aparece alguém a dizer que viu um cavaleiro com uma espingarda e dez mil pessoas desatam a fugir como loucas, abandonando as colheitas e as aldeias.

Cala-se, subitamente. A seu lado, Jamie aponta um braço para o céu e com a outra mão aperta discretamente a de Lorbeer. O Comissário e a comitiva ouviram também qualquer coisa e reagem levantando as cabeças, semicerrando os olhos e franzindo as bocas num sorriso tenso. Justin ouve também o ruído e localiza-o num ponto negro perdido no céu em fogo. Lentamente, o ponto negro transforma-se num segundo Búfalo igual ao que o trouxe ali, branco, audaz e solitário como um cavaleiro de Deus, roçando arrepiantemente as copas das árvores, oscilando as asas enquanto procura o seu rumo a maior altura. Depois desaparece para não mais voltar. Mas o grupo de Lorbeer não perde a fé, As cabeças continuam levantadas, esperando o regresso do avião. E lá vem ele outra vez, voando baixo e com uma direção bem definida. Justin sente um nó na garganta e lágrimas chegam-lhe aos olhos quando a primeira chuva de sacas de comida, como se fossem flocos a cair, sai da cauda do avião.

Primeiro descem como que a brincar, depois ganham velocidade e espalham-se pela zona de lançamento com um som de abafadas rajadas de metralhadoras.

O avião faz um círculo para repetir a operação.

— Está a ver isto? — sussurra Lorbeer. Também tem lágrimas nos olhos. Será que ele chora quatro vezes por dia ou só quando tem público?

— Estou, — confirma Justin. Como tu viste também e, como eu, te tornaste membro instantâneo desta igreja.

— Ouça uma coisa. Precisamos de mais pistas de aviação. Escreva isso no seu artigo. Mais pistas e mais perto das aldeias. As populações têm de andar muito, o que é muito perigoso. As mulheres são violadas e degoladas. As crianças são-lhes raptadas enquanto vêm a caminho. E quando aqui chegam, descobrem que estão lixadas. Aquele dia não era para aquela aldeia. Por isso voltam para trás, sem perceberem nada. Uma data delas morre nessa confusão. As crianças também. Vai escrever isto?

— Vou tentar.

— Loki diz que mais pistas de aviação significam mais monitores. Eu digo: muito bem, arranjamos mais monitores. Loki pergunta: onde está o dinheiro? Eu digo: gastem-no primeiro, arranjem-no depois. Qual é o problema?

Um silêncio diferente cai sobre a pista. Um silêncio de apreensão. Será que há bandidos emboscados, à espera de roubar as ofertas de Deus e desaparecer? A grossa mão de Lorbeer está de novo a agarrar o braço de Justin.

— Nós aqui não temos armas, — explica ele em resposta à pergunta não formulada por Justin. — Nas aldeias eles têm boas Kalashnikovs e Armalites. Arthur, o Comissário, compra-as com os seus cinco por cento e dá aos seus. Mas aqui no posto de abastecimento só temos rádio e orações.

Parece que o momento crítico já passou. Os primeiros carregadores avançam timidamente para começarem a carregar as sacas. Com a prancheta na mão, Jamie e as outras assistentes

ocupam os seus lugares um para cada monte. Algumas das sacas rebentaram. Mulheres com vassouras juntam cuidadosamente os grãos que se espalharam. Lorbeer segura o braço de Justin enquanto o põe ao corrente da “cultura da saca de comida”. Depois de Deus ter inventado o lançamento das sacas, diz ele rindo ruidosamente, inventou a saca de comida. Rebentadas ou inteiras, aquelas sacas brancas de fibra sintética marcadas com as iniciais do Programa Mundial de Alimentação tornaram-se num material tão útil aqui no Sudão como a comida que vem nelas.

— Vê aquela manga de vento? Vê os chinelos daquele tipo? Vê o seu lenço de cabeça? Digo-lhe uma coisa: se algum dia me casar, visto a minha noiva com sacas de comida!

Do lugar onde está Jamie lança uma gargalhada que é rapidamente acompanhada pelas mulheres que estão com ela. O riso ainda dura quando três colunas de mulheres saem das árvores, do outro lado da pista. Todas são altíssimas, na etnia Dinka, um metro e oitenta é normal. Têm o passo majestoso das mulheres africanas, sonho impossível de qualquer dos modelos de passerelle. A maior parte têm os seios nus, outras têm uns panos de algodão firmemente enrolados à volta do peito. O seu olhar impassível está fixado nos sacos à sua frente. Falam baixo e só entre elas. Cada coluna tem o seu destino. Cada assistente tem os seus fregueses. Justin lança um olhar a Lorbeer enquanto cada mulher dá o seu nome, agarra numa saca, levanta-a ao ar e poussa-a delicadamente sobre a cabeça. E vê que o olhar de Lorbeer está cheio de um trágico desencanto como se ele fosse o autor dos sofrimentos das mulheres e não da sua salvação.

— Há algum problema? — pergunta Justin.

— As mulheres são a única esperança da África, — responde Lorbeer num murmúrio enquanto continua a olhar para elas. Será que ele vê Wanza no meio delas? E todas as outras Wanzas? Os seus olhos pálidos espreitam cheios de culpa por baixo da aba revirada do seu chapéu. — Escreva isso, homem. Nós só damos comida às mulheres. Quanto aos homens nem confiamos nesses

idiotas para atravessar uma estrada. De maneira nenhuma. Vendem a nossa farinha no mercado. Ou obrigam as mulheres a fazer bebidas alcoólicas a partir da farinha. Depois compram cigarros, armas, raparigas. Os homens são umas bestas. As mulheres fazem os lares, os homens as guerras. A África inteira é uma gigantesca guerra dos sexos. Só as mulheres fazem aqui a tarefa de Deus. Escreva isso.

Justin, obediente, faz o que lhe é pedido. Nem era preciso pedir porque ele ouviu essa mensagem da boca de Tessa todos os dias. As mulheres regressam silenciosamente para as árvores. Cães com má consciência lambem os grãos que não foram apanhados.

Jamie e as assistentes foram-se embora. Apoiando-se num bastão comprido, Lorbeer, no seu chapéu marrom de aba revirada, tem a autoridade de um mentor espiritual enquanto guia Justin através da pista, afastando-se dos tukuls em direção à linha azul da floresta. Uma dúzia de crianças atropelam-se umas às outras para ficarem mais junto dele. Agarram-se à mão do grande homem. Cada uma agarra um dedo e sacode-o lançando grande gritos e dando saltos graciosos como elfos a dançar.

— Estes miúdos pensam que são leões, — segreda Lorbeer a Justin com indulgência, enquanto eles rugem e puxam por ele. — No domingo passado, na Escola de Catequese, os leões engoliram Daniel tão rapidamente que Deus não teve nenhuma chance de o salvar. Eu disse-lhes: não, não, têm que deixar Deus salvar Daniel. É o que está na Bíblia. Mas eles responderam que os leões têm fome demais para poderem esperar. É melhor deixá-los comer Daniel primeiro e depois então que Deus faça o seu milagre. Se não for assim, os leões morrem.

Estão a chegar a uma fila de abrigos retangulares. Em cada abrigo uma vedação rudimentar quase como um redil. Em cada abrigo um inferno em miniatura de doentes sem esperança, os paráliticos, os desidratados. Mulheres acoradas debruçam-se estoicamente sobre eles, num tormento silencioso. Bebês cobertos de moscas, demasiado fracos para chorar. Velhos em estado de

coma cobertos de vômito e de fezes. Médicos e enfermeiros cansados da guerra fazem o que podem para os animar e consolar, deslocando-se ao longo de uma linha mal ordenada. Raparigas nervosas formam uma fila, trocando segredos e risinhos. Adolescentes imobilizados em posição de combate são fustigados com uma vara por um rapaz mais velho.

Seguido a certa distância por Arthur e a sua comitiva, Lorbeer e Justin chegam a uma enfermaria com telhado de colmo que parece um pavilhão de críquete na província inglesa. Abrindo delicadamente caminho por entre doentes vociferantes, Lorbeer leva Justin até uma porta metálica guardada por homenzarrões africanos com t-shirts dos Médecins Sans Frontières. Abrem-lhes a porta, Lorbeer passa primeiro, tira o chapéu e faz Justin avançar. Uma enfermeira branca e três ajudantes estão a fazer misturas e dosagens do outro lado de um balcão em madeira. A atmosfera é a de uma emergência controlada. Ao ver Lorbeer, a enfermeira levanta rapidamente os olhos e faz-lhe uma careta.

— Olá, Brandt. Quem é esse simpático amigo? — pergunta ela com um áspero sotaque escocês.

— Helen, este é o Peter. É jornalista e está pronto a dizer ao mundo que vocês são um bando de preguiçosos.

— Olá, Peter.

— Olá.

— Helen é enfermeira, de Glasgow.

Nas prateleiras, caixas de todas as cores e frascos de vidro estão empilhados até o teto. Justin examina-as fingindo uma curiosidade generalizada, mas procurando na verdade as familiares caixas encarnadas e pretas com o alegre logotipo das Três Abelhas e não encontrando nenhuma, Lorbeer colocou-se à frente das prateleiras, assumindo mais uma vez o papel de guia. A enfermeira e os assistentes trocam sorrisos. Lá vamos nós outra vez. Lorbeer está a mostrar um frasco cheio de comprimidos verdes.

— Peter, — proclama com voz grave. — Agora vou mostrar-lhe um outro aspecto de África.

Ele dirá aquilo todos os dias? A todos os visitantes? É o seu ato de contrição diário? Terá também feito o discurso a Tessa?

— A África tem oitenta por cento dos doentes de AIDS de todo o mundo. Uma conta por baixo. Três quartos deles não recebem nenhuma medicação. E, por esse fato, devemos agradecer às grandes companhias farmacêuticas e aos seus servidores e ao Departamento de Estado dos Estados Unidos que ameaçam com sanções qualquer país que se atreva a produzir a sua versão mais barata dos medicamentos com patentes registradas em todo o mundo. Ok? Escreveu o que eu disse?

Justin faz a Lorbeer um aceno tranquilizador. — Continue.

— As cápsulas deste frasco custam vinte dólares cada uma em Nairobi, seis em Nova Iorque, dezoito em Manila. Um dia destes, a Índia vai fabricar uma versão genérica deste medicamento, em que cada cápsula custará sessenta centavos. Não me fale de despesas de pesquisas e aperfeiçoamento. Os rapazes dos laboratórios já liquidaram essas contas há muitos anos e uma data dos lucros vem em primeiro lugar de governos, de modo que essa conversa não pega. O que nós aqui temos é um monopólio imoral que todos os dias custa inúmeras vidas humanas. Ok?

Lorbeer conhece tão bem aquele material que nem tem que andar à procura dele. Põe lá o frasco e agarra numa grande caixa preta e branca.

— Esses sacanas andam a vender este mesmo produto há para aí uns trinta anos. É contra quê? Malária. Sabe por que estes trinta anos, Peter? Se, por acaso, houver meia dúzia de pessoas em Nova York que apanhem malária, você verá se não arranjam um produto melhor em pouco tempo! — Escolhe outra caixa. As mãos, tal como a voz, tremem-lhe de indignação. — Este gigantesco e filantrópico laboratório de New Jersey fez uma dívida deste produto às pobres nações esfomeadas do mundo, Ok? As grandes farmacêuticas precisam de ser amadas. Se não são, ficam tristes e assustadas.

E perigosas, acrescenta Justin, mas não em voz alta.

— Porque é que o laboratório doou este produto? Vou lhe dizer, Porque inventaram um melhor. Não faz sentido ter o velho em armazém. Por isso dão-no a África, com um período de validade de seis meses e ganham uns tantos milhões de dólares em isenções fiscais devido à sua generosidade. E ainda poupam mais uns milhões em custos de armazenamento e em custos de destruição de velhos produtos que já ninguém compra. E, ainda por cima, as pessoas dizem: olhem para eles, como são generosos. Até os acionistas. — Vira a caixa de pernas para o ar e olha desdenhosamente para o que lá está escrito: — Este lote ficou durante três meses num armazém da alfândega enquanto os rapazes de lá esperavam que os fossem gratificar. Há uns anos a esta parte, a mesma empresa farmacêutica mandou para África loção para o cabelo, fármacos contra o tabaco e cura para a obesidade e conseguiu uma isenção fiscal de muitos milhões de dólares como recompensa desse gesto filantrópico. Esses sacanas não têm quaisquer sentimentos que não sejam a favor do gordo deus Lucro, isso é que é a verdade.

Mas a maior fúria da sua legítima indignação está reservada para os seus próprios chefes — esses preguiçosos figurões do programa humanitário de Genebra que estão ao serviço das grandes empresas farmacêuticas.

— Esses tipos intitulam-se humanitaristas — protesta ele entre caretas de repulsa dos assistentes e inconscientemente, evoca o ódio de Tessa à palavra com H grande. — Com os seus empregos seguros e os seus ordenados livres de impostos, belos carros, escolas internacionais gratuitas para os filhos! Sempre em viagem, de tal modo que nem conseguem gastar o dinheiro que ganham. Eu conheço-os bem, vi-os nos melhores restaurantes suíços, saboreando pratos caros na companhia dos representantes das grandes empresas farmacêuticas. Porque é que se hão de ralar com a humanidade? Genebra tem uns bilhões de dólares para gastar? Ótimo! Gastem-nos com os grandes laboratórios e mantenham a América feliz!

Na pausa que se segue a esta explosão, Justin arrisca uma pergunta.

— Em que qualidade, exatamente, é que você os conheceu, Brandt? Levantam-se cabeças. Todas menos a de Justin. Ninguém, ao que parece, tinha ainda ousado questionar o profeta no seu deserto. Os olhos claros de Lorbeer abrem-se, a testa vermelha franze-se em rugas.

— Eu vi-os, homem! Com estes olhos!

— Pessoalmente, não duvido que os tenha visto, Brandt. Mas os meus leitores podem ter dúvidas. Podem perguntar a si mesmos "o que era o Brandt quando os viu?" Você estava na ONU? Estava a jantar nos tais restaurantes? — Um pequeno riso para sublinhar o absurdo da pergunta: — Ou estará a trabalhar para as Forças das Trevas?

Será que Lorbeer presente a presença de um inimigo? A expressão Forças das Trevas lhe seria ameaçadoramente familiar? Será que a vaguíssima recordação de Justin no hospital é agora menos vaga... A cara dele agora dá pena!

O brilho infantil desaparece, sobeja um homem velho sem chapéu. Não me faças isto, é o que o seu rosto diz. Tu és meu amigo. Mas o consciencioso jornalista está demasiado ocupado a tomar notas para que lhe possa valer.

— Se queres voltar-te para Deus, tens que pecar primeiro — diz Lorbeer em tom sombrio. -Toda a gente daqui está convertida à piedade de Deus, pode crer. Mas a perturbação não abandonara o rosto de Lorbeer. Nem a falta de vontade. Pousara sobre ele como o anúncio das más notícias que ele tentava não ouvir. No caminho de regresso através da pista de aviação, prefere ostensivamente a companhia de Arthur, o Comissário. Os dois homens marcham em estilo Dinka, de mãos dadas, o enorme Lorbeer no seu chapéu de aba revirada e Arthur, o esquelético espantalho com o boné de Paris na cabeça.

Uma paliçada de madeira com um portal de grandes troncos define os limites do domínio de Brandt, o Monitor, e dos seus

assistentes. As crianças não entram. Só Arthur e Lorbeer acompanham o ilustre visitante na visita obrigatória às instalações. O improvisado cubículo do chuveiro tem um balde pendurado que se pode inclinar puxando uma corda. Uma cisterna está equipada com uma bomba da idade da pedra ligada a um gerador da mesma época. Tudo invenções do grande Brandt.

— Ainda hei-de pedir a patente deste engenho! — diz Lorbeer com uma pesada piscadela de olhos que Arthur, obediente, devolve.

Um painel solar está pousado no chão, no centro de uma capoeira. As galinhas servem-se dele como poleiro.

— Dá energia a todo este complexo só com a luz do sol, — berra Lorbeer, mas o entusiasmo desapareceu do seu monólogo.

As latrinas estão no extremo da paliçada, uma para homens, outra para mulheres. Lorbeer bate à porta dos homens e depois abre-a para trás, descobrindo um buraco nauseabundo no chão.

— As moscas daqui desenvolvem resistência a todos os desinfetantes que jogamos, — queixa-se Lorbeer.

— Moscas multi-resistentes? — sugere Justin sorrindo e Lorbeer lança-lhe um olhar zangado antes de conseguir um sorriso forçado.

Atravessam o complexo, parando de vez em quando para espreitar uma cova recém-cavada de uns quatro metros por um. Uma família de cobras verdes e amarelas jaz lá no fundo coberto de lama.

— Isto é o nosso abrigo antiaéreo: As cobras deste posto matam mais do que as bombas, — protesta Lorbeer continuando os seus lamentos contra a injustiça da natureza,

Não provocando qualquer reação em Justin, volta-se para partilhar a graça com Arthur. Mas o Comissário já voltou para junto dos seus. Como um homem carente de amizade, Lorbeer passa um braço pelos ombros de Justin e mantém-no lá enquanto o dirige a passo de infantaria até o tukul central.

— Agora vai provar o nosso guisado de cabra — anuncia com determinação.

— Aquele velho cozinheiro faz guisado melhor que os restaurantes de Genebra. Ouça, você é boa pessoa, Peter, OK? É meu amigo!

Quem é que tu viste na cova, no meio das cobras? Wanza mais uma vez? Ou foi a mão fria de Tessa que saiu de lá e te tocou?

O espaço interior do tukul não tem mais de cinco metros de diâmetro. Fez-se uma mesa familiar com pranchas de madeira. Os assentos são caixas de cerveja ou de óleo de cozinha por abrir. Uma precária ventoinha elétrica gira inutilmente no tecto, o ar cheira a soja e a aerossol anti mosquitos. Só Lorbeer, à cabeceira da mesa, tem direito a uma cadeira que foi retirada do seu lugar junto à aparelhagem de rádio, composta por diferentes unidades empilhadas sob um guarda-sol junto ao fogão. Lorbeer senta-se muito direito, de chapéu na cabeça, com Justin a seu lado e Jamie do outro, com ar de ter direito a ele. Ao lado de Justin senta-se um jovem médico de Florença, com um rabo-de-cavalo; a seguir, a escocesa Helen, do dispensário e em frente uma enfermeira nigeriana chamada Salvation.

Os outros membros da extensa família de Lorbeer não perdem tempo. Servem-se do guisado e comem-no mesmo de pé ou sentam-se apenas para o engolir e vão-se embora. Lorbeer devora vorazmente o seu guisado, olhando para todos os pontos da mesa enquanto vai falando, falando, falando. E ainda que de vez em quando pareça estar a dirigir-se a uma pessoa em particular, ninguém duvida que o principal destinatário da sua sabedoria é o jornalista de Londres. O principal assunto da palestra de Lorbeer é a guerra. Não as escaramuças tribais que pululam à volta deles mas a “maldita grande guerra” que lavra nos campos petrolíferos de Bentiu e que cada dia avança para o sul.

— Aqueles malandros de Kartum têm tanques e canhoneiras que nunca mais acabam, Peter. Estão a fazer em pedaços os pobres africanos. Vá lá, veja com os seus próprios olhos. Se os bombardeamentos não são suficientes, arranjam tropas terrestres para fazerem o trabalhinho e para esses não há problemas. Essas

tropas violam e assassinam com o coração cheio de alegria. E quem é que os ajuda? Quem é que os aplaude da bancada? As grandes multinacionais petrolíferas.

A sua voz indignada ocupa todo o espaço, As conversas à volta da mesa ou entram em competição de decibéis ou morrem, que é o que lhes acontece.

— As multís adoram Kartum! E dizem: “Filhos, nós respeitamos seus belos princípios fundamentalistas. Umas tantas chicotadas em público, umas tantas mãos cortadas, nós admiramos isso. Queremos ajudá-los de todas as maneiras que pudermos. Queremos que vocês se sirvam das nossas estradas e dos nossos aeródromos enquanto quiserem. Não deixem aqueles preguiçosos otários africanos das cidades e aldeias atravessarem o caminho do Grande Deus Lucro. Queremos esses palermas africanos tão etnicamente limpos da circulação como vocês aí em Kartum querem! Portanto, filhos, aqui têm sua parte dos lucros do petróleo. Compre armas à vontade!” Está ouvindo, Salvation? Está tomando notas, Peter?

— Sem falhar uma palavra, obrigado, Brandt, — diz Justin falando calmamente para seu bloco.

— As multís fazem o trabalho do diabo. Ainda não de acabar no inferno que é onde deviam estar, podem crer! — Faz um pouco de teatro encolhendo-se e cobrindo o rosto com suas enormes mãos. Representa o papel do Homem da Multinacional enfrentando o Criador no Dia do Juízo Final.

— “Não fui eu, Senhor. Só obedeci ordens, dadas pelo Grande Deus Lucro!” Aquele Homem da Multinacional é o mesmo que vicia em cigarros e depois vende a cura para o câncer que vós não podeis pagar!

É o mesmo que também nos vende remédios não-testados. É o mesmo que passa por cima dos testes médicos e usa os míseros da terra como cobaias.

— Quer café?

— Quero sim. Muito obrigado.

Lorbeer põe-se em pé de um salto, pega a tijela de sopa de Justin, passa-a por água quente antes de vir enchê-la de café. A camisa de Lorbeer está colada às costas, revelando pregas de carne flácida. Mas não para de falar. Tem horror ao silêncio.

— Os rapazes de Loki falaram-lhe no comboio, Peter? — grita ele enquanto limpa a tijela com um bocado de guardanapo de papel tirado de um saco de lixo. — Aquele velho e horroroso comboio que vem para o sul umas três vezes por ano à velocidade de um caracol?

— Acho que não.

— Vem pela velha linha férrea que vocês, os ingleses, construíram, OK? É como nos velhos filmes. É protegido por bandidos a cavalo vindos do norte.

O comboio traz mantimentos para todas as guarnições de Kartum espalhadas ao longo da linha, de norte a sul, OK?

— OK.

Por que ele transpira tanto? Por que seu olhar é tão inquieto? Que secreta comparação estará ele fazendo entre o trem dos árabes e os seus próprios pecados?

— Ah homem! Que comboio! Neste momento está encravado entre Ariath e Aweil, a dois dias daqui. Temos que rezar para que o rio continue em cheia e que os cabrões não possam vir para aqui. A qualquer lugar aonde vão, desencadeiam o Armageddon. Matam todo mundo. Ninguém os para. São fortes demais.

— Quem são exatamente esses cabrões de que está a falar, Brandt?, — pergunta Justin, sacudindo o seu bloco de notas. — Agora perdi-me por um momento.

— Os cabrões são os bandidos a cavalo, homem. Pensa que eles são pagos para proteger o tal comboio? Nem por sombras. Fazem-no de borla, só por bondade dos seus corações. A recompensa são os assassinatos e as violações que vão fazendo pelas aldeias. São os incêndios que eles ateiam. São os raptos de rapazes e raparigas que eles levam para o norte quando o comboio fica vazio. É roubar tudo o que não queimam.

— Estou a ver.

Mas o comboio não basta para Lorbeer. Nada lhe basta se existir qualquer ameaça de se vir a estabelecer um silêncio durante o qual lhe façam perguntas que ele não quer ouvir. Os seus olhos aflitos já estão desesperadamente à procura de mais conversa.

— E falaram-lhe ao menos do avião? Do avião russo, mais antigo do que a Arca de Noé, o avião que eles mantêm em Juba? É uma história espantosa.

— Nem do comboio, nem do avião, receio eu. Acho que não tiveram tempo de me falarem fosse do que fosse.

E Justin fica mais uma vez à espera, com a caneta na mão, pronto para que lhe falem do tal avião russo que eles mantêm em Juba.

— Esses loucos muçulmanos de Juba fazem umas bombas que parecem balas de canhão. Depois levam-nas até a fuselagem do avião e lançam-nas sobre aldeias cristãs. “Tomem lá, Cristãos! Aqui vão as cartas de amor dos seus irmãos muçulmanos!” E é que o raio das bombas são mesmo eficazes, garanto-lhe Peter! Aqueles malandros aperfeiçoaram a arte de acertar nos alvos. E as bombas são tão pouco confiáveis que as lançam todas antes de voltar a aterrisar seu calhambeque voador.

Debaixo do guarda-sol, o rádio de campanha anuncia a chegada de outro Buffalo. Primeiro a voz lacônica de Loki, depois o comandante em voo pedindo contato. Debruçada sobre os aparelhos, Jamie anuncia bom tempo, chão firme e nenhum problema de segurança. Os comensais se dispersam rapidamente, mas Lorbeer fica no seu lugar. Justin fecha o seu bloco de notas e, sob o olhar de Lorbeer, guarda-o no bolso juntamente com as canetas e os óculos.

— Pois muito bem, Brandt. Ótimo guisado. Eu tenho uma pergunta a lhe fazer. Haveria um local em que possamos nos sentar durante uma hora sem sermos interrompidos?

Como um condenado que se dirige ao local da execução, Lorbeer conduz Justin através de um gramado semeado de tendas

e de varais de roupa secando. Uma tenda em forma de sino está armada um pouco à parte. De chapéu na mão Lorbeer levanta o pano de entrada para Justin passar e consegue fazer um hediondo sorriso de servilismo quando o convida a entrar. Justin curva-se e os olhos de ambos se encontram e Justin vê no outro aquilo que já tinha visto quando estavam no tukul, mas agora mais claramente: um homem amedrontado por coisas que deliberadamente decidiu não ver.

Capítulo 24

O ar dentro da tenda é compacto, acre e muito quente, os cheiros são de erva podre e roupa suja que nunca ficará limpa por mais que se lave. Existe uma cadeira de pau e, para a libertar, Lorbeer tem de retirar uma Bíblia Luterana, um volume de versos de Heine, um traje de dormir em tecido turco, estilo baby-grow, um estojo de emergência de monitor com rádio e uma antena telescópica. Só depois oferece a cadeira a Justin, antes de se acocorar na borda de uma cama de campanha a dez centímetros do chão, a cabeça ruiva entre as mãos, o dorso curvado enquanto espera que Justin fale.

— O meu jornal está interessado num novo e controverso medicamento para a cura da tuberculose chamado Dypraxa, fabricado pela Karel Vita Hudson e distribuído na África pela Casa das Três Abelhas. Reparei que não o tem nas suas prateleiras. O meu jornal pensa que o seu verdadeiro nome é Markus Lorbeer e que foi o senhor que lançou o Dypraxa no mercado, — explica Justin enquanto abre mais uma vez o bloco de notas.

Nada se altera na atitude de Lorbeer, o dorso curvado, a cabeça ruiva, os ombros abatidos, tudo se mantém imóvel depois do choque das palavras de Justin.

— Há um clamor crescente sobre os efeitos colaterais do Dypraxa. Tenho a certeza que sabe disso, — continua Justin, virando uma página do bloco e consultando-a. — A KVH e as Três Abelhas não vão poder continuar com o dedo a tapar o buraco do dique para todo o sempre. Seria sensato serem vocês os primeiros a dizer o que realmente se passa.

Ambos transpiram abundantemente, duas vítimas da mesma doença. O calor da tenda é tão soporífero que, no espírito de Justin, surge o risco de que ambos sucumbam e tombem, lado a lado, numa sonolência doentia. Lorbeer levanta-se e começa a circular pelo perímetro da tenda, como um bicho enjaulado.

É como eu fazia quando estava na cave de Gloria, pensa Justin enquanto observa o seu prisioneiro parar e mirar-se num pequeno espelho ou examinar uma cruz de madeira presa na lona por cima da cabeceira da cama.

— Espantoso, homem! Como é que me descobriu?

— Falei com várias pessoas. Tive sorte.

— Não me lixe, criatura! Qual sorte, qual quê! Quem é que lhe paga? Continua a andar. Abana a cabeça para sacudir o suor. Voltando-se de repente, como se esperasse encontrar Justin nos seus calcanhares. Olhando para ele com desconfiança e censura.

— Trabalho por minha conta, — diz Justin.

— Por sua conta uma gaita! Jornalistas como você, eu compro-os. Conheço todas as suas quadrilhas! Quem é que o comprou?

— Ninguém.

— A KVH? O Curtiss? Eu é que os fiz ganhar rios de dinheiro, caramba!

— E eles também o fizeram ganhar a si, não fizeram? Segundo o nosso jornal, você tem um terço de quarenta e nove por cento das companhias que detêm a patente da molécula.

— Renunciei a isso, homem! E Lara também. Era dinheiro de sangue. “Fiquem com ele”, disse-lhes eu. “É todo seu. E no Dia do Juízo Final que Deus tenha piedade de vós!” Foram estas as minhas palavras, Peter.

— Ditas a quem, exatamente? — pergunta Justin, tomando notas, — Curtiss? Alguém da KVH? — O rosto de Lorbeer é uma máscara de terror. — Ou o Crick, talvez. Estou a ver. Crick era a sua ligação com as Três Abelhas.

E escreve Crick no seu bloco, letra por letra, porque a mão pinga de suor.

— Mas o Dypraxa não era um mau medicamento, pois não? O meu jornal pensa que é um bom medicamento, lançado cedo demais.

— Cedo? — A palavra irrita-o e diverte-o. — Cedo, homem? Aqueles rapazes da KVH queriam testes tão rápidos que nem

podiam esperar pelo pequeno-almoço de amanhã.

Uma ensurdecidora explosão faz parar o mundo. Primeiro é o avião russo de Kartum, baseado em Juba a lançar uma das suas bombas. Depois são os bandidos a cavalo do Norte. Depois é a dura batalha pelos campos de petróleo de Bentiu que chegou às portas dos postos de mantimentos. A tenda abana terrivelmente, depois sossega, pronta para novo ataque. As amarras da tenda gemem enquanto lençóis de água se despenham sobre a lona do tecto. No entanto, Lorbeer parece não ter reparado no ataque. Está de pé, no centro da tenda, com uma mão na testa como se tivesse esquecido de alguma coisa. Justin afasta a cortina de entrada e, através dos lençóis de água conta três tendas desabadas e outras duas a desabar diante dos seus olhos. A água escorre da roupa que estava a secar. Formou um lago na relva e começa a bater nas paredes de madeira do tukul. Cai em cortinas opacas sobre o teto do abrigo antiaéreo. De repente para tão subitamente como começou.

— Bom, Markus, — propõe Justin, como se a tempestade também tivesse limpado o ar no interior da tenda. — Fale-me daquela rapariga, Wanza. O caso dela foi um ponto de ruptura na sua vida? O meu jornal pensa que sim.

Os olhos esbugalhados de Lorbeer continuam fixos em Justin. Tenta falar mas as palavras não lhe chegam.

— Wanza, de uma aldeia ao norte de Nairobi. Wanza, que se mudou para as barracas de Kibera. E foi levada para o hospital de Uhuru para ter o seu bebé. Ela morreu mas o bebé não. O meu jornal pensa que ela partilhou uma enfermaria com Tessa Quayle. Será possível? Ou Tessa Abbott, o nome que ela utilizava às vezes.

Mesmo agora a voz de Justin continua calma e fria como compete a um jornalista objetivo. E essa frieza é, de certo modo, real, já que ele não aceita facilmente o fato de ter um homem à sua mercê. A responsabilidade é maior do que ele desejaria. O seu instinto de vingança é muito fraco. Um avião aproxima-se da zona de lançamento. Nos olhos de Lorbeer surge uma débil esperança. Vieram para me salvar! Não! Vieram para salvar o Sudão!

— Quem é você?

Foi-lhe precisa muita coragem para fazer essa pergunta. Mas Justin ignora-a.

— Wanza morreu, E Tessa também. E Arnold Bluhm, um médico belga e grande amigo dela. O meu jornal pensa que Tessa e Arnold vieram aqui para falar com você dois dias antes de serem mortos. E pensa também que você lhes confessou a sua participação no caso Dypraxa e que — e isto é apenas uma suposição — você, assim que eles se foram embora, os traiu perante os seus antigos patrões para se pôr a salvo do escândalo. Talvez mandando uma mensagem rádio ao seu amigo Sr. Crick. Isto diz-lhe alguma coisa?

— Meu Deus, homem! Meu Deus todo poderoso!

Markus Lorbeer está a ser queimado vivo. Abraçou-se ao poste central da tenda, encostou-lhe a cabeça e aperta-o com força para se proteger das mortíferas e impiedosas perguntas de Justin. Levanta os olhos ao céu, em agonia, murmura e implora coisas inaudíveis. Justin levanta-se, arrasta a cadeira para junto de Lorbeer, agarra-o por um braço e obriga-o, a sentar-se.

— O que é que Tessa e Arnold procuravam quando vieram aqui? — pergunta Justin. As suas perguntas são formuladas com uma deliberada indiferença. Não quer mais confissões soluçantes nem mais apelos a Deus.

— Procuravam a minha culpa, homem, a minha vergonhosa história, o meu pecado de orgulho, — murmura Lorbeer em resposta, enxugando o rosto com um farrapo tirado do bolso dos calções.

— E encontraram?

— Tudo, homem. até o último bocado. juro.

— Com um gravador?

— Com dois, homem! Aquela mulher não confiava em mim. — Com um sorriso interior, Justin reconhece a competência forense de Tessa. — Abandonei-me todo perante eles. Dei-lhes a verdade nua, juro por Deus. Não havia outra saída. Eu era o último elo da cadeia das suas investigações.

— Disseram-lhe o que é que tencionavam fazer com a informação que lhes deu?

Os olhos de Lorbeer abriram muito, mas os lábios continuaram cerrados e o corpo tão imóvel que, por segundos, Justin imaginou que ele tinha sido fulminado por uma morte misericordiosa, mas estava apenas a recordar. E de repente, começou a falar muito alto, chegando a gritar à medida que se libertava das palavras.

— Iam apresentar tudo ao único homem em que confiavam aqui no Quênia. Iam apresentar a história toda a Leakey. O Quênia tem que resolver os seus próprios problemas, disse ela. E Leakey era a pessoa indicada. Ela acreditava nisso. E avisaram-me. Ela disse-me: “É melhor você esconder-se, Markus. Este lugar já não é seguro para si. Vai ter que encontrar um buraco bem fundo, de contrário eles fazem-no em estilhas por os ter atraído perante nós.”

É difícil para Justin recriar as palavras autênticas a partir da voz estrangulada de Lorbeer, mas procura fazê-lo. E não tem qualquer dúvida sobre o sentido geral dessas palavras, porque a primeira preocupação de Tessa seria para com Lorbeer e não com ela própria. E “fazem-no em estilhas” era uma das suas expressões usuais.

— E o que é que Bluhm lhe disse?

— Ele era muito direto. Disse-me que eu era um charlatão e um traidor às minhas responsabilidades.

— E isso deve tê-lo ajudado a si a atraí-los a eles, — sugere Justin gentilmente, mas a sua gentileza é inútil porque o choro de Lorbeer ainda é pior que o de Woodrow — uivos e lágrimas furiosas enquanto pede piedade para si mesmo. Ele adora aquele medicamento! Não merece ser publicamente condenado! Mais uns anos e tomará o seu lugar entre as grandes descobertas clínicas da nossa época! Tudo o que temos que fazer é estudar os níveis máximos de toxicidade e controlar as doses que os nossos corpos podem tolerar. E já estão a trabalhar nisso, homem! Quando chegar ao mercado americano, todos esses inconvenientes já terão sido eliminados e não haverá qualquer problema! Lorbeer ama África,

ama a Humanidade, não nasceu para suportar esta culpa! Mesmo quando argumenta, quando geme e grita, consegue elevar-se misteriosamente acima da derrota. Senta-se mais apumado. Endireita os ombros e um sorriso tolo de superioridade substitui a sua dor de penitente.

— E além disso, pense nas relações entre eles, — protesta numa insinuação muito direta. — Reparem no seu comportamento ético. Pergunto a mim mesmo de cujos pecados estamos precisamente a falar.

— Acho que não estou a percebê-lo bem, — diz Justin suavemente, enquanto uma barreira mental de segurança começa a formar-se dentro da sua cabeça.

— Leia os jornais, homem. Ouça a rádio. Faça um juízo independente e responda-me. O que anda a fazer aquela mulher branca, bonita e casada viajando com o seu constante companheiro, o belo médico negro? Porque é que ela usa o nome de solteira e não o do seu honesto marido? Porque é que ela se exhibe ao lado do seu amante para aqui, para esta mesma tenda, uma adúltera e hipócrita, interrogando Markus Lorbeer sobre a sua moralidade pessoal?

Mas a barreira de segurança deve ter-se entreaberto, porque Lorbeer olha fixamente para Justin como se o próprio anjo da morte tivesse vindo submetê-lo àquele juízo que ele tanto receia.

— Meu Deus, homem! Você é ele. O marido. Quayle.

O último lançamento de alimentos do dia esvaziou a paliçada de todos os que lá trabalhavam. Deixando Lorbeer a soluçar, sozinho, na tenda, Justin senta-se junto a um abrigo antiaéreo para gozar o espetáculo do cair da noite: primeiro as garças negras voando em círculos anunciando o pôr-do-sol. Depois os relâmpagos afastando as trevas em descargas longas e trementes, depois a neblina elevando-se como um véu branco. E finalmente as estrelas, suficientemente próximas para lhes tocarmos.

Capítulo 25

Para além das sutis contrainformações fornecidas pelo governo ou pela maioria parlamentar; para além das repetidas arengas da televisão ou das suas esmagadoras imagens; para além das mentes preguiçosas de jornalistas cujo dever de informar não ultrapassa o próximo prazo ou o próximo almoço de borla, uma série de eventos foi acrescentado à história menor da humanidade.

A promoção formal *en poste* — contrariamente à prática estabelecida — do Sr. Alexander Woodrow ao cargo de Alto Comissário Britânico em Nairobi, gerou ondas de satisfação entre a comunidade branca de Nairobi e foi bem acolhida pela imprensa africana local. “Um passo decidido para a compreensão” era a manchete da página três do Standard de Nairobi, enquanto Gloria era considerada como “um sopro de ar fresco que iria varrer as últimas teias de aranha do colonialismo britânico”.

Muito pouco foi dito mas muito foi sugado pela súbita desapareção de Porter Coleridge nas catacumbas governamentais. O predecessor de Woodrow teria estado “fora do contato com o Quênia moderno”. Tinha hostilizado ministros muito diligentes com os seus sermões contra a corrupção. Havia mesmo a sugestão, inteligentemente abafada, de que ele teria eventualmente sucumbido ao vício que ele tanto condenava em público.

Boatos de que Coleridge tinha sido trazido perante uma “comissão disciplinar ministerial” e convidado a “explicar algumas questões embaraçosas que tinham surgido durante o seu consulado” foram considerados como especulação gratuita mas não desmentidas pelo porta-voz da Alta Comissão que os tinha posto a correr. “Porter é um homem muito culto e de rígidos princípios. Seria injusto negar as suas muitas virtudes”, foi a informação dada por Mildren aos jornalistas de confiança numa declaração off-the-record; e eles souberam ler nas entrelinhas.

“O Czar do Foreign Office na África, Sir Bernard Pellegrin”, foi comunicado a um público pouco interessado, preferiu uma reforma antecipada a fim de ocupar um posto de primeira linha na administração da Karel Vira Hudson, de Basileia, Seattle, Vancouver e agora Londres, onde os reconhecidos dotes de Pellegrin “para trabalhar num conjunto de empresas” poderiam ser de grande auxílio. A um banquete de despedida em honra de Sir Bernard compareceu uma luzida assembleia de Altos Comissários Africanos na Corte de Sr. James e suas esposas. Um discurso muito espirituoso do delegado da África do Sul fez notar que Sir Bernard e sua Lady não terão ganho o Torneio de Wimbledon mas ganharam sem dúvida o coração de muitos africanos.

A espetacular ressurreição das próprias cinzas por parte desse “moderno Houdini da City”, Sir Kenneth Curtiss, foi saudada tanto por amigos como por inimigos. Só que a ascensão de Kenny era pura ilusão e a reestruturação da Casa das Três Abelhas não era mais do que uma manobra dilatória para atrasar a queda. Estas sinistras previsões não impediram a entrada do financeiro na Câmara dos Lordes onde lhe foi atribuído o título de Lord Curtiss de Nairobi e Spennymoor, sendo esta última a terra humilde onde o financeiro nascera. Até os seus muito críticos de Fleet Street concordaram em que o velho diabo merecia o manto de arminho.

A seção “Diário dos londrinos” do Evening Standard fez comentários cáusticos sobre a reforma, tão longamente esperada, do incorruptível Superintendente Frank Gridley, da Scotland Yard, grande perseguidor de criminosos que afetuosamente chamavam “Old Gridiron”*. Na realidade, a reforma era a última coisa que ele desejava. Uma das maiores empresas de serviços de segurança da Inglaterra estava pronta a recebê-lo assim que ele terminasse umas férias em Maiorca, há muito prometidas à sua mulher.

A saída de Rob e Lesley da Polícia, em contrapartida, não recebeu nenhuma publicidade, embora os observadores internos notassem que um dos últimos atos de Gridley foi fazer pressão para o afastamento daquilo a que chamou “uma nova geração de

carreiristas sem currículo” que estavam a dar má reputação à Força Pública.

Ghita Pearson, outra presumível carreirista, não foi bem sucedida no seu concurso para funcionária britânica no estrangeiro. Embora os resultados das suas provas fossem entre “bom” e “excelente”, houve relatórios confidenciais da Alta Comissão em Nairobi que causaram inquietação. Decidindo que ela era “facilmente dominada pelos seus sentimentos pessoais”, o Departamento do Pessoal do Foreign Office aconselhou-a a esperar mais uns anos e a recandidatar-se. Foi então sublinhado que o fator racial não fora de forma alguma considerado.

Também não subsistia qualquer dúvida sobre o infeliz falecimento de Justin Quayle. Perturbado pelo desgosto e pelo desespero, tinha posto termo à vida no mesmo local onde sua mulher Tessa fora assassinada poucas semanas antes. A rápida perda do seu equilíbrio mental era um segredo aberto, bem conhecido por todos os que com ele se preocupavam. Os seus superiores em Londres tinham feito praticamente tudo para o salvarem de si mesmo, menos encarcerarem-no. A notícia de que o seu bom amigo Arnold Bluhm era o assassino de sua mulher fora o golpe fatal. Os vestígios de agressões sistemáticas no baixo ventre tinham levado o pequeno grupo dos verdadeiros bons conhecedores do caso a concluir que, nos dias que precederam a sua morte, Justin se tinha infligido uma dura autoflagelação. A maneira como ele obtivera a arma fatal — uma pistola de calibre 38 de cano curto em ótimo estado e com cinco balas especiais ainda no carregador — era um mistério que nunca seria resolvido. Um homem rico e desesperado, decidido a proceder à sua própria destruição encontra sem dificuldade a solução infalível. A sua morada final, no cemitério de Langata, tinha-o reunido à mulher e ao filho.

O governo inglês, com os seus ministros transitórios que parecem dedicar-se a uma dança de cadeiras, tinha, mais uma vez, cumprido o seu dever: exceto, é verdade, num ponto menor mas irritante. Ao que parece, Justin tinha reunido nas últimas semanas

de vida um “livro mágico” destinado a provar que Tessa e Bluhm tinham sido assassinados por saberem demais acerca da nefasta atividade de uma das mais prestigiosas multinacionais farmacêuticas, a qual conseguira até agora manter o anonimato. Um advogado de origem italiana — um conhecido da mulher assassinada, que certamente o teria desaprovado — tinha surgido bruscamente e, fazendo uso arbitrário do dinheiro da sua cliente, contratou os serviços de um agitador que se ocultava sob a máscara de Agente de Relações Públicas. O mesmo advogado duvidoso tinha-se aliado a uma firma de advogados da City, sempre ocupados e famosos pela sua combatividade. A firma Oakley, Oakley & Farmeloc, representando a desconhecida multinacional, contestou o uso de fundos da cliente para pagar as atividades do advogado mas sem sucesso. A firma teve de contentar-se com ameaçar legalmente todo e qualquer jornal que se atrevesse a divulgar a história do “livro negro”.

Mas alguns fizeram-no e os rumores alargaram-se. A Scotland Yard, convidada a examinar o material, declarou publicamente que o “livro” não tinha fundamento, era “lamentável” e recusou-se a pedir a intervenção da Acusação Pública. Mas os advogados do casal, longe de desistirem, recorreram ao Parlamento. Um deputado escocês, também advogado, foi subornado e levantou uma questão parlamentar, solicitando ao Ministro dos Estrangeiros esclarecimentos sobre o estado da saúde pública na África. O Ministro enfrentou a questão com a sua desenvoltura habitual, mas foi confrontado com uma questão complementar que pretendia atingi-lo na veia jugular:

P: O Ministro recebeu no último ano algum relatório da parte da Sra. Tessa Quayle, tragicamente assassinada?

R: Não tenho notícia de tal fato.

P: Estou a ouvir um “não”?

R: Não tenho conhecimento de qualquer relatório apresentado durante a vida dessa senhora.

P: Terá ela escrito postumamente? (Risos)

Nas discussões verbais e escritas que se seguiram, o Ministro começou por negar qualquer conhecimento desses relatórios e acabou por declarar que quaisquer documentos referentes ao caso estariam em segredo de justiça, uma vez haver ações legais pendentes. Depois de “pesquisas posteriores e muito extensas”, acabou por admitir que tinha “descoberto” esses documentos, mas concluía que eles tinham recebido toda a atenção que mereciam, então como agora, “tendo em conta o perturbado estado mental de quem o escreveu”. Acrescentou, imprudentemente, que os documentos tinham sido considerados confidenciais.

P: Será que o Ministério dos Negócios Estrangeiros costuma considerar confidenciais os documentos escritos por pessoas mentalmente perturbadas? (Risos)

R: Sim, nos casos em que tais documentos possam ser embaraçosos para pessoas inocentes.

P: Ou para o Ministério talvez?

R: Estou a pensar em sofrimentos desnecessários que poderiam ser infligidos os parentes próximos dos falecidos.

P: Pode então estar descansado. A Sra. Quayle não tinha quaisquer parentes próximos.

R: Não são apenas esses os interesses que o Ministério deve proteger.

P: Muito obrigado. Acho que acabo de ouvir a resposta que já esperava.

No dia seguinte foi apresentado ao Ministério dos Negócios Estrangeiros o pedido formal para apresentação dos “documentos Quayle” reforçado por um requerimento ao Supremo Tribunal. Simultaneamente, e não, por coincidência, foi organizada em Bruxelas uma iniciativa paralela por parte dos advogados dos amigos e da família do falecido Dr. Arnold Bluhm. Durante a audiência preliminar, uma multidão multirracial de provocadores, deliberadamente vestidos de branco, desfilou em frente do Palácio de Justiça de Bruxelas e perante as câmaras de televisão,

empunhando cartazes que diziam “Nous Acusons”. Este acontecimento negativo foi rapidamente superado.

Uma chuva de petições apresentadas por advogados belgas garantiu que o caso não fosse resolvido nos próximos anos. No entanto, passou a ser do conhecimento geral que a multinacional visada era nada menos que a Karel Vita Hudson.

— Lá à frente é a cordilheira de Lokomonnyang. — Informa o Comandante McKenzie pelo intercomunicador. Justin espreita. — Ouro e petróleo. O Quênia e o Sudão estão em luta por ela há uns cem anos. Os velhos mapas dão-na ao Sudão, os novos ao Quênia. Acho que alguém deu dinheiro aos cartógrafos.

O Comandante McKenzie é um daqueles homens cheios de tato que sabe exatamente quando podem ser irrelevantes. O avião que escolheu desta vez é um bimotor Beech Baron. Justin está sentado ao seu lado, no lugar do co-piloto ouvindo, sem prestar atenção ora o Comandante McKenzie ora a algazarra dos outros pilotos das vizinhanças. — Como é que vamos hoje, Mac? Estamos acima ou abaixo do nível das nuvens? — Onde diabo estás tu, homem?

— Uma milha para a tua direita e mil pés abaixo. O que é que aconteceu ao teu golpe de vista? Estão a voar sobre grandes rochas chatas que vão escurecendo em azul. As nuvens são espessas, acima deles. Manchas vermelho vivo aparecem nos lugares onde o sol rompe as nuvens e bate nas rochas. As colinas à frente deles parecem ralas e abandonadas. Aparece uma estrada, como uma veia no meio dos músculos de rocha.

— Do Cabo ao Cairo, — diz McKenzie, lacônico. — Nunca a experimente.

— Não senhor, — promete Justin, obediente.

McKenzie inclina o avião e começa a descer, aproximando-se da estrada. Ela aparece como uma estrada de vale, serpenteando ao longo de escarpas e colinas.

— Aquela estrada para a direita é a estrada que Tessa e Arnold seguiram, de Loki para Lodwar. É ótima se não se importa com bandidos. Completamente desperto, Justin olha com intensidade a

neblina pálida lá à frente e vê Arnold e Tessa no seu jipe com os rostos cheios de pó e a caixa dos discos entre eles no banco de trás. Um rio juntou-se à estrada do Cairo. Chama-se Tagua, diz McKenzie, e a sua nascente é nas montanhas Tagua, a três mil metros de altitude. Justin, polidamente, registra essa informação. O sol aparece, as colinas tornam-se azul-escuras, separadas e ameaçadoras, Tessa e Arnold desaparecem. A paisagem fica outra vez sem alma, nenhum homem ou animal no horizonte.

— As tribos sudanesas descem a cordilheira de Mogila, — diz McKenzie. — Lá na selva andam nus. Descendo para o sul, ficam com vergonha, põem uns pouquinhos de pano. E, caramba, como eles correm!

Justin faz um sorriso polido enquanto montanhas castanhas e escavadas se elevam todas tortas e meio-enterradas na terra cor de caqui. Para lá delas, vê-se o halo azul dum lago.

— Aquele é o lago Turkana?

— Não nade lá. A menos que seja campeão. Água doce. Grandes ametistas. Crocodilos simpáticos.

Rebanhos de cabras e ovelhas aparecem lá em baixo, depois uma aldeia e um complexo.

— Tribos do Turkana, — diz McKenzie. — Grandes tiroteios o ano passado, roubos de gado, Melhor não se aproximar deles.

— Assim farei, — promete Justin.

McKenzie olha fixamente para ele, um olhar longo e interrogativo. — Não são as únicas pessoas que deve evitar, ao que me dizem.

— Pois não, — concorda Justin.

— Estamos a poucas horas de Nairobi. Justin abana a cabeça.

— Quer que eu faça um desvio e o leve, por cima da fronteira, até Kampala? Temos combustível.

— É muito amável.

Reaparece a estrada, arenosa e deserta. O avião reage violentamente, fugindo para a esquerda e para a direita como um cavalo bravo, como se a natureza o mandasse voltar para trás.

— Os piores ventos num raio de muitos quilômetros, — diz McKenzie, — a região é famosa por eles.

A cidade de Lodwar fica-lhes por baixo, apertada entre colinas pretas e cônicas, não mais altas que uns quinhentos metros. Parece limpa e ativa, com telhados de zinco, uma pista de aviação e uma escola.

— Não há indústria, — diz McKenzie. — É um grande mercado para vacas, burros e camelos se estiver interessado em comprar.

— Não estou, — sorri Justin.

— Um hospital, uma escola, muitos soldados. Lodwar é o centro de segurança da região. Os soldados passam a maior parte do tempo a caçar bandidos nas colinas Apoi, sem grandes resultados. Bandidos do Sudão, bandidos do Uganda, bandidos da Somália. Um belo lugar de reunião para bandidos. Roubo de gado é o desporto local, — recita McKenzie retomando o papel de guia turístico.

— Os Mandango roubam gado, dançam durante duas semanas até que outra tribo lho roube a eles.

— Que distância vai de Lodwar até o lago?

— Cinquenta quilômetros, mais ou menos. Pergunte por um barqueiro chamado Mickie. Tem um filho chamado Abraão. O rapaz é porreiro quando está com Mickie, um horror quando está sozinho.

— Obrigado.

Acaba a conversa. McKenzie sobrevoa a pista e oscila as asas para manifestar a sua intenção de aterrar. Sobe de novo e volta. De repente já estão no solo. Não há nada a dizer senão, mais uma vez, obrigado.

— Se precisar de mim, procure alguém que me possa contatar pelo rádio, — diz McKenzie quando ambos já estão de pé na pista.

— Se não me encontrar, há um tipo chamado Martin que dirige a Escola de Voo de Nairobi. Voa há trinta anos. Treinado em Perth e em Oxford. Diga que vai da minha parte.

— Obrigado, — diz Justin outra vez e, na sua ansiedade de ser cortês, escreve tudo no seu bloco.

— Quer que eu lhe empreste o meu saco de voo? — diz McKenzie fazendo um gesto com uma bolsa preta que tem na mão direita. — Pistola de tiro ao alvo de cano comprido, se estiver interessado. A quarenta metros tem umas chances.

— Eu, nem a dez metros acerto, — exclama Justin com uma espécie de riso de autodepreciação que data dos seus tempos de antes de Tessa.

— E este é o juiz, — diz McKenzie, apresentando um filósofo grisalho numa velha t-shirt cinzenta e sandálias verdes, aparecido não se sabe como. — O juiz é o seu motorista. Justin, apresento-lhe o juiz. Juiz, apresento-lhe Justin.

O juiz tem um senhor chamado Ezra que faz equipa com ele. Posso fazer mais alguma coisa por si?

Justin tira um grosso envelope do bolso do blusão. — Gostaria que metesse isto no correio quando estivesse perto de Nairobi. Correio normal será ótimo. Não é para a minha namorada. É para a tia do meu advogado.

— Esta noite está bem?

— Está ótimo.

— Então tenha cuidado, — diz McKenzie, metendo o envelope no seu saco. -Tenho, com certeza, — diz Justin e, desta vez consegue não dizer a McKenzie que foi muito amável.

O lago era branco, cinzento e prateado e o sol a pique fazia listas pretas e brancas no barco de pesca de Mickie, preta na sombra do toldo, branca e impiedosa onde o sol batia livremente nas pranchas de madeira, branca à flor da água doce que borbulhava por vezes quando os peixes se aproximavam, branca nas montanhas enevoadas e cinzentas que arqueavam o dorso sob o calor do sol, branca onde batia nos rostos negros de Mickie e do seu jovem companheiro, o jovem Abraão, um rapaz retorcido e secretamente zangado (McKenzie tinha toda a razão) e que, por uma misteriosa razão, falava alemão e não inglês, o que fazia com que a conversa tivesse três lados: alemão com Abraão, inglês com o velho Mickie e uma versão pessoal de ki-swahili entre eles. Branca

ainda sempre que Justin via Tessa, o que acontecia muitas vezes, encavalitada como um rapaz na proa do barco onde teimava em sentar-se apesar dos crocodilos, com uma mão a agarrar o barco, como o pai lhe ensinara e com Justin mesmo ao pé, para o caso de escorregar. Na rádio de bordo, um programa de cozinha em inglês louvava as virtudes do tomate seco ao sol.

Ao princípio Justin tivera dificuldade em explicar o seu destino, em qualquer das línguas. Parecia nunca terem ouvido falar em Allia Bay, que não lhes dizia nada. O velho Mickie queria levá-lo para sudoeste, para o Oasis de Wolfgang onde ele vivia e o venenoso Abraão tinha calorosamente apoiado essa ideia: o Oasis era onde estava o Wazungu, o primeiro hotel da região, famoso pelas suas vedetas de cinema e rock e pelos seus milionários; era sem dúvida o Oasis o destino de Justin, quer ele o soubesse ou não. Foi só quando Justin tirou da carteira uma pequena foto de Tessa, uma foto tipo passe que nunca fora divulgada pelos jornais, que o objetivo da missão de Justin se lhes tornou claro e eles ficaram calados e um pouco inquietos. Então Justin queria visitar o lugar onde Noah e a mulher Mzungu foram assassinados? — perguntou Abraão.

— Sim, por favor.

Justin sabia — perguntou Abraão — que muitos policiais e jornalistas tinham visitado o local, que tudo o que havia para encontrar já fora encontrado e ainda que a polícia de Lodwar e a brigada móvel de Nairobi tinham decretado, conjuntamente, que o local era proibido aos turistas, visitantes, caçadores de troféus e todos os que não tivessem razões oficiais para lá ir? insistiu Abraão.

Justin não sabia, mas continuava com a mesma intenção e estava pronto a pagar generosamente para a realizar.

— Sabia que o lugar estava amaldiçoado, e isso já antes dos assassinatos? — continuou Abraão mas já muito menos convictamente, uma vez que o aspecto financeiro estava resolvido.

Justin afirmou que não tinha medo de fantasmas.

Ao princípio, por deferência para com o carácter sombrio da tarefa, o velho e o seu assistente tinham adotado uma pose

melancólica e foi precisa toda a boa disposição de Tessa para os tirar desse estado de espírito. Como de costume, com a ajuda de alguns comentários espirituosos vindos da proa, acabou por ser bem sucedida. A presença de outros barcos de pesca foi também uma ajuda. Ela gritou-lhes “o que é que apanharam?” e eles responderam “Tantos peixes vermelhos, tantos azuis, tantos de várias cores”. E o seu entusiasmo era tão contagioso que Justin não tardou em convencer Mickie e Abraão que lançassem também uma linha, o que teve o mérito de desviar as suas atenções para caminhos mais produtivos.

— Sente-se bem, Sir? — perguntou Old Mickie, muito próximo, olhando-o nos olhos como um médico.

— Estou ótimo. Ótimo.

— Penso que está com febre, Sir. Porque é que não vai descansar para o toldo e trago-lhe uma bebida fresca.

— Ótimo. Vamos os dois, então.

— Muito obrigado, Sir. Mas tenho que me ocupar do barco.

Justin senta-se sob o toldo, servindo-se do gelo do seu copo para refrescar o pescoço e a testa enquanto se deixa levar pelo movimento do barco. Tem que admitir que são uns estranhos convidados os que trouxeram, mas Tessa é absolutamente louca no que toca a alargar o número de convidados, não há nada a fazer senão boa cara e contar com o dobro dos que se tinha pensado primeiro. Ainda bem que veio, Porter, e você também, Veronica, e o seu bebê, a Rosie, é sempre um prazer, não, essa agora, não tenho objeções. E Tessa consegue obter sempre de Rosie um pouco mais do que qualquer outra pessoa. Mas Bernard e Celly Pellegrin foi um completo disparate, querida, e como é absolutamente típico do Bernard ter trazido três raquetes de tênis em vez de uma. Quanto aos Woodrow, a sério que já é altura de que tu ultrapasses essa louvável mas mal aplicada convicção de que mesmo os menos promissores de todos nós têm corações de ouro e que lhes vais provar isso mesmo. E por amor de deus deixa de me dar beijinhos

como se estivesse pronta a ir para a cama comigo. Sandy está a ficar maluco só de olhar para a abertura da tua blusa.

— O que é? — pergunta Justin, com aspereza.

Ao princípio, pensou que era Mustafá. Mas pouco a pouco percebeu que Old Mickie o tinha agarrado pelo ombro da camisa e estava a sacudi-lo para o acordar.

— Chegamos, Sir. Chegamos à margem oriental. Estamos perto do lugar da tragédia.

— A que distância?

— A pé, dez minutos. Nós vamos acompanhá-lo, sir.

— Não é necessário.

— É absolutamente necessário, sir.

— O que sentes? — pergunta Abraão, por cima do ombro de Mickie.

— Nada. Estou ótimo. Têm sido ambos muito amáveis.

— Beba mais água, sir, — disse Mickie, estendendo-lhe um novo copo. Formaram uma coluna, trepando pelos socalcos de lava, ali, no berço da civilização. — Nunca pensei que havia gente civilizada neste lugar, — diz ele a Tessa, fazendo o seu número de pateta inglês e Tessa ri-se para ele, o riso silencioso que é o dela enquanto sorri deliciada e estremece e faz tudo o que deve fazer mas sem qualquer som. Gloria abre a marcha, enfim, é natural. Com aquela forma de andar própria da realeza e com aqueles cotovelos, marchar é com ela. Pellegrin vai dizendo maldades, o que também é normal. A mulher, Cecily, dizendo que não suporta o calor, qual é a novidade? Rosie Coleridge, às cavalitas do pai, está a cantar uma canção em honra de Tessa — como diabo é que toda aquela gente coube no barco?

Mickie parou, com uma mão levemente pousada no braço de Justin. Abraão está parado junto a ele.

— Este é o lugar onde sua mulher faleceu, sir, — diz Mickie suavemente. Mas não tinha que se preocupar com isso, porque Justin já o sabia, embora não perceba como Mickie deduziu que era o marido de Tessa, mas talvez Justin lhe tenha dado essa

informação falando alto enquanto dormia. Justin já tinha visto o local em fotografias, tinha-o imaginado na sombria prisão da cave de Gloria, tinha-o visitado nos seus pesadelos. Aqui passava o que parecia ser o leito de um rio seco. Mais além o triste monte de pedras erigido por Ghita e os seus amigos. À volta, e em todas as direções, infelizmente, o lixo que nos nossos dias é inseparável de qualquer acontecimento largamente publicitado: embalagens de cassetes, maços de cigarros, garrafas de plástico e pratos de papel. Mais acima, uns trinta metros ao longo da encosta de rocha branca, passava a estrada poeirenta onde a grande picape de safari tinha abalroado o jipe de Tessa e imobilizado a tiro o volante, fazendo o jipe despencar por esta mesma encosta, com os assassinos de Tessa em sua perseguição. Com as suas catanas e pistolas e outras coisas que levassem. E ali, Mickie apontava-os silenciosamente com o seu dedo encurvado, estavam os riscos azuis da tinta do jipe do Oásis deixados na rocha quando o carro resvalou por ali abaixo. E essa rocha, ao contrário da rocha negra e vulcânica que a rodeava, era tão branca como a pedra de um túmulo. Talvez aquelas manchas castanhas fossem realmente de sangue, como Mickie sugeria. Mas quando as examinou, Justin chegou à conclusão de que também podiam ser líquens. Além disso, pouco havia que pudesse interessar o jardineiro e botânico, para além do capim amarelado e uma fila de jovens palmeiras que, como habitualmente, pareciam plantadas pela municipalidade. Uns tantos arbustos de eufórbia, levando, naturalmente, uma vida precária entre as lages de basalto. E uma commiphora de um branco espectral (alguma vez aquelas árvores teriam folhas?) com os seus ramos esqueléticos estendidos para lados opostos, como as asas de uma traça. Escolheu um penedo de basalto e sentou-se. Tinha a cabeça um pouco vaga, mas lúcida. Mickie estendeu-lhe um cantil e Justin bebeu um gole, tornou a atarraxar a tampa e pousou-o aos seus pés.

— Gostava de ficar sozinho por uns momentos, Mickie, — disse ele. — Por que você e Abraão não vão pescar e eu depois chamo

da margem, quando quiser ir embora?

— Preferimos esperar no barco, sir.

— Por que não pescar?

— Gostaríamos é de ficar aqui com o senhor. O senhor está com febre.

— Já está passando. Só mais umas horas, — Olhou para o relógio. Eram quatro da tarde. — Quando é o pôr do sol?

— Às sete, sir.

— Ótimo. Podem vir me buscar a essa hora. Se eu precisar de alguma coisa, chamo. — E com mais firmeza: — Quero ficar sozinho, Mickie. Foi para isso que vim aqui.

— Muito bem, sir.

Justin não os ouviu se afastando. Durante algum tempo não ouviu ruído algum, a não ser o das ondas do lago e o motor longínquo de um barco de pesca. Ouviu o uivo dum chacal e a tagarelice de uma família de abutres que tinham ocupado uma palmeira para os lados do lago. E ouviu Tessa dizer-lhe que se tivesse de fazer tudo outra vez, era ali que queria morrer, na África, em luta contra uma grande injustiça. Bebeu mais água, levantou-se, espreguiçou-se e foi até os riscos de tinta porque era aí que ele tinha a certeza de estar mais próximo dela. Não era difícil. Se ele pusesse as mãos nos riscos estaria a uns vinte centímetros dela, descontando a espessura da porta do carro. Ou talvez o dobro, se imaginássemos Arnold junto à porta. Chegou até a rir-se com ela, porque tivera sempre a maior dificuldade em convencê-la a por o cinto de segurança. Nas esburacadas estradas africanas, tinha ela argumentado com a sua habitual teimosia, era melhor estar livre: assim podia ao menos ir mudando ligeiramente de lugar, em vez de ser atirada como um saco de batatas para dentro de todas aquelas malditas crateras. E a partir dos riscos de tinta, ele fez todo o caminho até o fim da ravina e, de mãos nas algibeiras no leito do rio seco, olhar para trás, para o lugar onde o jipe tinha parado e imaginar o pobre Arnold a ser de lá retirado sem sentidos para ser conduzido ao lugar da sua terrível e prolongada execução.

Depois, como homem metódico, voltou para o degrau que tinha escolhido, sentou-se de novo e dedicou-se ao estudo de uma florzinha azul parecida com a flor que tinha plantado no jardim da frente da casa de Nairobi. Mas o problema é que ele não tinha a certeza se a flor estava mesmo ali onde ele estava a vê-la ou se não a teria transplantado em espírito do jardim de Nairobi, ou, já agora, dos prados que rodeavam o seu hotel em Engadine. O seu interesse pela flora estava agora muito por baixo. Já não cultivava a imagem de um tipo simpático, incapaz de qualquer interesse apaixonado a não ser por ásteres, frésias e gardênias. E estava ainda a refletir sobre esta mudança da sua natureza quando ouviu o som de um motor vindo da direção do lago, primeiro a pequena explosão do arranque, depois o tap-tap da sua marcha firme que se ia apagando na distância. Pensou que Mickie afinal sempre tinha decidido ir pescar; para um verdadeiro pescador, a pesca ao fim da tarde é uma tentação irresistível. E depois lembrou-se das suas tentativas de convencer Tessa a ir pescar com ele, tentativas que, invariavelmente, acabavam sem pesca nenhuma mas com uma tarde de amor indecoroso que era talvez a razão por que ele se empenhava tanto em convencê-la a ir pescar. E estava ainda bem-humoradamente a recordar as dificuldades logísticas de fazer amor no fundo dum barco pequeno, quando lhe veio uma ideia diferente sobre a suposta ida à pesca de Mickie, nomeadamente a de que não se tratava nada disso.

Mickie não brincava em serviço, nem mudara de ideias, nem era dado a caprichos.

Isso não era nada do Mickie.

O que se passava com Mickie, e isso via-se logo que lhe púnhamos os olhos em cima (e Tessa dissera o mesmo) é que ele era um fiel servidor nato, e era essa a razão pela qual tinha sido possível confundir-lo com Mustafá. Então Mickie não tinha ido pescar.

Mas fora-se embora. Se tinha ou não levado com ele o venenoso Abraão era irrelevante. Mas Mickie fora-se e o barco também. De

regresso ao outro lado do lago, por isso o som do motor se tinha afastado até desaparecer.

Por que razão se teria ido embora? Quem lhe dissera que o fizesse? Quem lhe pagara? Ameaçara, se não obedecesse? Que recado teria Mickie recebido na rádio de bordo ou pessoalmente, por meio de outro barco ou por outra pessoa na praia e o convencera, contra as linhas naturais do seu rosto bondoso, a abandonar um trabalho que ainda não estava terminado? Teria Markus Lorbeer, Judas compulsivo, recebido novas garantias dos seus patrões na indústria? Estava ainda a refletir sobre esta possibilidade, quando ouviu o ruído de outro motor, desta vez do lado da estrada. O crepúsculo, estava a cair rapidamente, a luz já a esmorecer, pelo que seria de esperar que um carro de passagem tivesse acendido os mínimos, pelo menos. A razão pela qual este carro (ou lá o que era) não o fizera era um mistério para Justin.

Um dos pensamentos que lhe ocorreram, provavelmente porque o carro se deslocava a passo de caracol, era que Ham, guiando à sua habitual velocidade de dez quilômetros abaixo do limite legal, tinha vindo anunciar-lhe que as cartas de Justin para a sua ferocíssima tia tinham sido bem recebidas e que a grande injustiça de Tessa seria em breve corrigida, dentro das linhas da sua firme convicção de que o Sistema deve ser obrigado, por dentro, a corrigir os seus erros. Depois pensou: não é nada um carro, ouvi mal. É uma avioneta.

Depois o som cessou, o que quase convenceu Justin de que tudo fora uma ilusão e que estava mas é a ouvir o jipe de Tessa e que, de um momento para o outro, ele ia aparecer lá em cima na estrada e ela ia saltar do carro com as suas botas Mephisto e descer a encosta para me felicitar e retomar o trabalho onde o deixara. Mas não era o jipe de Tessa, não era nenhum carro que ele conhecesse. O que ele estava agora a ver era a forma ambígua de um jipe todo o terreno — não, uma picape de safari-azul-escura ou verde-escura (com a luz a esvair-se tão depressa era difícil dizer), que parou exatamente no ponto onde ele tinha estado a observar

Tessa. E embora estivesse à espera de qualquer coisa do gênero desde que voltara a Nairobi — e mesmo, de certa maneira, desejando que isso acontecesse, o que tornava supérfluo o aviso que Donohue lhe fizera — Justin saudou aquela chegada com um extraordinário sentido de euforia, para não dizer jubilação. Encontrara os traidores de Tessa, é verdade — Pellegrin, Woodrow, Lorbeer. Reescrevera o relatório dela, escandalosamente ignorado, numa forma mais desligada, mas isso era inevitável. E agora, ao que parecia, estava prestes a partilhar com ela o derradeiro segredo.

Uma segunda picape tinha encostado à primeira. Ouviu uns passos leves e vislumbrou os vultos de homens atléticos em trajos volumosos, movendo-se rapidamente e agrupando-se à beira da estrada. Ouviu um homem ou uma mulher dar um assobio e receber um assobio em resposta, vindo das suas costas. Imaginou, e talvez fosse verdade, sentir o cheiro do fumo dum cigarro Sportsman. A escuridão fez-se subitamente mais profunda, e surgiram luzes à sua volta: a mais brilhante apanhou-o no seu foco e aí o manteve.

Ouviu então o som de pés a escorregarem pela rocha abaixo.

Nota do Autor

Deixem que eu me apresse a defender a Alta Comissão Britânica em Nairobi. Não é como eu descrevi, porque nunca entrei lá. As pessoas que lá trabalham não são como retratei, porque nunca as conheci nem falei com nenhuma delas. Conheci o Alto Comissário há alguns anos, tomamos juntos um ginger beer na varanda do Hotel Norfolk — e mais nada. Não tem a menor semelhança, nem física nem psicológica, com o meu Porter Coleridge. Quanto ao pobre Sandy Woodrow — bom, se houvesse um Chefe de Chancelaria na Alta Comissão Britânica de Nairobi, como eu inventei, podem estar certos de que seria um homem, ou uma mulher, diligente e digno que nunca cobiçou esposa de um colega ou destruiu documentos embaraçosos. Mas não há. Os chefes de Chancelaria em Nairobi, como em tantas outras missões britânicas, foram derrubados pelo machado dos tempos.

Nestes dias desgraçados em que os advogados é que governam o universo, tenho de insistir nestes atos de repúdio, que se baseiam, de resto, na pura verdade. Com uma única exceção, nesta história ninguém nem nenhuma organização ou companhia, graças a Deus, se baseia numa pessoa ou organização reais, quer estejamos a pensar em Woodrow, em Pellegrin, Landsbury, Crick, Curtiss e a sua temível Casa das Três Abelhas, quer nos Srs. Karel Vira Hudson, também chamados KVH. A exceção é o grande e esplêndido Wolfgang do Pavilhão Oasis, cuja personalidade fica a tal ponto impressa na memória de quem o visita que seria ridículo tentar criar um equivalente fictício. No estado soberano que domina, não levantou nenhuma objeção a que eu utilizasse o seu nome e a sua maneira de falar.

Não existe o Dypraxa, nunca existiu nem há de existir. Não conheço nenhuma cura milagrosa para a tuberculose que tenha sido lançada no mercado africano ou noutra qualquer — ou esteja para ser. Assim, com um bocado de sorte, não passarei o resto da vida

nos tribunais, ou em lugares piores, embora hoje em dia não se possa ter a certeza de nada. Mas posso dizer uma coisa.

Trataram com elegância os meus ataques à sua profissão, tal como o hospitaleiro Peter, que prefere ficar modestamente na sombra.

Recebi ajuda de várias personalidades das Nações Unidas. Nenhuma delas suspeitava o que eu andava a fazer; em todo o caso, penso que será mais diplomático não revelar os seus nomes.

Foi com desgosto que tomei a decisão de não nomear pessoas no Quênia que me deram uma assistência generosa. No momento em que escrevo, chegam-me notícias da morte de John Kaiser, um padre americano do Minnesota que trabalhou no Quênia durante os últimos trinta e seis anos. O corpo foi encontrado em Naivasha, setenta e cinco quilômetros a noroeste de Nairobi, com um tiro na cabeça. Perto dali foi encontrada uma caçadeira. O Sr. Kaiser era há muito tempo um crítico sem papas na língua da política do Governo queniano acerca dos direitos humanos, ou da falta dela. Acidentes destes podem acontecer de novo.

Para descrever as atribulações de Lara no capítulo décimo oitavo, servi-me de vários casos passados sobretudo na América do Norte, onde investigadores médicos altamente qualificados ousaram discordar dos seus padrões farmacêuticos e vieram a sofrer calúnias e perseguições. A questão não está em saber se as suas conclusões inoportunas eram corretas. Está no evidente conflito entre a consciência individual e a ganância corporativa. Está no direito elementar dos médicos a expressão de opiniões médicas independentes e é seu dever informar os doentes dos riscos que, na sua opinião, incorrem devido aos tratamentos receitados.

E por fim, se alguma vez tiverem a oportunidade de passar pela ilha de Elba, por favor não deixem de visitar a bela propriedade que eu atribuí a Tessa e aos seus antepassados italianos. Chama-se La Chiusa di Magazzini e é propriedade da família Foresi. Os Foresi produzem vinho branco, tinto e rosé e licores das suas próprias vinhas e um azeite imaculado do seu próprio olival. Têm algumas

casas de veraneio que se podem alugar. Existe até um lugar onde aqueles que procuram resposta para os grandes mistérios da vida podem encontrar um isolamento temporário.

JOHN LE CARRÉ

Dezembro, 2000